

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE - SP
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Rua Roberto Simonsen, 305 - CEP 19060-900 - Caixa Postal 957 -
Telefone: 0XX – 018.2295375 – 2295352**

O LUGAR MARAMBAIA

DÁRIO DE ARAÚJO LIMA

ORIENTADOR

DOUTOR ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA

TESE DE DOUTORAMENTO - 2003

Nós dedicamos esta pergunta para todas as categorias sociais porque compartilham respostas referentes às causas primeiras. Agradecemos ao Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira pela sua exaustiva dedicação e profundo conhecimento teórico, técnico, metodológico e filosófico, desprendido para a elaboração desta pesquisa. Ressaltamos que as ricas contribuições do Dr. Edílson Alves de Carvalho são inerentes a nossa vida acadêmica desde 1985. Agora, posso dizer que sem a cumplicidade, a paciência e o afeto de minha esposa não escrevia esta problemática, e que a disciplina exemplificada pela minha família é primordial para o nosso estudo.

Ficha Catalográfica

LIMA, Dário de Araújo

O Lugar Marambaia. Dário de Araújo Lima. Tese de Doutorado.
Presidente Prudente/SP: Curso de Pós-Graduação em Geografia/FCT-
UNESP, 2003.

1. Geografia. 2. Geografia – Filosofia.
I. Título II. Série.

SUMÁRIO

SINOPSE - 07
SYNOPSIS - 08
RELAÇÃO DE FOTOS - 09
RELAÇÃO DE DESENHOS - 13
RELAÇÃO DE QUADROS - 15
RELAÇÃO DE CARTAS - 17
INTRODUÇÃO - 18
POSTULADOS ACADÊMICOS - 22
PLATÃO - 22
KANT - 39
HEGEL - 62
MARX - 78
QUESTÃO DE PERCEPÇÃO - 123
TÉCNICA DE PESQUISA - 164
CAPÍTULO I
A PRAIEIRA - 190
CAPÍTULO II
O LABIRINTO - 258
CAPÍTULO III
A CASA - 290
CAPÍTULO IV
O ESTALEIRO - 365
CAPÍTULO V
A PESCA - 440
CAPÍTULO VI
AS DOCAS - 514
CAPÍTULO VII
O MÍSTICO - 560
CONSIDERAÇÕES FINAIS - 646
OBRAS CITADAS – 650

SINOPSE

A investigação acadêmica consiste em uma visita ao pensamento de Platão, Kant, Hegel e Marx objetivando buscar a gênese do espiral/trança, e encontrar categorias filosóficas que nos permitam levar para o conceito geográfico lugar uma releitura de seu postulado acadêmico, e não viabilizar que o conceito social/natural continue sendo apresentado ao nível de uma geografia desprovida da influência do Método Heráclítico e, muitas vezes, reprodutora da noção de lugar numa concepção popular e de uso diário. A observação participante permitiu um certo registro etnográfico da comunidade do Lugar Marambaia e do embate capital/trabalho – imaginário/simbólico que é inerente ao conteúdo do conceito geográfico lugar e do modo de vida ímpar, evidenciado na historicidade do tempo lento/cíclico que é imbricado na intersubjetividade/interobjetividade do traço cultural, que encontra-se espreado no labirinto do lobisomem, nas portas sempre abertas, nas tempestades de lansã, nas pescarias nas embarcações que nunca secam, nas entidades infernais/celestiais que anunciam os seres racionais/mitológicos, nos antepassados, nos vivos/mortos e nos hemisférios platônicos através da realização do misticismo/esoterismo comunitário, intrínseco ao processo de transferência de sobretrabalho junto das feitiçarias das velhas pedras do cais, que são resultados e condições para a capitalista reprodução simples da pesca artesanal de caíco, bote e chalupa enquanto saber fazer, e fazer, do capitalismo que não possui uma única forma de extorsão de trabalho, que sendo natureza é natureza orgânica/inorgânica de si mesmo e de todos os outros documentos geográficos idealizados/materializados na praia, no labirinto, na casa, no estaleiro, na pesca e na doca.

SYNOPSIS

L' investigation académique consiste en une visite à la pensée de Platon, Kant, Hegel et Marx en objectivant la recherche de la gènese de la spirale/tresse et trouver des catégories philosophiques qui nous permettent donner au concept géographique lieu une relecture de son postulat académique et pas viabiliser que ce concept social/naturel continue à être présenté au niveau d' une géographie dépourvue de l'influence de la méthode d' Heraclite et, plusieurs fois reproductrice de la notion de lieu dans une conception populaire et usuelle. Donc l'observation participante permet un certain registre ethnographique de la communauté du lieu Marambaia et du choc capital/travail – imaginaire/symbolique inné ou contenu du concept géographique lieu et du mode de vie qui montre l'évidence de historicité du temps lent/cyclique qui est entrelacé dans l'intersubjectivité/interobjectivité du trait culturel qui se trouve éparpillé dans le labyrinthe du "lobisomem", aux portes toujours ouvertes, aux tempêtes de "lansã" aux pêches, aux embarcations qui ne séchent jamais, aux entités infernales/celestes qui annoncent les êtres rationaux/mythologiques, aux ancêtres, aux vivants/morts et dans les hémisphères de Platon à travers la réalisation du mysticisme/ésotérisme communautaire intrinsèque au processus de transfert du travail non payé uni aux sorcelleries des vieilles pierres du quai qui sont résultats et conditions de la reproduction capitaliste simple de la pêche artisanale en "caico", en barque ou en chaland, tandis que savoir faire, et faire du capitalisme qui ne possède qu'une unique forme d'extorsion du travail qui étant nature est nature organique/inorganique de soi-même et de tous les autres documents géographiques idéalisés/materialisés, à la plage, au labyrinthe, à la maison, au chantier, à la pêche et au quai.

RELAÇÃO DE FOTOS

- Foto 1: A Escala - p.18
- Foto 2: O Arroio da Panasqueira -p.192
- Foto 3: A Chegada do Estranho -p.195
- Foto 4: A chegada do Estranho -p.195
- Foto 5: A chegada do Estranho -p.196
- Foto 6: O Esconderijo -p.198
- Foto 7: O Esconderijo -p.199
- Foto 8: A Saída do Estranho -P.202
- Foto 9: A Saída do Estranho -p.203
- Foto 10: A Saída do Estranho -p.203
- Foto 11: As Carroças -p.206
- Foto 12: O Carro-de-Mão -p.206
- Foto13: A Balsa -p.211
- Foto 14: A Ponte -p.212
- Foto 15: O Velho Quinota -p.221
- Foto 16: O Sábio -p.224
- Foto 17: A Enchente -p.231
- Foto 18: A Enchente -p.231
- Foto 19: A Divindade -p.244
- Foto 20: A Influência Portuguesa -p.260
- Foto 21: A Influência Portuguesa -p.260
- Foto 22: O Labirinto -p.263
- Foto 23: O Labirinto -p.264
- Foto 24: O Labirinto -p.264
- Foto 25: Os Exus -p.275
- Foto 26: Santa Bárbara Guerreira -p.288
- Foto 27: A Festa no Céu -p.298
- Foto 28: O Telhado de Marcega -p.309
- Foto 29: A Porta Aberta -p.312
- Foto 30: A Cerca -p.314
- Foto 31: A Cerca -p.314
- Foto 32: A Tramela -p.318
- Foto 33: A Casinha -p.325
- Foto 34: A Frente Azul -p.329
- Foto 35: A Frente Rosa -P.329
- Foto 36: O Gongar de Ogum -p.339
- Foto 37: A Reciprocidade -p.344
- Foto 38: Os Bicuins -351

Foto 39: O Quarto -p.354
Foto 40: O Tempo Lento/Cíclico -p.363
Foto 41: O Estaleiro -p.365
Foto 42: O Estaleiro -p.365
Foto 43: A Imagem de Moises no Estaleiro -p.370
Foto 44: A Fateixa -p.372
Foto 45: A Fateixa -p.373
Foto 46: O Motor -p.374
Foto 47: O Lixamento -p.375
Foto 48: A Eterna Água -p.376
Foto 49: A Eterna Água -p.377
Foto 50: O Caíco Cheio D`Água -p.378
Foto 51: O Caíco Cheio D`Água -p.379
Foto 52: As Taquaras do Labirinto -p.397
Foto 53: O Velho Cartógrafo -p.400
Foto 54: A Espinha Dorsal -p.404
Foto 55: A Espinha Dorsal -p.404
Foto 56: A Espinha Dorsal -p.405
Foto 57: O Pescador Artesanal e o Remo -p.408
Foto 58: O Barraco -p.411
Foto 59: O Barraco -p.412
Foto 60: As Redes em Casa -p.414
Foto 61: O Galpão -p.414
Foto 62: O Interior do Galpão -p.415
Foto 63: Nossa Senhora dos Navegantes no Galpão -p.416
Foto 64: O Cata-Vento -p.417
Foto 65: O Transporte da Embarcação -p.432
Foto 66: A Quilha -p.433
Foto 67: O Sistema de Carretéis -p.433
Foto 68: O Esteio -p.434
Foto 69: O Menino e o Carpinteiro -p.434
Foto 70: A Saída do Lugar -p.438
Foto 71: A Cidade no Horizonte -p.438
Foto 72: O Pescador Artesanal -p.440
Foto 73: O Liquinho -p.463
Foto 74: As Pedra -p.498
Foto 75: As Redes do Labirinto -p.503
Foto 76: O Desenhista do Labirinto -p.504
Foto 77: A Confecção das Redes -p.509
Foto 78: O Pescador Milenar -p.512
Foto 79: Os Contempladores do Cais -p.514
Foto 80: A Carro -de - Mão do Cais -p.517
Foto 81: A Balança das Docas -p.518

- Foto 82: Os Caminhões –p.519
Foto 83: A Negra do Negro Lucas –p.520
Foto 84: O Mercado Público Municipal –p.522
Foto 85: O Mercado das Docas –p.523
Foto 86: A Balança da Salga –p.534
Foto 87: A Salga da Santa –p.536
Foto 88: Nossa Senhora dos Navegantes na Salga –p.541
Foto 89: Ogum na Casa –p.542
Foto 90: Iemanjá na Casa –p.543
Foto 91: O Teto junto ao Céu –p.543
Foto 92: É dando que não se recebe –p.550
Foto 93: A Iniciação ao Saber Imposto –p.561
Foto 94: A Passagem das Meninas –p.564
Foto 95: A Bocha –p.568
Foto 96: A Sinuca do Labirinto –p.568
Foto 97: O Feitiço –p.578
Foto 98: O Feitiço –p.578
Foto 99: A Tijela do Inferno –p.579
Foto 100: A Tijela no Inferno –p.580
Foto 101: As Guias convidando os Infernais –p.582
Foto 102: O Sino badalando no Inferno –p.582
Foto 103: A Pomba Gira –p.583
Foto 104: O Inferno Pertinho do Céu –p.583
Foto 105: A Festa Infernal –p.584
Foto 106: O Exu –p.584
Foto 107: O Altar de Exu –p.585
Foto 108: Oferendas para Exu –p.585
Foto 109: A Mão que domina os Ventos –p.588
Foto 110: O Navio e o Caíco –p.588
Foto 111: Tanto para tão Pouco –p.589
Foto 112: Tanto para tão Pouco –p.589
Foto 113: Os Orixás no Nirvana –p.593
Foto 114: Os Orixás no Nirvana –p.593
Foto 115: O Andor da Virgem Maria –p.596
Foto 116: O Andor de Ogum –p.597
Foto 117: O Andor da Santa Cruz –p.597
Foto 118: A Primeira Comunhão –p.600
Foto 119: As Curandeiras –p.602
Foto 120: O Casal de Curandeiros –p.602
Foto 121: A cura do Pescoço –p.606
Foto 122: O Begue –p.608
Foto 123: O Begue –p.608
Foto 124: A Conversa com o Santo –p.612

- Foto 125: O Cruzeiro—p.628
Foto 126: O Orixá Ogum e o Santo Jesus—p.629
Foto 127: A Procissão da Santa Cruz—p.630
Foto 128: A Espada de Ogum—p.632
Foto 129: A Procissão de Ogum—p.633
Foto 130: O Sino Convidando os Celestiais—p.636
Foto 131: Pedidos e Obrigações para os Orixás p.637
Foto 132: A Caminho da Iluminação dos Orixás—p.638
Foto 133: O Orixá Iemanjá vindo ao Mundo das Sombras —p.639
Foto 134: Navegando atrás da Iluminada Virgem—p.640
Foto 135: O Super Vendaval A Escala —p.641
Foto 136: Iansã —p.642
Foto 137: A Eterna Luz —p.644

RELAÇÃO DE DESENHOS

- Desenho de Candinho 1: A Embarcação de 1960 -p.368
 Desenho de Candinho 2: A Embarcação de 2003 -p.369
 Desenho de Xaim 3: A Divisão Vertical da Madeira do Costado - p.390
 Desenho de Bolinha 4: Estrutura Artesanal de Madeira do Caíco, da Chalupa e do Bote -p.409
 Desenho de Bolinha 5: Caíco, Bote ou Chalupa de Boca Aberta - p.410
 Desenho de Bolinha 6: Volga e Remo -p.410
 Desenho de Lindo 7: Bote ou Chalupa com Barraco -p.411
 Desenho de Antônio do Quim 8: O Zigue-Zague -p.423
 Desenho de Xaim 9: O Zigue-Zague -p.424
 Desenho de Bila 10: A Talha -p.430
 Desenho de Bila 11: A Mobilidade em Terra -p.430
 Desenho de Biguá 12: A Chave de Mão - p.441
 Desenho de Biguá 13: A Rede do Peixe-Rei - p.443
 Desenho de Candinho 14: A Rede do Peixe-Rei - p.443
 Desenho de Biguá 15: A Rede da Tainha -p.444
 Desenho de Biguá 16: A Rede do Linguado -p.444
 Desenho de Biguá 17: A Pesca de Trolha do Cascote -p.445
 Desenho de Bila 18: Parelha Média de Bote com Barraco -p.447
 Desenho de Bila 19: Parelha Pequena de Caíco -p.447
 Desenho de Bila 20: Parelha Média de Bote com Boca Aberta - p.448
 Desenho 21: Colemã -p.463
 Desenho 22: A Pesca de Calão - p.478
 Desenho de Antônio do Quim 23: A Rede de Bagre -p.480
 Desenho de Gaita 24: Andana -p.486
 Desenho de Gaita 25: Pesca da Corvina em Bote ou Chalupa - p.488
 Desenho de Gaita 26: Pesca da Corvina em Caíco -p.489
 Desenho de Carocha 27: A Pesca de Coca -p.491
 Desenho de Carocha 28: A Rede de Aviãozinho ou Saquinho - p.492
 Desenho de Carocha 29: A Pesca de Berimbau -p.493
 Desenho de Carocha 30: A Pesca de Berimbau -p.493
 Desenho de Bila 31: A Pesca de Plancha -p.495
 Desenho de Gaita 32: A Pesca de Saco do Camarão -p.496
 Desenho de Xaim 33: A Pesca de Camarão -p.498

Desenho de Xaim 34: A Pesca de Camarão –p.499

Desenho de Xaim 35: A Pesca de Camarão –p.499

Desenho 36: Os Rasos –p.510

RELAÇÃO DE QUADROS

- Quadro 1: Classificação Etária no Lugar -p.207
- Quadro 2: Agricultores -p.234
- Quadro 3: Cultivo -p.236
- Quadro 4: Apelidos -p.286
- Quadro 5: A Classificação das Embarcações -p.390
- Quadro 6: A Profundidade da Laguna -p.392
- Quadro 7: As Estações do Lugar -p.419
- Quadro 8: Braças de Rede –p.445
- Quadro 9: Classificação das Parelhas –p.446
- Quadro 10: Tripulação das Parelhas Pequenas –p.446
- Quadro 11: Tripulação das Parelhas Medias –p.446
- Quadro 12: Rancho –p.451
- Quadro 13: Parelhas de Caícos, Botes e Chalupas –p.452
- Quadro 14: Transporte e Pesca –p.452
- Quadro 15: Jornada de Trabalho –p.460
- Quadro 16: Safras –p.461
- Quadro 17: Turno das Pescarias –p.461
- Quadro 18: Quantidade de Tripulantes –p.462
- Quadro 19: Período de Surgimento das Redes de Pesca –p.478
- Quadro 20: Tipos de Pescarias de Camarão –p.503
- Quadro 21: Opções de Pesca –p.506
- Quadro 22: A Distância das Pescarias –p.508
- Quadro 23: A Localização das Pescarias –p.508
- Quadro 24: A Mobilidade de Rede de Pesca –p.508
- Quadro 25: Grandes Safras Extintas –p.512
- Quadro 26: Classificação de Pescado –p.525
- Quadro 27: Os Atravessadores de Pescado do Lugar –p.529
- Quadro 28: As Empresas de Compra e Beneficiamento do Pescado em Ordem de Competitividade Econômica Decrescente –p.529
- Quadro 29: As Empresas de Beneficiamento do Pescado –p.529
- Quadro 30: As Empresas de Beneficiamento do Pescado –p.530
- Quadro 31: A Classificação do Pescado –p.531
- Quadro 32: A Exemplo de Classificação de Pescado –p.531
- Quadro 33: Os Pescados Pesados e Classificados –p.538
- Quadro 34: Rendimentos da Tripulação e do Atravessador em Parelha Pequena e Média nas Salgas –p.547
- Quadro 35: Rendimento da Tripulação e do Atravessador em Parelha Pequena e Média nas Docas –p.547

Quadro 36: Os Aposentados –p.549

Quadro 37:A Partilha nas Parelhas –p.552

Quadro 38:Rendimentos da Tripulação em Parelha Pequena e Média –p.553

Quadro 39:A Partilha dos Patrões –p.554

Quadro 40:A Transferência do Sobretrabalho –p.555

Quadro 41:Os Rendimentos das Empresas do Mercado das Docas –p.555

Quadro 42:Os Preços das Embarcações –p.557

Quadro 43:Os Nomes dos Botes –p.643

RELAÇÃO DE CARTAS

Carta 1: Marambaia e Ilha dos Marinheiros -p.165

Carta 2: Canto do Mangue e Comunidade do Maruim -p.383

Carta 3: Canto do Mangue e Adjacências -p.384

INTRODUÇÃO



Foto 1: A Escala

Canção do Pescador (Praieira)¹

Praieira dos meus amores
Encanto do meu olhar
Quero Cantar-te os rigores
Sofridos à pensar, em ti
Sobre o alto mar
Oh! não sabes que saudade
Padece o nauta ao partir
Sentindo na imensidade
O seu batél fugir
Incerto do porvir

Sentindo na imensidade
O seu batél fugir
Incerto do porvir

Os perigos da tormenta
Não se comparam querida
As dores que experimenta
A alma na dor ferida
Na hora da partida
Praieira meu pensamento
Linda flor vem escutar
A história do sofrimento
De um nauta à recordar
Amores sobre o mar

¹ MENEZES, Otoniel e MEDEIROS, Eduardo. *Canção dos Pescadores (Praieira)*.
Natal/RN: Sd.

A história do sofrimento
De um nauta à recordar
Amores sobre o mar

Praeira linda entre as flores
Desse jardim potiguar
Não há mais fundos horrores
Iguais a estes do mar
Passados a pensar
A mais cruel noite escura
Ressacas e cerração
Não trazem tanta amargura
Como a recordação
Que aperta o coração

Não trazem tanta amargura
Como a recordação
Que aperta o coração

Quem vê ao longe passando
Uma vela pano ao vento
Não sabe quanto lamento
Vai nela soluçando
A pátria procurando
Adeus a luz que desmaia
No coqueiral ao sol pôr
E bem juntinho da praia
O albergue, o ninho, o amor
Do humilde pescador

E bem juntinho da praia
 O albergue, o ninho, o amor
 Do humilde pescador

Praieira do meu pecado
 Morena flor não se esconda
 Quero ao sussurro das ondas
 Do Potengi amado
 Dormir (ou viver) sempre ao teu lado
 Depois de haver dominado
 O mar profundo, bravio
 Às margens verdes do rio
 Serei teu pescador
 Oh! pérola do amor

Às margens verdes do rio
 Serei teu pescador
 Oh! pérola do amor²

² "Pode acontecer de haver falhas, porque eu tirei da lembrança, que por sinal é bem antiga. Beijos Alire. Ela enviou para mim, já agradeço."

Observação: trata-se do afloramento da memória, através da senhora minha mãe conversando com a minha tia Alire, ambas já com seus 70...anos. Elas falam sobre esta música que fui educado ouvindo mamãe cantar e pedi que escrevessem para este ensaio. É Dona Teresinha da Café Filho, esposa de Crispim, filha de Antônio Frazão e irmã de Alire.

POSTULADOS ACADÊMICOS

PLATÃO

Nossa preocupação primária consiste na necessidade de procurar no interior do debate realizado por filósofos, categorias que nos permitam ter "pressupostos"³ para fazer uma releitura do conceito geográfico lugar. Tivemos a preocupação de iniciar o debate com Platão, um dos primeiros filósofos ocidentais a apresentar a categoria contradição. O idealismo do pensamento platônico é fundamental para uma investigação sobre "o mundo dos mitos astrais", existente na convicção absoluta do pescador artesanal, manifesta e registrada no seu modo de vida, via inquestionável certeza de que o mito não é uma idéia falsa referente à realidade social historicamente imposta.

³ MONDIN. Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980. (p.18):

"Hoje é comum, no início de qualquer empresa científica, enumerar os postulados, os princípios, os postulados dos quais se pretende partir."

O pescador entende que o mito não é um mito, mas um dado histórico que é alicerce da maneira de viver da comunidade praieira⁴. Segundo Platão, este mundo ilusório representado nas imagens falsas sobre os fatos, seres, criaturas e coisas, faz parte do mundo sensível que é incerto e particular. Na praieira o que o pensamento racional⁵ tem como sendo ilusório, sempre faz parte do mundo objetivado no racionalismo do processo de trabalho pesqueiro artesanal. Há uma séria contradição no momento geográfico em que o mito passa a ser resultado e condição para a reprodução social ímpar do modo de vida do pescador artesanal. Ogum, Exu, Iemanjá, a Virgem Maria, São João Batista e a Santa Cruz são realidades geográficas

⁴ DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996. (p.66):

"Essa última modalidade, a dos comunitários, ...que existem em regiões relativamente isoladas, sendo característica de comunidades tradicionais, como a caiçara, a dos jangadeiros, a dos ribeirinhos etc. Essas formas de apropriação comunal (comum, comunitária) de determinados espaços e recursos...do extrativismo animal(caça e pesca)....Além dos espaços usados em comum, podem existir os que são apropriados pela família ou pelo indivíduo,...existem em comunidades com forte dependência do uso de recursos naturais..., demograficamente pouco densas....Esses arranjos são permeados...de parentesco, de compadrio, de ajuda mútua, de normas e valores sociais que privilegiam a solidariedade intragrupal."

QUAINI, Massimo. *Marxismo e Geografia*. [Trad. Liliana Lagana Fernandes] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.(p.88):

"...Antes de mais nada, o conceito de trabalhador livre, contraposto à figura do proprietário e membro da comunidade que trabalha..."

MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.(p.31):

"São populações compelidas, por isso, a praticar uma vida de duplicidade, a ocultar elementos de sua cultura e a revelar apenas o que é sancionado pelos que as dominam."

⁵ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego"*. *La pensée*, N.104, Agosto, 1962.

por serem criadoras e recriadoras da história individual e comum do lugar. O equívoco é acerto e o engano é certeza, sem serem, sendo.

Os mitos⁶ são subjetivados no imaginário (eles não estão no mundo dos sentidos platônicos) e centrados na objetividade da pesca artesanal, no caminhar lento no labirinto, na procura certa da curandeira e na procissão da Santa Cruz, que é motivo de feriado e de pedido de piedade ao mundo celestial/terreno.⁷ O fato histórico de que o lugar tem a possibilidade cultural⁸ de possuir atributos diferentes, que entre si têm divergências internas, faz com que uma reflexão acadêmica sobre os opostos

⁶ CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo:Convívio,1975. (p.69 e 71):

"O mito não apenas faculta o nascimento do mundo cosmos. O mundo da fascinação e da revelação do Ser, instalado pelo mito, permanece como garantia ontológica de todas as tentativas de encontrar as origens e fundar a verdade dos entes."

"O que mais impressiona o estudioso dos mitos é a preocupação que neles se manifesta pelas origens."

⁷ FELÍCIO, Vera Lúcia G. *A Imaginação Simbólica nos quatro elementos bachelardianos*. São Paulo: EDUSP, 1994.(p.43):

"...Não atingindo a objetividade, a imaginação, por definição, é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens."

⁸ REALE, M. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994.(p.203):

"O elemento axiológico é a essência da compreensão da cultura. No fundo, cultura é compreensão; e compreensão é valoração. Compreende, em última análise, é valorar, é apreciar as coisas sob prismas de valor."

e as reminiscências⁹ seja um dos sustentáculos filosóficos para se pensar no conceito recordação na dimensão de memória, como fruto de um diálogo coletivo¹⁰. Platão coloca em pauta que o mundo das idéias que possuímos na pré-existência uterina se conserva ou se perde no esquecimento. Assim, só a memória, enquanto recordação, permite readquirir as idéias pré-existentes. O processo de reaver o momento histórico, fazendo-o voltar a ser realidade das idéias substantificadas no momento objetivado, só é possível por meio da reprodução das cenas, e pensar sobre os tais atos sociais é fazer uma ponte de ligação para o aprofundamento da montagem do cenário do palco, do espaço cênico, afirmo, do lugar que se manifesta de forma verticalizada,

⁹ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p. 38):

"... Por isso, Platão proclama que o verdadeiro conhecimento é uma reminiscência; o saber é recordação. Conhecer é reconhecer."

CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990. (p.61):

"...Quando Orfeu decide ir buscar Eurídice nos Infernos, ele é ajudado por Heurtebise que o leva diante do espelho e lhe diz: Eis o seu caminho(...).Entrego-lhe o segredo dos segredos.Os espelhos são as portas pelas quais a Morte vai e vem."

ZIKAS, Dimitrios N. de *Platão Fédon a Imortalidade da Alma (Comentários)*. Curitiba: Cyros, 1990. (p.38):

"De modo que o princípio da recordação é a semelhança e a dessemelhança. Cada reminiscência pressupõe uma instrução anterior . O descobrimento de verdades que nunca foram ensinadas tem como princípio os semelhantes e dessemelhantes."

¹⁰ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 2:3-13, 1989. (p. 10):

"O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo."

GOFF, Jacques *Le. História e Memória*. (4ed.) Campinas/SP:UNICAMP, 1996. (P. 424):

"O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios. "

porque só há lugar se houver diálogo enquanto memória¹¹, que se expressa na contradição em movimento refletida na água da praia lagunar, que mergulha e olha para si própria já que é pura contradição social.

Se o mundo invisível é intransformável, só será possível ocorrer a recriação cultural do lugar, presente nas suas tradições e costumes, se todos os gestos, olhares, falas e trabalhos, que sempre constituem o quebra-cabeça, estiverem presentes enquanto comunidade dotada de singular jeito de viver. Na memória intrínseca do mundo invisível das idéias, o tipo peculiar de modo de vida é conteúdo e forma de sua espacialização geográfica enquanto lugar, e a recíproca é verdadeira. Sabemos que a falta de um dado na “carta geográfica” faz com que a sua leitura possa ser equivocada, o mundo das idéias foi transformado e o diálogo reprodutor do lugar, enquanto conceito social, não viabiliza a própria existência de identificação do lugar, cujo conteúdo é a reminiscência que é potencialmente retroalimentadora dos costumes e das tradições que só ocorrem como lugar Marambaia, que igual não há.

A pesquisa sobre a imortalidade da alma e a recordação, entendida enquanto “memória”, são categorias filosóficas abalizadoras para a elaboração de uma tentativa de entendimento das contradições implícitas na opção histórica marcada na comunidade. Onde o aprendizado é recordação e reprodução simples da pesca artesanal, onde a idéia pensada como valor com conteúdo absoluto nos afirma via noção de contradição que no absoluto, do conteúdo da idéia há o devaneio e a imaginação do Exu. Se na alma estão as idéias, as recordações, o saber, o conhecer e o reconhecer (o mundo da verdade) falamos que na Marambaia é no nível do imaginário que estão os

¹¹ PANTALEÓN, Carlos. *Adaptação de Estruturas Arquitetônicas Obsoletas. Instituto de Diseño-Facultad de Arquitectura - Universidad de la Republica - Montevideo/Uruguay - Tradução: Ana Lúcia Costa de Oliveira - FAURB/UFPEL - Pelotas/RS, sd. (p. 6):*

"O tema da memória é subjacente à própria condição humana, pois suas raízes se fundamentam na necessidade de auto conservação e no medo. O impôo à auto conservação nasce do medo a perda do próprio eu, medo à perda da identidade, medo à morte, medo à destruição."

Orixás, os Deuses, as Deusas e o Soldado Guerreiro que mata o mal. Na praia, o ilusório faz composição e estruturação do mundo da verdade.

A metempsicose do orfismo e do pitagorismo¹² se faz presente no momento histórico em que os caminhos de areia, a possível existência do Quilombo do Negro Lucas¹³ e a moradia de negros na cidade de Rio Grande transferiu parte da idéia, enquanto valor com conteúdo absoluto, para os portugueses que originaram a comunidade da Marambaia. Observamos que os portugueses estão recordando e sentindo saudades de uns negros que “foram”, quando rezam e pedem proteção para Ogum. São as reminiscências dos que foram, sem jamais terem ido.

¹² CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990. (p. 21):

“O orfismo deixou marcas profundas na filosofia grega, particularmente em Tales, Anaximandro, Anaxímenes, nos pitagóricos, em Xenofonte, Parmênides, Heráclito, Empédocles, Platão e nos neoplatônicos. Encontramos reflexos do orfismo em poetas como Píndaro, Ésquilo, Eurípides. Mas as relações mais intensas se dão com Platão e os pitagóricos. Platão se refere ao orfismo em vários diálogos: República, Banquete, Crátilo, Timeo, Leis. Na verdade, o orfismo, o pitagorismo e o platonismo se situam na mesma linha espiritualista. As afinidades saltam aos olhos: dualismo alma e corpo; corpo como cárcere; preexistência e sobrevivência da alma; reencarnação; desejo de salvação e purificação.”

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *De escravo a liberto, um difícil caminho*. Porto Alegre: SE/CTD, 1988. (p.11):

“...As notícias que temos apontam o Quilombo do Negro Lucas, na ilha dos Marinheiros, frente à cidade de Rio Grande, uma concentração de mais ou menos 10 escravos fugidos e cuja duração parece ter sido de mais de dez anos.”

A palavra grega *psychê*¹⁴ nos remete a noção de “princípio de vida”, o que diferencia o animado do inanimado. O sentido da palavra não tinha relação com a noção de imortalidade. O indivíduo era entendido como sendo um elemento inseparável do mundo (naquela sociedade). Quando se falava em individualidade não se direcionava a questão para a subjetividade humana.

O entendimento de divindade do espírito, apresentado pelo estudo platônico, viabiliza a análise de um “eu” transcendente, que é fruto do debate de Pitágoras sobre o fato de que a alma é imortal (o intelecto enquanto elemento constitutivo da alma é sua dimensão imortal). A imortalidade é o que o ser humano possui de mais verticalmente humano e máximo do divino. Através da dialética ascendente, a alma, numa compreensão de ser uma relação do “intermediário” entre o mundo das idéias e o sensível, atinge o nível da verdade absoluta. A alma é vista como sendo superior ao plano sensível e dotada de uma subjetividade pura (divinização do ser humano), isto é, a subjetividade pura é a parte racional da alma, dotada de uma característica fundamentada no fato de que a alma recria a estrutura do mundo das idéias em si mesma, isto é, a alma realiza uma relação direta com o princípio primário de todo o conhecimento antes de ter sido submergida a transmigração (metempsicose) ocorre um deslocamento da racionalidade da alma ao ideal (a estrutura da objetividade)¹⁵. Assim, a evidência atinge o mundo dos sentidos (dialética descendente) ciente da distinção entre o sensível e o ideal. Ora, ao ser intermediária a alma pertence ao plano ideal e

¹⁴ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p. 12)

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. (p. 35):

“A *physis* é imortal e as coisas físicas são mortais.”

SARDI, Sérgio Augusto. *Diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (p. 23):

“Primariamente, a palavra grega *psychê* significa princípio de vida, ... e seu sentido não estava intrinsecamente vinculado à idéia de imortalidade.”

¹⁵ SARDI, Sérgio Augusto. *Diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (p. 33):

“A evolução é realizada por uma inter-relação entre subjetividade e intersubjetividade, que conduz à objetividade”.

ao devir e que cada ser humano possui um anámnese (identidade racional). Platão coloca o debate de que a estrutura interna do pensamento é

dialética e que sinaliza uma síntese última que une o ideal e o devir¹⁶.

¹⁶ SARDI, Sérgio Augusto. *Diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (p. 29):

"Assim, a autocompreensão da alma conduz à realidade da Idéia, porque a alma, refletida em si mesma, encontra o ser. A transcendência da alma se dá por via da interioridade. Nesse itinerário, o discurso (o logos) encontra a transcendência, e a dialética torna-se viável enquanto projeto humano e, por que não dizer, enquanto mecanismo de construção de um projeto de humanidade, a utopia (u-tópos), o não-lugar, que impela à ação política transformadora, à construção permanente da "República" Ideal, enquanto expressão da evolução humana ao nível de suas relações sociais."

LIANOS, Alfredo. *Introdução a Dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. (p. 51):

"Temos, pois que só o dialético alcança o conhecimento da essência de cada coisa, mas que, chegado ao coroamento e ao cume de todas as demais ciências, não vê já as coisas e os seres como postos uns ao lado de outros; possui agora de todo o conjunto uma visão sinótica, graças à qual tudo se lhe aparece à luz de uma unidade que não é outra coisa senão a Idéia do Bem."

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (p.26):

"Hegel usou a palavra alemã aufheben, um verbo que significa suspender. (...) Para ele, a superação dialética é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior."

Observação: Os colonos gaúchos descendentes de alemães afirmam taxativamente que "aufheben" se traduz por levantar algo, alguém ou alguma coisa que se encontra no nível do chão ou no mais baixo nível. Eles dizem que refere-se somente ao sentido de erguer alguma coisa do chão e não de outro patamar superior (exemplo: erguer uma panela de cima da mesa), e nem de mantê-la erguida para protegê-la. Eis o convite para a mobilidade, digo, para os contrários em movimento.

"Aufheben é levantar! Levantar do chão." (Melitta Ilka Schuch Gonçalves- Ijuí / RS).

Para os colonos alemães a noção da tradução tem uma conotação idealista porque é levantar do nível mais baixo para a ascensão. Assim, eles remetem o leitor para o mundo das idéias de Platão e denunciam a influência deste filósofo no pensamento de Hegel, sempre confirmada pela história do embate filosófico.

Neste processo histórico, a inter-relação existente entre subjetividade e intersubjetividade é o ser, que ao se dirigir ao outro, instantaneamente expõe-se e desloca-se ao outro ser, e desta forma, há uma relação entre a subjetividade e a objetividade.

Éros (amor) é a força motriz que impõe, sustenta e procura a auto-superação do ser que é subjetiva e intersubjetiva e ocorre na psychai e entre as mesmas, é uma aproximação do ser ao plano da divindade (uma relação entre o devir e a idéia)¹⁷. Tal registro nos coloca o homem como um ser divino, já que, nas relações de lealdade/afetividade do lugar Marambaia há o eterno diálogo dos moradores com os seus “parentes” antepassados documentados culturalmente nos divinos orixás. É o amor que permite o divino ser inerente entre os homens e faz do indivíduo potencialmente um criador (é o poder que une e cria no mais alto patamar), isto significa que este processo é originário de uma carência básica que tem o ser de reencontrar pelo diálogo a unidade que recria a alma e ultrapassa a fala velha e promove um novo discurso diferente do anterior que denuncia a eterna busca pela aproximação da verdade. A ausência do outro promove o aniquilamento do homem porque ele precisa basicamente da subjetividade do outro, que une os homens como nas relações comunitárias do lugar. Tais relações sociais permitem afirmar que o amor do mundo das idéias é o verdadeiro amor, que só há enquanto amor do verdadeiro, que se materializa na objetivação das

¹⁷ SARDI, Sérgio Augusto. *Diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (p. 30):

“É ele que nos tira o sentimento de estranheza, promovendo todas as reuniões deste tipo” (Banq., 197d 1-4). Éros impulsiona o filosofar, é o impulso vital que sustenta a busca de auto-superação, que é simultaneamente dialética e dialógica, subjetiva e intersubjetiva, e se opera na e entre as psychai. Isso equivale a uma aproximação do humano em relação ao divino: Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio, pois já o é (Banq., 204 a 1-3); (...) tudo o que é gênio está entre um deus e um mal (Banq., 202e, 1-2). É Éros que permite o diálogo entre o humano e o divino (Banq., 202ae), o que equivale a dizer que possibilita uma relação entre esses dois planos, ou seja, entre o devir e a Idéia”.

relações cultivadas que são subjetivas e nas quais encontramos, entre outras variáveis das tradições e dos costumes da comunidade, a indiscutível existência do imaginário mitológico dos orixás que nos remete à questão da natureza inteira ser o corpo orgânico do ser.¹⁸ Marx entende que na natureza inteira encontramos implicitamente os mitos, o Éros, a imortalidade da alma, as contradições, a metempsicose e as inter-relações ocorridas entre a subjetividade e a intersubjetividade (a objetividade).

Desse modo, na universalidade do homem colocada por Marx encontra-se centrada a questão platônica de que o homem relaciona-se com o invisível que se encontra escondido no visível, procurando deixar claro e evidente o invisível, presente no homem que olha para dentro de si, que encontra o outro e ve a face refletida, rosto igual ao seu que é inquestionavelmente refletido nos seus próprios olhos. Há o Éros que é a urgente necessidade do outro contida na subjetividade, onde a intersubjetividade é relação entre a subjetividade e a objetividade desenhada nos caminhos de areia, que traduzem o aconchego e a sensação de segurança e prazer para quem domina todos os passos no labirinto

¹⁸ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121) .(p. 200):

"...a universalidade do homem aparece na prática, na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo orgânico. A natureza é o corpo inorgânico do homem; quer isso dizer que a vida física e mental do homem e a natureza são interdependentes. Confirmamos que a natureza é interdependente consigo mesma, pois o homem é parte dela."

SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia). (p. 18):

"...Marx se refere dessa forma à natureza humana: A universalidade do homem aparece na prática justamente na universalidade que faz da natureza toda seu corpo inorgânico,....Que a vida física e a espiritual do homem estão ligadas com a natureza e não tem outro sentido senão o de que a natureza está ligada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza".

denunciador do lugar¹⁹. Os estudiosos da particularidade do bairro no espaço urbano fazem algumas reflexões sobre o aconchego e o percurso particularizado que remetem o leitor ao conteúdo do conceito lugar, mesmo sem estarem prioritariamente estudando esta questão conceitual, nem as "marcas" citadas por Claval, menos o Éros do itinerário filosófico de Platão.

No pensamento de Platão, o antagonismo presente no mundo visível e no mundo invisível não significa separação no recorrer do estudo. Há uma interação constante em todo o debate e, já que, para se ir ao mundo inteligível, temos originariamente que passar pelo mundo sensível. O inteligível é o hemisfério do conhecimento (epistême), da profunda essência do ser, e o sensível é um simples reflexo, sombra ou cópia do real²⁰. O mundo das sombras é o da ilusão. Segundo o pensamento platônico, o belo seria um elemento relacionado ao ideal e ao corpo. A concepção de Platão de belo nos remete para a compreensão de que parte se encontra no divino e outra no corpo, o belo é a procura pela perfeição (harmonia entre a idéia e o corpo). Assim, entendemos que o belo visualizável é o meio que nos leva ao invisível

¹⁹ CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano*. [Tradução: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth] 2. Morar, Cozinhar. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998 (P.42):

"...o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano. "

²⁰ SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4) (p. 23):

"Essa concepção dual não implica uma separação desses dois mundos, uma vez que para se atingir o mundo inteligível (ou das idéias) é preciso passar pelo mundo sensível (ou das Sombras). O mundo das Idéias seria o mundo do verdadeiro conhecimento (epistême), da essência, do Ser; ao passo que o mundo das Sombras constaria de uma mera cópia do mundo ideal, uma sombra, um reflexo, algo que se dá apenas como aparência, opinião: é o mundo da ilusão."

"A teoria platônica fundamenta-se, pois, na apresentação de uma dialética que faça a passagem do mundo da mera opinião, mundo sensível em que vivemos, para o mundo do saber essencial, o mundo inteligível. Encontra-se aqui uma das tarefas da concepção de Belo, ou seja, uma participação nesta dialética."

mundo da luz. A beleza expressa o que é percebido sensivelmente enquanto fruto do inteligível e a arte é pura recriação do que é visível (ela é reprodução).

O belo não é um valor de uso, mas uma procura pela perfeição harmônica do plano ideal.²¹ Ele representa a elevação moral do homem registrada nas obras de arte que demonstram o fato do artista, ou do sábio, ter atingido via razão²², um nível de elevação espiritual que se encontra no que foi produzido, enquanto símbolo da perfeição. Concluimos que a idéia antecede a obra que é pura representação da idéia (que é obra de arte enquanto perfeição acabada e divina que inspira o artista). Assim não existe uma subjetividade humana documentada na arte, mas uma inspiração divina que entusiasma o artista (há uma determinação para que o mundo das idéias venha ao dos mortais sensíveis).

O belo é o veículo de registro do mundo lapidado. Em grego a palavra entusiasmo significa loucura, mania e delírio. Assim, o homem na imaginação, como delírio, cria a arte que existe no patamar do visualizável, e vinda por meio do elemento Eros, e finalizamos dizendo que o belo não pode ser atrelado só ao mundo da arte, já que, nos "delírio" e no "imaginário" implícitos

²¹ *Neste sentido há um estudo com a abordagem de Marx, pois ele entende que são as propriedades físicas e químicas do bem material que, via a contradição capital/trabalho, lhe tornam prestável socialmente e lhe conferem um valor de uso geograficamente determinado. Abre uma vertical pesquisa com Arendt.*

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981. (p.177):

" Pois é somente no mercado de trocas, onde todas as coisas podem ser trocadas por outras , que todas elas se tornam valores , quer sejam produtos do labor ou do trabalho , quer sejam objetos de uso ou de consumo, necessários à vida do corpo, ao conforto da existência ou à vida mental . Este valor consiste unicamente na estima da esfera pública na qual as coisas surgem como mercadorias; e o que confere esse valor a um objeto não é o labor nem o trabalho,..."

²² PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p. 37):

"...Existirá mesmo esse modelo absoluto/Sim, responde Platão. É a idéia .Como , então, apreendê-la/ Só através da razão, diz ele."

nas relações sociais comunitárias de parentesco, afetividade, ... dos moradores do lugar culturalmente criam o labirinto de caminhos só por eles percorridos e explicitamente documentam nas opções de cores, desenhos, estruturas, ... o plano ideal que só é, e existe, enquanto lugar. Entendendo-se que este conceito social não pode ser reduzido a interpretação da repetição diária dos mesmos hábitos do ser social, inclusive dos artesãos que estão de forma constante e secular confeccionando redes, elaborando a mesma estrutura para as embarcações, priorizando as já determinadas cores, opinando pelo mesmo desenho interno da casa, pescando,...²³

No momento atual a humanidade pensa que a arte é fruto da subjetividade do ser objetivado na arte, isto é, a criação não se encontra acabada na natureza pronta para ser trabalhada pelo pescador e adquirir forma e estrutura via mãos do trabalhador artesanal ou do artista propriamente dito.²⁴

Na Marambaia, o belo manifestado no nascer do sol, no seu declínio, na lua cheia, na criança sorridente e saudável ("cuidado com o mau olhado"), nas rosas primaveris, no peixe pesado e grande ("graças a Deus") e, até, depois da casa limpa e arrumada e do barco saindo terminado do estaleiro é fruto das mãos do mundo dos espíritos (do perfeito ideal perfeito). Deus é o grande artista. Tudo que é belo, muitas vezes colocado como sendo o bom, o motivo de alegria, o bonito e a razão da felicidade é relacionado a Deus, aos santos e aos orixás. O bom, a alegria, o bonito e a felicidade simbolizam a perfeição, isto é, o belo. Platão diz que o belo é o belo em si, atemporal, acabado, lapidado, absoluto e perfeito.

²³MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000. (p.93 e 94):

"Duby empobrece enormemente a concepção de vida cotidiana ao reduzi-la a usos e costumes e ao confiná-la à casa e ao quarto, conforme as citações de Vainfas, ao supor enfim que o lugar e o modo da vida cotidiana dizem respeito ao rotineiro e ao repetitivo."

²⁴ SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. *Elementos de estética. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4) (p. 29):*

"Destarte, o belo não se limita à arte, ao contrário, para tornar-se uma atividade superior à arte, deve buscar a perfeição, buscar o belo, a harmonia".

A estética enquanto saber referente ao conhecimento do mundo visível (aesthesis é sinônimo de sensação) é o belo, o bom, o bonito, o alegre e o feliz olhados e sentidos pelos moradores da praia. Mas, para Platão, o belo é uma ponte entre o mundo ideal e o mundo sensível, caracterizado por ser a “parte do agradável que alcançamos via visão. Ele é relacionado com o sensível por meio dos sentidos”. A beleza (inclusive do lugar Marambaia) é que permite o contato do mundo do conhecimento com a visão.

Na filosofia de Platão, o mundo dos espíritos e o dos sentidos impõe uma condição e um resultado comum que cria o belo aos sentidos de uma forma e estrutura semelhante. Mas, o nível das aparências não possui a essência do belo em si. Alguém, algo, ou alguma coisa utilizada para o bem ou para fazer o bem a alguém, algo ou a alguma coisa é belo. Só que, a potencialidade visada para o bem é bela, mas, não é o belo, que é a eterna procura de lapidar a capacidade e a utilidade de algo para atingir a perfeição inerente ao nível das idéias. A beleza que há no nível dos sentidos é condição primária para o afloramento do Eros, que é a necessidade básica de se encontrar o eterno, que só procuramos quando estamos erotizados, já que o homem quer conquistar, deseja, procura só quando se encontra interessado. O Eros nos direciona para o estudo da peculiar relação de parentesco existente no lugar, registrada no modo de vida dos pescadores artesanais “eternos”.

Platão coloca no mesmo plano as idéias de belo, uno, bem e ser porque o Bem maior é que promove a unidade da multiplicidade dos seres (é a essência do ser das coisas) que só é atingida quando se busca a perfeição, isto é, o belo inerente em cada ser e em cada ação.

O lugar, enquanto traço cultural, conteúdo e forma do trabalho, e do imaginário (todos são símbolos), presentes na subjetividade objetivada, de um

jeito de vida impar caracterizado pelo "tempo cíclico"²⁵ dos caminhos de areia

²⁵ JASPERS, karl. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1999.(p. :130):

"Nietzsche acreditava que a crença no eterno retorno é a mais enérgica afirmação da vida."

"Como imagens desse eterno retorno absoluto, podem ser lembradas repetições particulares, como a dos dias e a das estações. O tempo é absoluto. Tudo é temporal e, por isso mesmo, eterno, graças ao retorno."

RICOEUR, P. et al. *As Culturas e o Tempo. Estudos reunidos pela UNESCO*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1975. (p.: 267, 268, 281 e 282):

"O passado sempre dura, e por isso em nada perde para o presente, por sua realidade. É sobre essa representação que se fundamentam o culto dos antepassados e todos os arquétipos que se renovam quando se realizam o mito e os ritos, nos períodos de festas. As tradições piamente observadas são o passado materializado e perpetuado que domina no presente. Mas o futuro também participa do presente: podemos olhá-lo, exercer sobre ele uma influência mágica; daí as predições, a divinação, os sonhos proféticos e, igualmente , a crença no destino."

"As séries cronológicas nas quais se organiza a vida prática dos homens são separadas, em sua consciência , do tempo mítico e os antepassados e seus descendentes vivos existem em temporalidades diferentes. Todavia , as festas e os rituais formam o elo que liga essas duas percepções do tempo, esses dois níveis de apreensão da realidade. Assim, o tempo linear não predomina na consciência humana; ele está subordinado a uma percepção cíclica dos fenômenos da vida, a uma imagem mítica do mundo."

"Se nas épocas anteriores as diferenças entre os tempos passado, presente e futuro eram relativas e se o limite que os separa era móvel (no ritual religioso e mágico, no momento da realização do mito, o passado e o futuro se baseavam no presente , num instante eterno cheio de um sentimento supremo), com o triunfo do tempo linear, essas diferenças se tornaram muito precisas, e o tempo presente ficou <comprimido> e chegou a ser apenas um ponto continuamente fugidío sobre a linha que vai do passado ao futuro e que transforma o futuro em passado. O tempo presente se tornou efêmero, irreversível e inapreensível."

AUERBACH. E, *Mimesis. A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

do labirinto, dos mitos, dos mortos, dos vivos e dos que irão nascer e que se encontram conjuntamente na predição, divinação, sonho profético, cura, oferenda, entre outras distinções da linguagem comunitária entre eles e para eles, nos faz pensar como a questão do belo platônico (não kantiano) pode ser verticalizada no debate do conceito geográfico lugar na praia da Marambaia. O belo presente na subjetividade do homem enquanto espírito, entendido como idéia, ou dimensão universal e cósmica do ser. Platão nos reza que o mundo real é o das abstrações. Eis o seu pensamento: “Esses astros verdadeiros e inteligíveis são, de acordo com Platão, as idéias ...”.²⁶

Platão determina que o conteúdo do conceito lugar deve ter como princípio histórico o entendimento de que a dimensão social humana/natural se realiza através da relação trabalho/imaginário, ou seja, por meio de uma observação materialista sensível da relação comunitária, que somente existe enquanto lugar geográfico. Platão é a continuidade do pensamento de Marx ! .

²⁶ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Exposição do Livro. s. d. (p. 207 (33)).

KANT

Acreditamos que a afirmação de Kant de que há uma “crítica”²⁷, direcionada para a questão da investigação sobre a razão, manifestando-se independente da experiência²⁸, permitirá que tenhamos uma maior capacidade de ampliar o debate sobre o conceito lugar. Na visão crítica, Kant entende que o transcendental é “o que existe em si e por si, independentemente de mim”, isto é, quais as condições supremas que tornam possível um

²⁷ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios). (p. 56-57):

“Senão, vejamos: crítica, quando empregada por Kant, não é sinônimo de censura, reprovação, mas de estudo, investigação, pesquisa, ...”

²⁸ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios). (p. 57):

“... puro é aquilo que independe da experiência – daí sua obra mais famosa, *Crítica da Razão Pura*, também pode ser intitulada *investigação da razão funcionando independente da experiência*; puro também é sinônimo de *a priori*, ...”

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121). (p. 174):

“O homem é o objeto imediato da ciência natural; pois a natureza sensível imediata para o homem é imediatamente a sensibilidade humana (uma expressão idêntica), como o outro homem sensivelmente existente para ele; pois sua própria sensibilidade só através do outro existe para ele como sensibilidade humana. Mas a natureza é o objeto imediato da ciência do homem. O primeiro objeto do homem – o homem – é natureza, sensibilidade; e as forças essenciais, particulares, sensíveis e humanas, como encontram apenas nos objetos naturais sua efetivação, só podem encontrar na ciência da natureza seu próprio conhecimento. O elemento do próprio pensar, o elemento da exteriorização de vida do pensamento – a linguagem –, é natureza sensível. A realidade social da natureza e a ciência natural humana ou ciência natural do homem são expressões idênticas.”

conhecimento, sujeito, objeto, coisa ou algo (Eis o método transcendental de Kant).O que transcende não é a relação do nosso conhecimento com as coisas, porque a plenitude das “coisas em si” é inacessível. Nós não chegamos na essência dos “objetos em si” porque ele é incognoscível. E a realidade objetiva existe separada do sujeito dotado do saber, isto é, não conhecemos o íntimo dos “objetos”.

O máximo que a pesquisa cultural nos permite afirmar é que para os pescadores artesanais as entidades , enquanto objetos/sujeitos do lugar , são seus antepassados²⁹. Uma parte significativa de cada objeto estudado é originada pelas nossas formas de percepção, porque sabemos que ele se encontra fora de nós, mas não conhecemos o íntimo desse objeto, ser ou coisa. O que sabemos é o que transformamos em idéia sobre ele dentro de nós. Eis porque o pescador artesanal entende conflituosamente, no embate matéria/idéia, que os orixás são seus mortos/vivos. Mas, o que as coisas são antes de serem transformadas em idéia, no

²⁹ ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. *O Reino dos Encantados, Caminhos (Tradição e Religiosidade no Sertão Nordestino). Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo: PUC, 1999. (P.13 e 15):*

"A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos mestres, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos de antigos e prestigiados chefes do culto, como juremeiros e catimbozeiros."

"Câmara Cascudo reconhece-o como um consultório e não como um culto religioso, uma vez que, segundo o autor, nesse tipo de ritual, não há promessas, votos, unidade do protocolo sagrado."

FREITAS, João de. *Xangô Djacutá*. (2 ed.). Rio de Janeiro: Cultura Afro- Aborígene, sd. (p.25):

"A analogia existente entre os mitos helênicos e romanos, tal como se observa com os eslavos, os celtas e os germanos, leva-nos, pela procura de subsídios, à conclusão de que tôdas as mitologias emanam da mesma fonte."

interior de nossa capacidade pensante jamais saberemos. Kant afirma que é imaturidade querer estudar as “coisas em si”.

No homem o transcendental é uma relação com a faculdade cognitiva e o conhecimento é fruto de uma relação não fundamentada unicamente na experiência. Este saber não é o que trata dos objetos. Ele se direciona para realizar uma investigação sobre os nossos conceitos puros (despidos de experiência) em relação aos objetos, trata-se de nossa maneira de conhecê-los, enquanto esta deve ser possível “a priori” (na concepção kantiana). Kant cria um pensamento filosófico que promove a supremacia da razão humana com a intenção de exaltá-la e valorizá-la, a razão é diferenciada do simples contato pelos sentidos. Estamos falando do conhecimento não sensorial, mas do que é fruto da natureza e da estrutura de nossa capacidade pensante. Entendendo-se que este produto do intelecto é o que temos de mais lapidado e confiável. Neste momento ímpar há um direcionamento da pesquisa de Kant que nos obriga a estudar Platão. Estamos afirmando que no nível da razão as verdades são claras e verdadeiras em si; “a priori”, sem experiências. A estrutura da mente humana é que molda e organiza as sensações e transforma as experiências em pensamentos. A experiência nos confirma que uma realidade é imposta de determinada forma, estrutura, jeito e maneira. Só que nega a justificativa e a explicação por que a realidade nos é imposta de determinada forma, estrutura, jeito e maneira, assim, a experiência nos fornece proposições eventuais e incertas.

A proposição despossuída de sua negação é possível se for abalizada na razão, que é a única origem das proposições universais e absolutamente necessárias e precisas, da mesma forma não seriam possível as proposições universais e absolutamente necessárias e precisas se o pensamento racional não fosse, por si mesmo, criador de conhecimentos. Marx, oriundo das influências de Kant, é racional e se utiliza do materialismo

histórico e do materialismo dialético³⁰, mas não nega a "sensibilidade" quando trata da natureza orgânica/inorgânica³¹ do ser humano e, conseqüentemente, da própria natureza que é intrínseca e explícita nas relações intersubjetivas/interobjetivas de afetividade da comunidade do lugar Marambaia.

Mas, todos os conhecimentos a priori não possuem o mesmo sustentáculo. Para aprofundar o estudo é primário pensar sobre os juízos analíticos e os sintéticos. Entendendo-se que o juízo é a capacidade de assumir o "singular" no "plural", a potencialidade mental de estudar o singular contido no plural (o particular no universal). O juízo que entende o particular contido no universal determina teoricamente o objeto (juízo determinante) e o juízo que procura o universal no particular é reflexivo. Este processo não é lei a priori do intelecto, mas é fruto de uma origem da reflexão referente aos objetos, seres e coisas.

³⁰ BADIOU, Alain e ALTHUSSER, Louis. *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.(p.44):

"...O materialismo dialético não se refere às diferentes práticas, exceto com relação ao aspecto da intervenção delas na produção de conhecimentos. Não se refere a elas como instâncias constituintes dos modos de produção, o que é objeto do materialismo histórico."

³¹ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121). (p. 171):

"O homem apropria-se do seu ser global de forma global, isto é, como homem total. Cada uma de suas relações humanas com o mundo - ver, ouvir, cheirar, saborear, sentir, pensar, observar, perceber, querer, atuar, amar - ,..."

DUARTE. Rodrigo A. de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital*. (Coleção: Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.(p.63).

Reflexão significa relacionar representações entre si e colocá-las em imbrincamento com as nossas potencialidades mentais do conhecimento. No juízo³² determinante o particular é fornecido pela sensibilidade, conseqüentemente, é possível se raciocinar a possibilidade de que o conteúdo do conceito lugar seja uma singularidade, um juízo. O "mundo sensível" do lugar é a sua singularidade/universalidade, há um materialismo/idealismo sensível que não nega a questão da natureza orgânica/inorgânica refletida nos manuscritos de Marx.

No juízo reflexivo, para se encontrar a unidade da multiplicidade (o singular no plural) temos que elaborar a hipótese teórica (os princípios são compostos pelos objetos já determinados pelo juízo teórico). A natureza tem a disposição de ser sistematizada porque tem um princípio determinado pelo entendimento e, sempre, ela deve ser, e haver, de acordo com ele.

³² PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 158):

"De um modo geral, o juízo pode ser definido como a faculdade de pensar o particular como contido no universal".

SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4) . (p. 40):

"É o juízo que deve procurar o universal, sendo, por isso, o juízo reflexivo."

MARX, Karl. . *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121). (p. 170):

"O homem – por mais que seja um indivíduo particular, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo – é, na mesma medida, a totalidade, a totalidade ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização de vida humana."

"Pensar e ser são, pois, na verdade, diferentes, mas, ao mesmo tempo, formam em conjunto uma unidade."

O juízo na sua variável de reflexão e determinação necessita de um princípio conceitual oriundo da potencialidade do entendimento: "Ele não impõe regras e o princípio do julgar é realizar uma harmonia entre a natureza (objeto, ser e coisa) e sua regra, é relacionar o singular na sua multiplicidade (reflexionante) como o universal (plural) na sua unidade (determinante)"³³. A natureza por ser uma universalidade empírica é passível de ser determinada e a faculdade de julgar decide o que vai ser, ou não, sistematizado. O potencial de julgar não determina o objeto, o ser ou a coisa em si, mas os fins últimos da natureza dotada de suas leis empíricas. Estuda-se a natureza como fruto do entendimento, e o princípio a priori da faculdade de julgar é tornar a natureza apropriada ao juízo.

Nos homens as sensações são transformadas em pensamentos quando se aplicam às sensações as formas de percepção de espaço e de tempo, imbricadas nas sensações que registradas enquanto pensamentos que se desdobram como doutrina do conhecimento sensível e de suas formas a priori como estética transcendental. Trata-se do primeiro momento no qual o homem coordena as sensações aplicando-lhes as formas puras de percepção de espaço e de tempo. Kant chama esse momento de Estética Transcendental, caracterizada como sendo doutrina do conhecimento sensível e de suas formas a priori. Depois do processo de aplicação nas sensações, das formas de percepção temporal e espacial, ocorre a realização da inserção das categorias de pensamento às percepções, aplicando-lhes as formas de concepção ou categorias de pensamento.

³³ SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. . *Elementos de estética. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4). (p. 41):*

“O Juízo, tanto na sua capacidade de refletir como na de determinar necessita de um princípio conceitual determinado pela faculdade superior do entendimento. O Juízo não proporciona regras. O princípio do julgar é colocar em sintonia a coisa (natureza) e sua regra, é relacionar o particular na sua diversidade (reflexionante) como o geral (universal) na sua unidade (determinante).”

São estes modos de inserção das categorias de pensamento que dão sentido às percepções³⁴. Os dados provenientes da experiência, e as várias maneiras de entendimento oriundas do sujeito são reunidas e determinam as percepções dos objetos, dos seres e das coisas. Os sentidos recebem impressões do mundo exterior, mas estas projeções não compõem um saber sobre o objeto. As projeções são superficiais e separadas entre si, elas são constituídas por variáveis diversas, múltiplas e caóticas.

O homem portador do saber ordena as variáveis, assim determinando a origem às percepções do objeto e sendo dotado do saber para realizar tal atividade mental utiliza-se das formas de espaço e de tempo. Mas, nesse estágio as percepções ainda não atingiram o nível de entendimento e permanecem ainda na esfera da sensibilidade. O homem, ordenando essas percepções, faz com que o entendimento origine a síntese que se manifesta por meio do juízo (plural, singular, afirmativo, negativo, flexionante,...). Estes juízos só são realizáveis em função de modos gerais “puros”

³⁴ PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990).(p. 61):

“A lógica transcendental é, pois, uma lógica das formas do entendimento enquanto estas são constitutivas da experiência. Divide-se numa Analítica e numa Dialética, tal como a lógica de Aristóteles”.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. – (Os Pensadores). (p. 97):

“Numa lógica transcendental, isolamos o entendimento (como acima, na estética transcendental, a sensibilidade) e destacamos do nosso conhecimento apenas a parte do pensamento que tem sua origem unicamente no entendimento. O uso deste conhecimento puro repousa, porém, na seguinte condição: de que na intuição nos sejam dados objetos aos quais ele possa ser aplicado. Na ausência de intuição, todo o nosso conhecimento carece de objetos, e então permanece inteiramente vazio. A parte da lógica transcendental, portanto, que expõe os elementos do conhecimento puro do entendimento e os princípios sem os quais um objeto de maneira alguma pode ser pensado, é a analítica transcendental, e ao mesmo tempo uma lógica da verdade.”

(modos gerais desprovidos de experiências) que operam na capacidade pensante do ser.

As categorias puras asseguram os juízos, que são necessários e, justamente por isso, são verídicos³⁵. O homem cria o material do saber tendo como ponto abalizador determinadas condições subjetivas, que são as faculdades. As potencialidades entendidas como sendo a sensibilidade com as formas de tempo e de espaço, e o entendimento com os conceitos primários chamados de categorias. O sujeito sem as formas ordenadas e organizadas de tempo e espaço não consegue ordenar e organizar as sensações e não ocorreria o processo de percepção. Estas formas são puras, isto significa dizer que existem independentes da experiência, que têm uma dupla composição: ela é constitutiva de categorias “a priori” e de objetos empíricos. Os juízos sintéticos só são legitimados enquanto frutos de uma experiência que impõe características ao que se pensa. O predicado é originário de uma

³⁵ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).(p. 59):

“Os juízos analíticos se fundamentam no princípio de identidade. São universais – válidos, portanto, em qualquer tempo e lugar – e necessários, pois não poderiam ser de outra maneira. São captados intuitivamente; logo, são juízos s priori, isto é, independem da experiência. Por isso, nenhuma experiência científica lhes nega o caráter de verdadeiros.”

“Os juízos sintéticos, por sua vez, se fundamentam na experiência. Como esta se efetua num tempo e num espaço determinados, não são nem universais nem necessários, mas particulares e contingentes. Logo, são verdadeiros apenas quando comprovados pela experiência; daí serem a posteriori.”

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 111-112):

“Por exemplo, na expressão Pedro é homem há um juízo que é síntese de percepções, que, por sua vez, é síntese de sensações produzidas pelo mundo exterior. porém, os juízos (afirmativos, negativos, universais, particulares, etc.) só são possíveis em função dos modos universais a priori de operar do intelecto. São as categorias a priori que garantem os juízos, que são conceitos necessários e, por isso, devem ser verdadeiros.”

“sensação” (consciência de um estímulo), efetuada num tempo e num espaço “determinado”, particulares e contingentes como as sensações que elaboram o conteúdo dos juízos sintéticos, que são a posteriori, devido não serem universais e nem necessários como os juízos analíticos captados intuitivamente porque o sujeito possui o predicado. Tais juízos são a priori devido ratificarem o que o sujeito tem em si próprio, entendendo-se que no seu cerne ele é, e há, enquanto ser subjetivo/objetivo.

A intuição só pode ser investigada com este pressuposto filosófico de se tentar explicitar a potencialidade humana de poder conhecer, que é dar forma a uma matéria pois é claro que ela é a posteriori, e a forma, é a priori. Com efeito, a matéria do conhecimento é variável de um objeto a outro, visto depender do objeto.

Mas a forma, sendo imposta ao objeto pelo sujeito, será reencontrada invariavelmente em todos os objetos por todos os sujeitos³⁶.

³⁶ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 74):

“O homem, portanto, no ato de conhecer, desde o fato primordial da sensação, imprime a marca de sua subjetividade em algo e se torna objeto. Conhecer é, de certa maneira, submeter algo à nossa subjetividade. Alguns expositores de Kant lembram imagem feliz, quando dizem que nós não podemos apanhar um bloco de neve, sem lhe imprimir a forma de nossos dedos. O que é conhecido conserva sempre os sinais das garras apreensoras de nossa subjetividade”.

LUCKESI, Cipriano Carlos et al. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 113):

“O pensamento kantiano trouxe grande contribuição à problemática política, mas foi na teoria do conhecimento a sua mais significativa participação. Ele mudou os rumos da teoria do conhecimento ao mostrar que, apesar do mundo exterior nos ser dado apenas como sensação, a mente humana por ser ativa seleciona e coordena toda a experiência. Deu ao sujeito um papel significativo no processo do conhecimento e na moralidade”.

PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 36):

“Conhecer é dar forma à uma matéria dada e é claro que a matéria é a posteriori, e a forma, a priori. Com efeito, a matéria do conhecimento é variável de um objeto ao outro, visto depender do objeto; mas a forma, sendo importa ao objeto pelo sujeito, será reencontrada invariavelmente em todos os objetos por todos os sujeitos”.

Os juízos analíticos são compostos por um predicado que não é proveniente de uma “sensação”. Ele é inerente ao sujeito independente de qualquer análise e não acrescenta nenhuma característica nova ao sujeito, ao contrário dos juízos sintéticos identificados pelo fato do predicado acrescentar alguma coisa nova ao sujeito. As experiências, não contidas no sujeito, mas existentes no predicado são particulares dos juízos sintéticos. Assim, há conhecimentos a posteriori (juízos sintéticos) e conhecimentos a priori (analíticos). Os juízos sintéticos a posteriori dotados de peculiaridades condicionais se referem a experiências finalizadas “em si mesmas”. Mas, os juízos sintéticos a priori são componentes da célula central da teoria do conhecimento elaborada por Kant. O fato consiste na afirmação de que a capacidade de conhecer não é determinada pelo objeto, mas, que o próprio é regulado pela potencialidade humana de conhecer. As bases apriorísticas da sensibilidade estão substantificadas na “Estética Transcendental”, enquanto estudo da sensibilidade onde o conhecimento prioritariamente se preocupa com o modo a priori de conhecer os objetos. Na Estética Transcendental a sensibilidade (material/receptiva e formal/ativa), enquanto faculdade de intuição, é pensada como uma condição humana pela qual as criaturas são apreendidas pelo sujeito cognoscente, onde a matéria do conhecimento são as impressões que o sujeito absorve do exterior e a forma manifesta a ordem que estas impressões são registradas.

A sensação é a consciência de um estímulo, mas ainda não é conhecimento. Quando as sensações se juntam em torno de um objeto no tempo e no espaço ocorre a percepção ou intuição. Acreditamos que a sensação apresenta-se como um estímulo (som, gosto, cheiro, temperatura, pressão,...) não ordenado; a percepção já é o estímulo organizado; a concepção é a percepção ou intuição sistematizada.

A ordem do lugar é fruto do pensamento organizado que conhece o lugar devido “o mundo tem origem, não por si

mesmo, mas porque o pensamento que conhece o mundo é em si mesmo uma ordenação”³⁷. Como se substantifica o pensamento "organizado" do pescador artesanal no lugar Marambaia? Como o lugar Marambaia recria o pensamento do pescador? Será que o pensamento kantiano é relativista e o lugar é a “especificidade” da ordem?

O fato histórico do indivíduo cognoscente perceber as coisas como exteriores a ele, e exteriores em relação a elas mesmas, não determina que crie a noção de espaço. O espaço é, e existe, como uma estrutura intrínseca a sensibilidade do indivíduo cognoscente e viabiliza que perceba os objetos relacionados espacialmente, onde o espaço for, e existir, mesmo que sejam subtraídas todas as criaturas espacialmente imbricadas. O espaço é apriorístico³⁸. A simultaneidade das coisas e sua repetição não seriam percebidas se o tempo não fosse apriorístico. Tudo pode sumir, mas o espaço e o tempo são fundamentos primeiros.

³⁷ SILVA, Úrsula Rosa da et al. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. (Temática Universitária 4). (p. 37):

“A sensação é a consciência de um estímulo (gosto, cheiro, som, temperatura), é a experiência incipiente, mas ainda não é conhecimento. Porém, quando estas várias sensações unem-se em torno de um objeto no espaço e no tempo, há uma percepção (intuição), ou seja, há consciência, não de um estímulo, mas de um objeto específico. Assim a sensação torna-se conhecimento... O conhecimento tem ordem, não por si mesmo, mas porque o pensamento que conhece o mundo é em si mesmo uma ordenação”.

³⁸ PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 51, 55):

“O espaço é a priori, porque a sua representação é a própria condição da possibilidade dos fenômenos. Com efeito, pode-se conceber um espaço em que não houvesse objeto algum, mas não se pode perceber um objeto fora do espaço... O tempo é uma intuição pura, como espaço e, enquanto tal, é a condição de todo o vir-a-ser; a mecânica e a física repousam nessa intuição a priori, assim como a geometria repousa na intuição a priori do espaço”.

O espaço e o tempo são formas nas quais encontramos interiormente ordenada a multiplicidade oriunda da sensação. O nosso espírito tem a capacidade de nos representar coisas como existentes fora de nós. Tal faculdade do nosso espírito de registrar o “sentido exterior” é o espaço; e o tempo é a forma do “sentido íntimo”, condição do nosso espírito de perceber-se a si mesmo intuitivamente, de perceber os seus momentos internos. No espaço observamos os objetos externos e no tempo os estados internos (algo em nós mesmos). Assim, este algo em nós mesmos nos remete para a questão da memória, da história oral espalhada no ímpar modo de vida que é lugar, de tempo interior aos ditames dos passos lentos nos caminhos do labirinto cartografado enquanto comunidade intuitiva, subjetiva, sensível e materialista via o tempo lento/cíclico dos botes movidos pela ação eólica, corrijo, pelos ventos de lansã refletidos no espelho das águas de Iemanjá, inerente a sobreposição e domínio do trabalho vivo, em relação ao nível de capital constante, nas pequenas pescarias artesanais do lugar.

O labirinto que cartografa-se enquanto comunidade da Marambaia ratifica que é lugar, já que, existem interpretações de que o espaço tem a potencialidade de produzir segundo os ditames das classes sociais, e que as diferenciações de classe são materializadas e visíveis através de em um simples passeio pelo espaço social³⁹. Mas, é lugar de labirinto e labirinto de lugar que só pode ser percorrido no ritmo cultural dos passos lentos e somente pelos pescadores artesanais que sabem onde encontra-se o Lobisomem/Minotauro, ambos protegidos pelos ventos de lansã e pela espada de São Jorge Guerreiro (Recordas de Jorge da mercearia dos homens?)

³⁹ SILVA, Eunice Isaías. *O Espaço: Une/Separa/Une. GEOGRAFIA, Território e Tecnologia. Terra Livre – AGB, São Paulo, n. 9, julho-dezembro, 1991.* (P.136).

O tempo lento⁴⁰ não subtrai do cenário do palco o tempo cíclico, porque a vagarosa contração/tempo espaço intrínseca na afêfê e no ubori de Iansã (Santa Bárbara), na olóòbè de Ogum (São Jorge)⁴¹, na confecção manual da rede, no aperfeiçoar minucioso do acabamento da embarcação e na tramela da porta, faz o imbricar cultural de ambos tempos sociais/naturais⁴². No lugar a imagem mítica do mundo soma-se a baixa contração tempo/espaço inerente ao modo de vida particularizado por ser reproduzido através de um tempo lento/cíclico, isto é, a tramela e

⁴⁰SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo (Globalização e meio técnico - científico informacional)*. (3 ed.) São Paulo: Hucitec, 1997. (p.84 e 85):

"Quem, na cidade , tem mobilidade - e pode percorrê-la e esquadrinhá-la - acaba por ver pouco da cidade e do Mundo."

"Se pobres, homens comuns, os homens lentos acabam por ser mais velozes na descoberta do mundo, seu comércio com o prático-inerte não é pacífico, não pode sê-lo, inseridos que estão num processo intelectual contraditório e criativo."

MUMFORD. Lewis. *Arte e Técnica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (p.58, 59 e 60):

"...; pelo menos retardá-lo-ia o tempo suficiente para aperfeiçoar o acabamento, ou então modificar-lhe-ia um pouco a forma para poder, além de cumprir a sua função deleitar igualmente o olhar."

"...Não tinha grandes pressas, obedecia aos ritmos do corpo, descansando à medida que o trabalho prosseguia e prolongando as partes que mais lhe interessavam, pelo que , ainda que o trabalho avançasse lentamente, ... Talvez a produção comercializada para o tráfico marítimo tenha introduzido, já nos tempos antigos, urgências extraordinárias no trabalho do artesão, fazendo-o acelerar o ritmo, ...deixando a obra de levar a sua assinatura inimitável."

⁴¹REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000. (p.93 e 166).

⁴²MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993. (p.36):

"Uma outra diferença, que é necessário considerar na pesquisa desses movimentos, é relativa à concepção de tempo. O nosso tempo nada tem que ver com o tempo deles. O nosso tempo é um tempo linear, começa tal hora, com tantos minutos, tantos segundos, e assim por diante."

o horário de acordar do sono determinado pelo nascer do sol relaciona-se, contraditoriamente, com as festas e os rituais que, por sua vez, formam o elo que liga as séries cronológicas nas quais se organiza a vida prática dos homens ao tempo mítico, aos seus antepassados e descendentes vivos que existem em temporalidades tidas como diferentes. Como "A experiência do tempo é indissociável da experiência do espaço"⁴³ e que "O espaço e o tempo são o arcabouço que sustenta toda realidade"⁴⁴ há uma denúncia intrínseca de que todas as variáveis culturais do singular modo de vida, que constituem o conteúdo do tempo lento/cíclico, são dialeticamente os registros geográficos do lugar, que sendo imaginário/simbólico-capital/trabalho, não pode ser desprovido da dimensão social espaço, já que, não existe tempo sem espaço e a recíproca é legítima.

O espaço não é fruto das experiências exteriores, já que, todas relações exteriores supõem o espaço que é representado como fundamento a priori devido a sua existência ser a condição primária para a possibilidade dos objetos.

⁴³ CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo:Convívio,1975. (p.145).

⁴⁴ CASSIRER, E. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. (p.75)

“O espaço é único e onicompreensivo”⁴⁵ e o que existe de múltiplo (muitos espaços) são simples limitações. Ele é uma intuição pura, porque possui uma infinidade de representações, e não é um conceito pois caracteriza-se como sendo a representação da peculiaridade comum de uma multidão infinita de representações. As determinações espaciais são de origem intuitiva (sintéticas e a priori) porque objetos concebidos de maneira idêntica pelo entendimento são diferentes. Assim, podemos observar que a diferença entre o comprimento, altura e largura das embarcações para a técnica do carpinteiro artesão é de singular significado, mas são diferenças inexistentes no entendimento comunitário de um valor de uso a priori.

Quando falamos no trabalho do pescador artesanal, estamos sinalizando a questão da existência de um tempo lento/cíclico, que é registrado não só na baixa composição orgânica do capital de uma atividade de reprodução simples (com características da força motriz ser humana e muscular) e remetendo ao debate do jeito de viver centrado no ritmo dos passos vagarosos do pescador nos caminhos de areia, das casas

⁴⁵ PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 52):

“... do ponto de vista da extensão, um conceito deve aplicar-se a objetos diversos: o espaço, ao invés, não é aplicável senão a ele mesmo: ele é uno.”

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). (p. 73):

“Mediante o sentido externo (uma propriedade da nossa mente) representa-nos objetos como fora de nós, e todos juntos no espaço. Neste são determinadas ou determináveis as suas figura, magnitude e relação recíproca. O sentido interno, mediante o qual a mente intui a si mesma ou o seu próprio estado interno, na verdade não proporciona nenhuma intuição da própria alma como um objeto; consiste apenas numa forma determinada unicamente sobre a qual é possível a intuição do seu estado interno, de modo a tudo o que pertence às determinações internas ser representado em relações de tempo. O tempo não pode ser intuído externamente, tampouco quanto o espaço como algo em nós”.

sem fechaduras e nem ferrolhos e na existência do mito lobisomem. A subjetividade efervescente faz necessária a leitura de Marx sobre a natureza orgânica/inorgânica do homem e faz vigente o estudo referente a relação da produção mercantil pequena com a natureza não oriunda do trabalho braçal e mental do homem. Assim, voltamos à reflexão sobre a humanização do pescador artesanal e os sentimentos de prazer que este trabalhador transfere para os objetos, seres e coisas que compõem e são o seu modo de vida materializado no labirinto, que simboliza a própria “vida”.

Neste exato momento temos a presença de Platão quando Kant nos diz que “a fé na imortalidade da alma (metempsicose)⁴⁶ é necessária para que se conceba uma vida supra-sensível na qual a virtude possa receber seu prêmio”. O estudo de Kant reforça a necessidade para se pesquisar os mitos, os orixás, os deuses e as deusas na cultura dos pescadores da Marambaia, o significado das entidades “sobrenaturais” na história da comunidade que é conteúdo do conceito lugar, do lugar Marambaia, que sendo praia, simboliza⁴⁷ a meditação, os pés descalços na areia e o sentimento de prazer que atribuímos à laguna, que como mar é

⁴⁶ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 96):

“A alma que vivera no mundo das essências fora castigada e, agora, vive em um corpo no mundo das sombras e o seu anseio natural é retornar ao mundo verdadeiro de onde viera. Enquanto não procede este acontecimento, a alma busca pelo conhecimento, ascender às idéias que são as essências. Lá se dá o verdadeiro (a suma a verdade), o bem (o sumo bem), o belo (o sumo belo)... Nesse contexto, a alma é considerada superior ao corpo, devido ao fato dela ser iniciada e imortal.”

⁴⁷ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Logos, 1959.

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

reservatório dos pescados que fazem florescer a alegria feito festa no litoral nordestino⁴⁸.

A praia que margeia o mar é bela. O juízo estético não é subordinado ao ato de conhecer, já que o mesmo encontra-se dependente de si mesmo, é um outro reflexionante devido a representação ser feita sem conceitos: "O juízo estético referente a natureza ou a arte é constitutivo de sentimento de prazer ou desprazer. Assim, Kant entende que o belo é oriundo da relação que ocorre entre os objetos, seres e coisas como nosso sentimento de prazer que transmutamos para os seres. O belo proveniente do sentimento de prazer é comparado a este e por este sentimento avaliado impõe o juízo de gosto ou estética"⁴⁹.

O belo é prazer desinteressado, prazer desinteressado numa universalidade subjetiva individualizada, despossuído de qualquer fim determinado é a forma de finalidade do objeto percebida através de uma intencionalidade social/natural que é o prazer (livre as partes do todo possui uma intencionalidade perceptível através da qual entendemos que o conjunto é belo). No caso do lugar entendemos que o individualizado é toda a identificação que dotada de um específico traço cultural impõe prazer numa subjetividade que só é, e há, enquanto objetivação, falo, embate matéria/idéia. O raciocínio nos expõe que o belo da natureza tem uma intencionalidade perceptível à qual atribuímos o nosso sentimento de prazer ou beleza, enquanto que a obra de arte, criada pela natureza braçal e pensante do homem, é dotada de uma intencionalidade camuflada, fazendo com que a mesma seja manifestada e expressa, como se fosse espontaneamente criação

⁴⁸ JUNIOR, Gonzaga. *Festa. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maricotinha ao Vivo. São Paulo: Gravadora: Biscoito Fino. Produção: Sarapuí, 2002.*

⁴⁹ SILVA, Úrsula Rosa da et al. *Elementos de estética. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. (Temática Universitária 4). (p. 43):*

"Na estética, o Juízo não está a serviço do sistema de conhecimento, está a serviço de si mesmo, é um juízo reflexionante puro, ..."

da natureza nata, não produzida e nem criada pelo ser humano. O belo é potencialmente carregado de uma intencionalidade e de uma espontaneidade imbricadas onde a obra de arte parece natureza. O belo é uma qualidade que transferimos às coisas para registrar a experiência que realizamos de nossa subjetividade e legitimidade pelo sentimento de prazer (no belo a universalidade é subjetiva e comum como base primária para o juízo estético). O lugar possui um ímpar modo de vida que registra-se historicamente como experiência cultural inerente a reprodução do necessário⁵⁰ labirinto no qual somente os pescadores podem se esconder da acelerada contração tempo/espço e sentirem a relatividade da liberdade e do prazer que comunitariamente compartilham com os estranhos, basta lembrarmos do simbolismo da paia e do mar.

Natureza não é arte. A atividade livre e voluntária é condição primária para a identificação de uma arte inerente de prazer e de conhecimento.

O juízo reflexivo denuncia a verdadeira arte bela, enquanto originária da imaginação humana, cuja intencionalidade não possui um fim imposto. A genialidade é que vai impor as regras⁵¹ para o entendimento sobre arte bela, já que a arte não é uma ciência. Kant escreve que "o gênio é possuidor de um dom natural que cria

⁵⁰ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981. (p.81):

"A necessidade e a vida são tão intimamente aparentadas e acorrelatas que a própria vida é ameaçada quando se elimina totalmente a necessidade. .Pois, longe de resultar automaticamente no estabelecimento da liberdade, a eliminação da necessidade apenas obscurece a linha que separa a liberdade da necessidade."

⁵¹ HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. (p.258):

"Dentre as inúmeras consequências dessa aceleração generalizada dos tempos de giro do capital, destacarei as que têm influência particular nas maneiras pós-modernas de pensar, de sentir e de agir."

HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: UNESP, 1997.(P.33).

regra para a arte, ou seja, é uma inata condição de ânimo (*ingenium*) através da qual a natureza fornece e determina regra a arte”⁵².

Pensamos no "dom natural" como a "natural" contradição em processo, existente entre o natural/social que é documentada geograficamente no pescador artesanal comunitário, que como um

⁵² SILVA, Úrsula Rosa da et al. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. (Temática Universitária 4). (p. 47, 49):

“Kant, primeiramente, distingue arte de natureza sendo a arte voluntária e livre produção da qual só o homem pode ser artífice e a natureza, por sua vez, uma produção rigidamente determinada por uma série causal... Entra em cena a figura do gênio que, para Kant, é o talento (do natural) que dá regra à arte (...), é a inata disposição de ânimo (ingenium) pela qual a natureza dá a regra à arte”.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). (p. 18):

“A obra de arte é concebida por Kant como produção consciente de objetos que geram a impressão de terem sido produzidos sem intenção. Sua faculdade específica é o gênio que atua conscientemente, com necessidade semelhante à das formas naturais, sempre de maneira original e distinguindo-se da atividade científica”.

Ogum domina os ventos e mata os dragões do mar, já que, todos os orixás são geniais e "sociais"⁵³

O gênio possui talento (originalidade que não é sinônimo de habilidade), cria modelos ou exemplos de regra do juízo para as próximas criações e tem juízo de gosto (o belo da arte é um registro belo de alguém, algo ou alguma coisa). Assim, o gosto entendido enquanto capacidade de avaliar, e não obrigatoriamente uma potencialidade produtiva, faz com que a “imaginação”, que é uma faculdade produtiva que cria idéias estéticas, não tenha que ser submetida a imposições de conceitos já que a estética é a comunhão da imaginação com o entendimento, e a recíproca é verdadeira.“ Nem todos os gostos dos pescadores artesanais do lugar são transformados em valor de troca para o típico mercado capitalista, e que o singular imaginário não é uma imposição da realidade geograficamente determinada da cidade, ou de outra localidade relacionada com a comunidade praieira.

⁵³ FREITAS, João de. *Xangô Djacutá*. (2 ed.). Rio de Janeiro: Cultura Afro-Aborígine, sd. (p.33):

"Os deuses, do panteão africano, representam as forças da natureza como acontece com os do helênico, do romano, do egípcio, do persa, e outros , tal como se vê no panteão brasileiro cuja entidade 'suprema é Tupã e o deus do trovão é Caramurú."

LOBOS, Heitor Villa e BARROS, C. Paula. *"Canto do Pajé"*. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia 25 ANOS. Rio de Janeiro: Fonobras/PolyGram, 1990:

"...Oh, Tupã Deus do Brasil

Que o céu enche de sol

De estrelas de luar e de esperança

Oh, Tupã tira de mim esta saudade

Ah, Anhangá me fez

Sonhar com a terra que perdi

..."

Mas, como a idéia estética possui conceitos da razão afirmamos que a idéia estética é objetivada via faculdade do conhecimento (teoria), a faculdade da vontade (prática) e a faculdade do sentimento do gosto ou imaginação produtiva (juízo).⁵⁴ Entendemos que a beleza pura só existe num imbricamento de formas onde reina a harmonia do pensamento com o sentimento, e que o juízo reflexionante que trata da representação de um objeto, ser ou coisa é ligado à subjetividade do homem. Notamos que nesta subjetividade o sentimento de prazer (exemplo: a beleza pura) e desprazer é o seu princípio reflexionante, que soma a capacidade humana de conhecer com a de desejar, no momento em que subordina um elemento representativo a um fim. Perguntamos se existe alguma peculiaridade geográfica de juízo estético, da experiência estética ou de gosto dos pescadores do lugar, porque eles possuem uma visão “única” do mundo devido terem, de forma direta e imediata,

⁵⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). (p. 17, 18):

“Para Kant existem duas espécies de juízo reflexionantes: os teleológicos e os estéticos. Nos teleológicos, o objeto é considerado segundo as exigências da razão, como correspondendo a uma finalidade objetiva; adaptando-se aquelas exigências, suscita um sentimento de prazer. Nos juízos estéticos, o objeto é relacionado com um fim subjetivo, ou seja, com o sentimento de eficácia sentido pelo homem diante desse objeto... Ao contrário, num sentimento do belo, não ocorre este tipo de condicionamento: a finalidade a que corresponde o objeto deve ser inteiramente desprovida de qualquer intenção e consistir simplesmente num efeito que produz num modo de considerar as coisas, prescindindo da realidade empírica do objeto. O que importa num sentimento do belo é apenas a forma da representação, na qual se realiza a plena harmonia entre as funções cognoscitiva, sensível e intelectual... A beleza pura ou livre de todo o interesse pode ser obtida, segundo Kant, somente num jogo de formas em que se realiza a harmonia do pensamento com o sentimento, por si mesmo e sem nenhum significado: nas flores, nos arabescos, na natureza idílica.”

as relações sociais enquanto natureza orgânica/inorgânica deles próprios, posto que os recursos da natureza não criada e nem produzida pelo trabalho fazem parte do mundo sensível dos mitos, das curas, das feitiçarias e do trabalho. Qual a experiência estética de uma atividade capitalista artesanal onde o capital se constitui pela rapina, por existir múltiplas formas de extração, apropriação e realização do trabalho roubado. A eterna acumulação primitiva (não ocorre só através do assalariamento) alimenta o processo de reprodução ampliada do capital e viabiliza específica experiência estética no lugar geográfico (?), que é lugar por ser condição da eterna acumulação primitiva e de particular juízo estético.

HEGEL

Hegel nos faz pensar que a noção geográfica de lugar se fundamenta num princípio “uterino” que lhe é o “conceito” (a semente), “o lugar geográfico é a materialização do conceito, da peculiaridade do conceito e da realidade”⁵⁵. O ímpar modo de vida é o princípio que horizontal e vertical se espraia espacialmente enquanto lugar geográfico. Mas, entendendo-se que esse princípio possui similitudes com outros que são demais lugares geográficos.

Refletimos que a relação histórica do ser humano, enquanto animal pensante dotado de várias e diversas dimensões e extensões singulares e plurais (psíquicas, psicológicas, anatomicamente corpóreas, naturais/sociais), no seu diálogo com a sua “aparente” natureza exterior, compõe o embrião que comunitariamente se impõe para a própria humanidade enquanto lugar.

⁵⁵ PENHA, João da. *Períodos filosóficos. (Séries Princípios)* São Paulo: Ática, 1987. (p.60):

“Uma vida, que circula na árvore, nos ramos, nas folhas e nos frutos, constitui o conceito em estado de realidade viva. O germe contém em potência tudo o que, no espaço, aparece em ato. Este tronco, esta variedade de folhas, de ramos, este perfume das flores, este sabor dos frutos, tudo isto que existe na árvore, existia na semente sem que, todavia, nela pudéssemos discernir nem recorrendo ao microscópio.”

CHÂTELET, François. *Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (p. 79):

“O Saber absoluto é precisamente esse conjunto. É o recenseamento sistemático de tudo o que sucedeu ao homem, consciência fazendo-se Espírito, nos múltiplos domínios de sua expressão. Ele não figura no círculo, pois ele é o círculo”.

O diálogo é a troca contraditória e conflituosa entre o ser, a coisa e o objeto com seus semelhantes/desiguais registrados na pluralidade/singularidade da natureza que só existe como sendo orgânica e inorgânica em relação a si própria e no relacionamento social entre o tudo/nada⁵⁶, cuja realidade histórica é a unidade da multiplicidade dos multiformes que são, e compõem, o tudo/nada e a recíproca é verdadeira. O trabalhador artesanal é a Marambaia da mesma forma, jeito e maneira que a Marambaia é o pescador, legitimado na manifestação e expressão do seu modo de vida, cujo simbolismo inerente ao trabalho e ao imaginário fornece uma identidade e uma espacialidade geográfica ao nada, cujo nome é lugar.

A cultura do pertencimento, da conservação e da manutenção do conteúdo da maneira de viver são características básicas do conceito lugar, porque o medo da perda significa o fim da memória e a chegada do esquecimento, que essencialmente é a vinda da saudade, isto é, o tudo que simboliza o vazio deixado pela extinção, pelo desejo do passado e pela perda do seu dado histórico substantificado no lugar, que só tem sentido de ser, e haver, para o próprio pescador artesanal, que é a maior denúncia da existência da Marambaia praieira, milagrosa, medrosa e lenta: “Ele foi para a procissão de Ogum!”⁵⁷; “Ela faz a água ferver na cabeça!”⁵⁸; “No cais tem feitiçaria!”⁵⁹

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser(O Caminho do Campo)*. São Paulo: Duas Cidades, 1969. (p.55):

"Leonardo da Vinci escreve: O nada não tem centro, e seus limites são o nada. Entre as coisas grande que se podem encontrar entre nós, o ser do nada é a maior....A palavra deste grande homem não pode nem deve provar nada; mas aponta para as perguntas: De que maneira dá-se ser, dá-se nada? Donde nos vem um tal dar? Em que medida estamos já a ele entregues enquanto somos seres humanos?"

⁵⁷ Lourdes

⁵⁸ Dodoca.

⁵⁹ Bila.

Hegel, influenciado por Platão e Kant, pensou o mundo tendo como base que a idéia era o princípio anterior aos seres, aos objetos e as coisas. Havia um mundo das idéias, mas, investigado diferentemente do idealismo de Platão e de Kant. O posicionamento referente à idéia anterior se fundamenta pelo caminho da racionalidade⁶⁰ (lembra-se da razão platônica?) e evitando o debate pelo viés da causalidade. A investigação com explicação racional prioriza a sucessão de um processo onde “a consciência agora transformada em espírito, como totalidade inteligível englobando a cultura, isto é, ainda como conjunto sistemático do que é e do que foi dito e pensado”⁶¹. Assim, colocamos na pesquisa filosófica que há categorias universais (“a priori”) que são de uma anterioridade de origem lógica e não cronológica ocorre uma precedência em tudo e da qual todos procedem. É neste exato instante da pesquisa que Hegel realiza um diálogo frutuoso com Platão e com Kant (o mundo da imortalidade da alma e o mundo a priori). A simultaneidade cronológica não é inerente a prioridade historicamente criada pelo ser pensante.

Questionamos se no modo de vida do lugar, que só existe como singular identidade comunitária, temos expressões mitológicas e simbólicas que, na contradição existente entre os vários processos de trabalho do diálogo histórico da humanidade, são culturalmente “prioritárias” para o estudo sobre o conteúdo do conceito lugar. Exemplificamos realizando uma reflexão sobre a evidência de entidades astrais e sobrenaturais que, conjuntamente com o trabalho objetivado nas pescarias artesanais, constituem variáveis geográficas do lugar e coloca na mesa a questão da

⁶⁰ PENHA, João da. *Períodos filosóficos. (Séries Princípios)* São Paulo: Ática, 1987. (p.37):

"Idéia (eidos, em grego) traduz-se por figura, aspecto, visão. É o objeto por excelência do conhecimento intelectual segundo Platão. "

⁶¹ CHÂTELET, François. *Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (p. 74).

subjetividade sacro-religiosa/mitológica na Marambaia, sempre desenhada nos caminhos do labirinto, que sinaliza os conflitos verticais do ser humano que não é só coisificação da combinação do capital com o trabalho.

Trata-se de convidar a leitor par a uma conversa entre Platão⁶², Kant, Hegel⁶³ e Marx⁶⁴, visando um maior

⁶² PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 388, 392):

“Uma destas partes é a razão, órgão dos conhecimentos humanos; a segunda é o apetite irascível; a terceira tem três formas por de mais variadas para poder ser abrangidas sob o nome particular; mas designa-se ordinariamente pelos seus traços mais notáveis e acentuados. Chamamo-la apetite com concupiscente, pela violência dos desejos que nos impelem a comer e a beber, aos prazeres do amor e outros deleites sexuais; e também dizemo-la avarenta, porquanto é o dinheiro o meio mais eficaz de satisfazer a todas estas variedades de desejos...”

“Logo, dos três prazeres que se trata, o mais suave e grato é o que experimenta a parte da alma que serve de órgão dos conhecimentos; e o homem que dá a esta parte todo o império sobre si mesmo, esse passa a vida mais feliz.”

⁶³ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987. (p. 61):

“Como tanto de seus predecessores, sendo Platão e Kant os exemplos supremos, Hegel buscou explicar o mundo a partir da idéia. E explicar as coisas a partir da idéia é, de alguma maneira, admitir que ela é anterior às coisas”.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética, a idéia e o ideal*. Estética, o belo artístico ou ideal. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 122):

“Ora, o mais alto conteúdo concebível pelo subjetivo é o da liberdade, que é a determinação mais nobre do espírito. Do ponto de vista formal, logo o sujeito se encontra a si mesmo em tudo que o envolve e nada vê que lhe seja estranho, limites ou barreiras. Já, considerada deste ponto de vista puramente formal, a liberdade significa a extinção de toda a miséria e de toda a infelicidade, a conciliação do sujeito com o mundo, transformado numa fonte de satisfações, o desaparecimento de toda a oposição ou contradição.”

⁶⁴ MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 171):

“A superação da propriedade privada é por isso a emancipação total de todos os sentidos e qualidades humanos, mas é precisamente esta emancipação, porque todos estes sentidos e qualidade se fizeram humanos, tanto objetiva como subjetivamente”.

questionamento sobre a humanização, onde, segundo Hegel⁶⁵, “o homem é o que não é o que é, e que é o que não é”. Nós visitamos Castoriadis objetivando aprofundar a reflexão sobre o embate produção simbólica/imaginário, já que, o mesmo relaciona-se com o imbricamento uterino entre o trabalho artesanal e a adoração e medo das "entidades astrais", ambas documentações geográficas apresentadas no nível da intersubjetividade/interobjetividade comunitária. Ele afirma que “o imaginário é igualmente, é claro, condição de todo pensamento - do mais simples, do quase-não pensamento, quase reduzido à manipulação mecânica de signos, se é que isso é possível, ao mais rico e mais profundo”⁶⁶.

⁶⁵ CHÂTELET, François. Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (p. 61):

“No entanto, Ser e Nada, que são da ordem do mesmo, não são o mesmo. O discurso imediato que os opõem tem base para fazê-lo, pelo menos na imediatidade. É a reflexão que evidencia o fato de que o Ser, desde que o pensamento seriamente, torna-se Nada e o Nada torna-se Ser. Imediatamente, os dois conceitos estão numa relação de alteridade; mediamente, introduz-se uma relação de identidade... O devir é a superação do Ser e do Não-Ser, que, ao mesmo tempo que ressalta a diferença entre eles, a reduz e a suprime.”

⁶⁶ CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (p. 380).

Diz que o “a priori” kantiano, que existe desvinculado de toda essência do fluxo representativo, é oriundo da eterna elaboração da imaginação radical que se torna pensamento porque as figuras da imaginação não ficam na indefinidade do fluxo representativo, pois elas se substantificam enquanto símbolos⁶⁷. O posicionamento de Castoriadis nos direciona para a questão sobre o fato de que, na anterioridade de natureza lógica hegeliana, o traço cultural historicamente determinado do sacro-religioso e mitológico inerente ao jeito de viver do lugar seja inerente a necessidade geográfica de se ser e se possuir o mito, como resultado e condição básica para a recriação de nossa comunidade inserida no tempo lento/cíclico das portas. Falamos em lugar, na identidade do singular culturalmente verticalizada, já que, para Hegel “ninguém duvida que o conceito de cadeira só se obtém depois da experiência proporcionada pelo objeto - esta ou aquela cadeira”⁶⁸. Ele afirma que o universal possui a potencialidade da noção de “realidade”, mas, não de “existência”, isto é, tudo só existe na dimensão do individualizado porque os conceitos elaborados pela

⁶⁷ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (p.277):

"A relação entre a significação e seus suporte (imagens ou figuras) é o único sentido preciso que se pode atribuir ao termo simbólico; é com que este sentido que este termo é utilizado aqui."

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico (coleção memória e sociedade)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. (p.9):

"Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados."

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro:Fundação Getúlio Vargas. 1967.(p.116):

"Nesse sentido, a interpretação do simbolismo, exige o conhecimento não só das teorias psicanalíticas bem como, de maneira assaz exaustiva, do material simbólico elaborado pelo folclore, pelas lendas, pelos mitos, etc."

⁶⁸ PENHA, João da. *Períodos filosóficos. (Série Princípios)* São Paulo: Ática, 1987. (p. 62).

capacidade pensante do ser são frutos do conhecimento que o ser humano adquiriu com o particularizado.

Hegel quando faz a pesquisa referente a fenomenologia do espírito, partindo do pressuposto de que o que é posterior cronologicamente possui uma anterioridade de gênese lógica, demonstra-nos a concepção de que o pensamento racional é a única potencialidade humana capaz de tudo entender e explicar. No caso da ciência geografia, enquanto um dos ramos do conhecimento historicamente imposto, é a razão concreta imbricada na realidade contraditória e conflituosa do mutável, já falado pelo “obscuro”. Segundo Heráclito, os seres, as coisas e os objetos possuem a característica intrínseca do mutável, do metamorfoseante e do transitório porque “nada há, ou existe, de estático, de permanente e de fixo no mundo. O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo”. O fogo é a própria história das coisas e dos homens enquanto contradição em processo, sinalizada pela vida. Marx faz a ratificação com a reflexão de que “...o sol é objeto da planta, um objeto indispensável e assegurado de sua vida,...E como tudo o que é natural deve nascer, assim o homem possui seu ato de nascimento: a história,...”⁶⁹.

Heráclito diz que a unidade, simbolizada pelo fogo, é a relação dos contrários que é a substância primária da unidade, isto é, tudo se faz por contraste porque a razão de ser do mundo é o interminável processo de elaboração e de explosão do mutável, já que “descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos”.

⁶⁹ MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200-201).*

Temos que procurar o sentido e razão que impõem tudo. "O obscuro" coloca que "só uma coisa é sábia: conhecer o pensamento que governa tudo através de tudo"⁷⁰. Zenão vai à busca da causa primeira e passa a ser tido por Aristóteles como o criador da dialética, que significava atingir a verdade via diálogo. Zenão utilizava a base do raciocínio de seu interlocutor para explicitar as contradições do mesmo. Platão, rezando que "o mundo dos espíritos" demonstrava a diversidade e mutabilidade do seres, dos objetos e das coisas e que o "mundo material" contraditoriamente revelava a unidade e a permanência destes mesmos seres, objetos e coisas, procurava a síntese pensada por Zenão, por Kant e por Hegel⁷¹.

A razão concreta é dedicada ao plano real propriamente materializado no modo de vida, enquanto dimensão geográfica, inerente à relação do homem com a natureza e consigo mesmo por ser exemplar da universalidade orgânica/inorgânica da natureza espacializada. Hegel entende que o real é contraditório e que a constante e profunda mutabilidade é o seu centro inicial e terminal, "é apenas na medida em que uma coisa tem uma contradição em si mesma que ela se move, que tem um impulso e uma atividade". O conceito modo de vida conteúdo e identidade do lugar, só pode ser pensado academicamente via razão concreta, que é inversa da razão abstrata intrínseca ao primórdio da relação entre os

⁷⁰ LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 93).

PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987. (p. 17).

NETO, Henrique Nielsen . *Filosofia básica*. São Paulo: Atual, 1995. (p. 114).

⁷¹ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987. (p. 38).

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Op. Cit.* (p. 96).

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 313).

idênticos, demonstrada na lógica clássica. Assim, será a dialética⁷² que permitirá se trabalhar com os contraditórios.

A razão, que é expressão da própria dialética possui e constitui o movimento da relação geográfica do homem consigo mesmo, por ser a síntese da natureza orgânica/inorgânica universalizada e particularizada no diálogo que se caracteriza pela unidade da multiplicidade de sinais culturais disformes e incomensuráveis registrada na intersubjetividade (que só tem razão na objetividade embrionária que é sua própria existência) presente no trabalho, no capital, no simbólico e no imaginário que se singularizam na pluralidade contraditória inerente ao conteúdo do conceito modo de vida na sua exposição mais profunda, caracterizada pelo estado de "Aufheben" (Aufgehoben), isto é, a síntese encontra-se sustada e cessada, sustada em um sentido e cessado em outro. A síntese tem na sua unidade a noção de superação e de suspensão. Significa que não foi sustada a relação dos contrários, já que a negação da negação se metamorfoseia numa nova tese de outra tríade. Hegel faz o convite para se estudar o conceito lugar, implícito num ímpar jeito de viver (e a recíproca é verdadeira), enquanto eterna tríade legitimada pela relação das quatro questões sociais/naturais, já apresentadas e que são incondicionalmente questões vivificadoras do teor do lugar.

⁷²MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p.178):

"A dialética não é uma relação entre pensamentos contraditórios e inseparáveis: é a tensão de uma existência em direção a outra existência que a nega e sem a qual, entretanto, ela não se sustém."

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. .(p.22):

"Por sua natureza, a verdade é filha do pensamento dialético. Só pode ser obtida ,por conseguinte, pela constante cooperação dos assuntos em mútua interrogação e resposta"

Hegel entende que na dialética social toda realidade tem uma legitimidade racional. O diálogo hegeliano parte do pressuposto filosófico de que as coisas, os seres e os objetos do “mundo dos sentidos e do visível” não se localizam em um patamar oposto, diferente, contrário ou conflitante ao do pensamento (mundo dos espíritos ou das idéias). Tudo compõe um mesmo e único nível histórico. Neste exato momento há um posicionamento da leitura hegeliana que é distinto da base da escola de Platão oriunda do esoterismo e da metempsicose do pitagorismo destinatário da religiosidade do orfismo (VI a.C.). Hegel defende que as leis da lógica sempre são leis da realidade da humanidade e elas permitem a cognoscibilidade do desdobramento lógico do princípio absoluto (da razão) em teses, antíteses e sínteses que se materializam na história que é a pura realização e registro espacial da razão. Se a potencialidade humana de pensar significa em elaborar e fornecer uma explicação para algo ou alguém então o pensamento, quando nega ou afirma, coloca em pauta uma tese, legitimadora da mobilidade dialética entre a idéia (ser puro que ainda não é; pura subjetividade ou intersubjetividade onde a expressão dessa pessoa é identidade), a história (manifestação e expressão da subjetividade em objetividade) o espírito absoluto (a idéia que via história se elaborou e enquanto espírito, que tem no seu conteúdo o subjetivo e o objetivo humano)⁷³. A totalidade é

⁷³ LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 114-115):

“A Idéia, como o ser em si mesmo, se nega, fazendo-se história, exteriorizando-se em suas manifestações particulares, que nada mais são do que a própria construção do Espírito Absoluto, que é a síntese final da consciência pura do mundo. O movimento histórico é o movimento da construção do Espírito; ele se faz enquanto a história se faz...”

“Há um movimento dialético entre a Idéia (ser puro que ainda não é; pura subjetividade), a História (exteriorização da subjetividade em objetividade) e o Espírito Absoluto (a Idéia, que, através da história, se fez Espírito reunida em si mesma o subjetivo e o objetivo).”

por si própria uma tese que pelo simples fato de ser o que é, e o que não é, já é a mobilidade implícita no diálogo, representado na idéia que enquanto em si mesma (ciência da lógica), nega-se através da sua exteriorização na objetividade do ser na história (filosofia da natureza) e volta para si própria, ao espírito absoluto (filosofia do espírito).

A idéia exteriorizada, fazendo-se história, é a criação do espírito absoluto que se caracteriza por ser a síntese da consciência pura do mundo, o processo histórico é o mesmo movimento social de criação do espírito, que se cria originando a história, por ser a idéia, como ser em si mesmo, que se negando, fazendo-se história é a gênese do espírito absoluto, que se produz fazendo a história, e a recíproca é verdadeira. O “real é racional”⁷⁴ (contrariando a posição de que o racional seria a reflexão referente ao real) porque o real é fruto do racional (do espírito), na mobilidade triádica da idéia (subjética) que se exterioriza na história se produzindo como espírito absoluto (objetividade do espírito, isto é, a racionalização do real). A interpretação racional do mundo faz Hegel mestre de uma leitura idealista da humanidade. A noção de projeção do espírito para fora de si, entendido como história (espírito objetivo ou objetivação da idéia - pura subjetividade) transforma Hegel num filósofo básico para a investigação do teor do conceito lugar, da cultura ou do mundo histórico-cultural⁷⁵ porque nossas valorações são implícitas nas nossas experiências históricas, onde o valor e a realidade são complementares devido a história só ser história por ter valor, um dado que possui realizabilidade e inexauribilidade⁷⁶. A história e o valor se relacionam, mas, sem se reduzirem um ao outro e fazendo com

⁷⁴ LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 114).

⁷⁵ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 178).

⁷⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética, a idéia e o ideal. Estética, o belo artístico ou ideal. (Os Pensadores)*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 297).

que “o mundo da cultura obedeça a um desenvolvimento dialético de implicação e polarização, ou complementaridade”⁷⁷, já que a relação indivíduo/comunidade deve ser investigada, partindo-se da subjetividade moral (da ética), como base transcendental viabilizadora da experiência histórico-cultural intrínseca ao plano ético, que é alicerce transcendental viabilizador da relação indivíduo/comunidade.

Assim, “o ser do homem é o seu dever ser”⁷⁸ porque é na relação do individual com o plural que há a gênese própria do valor, isto é, no diálogo do eu com o todo é que o ser humano se projeta sobre a natureza orgânica/inorgânica atribuindo-lhe uma dimensão nova que são os valores.

⁷⁷ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 118).

⁷⁸ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 179-180):

“Moral, Política, Direito, todas as formas de vida ordenada, em suma, ordenam-se, como se vê, como momentos da vida cultural, o elos da cultura. ”

“A eticidade da cultura revela, desse modo, também a beleza dessa harmônica visão do homem e da sociedade. Quando Platão nos ensinou que o bem é o esplendor do verdadeiro, estava levantando o véu que encobre, no decurso da história, a solidariedade de todos os valores, pois também o bem moral resplende como um instante de beleza, de valor para todo o sempre.”

“A cultura, tudo somado, nasce do homem e ao homem se destina, o que explica deva ser concebida como um ente moral, não obstante (e talvez menos em razão de) sua radical historicidade. Somente em função de todas estas perspectivas é que se pode falar em humanismo integral, que compõe e harmoniza, numa unidade nova, o humanismo científico e o humanismo ético.”

Tais valores são resultantes das atitudes que os homens tomam dos fatos e os inserem na maneira de viver de sua comunidade, ou existência coletiva⁷⁹. Assim, aparece a questão do valor como requisito de compreensão (não de explicação). O homem tem a potencialidade de integrar as coisas, os seres e os objetos no significado de sua reprodução social, fornecendo-lhes uma qualidade que em si mesmos não possuem. Tal questão nos coloca a necessidade de se estudar o espírito objetivo (o mundo da cultura ou o mundo histórico-cultural) de Hegel porque “o valor é dimensão do espírito humano, enquanto este se projeta sobre a natureza e a integra em seu processo, segundo direções inéditas que a liberdade propicia e atualiza”. O debate é urgente devido o conceito geográfico lugar ter no seu conteúdo a problemática da singularidade cultural registrada no jeito de viver do ser humano. Na praia temos que verticalizar o questionamento sobre a valoração de elementos representativos da natureza, não produzida e nem criada pelo trabalho do pescador artesanal.

⁷⁹ KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. [Trad. Torrieri Guimarães] São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d. (68 e 69):

"Quando se sabe, por experiência, que nada existe de mais terrível do que existir como Indivíduo, não se deve recelar afirmar que não existe nada de mais elevado; porém também se é obrigado a expressá-lo de modo a não fazer de tais palavras uma ratoeira para o extraviado que é preciso, antes de mais nada, trazer de novo ao geral, mesmo quando as suas palavras não deixem lugar ao egoísmo."(sublinhado nosso).

Os mitos/símbolos⁸⁰ são representações de energias "astrais"(naturais/sociais) e, como tais, são valorizados culturalmente no relacionamento diário com a objetividade do trabalho, que em determinados momentos da história da maneira de viver é "desvalorizado" em relação aos seres mitológicos. Entendendo-se que este processo faz parte das contradições que são implícitas no mundo histórico-cultural do pescador artesanal que possui relações de parentesco que são recriadas com as quatro questões sociais (mito, símbolo, capital e trabalho). São estas indagações sociais que dotadas de condições comunitárias "inéditas", enquanto singular modo de vida, originam valorações sociais subjetivas/objetivas de "mitos" que adquirem humanidade nos laços de parentesco, devido as entidades de terreiros serem a transmutação do homem para o mito. A humanização do mito é ponto primordial para se realizar uma leitura do pescador artesanal, porque o resultado do seu trabalho é natureza do homem/mito substantificado no resultado da pescaria do tempo lento/cíclico, que se encontra em constante ebulição geográfica (o fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam as mercadorias por ouro e o ouro

⁸⁰ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (p. 154 e 155):

"...o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para exprimir-se, o que é obvio, mas para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de imagens mas estas imagens lá estão como representando outra coisa: possuem, portanto, uma função simbólica."

"...Mas este componente é tecido inextricavelmente com o componente imaginário efetivo - e isso coloca , tanto para a teoria da história como para a política ,um problema essencial."

por mercadorias - Fragmento 90: "O Obscuro⁸¹").

⁸¹PENHA, João da. *Períodos filosóficos. (Série Princípios)* São Paulo: Ática, 1987.

(p.15):

"...Heráclito...estilo difícil, conciso, de pontuação confusa,.....o obscuro...o filósofo do humor negro."

MARX

As investigações filosóficas de Marx são frutos das inquietações de Zenão, Hegel, Heráclito, Kant, Platão e permanecem provocando “tempestades” na academia independente da postura política partidária do pesquisador, já que, entre outras variáveis sociais, trás o debate referente à relação homem/natureza⁸² e direcionam o universitário para o teor dos conceitos e das categorias apresentadas pelos Centros de Filosofia, Ciências Humanas, Aplicadas, Exatas, Tecnológicas, Letras e Artes. Assim, a universidade determina que Marx seja visitado neste passeio de releitura do conceito geográfico lugar, partindo-se do dado científico e filosófico de que toda tese é uma das interpretações sociais e que, como tal, confronta-se com as chuvas de perguntas e respostas que diariamente são impostas pela humanidade que não nos pede licença, da mesma forma, jeito e maneira que o labirinto do lugar não nos apresenta a entrada e a saída do seu Minotauro/Lobisomem, isto é, do diálogo entre o espiral e a trança existente nas valorações

⁸² KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. [Trad. João Lopes Alves] 2.ed. Divulgação e Ensaio, s/d.

"O homem não pode atingir este ponto extremo senão no instante em que o espírito se realiza. Antes, não era um animal, mas no fundo também não era um homem; só no momento de se tornar homem é que se torna homem precisamente porque também é, ao mesmo tempo, animal."

intersubjetivas/interobjetivas do modo peculiar⁸³, ou seja, da

⁸³MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p.172 e 174).

"a peculiaridade de cada força essencial é justamente seu ser peculiar, logo também o modo peculiar de sua objetivação, de seu ser objetivo-efetivo, de seu ser vivo. Por isso o homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar,/VIII/mas também com todos os sentidos."(sublinhado nosso).

"O elemento do próprio pensar, o elemento da exteriorização de vida do pensamento - a linguagem - , é natureza sensível. A realidade social da natureza e a ciência natural humana ou ciência natural do homem são expressões idênticas. " (sublinhado nosso).

MONDIN. Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.)São Paulo: Paulus,1980. (p.140): "...Nós falamos na vigília e no sono. Falamos sempre, até quando não proferimos nenhuma palavra, mas escutamos ou lemos, mas nos dedicamos a um trabalho ou nos perdemos no ócio. De um modo ou de outro , falamos ininterruptamente."

HERSKOVITS, J. Melville. *Antropologia Cultural II*. SÃO Paulo: Mestre Jou,1964.(p.476): "É, no entanto, embora a cultura seja o instrumento através do qual os seres humanos se adaptam a sua situação total, não se deve jamais conceber como reduzindo o indivíduo a um estado inerte ou passivo no processo. Em realidade, o processo de adaptação é circular e infinito; é um processo de integração entre o indivíduo e seu grupo em termos de sua endoculturação a seus padrões preexistentes. Esse, ajustamento é favorecido pela faculdade criadora , que como expressão fundamental da inquietação do indivíduo ao enfrentar os modos de comportamento de seu grupo, lhe permite exercer vários modos de auto-expressão, e estender assim, o campo de ação de sua cultura sem deitar por terra suas orientações básicas."(sublinhado nosso).

SILVA, Ignacio Assis.(Organizador). *Corpo e Sentido (A Escuta do Sensível)*. São Paulo: Unesp,1996.(92):

"Por isso, nos fala de um simbolismo primordial, integrado ao exercício fônico em que se enraíza toda poesia. Diz-nos também que a voz jaz no silêncio do corpo, como se trouxesse o corpo em sua matriz. Mas, ao contrário do corpo, ela retorna a cada instante, abolindo-se como palavra e como som: Ressoa na sua concha o eco deste deserto antes da ruptura , onde vivem em surdina a vida e a paz, a morte e a loucura."

"linguagem" da praieira Marambaia.

Nesta perspectiva, sabendo-se da conotação histórica do símbolo⁸⁴, a arqueologia ao estudar as comunidades pretéritas procura escutar o ressoar dos ecos, das pisadas, dos risos e dos gritos já eternalizados na obra "O Grito" de Edvard Munch do Expressionismo Moderno⁸⁵, isto é, contrariando os que pensam que não somos eternos e defrontam-se com a imortalidade Platônica. Não se pode ser imortal pela metade, só se imortaliza o ser inteiro⁸⁶, inclusive no "exercício fônico em que se enraíza toda a poesia". A reflexão demonstra que todas as variáveis sociais materiais/idéias que constituem o jeito de viver da comunidade é linguagem, porque registram todas as expressões e manifestações culturais (imaginárias/simbólicas- subjetivas/objetivas)⁸⁷ dos pescadores artesanais.

⁸⁴ SANTOS, Mário r dos. *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Logos, 1959. (p.112):
 "...A humanidade, por exemplo, só pode ser vivida além de nós mesmos, através da
 via symbolica. "

⁸⁵ OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.(p.318).

⁸⁶ ANTUNES, Arnaldo et al. *Comida. Maracatu titânico – Hino contemporâneo*.
 Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON
 (Distribuidora), 1994:

"... agente quer inteiro e não pela metade..."

⁸⁷ HERSKOVITS, J. Melville. *Antropologia Cultural I*. SÃO Paulo: Mestre
 Jou, 1964.(p.42):

"A conduta humana foi definida como conduta simbólica."

HERSKOVITS, J. Melville. *Antropologia Cultural I*. São Paulo: Mestre
 Jou, 1964.(p.31):

"...cultura é o conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei,
 costumes e quaisquer outras capacidades, e hábitos adquiridos pelo homem
 como membro da sociedade (E.B.Tylor)."

Cuja cultura só é, e há, enquanto auto-expressão social e como maneira de viver que é recriação cultural, assim sendo, linguagem é cultura⁸⁸ porque "o elemento do próprio pensar , o elemento de exteriorização de vida do pensamento é linguagem", citamos por exemplo, todas as danças, os padrões arquitetônicos, as culinárias, as cores, as músicas, os apelidos, as esculturas, as costuras, os gestos, os desenhos, os olhares, ... que falam mesmo quando estão calados e imóveis⁸⁹.

A escola marxista, entre outros questionamentos teóricos, metodológicos e filosóficos, faz uma leitura da história capitalista da espécie animal humana na terra (não estamos tendo uma visão kármica e nem platônica do ser humano enquanto espécie em movimento universal) partindo da idéia de uma base social dicotomizada entre os detentores dos elementos constituintes do processo de produção e dos que possuem, sem terem, mas tendo a força de trabalho caracterizada como sendo a coisificação do homem via mercado de troca entre a mercadoria dinheiro (o equivalente geral) e a mercadoria trabalho. As ditas classes

⁸⁸ CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo:Convívio,1975. (p.94 e 95):

"A linguagem não é um aglomerado arbitrário de palavras e sons, mas uma forma de vida, ligada a uma concepção geral da vida e do cosmos."

"A linguagem surge com a Palavra instituidora, que abre o espaço à manifestação do Ser."

"Somos constituídos numa linguagem e por isso podemos falar, comunicar-nos, expressar idéias através de símbolos, imagens, sons articulados , gestos significativos."

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. (p.139):

"Esse poder decorre do fato de que as palavras são núcleos, sínteses ou feixes de significações, símbolos, e valores que determinam o modo como interpretamos as forças divinas, naturais, sociais e políticas e suas relações conosco."

⁸⁹ SILVA, Armando Corrêa da. *De Quem é o Pedaco? Espaço e Cultura*. São Paulo: Hucitec,1986. (p.142):

"Daí, a dinâmica do lugar ser uma questão permanente de preservação do pedaço, ou , de outro modo, do espaço de vida e do entorno."

médias, os pescadores artesanais e os camponeses não surgem como sendo a contradição primária da sociedade historicamente imposta. Só o indivíduo desprovido e disponível é que gera o valor capitalista, enquanto trabalho alienado do coletivo e apropriado individualmente (o valor de troca correspondendo a quantidade de trabalho substantificada na mercadoria e o valor de uso como utilidade coletiva do resultado do processo produtivo). Nesta reflexão, o salário aparece como oriundo do trabalhador que paga a si próprio e, por meio do mercado de consumo, entrega-o a quem “aparentemente” lhe pagou o salário. Nas atividades produtivas, onde encontramos a presença do “operário” como detentor dos elementos sociais do processo de produção, há o debate sobre a transferência de sobretrabalho (não falamos em mais-valia absoluta e nem mais-valia relativa porque não ocorre o assalariamento) da pequena produção para a massa internacional de trabalho roubado.

A escola coloca em pauta verticalizações sobre o estudo do modo de produção (sua categoria máxima); do processo de trabalho; das forças produtivas; das relações de produção; da propriedade privada; do trabalho; da mercadoria; do capital; do valor; do valor de uso; do valor de troca; do trabalho excedente; do trabalho socialmente necessário; do sobretrabalho; do salário; do preço; do lucro; da força de trabalho; do trabalho; do trabalho vivo; do trabalho morto; da mais-valia absoluta; da mais-valia relativa; do capital constante; do capital variável; da taxa de lucro; da Lei Tendencial do Declínio da Taxa de Lucro; da Lei da Evolução em Ciclos; da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado; da composição orgânica do capital; do dinheiro; da cooperação capitalista simples; da divisão do trabalho e manufatura; da maquinaria e grande indústria; do capital fixo; do capital circulante; das rendas da terra (renda feudal, renda diferencial I, renda diferencial II, renda absoluta, renda de monopólio). A renda na indústria extrativa; a renda dos terrenos de construção; a renda da pequena propriedade camponesa; o consumo das classes médias; a luta de classes; o exército industrial de reserva; o juro; o banco,...

que dialeticamente se relacionam com uma superestrutura jurídica, política e ideológica. As origens desta investigação são a filosofia clássica alemã (filosofia idealista hegeliana), o socialismo utópico francês e a economia inglesa (Adam Smith, 1723-1790) e David Ricardo (1772-1823).

Neste momento da apresentação de uma infra-estrutura econômica, que através da dinâmica social enquanto contradição em processo, relaciona-se com uma superestrutura jurídica, política e ideológica, e a recíproca é verdadeira, surge a idéia de que a própria dinâmica social é resultado, condição e conteúdo das estruturas sociais em investigação. Mas, fica claro que quando Marx coloca nos pensamentos filosóficos de 1844 que “a fome é a necessidade (Bedürfnis) confessa que meu corpo tem de um objeto que está fora dele e é indispensável para a sua integração e para a sua exteriorização essencial”⁹⁰ que o objeto não se limita só a dimensão visualizável, palpável e material presente nos bens que são indispensáveis para a integração e exteriorização essencial da natureza humana social que é intersubjetiva. Há uma fome por felicidade, por uma ilusão, por um carinho (mesmo que seja de um animal “irracional”) e a existência da infelicidade, da falta de uma ilusão e da ausência de um carinho determinam os mais diversificados processos culturais de busca do fim das fomes. O imaginário é uma realidade histórica indispensável e asseguradora da vida do homem, assim como o homem (que só existe, e há, faminto) é uma realidade histórica da imaginação, enquanto exteriorização da força vivificadora do imaginário, de sua força essencial e intersubjetiva/interobjetiva enquanto ser humano faminto”⁹¹.

⁹⁰ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção Os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200).

⁹¹ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (p. 164):

“A humanidade tem fome, é certo. Mas ela tem fome de que e como?”

O caminho nos leva para o dado social de que na dialética entre o econômico, o jurídico, o político e o ideológico há uma capacidade pensante do homem, representada no imaginário, que se encontra inerente ao processo histórico-cultural de saciamento das mais variadas fomes (“você tem fome de quê?”⁹²). Estudamos que, no agudo e interminável diálogo entre as instâncias sociais, o imaginário possui variáveis culturais primárias para o aprofundamento do ensaio e da própria tentativa de pensar os escritos de Marx, já que, como “tudo tem haver com tudo”, a memória é alimento da imaginação e o contrário é legítimo. As cenas várias vezes repetidas podem transformar o homem num grande desencanto e desilusão social e, da mesma forma, o processo cultural tem a potencialidade histórica de promover a humanização do ser mitológico, o pescador artesanal acredita e transfere hombridade para Ogum e demais Orixás.

⁹² ANTUNES, Arnaldo et al. *Comida. Maracatu titânico – Hino contemporâneo. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994:*

*“... Agente não quer só comida,
 agente quer comida, diversão e arte.
 Agente não quer só comida,
 agente quer saída para qualquer parte.
 Agente não quer só comida,
 agente quer bebida, diversão, balé.
 ... Agente não quer só comer,
 agente quer comer e quer fazer amor.
 Agente não quer só comer,
 agente quer prazer pra aliviar a dor.
 Agente não quer só dinheiro,
 agente quer dinheiro e felicidade.
 Agente não quer só dinheiro,
 agente quer inteiro e não pela metade...”*

O homem é mito e vice-versa⁹³!. Na Marambaia, o mito se encontra humanizado e vivo e muitos homens vivos são criaturas desencarnadas e desnaturalizadas, porque simbolizam o fim, isto é, a inexistência de qualquer possibilidade de esperança, de sonho e de felicidade: “Deus é minha salvação!, Eu acredito em Ogum!, Eu não acredito no vizinho. Aquilo é coisa ruim!.”⁹⁴

A leitura nos permite realizar um ensaio geográfico a respeito de como a pesca artesanal se encontra recriada na sociedade capitalista vigente, partindo-se da investigação de que a sociedade fundamenta-se no princípio da propriedade privada dos meios sociais de produção. Platão já refletia sobre o rumo dos rios e como dizem os pescadores artesanais “onde tem peixe tem gato”⁹⁵.

Na unidade orgânica das forças produtivas da pesca artesanal existe uma separação entre o trabalho vivo e o trabalho morto. O trabalho vivo é aparentemente propriedade privada dos pescadores já que, na produção imediata, a mercadoria força de trabalho é propriedade privada do agente indireto da produção. O trabalho morto é “definitivamente” propriedade privada dos proprietários das embarcações.

⁹³ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (p. 164):

“O homem não é essa necessidade que comporta se bom objeto complementar, uma fechadura que tem sua chave (a encontrar ou fabricar)...O homem é o que não é o que é , e que é o que não é, já dizia Hegel.”

⁹⁴ Branquinho

⁹⁵ PLATÃO. *Diálogos*. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 182):

“O fato é que esse vazio é o lugar para onde convergem os cursos dos rios, e também, inversamente, de onde todos partem, adquirindo cada um características próprias, de acordo com o terreno que atravessam. O motivo pelo qual todos os rios vão ter a esse lugar e saem dele, reside no fato de que a água aí não encontra nem fundo nem base: é natural, portanto, que haja um movimento de oscilação e ondulação que provoque sua subida e descida.”
(sublinhado nosso)

A separação entre o trabalho vivo e o trabalho morto determinada pelas relações de trabalho da pesca artesanal, demonstra que a sociedade capitalista estrutura-se basicamente em classes e movimentos sociais historicamente determinados e que dialogam com os moradores do lugar, com os pescadores que navegam até o velho cais. Devemos pensar como a atividade pesqueira artesanal⁹⁶ desdobra-se nesta contradição histórica existente entre a comunidade praieira e a opção capitalista documentada geograficamente na comercialização do pescado. Vejamos como os pescadores artesanais são, entre outros fatores sociais, recriados no processo de comercialização do pescado⁹⁷.

Tratando-se dos proeiros e dos patrões do lugar da pesca artesanal dos peixes e dos camarões, fornecedores do pescado aos atravessadores das empresas de compra e beneficiamento do pescado, perguntamos: que tipos de agentes sociais eles são? Entendemos que a atividade pesqueira artesanal não é um modo

⁹⁶ MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986. (p.15)

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares. Espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 1993.(P.25):

"Essa pesca se caracteriza pela simplicidades tecnológica (uso da propulsão natural ou de pequenos motores, barcos e instrumentos artesanalmente feitos pelos próprios pescadores), pelo trabalho familiar sem a prática do assalariamento."

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. *Educação ambiental em comunidade. Anais do 2º Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente, 1989. (p. 173):*

"Os pescadores artesanais constituem uma categoria social que se utiliza dos recursos aquáticos como fonte de sua sobrevivência social, mediante o emprego de tecnologias simples ou rústicas"

DIEGUES, Antônio Carlos S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983. (p.166).

⁹⁷ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.36 e 145).*

de produção distinto inserido ou articulado ao modo capitalista de produção.

"O sistema capitalista é mundial e único, mas multiforme e não homogêneo. Contrariamente ao pluralismo estruturalista, porém, não tem outra religião que a monoteísta. Os elementos dispersos, disformes e irregulares são, permanecendo como tais, reduzidos e valorizados pelo único e exclusivo princípio de comutação capitalista. É este princípio que assegura a capacitação do sobretrabalho em geral, sem exigir-lhe (ou impor-lhe), necessariamente, um modo particular de extorsão. O capital não tem nenhuma ligação de princípio com um tipo particular de extorsão do sobretrabalho: este tipo é definido, cada vez, não em função de imperativos gerais metafísicos, mas em função de soluções indicadas pelo nível e contexto das lutas sociais.

*Conseqüentemente, onde a neo-escolástica estruturalista só avança separando as multiplicidades, o capital sabe transcender disformidades incomensuráveis para fazê-las funcionar segundo os preceitos de seu próprio Deus, isto é, seu princípio de unidade, baseado no campo da circulação e dinheiro."*⁹⁸

*"A identificação de um modo não capitalista em uma formação dominada pelo modo capitalista de produção é algo artificial (trata-se mais de formas específicas da produção capitalista)."*⁹⁹

⁹⁸ VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p. 154).

⁹⁹ LIPIETZ, Alain. *O capital e o seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988. (p. 152).

Via a capacitação particular de extorsão do sobretrabalho, o capital encontra-se recriando e sendo recriado através de toda dimensão natural (no sentido orgânico/inorgânico) dos pescadores artesanais e do modo de vida que sempre é conteúdo do conceito lugar, da própria praia da Marambaia. Como se pode recriar o incomensurável traço cultural regido pelo milenar ritmo do tempo lento/cíclico? Sabemos que, se tudo tem relação com tudo, não podemos abraçar o nada, sempre o capital transcende o nada, que sendo o tudo, ele próprio é parte deste eterno diálogo inerente a sua razão de ser e haver enquanto categoria máxima de periodização da história natural/social da humanidade.

Afirmamos, contraditoriamente, que a atividade pesqueira artesanal em estudo constitui, em consequência, uma forma recriada pelo capitalismo moderno, a ele imbricando-se de modo exemplar, não constituindo uma esfera não-capitalista. Entendemos que o tipo de patrão-pescador e de proeiro, em questão, desenvolvem um específico processo de trabalho reproduzido historicamente pelo modo capitalista de produção. Eles se constituem na história pela sociedade capitalista, determinados como produtores de mercadorias e criadores de trabalho excedente num desdobramento secular da força motriz primária, espalhada na interminável acumulação de trabalho roubado que por ser

justamente primitiva/uterina¹⁰⁰ desdobra-se constantemente na contradição em processo substantificada na humanização dos pescados e nas coisificações dos proeiros e padrões da pesca artesanal do lugar, que só existe enquanto resultado e condição para a acumulação básica.

¹⁰⁰ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 2. O Processo de Acumulação Primitiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas). (p.277 e 294):

"...Violência extra-econômica direta é ainda , é verdade , empregada, mas apenas excepcionalmente. Para o curso usual das coisas, o trabalhador pode ser confiado às leis naturais da produção , isto é, à sua dependência do capital que se origina das próprias condições de produção, e por elas é garantida e perpetuada."

"...Mas a produção capitalista produz, com a inexorabilidade de um processo natural, sua própria negação. É a negação da negação. Esta não restabelece a propriedade privada, mas a propriedade individual sobre o fundamento do conquistado na era capitalista: a cooperação e a propriedade comum da terra e dos meios de produção produzidos pelo próprio trabalho."

A nação brasileira¹⁰¹ sempre esteve inserida no modo capitalista de produção, já que, no século XVI alimentava com todas as suas "abertas veias latinas"¹⁰² o capitalismo nascente no continente europeu.

Hoje persistem a reprodução ampliada e a reprodução simples através do trabalho oriundo dos pequenos produtores geradores de muito sobretrabalho. Mas, tais produtores artesanais conservam-se no patamar da secular reprodução simples, de um traço cultural cuja atividade pesqueira registra-se através de uma comunidade de artesões¹⁰³, na qual trabalham juntos num mesmo

¹⁰¹ OHLWEILER, Otto Alcides. *Evolução Sócio-Econômica do Brasil (Do Descobrimento à Nova República)*. (2ed.). São Paulo: Ortiz, 1990. (p.11):

" Em primeiro lugar, uma grande parte do comércio da época , particularmente o comércio exterior , baseava-se na exploração de uma vantagem política ou mesmo não era senão uma mera pilhagem disfarçada; enfim, tratava-se , como logo veremos , de uma forma de acumulação primitiva."

¹⁰² GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. (27 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.25): "A América era o vasto império do diabo , de redenção impossível ou duvidosa, mas a fanática missão contra a heresia dos nativos confundia-se com a febre que provocava , nas hostes da conquista, o brilho dos tesouros do novo Mundo." *Observação: Lembra-se que o pescador artesanal do lugar acredita em Iemanjá, no Diabo e em Ogum.*

¹⁰³ MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p.70): "Ser membro da comunidade continua sendo condição prévia para a apropriação da terra mas, na qualidade de membro da comunidade, o indivíduo é um proprietário privado. Sua relação com sua propriedade privada é ao mesmo tempo uma relação com a terra e com sua existência enquanto membro da comunidade - sua manutenção como membro da comunidade significa a manutenção da própria comunidade e vice-versa, etc." *Observação: Ressaltamos que 80% dos moradores do lugar não são legalmente inquilinos e nem proprietários privados da terra, ou seja, eles possuem secularmente a posse da terra, sem cercá-la, e são desprovidos de qualquer documento jurídico de compra/venda do imóvel. Eles são os atuais ocupantes do labirinto do Negro Lugas, mas, não são descendentes dos escravos.*

processo de trabalho manual de instrumentalização rústica, e que sempre estão de acordo com os propósitos estabelecidos numa conversação onde todos, via as relações de lealdade, participam e cooperam na divisão do trabalho no interior da embarcação,¹⁰⁴ sempre recriada pela atual opção social de desdobramento ampliado do modo de produção imposto pelos embates matéria/idéia, natureza orgânica/natureza inorgânica, capital/trabalho, Terra/Capital/trabalho,...Consideramos processo de trabalho como sendo a utilização social dos elementos da atividade produtiva (força de trabalho, objeto de trabalho e meios de trabalho).

O patrão que trabalha para os atravessadores de pescado, enquanto fornecedor do resultado do seu trabalho, só na aparência tem o controle e o domínio dos elementos que compõem a sua atividade pesqueira artesanal. Trata-se de uma “posse” só no nível do aparente. Na essência, no plano concreto, os atravessadores e as empresas receptoras do pescado são, entre outros, os que determinam o que, como, quando e onde pescar. São eles que limitadamente possuem a iniciativa privada de fazer e desfazer (mandar e desmandar) na atividade pesqueira artesanal. Assim, não há uma negação da forte influência social do jeito de viver

¹⁰⁴ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.*(p.376):

"Quando os trabalhadores se completam mutuamente fazendo a mesma tarefa ou tarefas da mesma espécie, temos a cooperação simples."

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 1. Cooperação. São Paulo: Abril Cultural, 1984.*(Os Economistas).(p.263 e 294):

"...Um violinista isolado dirige a si mesmo, uma orquestra exige um maestro. Esta função de dirigir, superintender e mediar torna-se função do capital, tão logo o trabalho a ele subordinado torna-se cooperativo. Como função específica do capital, a função de dirigir assume características específicas."(sublinhado nosso).

de o pescador artesanal no mandar e desmandar no processo de trabalho artesanal.

O atravessador é quem determina o preço que pagará pelo que o barco pescou. O preço sempre é inferior ao do mercado. Ele irá subtrair do valor que determinou pelo que foi pescado o valor do que foi monetariamente antecipado.

Quanto maior a dívida, menor será o preço pago pelo atravessador¹⁰⁵. Assim é muito comum o patrão-pescador e os seus proeiros ficarem devendo ao atravessador. Tal fato ocorre quando a pescaria é pobre (ex.: uma pequena quantidade de peixes de qualidade ruim) e o valor que ele paga pelas espécies é inferior ao do que foi adiantado. O patrão de qualquer embarcação, que para levá-la para qualquer tipo de pescaria procura o atravessador, terá que vender o pescado ao mesmo. Os patrões, para não fazerem maiores dívidas com os atravessadores, precisam realizar uma pescaria rica (ex.: uma grande quantidade de pescados de boa qualidade). O mesmo vai procurar um cardume em parte devido seu vínculo de dependência para com o atravessador, que é um representante da empresa de pesca. A relação de apropriação de sobretrabalho e a dependência as vezes afetiva, de ordem psicológica e assistencialista, faz com que o lugar apresente-se como um processo contraditório e identificável no cerne da relação entre os opostos (pescadores artesanais, atravessadores de pescado e empresas de compra e

¹⁰⁵ PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 24):

“SÓCRATES – Portanto, se alguém diz que é justo dar a cada um o que lhe é devido, e, se, por isto, quiser significar que o que é devido, por parte do justo, é dano aos inimigos e assistência aos amigos, o acerto é de homem insensato. A doutrina é errônea: porque acabamos de verificar que em caso algum é de justiça prejudicar a quem quer que seja”.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 186):

“O motivo pelo qual um homem consagra ao outro seus serviços, é o egoísmo – o homem exige uma recompensa pelos serviços prestados a outrem”.

beneficiamento de pescado) na linguagem que, por sua vez, assina a singularidade geográfica do conteúdo do conceito lugar.¹⁰⁶ Sabendo-se que este encontra-se imbricado ao modo de produção vigente ainda subordinado a calculista lei de mercado que é atrelada a acelerada contração/tempo espaço desencontrada do tempo lento/cíclico que ratifica a evidência histórica do lugar Marambaia¹⁰⁷.

Mas, a busca pelo cardume não só obedece ao rigor da objetivação calculista da lei de mercado. O imaginário e o simbólico do lugar são verdades culturais básicas no processo de procura dos cardumes nas águas de Oxum, Iemanjá e nos ventos de Iansã.

A espécie de patrão em discussão é, na essência, desprovido e assemelhado ao operário da indústria, apesar de que apareça (as aparências enganam) como sendo realmente “proprietário e senhor” dos elementos que compõem o seu processo de trabalho. O simples fato de ter comprovantes legais da compra e da posse dos componentes de sua atividade pesqueira artesanal não significa que tenha, na realidade, a iniciativa privada de quem comprou e o poder de quem tem a posse. O patrão e o proeiro compartilham tais iniciativas com os

¹⁰⁶MARTINS, José de Souza. *Fronteira (A degradação do Outro nos confins do humano)*. (p.150):

"Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro: como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro."

¹⁰⁷MARTINS, José de Souza. *Fronteira (A degradação do Outro nos confins do humano)*. (p.150 e 151):

"Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História."

seus ancestrais, via o diálogo com o velho pescador artesanal, com os orixás e com os atravessadores de pescado.

Os operários, segundo Marx, são veridicamente desprovidos na essência e na aparência. Os patrões-pescadores artesanais, para nós, são providos na aparência e veridicamente desprovidos na essência. Entendendo-se que esse desprovidimento é referente só às condições materiais objetivas para a pesca artesanal. Quando Marx pensa na potencialidade natural do homem é intrínseca a sua abordagem ao estudo de Heráclito e de Pitágoras, já que, são as reflexões sobre o “caráter contraditório do real” e “o infinito” materializado/desmaterializado na ciência natural do homem, já que, sempre a natureza é o objeto imediato da ciência do homem e ela é dotada de explosão infinita, inerente a sua gênese e permanência, tudo devido o astro mais longínquo ser uma “parte” dos seres, das coisas, das divindades do cais e dos objetos, e a verdade é recíproca (ver o mito da caverna)¹⁰⁸.

No processo de inserção do padrão, a proletarização assume a manifestação da falência ou da submissão cada vez mais grave aos vários atravessadores e empresas de pesca, que compram

¹⁰⁸ PLATÃO. *Diálogos*. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 26, 147):

“A alegoria da caverna dramatiza a ascese do conhecimento, complementando o esquema da linha dividida. Descreve um prisioneiro que contempla, no fundo de uma caverna, os reflexos de simulacros que – sem que lhe possa ver – são transportados à frente de um fogo artificial.

- Se a alma, então, se afasta nesse estado, vai para um lugar análogo a ela, divino, imortal, repleto de sabedoria, em que usufrui felicidade, livre dos erros do corpo, de sua ignorância, de seus receios, de suas paixões tirânicas e de todos os outros males próprios da natureza humana. E como dizem os iniciados, passa toda a eternidade junto com os deuses. Não é isso que devemos afirmar, Cebes?”

seus pescados e realizam no mercado a validação social do trabalho materializado na mercadoria. Neste processo histórico de inserção no tempo rápido há a perda vertical de sua identidade cultural documentada no seu anterior modo de vida.

O patrão-pescador artesanal realiza a produção simples, equivalendo isto a dizer que na atividade pesqueira artesanal em pauta ocorre a simples repetição do processo de reprodução na mesma escala. Ele repõe a cada viagem para o mar e por meio de venda do pescado, os meios de produção e a força de trabalho necessários para a repetição da “mesma” atividade pesqueira artesanal.

Só há repetição no patamar da reprodução material simples? A matéria é separada da idéia? Tudo é monolítico? Assim, Marx coloca a possibilidade de se refletir sobre o pertencimento social e da repetição da identidade cultural da comunidade praieira. O repetir remete o pesquisador para a preservação do jeito de viver do pescador artesanal, isto é, a noção de lugar como conteúdo de modo de vida, no qual o imaginário/simbólico é composição da matéria e da própria idéia registrada na memória transferida para a matéria (o caíco fala!).

O proeiro, por ser desprovido dos meios de produção, condição básica para que não produza os seus meios de subsistência, vê-se obrigado a trocar com os "patrões" a sua força de trabalho pela mercadoria dinheiro que chega às suas mãos na forma de pagamento, com o qual irá comprar os bens necessários à sua existência, como mercadoria força de trabalho. Como o valor correspondente à remuneração foi gerado pela mercadoria força de trabalho na produção imediata, e como os bens produzidos na esfera produtiva são "propriedades privadas" dos patrões-pescadores artesanais "comunitários", o pagamento retorna às mãos dos próprios donos dos meios sociais de produção (o pescador pagou a si próprio).

O patrão recebe dos atravessadores um pagamento referente à venda da sua força de trabalho, por meio da compra

dos pescados, que às vezes “equivale” a um pagamento do operário, já que tal rendimento só permite que se reproduza como “coisa”. Ele terá que continuar como mercadoria força de trabalho para os atravessadores. O patrão-pescador artesanal não chega a procurar outras embarcações e outras pescarias, como fazem os seus proeiros, porque, no “seu” barco, ainda que cada vez mais marginalmente, tem um certo direito, devido à posse legal (aparente) e por exercer a função de proeiro, cuja remuneração, somada ao “lucro” de patrão permite, depois do desconto do valor antecipado pelo mercador, não passar muita fome (no sentido popular). Perguntamos: Existe uma coisificação do pescador artesanal? Ele foi desprovido da capacidade de aflorar o diálogo memória e de documentar o imaginário/simbólico da comunidade praieira? A coisa, algo ou alguém possui relações de afetividade? O batizado da criança e o lançamento da embarcação no mar são rituais de iniciação cultural e de releitura de esperanças no retorno de um imaginário tido como perdido? O namoro é incondicionalmente um ritual de iniciação que promove a verticalização da coisificação humana? ¹⁰⁹

¹⁰⁹DANTAS,Zé e GONZAGA, Luiz. *O Xote das Meninas. Intérprete: Marisa Monte.*

Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994:

"...De mamhã cedo já tá pintada

Só vive suspirando sonhando acordada

O pai leva ao doutor a filha adoentada

Não come nem estuda não dorme nem quer nada

Ela só quer só pensa em namorar..."

Será que a questão não seria se encontrar o Lobisomem/Minotauro do labirinto, o conceito homem tem no seu conteúdo o mito homem¹¹⁰? O homem enquanto contradição em processo pode ser abraçado?

¹¹⁰ CASSIRER, E. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. (p.175):

"Linguagem e mito são parentes próximos. Nos primeiros estádios da cultura humana suas relações são tão estreitas, e tão evidente sua cooperação, que se torna quase impossível separá-los."

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. [Trad. Torrieri Guimarães] São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d. (30):

"De outra maneira, ele teria talvez amado a Deus, porém não seria um homem de fé - pois amar a Deus sem a fé é refletir-se a respeito de si mesmo, porém amar a Deus com fé é refletir-se no próprio Deus."

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (p,175):

"...todas as religiões cuja gênese conhecemos são transformações de religiões precedentes ou então contêm um enorme componente de sincretismo."

Observação: Lembra-se que estamos no século XXI, depois do filósofo Jesus, e no dia 01/01 ou 02/02 sempre tem festa no mar para a Deusa Iemanjá - GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia (Romance da História da Filosofia)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (p.174 e 176).

Onde se encontra o Minotauro/Lobisomem¹¹¹?

No seu pensamento filosófico, Marx liberta o homem e o debate economicista, prende e fragmenta a natureza implícita no ser humano social. Toda e qualquer realidade social possui seu ímpar modo de vida (nada é igual ao todo que só existe, e é, como eterna contradição em andamento conflituoso e mutável), que sendo tudo é o nada (O Lobisomem/Minotauro!).

O tipo de alimentação da tripulação, composta por um patrão-pescador artesanal e dois proeiros, resultante da desvalorização do trabalho evidenciada no mercado, mostra o elevado nível de “coisificação” a que estão submetidos e a apropriação de sobretrabalho por parte dos atravessadores. No barco o valor monetário pago pela venda do pescado é dividido por 04, sendo 02 para os proeiros e 02 para o patrão, que irá destinar 01 para a restauração, conserto, manutenção e acondicionamento dos bens materiais/idéias necessários para a realização efetiva da pescaria. O patrão-pescador artesanal recebe igual ao proeiro.

O atravessador, como já vimos, é quem determina o preço da mercadoria, que sempre é inferior ao do mercado. Quanto maior a “dívida”, menor é o preço. Ele paga ao patrão pesando e

¹¹¹ CANDEIA. *Preciso me encontrar*. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994:

*“...Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer, quero viver
Deixe-me ir preciso andar
Vou por aí a procurar...”*

VANZOLINI, Paulo. *Ronda*. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Álibi. RJ: Poligram, 1978:

*“De noite eu rondo a cidade
A lhe procurar sem encontrar
No meio de olhares espio
Em todos os bares você não está...”*

classificando o pescado. Mas passa-os para frente, cobrando de acordo com o peso e qualidade dos mesmos.

O patrão-pescador artesanal trabalha para poder cobrir os rendimentos negativos do seu processo de venda do pescado, já que os atravessadores sempre pagam um preço inferior ao do mercado, de tal forma que não cobre as despesas com a pescaria. A desvalorização do pescado é a desvalorização do trabalho, porque o mesmo se encontra materializado na mercadoria. Tal processo determina a apropriação de sobretrabalho pelo capital. Só que a desvalorização do trabalho não significa o fim do movimento espiral de existência do jeito de viver, já que, a vida não se resume só à categoria trabalho, porque no trabalho há a presença primária da subjetividade/objetividade comunitária, enquanto potencialidade de se recriar as relações sociais de afetividade que recriam a secular credibilidade no mito dotado de hombridade (Ele é um lobisomem"¹¹² “Viva Ogum! Eu vou para a procissão de Ogum”.¹¹³).

A respeito do proeiro, sabe-se que no momento oportuno procura outros tipos de pescaria em outras embarcações para cobrir os rendimentos negativos do trabalho. Se a atividade pesqueira de rede, em barcos a pano, não fornece um rendimento monetário para cobrir o valor da força de trabalho é porque está havendo uma apropriação de sobretrabalho por parte do capital.

A força de trabalho só existe a partir da existência do proeiro desprovido e disponível materialmente, e a sua produção é resultado da reprodução social do pescador. A força de trabalho tem seu valor determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção e para a sua reprodução. O valor da força de trabalho é igual ao valor dos meios de subsistência necessários à conservação do proeiro.

O patrão-pescador artesanal, enquanto força de trabalho para os atravessadores, além de não ter, na essência, a “posse”

¹¹² *Jaba*

¹¹³ *Polaco*.

dos elementos que compõem o seu processo de trabalho, já que não é “senhor” do mesmo se encontra disponível, porque a oferta de pescadores e de “proprietários” interessados em vender a força de trabalho (por meio da venda do pescado) aos atravessadores é superior à procura.

O pescador, “possuidor” da força de trabalho, é mortal? A realidade impõe que a quantidade e a qualidade dos meios de subsistência destinados à produção da força de trabalho sejam suficientes para a subsistência das forças de trabalho que substituirão as primeiras, isto é, os filhos dos pescadores.

A especificidade da mercadoria força de trabalho faz com que, na realização do contrato entre o agente indireto e o agente direto, o seu valor de uso não se manifeste imediatamente nas mãos do agente indireto. Só com a sua posterior utilização é que ocorrerá a manifestação do seu valor de uso.

Quando, no ato da troca, a manifestação do valor de uso de uma mercadoria não ocorre com a sua entrega ao comprador o pagamento é efetivado logo depois. Mas, na sociedade capitalista, o pagamento da força de trabalho só é feito depois da mesma ter sido utilizada. O agente direto antecipa ao agente indireto o valor de uso da sua força de trabalho.

Marx faz uma observação material e objetivista da questão do valor devido o seu trabalho de coisificação do homem¹¹⁴, parece negar os anseios de uma procura pela totalidade do mesmo, como mostra a sua filosofia do Terceiro Manuscrito, no qual dialoga com as dores de Hegel, Kant e Platão. Sinto falta da “natureza” implícita do ser humano.¹¹⁵

¹¹⁴ MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O capital. Resultados do Processo de Produção Imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. (p. 64-65):

“O trabalho é uma condição natural, eterna (o grifo é nosso) da existência humana. O processo de trabalho não é mais do que o próprio trabalho, considerado no momento da sua atividade criadora. Os elementos gerais do processo de trabalho, por conseguinte, são independentes de todo e qualquer desenvolvimento social determinado”.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200):

“Que o homem seja um ser corpóreo, dotado de forças naturais, vivo, efetivo, sensível, objetivo, significa que tem como objeto de seu ser, de sua exteriorização de vida, objetos efetivos, sensíveis, ou que só em objetos reais, sensíveis, podem exteriorizar sua vida. Se objetivo, natural, sensível e ao mesmo tempo ter fora de si objeto, natureza, sentido, ou inclusive ser objeto, natureza e sentido para um terceiro se equivalem. A fome (grifo nosso) é um carecimento natural; precisa, pois, uma natureza fora de si, um objeto fora de si, para satisfazer-se, para acalmar-se.”

¹¹⁵ PESSOA, Fernando. *Extraído do livro do “Desassossego”. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Imitação da vida. Guarulhos (SP): EMI Music (Distribuidora), 1997:*

*“Eu agi sempre,
Eu agi sempre para dentro.
Eu nunca toquei na vida.
Nunca soube como se amava...
Apenas soube como se sonhava amar.
Se eu gostava de usar anéis de dama nos meus dedos,
É que às vezes eu queria julgar que as minhas mãos eram de princesa,
Gostava de ver a minha face refletida,
porque podia sonhar que era face de outra criatura.”*

A mercadoria força de trabalho só pertence ao pescador até o momento em que ele a troca na esfera de circulação, e ela passa a ser propriedade privada do agente indireto da produção. O pescador não tem a propriedade privada da sua própria existência, já que ela só existe como mercadoria força trabalho.

O estudo economicista de Marx reduz a dimensão do ser humano enquanto componente e representante da pluralidade da natureza universalizada, substantificada no astro mais infinitamente distante no firmamento, em uma mercadoria coisificada, há uma contradição com os seus estudos sobre a natureza orgânica/inorgânica do homem.

O patrão-pescador artesanal, operário “camuflado e disfarçado” de pequeno produtor pesqueiro autônomo, ao manter contato com os atravessadores na venda do pescado, encontra-se vendendo a sua força de trabalho e a do proeiro, já que a pescaria é realizada por ambos e é claro e evidente que o pescado é a materialização do trabalho deles. Nos barcos grandes e médios, ambos motorizados, os patrões não possuem poder aquisitivo para equipar suas embarcações, uma vez que tais aquisições são frutos

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (p,176):

"A história é impossível e inconcebível fora da imaginação produtiva ou criadora, do que nós chamamos o imaginário radical tal como se manifesta ao mesmo tempo e indissoluvelmente no fazer histórico, e na constituição, antes de qualquer racionalidade explícita, de um universo de significações."

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (p. 160, , 190, 324, 380).

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: SP : Martins Fontes, 1998. (p. 93):

"Quando um devaneio, quando um sonho vem assim absorver-se numa substância, o ser inteiro recebe dele uma estranha permanência. O sonho adormece. O sonho estabiliza-se. Tende a participar da vida lenta e monótona de um elemento. Tendo encontrado seu elemento, vem fundir-se nele todas as suas imagens. Materializa-se. Cosmotiza-se."

de décadas de trabalho exaustivo e de economia pesada, ao ponto de tirarem recursos monetários destinados para a compra de alimentos de uso familiar e para os consertos na velha casa de madeira apodrecida e desprovida de vaso sanitário. Assim, é uma coisa ou outra, e nunca as duas. Quando a grande embarcação encontra-se danificada ou velha demais pode até ser abandonada na beira do mar, isto significa que barco grande não denuncia que o patrão encontra-se inserido no processo de reprodução ampliada, caso contrário não continuaria submetido ao duplo trabalho na realização da pescaria, pois ele sempre foi, e é, patrão-pescador artesanal para cobrir parte dos seus rendimentos negativos. Mas existem aqueles como os patrões de barcos pequenos, que não possuem condições financeiras de equipar os barcos para as viagens, e sempre estão procurando os atravessadores para financiar a pescaria e a dívida é paga depois, com a venda do pescado. Todo patrão é pescador e as variáveis sociais entre eles não faz que na comunidade ocorra uma reprodução ampliada do capital. "A distinção do poder de consumo entre o proeiro e o patrão-pescador artesanal é inferior a distância existente entre os costados".

O pescador busca a mercadoria que o capitalista e a sua memória, imaginação, sabedoria e conhecimento empírico/abstrato determinam. O agente direto não produz mercadoria que atenda às suas necessidades vitais e não produz a mercadoria que deseja, e nem sempre a que o atravessador esperava.

O pescado é uma mercadoria porque possui valor de uso e valor de troca. A sua utilidade é que, entre outros fatores sociais, faz do mesmo um valor de uso. Assim, as propriedades físicas da mercadoria determinam a sua utilidade. Só são levadas em conta as propriedades físicas do peixe quando ele é prestável, isto é, quando fazem dele um valor de uso. No ato da troca não se considera o valor de uso da mercadoria, mas, dependendo do

momento, pensa-se na sua realidade simbólica (ex.: o peixe na Semana Santa)¹¹⁶.

O valor de uso do pescado é fundamentado na qualidade própria do mesmo, tendo como ponto primordial a sua espécie (por exemplo: camarão e peixe) e sua utilidade social enquanto alimento para ser inserido no mercado consumidor capitalista. Entendendo-se que a realização do seu valor de troca será efetuada no momento da permuta entre a mercadoria dinheiro e o pescado.

A qualidade do pescado é determinada historicamente pela natureza nata dialeticamente relacionada com a natureza produzida e criada pelas sociedades pretéritas para satisfazer uma necessidade social imposta, e não algum outro tipo qualquer de desejo, necessidade ou anseio.

O valor economicista propriamente dito do pescado é a quantidade de trabalho humano necessária para pescá-lo e transformá-lo em uma mercadoria, isto é, ser possuidor de um valor de uso e de um valor de troca, enquanto substantificação de trabalho não pago (e pago) do pescador artesanal.

Devemos entender que, quando ignoramos o valor de uso do peixe ignoramos as propriedades físicas que o fazem prestável. Por exemplo: não se trata mais de um barco e nem de outro bem material qualquer. Não se trata mais do resultado do trabalho do pescador artesanal e nem do resultado do trabalho de outro trabalhador qualquer. É o produto do esforço do trabalho humano. Não interessa se o processo foi realizado por um marceneiro,

¹¹⁶ PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 121):

“SÓCRATES – Tal é também o fim da pintura e de todas as belas-artes, bem como da arte de tecer, de bordar, de edificar e de todas as artes mecânicas, e ainda da própria natureza na produção dos corpos e plantas. A graça ou a deformidade que se encontram em suas obras, aumentam-lhes ou diminui-lhes o valor, e, assim como uma falta de graça, ritmo e harmonia é inerente à alma e coração maus, assim as qualidades opostas são a imagem e expressão fiéis da sabedoria e bondade da alma e do coração bem formado.”

carpinteiro, calafate, redeiro, etc. Só temos a certeza absoluta de que trabalho humano se encontra materializado e que seu valor é determinado por tal trabalho. O valor de um peixe (de um valor de uso) é determinado pela força de trabalho que no mesmo se encontra materializada. Perguntamos se para o lugar Marambaia a laguna não possui nenhum valor?. Os pescadores artesanais do lugar, através do traço cultural ímpar, delimitaram em conversação comunitária e historicamente repetida, onde cada um deles vai pescar nas águas do estuário da Laguna dos Patos e há um raio de atuação para cada pescaria, embarcação e pescador artesanal inerente ao parentesco da praia.

O tempo de trabalho socialmente necessário é o tempo de trabalho exigido para se produzir um valor de uso nas condições normais desse processo produtivo, sendo o trabalho realizado numa média social de habilidade e de intensidade. Quanto maior a força produtiva de trabalho e menor o tempo de trabalho necessário para a pesca de um peixe, tanto menor a quantidade de trabalho que aí se encontra substantificada e tanto menor o seu valor. Inversamente: quanto menor a força produtiva de trabalho e mais longo o tempo de trabalho necessário à produção de uma mercadoria, tanto maior o seu valor. Determinada “coisa” pode ser utilizada pelo ser humano sem exigir trabalho, isto é, uma “coisa” pode possuir valor de uso sem possuir valor de troca. Por exemplo: a água do mar que utilizamos para os mais variados fins, o ar que respiramos, etc., são as “coisas” prestáveis que não são frutos de um processo de trabalho humano. Se um indivíduo produz uma “coisa” e com a mesma satisfaz alguma das suas necessidades, ele não produziu uma mercadoria, já que ela não possui valor de uso social e nem valor de troca. Se uma mercadoria é inútil, o trabalho nela materializado é inútil. Por não ter nenhum valor, ele não é considerado como trabalho. O valor dos peixes é determinado pela força de trabalho neles materializada. Mas, será que só há valor de troca se tiver como referencial básico o fato de existir trabalho substantificado? Como ficam as relações de

contraprestação nas permutas no singular modo de vida. Voltamos para a questão primária registrada no simbólico presente nas relações de contraprestação inerentes a cultura comunitária?

O processo de gerar valor na esfera da produção encontra-se dividido em dois momentos: no primeiro momento, o trabalho vivo gera um valor correspondente ao valor do seu pagamento e ao valor dos produtos destinados à conservação e à manutenção dos meios de produção (trabalho socialmente necessário). No segundo momento, o trabalho vivo gera um valor excedente, isto é, trabalho alienado (sobretrabalho). O valor gerado no primeiro momento e o valor gerado no segundo momento substantificam-se no pescado.

O processo de gerar valor na atividade pesqueira artesanal se encontra dividido em dois momentos: tratando-se do proeiro, no primeiro momento (trabalho socialmente necessário), o seu trabalho vai gerar um valor correspondente ao valor da sua remuneração, do qual irá subtrair os gastos com a sua reprodução. Mas, como o montante referente à sua reprodução é muito baixo, não permitindo que se reproduza como simples força de trabalho, é obrigado a procurar outras embarcações e outras pescarias, onde seja melhor remunerado para cobrir o rendimento negativo, específico da venda da sua força de trabalho. O processo de se submeter a uma outra pescaria, a uma outra forma de exploração (apropriação de sobretrabalho), vai lhe fornecer uma renda complementar, mediante uma extensa jornada de trabalho, gerando trabalho não pago para outros representantes do capital.

Caso não tenha acesso a outras pescarias, isso não significa que não voltará para a pesca anterior. Mas, se não tiver conseguido vender a força de trabalho em outras embarcações, continuará vivendo, de forma material, mais miseravelmente.

No segundo momento, vai gerar um valor excedente (trabalho excedente), correspondente ao sobretrabalho apropriado pelo patrão-pescador e pelo atravessador, na compra do pescado. Falando a respeito do patrão-pescador artesanal, da “sua” própria embarcação, temos que, no primeiro momento (trabalho

socialmente necessário), verificar que enquanto pescador, vai gerar um valor correspondente à sua reprodução como mercadoria força de trabalho (equivalente aos 25% do proeiro). O sobretrabalho, materializado nos 25% do patrão, é justamente para cobrir as despesas com a manutenção e conservação do barco, e para a realização da pescaria, já que os atravessadores, que compram por um preço abaixo do mercado, descontam as despesas com a preparação para a viagem. Como o valor representado nos 25% não cobre tais gastos, ele é, sem nenhuma outra alternativa, obrigado a recorrer aos atravessadores até para realizar reparos na embarcação. A dependência para com os atravessadores, por meio dos ranchos e vales e financiamento de conserto nos barcos, permite que os atravessadores paguem menos pelos pescados e tenham limitadamente a “posse” de todos os elementos do processo de trabalho.

O valor correspondente à venda de sua força de trabalho, como pescador artesanal, só permite que se reproduza como “coisa”. O valor correspondente ao sobretrabalho apropriado dos proeiros (25% do patrão) não cobre as despesas com o barco e com o rancho e vales, criando um vínculo de dependência e submissão para com o atravessador.

No segundo momento vai gerar um valor excedente (trabalho excedente) correspondente ao sobretrabalho apropriado pelo atravessador quando pesa e classifica desonestamente o pescado, quando paga um preço inferior ao do mercado e quando cobra pelo aprontamento um valor superior ao da lei da oferta e da procura. Em tal processo, ele pratica a espoliação sobre o patrão-pescador artesanal e seu proeiro. Assim é que a atividade pesqueira artesanal é objetiva/subjetivamente recriada pelo modo capitalista de produção.

No caso do proeiro, entendemos que a prática da pescaria em outra embarcação “é”, e ao mesmo tempo “não é”, parte do tempo de trabalho socialmente necessário, já que surge “fora” como complemento do montante, referente à remuneração do

trabalho vivo que é subtraído do rendimento do patrão da embarcação, que por sua vez é imposto pelo atravessador.

Tratando-se do patrão-pescador artesanal, entendemos que o sobretrabalho, materializado nos 25% do patrão, “não é”, e ao mesmo tempo “é”, parte do tempo de trabalho socialmente necessário, já que é destinado justamente a cobrir as despesas com a manutenção e conservação do barco e para a realização da pesca.

O trabalho excedente materializado no pescado não é mais-valia absoluta, trata-se de sobretrabalho incorporado ao produto. Diferencia-se de uma mercadoria originada de uma atividade tida como “tipicamente” capitalista (ex.: industrial), onde o agente direto é, na aparência e na essência, desprovido e recebe como remuneração mensal um salário. Neste caso existe mais-valia absoluta apropriada pelo agente indireto. Mas, no caso do pescador artesanal em discussão, fornecedor de pescado para os atravessadores, é desprovido na essência e provido na aparência, já que, “legalmente” é “senhor” do seu processo de trabalho. Não existe assalariamento implícito no processo de trabalho em questão.

Verifica-se, no processo de trabalho da pesca artesanal do lugar, uma utilização maior de força de trabalho, de força criadora de valor capitalista, do que no setor de empresas de pesca, onde predomina a maquinaria. Em consequência, a proporção dos meios de produção (que seriam o equivalente ao capital constante de uma produção industrial) é menor do que a força de trabalho (que seria o equivalente ao capital variável de uma produção industrial) no conjunto dos elementos do processo de trabalho pesqueiro artesanal. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a composição do valor da produção pesqueira é baixa. Logo, o valor contido na mercadoria originada da pesca artesanal é superior ao preço de produção do mercado, pois este se estabelece em função de uma taxa média de lucro, como expressão da repartição da mais-valia internacional gerada em todos os ramos produtivos da sociedade.

No momento em que a mercadoria originada da pesca artesanal se realiza no mercado, apenas uma parcela do valor gerado pelo trabalho do pescador retorna a este sob a forma de dinheiro. Acontece que o valor extraordinário cristalizado no produto do pescador, como consequência da maior utilização de força de trabalho, converte-se em um sobretrabalho que será apropriado pelos representantes do capital. Nesse processo de apropriação do trabalho excedente do pescador, as relações entre as empresas de pesca, mercadores e os pescadores vão se determinar como relações contraditórias e antagônicas.

Na sociedade capitalista vigente, por não existir uma só forma de apropriação do trabalho alheio, encontramos operários que não são assalariados (ex.: os pescadores em estudo): “Não é o salário que define a classe operária, porque o salário é uma forma jurídica de substituição do produto pelo contrato de compra e venda da força de trabalho”.¹¹⁷

Os pescadores artesanais, subordinados às empresas de pesca e aos mercadores, são legalmente pequenos proprietários de barco (“senhores” de seus processos de trabalho), mas não possuem uma mobilização reivindicatória significativa. Isso não significa dizer que se tivessem a consciência de que são simples operários “camuflados e disfarçados” (pela legalidade da posse dos elementos do processo de trabalho) de pequenos pescadores artesanais autônomos possuísem uma militância mais ativa no sentido de fazerem valer seus direitos reais, comparando-se com os trabalhadores das atividades produtivas, tidas como tipicamente capitalistas, que possuem um movimento social reivindicatório mais relevante (ex.: greves, ocupação de indústrias, fábricas, metalúrgicas, portos, refinarias, etc.). O trabalhador artesanal do lugar se reivindica alguma coisa é a persistência da pesca

¹¹⁷ POLANTZAS, Nicos. *Poulantzas. (Coleção Grandes Cientistas Sociais) n. 47. São Paulo: Ática, 1984. (p. 98).*

artesanal no traço cultural¹¹⁸ da comunidade. A reivindicação, em última análise, diz respeito apenas ao seu modo de recriação ao sistema capitalista.

Na esfera da circulação, no momento da venda da mercadoria força de trabalho, efetiva-se a primeira relação entre o pescador e o capital; no circuito produtivo o agente indireto extrai o trabalho alienado; na esfera de circulação o agente indireto se apropria do trabalho não pago, substantificado no pescado originado no processo de pescarias, e na circulação monetária se realiza o sobretrabalho que é apropriado pelo agente indireto.

São os pescados (os artigos gerados no circuito produtivo e a mercadoria moeda) que possuem humanidade e se trocam, já que a espécie humana é de forma limitada o sustentáculo para tais mercadorias. Depois da troca entre o artigo e a mercadoria moeda a espécie humana é o consumidor, isto é, a espécie humana adquire parte se sua humanidade subtraída porque “coisa” não consome, só o ser humano inerente e implícito na “coisa” é que consome. Neste momento o peixe perde fração de a sua humanidade e passa a ser, entre outros fatores sociais, um objeto útil; por sua vez, o homem geral parcialmente “coisificado” adquire humanidade e passa a ser um elemento da espécie humana.

A proposta de reflexão que devolve a plena humanidade ao ser humano, sempre exige a urgente necessidade de se questionar a não coisificação do homem e a sua naturalização plena e infinita rezada pelo idealismo de Platão. É possível uma conversa entre o imaginário das sombras, das idéias inteligíveis (a contradição no próprio pensamento platônico) e a objetividade

¹¹⁸ LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. [Trad. Marie-Agnès Chauvel] 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.(p. 136 e 137):

"Quando se estuda o parentesco, a linguagem ou a economia, estamos na realidade frente a diferentes modalidades de uma única e mesma função: a comunicação (ou a troca), que é a própria cultura, emergindo da natureza para introduzir uma ordem onde esta última não havia previsto nada."

material da escola de Marx. Será que a humanização do pescador se resume só ao fato dele consumir?

O sobretrabalho resultante do processo de pescarias do lugar marambaia será somado a outros trabalhos não pagos, oriundos dos diversos tipos de atividades produtivas capitalistas, originando a mais valia global que será, num processo de reprodução e ampliação do capital (acúmulo de capital), utilizada para viabilizar o eterno processo de acumulação primária capitalista. Caso contrário, não teria sentido a existência do específico processo de trabalho pesqueiro artesanal no modo capitalista de produção.

Na sociedade capitalista, os patrões de embarcações sofrem dois tipos de pressão: sofrem uma pressão por parte dos seus proeiros da comunidade e outra por parte dos agentes indiretos que se encontram constantemente procurando ter o controle sobre a esfera de circulação (mercado).

Os patrões-pescadores em pauta não se reconhecem enquanto operários metamorfoseados, pela “aparente” posse dos elementos do processo de trabalho, em pescadores autônomos. Conscientes de que são proprietários de barcos de pesca, quase não pressionam, porque a baixa composição orgânica do capital, do seu processo de trabalho pesqueiro, não viabiliza maiores manifestações devido ao fato de se encontrarem subordinados às empresas que possuem elevada composição orgânica e controle sobre o mercado em relação à sua atividade pesqueira artesanal. A existência de um exército de força de trabalho ociosa inviabiliza maiores pressões sobre os agentes indiretos. O agente indireto, para se precaver a respeito de futuras conquistas salariais por parte dos trabalhadores e para ter o controle sobre o mercado, investe mais na composição do trabalho morto. Quando se eleva a taxa de investimento no trabalho morto, passa-se a forjar um aumento do exército de força de trabalho ociosa (exército de reserva “tecnológico”), ficando-se livre de maiores pressões dos trabalhadores por melhores salários.

O setor (pesqueiro, portuário, industrial ou outro qualquer) que tiver uma tecnologia mais avançada terá o controle sobre o seu mercado. Tal processo promoverá a diferenciação entre as várias localidades, sendo o contraste determinado pelo processo multiforme de reprodução do capital, devido às atividades capitalistas com elevada composição orgânica do capital, possuindo o controle sobre determinado mercado, diferenciam esse de outro cuja circulação seja controlada por um tipo de atividade capitalista, com superior, igual ou inferior composição orgânica do capital, dependendo da sua especificidade social, historicamente determinada.

Assim, o raciocínio nos demonstra que o tempo lento/cíclico do artesanato¹¹⁹ é condição social para a verticalização da explicitação da especificidade da praia e para um aprimoramento do conceito geográfico “lugar”, isto é, não podemos reduzir ao padrão tecnológico espacialmente desdobrado os critérios de compreensão da singular comunidade. O dado tempo lento/cíclico intrínseco aos demais fatores sociais do jeito de viver, pode ser um dos detalhes culturais para se chegar nos “caminhos do labirinto” da Marambaia.

O declínio da taxa de lucro provoca uma crise no processo de acumulação do capital, já que o lucro é reinvestido no processo produtivo, fazendo da esfera produtiva uma esfera de ampliação e

¹¹⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética a idéia e o ideal. Estética o belo artístico ou o ideal*. São Paulo: Nova Culutral, 1999. (p. 49, 61):

“Despertar a alma: este é, dizem-nos, o fim último da arte, o efeito que ela pretende provocar.

Quanto à noção de gênio, já observamos que o gênio é o talento são, pelo menos em certo aspecto, dons naturais. Mas o que sobretudo se não deve esquecer é que o gênio, para ser fecundo, tem de possuir um pensamento disciplinado e cultivado por um exercício mais ou menos longo. Porque a obra de arte oferece um aspecto puramente técnico, que só pelo exercício se chega a dominar, é isto mais particularmente verdadeiro nas artes que exigem uma beleza manual (sublinhado nosso), que as aproxima, mais ou menos, dos ofícios manuais (sublinhado nosso).”

de acúmulo de capital. Com a crise no processo de acumulação de capital evidencia-se um aumento do exército de reserva e uma maior oferta de meios de produção (objeto de trabalho e meio de trabalho) a baixos preços. Depois da crise as empresas voltam a funcionar a baixos custos, minorizados nos salários e nos meios de produção (composição orgânica do capital: trabalho vivo e trabalho morto), e passam à retomada do aumento da taxa de lucro para que a mesma seja superior à existente antes da crise, se eleva novamente a taxa de investimento no trabalho morto (reinicia-se o ciclo). Trata-se da lei da evolução em ciclos: períodos de ascensão, determinados pela elevação da taxa de investimento no trabalho morto, e períodos de crise, determinados pela queda da taxa de lucro.

A lei tendencial do declínio da taxa de lucro e a lei da evolução em ciclos agindo fazem com que a sociedade capitalista seja uma totalidade desigual e combinada (lei do desenvolvimento desigual e combinado).

A lei do desenvolvimento desigual e combinado determina as relações contraditórias/conflituosas existentes entre a infra-estrutura e as superestruturas. Inversamente, as relações dialéticas existentes entre a infra-estrutura e as superestruturas determinam a lei do desenvolvimento desigual e combinado¹²⁰. Este dado geográfico impõe que entre os extremos (por exemplo: pescador artesanal e pescador industrial) haja uma infinita variedade de identidades sociais documentadas (por exemplo: pescador-lavrador, lavrador-pescador, , pescador-mestre, mestre-pescador, proeiro-patrão, patrão-proeiro, ...) e que são a maioria localizada justamente entre "a cor branca e a cor preta". Temos que o espaço geográfico é socialmente o abstrato/concreto da contradição em

¹²⁰ OHLWEILER, Otto Alcides. *A crise da economia mundial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. (p. 111).

MARX, Karl. *As crises econômicas do capitalismo*. São Paulo: Acadêmica, 1988. (p. 17).

processo desenhada no labirinto, na trança/espiral do embate matéria/idéia que é manifestação e expressão da natureza orgânica/inorgânica do pescador artesanal, diferenciada no conteúdo do conceito lugar que só é, e há, enquanto ímpar linguagem/cultura que é resultado e condição para o diálogo entre a lei do desenvolvimento desigual e combinado que determina as relações contraditórias/conflituosas existentes entre a infraestrutura e as superestruturas. Inversamente, as relações dialéticas existentes entre a infra-estrutura e as superestruturas determinam a lei do desenvolvimento desigual e combinado que, por sua vez, sempre é resultado e condição para o labirinto geográfico inerente ao modo de vida do lugar Marambaia.

Depois desse ensaio, temos que levar em consideração o fato de que os pescadores, patrões-pescadores, as embarcações e demais meios de produção, as pescarias e outras especificidades da atividade pesqueira artesanal, devem ser estudadas partindo-se do princípio da lógica, da dinâmica e da evolução das relações sociais enquanto manifestações do processo de desdobramento do embate existente entre o capital/trabalho e imaginário/simbolismo. Só assim será possível abordar-se a pesca artesanal como um dos ímpares traços culturais de reprodução do espaço geográfico. Não podemos afirmar que a instância ideológica vai abraçar a questão do imaginário/simbolismo, já que, na intersubjetividade/interobjetividade comunitária estão todos os encantos, desencantos, coragens e medos não oriundos de uma ideologia dita como sendo burguesa. Marx não foi um estudioso da relação primária existente entre o simbolismo/imaginário e o trabalho/capital, já que, ele não possui um debate vertical na ciência simbólica, mesmo ratificando que a realidade nos coloca que a religião é a autoconsciência alienada do homem, não apresenta o mito como sendo uma noção da necessidade do ter, mas, abre o diálogo (em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais apareceu assim a simples alienação de todos esses

sentidos, o sentido do “ter”¹²¹). Será que Exu é para o pescador uma representação simbólica do “ter”?

¹²¹ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos – e outros Textos Escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 171):
“O ser humano teve que ser reduzido a essa absoluta pobreza, para que pudesse dar à luz a sua riqueza interior partindo de si.”

Penso que Exu denuncia a existência do inferno e o medo da morte, isto é, a perda da vida e não da propriedade privada da terra, do capital ou do trabalho, pois antes da sociedade capitalista já tínhamos medo da morte (Platão e Marx)¹²².

¹²² PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 448):

“Disse que havia visto a alma que em outro tempo pertencera a Orfeu escolher a condição de cisne, por ódio às mulheres que lhe haviam dado a morte, não querendo nascer de nenhuma delas. Vira a alma de Tamires, escolher a condição de rouxinol. Também vira um cisne. Assim como outras aves amantes da música, adotar a condição de espécie humana. Não faltou a alma que chegando-lhe a vez de escolher, tomasse a natureza de leão: foi a de Ájax, filho de Telamon, que não queria reentrar em corpo humano, porque se lembrava da afronta recebida no julgamento dado sobre as armas de Aquiles. Atrás desta veio a de Agamenon, que, por ódio ao gênero humano, por causa das desgraças passadas, tomou a condição de águia.”

PLATÃO. *Diálogos*. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 147):

“- Essas mesclas, meu estimado Cebes, são um invólucro pesado, terrestre e visível, e a alma carregada com este peso é arrastada para o mundo visível, pelo receio que possui do mundo invisível, do Hades, e fica-se revirando, conforme dizem, pelos cemitérios, em volta dos túmulos, onde foram vistos fantasmas medonhos, os espectros dessas almas que, por haverem sido liberadas, não em estado de pureza, mas, ao contrário, de participação no visível, transformaram-se também em visíveis”.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos – e outros Textos Escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 170-191):

“A morte aparece como uma dura vitória do gênero sobre o indivíduo, e parece contradizer a unidade de ambos; mas o indivíduo determinado é apenas um ser genérico, determinado, e, enquanto tal, mortal....O que não posso como homem, o que não pode minhas forças individuais, posso através do dinheiro. O dinheiro converte assim todas essas forças essenciais naquilo que em si não são, isto é, em seu contrário.”

Toda negação trás consigo sua própria negação, morte é vida.¹²³

Na ciência simbólica "a água é fonte de fecundação da alma: a ribeira, o rio (da vaidade de Oxum), o mar (das rosas e das flores para Iemanjá) representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos".¹²⁴ Falar em Oxum é apresentar a questão da relação de Ogum Alagbedé com Oxum Àyàlá¹²⁵, do homem com a mulher refletidos nos mitos.

Na relação com a mulher, como presa e servidora da luxúria coletiva, expressa-se a infinita degradação na qual o homem existe para si mesmo, pois o segredo desta relação tem sua expressão inequívoca, decisiva, manifesta, desvelada, na relação do homem com a mulher e no modo de conceber a relação imediata, natural e genérica. A relação imediata, natural e necessária do homem com o homem é a relação do homem com a mulher. Nesta relação

¹²³ ZIKAS, Dimitrios N. de Platão Fédon a Imortalidade da Alma (Comentários). Curitiba: Cyros, 1990. (p.38):

*"Socrates disse que se o nascimento fosse uma reta e não seguisse uma órbita cíclica, se houvesse apenas o fazer-se da vida para a morte e não o inverso, então tudo sobre a terra teria a mesma forma. A morte teria coberto, desde há muito tempo, o mundo e toda a vida sobre a terra teria desaparecido."*³⁷

PLATÃO. Diálogos. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p.154):

"..., ao ser muito utilizada por diferentes corpos, uns após os outros, a alma, como a roupa do homem, acabaria por se consumir com todos esses nascimentos repetidos e, por fim, pereceria de verdade em em alguns dessas mortes; e se se acresce que ninguém poderá perceber qual dessas mortes atingirá a alma, pois para os homens é impossível pressenti-lo, então, todo homem que não tiver medo da morte é demente, desde que consiga provar que a alma é totalmente imortal e eterna."

¹²⁴ BECKER, Uno. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Paulus, 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (p.21).

¹²⁵ REIS, Alcides Manoel dos. Candomblé: a panela do segredo. São Paulo: Mandarim, 2000. (p.148).

natural dos gêneros, a relação do homem com a natureza é imediatamente sua relação com o homem, do mesmo modo que a relação com o homem é imediatamente sua relação com a natureza, sua própria destinação natural. Nesta relação aparece de maneira sensível, reduzida a um fato visível, em que medida a essência humana se converteu para o homem em natureza ou a natureza tornou-se a essência humana do homem. A partir desta relação, pode-se julgar o grau de cultura do homem em sua totalidade.¹²⁶

Quando coloca o debate sobre a relação do homem com a mulher, enquanto expressão do nível de degradação, ou de elevação, do homem para si mesmo, e como registro da relação dos homens entre si, da natureza consigo própria na eterna contradição em processo, remete-nos para a urgente necessidade de aprofundar o estudo pertinente às relações de afetividade na comunidade. A possibilidade de pensar como a “essência” humana se transformou para o homem em natureza, é a condição primária de investigarmos como a relação dos homens entre si, e deles para com as mulheres, entendidas e apreendidas “popularmente” como tais, apresenta-nos a singularidade das tradições, dos hábitos e dos costumes dos moradores da Marambaia e, verticalmente, qual a idéia que possuem sobre o conteúdo do conceito natureza, enquanto sinalizador do seu grau cultural e até que ponto um é extensão do outro, como o individual se transfere e se realiza no lugar, e a recíproca é legítima.

A reflexão é a intenção de um maior entendimento sobre o caráter simbólico do labirinto como objetivação da maneira de viver dos pescadores artesanais da Marambaia. O estudo referente às relações de parentesco, enquanto laços de cumplicidade e pertencimento, parecem sinalizar-nos uma idéia de superação da morte. A hereditariedade do modo de vida, espreado nos caminhos

¹²⁶ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos – e outros Textos Escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 167-168).

de areia, quer nos falar de uma possibilidade de se projetar o ser no seu devir, que é, e já foi. O labirinto existente na comunidade da Marambaia ratifica a eterna luta da razão (do surgimento do pensamento racional¹²⁷), da afetividade e do mito no profundo interior da memória pretérita, testemunhada no presente, que traz consigo o diálogo entre as causas primeiras da ocorrência da vida. Sabendo-se que no nosso corte conceitual a vida é tentada ser mostrada enquanto singular modo de vida, entendendo-se que "o singular não existe senão na conexão que conduz ao universal. O universal não existe senão no singular, através do singular... Todo universal constitui uma partícula, ou um aspecto, ou a essência do singular."¹²⁸ A particularidade é a mediação, a relativização e a recriação do lugar, isto é, do singular, do lugar na universalidade e no plural.

Assim, assumimos a irresponsabilidade de fazer uma redução do valioso conceito vida (que por si só já origina muitas teses de doutoramento). "Os meios de vida" (as "necessidades naturais") são diferentes de acordo com as diferenciações da natureza nata dos lugares e os tipos e quantidades de necessidades primárias (e o nível tecnológico em que são produzidas e o traçado cultural como são satisfeitas) dependem unicamente da história sacralizada no singular jeito de viver do ser humano colocado em pauta. Afirmando que as forças produtivas naturais do trabalho foram recriadas enquanto forças produtivas do capital não explicam como ocorrem identidades simbólicas de caráter mitológico e religioso, isto é, qual o tipo de ímpar contradição que há entre o capital e o simbólico mítico-religioso inerente nas relações de lealdade sempre presentes no trabalho muscular, nos rituais de iniciação, nas manifestações culturais da

¹²⁷ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "Milagre Grego". La Pensée*, N.104, Agosto, 1962.

¹²⁸ MOREIRA, Ruy. (Organizador). *Geografia: Teoria e Crítica (o Saber Posto em Questão)*. Petrópolis / RJ: Vozes, 1982. (p. 86).

praia, nos quais os orixás são o próprio pescador olhando-se e refletindo-se no outro, que é sua extensão, isto é, ele mesmo projetado no ser humano que "aparentemente" não o é. Mas, tudo somente existe enquanto natureza social exteriorizada dos homens que são natureza orgânica/inorgânica da humanidade universalizada.

Há uma tendência marxista de entender que o conceito ideologia¹²⁹ abraça, explica, interpreta e justifica a permanência e a resistência desta sociedade. Marxistas reduzem a intersubjetividade/interobjetividade do homem "histórico" (a natureza universalizada que dialoga consigo mesma e mergulha em si própria) a dominação ideológica de uma classe burguesa. A condição natural, no seu sentido horizontal e vertical, não pode ser simplificada a noção de fertilidade do solo, as águas piscosas, ao clima, etc. A condição natural é a infinita dimensão e transferência histórica ("social") do ser humano em relação direta com todas as criaturas, seres, coisas e objetos da universalidade intrínseca na contradição matéria/idéia já pensada por Platão, fruto de uma preocupação uterina de Orfeu, e que encontra-se presente na discussão filosófica de Marx.

O estudo sobre a relação da capacidade pensante com o corpo biomédico não é uma angústia puramente metafísica, porque o debate é o debruçar sobre o fato geográfico com dada identificação cultural legitimada no modo de vida de um lugar. Tal angústia não é originária de Marx, quando escreve que:

¹²⁹ CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 22.ed. São Paulo: 1986.

OHLWEILER, Otto Alcides. *Origem e evolução da ideologia (do pensamento mágico ao pensamento científico)*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

"... pois não só os cinco sentidos, como os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor, etc.), em uma palavra, o sentido humano, a humanidade dos sentidos, constituem-se unicamente mediante a natureza humanizada. A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias."¹³⁰

Marx, se no *Capital* é tido como economicista, e nos manuscritos como "fenomenólogo" é o que menos importa nas nossas fomes de conhecimento intelectual e sabedoria. O que nos chama a atenção é que esse cientista obrigatoriamente nos remete a Hegel, Kant, Platão e quando chegamos na subjetividade (no medo da morte, na imortalidade mortal, o fim há e é início no espiral "natural", isto é, histórico) somos arremessados para a pesquisa sobre o fato de que o pensamento é abstrato e que a existência é concreta (Kierkegaard: "o Eu não é relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida"¹³¹). Kierkegaard tem como base filosófica a defesa da subjetividade tida como sendo a verdade e a realidade, o indivíduo é resultado e condição da síntese entre o finito e o infinito e a predominância de um desses fatores provoca o desequilíbrio na existência do ser humano.

¹³⁰ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos – e outros Textos Escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p.172).

¹³¹ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Séries Princípios) São Paulo: Ática, 1987. (p. 66).

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. 2.ed. Presença. s/d.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. São Paulo: Exposição do Livro, s/d.

O "desequilíbrio" se apresenta via desespero, angústia¹³² e medo (voltamos para o medo da morte, estamos recomeçando a elaboração do pensamento que nos levou para Platão e Marx). Kierkegaard, Heidegger, Husserl e Merleau-Ponty são a continuidade e a complementaridade do debate de Marx (historicamente determinado) na busca da totalidade do homem, quando reflete sobre a natureza orgânica/inorgânica do ser humano e da história universal.

¹³² GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. 4 ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1996. (p.476):

"A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é um das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia."

Observação: avisamos que a comunidade praieira da Marambaia é uma recriação das contradições sociais atuais.

QUESTÃO DE PERCEPÇÃO

Será possível verticalizar a questão da natureza universalizada estudada por Marx¹³³ e realizar uma visita ao conceito geográfico lugar. Nesse peculiar instante pensamos na questão da cultura enquanto maneira de viver e trazendo ao debate o diálogo entre os filósofos como necessidade pessoal e acadêmica para se aprofundar os escritos sobre o conceito lugar, só com a elaboração de categorias filosóficas impostas pela dialética intrínseca a reprodução espacial da comunidade praieira

¹³³ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200):

“O sol é objeto da planta, um objeto indispensável e assegurador de sua vida, assim como a planta é objeto do sol, enquanto exteriorização da força vivificadora do sol, de sua força essencial e objetiva.

Um ser que não tenha sua natureza fora de si não é um ser natural, não faz parte da essência da natureza. Um ser que não tem nenhum objeto (grifo nosso) fora de si não é um ser objetivo.”

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 279):

“SÓCRATES – A vista não é o sol, nem o é o olho, onde a vista se forma.

ADIMANTO – Na verdade, não é.

SÓCRATES – Mas de todos os órgãos do sentido o olho é, creio, o que mais participa do sol.

ADIMANTO – Sim, sem contestação.

SÓCRATES – E o poder que possui não lhe é dispensado pelo sol como um fluido que ele lhe envia?

ADIMANTO – Assim é.

SÓCRATES – Não é também verdade que o sol, que não é a vista, mas sua causa é percebida por essa mesma vista?

ADIMANTO – É verdade.

SÓCRATES – Pois então fica sabendo agora que era no sol que eu pensava como filho do bem, que o bem engendrou à sua própria semelhança e que é, no mundo visível, relativamente à vista e aos objetos visíveis, o que é o mundo inteligível relativamente à inteligência e aos objetos inteligíveis.”

(o social determina as regras do jogo) é possível estudar conceitos teóricos para a lapidação do "lugar" geográfico. A palavra contradição permite ver a personalidade cultural comum (as práticas e os hábitos dos pescadores artesanais) que, como a comunidade eleita, produziram seus mitos comuns e conduzem-nos a investigar como a etnografia, via conceito modo de vida, nos trará a presença desses pescadores artesanais para o centro do debate científico, que não pretende sufocá-los, mas apresentá-los geograficamente.

Feuerbach¹³⁴ registrou que o ser humano cria os deuses à sua imagem e semelhança e transfere para o nirvana o modo ideal de vida, isto é, que o homem via em Deus a sua cópia e, através da aquisição dos poderes astrais que transferiu para o mundo mitológico é que o ser humano adquirirá a sua humanidade. Mas, no materialismo que atribui à matéria precedência em relação à idéia e à dialética que entende que a matéria evolui incessantemente, no modo de produção das condições materiais da vida, que determina as expressões e manifestações políticas, jurídicas e ideológicas (o ser social determina sua própria consciência), no materialismo dogmático não encontramos respostas para o fato histórico de que o mundo das idéias, no lugar Marambaia, não pode ser entendido como precedente, ou posterior, ao mundo da matéria, já que tal ideal retilíneo e uniforme nega a possibilidade da existência da contradição, a relação entre imaginário/simbolismo e trabalho/capital não obedece a uma única direção geográfica.

Na Marambaia há um vertical e infinito diálogo mutável e constante (Heráclito: o fogo é a melhor expressão da mobilidade e do caráter contraditório do real) entre a idéia que é matéria, mesmo quando é tida como imaginada, devido toda e qualquer exposição subjetiva ser de alguma forma, jeito ou maneira objetivada na vida

¹³⁴ PENHA, João da. *Períodos filosóficos. (Séries Princípios)* São Paulo: Ática, 1987. (p. 73).

do ser humano (disritmia respiratória, zípel, gastrite nervosa, cobreiro, cacoetes, encalho, sol, três sol, mal olhado, ...) ¹³⁵ e passando a ser, muitas vezes, identidade da diferença "racional" na recriação comunitária do jeito de viver culturalmente analisado. O *front* entre a matéria e a idéia é inexistente, já que enquanto contradição em processo, o tudo é o nada, e a negação é verdadeira porque "o obscuro" afirmava que somos e não somos (fragmento 49 a). Fica claro nos anseios de 1844 que Marx reconhece, em precisas abordagens filosóficas, a força material das idéias enquanto fruto e perpetuação do devir mutável e incomensurável.

Quando a escola de Mileto coloca que matéria (elemento material comum a tudo) é a umidade ou água (Tales), ou o sopro, ou ar (Anaxímenes) ou o imponderável éter (Anaximandro) ¹³⁶, pensamos atualmente que o diálogo na visita ao conceito lugar (onde o debate é o seu único e próprio conteúdo, colocado pelos dados etnográficos interpretados cientificamente, via categorias, conceitos e método) nos colocará uma releitura desta relação social que fará submergir diversos dilemas, entre eles citamos o embate histórico idéia/matéria, que nos remete instantaneamente para o confronto sociedade/natureza (percepção cultural/ambiente natural), e faz um convite aos filósofos e aos cientistas, entre eles os geógrafos humanistas, que se multipliquem na busca de perguntas (que são mais importantes do que as respostas) porque "nada se perde, tudo se transforma", inclusive em mito.

¹³⁵ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (p.193):

"Se o simbólico -racional é o que representa o real ou o que é indispensável para pensá-lo ou agi-lo, não é evidente que esse papel é mantido também, em todas as sociedades, por significações imaginárias? O real para cada sociedade não compreende inseparavelmente, este componente imaginário, tanto no que diz respeito à natureza como, sobretudo, no que se refere ao mundo humano?"

¹³⁶ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Introdução à filosofia*. Salvador: UFBA, 1992. (p. 89).

"Ora, se considerarmos não mais os mitos mas trechos de mito, isto é, imagens materiais menos ou mais humanizadas, o debate fica imediatamente mais matizado e sentimos ser necessário conciliar as doutrinas mitológicas extremas. Se o devaneio se liga à realidade, ele a humaniza, a engrandece, a magnífica. Todas as propriedades do real, uma vez sonhadas, tornam-se qualidades heróicas."¹³⁷

O conceito geográfico lugar passa a ser mais estudado pelo desdobramento do pensamento humanístico na Geografia. A dicotomia entre geógrafos culturais e geógrafos analíticos, que anteriormente estudavam os questionamentos pertinentes à percepção ambiental, vai originar a geografia humanística (geografia cultural) e a geografia comportamental (geografia analítica). A interpretação do termo percepção, no estudo conjunto da "percepção ambiental", vai se reproduzir no interior da geografia humanística quando a base fenomenológica é transferida para a mesma, enquanto geografia cultural.

¹³⁷ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p. 157).

Este dado acadêmico nos faz realizar uma conversa com a ciência antropologia, com a disciplina antropologia da pesca¹³⁸ e

¹³⁸ACHESON. James M. *Anthropology of Fishing. Annual Review of Anthropology*. 10: 275-317. Siegel, Bernard J.(Organization). California: Palo Alto, 1981.(p.275):

"Anthropologists interested in maritime anthropology have focused on three subjects: modern fisheries, shipboard life, and prehistoric marine adaptations."

DIÉGUES, A. C. S. *Ciências Sociais e o meio no Brasil*. A. C. S. Diégues e R. R. Sales (Orgs). São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN, 1988.

DIÉGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DIÉGUES, A. C. S. *Pesca Artesanal: Tradição e Modernidade*. A. C. S. Diégues (Org). São Paulo: IOUSP/F.FORD./VICN, 1989.

FIRTH, R. *Malay fisherman - Their peasant economy* .pp.1-27 - pp.282-297.Londres: Routledge and Legan Paul, 1971.

FORMAN, S. *The raft fisherman - Tradition and change in the brazilian peasant economy*. pp.35-45 -pp. 105-117. Bloomington: Indiana University Press, 1971.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Eu sou o dono desta canoa: Reflexões sobre a antropologia da pesca*. Cadernos paraibanos de antropologia. João Pessoa, 1985.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e mares, Espaço e indivisão na Pesca Marítima*. São Paulo: Annablume, 1993.

MALDONADO, Simone Carneiro. *No Mar: Conhecimento e Produção*. Ciências Sociais e o mar no Brasil. São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN, 1988.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986.

com a etnologia¹³⁹, que estuda os hábitos, o folclore e os costumes dos homens pescadores no “mundo” das águas.

Tais pescadores artesanais possuem o sentimento de pertencimento¹⁴⁰, implícito à realidade geográfica documentada no ímpar modo de vida. A noção de pertencimento comunitário é aglutinada à reprodução do tempo histórico no qual há o tempo das coexistências (por exemplo: o tempo lento/cíclico dos passos no caminho de areia coexiste diferentemente com o tempo da acelerada contração tempo/espço da tecnologia representada nas redes telecomunicações¹⁴¹). O imaginário/simbólico é resultado e condição para o tempo histórico que só há enquanto tempo de coexistências.

A Geografia e a Antropologia, ambas culturais, levam o pesquisador ao pensamento de Marx e ao historicismo relativista de Wilhelm Dilthey¹⁴² porque colocam na mesa de debate a

¹³⁹ CHÂTELET, François. Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (p. 153 E 154):

"O problema que se vê aqui colocado é evidente o seguinte: como fará o etnólogo quando se ver confrontado a sociedades gigantescas,...: ele vai em primeiro lugar procurar objetos empíricos.... E ,é um fato, voltar-se-á em primeiro lugar para a comunidade camponesa (e não para a família desmembrada), ... Em suma, seus objetos de predileção serão os grupos sociais que se situam mais no exterior da sociedade global do observador: os que qualificamos de marginais: camponeses, bretões, feiticeiros do Berry, ..."

¹⁴⁰ HOMEM, Homero. Cabra das Rocas. 10. Ed. São Paulo: Ática, 1988.

PINTO, Lauro. Natal que eu vi. Natal: Editora da UFRN, 1971.

PINTO, Lenine. Natal/RN. Brasília: Editora do Senado Federal, 1975.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade de Natal. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

¹⁴¹ CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato. (Organizadores). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p.155).

¹⁴² REALE, Miguel. Introdução à filosofia. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 153).

questão das leis culturais, da herança cultural e as experiências vitais, isto é, o relativismo abordado no estudo de Dilthey viabiliza uma busca da peculiaridade registrada no modo de vida enquanto ímpar herança cultural. Acreditamos que a Geografia e a Antropologia Culturais, através da questão do modo de vida, permitem que Marx e Dilthey conversem com os existencialistas e os fenomenólogos, basta pensar na relação dos contrários (Heráclito), nas Doutrinas histórico-culturais¹⁴³ e nos manuscritos de 1844 onde encontramos a relação homem/natureza, a própria história.

Os manuscritos são o nosso fio condutor que liga Marx a Husserl, isto é, a filosofia marxista apresenta nos manuscritos a dimensão natural/social do homem e procura abraçá-lo plenamente através do contrário móvel, como encontramos nos registros de Zenão e de Heráclito (os pais da dialética). Edmund Husserl quando afirma que “na percepção, algo é percebido, na imaginação, algo é imaginado, na enunciação, algo é enunciado,

¹⁴³ REALE, Miguel. *Op. Cit.* (p. 193, 195, 203):

“Como é possível penetrar nesse mundo, que é o mundo da cultura? Qual a chave que nos abre o mundo histórico? No fundo, é este um dos propósitos fundamentais de Dilthey, cujos trabalhos foram desenvolvidos por um grande número de pensadores, embora orientados por doutrinas diversas, com base em sua límpida distinção: a natureza se explica; a cultura se compreende.”

“As ciências do espírito diferenciam-se das ciências da natureza, em primeiro lugar, porque estas têm como seu objeto fatos que se apresentam dispersos na consciência, procedentes de fora, como fenômenos, enquanto que nas ciências do espírito se apresentam desde o íntimo, como realidade e, originalmente, como uma conexão viva (...).”

“Imaginemos, diz ele, que repentinamente a humanidade se torna insensível, sem vibrações estéticas, por ter-se-lhe obliterado o sentido do belo... Poder-se-ia explicar o material todo, mas já se não poderia compreender. O elemento axiológico é a essência da compreensão da cultura. No fundo, cultura e compreensão; e compreensão é valoração. Compreender, em última análise é valorar e apreciar as coisas sob prismas de valor.”

no amor, algo é amado, no ódio, algo é odiado, no desejo, algo é desejado, etc.”, faz urgente a presença da ciência simbólica (algo simboliza alguma coisa, ser, objeto ou criatura) e das categorias filosóficas capital e trabalho que enquanto matérias são idéias que simbolizam “algo” natural/social. O fato de Marx dizer que “é evidente que o movimento se origina entre os diferentes povos, conforme a verdadeira vida reconhecida do povo transcorra mais na consciência ou no mundo exterior, conforme a vida seja mais ideal ou real”, promove a possibilidade do estudo do algo imaginado (Husserl), da herança cultural (Dilthey), da vida mais ideal (Marx) e do mundo da cultura ou mundo histórico-cultural (Hegel: espírito objetivo)¹⁴⁴.

¹⁴⁴ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 155, 178):

“A essa projeção do espírito para fora de si, num plano da história, como história, é que Hegel denominada espírito objetivo – expressão que podemos conservar sem aderir aos pressupostos do filósofo germânico: é, em suma, o mundo da cultura, ou o mundo histórico-cultural. ”

“... desde a Fenomenologia do Espírito, de Hegel, se sabe que quem diz subjetividade diz intersubjetividade, não sendo a pessoa senão a expressão dessa identidade. Daí afirma-se que a pessoa é a dimensão social da subjetividade, sendo inseparável desta.”

SANTOS, Mario Ferreira dos. *Teoria do Conhecimento (gnoseologia e critèriologia)*. 3.ed. Volume IV. São Paulo: Logos, 1958. (p.96 e 104):

“Já vimos que a posição objectiva centra todo o conhecimento no objecto, enquanto o subjectivismo centra-o no mundo do sujeito.”

“O ser é pensar, o pensar é ser. E pensamento tanto é o pensamento operatório, o intelectual em geral, como o sensório-motriz, o afectivo (páthico). Onde o pensamento, o ser; onde o ser, o pensamento. Todo ser é pensamento, porque o ser pode ser captado pelo ser, em suas modalidades.”

PACINI, Dante. *Sínteses e Hipóteses do Ser-Humano. (Sentidos, Experiência e Conhecimento)*. Rio de Janeiro: 1967 (p. 16 e 17):

“Quer dizer, êsse ser é o que se define ou que se afirma por si mesmo, como ser-humano total (corpo-espírito), que existe numa relação subjetiva-objetiva de uma realidade sensível e verdadeira.”

O fenomenólogo Husserl (1859-1938) através da ciência simbólica¹⁴⁵, abriu a porta para a continuidade e complementaridade de suas dúvidas e, principalmente, para as perguntas dos demais filósofos, isto é, ele não investigava uma fenomenologia alicerçada numa opção acadêmica-histórica sempre retilínea e solitária, apesar desse filósofo não trabalhar com a dialética enquanto método de pensamento e objetivação. Mas, o simbolismo abre “portas” no debate de Husserl. Merleau-Ponty faz um direcionado aprimoramento das inquietudes de Husserl (presente em uma psicologia empírica e tradicional)¹⁴⁶.

Quando Husserl nos afirma que “o aprender é o ter intuitivos e diretos da cogitatio¹⁴⁷ são já um conhecer; as cogitationes são os

¹⁴⁵ HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. (p. 104):

“E, finalmente, o chamado pensamento simbólico. Penso, por exemplo, duas vezes é quatro sem intuição alguma. Posso eu duvidar de que penso essa proposição aritmética, e de que o pensado não diz, por exemplo, respeito ao tempo que hoje faz? Também aqui tenho evidência, portanto, algo assim como um dar-se? E se chegamos tão longe, não há remédio, temos também de reconhecer que, de certo modo, também o contra-senso, o plenamente absurdo, está dado. Um quadrado redondo não aparece na fantasia como me surge o cavaleiro que mata o dragão; (veja Ogum – grifo nosso) – e também não na percepção, como a coisa exterior qualquer; mas existe aí, no entanto, de modo evidente, um objeto intencional. Posso descrever o fenômeno pensamento de um quadrado redondo, no tocante ao seu conteúdo ingrediente, mas o quadrado redondo não está nele e, no entanto, é evidente que está pensado neste pensamento e que é o pensado como tal o pensamento atribui justamente a redondez e a quadradura, ou que o objeto desse pensamento é redondo e ao mesmo tempo quadrado.”

¹⁴⁶ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 6).

¹⁴⁷ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 376).

primeiros dados absolutos¹⁴⁸ e ao nos remeter à ciência do simbólico e da fantasia¹⁴⁹ torna possível chegar na denúncia presente na bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e na do Partido da Frente Liberal (PFL), isto é, o simbolismo existente no estudo da idéia da fenomenologia apresenta a objetivação da subjetividade que só é e há objetivada, toda e qualquer objetivação tem como conteúdo a infinita contradição em movimento. A relação entre “a percepção, a fantasia, a recordação, a predicação, etc.”¹⁵⁰ são manifestações e documentações do próprio sentido do fenômeno¹⁵¹. Ogum no lugar Marambaia testemunha que todo e qualquer fenômeno é pura e simples contradição. Zenão e Heráclito são imortalizados na existência de Ogum que é só “ebulição”.

¹⁴⁸ HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. São Paulo / SP: Martins Fontes, s/d. (p. 23).

¹⁴⁹ MONDIN. Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980. (p.68):

" A fantasia é, por isso, assim definida: é a faculdade ou a atividade mental que produz, conserva, reproduz e cria (entendendo a criação no seu sentido impróprio) imagens, também independentemente da presença dos objetos aos quais as imagens próprias correspondem. Tal faculdade ou atividade , devido ao seu poder de formar imagens, foi também chamada de imaginação."

¹⁵⁰ HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. (p. 32).

¹⁵¹ HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. (p. 104).

Merleau-Ponty escreve que:

*"A verdade não habita somente o homem interior (In te redi; in interiore homine habitat veritas Santo Agostinho), ou mais, não há homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do censo comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito voltado para o mundo."*¹⁵²

Merleau-Ponty passa a ser um dos principais alicerces das inquietações que permeiam a evolução do pensamento geográfico brasileiro, entre tais aflições acadêmicas, encontramos a busca pela releitura do conceito geográfico "lugar". É legítimo o estudo das "doutrinas histórico-culturais" que poderá nos levar a realizar um diálogo entre filósofos idealistas, materialistas e fenomenólogos.

A eticidade da cultura é encontrada na objetivação do espírito, isto é, o ato de perceber (Husserl), de pensar objetos (Platão) e de realizar objetos e objetivos (Marx)¹⁵³ pressupõe uma relação entre um "ser" e outro "ser". A intersubjetividade se encontra na raiz de toda e qualquer instauração de determinada cultura, na qual a relação "inter homines" impõe uma regra, ética, conduta, norma ou uma medida que precise a cada um o que é seu, e sempre impõe as relações de parentesco uma identidade geográfica. A realidade registrada na forma de ser e viver, enquanto fruto da história, é "um bem de cultura" que é possível devido à "socialidade" que é pilar e registro da própria

¹⁵² MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 8 e 9).

¹⁵³ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 177).

intersubjetividade do homem, que é expressa e manifestada no seu jeito de viver, na sua cultura ou intencionalidades objetivadas (Hegel: subjetividade é intersubjetividade na qual os homens são a dimensão social da subjetividade) de acordo com o processo histórico ímpar que nós conhecemos quando as potencialidades sociais da sensibilidade e da inteligência se imbricam com o objeto exterior ao ímpar que só há na diversidade, a cultura é “socialidade”, compreendida como processo intersubjetivo de objetivação dos valores da consciência intencional.

A intencionalidade é princípio primário da fenomenologia, que “todos os atos psíquicos, tudo o que se passa em nossa mente, visam a um objeto, isto é, toda consciência é consciência de alguma coisa”.

A intersubjetividade presente na intencionalidade do ser humano é dado primordial do conceito cultura¹⁵⁴, que só é possível devido à existência do homem na terra, porque “é que desaparecido o homem, extingue-se a cultura, por ser esta a presença do homem no universo da natureza”. Concluimos que o pescador artesanal, enquanto ser histórico de peculiar jeito de viver, reproduz uma definida cultura, sempre oriunda de uma precisão histórica comunitária, que é documentada em singular linguagem e intrínseca à dimensão natural orgânica/inorgânica do pescador artesanal do lugar, que é condição e resultado social

¹⁵⁴ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 161, 251):

“O homem cujo ser é o seu deve ser, construiu o mundo da cultura à sua imagem e semelhança, razão pela qual todo o bem cultural só é enquanto deve ser, e a intencionalidade da consciência se projeta e se revela com intencionalidade transcendental na história das civilizações.”

“... o homem não é um deus no mundo, encarnação de infinito, deve ser: é o seu dever ser, ou seja, o dever ser com conatural à sua condição, à finitude de sua subjetividade; valor infinito enquanto condição dos demais, mas inseparável de sua circunstância.”

para a recriação do peculiar modo de vida, da cultura, da linguagem e da natureza orgânica/inorgânica da praia lagunar.

A fenomenologia inicialmente investigada por filósofos e psicólogos está atrelada aos princípios do significado e da experiência a base fenomenológica em geografia visa o entendimento dos sentimentos como registro da vivência, do cotidiano e do modo de vida.

A geografia cultural nos apresenta o conceito lugar tendo como conteúdo a questão da experiência imediata; remetem-nos para a noção de localização relacionada com a pausa do tempo (uma parada do tempo “x” em relação ao tempo “y”, mesmo que seja uma pausa do olhar); só há, e é, lugar quando possui um significado para o ser humano; lugar é ponto de partida da experiência percebida e vivida; ele tem valor e é conhecido para o ser que lhe conhece e atribui-lhe valor; tais lugares são componentes do espaço, o espaço teria os lugares como seu conteúdo; o lugar possui um significado próprio e único e o espaço começa no lugar (ele é a gênese do espaço); a identidade é condição primária para a evidência do lugar (Ex: o lugar é algo bom!); ele é fruto das experiências cotidianas, promove o sentimento de pertencimento em relação a ele e o diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social do ser humano (estes fatores sociais são o seu conteúdo e a sua própria existência). O lugar, enquanto experiência dividida com os outros homens, é a relação do ser humano com o meio ambiente, com a herança sócio-cultural e como papel assumido no mundo diário. A afirmação que leva o entendimento de que o lugar possui como sua existência conceitual a variável de um papel assumido no mundo diário, faz urgente a investigação da questão do conceito memória que não reduz as cenas intersubjetivas/interobjetivas ao momento histórico/natural da vida cotidiana ou do mundo diário.

A memória¹⁵⁵ é a relação social do presente instante espreado no cenário, no palco e, no espaço cênico enquanto uma releitura desdobrada de um momento histórico coletivo dito popularmente como sendo um tempo pretérito, já que, nas entranhas do modo de vida vivem em permanente ebulição e libertação (via cenas relidas) do falado, que de forma superficial e massificada, é visto como sendo o passado. Somos o que fomos, somos e seremos, isto porque o presente instante já nos projeta para o mundo diário e infinito, a própria materialização da sua existência histórica/natural é, instantaneamente, a própria substantificação desta mesma inexistência histórica/natural. O conteúdo do conceito lugar é a infinita contradição em movimento que no coletivo (relações de parentesco, lealdade, cumplicidade, afetividade e contraprestação) desenha e registra o labirinto da vida biomédica, psíquica, individual, comunitária, histórica e natural do animal ser humano, que trabalha, imagina, possui memória, produz e traduz uma individualidade social comunitária, mergulhada na particularidade de cada um dos homens, que só existem, e são, na intersubjetividade/interobjetividade que sendo individual é coletiva (estamos falando de um dos documentos da interminável contradição social).

Pensamos que o lugar deve ser pesquisado no debate colocado na mesa pela questão da “mutabilidade, multiplicidade e

¹⁵⁵ THOMPSON, P. *A voz do passado. História Oral. [Trad. Lólio Lourenço de Oliveira]* 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (p.194 e 197):

"Em relação à memória imediata, o passado está muito mais perto do que na tradição. Para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência , nosso conhecimento constroem-se diretamente com nossa experiência de vida passada."

"Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta."

mobilidade” de Heráclito¹⁵⁶, inerente e intrínseca a tudo, e não dialogada com o refletir pertinente ao “o Ser que pergunta e cuja razão existencial de seu perguntar, encontra-se na preocupação de sua circunstância como papel assumido no mundo diário¹⁵⁷. Somos história!, “o mesmo homem nunca toma banho no mesmo mar e o mesmo mar nunca banha o mesmo homem”¹⁵⁸. Assim, o mundo não é o mundo diário, porque o conjunto das forças materiais/imateriais de produção é, ao mesmo tempo, uma materialização/desmaterialização de toda a história passada e a base da história presente e futura, é um documento e simultaneamente uma força ativa intersubjetiva/interobjetiva de produção contraditória, conflituosa e multiforme dos homens, seres e objetos.¹⁵⁹ Gislaine Garcia de Faria afirma que “o lugar não expressa vínculo de propriedade, mas sim uma rede de relações.

Essa rede sugere o espaço vivenciado, experienciado nas suas atitudes e valores com o meio ambiente e o lugar”¹⁶⁰. A estudiosa não acrescentou que o vivenciado e o experienciado podem se registrarem no movimento histórico/natural enquanto

¹⁵⁶ LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.(p.93).

¹⁵⁷ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994.(p.245 e246).

¹⁵⁸ NUNES, César Aparecido. *Aprendendo filosofia*. 2.ed. Campinas (SP): Papirus, 1987. (p. 28).

¹⁵⁹ GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 2ed.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (p.191):

“O conjunto das forças materiais de produção é, ao mesmo tempo, uma cristalização de toda a história passada e a base da história presente e futura, é um documento e simultaneamente uma força ativa atual de produção.”

¹⁶⁰ FARIA, Gislaine Garcia de. *A migração rural urbana na análise humanística*. Londrina (PR): 1998. (p. 79) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas. [Bolsista de Iniciação Científica – CNPq] .

relações de contraprestação que, como tais, atribuem um vínculo de pertencimento e a negação da distinção conceitual entre meio ambiente e lugar. Pois, a reflexão científica da pesquisadora nos passou a noção de que o lugar é destituído da dimensão geográfica representada pela dita natureza não produzida e nem criada pelo homem. O texto não registrou que o vivenciado e o experienciado só se expressam e se manifestam na "mobilidade de Heráclito" quanto vinda da memória, popularmente a um falado passado (que não existe porque ele é o que sou, e o que nunca fui, sendo e serei, devido ter o outro como espelho para a minha releitura cultural) que é base primária para a recriação das contradições e a realização da linguagem comunitária, sempre vista como sendo conteúdo do conceito lugar. Mas, tal dado não nega que na academia se aplique o conceito lugar no sentido popular, coloquial e rotineiro gerando a necessidade de se fazer uma visita ao "lugar" do lugar nos textos de algumas obras universitárias¹⁶¹.

O vivenciado e o experienciado é o imaginado e simbolizado na relação "subjetiva" capital/trabalho¹⁶², que só tem existência no cerne da questão memória, presente no imaginário, no capital e no trabalho.

¹⁶¹ PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. *Da Geografia que se Ensina à Gênese da Geografia Moderna*. Florianópolis/SC: UFSC, 1989. (p.106):

"...a unificação do território e a conquista de um lugar privilegiado para a Alemanha no conjunto das demais nações."

¹⁶² REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 178).

Diégues nos afirma que o pescador lagunar vive em "ambiente fechado"¹⁶³ e Tuan, entre as suas cercas de 74 noções de lugar apresentadas na obra "Espaço e Lugar", reza-nos que o lugar é humanizado, centro "calmo de valores estabelecidos"¹⁶⁴, há uma necessidade social de se investigar interpretação geográfica do conteúdo do conceito lugar porque o mito não fica só no mundo das idéias (Platão) e nem o desdobramento capital/trabalho existe somente no mundo da matéria (Marx), o "lugar é aberto" porque a ciência cartografia ratifica que a Laguna dos Patos abre-se para o oceano e os moradores da comunidade chamam ambas águas de mar, no sentido de mar aberto.

A relação entre idéia e matéria compõe a noção da própria existência da contradição denunciada pelo fogo do jônio moderno criador da concepção heraclitiana, fazendo com que o dito centro calmo seja investigado socialmente enquanto "centro em ebulição" substantificado nas efervescentes relações comunitárias/mitológicas existentes entre o pescador artesanal e as tempestades da Omo iná¹⁶⁵ e o seu pescado e o

¹⁶³ DIÉGUES, A. C. S. (org.) *Tradição e mudança nas comunidades de pescadores do Brasil: por uma sócio-antropologia do mar*. In: DIEGUES, A. C. S. *Pesca artesanal : tradição e modernidade*. São Paulo: IOUSP/F.FORD/VICN, 1989. (p. 2):

"Isso não quer dizer que essas comunidades de pescadores (da Lagoa dos Patos, por exemplo) não tenham um profundo conhecimento desses ambientes aquáticos fechados, como estuários e lagunas, nem que não vivam, em alguns casos, quase que exclusivamente das explorações dos recursos pesqueiros desses ambientes, considerando-se pescadores profissionais".

¹⁶⁴ TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. (p. 61):

"O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar".

¹⁶⁵ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarin, 2000. (p.165).

atravessador da velha pedra do cais¹⁶⁶. Assim, raciocinamos que a calma é, e há, fervendo intersubjetivamente/interobjetivamente intrínseca ao tempo lento/cíclico do lugar onde a calma não subtrai e nem nega a ebulição¹⁶⁷, isto é, os dois corpos da linguagem ocupam o mesmo espaço no tempo singular do lugar.

A Marambaia como sendo dotada culturalmente de ímpar embate matéria/idéia cartografado nas relações comunitárias de lealdade destas com o labirinto do velho Quinota e do Negro Lucas (filho de Exu, Ogum, Oxóssi, Obaluaiê, Oxum, Iansã, Iemanjá, Xango, Iroko,...) faz a geografia refletir que lá não ocorre a acelerada contração tempo/espaço apresentada pelos

¹⁶⁶ MELO, A. F. *A pesca sob o capital - a tecnologia a serviço da dominação*. Belém: UFPq, 1985.

¹⁶⁷ KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Angústia*. [Trad. João Lopes Alves] 2.ed. Divulgação e Ensaio, s/d. (P.63):

"A inocência é a ignorância. ...Neste estado, há calma e há repouso; mas há, ao mesmo tempo, outra coisa que, contudo, não é perturbação nem luta, pois nada existe contra que lutar. O que há então? Nada. Mas que efeito produz este nada? Este nada engendra a angústia....Sonhador, o espírito projeta a sua própria realidade que é um nada, e a inocência vê continuamente diante de si este nada."(sublinhado nosso).

Observação: Afirmamos que o tudo é o nada e lembramos que neste embate o pescador se projeta em Ogum, e vice-versa.

cientistas que abordam a questão da globalização¹⁶⁸. Tudo ferve na confrontação direta e instantânea mito/homem onde um é o outro, pois são as potencialidades sociais/naturais da natureza orgânica/inorgânica, da subjetividade/objetividade, do imaginário/simbólico e do capital/trabalho que são a prefixação, isto é, a determinação da sistência¹⁶⁹ que é somente pura autotranscendência (G.Baget Bozzo: o seu ser é energia incomensurável com relação às mensuráveis)¹⁷⁰

¹⁶⁸ IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

IANNI, Octavio. *A Era Do Globalismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995

CONNOR, S. *Cultura Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

BENKO, G. *Economia, espaço e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SUBIRATS, Eduardo. *Da Vanguarda ao Pós-Moderno*. São paulo: Nobel, 1991. (p.72):

"O homem moderno vive perdido num mundo de símbolos e normas que, embora mostrem inequívoca funcionalidade objetiva, estão tão privados de dimensão interior que não lhe deixam espaço para reconhecer-se."

¹⁶⁹ SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos, 1957. (p.27):

"O que muda é a prefixação e não o prefixado, e embora lhe aconteça a prefixação, permanece o que é, sistência."

¹⁷⁰ MONDIN. Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980. (p.303):

"Portanto, a pessoa é constituída por quatro elementos principais: autonomia quanto ao ser, autoconsciência, comunicação e autotranscendência."

Moreira¹⁷¹ nos "apresentou" (estamos falando de parte do seu pensamento pretérito) a possibilidade geográfica de que o processo de reprodução ampliada da composição orgânica do capital iria promover a extinção das produções artesanais, entre as quais inserimos o lugar Marambaia, que só é, e há, em função de suas condições "materiais" de existência geográfica. Temos que nos basear no dado social, substantificado no jeito de viver dos pescadores artesanais, e reler o cientista social visitando o pensamento dos marxistas objetivistas e evolucionistas presentes nas discussões de Bernstein, Von Struvé, Perceval, Rey e Kautsky. Eles acreditavam numa homogeneização do mundo pelo modo de produção tido como tipicamente capitalista, e que era absurdo estudá-lo, tendo como pressuposto social que partes não pertencentes à infra-estrutura e a superestrutura deste modo de produção permanecessem historicamente, numa direção oposta ao vir-a-ser social submetido a lei totalizadora do progresso em geral (Kautsky: "A sociedade só pode se desenvolver num único sentido"¹⁷²). A lei totalizadora imbricada ao modo de produção nega as singularidades e nos remete a uma investida só na questão capital/trabalho desprovida do imaginário/simbólico.

Mas, o diálogo social intersubjetividade/interobjetividade, matéria/idéia, sociedade/natureza, capital/trabalho, natureza orgânica/natureza inorgânica, ...que contrariaram as previsões de Bernstein, Von Struvé, Perceval, Rey, Kautsky continuam

¹⁷¹ MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (p.76 e 97):

"Nas sociedades capitalistas o vínculo será rompido, já o vimos. Para se viabilizar, o capital proletariza os homens e se apropria da natureza."

"O capitalismo nasce destruindo a pequena produção artesanal e camponesa, para concentrar a produção e os homens na manufatura, que mais tarde será destruída por sua vez, para dar lugar a um espaço ainda mais centralizado e concentrado."

¹⁷² VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p.142).

defrontando-se com conceitos e categorias de muitos filósofos, cientistas, partidos políticos, movimentos sociais, centrais sindicais e outras manifestações/expressões da humanidade.

Neste raciocínio preocupado com o diálogo temos leituras que nos registram que o simbólico é mais apreendido nas paisagens mais "elaboradas" (Denis Cosgrove)¹⁷³, sugerindo um passeio pelas bases da ciência simbólica que são taxativas ao afirmarem com bases teóricas, metodológicas e filosóficas que absolutamente tudo são símbolos que nos representam tudo/nada.¹⁷⁴ Como vamos quantificar e qualificar a projeção e a dimensão simbólica da paisagem do labirinto do lugar Marambaia em relação ao Parque do Ipirapuera, quando São Paulo entra em efervescência com a instalação das bienais representativas da evolução do pensamento artístico no Brasil e no mundo.

¹⁷³ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDALH, Zeny. (organizadores). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.(p. 108):

"O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas - a cidade, o parque e o jardim - e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. "

¹⁷⁴AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.(p.03 e 04):

"Em outros termos, um símbolo é uma coisa que representa outra coisa."

"A relação entre o objeto e o seu símbolo é, dissemos, uma relação abstrata, uma relação estabelecida em termos de irrealidade)."

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Logos, 1959. (p.10,11 e 14):

"Nesse caso, o símbolo seria o modo de significar do ente, que sempre se refere a algo."

"Como objeto formal-terminativo, que é a formalidade ou perfeição considerada ou estudada pela ciência, temos a que tende à referência simbólica, ao simbolizado; em suma, significabilidade dos seres finitos, reais-reais ou reais-ideais."

"O sinal pode ser apenas convencional, arbitrário. O símbolo não. êste deve repetir, analógicamente, algo do simbolizado. Portanto, o símbolo é um sinal com a repetição de alguma nota do simbolizado."

Perguntamos se todos os símbolos são dotados da capacidade de quantificar e qualificar objetiva/subjetivamente a sua "elaboração" em relação a paisagem, isto é, não estamos pensando numa conotação de elaboração direcionada a uma visão estética no seu sentido popular e corriqueiro. Frisando-se que a paisagem, que simboliza algo, alguém ou alguma coisa, pertence a contradição em processo reinante na humanidade/naturalidade, onde os símbolos/paisagens intrínsecos ao lugar não são nem mais e nem menos "elaborados" do que todos os outros símbolos/paisagens. O lugar caracteriza-se por ser e ter, uma singular linguagem e assunto encerrado, até a próxima curva no labirinto do lobisomem. Assim, como tudo é símbolo não podemos pensar que a paisagem da rua junina pintada pelo Volpi (que é um símbolo objetivo/subjetivo) é mais elaborada do que a paisagem do caminho da casa do pescador artesanal pintada pelo próprio morador da comunidade, e menos elaborada do que o desenho do Canto do Mangue-Natal/RN feito pelo Navarro¹⁷⁵. Quais os critérios geográficos para se afirmar diante da academia (urbanistas, geógrafos, arquitetos, antropólogos, críticos de arte, artistas, paisagistas, filósofos,...) que uma paisagem é mais elaborada do que outra? Qual seria a opinião de Roberto Burle Marx ?

A conversa permanece para se evitar o monólogo, afinal estamos numa universidade, isto é, na relação da universalidade de hipóteses passíveis de equívocos, já que, não somos Mahatmas.

¹⁷⁵LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995.*

Werther Holzer¹⁷⁶ ao rezar que os lugares não são eminentemente simbólicos, que se relacionam ao indivíduo e são nomeados, enquanto que a paisagem se identifica mais como superfície contínua e não como área de interesse, coloca no diálogo a seguinte pergunta: Se as comunidades tidas como tradicionais, como a caiçara, a dos jangadeiros, a dos ribeirinhos etc, caracterizadas pela apropriação comunal, de extrativismo animal(caça e pesca), de espaços usados comunitariamente e permeadas de relações de parentesco inerentes ao curandeirismo, a magia e a mitologia não são o que Holzer chama de área de interesse, isto é, atividades produtivas recriadas pelo capitalismo moderno e possuidoras de uma baixa composição orgânica do capital e de um tempo lento/cíclico, entre as quais poderíamos exemplificar a pesca artesanal relida historicamente na praia da Marambaia. Se estamos falando o mesmo idioma acreditamos que a superfície contínua seria a lógica, a dinâmica e a evolução do que chamam de produções tipicamente capitalistas, será que a paisagem de superfície contínua seria o paredão de edifícios de Cobacabana/RJ, de Boa Viagem/PE, da Avenida Paulista e os muitos distritos industriais do Brasil, onde há uma reprodução ampliada do capital sustentada pela relação contraditória terra/capital/trabalho ?. Seja lá qual for a leitura entendemos que a continuidade e a descontinuidade já são, por si próprias, símbolos de algo, alguém ou alguma coisa, porque o tudo/nada se faz representar por singulares sujeitos/objetos materiais/ideias.

Tudo é morte e nascimento de símbolos, a Marambaia enquanto área de interesse não foge a sentença historicamente

¹⁷⁶ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (P.157 e 158):

"...porque o sentido de paisagem é eminentemente simbólico: e, dos lugares pois estes se referem ao indivíduo e são nomeados, enquanto que a paisagem se caracteriza mais como superfície contínua e não como foco de atenção."

abalizada pela contradição em processo (lembra-se de Heráclito?). Obedecendo a mesma perspectiva da leitura abordando o que conceituam de área de interesse encontramos o estudo de Paul Claval¹⁷⁷ refletindo sobre a questão das "marcas" que nos remete imediatamente para a similitude com a "área de interesse" de Werther Holzer e perguntamos se o labirinto da comunidade da Marambaia seria a marca na área de interesse? Neste caso documentamos que a singularidade é o modo de vida desta comunidade de pescadores artesanais e a particularidade aparece enquanto relação deste ímpar traço cultural com a universalidade inserida na gênese do embate matéria/ideia, simbolismo/imaginário, trabalho/capital, natureza orgânica/natureza inorgânica que embrionariamente são resultado e condição para a infinita contradição em processo que constitui a universalidade imposta por estas mesmas contradições. Lenyra Rique da Silva¹⁷⁸ acrescenta que a noção de lugar é imprescindível, e cujo conteúdo são todas as conexões entre semelhanças e diferenças, assim, nos permitindo indagar que as marcas citadas por Paul Claval são as variáveis culturais que desdobradas enquanto conteúdo do conceito e registram-se como "marcas" materializadas no já modo de vida, isto é, na linguagem comunitária. A comunidade praieira da Marambaia é lugar enquanto recriação histórica de peculiar linguagem que apresenta-a como mais uma contradição na universalidade defrontada com o prefixado, isto é, a sistência¹⁷⁹ não destituída

¹⁷⁷ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (P.92):

"A Paisagem é, assim, uma das matrizes da cultura. Mas, ela é, também, o lugar onde as atividades humanas gravam sua marca: deste ponto de vista, ela é marca(Berque,1984)."

¹⁷⁸SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia). (p.19).

¹⁷⁹ SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos,1957.(p.27)

das singularidades, posto que estas possuem enquanto resultado e condição de ser e haver a universalidade, que tem como teor histórico/cultural a natureza na sua totalidade orgânica/inorgânica inerente a tudo.

A natureza compreendida enquanto obra nata, isto é, não produzida e nem criada pela categoria trabalho, exerce influência no processo de reprodução do trabalho excedente (que no nosso caso é sobretrabalho), "somente como limite natural" que impõe como, quando e onde inicia-se o processo de metamorfoseamento do homem em uma mercadoria geradora de trabalho, que será roubado socialmente por ditames naturais/sociais. É o jeito de viver, que no sentido verticalizado trás consigo todos os embates entre matéria/idéia, símbolo/imaginário, capital/trabalho, natureza orgânica/natureza inorgânica, é que vai "influenciar mediante a determinação do ponto onde pode começar o trabalho para o outros"¹⁸⁰. Na comunidade praieira da Marambaia não há assalariamento e os confrontos sociais são "marcas" deixadas pelo Lobisomem/Minotauro do espiral/trança espreado no labirinto, que configuram-se como particularidade do lugar praieiro que é fechado/aberto, seguindo-se a conversa com Diegues.

Este "limite natural" não retrocedeu acompanhando o avanço das produções entendidas como sendo tipicamente capitalistas, porque partimos do pressuposto teórico de que as produções pesqueiras artesanais são eternos desdobramentos da acumulação uterina, que somente é submetida contraditoriamente ao invólucro capitalista de acelerada contração/tempo espaço por ser alicerce dos três pilares de sustentação social/natural (capital, terra e trabalho) para a ebulição dos embates primários apresentados, que como tais só possuem razão de ser, e haver como alicerces dos pilares, que não são

¹⁸⁰ QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. [Trad. Liliانا Lagana Fernandes] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.(p.78).

desprovidos do simbólico e nem do imaginário da intersubjetividade/interobjetividade (São eles guerreiros Oguns negros?).

Os Oguns dedicam-se a produção de valores de uso comunitário porque consomem parte do que pescam e a produção de valores de troca e de uso social porque trocam o trabalho vivo metamorfoseado em mercadoria capitalista pelo equivalente geral. Como a esmagadora maioria da produção é destinada aos atravessadores da velha pedra do cais é que a atividade pesqueira artesanal do lugar Marambaia é através da venda do pescado; da compra de materiais para a pesca; da caminhada seguindo o andor de Ogum pelas ruas da cidade; ...submetida secularmente a interminável "usura que se exerce para a transformação do patrimônio monetário em capital"¹⁸¹. Assim, é que se pode entender porque lá o tempo é lento/cíclico dissolvido no medo e na adoração dos orixás.

Na Marambaia há um mitológico sacro-religioso relacionado à cultura negra, em uma comunidade praieira em que não há negros. Assim a intersubjetividade que é simples objetivação comunitária (toda interobjetividade é intersubjetividade) é diferenciada nesta particularidade e via transferência de sobretrabalho e a incapacidade de se capsular a potencialidade imaginativa do ser humano (a abertura do simbolismo presente no imaginário, na memória e na relação capital/trabalho) diz que o lugar é aberto e fechado, toda e qualquer afirmação, ou negação, tem no seu mais profundo caráter legitimador o seu próprio extremo oposto. Há uma dialética entre o "mundo dos mitos" (Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxossi, Oxalá, Omulu e Exu), dos homens, das idéias, das matérias,... (sempre presente na historicidade ímpar desta pesca artesanal em botes movidos pela ação eólica).

¹⁸¹ QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. [Trad. Liliانا Lagana Fernandes] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.(p.112).

A pesca artesanal em bote a vela, os caminhos de areia, a tramela nas portas e janelas, as casas sem muro e nem cerca, os passos vagarosos no labirinto de taquaras, remete-nos ao “centro calmo” que é só pura ebulição na acelerada imaginação/simbólica objetivada no trabalho roubado, no Diabo, no guerreiro Ogum... e no que jamais se pensou ser materializado.

*"A porta estava fechada,
Não sabia como abrir.
Pedi ao Exu das 7 Portas
Que abrisse para mim."¹⁸²*

Então, “Os fatos da geografia são fatos de lugar; sua associação origina o conceito de paisagem”. Carl O. Sauer¹⁸³ afirma que a paisagem seria composta por lugares. Na geografia que apresenta a noção de lugar relacionado à existência do laço afetivo para com a conceituação geográfica, parece que existe um pensamento de que o lugar é desprovido de paisagem, quando exemplificam o bem de consumo doméstico como sendo um lugar. ... a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente (Denis Cosgrove).¹⁸⁴ A leitura de Cosgrove nos permite refletir a identificação peculiar da cultura do lugar que comunitariamente recria o labirinto, cuja “estrutura e mecanismo” não é acessível à

¹⁸² BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989. (p. 119)

¹⁸³ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUURJ, 1998. (p. 23).

¹⁸⁴ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUURJ, 1998. (p. 99).

mente humana do estranho, mas acessível, “desestruturado e desprovido de mecanismo” para o pescador artesanal e, verticalmente, lá existem laços afetivos no cerne das relações de cumplicidade que, secularmente em conjunto com o mundo dos Orixás(há quem diga que o mito é denúncia de irracionalidade¹⁸⁵), não criaram um outro modo de vida, mesmo que partimos da possibilidade de que em algum momento tenham visto o “mundo” de outra maneira.

O lugar não é só o lugar cadeira para sentar, cama para dormir ou cozinha para cozinhar¹⁸⁶. A cozinheira possui seus segredos e potencialidade criativa, da mesma forma, jeito e maneira que o pescador domina o labirinto, a arte de pescar artesanalmente, de conhecer os segredos e mistérios das águas¹⁸⁷ e das tempestades: “... tende piedade Nossa Senhora dos Navegantes”!¹⁸⁸

A comunidade praieira tem laços afetivos no desdobramento espacial da atividade pesqueira artesanal, eles não podem ser reduzidos a dimensão do bem de consumo doméstico cadeira e só os pescadores artesanais conhecem as saídas sem entradas, e as entradas sem saídas, do labirinto de taquaras. Será que o lugar é desprovido de paisagem, já que, há uma reflexão que reza a seguinte sentença: “assim, paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema

¹⁸⁵ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o “milagre Grego”*. *La pensée*, N.104, Agosto, 1962.

¹⁸⁶ TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. (p. 33).

¹⁸⁷ Jajá, Preto Rico e Manoel. *Lendas do Abaeté. Samba Enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Intérprete: Jamelão. Disco: Os Melhores Carnavais de sua Vida(Sambas de Enredo 1973/1984)*. São Paulo: PolyGram, 1995.

¹⁸⁸ BILA (depois que perdeu sua salga na tempestade ocorrida em 08 de outubro de 2001).

da natureza (Cosgrove)”¹⁸⁹. Entendemos que a relação afetiva faz parte das relações sociais de produção e que a pesca artesanal tem no seu mais profundo diálogo a questão primária da natureza orgânica/inorgânica do ser humano.

A geografia cultural convida para se visitar o conceito geográfico lugar! Tuan fala que há um lugar natural e um lugar construído¹⁹⁰. Ocorre a preocupação de investigar “a produtividade do trabalho permanentemente ligada a condições naturais que são todas reconduzíveis à natureza do próprio homem”¹⁹¹, já que, o próprio Tuan documenta que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história”¹⁹². Assim, o contínuo acréscimo de sentimento não é fruto das relações de parentesco das demais relações contraditórias que conjuntamente produzem e espriam a dimensão histórica/natural dos seres, das coisas, dos objetos, das criaturas, das entidades

¹⁸⁹ CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUURJ, 1998. (p. 100).

¹⁹⁰ TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. (p. 36).

¹⁹¹ QUAINI, Massimo. *Marxismo e geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (p. 76).

¹⁹² TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. (p. 37).

mitológicas da própria memória-hábito e imagem-lembrança¹⁹³ da linguagem da qual as árvores do lugar são inerentes e genuínas ao labirinto de vegetação cerrada¹⁹⁴ dos antepassados escravos fugitivos e dos atuais pescadores da beira mar de Exu Maré .

*“Na beira da praia,
Deram um grito de guerra.
Escutai cá na terra!
O que é! O que é!?
É o povo quimbandeiro,
Que vem lá do lôdo,
Exu Maré! Exu Maré!”¹⁹⁵*

¹⁹³ BOSI, E. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. 6.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994 (p.48 e 49):

"O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado."

"No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida."

¹⁹⁴ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. [Trad. Hildegard Feist] São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (P.69):

"E, à medida que se aprofunda mais na mata, o vocabulário se torna militar: as árvores formam baluartes e barricadas, pontiagudas paliçadas que miram o intruso e para além das quais moram os senhores da floresta, o javali e o lobo e o urso."

¹⁹⁵ BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989. (p. 115)

Estamos falando de inquietações de pesquisadores que nos levam ao conceito lugar abordado por estudiosos tidos como representantes da dita geografia cultural temos o conceito lugar apresentado por estudiosos das mais variadas escolas geográficas. Na questão agrária, a noção de lugar aparece desprovida da base fenomenológica. Oliveira faz o seguinte registro “dessa forma, pode-se verificar que a violência no campo no Brasil, não escolhe lugar ou tipo de vítima. Ela tem se generalizado”¹⁹⁶. Moreira, na mesma direção, escreve “o que o possibilismo não conseguiu demonstrar é por que certos lugares tiveram possibilidades maiores que outros”¹⁹⁷. Eles não fazem um debate do conteúdo do conceito lugar, mas, não afirmam que no cerne da questão exista uma “dimensão natural” separada de uma “social”. Tuan, colocado como um dos grandes pesquisadores do estudo sobre o conceito lugar, é obrigatoriamente nos nossos anseios por falar de um lugar natural e de um construído.

Na evolução do debate geográfico, os registros da geografia humanística nos direciona ao período de 1920¹⁹⁸, o pensamento geográfico humanista é contemporâneo à existência efetiva das demais escolas geográficas. Holzer diz que os trabalhos de Ann Buttimer e Yi-Fu Tuan consolidam a disciplina humanística no período de 1970¹⁹⁹. Assim, a escola vai influenciar a evolução plural e diversificada do pensamento geográfico brasileiro. Buttimer reza que os fenomenologistas são os pesquisadores mais

¹⁹⁶ OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A geografia das lutas no campo*. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988. (p. 51).

¹⁹⁷ MOREIRA, Ruy. (org.) *Geografia : teoria e crítica. O saber posto em questão*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982. (p. 102).

¹⁹⁸ FARIA, Gislaine Garcia de. *A migração rural urbana na análise humanística*. Londrina (PR): 1998. (p. 13) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas. [Bolsista de Iniciação Científica – CNPq]

¹⁹⁹ HOLZER, Werther. *A geografia humanística – sua trajetória de 1950 a 1990*. [Dissertação] Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. (p. 232).

abalizados para a lapidação das inquietações humanísticas, porque estão “oferecendo a experiência vivida como campo de estudo alternativo à ciência objetiva”²⁰⁰. Ele parece fazer uma dicotomia entre a filosofia materialista e a idealista, atreladas ao simbólico/imaginário inerente ao jeito de viver que é uma linguagem, uma escrita, pronúncia, pintura, arquitetura, carta,...comunitária expressa na histórica reinterpretação da humanidade pela sua natureza/social de uma temporalidade/espacialidade não uniforme, retilínea e cartesiana.

Buttimer aparentemente não abre os caminhos para a ampliação da questão, já que verticaliza as angústias na fenomenologia, contrariando Sartre que permite a existência do “carro abre-alas” devido viabilizar uma reflexão entre o existencialismo e o marxismo (Sartre, Saraudy, Hyppolite, Vigier e Orcel)²⁰¹. Buttimer cita o geógrafo Carl Sauer, que nas dúvidas fenomenológicas registrou duas bases: uma conceitual, tratando sobre a distinção entre espaço vivido e espaço representacional; outra, metodológica, que se preocupa com o dualismo sobre a forma de se compreender a experiência (ora subjetiva ou objetiva). Fica explícito que a ausência da noção contradição permitiu a visão dicotomizada e deterioradora da universalidade orgânica/inorgânica que embriaga tudo e todos, visíveis e invisíveis aos sentidos biomédicos e psíquicos do ser humano. Tudo que há, e é,

²⁰⁰ HOLZER, Werther. *A geografia humanística – sua trajetória de 1950 a 1990*. [Dissertação] Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. (p. 237).

²⁰¹ SARTRE, Jean-Paul et al. *Marxismo e existencialismo (Controvérsia sobre a dialética)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966. (p. 64):

“... Para nós, o materialismo dialético não é somente uma exigência da totalização histórica, mas ele resulta, sobretudo, do próprio movimento da ciência. Recordemos, de início, que a idéia de uma dialética da natureza é muito anterior na história do pensamento humano, ao marxismo propriamente dito, embora este lhe tenha dado sua extensão moderna. Sem falar dos filósofos pré-socráticos tal como Heráclito, ...”

natureza, é uma compreensão ínfima e infinita, documentada na negação que é verdade, onde a recíproca é legítima.

Eric Dardel, Carl Sauer e John K. Wright são apresentados como precursores das “dores” da geografia humanística²⁰²:

"Sócrates: a minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulheres, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém, a grande superioridade de minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e faculdade ou fruto legítimo e verdadeiro – maiêutica."

Christofoletti²⁰³ convida o leitor a pensar a filosofia fenomenológica, no interior da maiêutica geográfica, como base para a demonstração fundamental da experiência vivida e adquirida pelos seres humanos englobando dados do futuro, passado e presente, substantificados no espaço presente. O pensamento de Christofoletti faz uma ponte com os estudos referentes ao tempo histórico e ao tempo das coexistências e remete-nos para Husserl (mediações cartesianas/1931) que na obra investiga o conceito mundo vivido e o conceito história.

Tal ebulição vai afetar a escola fenomenológica existencialista de Maurice Merleau-Ponty que é referencial obrigatório na geografia humanística, devido seu debate referente à

²⁰² FARIA, Gislaine Garcia de. *A migração rural urbana na análise humanística*. Londrina (PR): 1998. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas. [Pesquisadora Bolsista – CNPq] (p. 14).

²⁰³ CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectiva da geografia*. São Paulo: Difel, 1982. (p. 21).

fenomenologia da percepção apresentar o conceito da mesma²⁰⁴
encontramos pesquisadores que fazem uma leitura do estudo de
Merleau-Ponty como sendo ligado aos debates de Hegel, Marx,

²⁰⁴ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 5):

“... é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”.

Nietzsche e Freud²⁰⁵, mas, pensamos na possibilidade da existência de uma conversa científica entre alguns filósofos. Só que não acreditamos que a superação das feridas incuráveis, crônicas, abertas e cíclicas (implícitas e explícitas na imposta sociedade histórica/natural, reproduzida por nós mesmos que não somos mahatmas) seja fruto das experiências vividas, percebidas, sentidas, simbolizadas e imaginadas no modo de vida individualizado e capsulado socialmente. Seremos mahatma só no coletivo (trabalhadores da coexistência dos tempos, das culturas dos lugares, identificados e documentados nos movimentos sociais multiformes e academicamente, várias vezes, ditos como inacessíveis, e que por meio de laços de cumplicidade, afetividade, parentesco e contraprestação se tornaram "humanizados" como o mais distante sol²⁰⁶).

Merleau-Ponty realiza um debate referente aos fatos históricos e às suas conseqüentes novas noções filosóficas que foram absorvidas pela fenomenologia²⁰⁷. O estudo substantifica-se na obra "Fenomenologia da Percepção", que nos solicita ler sobre o pensamento fenomenológico, já que faz a seguinte afirmação:

²⁰⁵ FARIA, Gislaine Garcia de. *A migração rural urbana na análise humanística*. Londrina (PR): 1998. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas. [Pesquisadora Bolsista– CNPq] (p. 15)

²⁰⁶ MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200-201).

²⁰⁷ FARIA, Gislaine Garcia de. *A migração rural urbana na análise humanística*. Londrina (PR): 1998. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas. [Pesquisadora Bolsista– CNPq] (p. 15)

"O mundo não é o que penso, mas o que vivo, estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. Há um mundo, ou antes, há o mundo; esta tese constante de minha vida eu nunca poderei explicar inteiramente." ²⁰⁸

Mas, parece-nos que o "aberto" verticalmente investigado poderia ser dialogado com a existência possível de um conteúdo "mutável", enquanto expressão, manifestação e registro histórico/natural do mesmo. Assim, o sentido do "aberto" estaria no fato histórico/natural da racionalidade não possuir só pensamento racional, explicação, justificativa e lógica positivamente pensada, devido a mutabilidade dos objetos/sujeitos ser a sua razão de ser e de haver, no embate matéria/idéia, isto é, o mundo é o que penso e o que não penso, entendendo-se que o não pensar é pensamento, pois o zero é o primeiro e o último número, que enquanto pensamento não há, porque se penso logo ele e eu existimos²⁰⁹, e existindo-nos não existimos, porque toda afirmação trás no ser cerne sua imbricada negação ("o obscuro " : Essa unidade se faz justamente pela tensão oposta dos contrários, conforme ocorre entre o arco e a lira. Quando pousamos a mão sobre algo, este já deixou de ser o que era). A sentença diz que só iremos pesquisar o lugar como uma pergunta/resposta. Na obra "O Visível e o Invisível"²¹⁰ vamos nos debruçar sobre as categorias filosóficas básicas da fenomenologia questionada por Merleau-

²⁰⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 14).

²⁰⁹ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987.(p. 49 e 50): "Cogito, ergo sum ("Penso , logo existo"). Possivelmente, está é a formulação mais célebre da história da filosofia, rivalizando em notoriedade com o conhece-te a ti mesmo socrático. Seu enunciador, René Descartes (1596-1650)..."

²¹⁰ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

Ponty, que faz leituras abordando a dimensão estrutural e espiritual escrita na fenomenologia, e apresentando categorias filosóficas como sujeito e objeto; coisa e palavra; fato e essência; ser e nada; consciência; imagem. A preocupação sobre a relação da percepção com o subjetivismo humano apresenta a própria pesquisa da geografia referente a relação homem/natureza, porque a matriz percepção e subjetivismo coloca em pauta as dúvidas pertinentes ao conteúdo da categoria filosófica essência, consciência, palavra e imagem escritas no estudo fenomenológico de Merleau-Ponty.

No estudo “As Aventuras da Dialética-Marxismo e Filosofia”²¹¹, Merleau-Ponty faz uma visita aos anseios de Marx e o resultado da investigação é substantificado, entre outras observações filosóficas, numa abordagem sobre a “fenomenologia da linguagem” (o significante e o significado). Chauí abalizada na visita feita por Merleau-Ponty faz uma interpretação da “unidade da língua”, documentando que “a língua reencontra sua unidade do ponto de vista fenomenológico, isto é, para o sujeito falante que usa sua língua como meio de comunicação com uma unidade viva”. Chauí propõe que se pense linguagem enquanto cultura e que se pergunte quem é o “sujeito falante”, já que, nas perguntas pertinentes à questão da memória, as paredes de madeira da simples casa do pescador artesanal falam: “Sinto saudades das parreiras!”²¹²

Se Chauí reza que “o corpo, tal como vivemos, parece implicar o mundo, e a palavra, uma paisagem de pensamento”, é possível via linguagem se investigar na geografia humanística um aprofundamento do conceito paisagem? Na ciência simbólica tudo e todos são símbolos, inclusive a própria linguagem, e que o imaginário é denunciado pelo mundo simbólico, a questão da linguagem faz parte inerente da relação homem/natureza abordada

²¹¹ MERLEAU-PONTY, M. *Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

²¹² *Isolina*.

nas dúvidas de Marx, no seu terceiro manuscrito filosófico. Assim, voltamos para a urgência do diálogo entre os olhares dos filósofos.

Buttimer²¹³ nos demonstra que a geografia e a fenomenologia possuem uma certa similaridade na reflexão sobre a experiência do “lugar”. Mas, como os debates são distintos (pois temos uma ciência e um ramo da filosofia), é primário abraçar uma opção teórica que promova a comunicação científica “... tornando-se o mundo vivido como que emergindo do pré-consciente da experiência diária”. Assim, a ciência geografia e a filosofia fenomenológica possuem a potencialidade de, unidas, aprofundarem as indagações pertinentes à natureza da experiência humana, onde a noção de mundo vivido é entendido como base do conceito experiência vivida. Mas, segundo Buttimer²¹⁴, é primordial a visita empírica da ciência geografia porque só assim será possível, via reflexão mundo vivido, unir-se a ciência geografia e a escola filosófica fenomenológica. A base filosófica para qualquer ramo do saber científico não pode se legitimar num monólogo, mas na infinita conversa com as plurais e diversas categorias filosóficas; só o princípio da “ironia e da maiêutica socrática” (Aristóteles considerava Zenão o mentor da dialética)²¹⁵ é que deve ser o resultado, o conteúdo e a condição uterina para se pesquisar a legitimidade da conversa e poder-se pensar na proposta de mundo vivido enquanto contradição em processo, onde “tudo flui, nada permanece o mesmo” (“o obscuro”).

Refletimos que a inserção da gênese contradição para se pensar em visitar a geografia fenomenológica e a marxista, na investigação referente ao conteúdo do conceito lugar, poderá

²¹³ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971 (p. 242).

²¹⁴ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p. 142).

²¹⁵ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987. (p. 25).

viabilizar uma releitura do mesmo, tendo-se como ponto de partida que o modo de vida, permeado pela pesca artesanal e pela estrutura familiar, compõe as relações de contraprestação, que se espraiam pelos rituais de iniciação (batizado, primeira comunhão, casamento e, por que não, segundo Platão, o velório e o enterro que reiniciam o ciclo da imortalidade da alma, falamos, da realidade histórica/natural²¹⁶) e pelos mitos, que como os lobisomens e os homens sempre estão na beira do mar refazendo constantemente o labirinto da negra fugitiva e de Candinho curandeiro.

Os processos culturais²¹⁷ de cura contra o olho-gordo, cobreiro,...as procissões religiosas, as feitiçarias e as oferendas são intrínsecos a atividade pesqueira artesanal e a estrutura familiar, entendendo-se que todas as varáveis sociais culturais estão dissolvidas no labirinto e são o próprio. Tudo e todos se

²¹⁶CARVALHO, Sílvia Maria S. Carvalho.(Organização). *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990.(p.64):

"Os limites dados pelo espelho aplicam-se ao tempo: a eternidade é o tempo incomensurável, o não tempo; a descida de Orfeu aos Infernos dá-se fora do tempo."

²¹⁷ MOREIRA, Ruy. (Organizador). *Geografia: Teoria e Crítica (o saber posto em questão)*. Petrópolis / RJ: Vozes, 1982. (p.101):

"...: Cada comunidade ou agrupamento humano teria forjado todo um genero de vida, toda uma cultura a partir de uma experiência que teria travado com uma fração específica da crosta terrestre sobre a qual, por diversas razões, ter-lhe-ia cabido habitar."

POUILLON, François. *A antropologia económica. (Correntes e Problemas)* Lisboa: Edições 70, 1976. (p.26):

"...Desprezando os caracteres específicos da Kula, ela reduz o seu conteúdo ao de uma simples transacção, dependente unicamente de uma análise económica. Deste modo, fica reduzida a zero toda a diversidade cultural e é medida pela mesma bitola a troca comercial e a troca Kula cerimonial."

MALINOWSKI, Bronislau. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1976.

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.(p.101).

substantificam no imaginário/simbólico e no capital/trabalho, que sendo assim são o conteúdo do lugar, entendido enquanto eterno movimento contraditório e conflituoso entre “eu e tu”, é a própria natureza orgânica/inorgânica, a história/natureza e a intersubjetividade/interobjetividade que promovem a reiniciação do ciclo da singularidade dos objetos/sujeitos, isto é, da “história natural” materializada no jeito de viver ímpar dos pescadores artesanais do tempo lento/cíclico (“centro calmo”) da praia da Marambaia.

Geert²¹⁸ lembrando o eterno ciclo reza que “os consórcios, os contemporâneos, os predecessores e os sucessores tanto nascem como são feitos via formas de compreensão desenvolvidas sócio-psicológicamente e historicamente transmitidas” e ainda acrescenta que “nos lugares onde existe o culto dos ancestrais, de um lado, ou as crenças nos espíritos de outro, os sucessores podem ser vistos como (ritualmente) capazes de interagir com seus predecessores, ou os predecessores interagirem (misticamente) com seus sucessores”. Geert faz claramente o convite para se pensar na antropologia, na simbólica e na geografia como referências científicas ligadas à filosofia, para se verticalizar o estudo referente à nossa problemática espacialmente reproduzida na praia da Marambaia, onde a morte e a vida se encontram e se fundem nas pedras do Porto Velho. Sabemos que os bravos caícos defrontam-se com as “feitiçarias” dos terreiros que recebem a presença dos “vivos-mortos”.

²¹⁸ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (p. 232).

*"Meu pai, meu pai é Jacob,
Vem me ajudar,
Desce neste terreiro,
Que vamos trabalhar."²¹⁹*

O labirinto, onde moram os trabalhadores e os ancestrais desta pesca artesanal, que são os únicos capazes de encontrar o Minotauro/Lobisomem simboliza o lugar intrínseco ao espiral/trança da vida²²⁰, sempre presente na gira dos orixás, que igualmente como se manifestam nos terreiros, ziguezagueiam o espiral/trança do lugar em comunhão comunitária com os moradores da praia.

"... quando o sujeito é capaz de ziguezaguear pelo labirinto sem erro (ou com apenas alguns erros) e em movimentos corretos, todo o labirinto se torna uma localidade. Aquilo que começou como um espaço indiferenciado termina como um único objeto-situação ou lugar."²²¹

²¹⁹ BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos pretos-velhos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. (p. 93)

²²⁰ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.
CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (p. 2397).

²²¹ TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: Difel, 1983. (p. 81).

TÉCNICA DE PESQUISA

O trabalho metodológico de caráter tecnicista, referente à coleta de dados qualitativos e quantitativos sobre o resgate empírico e teórico da identidade histórica/natural do modo de vida da comunidade praieira da Marambaia, localizada na Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS (Carta de número 1 na próxima página)²²², foi realizado durante o período de 2000/2003.

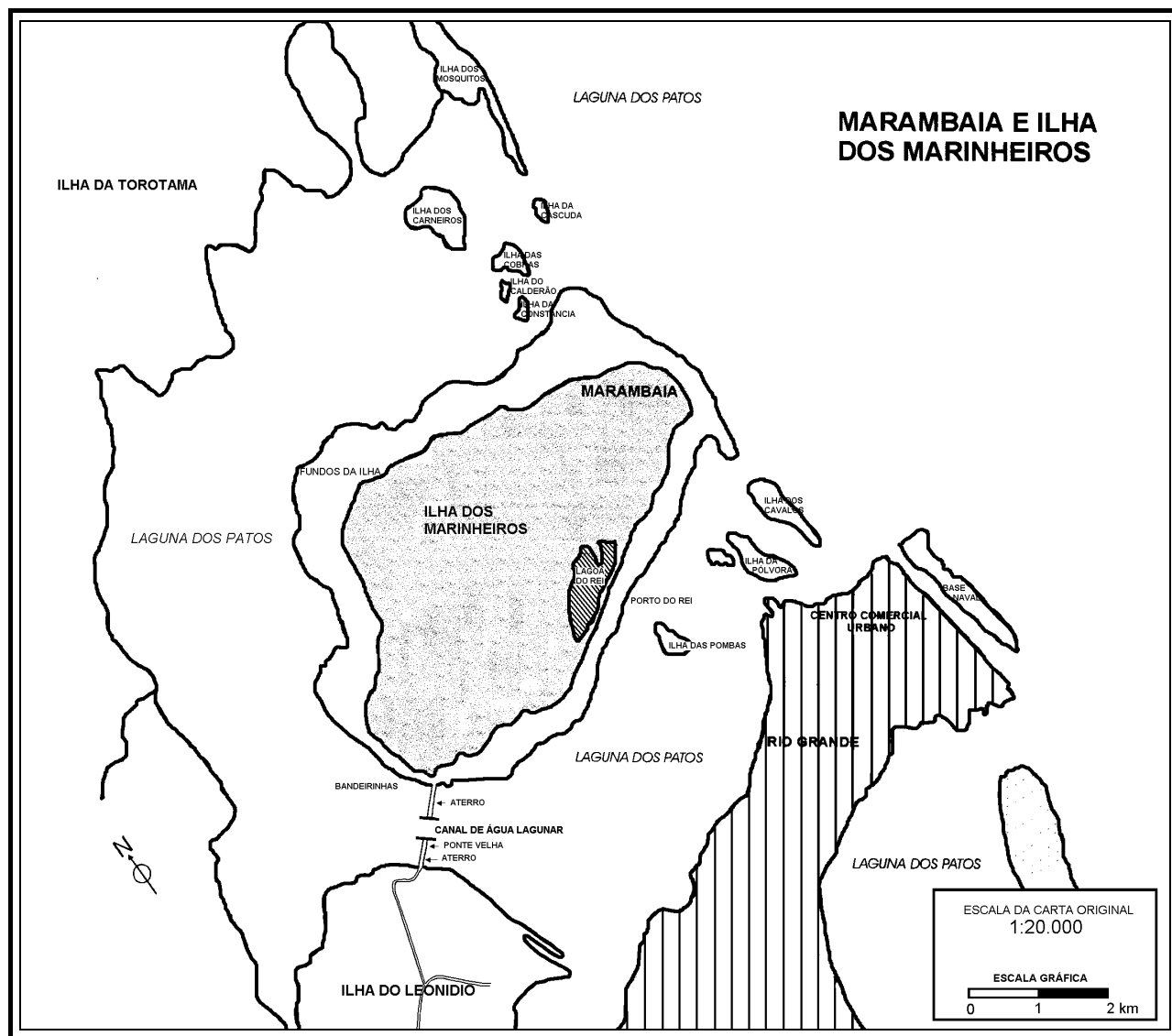
²²² *Carta: Marambaia e Ilha dos Marinheiros*

Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Departamento de Geografia

Dr. Edílson Alves de Carvalho – março/2003



Fonte: Prefeitura Municipal do Rio Grande/RS – 1975

No mês de março de 2000 começamos o trabalho de aquisição dos dados tendo como base a pouca e rara bibliografia existente só sobre a ilha e a história oral, levantada inicialmente praticando-se a conversa informal e descontraída com os pescadores do lugar, com os de idade superior aos setenta e cinco anos, e com os que estavam assiduamente praticando a pesca no mar. O procedimento de primeiramente procurar os velhos pescadores artesanais²²³ visava garantir os registros dos trabalhadores de idade avançada e secundariamente confrontá-los com a tomada de informações referente aos acontecimentos mais recentes.

A história oral permite que o pescador e seus parentes possam nos remeter ao imaginário e à realização da memória singular da comunidade. Os velhos pescadores artesanais conseguiram retroceder até o ano de 1907. O que aconteceu, ou deixou de acontecer²²⁴, antes deste período não aparecia nos registros. Eles não possuíam todos os componentes necessários para reproduzirem as cenas do pretérito modo de vida, porque só há memória quando todos os sujeitos/objetos componentes do cenário, do palco e da cena encontra-se no reencontro do ato, isto é, a memória é um diálogo entre matéria/idéia. O contrário seria afirmar que o pescador artesanal não é socialmente histórico. Somente existe monólogo como intersubjetividade/interobjetividade referenciada e personalizada no pescador que trava de forma simultânea ou salteada uma conversa com os objetos/sujeitos do

²²³ HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.(p.67):

"É um peixe enorme e tenho de dominá-lo. Não posso deixar que ele compreenda a força que possui, nem o que poderia fazer se aumentasse a velocidade. Se eu fosse ele, reuniria agora todas as minhas forças e começaria a correr até que qualquer coisa se partisse. Mas, graças a Deus , não são tão inteligentes como nós, nós que os matamos, embora sejam mais nobres e mais valiosos."

Observação: "Marx: Trabalhadores do Mundo Uni-vos."

²²⁴ Ressaltamos que o não acontecer já é um acontecimento.

palco, do cenário e da cena²²⁵. O salteado surge como a impossibilidade de promover a união simultânea entre os pescadores envolvidos em específico ato, ficávamos no leva e trás de dados, entre um e outro, até o término da releitura da cena e realização da memória, que por sua vez desfaz, o monólogo que é, e existe, como memória. Se tudo é teatro entendemos que o lugar é teatro enquanto afloramento da memória comunitária.

Entre cerca de setenta e quatro entrevistados, com questionário dotado de duzentos e sessenta e nove questões, só cinco foram submetidos à história oral. São um pescador artesanal-curandeiro, duas curandeiras e dois pescadores artesanais. Eles prontificaram-se a narrar descritivamente e encenada o modo de vida mais de ordem familiar e comunitária do lugar Marambaia. Houve uma preocupação proposital por parte dos moradores em falarem sobre o traço cultural reproduzido socialmente na beira do mar, nos evidenciarão que este procedimento era fruto de uma carência do ser humano, de haver quem quisesse sentar-se para ouvir. Os pescadores não exigiam que o pesquisador escrever-se, queriam que alguém desse atenção aos conhecimentos, sabedorias e informações diversas, pertinentes à comunidade praieira, aos seus rituais de iniciação, culinária, mobiliário, vestuário, técnica de pesca, benzedura, curandeirismo, confecção de redes de pesca, construção de casas, de galpões e dos vários tipos de botes.

A história oral não obedece à rigidez dos dados convencionais, representativos das ciências e formalmente apresentados, e não é autobiográfica e nem narrativa, voltada para um posicionamento pessoal e puramente "subjetivista". Assim, o

²²⁵PEIXOTO, Fernando. *O que é Teatro*. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.(p.38):

"Mas o teatro nunca abandonou totalmente as praças, não entregou as ruas, não se ausentou das feiras populares."

"O que é teatro hoje? Tudo."

levantamento de dados empíricos foi realizado de forma que permeasse as várias relações de lealdade que estão dissolvidas na atividade pesqueira artesanal em investigação, objetivando negar uma leitura monolítica e pessoal por parte do pesquisador e do próprio pescador artesanal. A história oral foi somada ao resultado das informações dos entrevistados, e este último texto teve todo o seu conteúdo comparado entre si, já que, objetivava-se averiguar se haviam disparates entre os dados. Ocorreram alguns disparates e foram procurados o velho pescador Quinota e o velho pescador-curandeiro Candinho, porque ambos conheciam onde estava escondido o Lobisomem/Minotauro do labirinto. Depois que realizada esta etapa do trabalho de campo foi feita a distribuição do teor deste texto em 98 envelopes textuais/temáticos e em 100 envelopes fotográficos/temáticos com 426 fotografias colocadas como documentos do jeito de viver dos pescadores artesanais do lugar²²⁶. Todo este material documental em conjunto com um "relatório" de bases teóricas, metodológicas e filosóficas foi apresentado para a banca de qualificação e o resultado deste debate originou este ensaio acadêmico. O estudo foi praticamente organizado, tendo como alicerce as principais inquietações sociais expressas pelos moradores do lugar, verticalmente, através da história oral e da memória dos velhos pescadores artesanais que trouxeram peças básicas para a montagem do quebra-cabeça imposto pelas contradições existentes entre a rara bibliografia sobre o lugar Marambaia e o que de fato evidenciamos via as técnicas utilizadas. O velho pescador artesanal foi básico devido sobretudo a riqueza de informações, conhecimentos, sabedorias, ...

²²⁶ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987. (p. 90):

" A quantidade de informações obtidas, sobretudo, através da observação participante é tão grande que a própria escolha das variáveis significativas se torna problemática."

referentes a singularidade do modo de vida do lugar. Assim, os velhos pescadores artesanais Quinota e Candinho foram os dois pilares de sustentação da minha tentativa de percorrer e varrer o labirinto da Marambaia.

Mas, deste o início do trabalho de campo na comunidade praieira, as entrevistas e a história oral²²⁷ impuseram a necessidade de somar a esta técnica²²⁸ a observação participante devido à singularidade do modo de vida, exigir o envolvimento direto do pesquisador com a participação efetiva ou um trabalho indireto de caráter observacionista, do acontecimento que se desdobra no espaço cênico, por exemplo, assistir ao pescador artesanal de madrugada preparar-se para no alvorecer ir pescar, é de vertical importância para se ter melhores condições de se fazer uma revisita à história oral narrada pelos velhos pescadores.

A chegada do "estranho" na comunidade do lugar Marambaia ocorreu através da conservadora de artefatos da Pinacoteca e Fototeca do Centro Municipal de Cultura "Inah Emil Martensen" - Rio Grande/RS que preocupada com a nossa riqueza cultural já tinha, através de seu ofício, conhecido um proeiro chamado "Nandi", que diariamente vinha da praia para as velhas pedras do cais. Ela foi quem viabilizou nossa viagem para conhecer a pesca artesanal da Marambaia, antes que houvésssemos terminado a redação do projeto de pesquisa, já que, era necessário iniciar entrevistando primeiramente os velhos.

²²⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. (p. 18):

"A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos."

²²⁸ GUIMARÃES, Alba Zaluar (Seleção, Introdução e Revisão Técnica). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. (p. 77).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987. (p. 58-92).

Alegando-se que se havia a imortalidade rezada por Platão, assim mesmo, não iria resolver a questão de como, e onde, se registrar a memória e a história oral dos velhos pescadores artesanais, depois do sepultamento do corpo humano "biomédico" dos mesmos²²⁹. Como já havíamos visto os botes movidos pela ação eólica e realizado reflexões sobre a comunidade, começamos as viagens de bote para a praia antecipando o planejado e preocupado em relação ao trato com o objeto em investigação, uma vez que poderia o "estranho" chegar perdido ao lugar sem ter todas as perguntas/respostas muito bem no projeto de estudo. Perdido por não haver lido e fichado tudo que gostava e achava necessário para iniciar as visitas ao lugar, isto é, queríamos fazer um específico percurso de Heráclito até Kierkegaard como nos sugeriu a nossa leitura do estudo de Marx sobre a natureza orgânica/inorgânica do homem historicamente determinado. O confronto filosófico entre Kierkegaard e Marx é um diálogo cuja gênese sempre encontramos espraiada em várias filosofias, posto que os pensadores sempre são historicamente determinados/influenciados pelos semelhantes/opostos. Foi há história nordestina que nos levou para a beira da praia do rio Potengi (lá para as Rocas da passista Zenaide, inimiga mortal de Lucarino da verde e rosa) e para a Filosofia, na eterna sede de saber quem sou e, inquestionavelmente, sou levado para o outro que sou eu, isto é, um estranho perdido no labirinto da Marambaia procurando pela sua ímpar "sistência".²³⁰

Quando chegamos no lugar Marambaia fomos encaminhados imediatamente para a Mercearia e lá encontramos um grupo de pescadores que conversavam, riam, brincavam e brigavam. A primeira conversa foi com o Jorge do balcão e ele

²²⁹ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p.70):

"Diz Nietzsche: Inventaram um outro mundo para poderem caluniar este e sujá-lo."

²³⁰ SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos, 1957. (p.27).

entendeu que tratava-se de um trabalho de pesquisa de um professor universitário. Mas, os pescadores continuavam com suas risadas e de tocaia prestavam atenção em tudo que falavamos, na roupa simples e calçado barato que usavamos, na pasta com papel e caneta, na jaqueta que não era adequada para a viagem de bote, no vocabulário de quem sabe ler e escrever e na sôbra da cultura nordestina denunciada pelo sotaque influenciado pelo sotaque dos catarinenses e dos gaúchos, já que, fazem 14 anos que deixamos o nosso litoral potiguar.²³¹

²³¹CÉSAR, Chico e MATA, Vanessa da. *A Força que Nunca Seca. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Força que Nunca Seca. São Paulo: BMG, 1999:*

*Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita*

*Que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta
..."*

Na Marambaia, neste momento mantive a primeira conversa com Lindo e foi com sua família que tive abrigo para comer, tomar banho no mar, dormir e trabalhar²³². Mas, não interessa ao pescador artesanal da Marambaia se você é professor, agente do censo demográfico ou um outro profissional qualquer, suas explicações sobre a pesquisa são ouvidas sem o menor interesse e atenção. Eles só querem saber se você é "da família", uma pessoa simples, sincera, prestativa, honesta e simpática para com os deles, caso contrário, não será recebido e nem aceito em nenhuma casa do labirinto²³³. O simples e sincero comportamento social abre as casas de portas sempre abertas e o inverso fechará as portas que continuaram abertas, mas cerradas. O prestativo significa não ficar alheio aos desabafos sentimentais e nem as tarefas que fazem

²³² HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987. (p.65):

"Bruyn continua, pois, a exposição de sua perspectiva sobre a observação participante, definindo o que chama de axiomas e corolários relacionados com o papel do observador participante:

Axioma 1: O observador participante compartilha da vida ativa e dos sentimentos das pessoas em termos de relações face a face.

Corolário: o papel do observador participante requer ao mesmo tempo desprendimento e envolvimento pessoal.

Axioma 2: O observador participante é uma parte normal da cultura e da vida das pessoas sob observação.

Corolário: O papel científico do observador participante é inter-dependente com seu papel social na cultura do observado.

Axioma 3: o papel do observador participante reflete o processo social de vida em sociedade (p.13-20). "

²³³ GUIMARÃES, Alba Zaluar (Seleção, Introdução e Revisão Técnica). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. (p. 79):

"Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar."

parte do "mundo dos homens", o conteúdo do vocabulário prestativo não é o assistencialismo e o paternalismo politiquês barato.

As entrevistas eram realizadas nas casas e o pescador sempre nos atendia, porque fazemos parte do imaginário/simbólico masculino da humanidade e não da comunidade, isto significa dizer que o nosso "lugar" é na mercearia "do Jorge" e não na padaria freqüentada pelas mulheres. Fomos na padaria por duas vezes e praticamente não obtivemos qualquer informação, porque elas só apontaram onde ficava a casa "do Carocha" que é vizinha desse estabelecimento comercial das mulheres. Só conseguimos entrevistar quatro mulheres, das quais três foram na presença do marido, e a exceção foi a curandeira Dodoca.

No turno vespertino eram feitas as entrevistas, que sempre ocorriam na cozinha e já perto das 16:00 horas sempre serviam um café, com pão e manteiga. Café que só é servido para os "da família", implicando afirmar que o estudante tinha liberdade de filho no interior da casa e que a entrevista sempre era diluída na história oral e no realizar-se da memória, isto porque sempre havia alguém das relações de parentesco que fazia parte do traço cultural da porta para as contraprestação e cumplicidades inerentes ao parentesco.

Quando saíamos para pescar fomos pescar corvina com Lindo e fomos realizarmos viagens diversas com Antônio do Quim, Nandi e outros homens da comunidade, porque no Lugar o homem só trabalha acompanhado de outro. Mas, sempre no turno vespertino porque dedicávamos o matutino para a simples observação, entrevistas e para a observação participante no trabalho na salga do "Bila", nos estaleiros, nas árvores onde são confeccionadas redes de pesca e na mercearia "do Jorge". Quando não era esta a técnica estávamos trabalhando com a história oral e com o afloramento da memória do velho pescador artesanal-curandeiro Candinho, porque a tarde utilizava as mesmas técnicas com o velho pescador artesanal Quinota, com

Isolina, com as duas curandeiras, e para Antônio do Quim as técnicas mais entrevistas. Carocha era o único submetido só as entrevistas e a mercearia "do Jorge" era objeto de todas as técnicas já explicitadas, todas elas sempre foram em função da disponibilidade dos moradores da comunidade, que culturalmente determinavam quando, como, onde e o que fazer. O noturno sempre foi mais para a história oral, realização da memória comunitária e simples observação.

Mas, esta narração se fez de forma muito horizontal, porque é praticamente impossível separar-se a entrevista da história oral quando o pescador artesanal sempre faz passeios longos sobre a singularidade do jeito de viver do lugar, e as suas indagações são de caráter intersubjetivo/interobjetivo e dialogadas com a comunidade, isto é, não trata-se de uma narrativa de cunho puramente pessoal. A história oral passa pelo mesmo imbricamento devido sempre haver presente um outro representante da comunidade que viabilizava a montagem dos palcos, dos cenários, das cenas e dos atores e instantaneamente transferiam a conversa para o plano da relação comunitária entre ambos, promovendo o registro da memória e colocando o estudante como um espectador da encenação de um dado cultural ímpar que só eles realmente participaram e assistiram.

Destacamos que o surgimento de técnicas variadas como a observação participante direta e indireta, a entrevista propositadamente redigida para um objetivo específico e a entrevista "aberta", a história oral e o afloramento da memória comunitária, surgem como imposições do objeto de análise em pauta e do tipo de diálogo que o estudioso pretende abraçar para

tentar reler o seu ponto de discussão.²³⁴

Assim, acreditamos que a aceitação de formas variadas de aquisição dos dados empíricos é legitimada, quando o resultado é apresentado em uma riqueza qualitativa e quantitativa sobre o que se pretende “entender”. Concluímos que é melhor optar pelo excesso dos dados do que pecar pela carência dos mesmos.

O nosso propósito acadêmico de tentativa de compreensão do jeito de viver do pescador artesanal é refletir, em nível do conceito lugar, os dados empíricos da Marambaia caracterizada por possuir embarcações voltadas para a pesca artesanal, representando um tipo de pescaria provida de um meio de trabalho que é regido pelo tempo lento/cíclico, constatatando-se com a pesca industrial, onde não existe qualquer tipo de embarcação eólica, substantificando-se como sendo bem mais desenvolvida tecnologicamente.

Acreditamos que as indagações intrínsecas aos dados empíricos, oriundos da história oral “aberta”, que trouxeram consigo a memória comunitária, mas as entrevistas com perguntas direcionadas para determinada particularidade do modo de vida e a observação participante, explicitaram a contradição primária e histórica capital/trabalho-imaginário/simbólico que nos permitirá elaborar um debate mais aprofundado sobre a questão ao conceito lugar. A interpretação das indagações inerentes aos dados sociais/naturais só existe se for abalizada por uma revisão de literatura que lhe forneça sustentáculo teórico, metodológico e filosófico, uma base epistemológica.

²³⁴ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987. (p.89):

"Apesar de suas especificidades, na maioria das vezes o pesquisador trabalha com vários métodos ao mesmo tempo, como a observação participante, a entrevista e a história de vida."

Tendo como meta atingir os objetivos utilizamos uma técnica caracterizada pela coleta de dados, de informações e de conhecimentos em instituições públicas de caráter administrativo, de planejamento e assistencialismo, em órgãos de ensino, extensão, pesquisa e de conservação do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico e em empreendimentos da livre iniciativa do capital, que estavam ligados ao lugar Marambaia. Visando detectar a existência, ou não, de disparidades entre os dados coletados, realizamos trabalho comparativo entre os coletados nos órgãos públicos, e os provenientes do diálogo com os pescadores. Depois fizemos uma nova checagem na área de estudo (junto aos velhos pescadores artesanais) e nas instituições públicas, para observarmos se persistia a discordância. Depois da verificação foi feito um manuseio matemático-estatístico e uma “redação” de todos os dados coletados que resultaram nos envelopes de “fotografias e manuscritos”, que trabalhados promoveram a redação deste ensaio acadêmico.

A mobilidade do pescador artesanal, entre os mais variados tipos de pescarias, promove uma unidade diversa entre eles, referente ao processo de domínio do conhecimento da arte de pescar e, peculiarmente, no que diz respeito à transferência de sobretrabalho para o capital intrínseco nas diversas reproduções das pescarias artesanais, caracterizadas enquanto processos de trabalhos recheados de santos, santas, entidades, orixás,...singulares no desdobramento desta linguagem historicamente imposta pela lei dos contrários.

Tal reprodução do social na praia é condição e resultado para a existência básica da imbricação destes artesãos na opção capitalista vigente na constante contradição em processo, que faz a releitura da maneira de viver da comunidade como uma relação social do processo de produção da pesca artesanal com o modo

capitalista de produção²³⁵, isto é, inicia-se novamente o espiral social/natural; no qual a pesca artesanal do lugar Marambaia não tem um traço cultural que lhe forneça vida comunitária própria e a configuração social de um modo de produção distinto inserido e

²³⁵ GEBRAN, Philomena. (Coordenação e Tradução). *Conceito de Modo de Produção*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.(p.22):

"As transformações só se tornam claras através da compreensão das contradições internas que conduzem às modificações estruturais, desenvolvendo, assim, em seu interior, a desigualdade na apropriação dos meios de produção, desigualdade que elimina a vida comunitária, tanto no que diz respeito à cooperação do trabalho como a dos laços de parentesco."

HIRANO, Sedi. *Pré-Capitalismo e Capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 1988.(p.76 e 77):

"As articulações destes diferentes momentos - a produção material e a produção social -e às formas assumidas pelas distintas combinações, Marx denomina modos de produção. Para cada época histórica, teríamos modos de produzir historicamente determinados."

MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986. (p.113):

"O modo pelo qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, antes de tudo, da natureza dos meios que eles encontram e têm de reproduzir. Este modo de produção não deve ser considerado, simplesmente, como a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, antes, de uma forma definida de atividade destes indivíduos, uma forma definida de expressarem suas vidas, um definido modo de vida deles."

LIPIETZ, Alain. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.(p.156):

"- sobretudo, não se deve associar-se à noção de efeito estruturante uma noção de desenvolvimento, pois o efeito estruturante (para o desenvolvimento futuro do capitalismo) se acompanha, freqüentemente, de um efeito dissolvente para as atividades e estruturas pré ou paleocapitalistas locais, o resultado podendo ser um efeito subdesenvolvente."

articulado ao capitalista.²³⁶

²³⁶ SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do Vinho - Estudo sobre a Subordinação do Trabalho Camponês ao Capital*. São Paulo: Hucitec, 1978.(p. 31.)

QUAINI, Massimo. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (p. 85.)

LIPIETZ, Alain. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.(p. 152.)

VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A Questão Agrária e o Capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.(p. 154 e 159.)

“É claro que agricultura camponesa constitui, em consequência, não um resíduo pré-capitalista, mas uma forma recriada pelo capitalismo moderno, a ele articulando-se de modo exemplar. A agricultura camponesa atual não constitui uma esfera não-capitalista. Ela apresenta, simplesmente, o insólito aspecto de um capitalismo sem capitalista.”

Estudos rezam que o pescador artesanal é possuidor de uma "mentalidade atrasada"²³⁷ e que este fato cultural permite

-
- ²³⁷ RIOS, Gilvando Sá Leitão e MELLO, Averaldo Sérgio de. *Relatório de Pesquisa Social sobre a Participação na Cooperativa Mista de Pesca de Cabedelo Ltda. Cooperativismo e Nordeste, Recife*, 5 (2): 11-22, Jul./Dez. 1970.
- DUARTE, João Carlos e QUEDA, Oriowaldo. *Agricultura e Acumulação: Algumas Questões. Debate e Crítica, São Paulo*, (2): 90-97, Jan./Jun. 1974.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Novas Orientações da Sociologia Rural no Brasil. Ciência e Cultura. São Paulo*, 26 (7): 637-641, Jul.1974.(p. 637).
- MARTINS, José de Souza. *Modernização e Problema Agrário no Estado de São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São paulo*, (6): 121-145, 1969.(p. 131).
- SINGER, Paul Israel. *Dinâmica Populacional e Desenvolvimento: o Papel do Crescimento Populacional no Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Edições CEBRAP, 1970. 251.(p. 25).*
- MARTINS, José de Souza. *Modernização Agrária e Industrialização no Brasil. América Latina, Rio de Janeiro*, 12 (2): 3-16, Jun.1969. (p. 13-4).
- RIOS, G. S. L. *A Pesca Artesanal como parte do Setor de Subsistência - uma Abordagem Sociológica. Ciência e Cultura. São Paulo*, 28 (4): 397-406, Abr. 1976.(p. 405): "Porém, às vezes, o que parece ser uma caricatura se traduz literalmente na realidade: uma das principais barreiras encontradas pela SUDEPE para levar adiante seus planos é o individualismo do pescador artesanal, que teima em resistir a qualquer tentativa de penetração no seu mundo e a aceitar os benefícios do trabalho associativo.Este enfoque da modernização via modificação da mentalidade também foi colocado em termos oficiais pela SUDENE: a planificação das pescas em geral e da artesanal em particular, devido ao seu peso no abastecimento do produto no mercado interno e também pela quantidade de proteínas de origem animal que oferece à alimentação do nordestino, terá de ser necessariamente implantada e os resultados advirão de um processo lento. Esta implantação não se fará sem modificação paralela da mentalidade dos pescadores artesanais.Sobre os pescadores de uma comunidade cearense, assim se expressou uma Assistente Social: todos os traços negativos dos pescadores de Paracuru resultam quase que exclusivamente da falta de desenvolvimento integral de sua personalidade. (Fonte: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Rio de Janeiro)."

que ocorra a sua secular reprodução econômica simples, posto que rejeita a modernização da sua atividade pesqueira artesanal, isto é , não pensam na possibilidade historicamente determinada de que este trabalhador pesqueiro seja inserido na condição social alicerçar de transferidor de sobretrabalho para a constante acumulação uterina, dialogada com a mais-valia relativa e a mais-valia absoluta, numa contradição em processo (que neste sentido é o próprio modo capitalista de produção) onde o dito primitivo é intrínseco, implícito e inerente à atual acelerada contração tempo/espço, plasmada significativamente nos grandes centros de elevada composição orgânica do capital. Assim, o sobretrabalho extraído do lugar praia da Marambaia é espreado e absorvido pela massa global de trabalho roubado que justifica a existência de uma sociedade que dizem que deu certo, contrariando os socialistas e os comunistas que assinam a ruína da opção historicamente tomada pelos defensores da propriedade privada, que entendemos ser o fundamento do princípio social imposto e de grande parte das angústias, decepções e constrangimentos dos homens não inseridos no tempo lento/cíclico.

O sobretrabalho²³⁸ é uma das realizações do modo de produção vigente e uma das relações sociais entre os pescadores artesanais do lugar e as empresas de compra e beneficiamento do pescado, que conjuntamente com outras atividades capitalistas, promovem a apropriação do trabalho-não-pago, representado pelas subsunções reinantes na sociedade, que criam e recriam, entre outras identificações culturais, as pequenas produções na realidade histórica/natural (subjetiva/objetiva).

²³⁸ FERREIRA, Maria Lúcia. *A Teoria Marxiana do Valor-Trabalho*. São Paulo: Ensaio, 1992.(p.130)

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do Vinho - Estudo sobre a Subordinação do Trabalho Camponês ao Capital*. São Paulo: Hucitec, 1978.(p. 31,43, 44,66,82,98 e 130).

MARX, Karl. *O Capital - Crítica da Economia Política*. Volume I - Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (p.108):

"Quanto menor o número das necessidades naturais a serem absolutamente satisfeitas e quanto maior a fertilidade natural do solo e a excelência do clima, tanto menor o tempo de trabalho necessário para a manutenção e reprodução do produtor. Tanto maior, portanto, pode ser o excedente de seu trabalho para outros, sobre aquele que realiza para si mesmo."

MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O capital. Resultados do Processo de Produção Imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. (p.94):

"O que muda é a coação que se exerce , isto é, o método pelo qual o sobretrabalho é extorquido."

Pensamos que só poderemos atingir os objetivos deste projeto de pesquisa se trabalharmos, em sentido "amplo", com os elementos sociais do processo de trabalho²³⁹ desta pesca artesanal, inerente à releitura do conceito geográfico lugar. No debate sobre a particularidade social dos trabalhadores da pesca da Marambaia estudaremos a questão mitologia/simbolismo na maneira de viver comunitária.

Tudo para termos conhecimento mais aprofundado sobre a existência da pesca artesanal e uma base sobre as práticas facilitadas de apropriação que o capital encontrou para efetuar o "roubo" do trabalho²⁴⁰. Esta investigação referente ao perfil do

²³⁹GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História*. São Paulo: Nobel, 1986.(p.183).

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I, Volume I, Tomo I*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Capítulo V.(p.150 e 153):

"Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios."

"O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais."

²⁴⁰MARX, Karl. *Salário, Preço e Lucro*. São Paulo: Global, 1987. (P.55):

"A força de trabalho de um homem consiste apenas na sua individualidade viva."

RUBIN, Isaac Illick. *A Teoria Marxista do Valor*. São Paulo: Polis, 1987. (p.143):

"Finalmente, a transformação do trabalho individual em socialmente necessário é apenas o aspecto quantitativo do mesmo processo de transformação do trabalho concreto em abstrato. Precisamente por isso, o conceito de trabalho abstrato é um conceito central na teoria de Marx sobre o valor."

GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História*. São Paulo: Nobel, 1986.(p.187 e 188):

"O trabalho- ação do homem dirigida a fins determinados- é atividade material orientada por um projeto. O homem modifica a natureza pelo trabalho e modifica-se a si mesmo, inclusive desenvolvendo suas habilidades."

pescador lagunar exige uma abordagem sobre as possíveis relações de parentesco²⁴¹ que demonstram uma prática econômica que só pode ser entendida à luz do tipo de cultura do pescador.

A família do pescador artesanal do lugar foi observada como sendo a estrutura primária onde, contraditoriamente, seus componentes são responsáveis pela sua recriação e reprodução social na sociedade capitalista; os intermediários sendo incumbidos de efetuarem a aquisição dos rendimentos negativos da estrutura familiar, devido à transferência de sobretrabalho.

As informações das instituições públicas, privadas e acadêmicas, sobre as pescarias artesanais da Marambaia, não têm coincidido com os relatos das histórias orais. Optamos pelos depoimentos das observações participantes, das entrevistas e da própria história oral do pescador artesanal.

Assim, tentamos documentar academicamente a linguagem do embate social/natural imaginário/simbólico - capital/trabalho no jeito de viver singular. No lugar Marambaia temos um tipo de atividade produtiva pesqueira artesanal onde o trabalho familiar, entre outros fatores culturais, materializa o econômico

²⁴¹GODELIER, Maurice. *Godelier. Coleção Grandes Cientistas Sociais. N. 21. São Paulo: Ática, 1981. (p.181):*

“Ora, a reprodução da vida se faz em todas as sociedades nas formas de relação de parentesco. Será, portanto, ao nível de um estágio das forças produtivas, isto é, de uma relação entre trabalho vivo e trabalho morto, que poder-se-á procurar as razões últimas do funcionamento das relações de produção e das de parentesco e da conseqüente dominância do parentesco”.

executado pelas relações de contraprestações²⁴², nas quais,

-
- ²⁴² PESSANHA, E. G. F. *Os Companheiros-Trabalho da Pesca em Itaipu. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977. 81/117.(p. 68 e 70).*
- LAGO, M. C. S. *Memória de uma Comunidade que se Transforma. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC/1983. 82/117.(p. 108 e 109).*
- PEIRANO, M. G. S. *A Reima do Peixe. Proibições Alimentares em uma Comunidade de Pescadores. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB/1975.(p. 50/70).*
- SILVA, G. O. *Tudo que tem na Terra tem no Mar. A Classificação dos Seres Vivos entre os Trabalhadores da Pesca em Piratininga - RJ. Ciências Sociais e o Mar no Brasil. A. C. S. Diégues e R. R. Sales (Orgs.). São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN. 1988.(p. 216/225).*
- BECK, Anamaria. *Lavradores e Pescadores. Um Estudo sobre Trabalho Familiar e Trabalho Acessório. Trabalho apresentado ao Concurso de Professor Titular. Florianópolis: UFSC. 1979. (p. 45, 46, 50/65).*
- FURTADO, L. G. *Curralista e Redeiros de Marudá; Pescadores do Litoral do Pará. Belém: CNPq/MCT, 245/294. (p. 277/286):*
- “Assisti, várias vezes, a proprietários de curral recompensarem as pessoas que foram ajudá-los em algumas tarefas de preparação do curral, com uma relação que eu diria comunal. Após a conclusão da tarefa, em geral de cobrição de curral, o proprietário reúne todos os que trabalham e lhes oferece um almoço acompanhado de pinga. Esse ato, por si só, engendra um círculo de trocas posteriores em que circulam não só bens materiais mas sobretudo sociais. Nas fases de montagem de curral, é comum encontrar pessoas que prestaram serviços, motivadas por outros incentivos que não o mero interesse em obter dinheiro. Laços de afetividade, de parentesco, de lealdade e contraprestações, geralmente encaminham as pessoas à ação.
- ..., observa-se que fatores sociais e psicológicos acompanham o fator econômico nas avaliações dos indivíduos. Nestas circunstâncias, as relações econômicas só podem ser compreendidas na medida em que sejam consideradas como parte de um esquema de relações sociais. A solução para o problema, a meu ver, está em recorrer-se à ótica antropológica, cuja maneira de encarar a realidade traz à tona as implicações sociais, culturais e psicológicas que uma dada relação econômica contém. Detectá-las torna-se relevante, para uma caracterização antropológica do grupo estudado.”

certamente o econômico é um dos problemas sociais imediatamente inquietante²⁴³ para o estudo da maneira de viver na praia.

O estudo sobre os meios de trabalho se verticalizou com um questionamento sobre a produção e aquisição das embarcações e dos demais bens materiais para a pesca, com o intuito de se verificar o caráter mitológico da atividade pesqueira por parte das famílias, e aprofundar o debate sobre a atuação do “subjeto” no processo de viabilização do desprovemento e disponibilidade do pescador artesão. Este processo nos auxiliou a compreender melhor como ocorre a cooperação técnica do trabalho entre estes homens do mar, representantes de uma divisão interna do trabalho abalizada em uma baixa composição orgânica do capital. O registro histórico de tal divisão técnica é ponto primordial para a compreensão do diferenciado traço cultural existente entre a pesca artesanal comunitária e as empresas de compra e beneficiamento do pescado.

Realizamos um levantamento sobre a classificação do pescado, enquanto objeto de trabalho, em termos de quantidade e qualidade de matéria bruta (vinda do processo de produção) e sua importância para a recriação do “mundo dos deuses e deusas das

²⁴³ OHLWEILER, Otto Alcides. *Materialismo histórico e crise contemporânea*. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (p.147):

"A lei do valor, de acordo com a qual as mercadorias são trocadas segundo a quantidade de trabalho socialmente necessária gasta na produção das mesmas, é a lei econômica geral da economia mercantil. Todavia, cabe observar, desde logo, que a produção mercantil aparece tanto na economia de uma sociedade de produtores independentes e livres de qualquer subordinação trabalhando para o mercado (produção mercantil simples), como nas condições do capitalismo clássico da livre concorrência ou do capitalismo monopolista."

águas". O processo de comercialização do pescado para os vários tipos de atravessadores nos demonstra claramente como o processo de substantificação do sobretrabalho do pescador artesanal vai ocorrer em nível global, através da esfera de circulação que transcende todo e qualquer obstáculo à reprodução ampliada do capital.

A discussão sobre a remuneração dos pescadores é vinculada ao processo de circulação do pescado, devido o preço pago pelo produto mercantil ter uma relação direta com o valor e tipo de remuneração efetuada a esses homens trabalhadores do mar. A remuneração é oriunda das relações desiguais entre os patrões-pescadores artesanais, "proprietários" dos meios de produção e os diversos atravessadores do pescado.

O aprofundamento da investigação sobre prováveis subsunções²⁴⁴

²⁴⁴ NAPOLEONI, Claudio. *Lições sobre o Capítulo Sexto (Inédito) de Marx*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981. (p.73): "Quando se chega à subsunção real, o capital subsumiu a si o trabalho também materialmente, isto é, também o capital considerado em sua base material subsumiu o trabalho, enquanto antes o capital havia subsumido o trabalho apenas em sua determinação econômica, não ainda em sua determinação material."

MARX, Karl. *Capítulo VI Inédito de O capital. Resultados do Processo de Produção Imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. (p.93): "Do mesmo modo que se pode considerar a produção da mais-valia como expressão material da subsunção formal do trabalho no capital, também a produção da mais-valia relativa se pode encarar como a da subsunção real do trabalho no capital."

DIÉGUES, A. C. S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983. (p.7 e 264): "Em subordinação formal do trabalho ao capital, o trabalhador aceita trabalhar para o capitalista porque somente este é possuidor dos meios de produção. O trabalhador faz face às condições objetivas (barco, equipamento de pesca) e às condições subjetivas do trabalho (meios de subsistência) como capital, monopolizadas pelo comprador da força de trabalho. Na medida, no entanto, em que ainda não se introduziu o maquinismo que dispensaria uma habilidade física e intelectual (*savoir-faire*), essa oposição entre o produtor direto e as condições de trabalho não se completou definitivamente como na produção empresarial capitalista em larga escala."

"Em primeiro lugar é oportuno afirmar que uma das características fundamentais das formas pré-capitalistas de produção é sua articulação com outras formas que lhe são dominantes. É importante reter que a pequena produção mercantil é uma forma subordinada, articulada a outras formas de produção. Essa articulação não é uma simples justaposição de formas diferentes de produção. Cada uma delas tem leis próprias de reprodução de seus fatores e de suas relações de produção."

DIÉGUES, A. C. S. *Pesca Artesanal: Tradição e Modernidade*. Capítulo: "Tradição e Mudança nas Comunidades de Pescadores do Brasil: por uma Sócio-Antropologia do Mar". São Paulo: IOUSP/F.FORD./VICN, 1989.(p.6): "A questão da tradição, além dos elementos anteriormente enumerados (relação e conhecimento do ambiente marinho), deve ser analisada dentro do que constitui, de um lado, a pequena produção mercantil na pesca, e de outro, a sua transformação possível na produção capitalista caracterizada pela separação do produtor direto de seu objeto e meios de produção, realizada através do capital e pela introdução das relações de trabalho capitalista (assalariamento real ou disfarçado). "

ao capital, que plasman sobretrabalho na mercadoria e dos rendimentos dos patrões-proprietários dos elementos sociais do processo de produção, é condição "sine qua non" para se ter um melhor entendimento sobre o papel geográfico do pescador artesanal no desdobramento da sociedade e, se tentar aprofundar a visita acadêmica ao conteúdo do conceito lugar, já que, existe a probabilidade geográfica e histórica de que a riqueza cria-se mais facilmente quando os seus elementos subjetivos e objetivos existem em um nível mais lapidado.²⁴⁵

²⁴⁵MARX, Karl. *Contribuições à Crítica da Economia Política*. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.(p 204):

"Ou conclui-se também o seguinte: certas raças, certas inclinações, certos climas, certas condições naturais, como a situação geográfica à beira-mar, a fertilidade do solo, etc., são mais favoráveis que outras à produção. O que nos leva de novo a esta tautologia: a riqueza cria-se mais facilmente quando os seus elementos subjetivos e objetivos existem em um grau mais elevado."

CAPÍTULO I

A PRAIEIRA

Os filósofos e os teóricos nos convidam a realizar a procura dos elementos subjetivos/objetivos que existem, e são, o lugar Marambaia, e que lhe fornece uma particularidade geográfica. Vamos tentar situa-lo na Ilha dos Marinheiros.

O Município do Rio Grande, localizado na planície costeira gaúcha, caracteriza-se por compreender uma faixa de terras baixas, na chamada Restinga de Rio Grande da embocadura da Laguna dos Patos. O Município tem um ecossistema estuarino e o oceano costeiro. Administrativamente tem cinco distritos, o primeiro denominado de Rio Grande dá o nome à cidade; o segundo é a Ilha dos Marinheiros e as outras do Arquipélago Estuarino; o quarto Taim e o quinto a Vila da Quinta.

A Ilha tem 39.280.854,60 m² de faixa de marinha e 12.583.711,00 m² são lagoas e areal. No sul encontramos a população do Porto do Rei, no norte o Fundo da Ilha e no oeste a Ponta das Bandeirinhas. A Ilha se caracteriza pela existência de lavradores-pescadores e a praia é tradicionalmente a comunidade de pescadores artesanais mais conhecida no interior da Ilha dos Marinheiros. Quando se fala de pesca todos se referem aos praieiros.

O nome da Ilha dos Marinheiros é originário do fato dos marinheiros da Armada de José da Silva Paes (Século XVIII -1737) viajarem do cais do Porto Velho (hoje Porto Velho da cidade do Rio Grande) para a Ilha. Os soldados iam pegar água e madeira que eram bens fundamentais para a permanência da fixação da população do Rio Grande de São Pedro. A ilha possui um formato semicircular, caracterizado em pequenas reentrâncias e pontas. Só na Marambaia é que vamos encontrar uma ponta um pouco mais saliente. Esta peculiaridade geográfica do lugar é chamada de Pata ou Ponta da Marambaia.

As margens praierais, os cordões de dunas e a planície arenosa são paisagens que compõem a Ilha. Na praia não existe um cinturão verde oriundo da prática da agricultura camponesa. O cordão de dunas arenosas chega até a estrada que passa defronte à Igreja da Santa Cruz. Os taquarais (taquara = palavra de origem indígena) e outras espécies vegetais são

secularmente utilizados para protegerem e esconderem as casas dos ventos, das tempestades e dos homens. As margens praieiras, os cordões de dunas e a planície arenosa, que com poucas depressões estende-se no centro do refúgio, lhe fornece peculiar registro da natureza social. A planície se caracteriza por ser praticamente desprovida de vegetação. Existem alguns musgos, tufos isolados de macega (*Enanthus Saccharoides*) e uma espécie vegetal conhecida popularmente como cebola-do-mato. Nas depressões estão várias lagoas, a do Rei, localizada no Porto do Rei, é a mais importante pois possui o maior volume de água. Seu apogeu é no inverno e no verão fica praticamente seca. As lagoas (Lagoa da Filomena, dos Neves, do Martins, do Trajano e do Jacaré) não se formaram nos últimos anos.

Afirmam que tudo é devido à abertura de canais de escoamento. Há no interior da ilha uma plantação de *Pinus Elliotis* com cerca de 400 ha. A Florestadora Palmares Ltda. – Flopal é responsável por este empreendimento florestal exótico. O fato do interior da Ilha ser caracterizado pela predominância do aspecto arenoso, a baixa fertilidade viabilizou os contratos sociais que permitiram esta plantação.

A praia do lugar, que margeia a ilha, é separada da localidade chamada Porto do Rei pelo Arroio da Panasqueira. O nome é porque na beira do Arroio morava uma portuguesa chamada de Panasqueira casada com um português, cujo nome era Panasqueiro. A casa possuía como uma das suas peculiaridades o fato de ter sido construída embaixo de uma árvore chamada popularmente de timbaúba e cujo apelido era "orelha de negro". O nome "orelha de negro" simboliza a imagem da aparência física do negro. Logo depois da árvore tínhamos o início do Porto do Rei (início para quem saía da praia), onde encontrávamos o casarão onde houve trabalho escravo.

A portuguesa nasceu em 1854 e faleceu em 1944. A sua filha chamava-se Ilisia, morava na mesma casa, e morreu em maio de 2001, nasceu em 1918. Mas, o arroio continua com o nome Panasqueira, denunciando o diálogo entre os pescadores artesanais e a existência da memória, isto é, eles reproduzem as cenas, os palcos e os cenários permanecidos. Existe um pertencimento da praia neles, pois é rico o registro da história oral comunitária sobre os hábitos, costumes e a aparência física

dos que dizem que morreram (contrariando Platão), e relacionam tais dados culturais com a vontade social de estarem, e serem, o próprio lugar.



Foto 2: O Arroio da Panasqueira

O lugar é separado da localidade Fundo da Ilha pelo Arroio dos Margaridos. O nome é de uma família cujos pais eram portugueses legítimos. Essa família portuguesa morava próxima do Arroio, que como o da Panasqueira não foi construído “artificialmente” pelo homem.

No verão o sol nasce no Arroio da Panasqueira e no inverno de frente à casa de Xaim. O nascer do Sol e o Arroio da Panasqueira fazem o limite do lugar com o Porto Rei. Mas, no inverno o sol se põe no Arroio dos Margaridos e no verão no lado da Igreja da Santa Cruz, que faz o limite da Marambaia com os cordões de dunas, que ficam atrás da mesma. No lado da praia o limite são as casas dos pescadores artesanais. O pôr-do-sol e o arroio dos Margaridos fazem as fronteiras entre o lugar e a localidade do Fundo da Ilha. O nascer do sol do inverno, defronte à casa de Xaim, e o pôr-do-sol no verão, ao lado da igreja da Santa Cruz, faz primeiramente o limite em relação à Laguna dos Patos e depois em relação ao cordão de dunas que nos leva para o centro da Ilha dos Marinheiros. São as fronteiras com o Porto do Rei com o Fundo da Ilha e com a Laguna dos Patos. Todas simbolizadas e assinaladas por manifestações e expressões da natureza não criada e nem produzida pelos pescadores do lugar, mas, subjetivadas e objetivadas por eles.

Quando se chega andando na praia não se enxerga qualquer casa. Só visualizamos as árvores nativas e uma fração do cordão de dunas que penetra em direção à praia. As casas, para quem não faz parte do modo de vida deles, que não é diariamente pescador, estão escondidas e não se sabe como caminhar em direção às mesmas. Dependendo da posição em relação à Marambaia, pode-se afirmar que lá não mora ninguém, que se trata de uma praia desabitada. Só se visualiza a vegetação nativa (as árvores e as taquaras), o afloramento do lençol freático, pois se esta perto da laguna e em uma Ilha e, finalmente, se pode ver os campos abertos.

Na Marambaia existe uma relação contraditória da natureza consigo mesma²⁴⁶. Os pescadores, enquanto seres universais, oriundos da energia fecunda do mundo orgânico e inorgânico, que existe dentro e fora deles próprios, se relacionam com o que é fruto do trabalho, no caso em questão, as suas casas – que são naturezas plasmadas, manuseadas por diversos outros tipos de instrumentos, matérias básicas e ferramentas de trabalho. O escondido esconde quem lhe esconde, e um é prolongamento do outro, investigado como a multiformidade da natureza, que modifica até os tecidos profundos de si mesma, apresentada na anatomia do homem pescador artesanal.

Há uma contradição no sentido de que se fundem num ser, indissociável e indissolúvel, expresso nas casas, nos demais elementos, seres e componentes da “paisagem” geográfica, que nos faz pensar que o tudo/nada é um ser universal e que o tempo lento/cíclico dos ditames da natureza nata, não criada e não produzida unicamente pelos pescadores artesanais, rege e determina o modo de vida do lugar, cujo tempo do trabalho e dos rituais mitológicos substantifica-se na natureza no seu sentido mais amplo.

²⁴⁶ OHLWEILER, Otto Alcides. *Humanidade e Lutas Sociais*. 4 Volumes. Volume 1. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.(p.9):

"O processo de produção dos bens materiais para atender as necessidades concretas dos homens pode ser encarado metabolicamente entre o homem e a natureza; e, de outro lado, na sua forma social específica."



Foto 3: A Chegada do Estranho



Foto 4: A Chegada do Estranho



Foto 5: A chegada do Estranho

O pescador existir como um “ser”, já é ponto primário para investigar a sua amplitude e verticalidade na dimensão do seu intelecto e dos seus sentidos, como energia e fonte vivificadora de si e do universo do qual faz parte e, de forma direta e conseqüente, é o próprio universo, registrado num peculiar jeito de viver caracterizado pela inexistência de um estranhamento entre o pescador artesanal e seu lar²⁴⁷.

Neste pensamento afirmamos que na reflexão platônica, referente a imortalidade do mundo das idéias, e no debate marxista (1844) sobre as naturezas encontramos a documentação da fusão do que foi fruto do trabalho pensante e da realidade simbólica/imaginária. No lugar os mitos direcionam a

²⁴⁷ QUANI, Massimo. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Geografia e Sociedade). (p. 143-144).

noção de que estamos protegidos e guardados do mundo (como que retornados à vida uterina), enquanto embriagados e dissolvidos nos dados constitutivos que compõem o modo de vida, apresentados na linguagem, que é diferença e identidade cultural, como fruto do mundo das idéias e das naturezas nos manuscritos filosóficos de Marx, que são uma "redescoberta" da filosofia grega devido serem oriundos de Orfeu, Platão, Kant e Hegel. Assim temos um ponto de debate que pode permitir indagar mais sobre o conteúdo do conceito lugar.

No interior da laguna só se observa as taquaras e as árvores. As casas continuam "escondidas" (para os "estranhos")²⁴⁸. Quando se chega mais perto é que se pode visualizar as salgas, e já na praia se percebe que foram abertas valas nas quais são guardados e escondidos os barcos. Eles estão sobre troncos e galhos de árvores e taquaras, colocados dentro das valas que rasgam os taquarais e as árvores. As embarcações são arrastadas pela força bruta e muscular dos pescadores artesanais, já que a terra onde o bote fica escondido está num nível superior à lâmina de água do mar. Olhando da água para a terra emersa, só visualizamos as vegetações. As casas e as embarcações, quando não estão na água, ficam camufladas e difusas no meio da folhagem. Temos a mesma interpretação do cordão de dunas em direção ao lugar.

São os barcos que estão fundeados nas proximidades da praia que denunciam a existência do pescador artesanal. Caso todos os barcos fossem recolhidos para a praia, e escondidos e protegidos nas valas, não se poderia dizer que lá mora alguém. As salgas levantariam a dúvida, mas, são duas que chamam a atenção. A localizada perto do Arroio dos Margaridos, a salga do "Bila", e a outra que fica perto do Arroio da Panasqueira. Elas marcam os

²⁴⁸MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993. (p.19):

" Na consciência dos brancos, dos conquistadores, não havia de fato a concepção do outro; eles não descobriram o outro na descoberta da América."

Observação: Será que estamos reproduzindo a "descoberta"?

limites da Marambaia, ou em relação à praia, limitam o Porto do Rei e o Fundo da Ilha.

As salgas, limitando essas duas localidades, negam a existência do lugar. Se forem o front do Fundo da Ilha e do Porto do Rei, não existe a Marambaia. Tais salgas, neste sentido, servem para denunciar que existem lavradores-pescadores do Fundo da Ilha e do Porto do Rei, e não os pescadores artesanais do lugar.



Foto 6: O Esconderijo



Foto 7: O Esconderijo

No ano de 1936 a água da Laguna dos Patos era mais recuada cerca de 100 metros, gradualmente foi submergindo a terra até chegar no limite atual, onde quebra já junto das casas. Atualmente existe um número de moradias inferior ao existente em 1950, são cerca de 10 residências há menos do que na década.

No lugar existem cerca de 75 famílias com aproximadamente três parentes. Isto totaliza uns 225 moradores na comunidade que se dedicam “prioritariamente” à pesca. Segundo afirmam, os pescadores com mais de 65 anos de idade, lá a atividade pesqueira começa antes de 1900 sendo conhecidos como praticantes da pesca artesanal na Laguna dos Patos, no estuário.

Segundo o Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2000 a Ilha tinha cerca de 1.323 habitantes, sendo 726 homens e 587 mulheres, distribuídos em 446 domicílios.

Reza no IBGE que entre 1991/2000 a Ilha perdeu 54 moradores. Pensamos que a diminuição do contingente populacional em 40 pessoas foi, entre outros diversos fatores de ordem social, resultante da diminuição da quantidade e da qualidade do pescado. A poluição da Laguna dos Patos, devido materiais expelidos pelas cidades que as margeiam, entre elas podemos citar a grande Porto Alegre, São Lourenço do Sul, Pelotas e a própria cidade do Rio Grande, favoreceu o aumento do índice de poluição das águas estuarinas. O material oriundo destes centros urbanos soma-se às águas vindas dos sistemas de irrigação que margeiam toda a laguna e possuem o mesmo trajeto. As águas de irrigação levam todos os produtos químicos artificiais para a vida aquática. A construção das rodovias aumentou o deslocamento ou transferência das águas doces das chuvas, misturadas com as dos sistemas de irrigação, para o estuário e aprofundando o agravamento do processo de diminuição da quantidade e do nível de qualidade do pescado. Estes acontecimentos sociais determinaram um maior empobrecimento econômico da pesca artesanal no interior da comunidade praieira e favoreceu que fora a mortalidade, entendida popularmente como natural, houvesse uma subtração da população via o deslocamento de membros mais jovens para a vida desdobrada na cidade. 13,14% dos moradores da praia possui idade entre 0 e 9 anos, 57,33% entre 10 e 49 anos e 30% acima dos 50 anos. O desemprego na cidade e a diminuição do pescado provocam preocupações e ansiedades nos jovens e nos adultos do lugar.

A comunidade não possui agência de correio e nem carteiros. Ela é “ilhada”. Os moradores do lugar possuem como única alternativa irem sempre de embarcação, para a agência central de correio da cidade do Rio Grande, onde são depositadas as correspondências dos destinatários e dos remetentes. Quando alguém da praia vai ou vem da cidade, se responsabiliza de trazer ou levar as correspondências de seus familiares ou vizinhos. Tal visita é relacionada a alguma viagem de compra no comércio, ou outra tarefa

ligada às demais atividades econômicas, administrativas ou política oferecidas pela centro urbano, que é atrelado a "simultaneidade"²⁴⁹.

A comunidade é entendida como sendo permeada pelo tempo lento/cíclico, devido encontrar-se praticamente fora de dinâmicas, lógicas e evoluções atreladas a exemplos de comunicações de elevada contração tempo/espaço, isto é, no lugar há Rádio Amador²⁵⁰ em várias casas, cinco orelhões que "nunca" funcionaram e não recebe a visita de carteiros.

Os pescadores falam que alguém foi para a cidade. Eles entendem que a comunidade não faz parte da realidade social urbana e que os valores culturais deles são diferentes dos existentes na cidade. São os relacionamentos sociais da vida, nos quais o econômico, simbólico e imaginário, que impõem para eles, e para nós, que o lugar é uma identidade

²⁴⁹ CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato. (Organizadores). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p.181)

"Embora convivendo com uma multiplicidade de tempos, o espaço neste final de século incorpora esse elemento novo revolucionário em termos de percepção do espaço-tempo: a simultaneidade."

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SOUZA, ÁJ. ; SOUZA, EBC. ; MAGNOMI JÚNIOR, L. (Org.) *Paisagem Território Região. Em Busca da Identidade*. Cascavel (PR): EDUNIOESTE, 2000. (p.57).

GEOGRAFIA, Território e Tecnologia. *Terra Livre – AGB*, São Paulo, n. 9, julho-dezembro, 1991. (p.110).

HAESBAERT, R. *A noção de rede regional: reflexões a partir da migração gaúcha no Brasil*. *Revista Território*, n. 4, jan-jul. Rio de Janeiro: Gramond, LAGET, 1998.

HAESBAERT, R. *Região e rede regional gaúcha: entre redes e territórios*. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n. 21. Porto Alegre, ago., 1996.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002. (p.111):

"Ocorre, porém, que com a incrível velocidade do nosso tempo o espaço local passou a condensar em si o mundo;..."

²⁵⁰ Rádio Amador "Cobra 19 DX Móvil CB Rádio"

social originária dos padrões sociais criados pelos pescadores: “O Lindo foi para Rio Grande!”²⁵¹



Foto 8: A Saída do Estranho

²⁵¹ *Isolina.*



Foto 9: A Saída do Estranho



Foto 10: A Saída do Estranho

A cidade, segundo eles, é o ponto central de todos os acontecimentos, e que estão "fora" da influência e da participação na idealização e criação da história da mesma e do Município, porque ele gira em torno, e em função, só da evolução urbana. Sabem do que aconteceu, ou do que dizem que vai ocorrer fora da Marambaia, através das informações de quem vem de outra localidade, da cidade. O rádio, as poucas televisões, as visitas do domingo e os pescadores vindos do Mercado do Peixe são os mensageiros do que ocorre além dos limites da comunidade praieira. Cerca de 50% dos pescadores não possuem televisão. O ritmo é "vagaroso".

O rádio amador, que nem sempre funciona com perfeição, é outro processo social de relacionamento dos pescadores artesanais com os que estão pescando, nas outras ilhas da laguna, na cidade do Rio Grande e vizinhança. O rádio amador é usado para se conversar com os pescadores que estão no mar e ter um maior conhecimento sobre a localização dos mesmos e uma melhor previsão do tempo. Ele serve para se ficar ouvindo as conversas que ocorrem entre os barcos e manter contato com seus parentes e amigos que estão morando fora do lugar, são estes parentes e amigos que raramente fazem visitas no domingo, feriado e dias de festas. São eles que nunca encontram a porta da sala de visita aberta.

No lugar predomina a reprodução secular do tempo lento/cíclico exemplificado pelo dado histórico de só haver um cavalo, três carros e três motos. Salientamos que as motos pertencem a filhos solteiros de proprietários de embarcações, e que os "fuscas" sempre foram dos donos de botes, entre os quais encontramos os atravessadores de pescado. Mas tanto os filhos como os pais trabalham como proeiros e patrões nas suas pescarias, isto é, não vivem unicamente da administração das viagens de pesca.

Os pescadores artesanais afirmam que no ano de 1978 havia alguns cavalos que os moradores possuidores de um melhor poder aquisitivo utilizavam para caminhar no labirinto e no íterim da Ilha. Mas, a grande maioria dos homens continua a caminhar a pé e a "cartografar" nas linhas do labirinto as pisadas dos negros.

No lugar as mulheres nunca andaram de cavalo, pois sempre foram os homens que montaram os equinos e os pescadores artesanais afirmam que

no ano de 1948 já havia cavalos, mas sempre foi uma minoria da população da praia que teve poder aquisitivo para comprá-los.

Na vizinhança do mercado do peixe e do Mercado Público Municipal existem várias carroças puxadas por cavalos que são utilizadas para entregar gelo, pescados, produtos agrícolas e outras mercadorias no destino determinado pelos compradores dos dois mercados da velha doca. Estas carroças somam-se com os carros-de-mão e com as embarcações movidas pela ação eólica na denúncia da existência do tempo lento/cíclico e do lugar e da dialética que permeia a evolução da humanidade, da natureza, pois o processo não é retilíneo e nem cartesiano, como o tempo lento/cíclico há porque a sua ocorrência é resultante do próprio diálogo intrínseco a natureza. Na ordem da desordem organizada, entendida enquanto infinita contradição em processo, há uma existência, e não uma resistência, do tempo lento/cíclico e do conceito geográfico lugar. Salientamos que os carros-de-mão, as carroças e os botes fizeram composição no espaço cênico que venderam o Negro Lucas, isto é, não é somente na umbanda e na quimbanda que encontraremos as sinalizações das passadas nos caminhos do labirinto do escravo fugitivo que imortalizou-se através do tempo lento/cíclico dos panos dos barcos, das rodas dos carros-de-mão, dos cavalos das carroças e da maneira de viver do lugar dos "orixás" inerentes a linguagem simbolizada no Gongá.²⁵²

²⁵² ORPHANAKE, J. Edson. *Conheça a Umbanda*. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994.(p.61)

FARELLI, Maria Helena. *Os Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé*, 5 ed. Rio de Janeiro:Pallas,1984.(p.148):

"Gongá - significa atualmente altar. Mas, seu verdadeiro significado é: apetrecho do ocultista."



Foto 11: As Carroças



Foto 12: O Carro - de - Mão

Mas, fica claro que os jovens de até 30 anos gostam mais de televisão do que os homens com idade superior. Este gostar não significa querer se inserir na problemática social da cidade do Brasil atual, já que, a questão urbana não pode ser reduzida ao simples ato de se poder assistir televisão.

Os pescadores artesanais afirmam que os proprietários de botes médios possuem mais poder aquisitivo e que não querem ir para a cidade, mesmo tendo condições financeiras e as embarcações que viabilizam maiores possibilidades de inserção no mercado da cidade do Rio Grande: “Se tivessem dinheiro não moravam na cidade”.²⁵³

No lugar, o pescador artesanal utiliza as manifestações dos registros da dinâmica da natureza nata como sinalizações para o início e término de suas atividades do cotidiano, por exemplo, a alvorada e o crepúsculo do sol anunciam o horário de acordar e de dormir, pois são os bem mais jovens que utilizam despertador para registrar o começo do diurno. Eles dormem às 20:00 horas e acordam às 5:00 horas, já que os jovens é que gostam de assistir televisão, porque os velhos e os adultos preferem conversar sobre os acontecimentos do dia, as perspectivas para o futuro e os ensinamentos, experiências e relatos dos antepassados e do passado deles próprios.

Quadro 1: Classificação Etária no Lugar

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA NO LUGAR	
DENOMINAÇÃO	PERÍODO
Criança	0 – 15
Jovens	15 – 20
Adultos	20 – 70
Velhos	70 – 95

A maioria dos moradores do local não quer morar na cidade, já que a falta de emprego, a agitação da acelerada vida cotidiana, o elevado índice de violência, a inexistência das relações de cumplicidade e, finalmente, o distinto jeito de viver faz da sociedade rio-grandina uma ameaça ao traço cultural dos

²⁵³ *Dodoca*

habitantes do lugar. Os pescadores artesanais afirmam que só morariam na cidade se houver algo de muito profundo e grave socialmente, que obrigue a ocorrer uma mudança de habitação. Os homens do mar possuem medo do desconhecido, do confronto com uma outra opção histórica de reprodução social do modo de vida.

No período de 1930 tudo era praticamente comprado na cidade (os bens de consumo doméstico, como sabonetes, tecidos, produtos de limpeza, calçados, móveis, os materiais para a pesca e para a construção das embarcações), os pescadores falam que compravam e que continuam compram lá. O peixe sempre foi prato típico e necessário na mesa, os demais bens alimentícios predominantemente eram, e são, comprados no comércio de Rio Grande.

Na comunidade não havia luz elétrica, há uns cinco anos que a mesma foi implantada no lugar; o processo de instalação ocorreu no ano de 1998. No período da inexistência da eletricidade era mais demorada a chegada das notícias sobre o que tinha acontecido na cidade. Hoje a televisão e o rádio permitem se ter uma maior aproximação dos fatos. Quem não tem televisão procura ir à casa de alguém que tenha, soma-se a questão da televisão e do rádio a vinda de quem foi para a cidade e que, sempre, trás alguma notícia.

O transporte no interior da Ilha é feito mais facilmente se for a cavalo, Jeep ou caminhão. Ela possui uma estrada circular de 30 km de extensão de areia e barro, construída em 1977, como resultado de um convênio entre a Prefeitura Municipal do Rio Grande e a Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadoras – CINTEA, encontra-se abandonada e é seguidamente interditada para o tráfego de veículos. Só se chega à Ilha de barco ou de balsa, o caíco é utilizado pelos pescadores artesanais e sai do mercado do peixe situado no cais velho da cidade, assim se pega uma "carona" até a praia. Eles vão deixar pessoas ou pescados na cidade, dificilmente um deles vem só para pegar algo, ou alguém, sem trazer nada da comunidade praieira. Os pescadores artesanais, para viajarem de balsa, têm que irem da cidade do Rio Grande até à Vila da Quinta e percorrerem uma estrada de barro e areia até o ancoradouro da mesma. A estrada tem 36 km, que se soma à cerca de 16 km da existente no interior da Ilha, até se chegar na praia.

Os vindos do continente chegam de bote ou, raramente, de carro; a construção da ponte que ligaria as Bandeirinhas ao Continente é fruto de polêmica devido uns acharem que será mais fácil se chegar aos hospitais, e, em segundo plano, no comércio do centro urbano da cidade do Rio Grande. Mas, a grande preocupação da comunidade do lugar, em relação a construção da ponte da ilha dos Marinheiros, é se a mesma levará o que popularmente se chama de "violência urbana"²⁵⁴ para o jeito de viver deles e a descaracterização do traço cultural ímpar vigente no teor do conceito lugar.

Viajar de caíco para a cidade é um passeio. O pescador procura unir o útil ao agradável, isto é, ir resolver problemas diversos (vender peixe, comprar materiais para pescarias, ir ao médico e outras questões de ordem urbana) e olhar as novidades que o atual centro comercial coloca para a venda. Assim, o pescador artesanal tem o sapato para passear na cidade e visitar amigos, que são parentes, cúmplices ou confidentes conhecidos no lugar.

Os pescadores artesanais não sabem se querem a construção de uma ponte ou o término da atual (que em construção é tida tecnicamente como uma ruína). Trata-se de uma ponte que faça a ligação da Ilha à cidade. Eles dizem que assim será mais fácil ir e vir do Mercado Municipal, do centro comercial e dos hospitais. Mas, afirmam que o peixe provavelmente continuará sendo transportado de caíco para os atravessadores das docas e que a comunidade do lugar não quer a agitação das pessoas nervosas e a dita violência urbana que impera impiedosamente em todos os bairros da cidade.

O peixe será transportado pelo caíco porque a embarcação já se encontra nas águas lagunares e será trabalhoso colocar na salga e depois levar de carro para os atravessadores de pescado. O trabalho de levar das

²⁵⁴ KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (p.59 e 92)

KOWARICK, Lúcio. (Organizador). *As Lutas Sociais e a Cidade* (São Paulo: Passado e Presente). 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994 (p.75).

MORAIS, Regis de. *O que é violência urbana*. SÃO Paulo: Abril Cultural - Brasiliense, 1985. (p.25):

"Resumindo-se: violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental."

águas para a cidade é “economia” de tempo, dinheiro e desgaste físico e mental do pescador artesanal. No período do inverno é que é mais comum quererem uma ponte, porque o frio grave e extenso, as tempestades e a fragilidade da embarcação tornam a travessia difícil para se manter a saúde do pescador artesanal e a conservação e manutenção da manual construção naval dependente da ação eólica: “Todos querem a ponte. Será mais fácil. No inverno andar pelo mar é brabo!”²⁵⁵

O pescador artesanal quer a ponte, mas não quer as conseqüências da sua vinda. Ela vai trazer o fim das tramelas, a construção de muros, a colocação de fechaduras, a visão da casa toda gradeada, a chegada do estranho, o turista, a droga e a prostituição. Quando o pescador artesanal lembra-se de todas as problemáticas urbanas apresentadas anteriormente tem medo da construção da ponte. A “luz” da cidade vista do lugar convidam para se ir lá, mas quando se olha e vê o que existe lá, não se quer ficar lá e imediatamente se deseja voltar para o lugar.

A roupa da pessoa, o carro acelerado, o barulho infernal do comércio agitado e ansioso, a moda e a etiqueta da roupa vista no bar e restaurante, a fila no banco e no hospital, a grávida que morreu de parto, o homem de sapato e a mulher de salto fino, o perfume francês e o vinho chileno, o luxo dos carros e ônibus superlotados de passageiros, as paradas de ônibus sujas e com filas intermináveis, a velha que morreu atropelada e outros dados sociais do período diário da cidade são questões geográficas que fazem o morador do lugar ter medo e não querer a ponte quando, contraditoriamente, diz que quer e se vê convidado pelas “luzes da cidade”. O pescador jovem e viril é que fica pensando na vida noturna da cidade, os pescadores maduros, casados, solteiros e as moças já adultas não se deixam iludir pelo clarão que no turno noturno a cidade promove no céu e escondem as suas estrelas. No lugar se vê as estrelas as que estão no céu da cidade são substituídas pela luminosidade amarelada que absorve e esconde os astros.

No lugar se observa as luzes e a claridade do centro urbano, mas, não se “enxerga” a violência noturna que domina as ruas, avenidas e rodovias do continente, isto é, lá não há caminhos e a “rede” é feita pelos traficantes de

²⁵⁵ *Antônio do Quim*

cocaína e maconha. É uma outra história para ser lida e estudada pelos pesquisadores da questão urbana. A cidade que convida o pescador é a mesma realidade geográfica que faz com que este pescador tenha muito medo dela. Observação: quando o pescador artesanal quer a ponte deseja ficar muito longe da realidade social reproduzida no espaço geográfico urbano, ele quer quando não quer. A possibilidade da construção de uma ponte trouxe para o pescador artesanal este dilema, que acrescenta o fato histórico e cultural quase inevitável de que, em determinado momento geográfico, a comunidade terá que participar “de frente” da confrontação cultural entre o lugar e a cidade acelerada/adiantada e atrasada. O confronto ocorrerá mais de forma direta e diária caso a ponte (a mesma em construção já foi “condenada” pelos especialistas da questão ambiental e da engenharia civil) seja de fato terminada e, assim, ligando o continente a Ilha dos Marinheiros.



Foto 13: A Balsa



Foto 14: A Ponte

O pescador artesanal aceita e nega a construção da ponte ligando a Ilha dos Marinheiros ao continente. A ponte ficaria nas Bandeirinhas, isto é, a cerca de 15 km de distância do lugar. Esta particularidade tem promovido a idéia de que mesmo sendo construído o ponto de ligação terrestre o lugar continuará ainda afastado da cidade, até porque são mais uns 15 km da provável ponte para se chegar no centro comercial do Porto Velho. O fato cultural do lugar, sempre documentado em várias casas que possuem um único sistema de som, um rádio, uma televisão pequena e um rádio amador TX (comprado em um camelô da cidade), faz com que o mesmo não possa ser dotado da acelerada contração tempo/espço da “atrasada” cidade. A cidade apesar de ter, no cerne do empate capital/trabalho e terra, a mais avançada tecnologia de informatização e transmissão de conhecimentos encontra-se repetindo exaustivamente “era para ter sido feito ontem!”. O pescador artesanal tem medo das tempestades, bem como, das intensas verticalizações da contração tempo/espço que se espraia, absorve e domina a espacialidade urbana contemporânea.

Na comunidade há cinco orelhões públicos, que nunca receberam um cartão telefônico e devido à ferrugem não funcionam. São quatro pequenas salas de casas que vendem alguns produtos de limpeza e poucos bens alimentícios. O armazém do Jorge (lembra de Ogum. Ele tem sua imagem de Ogum acima do portal) é o que tem o jogo de bilhar, bocha e uma maior quantidade de mercadorias. Lá não entra mulher, pois faz parte do ritual de iniciação e do imaginário social masculino. A única padaria (onde só entra mulher) é pequena na dimensão, no espaço físico coberto e só tem pão. No lugar não tem farmácia, as ervas, as curandeiras e o curandeiro dão conta do recado (tudo é resolvido com rezas, ervas e rituais de benzeduras). Como este pescador artesanal vai confrontar-se “de frente” com a complexa e grave questão social da ansiedade social da cidade portuária do Rio Grande? Devemos entender que a ansiedade é uma manifestação e registro cultural do que se chama de urbano.

Assim, será que o modo de vida do lugar vai ser dissolvido na neurose urbana²⁵⁶ e o pescador artesanal, que acredita na existência do lobisomem, vai ser mais uma foto do passado da história social do município, que será acondicionada na fototeca do Centro Municipal de Cultura “Inah Emil Martensen”, situado perto das velhas pedras do porto.

O rádio amador PX só permite falar com os amigos e parentes. Eles estão no lugar, nas outras praias da Ilha, da laguna e são alguns amigos da cidade. Os meios de comunicação fazem com que a tramela continue existindo, resistindo e viabilizando a identificação geográfica do lugar. A tramela, a “trama” das mulheres na cozinha devassada, o vai e vem de pratos e panelas pelos caminhos do labirinto do velho pescador artesanal, representado no sábio Candinho, são sinais de que a possibilidade do término da construção civil e do funcionamento da ponte (que em construção já é

²⁵⁶MOISÉS, José Álvaro, e outros. *Contradições urbanas e movimentos sociais*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (p.74):

"A urbanização da economia e sociedade brasileiras nada mais é senão a extensão a todos os recantos e setores da vida nacional, das relações de produção capitalistas; embora seja ainda , em muitos casos, apenas uma tendência, sua marca é peculiar: já não se pode voltar atrás."

ruína) não trouxe o fim do direito à liberdade de nunca terem que fechar a porta e de não ser necessário dizerem “era para ontem!”.

Lembrando que a casa não se resume só ao espaço físico construído e coberto, se sabe que a questão de uma futura ponte poderá trazer acréscimos e subtrações à própria estrutura da casa e a um novo conteúdo geográfico do conceito casa no debate de visita ao lugar, agora substantificado no jeito de viver da comunidade. No lugar a liberdade não é representada pela necessidade de uma rede técnica de ligação (Ex.: uma rede de pontes), mas pelo dado comunitário de saberem e conhecerem todo o labirinto, desenharem-no e redesenharem-no quando bem quiserem e, via a linguagem na qual encontramos os caminhos das relações de parentesco, que são objetos e sujeitos de uma etnologia ímpar espacializada geograficamente no conceito lugar.

Na Marambaia os caminhos não possuem nomes e são conhecidos por promoverem os laços culturais entre parentes e amigos/cúmplices que moram em casas separadas. Mas, os caminhos (não falei beco, rua, avenida ou estrada) são pontos de ligação afetiva de determinada família (por exemplo: o caminho da família de Xaim). Ninguém batizou o percurso com o nome "o caminho da família de Xaim. Eles só falam que é um caminho que compõe o labirinto.

Na praia é inexistente a ocorrência de violência urbana. A praia não tem ladrão e raramente quando há algum roubo é proveniente da ação de ladrões habitantes da cidade do Rio Grande, e quando roubam é material de pesca. O fato social de não haver roubo e todos se conhecerem, via as relações de parentesco, faz com que as casas não possuam fechaduras, cadeados ou trancas. Na Marambaia os pescadores não brigam violentamente entre si, os homens brincam e quando, por algum motivo, estão aborrecidos, se percebe pela fisionomia séria, fechada e o silêncio. Mas, segundo as mulheres, tudo é “fogo de palha”, é passageiro. Logo depois encontramos os homens de cueca, nus, de calções ou bermudas tomando banho nas águas da praia, eles ratificam o simbolismo de que a água lava o corpo e a alma.

Registramos que essas relações de linhagem são tão importantes que os filhos e netos quando pensam em ir para outra realidade social, devido

justificarem não haver muita embarcação pescando na Laguna dos Patos (por exemplo: botes de Rio Grande, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Pelotas e do Estado de Santa Catarina), colocam que não é só o baixo preço pago pelo pescado que viabiliza a vontade de irem embora e que são livres para procurarem outra maneira de viver. Mas, claro que existem jovens pescadores artesanais que se pudessem não pescar não pescavam. Mesmo com o baixo preço do pescado no mercado regido por atravessadores e com a grande quantidade de embarcações competindo com a pesca artesanal da comunidade, o jovem pescador artesanal fica pescando, outrossim, por causa dos pesados vínculos com o labirinto do lugar. O fim das uvas, as várias enchentes, as tempestades, as chuvas de “pedra” (chuvas de pedaços de gelo que arrasam tudo e todos), o frio intenso, a umidade penetrante, a falta de médicos e outros dados sociais inóspitos não supera a hospitalidade, o abrigo, a lealdade que é intrínseca ao modo de vida dos pescadores artesanais do lugar.

A Ilha é tida simbolicamente enquanto um centro espiritual, centro primário e principal, sítio da grande paz, outro mundo, reino do espírito iluminado, além maravilhoso, cosmo completo e lapidado, a miniatura do mundo, templo, santuário, pátria dos mistérios originais (o paraíso terrestre estaria localizado em uma Ilha) e “lugar” dos Bem-Aventurados que estão cercados por um abismo (o turbilhão do oceano, as tempestades na laguna). Segundo o simbólico só se chega na Ilha via navegação ou vôo. Navegar é ultrapassar vitoriosamente o obstáculo imposto pela força descomunal e misteriosa da água, que é representada de forma simbólica/imaginária - mitológica por Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Oxum, Santa Bárbara e Iansã. Quando a Laguna dos Patos fica revolta os moradores do lugar pedem piedade e misericórdia aos orixás e santas inclusive até a Ogum. Voar é uma capacidade nata dos pássaros e da imaginação humana (na sua gênese o pescador é um animal da espécie humana terrestre e não aérea). Chegamos na Ilha quando atingimos pelo imaginário, ou pelo pensamento racional, o tempo e o espaço do refúgio/ilha. Voamos via a imortalidade porque só os imortais voam e voamos pela potencialidade fértil do sonho. Mas, se tudo e todos são

símbolos o mundo é um sonho, fruto da nossa imaginação, intuição, devaneio que constituem a eterna contradição em processo.

Assim, a Ilha enquanto valor sacral concentrado é o mundo em miniatura, um cosmo acabado, já que, a perfeição é encontrada no interior do próprio ser humano, basta ver a luminosidade dos olhos, a agilidade das mãos e o primor dos pés. O homem é Ilha, uma miniatura do mundo e um mundo em miniatura porque é natureza mergulhada em si própria, e espalhada na natureza exterior que só existe enquanto continuidade, projeção e semelhança de si mesma, em si e para si, que retrocede e ascende para o ponto inicial, isto é, o infinito espiral/trança, que nos remete inquestionavelmente para a ciência simbólica e para o pensamento platônico do espiral da imortalidade da natureza orgânica/inorgânica de Marx. Os limites entre os “fragmentos” das ondas que quebram na beira da praia são responsabilidades de nossa necessidade kármica²⁵⁷ de sonhar²⁵⁸, devido o mundo verdadeiro ser o da transmigração dos espíritos que são imortais²⁵⁹,

²⁵⁷ ZIKAS, Dimitrios N. de Platão *Fedon a Imortalidade da Alma (Comentários)*. Curitiba: Cyros, 1990. (p.33).

²⁵⁸ BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*. [Trad. Antonio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p.5):

"De um modo geral, acreditamos que a psicologia das emoções estéticas ganharia com o estudo da zona dos devaneios materiais que antecedem à contemplação. Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho."

²⁵⁹ CARVALHO, Sílvia Maria S de. *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990.(P.34):

"Será nesse duplo sentido que o helenismo entenderá Orfeu principalmente como aquele que, viajando ao país dos mortos, teve a revelação das últimas coisas e ensinou-as aos homens, através de ritos e de cantos."

enquanto natureza orgânica e inorgânica²⁶⁰ imbricada em todos os seres, criaturas, objetos e entidades materiais/ideais.

A Ilha, entendida como sendo conceitualmente um lugar, é a estabilidade polar, o equilíbrio, a paz e o silêncio no meio da desarmonia, do desequilíbrio e da agitação infértil, estéril, mundana, profana e ignorante para a elevação espiritual do homem, que procura por meio de erros, enganos e equívocos, no nível da hombridade (que não possui sexo definido), atingir uma aproximação ou semelhança da sua própria natureza, exteriorizada e materializada na pureza das rosas primaveris que simbolizam a vinda de um novo período do modo de vida dos pescadores artesanais do lugar, localizado na Ilha dos Marinheiros.

A estabilidade polar é o céu, o nirvana ou o azul celestial das cores das casas, que nos remete para a puríssima perfeição dos seres santos (Jesus, Nossa Senhora dos Navegantes, Ogum, São João Batista, Iemanjá e Nossa Senhora da Saúde) que estão no altíssimo límpido e luminoso, como a cor branca, que fornece luz e é tonalidade fundamental das Ilhas (elas são simbolicamente apresentadas pela cor branca).

A Ilha, que de acordo com a ciência simbólica é representada pela cor branca, é imaginariamente tida como sendo localidade de refúgio. Mas, contra as tempestades, os pescadores procuram refúgio no lugar da mesma forma que se fugia para a terra firme quando se pensava que no oceano Atlântico havia seres carnívoros, entidades etéreas, criaturas sobrenaturais e monstros marinhos que se manifestavam em específicas localizações e durante

²⁶⁰ DUARTE. Rodrigo A . de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital*. (Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.(p.48):

"...o homem é ser genérico (Gattungswesen), na medida em que se relaciona a si mesmo como ser universal...A vida genérica consiste , fisicamente, em que o homem vive da natureza inorgânica, e ele é tanto mais universal do que o animal, quando mais universal é o âmbito da natureza inorgânica da qual ele vive."

as revoltas e agitações das águas do mar²⁶¹. Os pescadores do lugar acreditam em lobisomem e nos poderes astrais e sobrenaturais de Ogum que mata dragões.

Os homens da cidade possuem no seu simbólico que a Ilha é o “refúgio” contra todos os problemas efervescentes que a lógica, a evolução e a dinâmica urbana coloca na pauta do seu jeito de viver, que é composto, por ser na sua essência primária os próprios problemas criados e reproduzidos no espaço urbano, que só existe enquanto modo de vida deles (inicia-se o ciclo). Fugindo da agitada tempestade o homem toma o rumo dos rochedos da praia da Ilha, onde terá a paz que do refúgio.

O ser humano transfere para as Ilhas o desejo da felicidade terrestre ou eterna; por isso, quando tem férias procura tais variáveis sociais nas Ilhas (Ilha de Florianópolis, Ilha de Fernando de Noronha, Ilhas Gregas,...), que foram abrigo para fugitivos dos mais fundos horrores, que no mar substantificam-se em noites escuras, ressacas e cerrações.²⁶² O subjetivo é objetivado, já que toda negação tem no seu interior a sua própria afirmação

²⁶¹ DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.) *Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário*. São Paulo: HUCITEC, 1998. (p.136):

"Segundo a mitologia grega, no fundo dos mares habitavam estranhos monstros que obedeciam a Netuno e surgiam das profundezas quando ele ordenava. O carro do rei do mar era puxado por cavalos marinhos, aparecendo, freqüentemente, com os delfins, amados por Netuno por Ter ajudado a raptar a bela e jovem Änfitrite, que se tornou sua esposa."

CARVALHO, Márcia Siqueira. *Geografia e Utopias Medievais*. Seminário: Ciências Sociais e Humanas. Londrina, v. 15, número 3, p. 223-238, setembro, 1994 (p. 225):

"Estrabão (64 a . C. ? - 25 d . C. ?) acreditava que a cada climata localizada ao sul e ao norte do Equador haveria uma correspondência entre as plantas e os animais. Nas áreas tórridas, próximas do Equador, ele acreditava haver solos arenosos, poucas vegetação e criaturas de pelo lanoso, cornos espiralados, beijos protuberantes e narizes achatados. Já eram associados ao clima as características físicas do mundo biótico."

²⁶² MENEZES, Otoniel e MEDEIROS, Eduardo. *Canção dos Pescadores (Praieira)*. Natal/RN: Sd.

que se nega, se eleva e se supera e transforma o tudo, que só existe, e há, como sendo a imortal contradição no seu infinito devir²⁶³.

A praia, através da ciência simbólica, nos remete à idéia de descanso físico e mental e para a noção de liberdade, enquanto momento de vida cujos horários são impostos pelos ditames do corpo e de sua natureza exterior e extensiva, onde o indivíduo encontra-se destituído de compromissos formais. Ela é referência para a poesia, o prazer, entendido como relaxamento.

²⁶³DUARTE. Rodrigo A . de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital*.(Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.(p.29):

"Koyré mostra bem como a evolução dos acontecimentos dessa época caminha no sentido de um mundo fechado a um mundo infinito."

NASR, Seyyed Hossein. *O Homem e a Natureza*. Rio de Janeiro. Hucitec,1968.(p. 47);

"Em grande parte, a visão simbólica das coisas está esquecida no Ocidente, sobrevivendo apenas entre os povos de regiões distantes, enquanto a maioria dos homens modernos vive em um mundo de fenômenos dessacralizados, cujo único significado é ou as relações quantitativas expressas em fórmulas matemáticas que satisfazem a mente científica ou a utilidade material destas para o homem considerado como um animal de duas pernas sem um destino que ultrapasse sua existência terrena."

A acelerada e, conseqüente, desritmada contração tempo-espaço, representativa do modo de vida tipicamente urbano e globalizado²⁶⁴, desarmoniza a temporalidade do corpo e da mente, em relação a eles próprios e em função dos outros seres, objetivos e coisas. Este processo é que permite afirmar que não se trata só de uma aceleração tempo/espaço, mas de uma disritmia.

A beira da laguna é o tempo lento/cíclico da natureza nata não criada e nem produzida pelo natural ser pensante. A areia lavada pelas águas é o caminho para a meditação, que obedecendo aos limites do corpo humano e de sua dimensão imortal, realiza reflexões sobre tudo, inclusive, todas as preocupações, variáveis e instâncias sociais que compõem e são, sem ser, sendo, o próprio indivíduo enquanto concretização da objetividade de sua projeção subjetiva originária de sua potencialidade primária, espacializada no simbólico e no imaginário da categoria trabalho. Na praia é o caminhar, nos

²⁶⁴ PETRELLA, R. *Los limites a la competitividade*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1996.(p.51):

"La mundialización de la economía y la sociedad es un fenómeno reciente, razón por la cual son tan múltiples y diversas las formas que adopta. Algunas de ellas desaparecerán o perderán su actual predicamento en los próximos 10-15 años. Los ingredientes nacionales siguen afectando el modo en que tales procesos globalizadores transforman la economía y la sociedad de un país. No hay un modelo único de mundialización. De ahí la dificultad de llegar, por ahora, a una definición de aceptación general."

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix - Editora da USP, 1977. (p.111 e 112):

"Nessa cultura, o homem é átomo voltado para si, cortado da comunidade; e, átomo, concebe os outros homens e as coisas como outras tantas mônadas. Há pouco lugar para as formas de socialidade primária quando tudo é medido pelo status, pelo dinheiro, pelo caráter abstrato das instituições; e quase nenhum lugar para a relação afetiva direta com a Natureza e o semelhante. Egoísmo e abstração geram modos de sentir, agir e falar muito distantes das condições em que se produz a poesia: que é exercício próprio da empatia, das semelhanças, da proximidade."

caminhos do velho pescador artesanal experiente personificado no Velho Quinota, que nos permite a arte da meditação sobre as causas primeiras²⁶⁵.



Foto 15: O Velho Quinota

Os moradores do lugar entendem que os desejos, as satisfações e os prazeres que o jeito de viver da cidade oferece não superam o nível de contentamento que possuem com a opção de modo de vida do lugar, que só o é devido ao traço cultural. Sua concepção de felicidade encontra-se ligada à

²⁶⁵ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1995. (p. 09-18).

conservação das relações de parentesco e a constante procura dos “ouros”²⁶⁶ de Iemanjá, guardados no labirinto da comunidade permeada pela pesca artesanal que trás a bóia (os ouros) e que é parte da identidade da diferença do jeito de viver do lugar.

*"Sou muito feliz. Felicidade é minhas filhas, meus netos, minha vida, meu trabalho. Não falta mais nada na minha vida para ser feliz. Sou feliz. Como é que não sou. Felicidade é nos viver bem. É não faltar nada. Não faltar bóia, saúde. Gosto mais do dia. No dia conversamos com um, com outro, trabalhamos."*²⁶⁷

É no banco de Quinota que os jovens e maduros pescadores se reúnem para conversar ou ouvirem o velho pescador de 94 anos de idade. Ele fala sobre os seus principais acontecimentos no mar e na comunidade praieira, como passa sugestões, conselhos e macetes para a arte da pesca, de viver no lugar e de se relacionar com os moradores da cidade.

É no banco de Quinota que os homens escutam, falam e pensam na história do lugar, deles e no futuro de ambos. O velho pescador artesanal é o sábio que tira dúvidas e é exemplo de coragem, virilidade e astúcia no trato com os outros e, verticalmente, com o mar e suas criaturas e seres. O banco é referencial para a reposição das forças físicas através do descanso e é assento para a sabatina sobre a arte de encontrar-se naquele modo de vida. Lembrando-se que a sabatina consiste no interminável diálogo em que o velho pescador quando não fornece a resposta desejada faz observações que promovem dúvidas sobre o que queremos e não esperamos para nós e nem para os outros. Assim, o velho pescador a cada reunião faz a releitura dos valores éticos, morais, afetivos e religiosos dos pescadores artesanais e, com isso, nos sinaliza o redesenhar social dos caminhos do labirinto que simbolizam geograficamente o labirinto do parentesco que é do modo de vida

²⁶⁶ CAYMMI, Dorival. *Morena do Mar. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Diamante Verdadeiro. São Paulo: BMG, 1999.*

²⁶⁷ Quinota

do lugar, desdobrado no afloramento da memória quando os velhos pescadores se consultam.

O banco do "Velho Quinota" é ponto de encontro entre os jovens, adultos e velhos pescadores com a saudade substantificada no "Velho Lobo do Mar". O banco, simboliza a espera do retorno daqueles que foram ao encontro da "Rosa dos Ventos" ²⁶⁸, e sinaliza o descanso dos que retornaram ao labirinto das relações sociais, que compõe e são o próprio modo de vida. Trata-se da relação entre a pesca artesanal e as fomes, nas suas mais variadas expressões e manifestações, que são implícitas nas relações já citadas.

O descanso é a recomposição das suas faculdades físicas e mentais (a idéia não é separada da matéria), para reproduzir todas as variáveis sociais que são constituintes da individualidade histórica/natural do lugar do lobo do mar "Velho Quinota" que é endeusado, divinizado, apresentado como um sábio, que segundo o candomblé são os nossos Orixás, já que, todo Orixá foi um sábio em relação a alguma potencialidade da natureza dita como nata (por exemplo: Sàngó dominava o fogo e foi rei em Òyó - Nigéria ²⁶⁹), então, Quinota que domina o mar "é" um sábio, isto é, um orixá espreiado no espiral/trança da vida, que entre outros registros sociais é memória, diálogo entre o passado/futuro, a própria contradição em processo.

²⁶⁸ HOLLANDA, Chico Buarque de. *Rosa dos Ventos. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Imitação da Vida. Guarulhos / SP : EMI MUSIC Ltda. (Distribuidora), 1997.:*

*"... E na gente deu o hábito
De caminhar entre as trevas
De murmurar entre as pregas
De tirar leite das pedras
De ver o tempo correr..."*

²⁶⁹ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo. São Paulo: Mandarim, 2000. (p.204 e 205).*



Foto 16: O Sábio

A espera imagina, memoriza com os outros “lobos do mar” e de forma cultural cartografa a espacialização geográfica da relação história/natureza - intersubjetividade/interobjetividade.

O “Velho Quinota”, representa e traduz a contradição que só tem razão de ser e existir enquanto relação trabalho/capital- imaginário/simbólico .

O pescador artesanal lagunar pensa nos seus mitos quando se encontra nas águas, confrontando-se com o tempo rápido da cidade, das feitiçarias nas velhas docas, que como um sol nascente aparece gradualmente no horizonte.

A possibilidade de ser “anulado” pela lógica, dinâmica e evolução urbana, multiplica-se com as outras preocupações que são fatos históricos na vida do proeiro. Ele sabe que é inevitável o seu encontro com os atravessadores de pescado, do mesmo jeito, forma e maneira que é inevitável seu embate com as potencialidades de uma natureza que no nível do

visualizável oftalmologicamente não foi fruto do seu trabalho tido como mais muscular e menos intelectual/abstrato.

O viril, jovem e experiente, conjuntamente com o velho pescador artesanal mais sabedor dos mistérios e segredos embutidos no confronto matéria/idéia, tem medo que as incertezas impostas pelos ditames da dita natureza, não criada e nem produzida por eles (o oceano cientificamente antecede a existência do ser humano na superfície da terra emersa), não permitam que elaborem o orçamento doméstico e as outras preocupações das relações de parentesco que no mesmo nível hierárquico desdobram o lugar.

Nós não podemos afirmar que as questões do "coração" pesam mais ou menos, do que as de características econômicas, assim sendo, o proeiro e o patrão-pescador artesanal pára, dorme, pensa, sonha e tem fome e medo de lobisomens e de cidade.

Na quebrada das ondas se pratica a purificação do corpo e da alma²⁷⁰, via o ato de se tomar banho e se mergulhar nas águas lagunares. O mergulho é símbolo de iniciação, de esoterismo, de viagem astral, de limpeza e de purificação das mazelas da alma, mergulhar é voltar-se para si. Banhar-se procurando atingir o seu interior absoluto, palpável e inatingível pelo patamar dos sentidos. Ele só é visto, e olhado, pelo espírito que se enxerga nu e cru, mesmo que seja por meio do poder simbólico e imaginário. Neste momento todas as mentiras são verdades e todas as verdades são mentiras, assim, a única certeza é a inquestionável dúvida sobre o que se foi, o que se é, e o que se será, se já não se foi, sem nunca ter ido ou havido. O pescador, e todos os outros, mergulham na divergência em permanente momento de ebulição. Somos e compomos este instante como um raio que risca o firmamento, porque a vida é curta mesmo quando o tempo é lento/ cíclico, somos imortais

²⁷⁰ROHDEN, Huberto. *Mahatma Gandhi*. 11 ed. São Paulo: Alvorada, 1991.

GOMES, Marcos. *Gandhi*. São Paulo: Moderna, 1987 (p.24):

"Muitos templos hindus foram construídos à beira de rios sagrados, com locais apropriados para banhos rituais de purificação. As diversas castas possuem áreas próprias para banhar-se, evitando dessa forma o contágio através da água."

no infinito de nossa humanização natural/social. Há uma fundamentação primeira expressa na contradição ocorrida no singular que, enquanto tal, é sinônimo e símbolo de universalidade, isto é, a imortalidade é mortal no ímpar. A praia se conserva como símbolo de procurar-se a si próprio por meio do perder-se na meditação.

O banhar-se é promover um abraço na natureza e ser abraçado por ela²⁷¹. Estamos falando que na praia o homem pensa e procura a sua fusão na natureza, que lhe parece não ser ele e nem lhe pertencer.

No mergulho voltamos às nossas origens porque, enquanto natureza penetra na existência aquática das criaturas, dos seres e das entidades das águas²⁷². Estamos mergulhando nas águas da nossa vida uterina, estamos procurando o fim do início (retornamos à água primeira e última do espiral/trança da vida).

²⁷¹MARX,Karl. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990.(p.79):

"Agindo sobre a natureza que lhe é exterior através deste movimento e transformando-a, transforma também a sua própria natureza."

²⁷² MATTOS, Vicente, Dinoel e VELLOSA, Arlindo. *Lenda das Sereias, Rainha do Mar. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994:*

"Oguntê, Marabô

Caiala, e sobá

Oloxum, Ynaê

Janaina, e Yemanjá

O mar misterioso mar

Que vem do horizonte

É o berço das sereias

Lendário e fascinante..."

A praia é "lugar" de criança adulta que mergulha, da simplicidade de brincar; pegar conchinhas; fazer morrinhos e ser a criança que fomos e seremos no devir da imortalidade platônica e da universalidade orgânica e inorgânica marxista; assim, o homem é resultado e condição para a sua natureza que é singular e plural, devido ser um astro²⁷³ no infinito do universo, que é ímpar na contradição embrionária (subjetividade/objetividade²⁷⁴) que é a sua pura constituição e existência no conceito lugar. O conteúdo de todo e qualquer conceito científico é historicamente determinado²⁷⁵ e que tal imposição social não é fruto de um monólogo, a relação entre a ciência geografia e a ciência simbólica permite se consultar a subjetividade/objetividade comunitária, através do que geograficamente temos como atividade produtiva que foi culturalmente significativa, para se pretender realizar um ensaio referente a importância do simbólico/imaginário, de específico bem material/ideal que traduz parte da linguagem comunitária do lugar. É neste sentido que a ilha, entendida simbolicamente enquanto miniatura do mundo, ou do mundo em miniatura, apresenta-se como refúgio e como alicerce para a reprodução da vida social/natural, que entre outros fatores comunitários, encontra-se substantificada no cultivo da uva e da

²⁷³ PLATÃO. *A República*. São Paulo: *Exposição do Livro*. s.d. (p. 207[33])

MARX, Karl Heinrich. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. *Pensadores* [05]. (p.200-201)

²⁷⁴MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. [Coleção Os Pensamentos] N. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991.) (p.208):

"O pensador abstrato reconhece, ao mesmo tempo, que a sensibilidade é a essência da natureza, a exterioridade em oposição ao pensamento que se tece em si mesmo"

²⁷⁵. CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato. (Organizadores). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p.143).

fabricação do vinho²⁷⁶, que no lugar simbolizou a existência da vida, inclusive através dos rituais da igreja da Santa Cruz, e da imortalidade do pescador artesanal que definitivamente correu para pegar conchinhas, fazer morrinhos, mergulhar no mar e pescar artesanalmente e, assim, através da fragilidade do bote que nunca seca enfrentar as tempestades e negar a potencialidade latente da morte das parreiras de uva que, contraditoriamente, fez renascer uma Marambaia mais tipicamente conhecedora, sabedora e dominadora dos fortes ventos de Ìyá Mésàn. A extinção da uva não foi a vinda do vento da morte (Oiá/lansã).

Os pescadores da praia vivem da pesca. Antes da década de 1960 os seus avós cuidavam do plantio, da colheita e da venda da uva. Rezam que a enchente ocorrida em 1936, mesmo o nível das águas não tendo se mantido elevado por muitos dias afetou a prática da agricultura. Mas, ocorreu uma outra enchente no período de 1941/1942 e o nível elevado das águas passou vários dias e comprometeu agudamente o plantio e lavou a cidade de Rio Grande(...Cachoeira, lago, onda, gota; Chuva miúda, fonte, neve, mar; A vida que me é dada; Eu e água; Água, lava as mazelas do mundo; E lava a

²⁷⁶ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (p.955):

"O vinho é símbolo da vida oculta, da juventude triunfante e secreta. Por essa razão, e por sua cor vermelha, é uma reabilitação tecnológica do sangue. O sangue recriado pela cuba é o sinal de uma grande vitória sobre a fuga anêmica do tempo..."

BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (p.297):

"Vinho, por causa da sua cor e com referência ao fato de ser produzido com a seiva da vida da videira, é símbolo do sangue (para os gregos era o sangue de Dioniso) e muitas vezes considerado elixir da vida e da eternidade (p. ex., entre os povos semitas, os gregos e no taoísmo). "

minha alma.²⁷⁷).

As sucessivas enchentes promoveram a necessidade de maiores investimentos de trabalhos e de recursos monetários na agricultura. Este processo de mudança do nível da lâmina d'água da Laguna dos Patos ocasionou a mudança de certas famílias para a cidade, e dizem que tal fato provocou a diminuição da população do lugar.

O processo de crescimento das videiras é "lento" e a sua manutenção e conservação requerem muito trabalho. O receio da enchente que promoveu a destruição da agricultura e a morte de pescadores artesanais fez com que famílias fossem para Rio Grande. Os pescadores artesanais não chamam Rio Grande de cidade, e transmitem a idéia de que a cidade é o Município e outra realidade social diferente e oposta ao jeito de viver deles. Ratificam o tempo lento/ cíclico enquanto contradição social²⁷⁸.

²⁷⁷ VELOSO, Caetano. *Eu e água. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo. São Paulo: Polygram, 1995.*

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: SP : Martins Fontes, 1998.(p.148):*

"O valor racional - o fato de a corrente levar as imundícies - seria vencido com demasiada facilidade para que se lhe conceda a menor valia. Ele resulta de uma racionalização. Na verdade, toda pureza é substancial. A psicologia da purificação decorre de imaginação material, e não de uma experiência externa."

²⁷⁸ SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1997. (p. 46):*
"Esses tempos hegemônicos são, de um modo geral, o tempo das grandes organizações e o tempo dos Estados. Em sua busca de harmonização, há um conflito permanente entre o tempo hegemônico dos Estados, e, em sua permanente dialética, há o conflito dos tempos dos atores hegemônicos e dos atores não hegemônicos ou hegemônizados. É assim que se definem, a partir do uso do espaço e do tempo, os cotidianos tão diversos..." (Sublinhado nosso)

Observação: Será que todo ator que não manda é necessariamente mandado? Qual o front que há entre eles? Quais os limites do front? Quem é dominado não pode simultaneamente dominar?

As enchentes acabaram com a produção de frutas. O lugar na década de 1940 ainda continuava com o plantio de parreiras de videira, legumes e hortaliças. No período de 1945 até 1950 inicia-se um grave processo de decadência absoluta e irreversível do cultivo da uva. As pragas parasitavam a raiz das videiras e as várias tentativas de destruir com a peste não teve qualquer efeito de aniquilamento dos parasitas, e as parreiras secaram.

No ano de 1949 as parreiras de uva já se encontravam em franca destruição ocasionada pela secagem oriunda do parasita instalado na raiz. Os imigrantes italianos da serra gaúcha se dedicavam ao cultivo da uva e à fabricação do vinho. A grande quantidade e a excelente qualidade das uvas somam-se à especialização profissional e a implantação do processo de trabalho de caráter industrial e faz com que o trabalho artesanal de cultivo das parreiras passasse a ser "acervo" de museu. A industrialização expandiu o comércio das videiras e do vinho, produtos de excelente qualidade e preços mais baixos, e atendeu a toda demanda comercial. Assim, as enchentes, as doenças nas videiras, o processo de trabalho artesanal na Marambaia e a capitalização verticalizada na serra gaúcha foram pontos básicos para a decadência econômica do cultivo e comercialização da uva na praia.



Foto 17: Gerson. A Enchente. Rio Grande/RS: Fototeca do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2003



Foto 18: Gerson. A Enchente. Rio Grande/RS: Fototeca do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2003

As enchentes atingiram impiedosamente o cultivo das frutas e dos tomates, a mudança de famílias de Ilhéus para a cidade foi um dos fatores sociais que permitiu a queda da produção e a falta de atendimento da demanda oriunda das indústrias localizadas em Rio Grande. Tais empreendimentos econômicos dedicavam-se a conservas e enlatados de doces e extrato de tomate. A solução encontrada pelas atividades empresariais foi procurarem matéria-prima em Pelotas, a localidade mais próxima e na qual eram praticadas as mesmas culturas. Como a distância entre a indústria e o artesão era um custo a mais para o preço das conservas e enlatados, afirmamos que as empresas resolveram parte do problema de aumento dos custos se transferindo de Rio Grande para Pelotas. Junto com os empresários das produções de enlatados de doces foram as receitas de tais mercadorias, e o dado se legitima quando encontramos senhoras representantes das comunidades alemães, italianas, portuguesas,...que possuem receitas de doces, salgados,...que são patrimônio da culinária familiar, e todos os membros da família são proibidos de realizarem qualquer ensinamento culinário relacionado as receitas, tudo é uma questão de sobrevivência material e de denúncia da unidade familiar como base das condições subjetivas/objetivas de recriação social da mesma. Hoje a população do Rio Grande afirma que os internacionais doces de Pelotas foram "roubados" da cidade e que Pelotas não criou nenhuma receita culinária.

Os moradores, desde o ano de 1965, deixaram de plantar em significativa quantidade e qualidade os pés de feijão, cebola, tomate e uva visando venderem no mercado do Rio Grande. Os velhos pescadores artesanais foram morrendo e os netos ficaram na pesca, alegando que a agricultura é mais "pesada" (exige mais trabalho braçal forçado) do que a pesca artesanal de rede em embarcações movidas pela ação eólica, pelos ventos de lancha e pela relação capital/trabalho. Neste momento histórico a pesca fornecia mais recursos financeiros do que a agricultura, mesmo com a grande quantidade de barcos de São Lourenço do Sul, Pelotas e Santa Catarina, os cardumes eram maiores e melhores em quantidades e qualidades.

A concorrência com os agricultores do estado de São Paulo, da grande Porto Alegre e da serra gaúcha, somando-se à areia branca, pobre e infértil da praia, que necessitava de muitos produtos químicos para aumentar a plantação, fez com que os pescadores artesanais desistissem da prática agrícola durante o inverno: “Quase todos plantavam no inverno porque chovia e ajudava na pesca que era e é fraca no inverno. O camarão dava mais dinheiro do que a agricultura²⁷⁹.”

A maioria dos pescadores do lugar fazia vinho em casa e era para o consumo familiar, e tal vinho passava como um afluente de um rio por favorecer as relações de parentesco no labirinto das contraprestações. Só um morador (o velho pescador artesanal Candinho) era quem vendia um ou outro garrafão de vinho, para algum comprador esporádico que aparecia. Mas, Candinho tinha como principal fonte de rendimentos a pesca artesanal. A velhice e a seca fizeram com que no ano de 1990 não existissem mais parreiras no lugar, tal realidade foi contrária ao que acontecia no ano de 1948, quando todos plantavam e queriam ver quem primeiro levava os produtos agrícolas para o mercado da cidade. Hoje Quinota, Candinho e Nestor é que plantam num pequeno terreno que fica no entorno da moradia. Mas, o velho pescador não é homem de ficar confinado fisicamente em espaços pequenos ou restritos, e de deixar de trabalhar, pois somente a doença é que pode prende-lo longe da beira do mar.²⁸⁰

²⁷⁹ Antônio do Quim

²⁸⁰ CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (P.83):

"Os velhos guardam lembrança dos lugares que freqüentaram: eles participam, pelo pensamento, de círculos geralmente muito grandes de interação, mas acham-se freqüentemente confinados fisicamente em espaços restritos."

Quadro 2: Agricultores

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO LUGAR		
AGRICULTORES	100 METROS QUADRADOS DE TERRA	DESTINO
QUINOTA (94 anos)	FEIJÃO	CONSUMO E VENDA
CANDINHO (90 anos)	FEIJÃO, ERVILHA, BATATA	CONSUMO
NESTOR	FEIJÃO, ERVILHA, BATATA	CONSUMO
ANTÔNIO DO QUIM	FEIJÃO, ERVILHA, BATATA	CONSUMO

São cerca de 38 anos que a comunidade do lugar vive só da pesca artesanal, se hoje fossem tentar plantar as videiras teria que usar muitos produtos químicos e o cultivo sairia muito elevado em termos monetários. Os remédios para evitar as doenças e os adubos para o solo, muitas vezes arenoso, já que fração do lugar faz parte do cordão de dunas, partindo-se do momento em que o mesmo avança em direção à praia. O conhecimento sobre o cultivo artesanal das parreiras não permaneceu como saber por parte dos pescadores artesanais. Hoje só restam quatro parreiras.

Antônio do Quim (66 anos de idade), Nestor (60 anos), Candinho (83 anos) e Quinota (94 anos), possuem, para cada um deles, uma parreira; de 306 moradores estes quatro possuem o saber sobre como plantar e cultivar as parreiras de videiras. Só eles realizam peculiar memória.²⁸¹

Os pescadores com mais de 60 anos de idade, afirmam que os "antigos" (os pais e avós deles) é que cuidavam das uvas. Eles morreram e os filhos e os netos diziam que dava muito trabalho todo o processo artesanal de plantio, conservação e manutenção das videiras. Os que não quiseram adquirir tal arte, fora todos os outros demais fatores sociais, alegavam que dava muito trabalho e pouco dinheiro plantar uva: "Eles não queriam pegar no pesado".²⁸²

As quatro parreiras de uvas são para fazerem sombra e para o consumo familiar. Todos os acontecimentos somam-se ao fato de que

²⁸¹ SILVA, Armando Corrêa da. *O Imaginário, a Memória e a Representação. O projeto na Elaboração e Reelaboração Cotidiana. In: SILVA, AC. A Geografia e a Nova Subjetividade-Objetividade. O Real como Representação de uma Espacialidade singular. São Paulo, 1993, p. 25-27 (mimeog.)*

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989, Volume 2, Número 3. (p.3 - 15):*

"Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum."

BEAL, Marisa Gonçalves. *Patrimônio de Tradição Germânica na Cidade do Rio Grande (Levantamento - Histórico - Registro). Monografia do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural (Conservação de Artefatos). Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Letras e Artes -ILA, 1997. (p.44):*

"As palavras da entrevista mostram que, a partir da comunhão dos interesses do grupo, a memória é reconstruída das lembranças individuais; cuja existência apresenta um caráter único, o qual decorre de sua posição espaço temporal."

²⁸² Antônio do Quim.

acreditavam que a pesca artesanal seria mais lucrativa para o sustento da comunidade praieira, todos foram praticar só a arte da pesca artesanal, Candinho adquiriu um caíco pequeno e um médio. A parelha média tem três homens trabalhando, e ele pensa em vender o médio para poder investir mais na parelha média. Eles, de acordo com as condições sociais/naturais determinadas, cultivam cebola, ervilha, feijão, abóbora, couve, nabo, alface e batata doce. São terrenos com cerca de 15 metros de comprimento por cerca de 4 metros de largura. São somente cinco plantios, pertencentes a “cinco” famílias de 102 famílias com cerca de três parentes.

QUADRO 3: Cultivo

CULTIVO	INÍCIO	TÉRMINO
Abóbora	Agosto	Março
Alface	Maio	Setembro
Batata Doce	Setembro	Janeiro
Cebola	Junho	Agosto
Couve	Maio	Setembro
Feijão	Agosto	Setembro
Nabo	Maio	Setembro

Quando havia o cultivo das parreiras de uva, sobrava uva no mercado de Rio Grande. Os pescadores artesanais e agricultores faziam vinho da uva que não era transportada para o comércio da cidade – este era usado para o consumo familiar. As uvas comercializadas iam de caminhão para Pelotas e em um navio pequeno iam para Porto Alegre. Na praia predominava o cultivo de uva e a pesca artesanal, no restante da Ilha (no Porto do Rei, nas Bandeirinhas e no Fundo da Ilha) predominava a agricultura. Eles cultivavam cebola, uva, pêssego, melancia, abóbora, tomate, enquanto que no lugar se tinha a atividade pesqueira artesanal, o cultivo de uva e a horta para o consumo familiar.

No período de 1964 já estava terminando a existência do cultivo de uva na praia. Havia a metade do que produziam em 1934. Hoje as quatro parreiras de videiras que sobraram são frutos das que existiam em processo

de extinção no período de 1964: “E assim foi terminando, terminando! Foi acabando!”²⁸³

No período do fim de maio as parreiras eram podadas, eles imediatamente começavam colocando as taquaras, fazendo a grade - no final de junho terminavam de colocar as taquaras - neste momento ficavam prontas as parreiras. No mês de setembro tinha a brotação e a colheita começava no fim de novembro e se estendia até o fim de março. Logo, em maio, podavam as parreiras e se recomeçava todo o ciclo de manutenção, conservação e colheita das videiras.

Quando cultivavam uvas, antes do período de iniciação da extinção, no mercado teve comprador para as uvas. O vinho chegava de Caxias do Sul/RS, mas de lá não vinha a uva. Atualmente de lá vem a fruta e Candinho, com seus 83 anos de idade, compra e realiza a memória dialogando com Antônio do Quim. Este diz que “a turma nova não quiseram parreira, só os velhos tem parreiras”.²⁸⁴

O plantio da batata-doce trouxe recursos financeiros para os pescadores artesanais, quando sobrava batata-doce vendiam no mercado de Rio Grande. Já faz uns dez anos que a batata-doce vem da colônia e “não” se leva para vender no mercado. Tudo se explica porque a mesma vem mais barata do que é oferecida a do lugar, que é cultivada de forma artesanal, pelos pouquíssimos que ainda plantam, e não sobra nenhuma batata-doce, fora a que é destinada para o consumo doméstico.

Os “raros” que ainda plantam, quando sobra da horta, levam em setembro para vender no hortifrutigranjeiro, quando sobra é a couve, alface, feijão, cebola, ervilha e nabo, a batata-doce e a abóbora são só para o consumo familiar dos poucos que permanecem praticando a agricultura relacionada à pesca artesanal. Eles acrescentam que fora o destinado para a mesa da casa, tem sobrado só no mês de setembro. No período do ano é que fazem a colheita do que foi cultivado (alface, couve, feijão ou nabo que chamam de ervas). A sobra, que é vendida no mercado da cidade, recebe o nome de quitanda. Mesmo que seja uma única mercadoria (por exemplo: uma

²⁸³ Isolina.

²⁸⁴ Jabá

erva, recebe o nome de quitanda desde que destinada à comercialização): “O que sustenta é a pesca. Planta-se pouco. É pouca terra e é areia”.²⁸⁵

Na Ilha algumas poucas famílias dedicam-se à criação em curral e galinheiros de alguns animais (por exemplo: vaca, porco e ave) - tudo para o consumo familiar. Outras dez famílias realizam o cultivo de flores que são mais comercializadas na semana de finados na cidade do Rio Grande.

As quatro parreiras existem porque a areia recebe o esterco do porco e do animal vacum (que é o boi e a vaca). Existe um curral para o porco e um para o animal vacum. Cada um dos currais possui 3 m de comprimento por 2 m de largura. São 102 famílias e delas, duas possuem animal vacum (uma tem um e a outra tem dois - são três currais) e uma cria porcos; para cada uma das três famílias existe um porco, que criam e matam no mês de maio, para a mesa familiar comemorativa do dia das mães. Logo depois compram um porco e criam-no até que chegue o próximo mês de maio.

A criação do porco para ser servido na mesa comemorativa do mês de maio, para se homenagear as mães, trata-se do processo simbólico de se adorar a “mulher mãe”, entendendo-se que este traço da linguagem comunitária encontra-se relacionado ao mercado capitalista, que recria o dia das mães, e a comemoração mariana do calendário da instituição Igreja Católica Apostólica Romana.

Mas, não é só este o dado particularizado desta homenagem a mãe, já que, a leitura da "Santa Virgem Maria" é relacionada aos orixás da água, quando se trata da cultura do povo brasileiro²⁸⁶. Nossa Senhora, Yèyé omo ejá e Òsun são homenageadas através da adoração e gratidão que possuem em relação as velhas senhoras do lugar. As mães da praieira são chamadas de "santas", "rainhas do lar", filhas de "Nossa Senhora" e são dotadas da capacidade de alimentar/prover os filhos na vida uterina intrínseca ao grande "mar" ("A grande mãe me viu num quarto cheio d'água; Num enorme quarto lindo e cheio d'água; E eu nunca me afogava; O mar total e eu dentro do eterno ventre;..."²⁸⁷). Elas fornecem a água do eterno ventre e o maternal leite da vida²⁸⁸.

²⁸⁶ ORPHANAKE, J. Edson. *Conheça a Umbanda*. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994.(p. 14 e 15):

"Espalhados pelo Brasil todo, os escravos nos legaram vários cultos relacionados aos seus próprios, nascendo então o Caatimbó, no Nordeste (em mistura com práticas indígenas dos silvícolas brasileiros); o Xangô, em Pernambuco, o Candomblé, na Bahia; influência posterior bem acentuada na Umbanda, no Rio de Janeiro e São Paulo; o Batuque, no Rio Grande do Sul, e outros de menor importância, como o Omolocô, etc."

"Os negros, porem, não eram assim tão ignorantes. Para poderem cultuar seus deuses, de modo a não deixar suspeita, passaram a utilizar-se de imagens de santos católicos, os quais eram colocados em altares à moda dos brancos."

²⁸⁷ VELOSO, Caetano. *Eu e Água. Intérprete Maria Bethânia*. Disco: *Maria Bethânia ao Vivo*. SP: Polygram, 1995.

²⁸⁸ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.(p.542):

"A Vida primordial, e portanto eterna, e o Conhecimento supremo, e portanto potencial, são sempre aspectos simbólicos associados, ainda que não misturados. É bem o que sobressai das inúmeras citações ou referências que se poderiam reunir a respeito do leite."

BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (p.167).

O animal vacuum é criado para fornecer o leite e o estrume para a chácara, eles não vendem o leite e nem o esterco, que é fornecido para os raros que plantam, leite é só para o consumo familiar.

O processo de curtir a parreira dura dois meses (de maio a junho). O trabalho é delicado, o processo é exaustivo fisicamente. Os jovens (filhos e netos), dos pescadores – lavradores da década de 1950 e do início da de 1960, afirmam que curtir, manter, conservar, colher e fazer o vinho era muito trabalhoso e dava pouco recurso financeiro para a comunidade. Eles já estavam passando pela praga na raiz da parreira, sofrendo os efeitos das sucessivas enchentes e a concorrência dos plantadores de uva da serra gaúcha. Neste momento, na praia viu-se homens olharem a laguna e correrem em direção às suas águas, objetivando só pesca artesanal. Na cidade do Rio Grande havia empresas de comercialização do pescado e a oferta do mesmo, até certo ponto, era inferior à procura. A pesca artesanal, financeiramente, era mais rentável do que o plantio da uva: “Os jovens achavam que a pesca dava mais dinheiro, e ela dava mais dinheiro”.²⁸⁹

Lembram que hoje eles não possuem conhecimento profundo referente ao plantio, à colheita e à utilização da uva que os seus antepassados possuíam. Eles entendem que os plantadores de outros municípios do Rio Grande do Sul seriam os únicos concorrentes deles (ignoram o mercado internacional), e que a falta do saber é algo irrecuperável: “E os velhos que podiam ensinar morreram. Teríamos que usar muito remédio, e é inviável”.²⁹⁰

A memória só existe quando os elementos componentes da natureza (orgânica/inorgânica) se encontram de forma material/ideal no mesmo lugar e promovem a releitura do diálogo que foi tratado, naquele ímpar tempo e espaço. Tal releitura sendo apresentada neles próprios e nas demais peças constitutivas do espaço geográfico, entendido como a materialização do questionamento primário entre o trabalho/capital - simbólico/imaginário, ocorrendo no registro social de que no lugar só o criar, através do embate primário, é a reflexão cultural onde um é o outro. Tais ordens são alicerces sociais das reflexões básicas que são comunitárias, e se espriam no

²⁸⁹ *Lindo.*

²⁹⁰ *Carocha*

preciso ser, que trás consigo, as identidades da eterna contradição em movimento. Este pode ser o "caminho" para se tentar reler o conteúdo do conceito lugar enquanto unidade e multiplicidade da expressão e manifestação humana, via seus mitos, trabalhos artesanais, rituais de iniciação e laços de parentesco que estão no modo de vida.

Só há reprodução da cena no espaço cênico, no lugar praieiro, se tiver ocorrido uma preocupação, ou um ditame histórico, que tenha preservado, conservado e mantido (nem que fosse por meio da visão defendida pelo Rauskin)²⁹¹ todos os seres naturais universais que estavam presentes no tempo e espaço cultural de simbolização e obtenção do ato, representado pela cena. Só assim é que existe a problemática memória. Tudo e todos são símbolos sociais potencialmente edificadores ou demolidores da memória individual e coletiva, que só existe na discussão subjetividade/objetividade.

A memória, sendo o reviver é verídico seu conteúdo porque é contradição. Ela é, só por existir, a questão do refletir-se sobre a veracidade de ser o pescador artesanal um ato histórico, estudado numa dimensão espiritual carmática²⁹² infinita como simboliza a dança dos Mevlevi ou dervixes-giradores turcos, isto é, o espiral/trança²⁹³ da vida natural/social. A

²⁹¹ ASKAR, Jorge A. *Reconstrução e imitação como alternativas da conservação. Caderno de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, n. 4, p. 7-20, maio/1996. (p. 12):*

"O restauro é a pior maneira de destruir (...); significa a mais total destruição que uma construção pode suportar: destruição da qual não permanece nenhum resto por recolher, seguida por uma falsa descrição da coisa destruída. Não nos deixemos enganar sobre esta importante matéria; é impossível ressuscitar aquilo que é morto, reconstruir qualquer coisa que foi grande ou bela na arquitetura (...) o espírito morto do artesão não pode ser ressuscitado para dirigir outras mãos e outros pensamentos". (CESHI, 1970:71-86)."

²⁹² CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos. São Paulo: UNESP, 1990.*

²⁹³ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores,*

memória enquanto resgate das causas primeiras, e inerente ao espiral/trança da vida no lugar, não é peça petrificada²⁹⁴.

A legitimidade da releitura é por ser um diálogo, porque a recriação desse tempo lento/cíclico é condição e resultado do processo histórico/cultural imposto, onde o mito que faz parte da linguagem da comunidade praieira é de fato uma obra da imaginação, que compõe um básico caminho para se tentar trabalhar com a dúvida, angústia de que não somos o que sensivelmente visualizamos, sendo o que jamais fomos ou seremos. Tudo porque somos nosso próprio mito espelhado na cultura individual que só há na comunidade. O homem é um mito, para si e em si, que só existe no coletivo natural orgânico/inorgânico da universalidade social/natural, pois não podemos abraça-lo nem de forma vertical e nem horizontalmente, devido a base do pensamento racional não ter conseguido fazer com que Exu, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Obaluaiê, Oxumaré, Nanã Buruku, Oxum, Logun Edé, Iansã, Obá, Ewá, Iemanjá, Xangô, Iroko, Ibeji, Ifá, Oxalufã, Oxaguã, Otin, Babá-Egúngún, Iyá-Mi Oxorongá,...tenha humanidade/hombridade transmutada para eles pelos próprios homens.

números).12ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1998.(p.399, 532,785 e 895).

²⁹⁴ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (p. 401):
 “A memória, longe de ser intuição do tempo, escapa-lhe no triunfo de um tempo ‘reencontrado’, logo negado.”

Pescadores artesanais agora metamorfoseados em simples objetos, pois o mito passou a ser sujeito histórico no terreiro de gira, isto é, do espiral/trança, que no puxar do ponto devolve ao homem a hombridade que lhe foi passada, mas que no silenciar dos batuqueiros readquirem a hombridade²⁹⁵, e assim eles vivem, devido quando um é o outro já deixou de sê-lo, porque sendo não o é, mas é, sendo sem ser,...É o embate entre matéria/idéia, objetividade/subjetividade,...que existe, e não o homem lapidado do pensamento racional acabado²⁹⁶.

²⁹⁵ GIL, Gilberto. *Filhos de Gandhi*. Intérprete Maria Bethânia. Disco: *A Arte de Maria Bethânia*. Rio de Janeiro: Polygram, 1988.:

"Omulu, Ogum, Oxum, Oxumaré
 Todo o pessoal manda
 Descer pra ver
 Filhos de Gandhi
 Iansã, Yemanjá
 Chama Xangô
 Oxossi também
 Manda descer pra ver
 Filhos de Gandhi
 ..."

CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990. (p.34):

"O que fez de Orfeu um nome famoso foi justamente sua voz que, capturada em escritos, desvelando mistérios divinos, se expandiu pelos séculos afora difundindo a certeza de que o homem é deus."

²⁹⁶ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego"*. La pensée, N.104, Agosto, 1962.



Foto 19: A Divindade

Nesta interpretação científica falamos da importância do estudo primário relacionado a memória para se tentar captar um ínfimo momento do tempo lento/cíclico, presente na pesca artesanal encenada pelo imaginário/simbólico e pelo trabalho/capital que só na unidade da diversidade existem na projeção social dos seres, das coisas e de algo que compõem, que são a união dos diferentes e opostos, que se negam, se elevam, se superam e mergulham no eterno devir que já foi, e é.

Assim, na reflexão de que a natureza é orgânica e inorgânica só é ela mesma uma relação universal, já que a universalidade do ser é possível porque a luz do outro mais infinitamente distante é que é energia vivificadora²⁹⁷, da mesma forma que a absoluta escuridão, no momento histórico social, é vivificadora para os que dela necessitam para serem presentes ou representados nas reminiscências.

Tais recomendações dão o sentido da reprodução secular do modo de vida e, de forma direta e explícita, são condições preliminares para o fato de haver o simbólico/imaginário e o trabalho/capital no lugar. “Tudo tem haver com tudo”, devido não existir qualquer possibilidade de veracidade acabada, que é negação enquanto reminiscências, de que somos o próprio infinito em contradição móvel. Ele, algo ou alguma coisa, indiferente do conflito tempo/espaço, são o tudo, e por isso, ou por isto compõem, estruturam e fornecem forma e materialização ao nada, que é lugar (identidade, diferença e precisão).

Há um front, enquanto contradição social, na universalidade da singularidade em questão cujo jeito de viver impõe, limita e determina um teor para o conceito lugar.

O lugar só pode ser pesquisado tendo-se como pressuposto teórico, metodológico e filosófico de que o modo de vida, desenhado no espaço cênico, representado pela predominância da negação de uma acelerada contração tempo-espaço, pela existência de mitos e rituais ímpares e pelos outros elementos culturais é que determina e precisa o front da unidade da diversidade, materializada como lugar geográfico. São essas variáveis sociais

²⁹⁷ GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. (p. 95):

(...) *Em troca, as almas, desde seu nascimento, são situadas, cada uma, num astro; ...*

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 279).

PLATÃO. *Diálogos*. [Os Pensamentos] São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 26, 147).

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. [Coleção Os Pensamentos] N. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 169 e 200).

específicas que estão implicadas na objetividade/subjetividade (trabalho/capital- simbólico/imaginário). É nesse movimento que poderemos pensar a releitura do conceito lugar, tendo como laboratório social a comunidade da praia.

Temos que entender que as dimensões sociais são por si mesmas um conflito do desdobrar do pescador artesanal, e das suas opções sociais, que o constituem (somos nossas opções?). Acrescentando-se que sendo históricas são universais enquanto interminável releitura da natureza orgânica/inorgânica, já rezado no debate platônico e nos manuscritos de 1844.

Estas variáveis culturais mergulham e se reproduzem em si próprias, na elaboração e na reparação das suas especificidades temporais/ espaciais. Assim, o diálogo existe no procedimento de manter uma visita aos aparentes opostos, que dialeticamente compõem o cerne do conceito lugar, que é particularidade no debate sobre o jeito de viver dos pescadores artesanais.

Não podemos cometer a irresponsabilidade de afirmar que todas as manifestações e expressões da linguagem comunitária, representada nos mitos e nos rituais do pescador artesanal, fazem parte das imposições restritas e amplas de uma ideologia tida como burguesa (diria como oriunda das relações classistas entre as muitas e variadas categorias sociais tidas como tipicamente capitalistas).

Pensamos que os medos, as diversas superstições, os variados conceitos e os específicos preconceitos do lugar, no qual tudo se espraia entre sentimentalismo e racionalismo, antecedem o modo capitalista de produção. O medo não é fruto da dominação, até porque os que exploram sentem medo, inclusive dos dominados e da morte/vida.

A extinção do direito à propriedade privada do trabalho, do capital e da terra, não terminaria com o medo que o ser humano possui da morte. Persistindo o medo da morte temos a possibilidade de termos existência dos mitos numa sociedade desprovida da posse privada.

O mito não pode ser estudado como fruto ou imposição da contradição uterina trabalho/capital e de uma ideologia estudada como sendo burguesa²⁹⁸.

Todos os medos são símbolos e variáveis culturais e nos remetem ao imaginário e ao mitológico, independente do modo de produção predominante. No tempo da ferramenta manual e no momento da robótica, temos os poderosos mitos vindos das memórias, das reminiscências e da interobjetividade/intersubjetividade do individual que no lugar é comunitário.

No tempo e no espaço geográfico, anterior à apropriação privada capitalista e o acúmulo de conhecimento abstrato e de bens materiais, já existiam medos e mitos. A livre escolha e a vontade antecedem o surgimento do pensamento racional e vivem depois dele. Existe uma inconseqüência na idéia taxativa de que a identidade da diferença é oriunda de uma ideologia que se apropria da individualidade simbólica e mitológica dos seres. A palavra sabedoria não é sinônimo de conhecimento intelectual e nem toda opção pelo tempo lento/cíclico, do trabalho muscular viril e dos caminhos, é fruto de uma relação direta de imposição de uma acelerada contração tempo/espaço do trabalho capitalista. A sabedoria não é criação da propriedade privada. Ela existe na reciprocidade de seculares relações de parentesco.

O imaginário faz parte de todo e qualquer processo produtivo, mas, não é oriundo só dos mesmos. A natureza orgânica/inorgânica do homem tem a

²⁹⁸ SOUZA, Lorival Rodrigues de ; CYRINO, Hélio (coord.) ; PENHA, Carlos ; PANTANO FILHO, Rubens. *Ideologia hoje*. 2.ed. Campinas (SP): Papirus, 1987. (p. 34):

“Não se pode, porém, omitir o significado geral de ideologia e seu papel mistificador. É uma forma dissimulada de expressão de interesses particulares presentes na vida social e que se impõem sobre outros”.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem manipula quem?* 4.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991. (p. 44):

“A questão fundamental é que hoje ideologia não pode mais ser confundida com posições políticas burguesas ou proletárias”.

humanidade como sendo uma extensão indissociável da sua própria razão de ser e haver. Os ditames da natureza nata, interior e exterior ao pescador artesanal, não são subordinados de forma única e vertical pelas ordens, lógicas e evoluções da natureza criada e produzida por esse mesmo pescador artesanal. Ele não se resume só a si próprio, porque a comunidade é sua afirmação/negação.

É na relação dialética entre seus livres arbítrios e os demais seres, objetos e coisas que redigirá o texto que será lido no espaço cênico, no qual o humano é mais uma peça no cenário onde o ato, a nível sensível e mental, será expresso e manifestado, passando a fazer parte das memórias que, entre outros questionamentos sociais, são pontos embrionários para a releitura dos mitos, que denunciam o trabalho, o medo, o capital, o devaneio, o sonho e os conflituosos padrões morais, éticos, estéticos e outros, que enquanto contradição social, são composição e forma do conteúdo do conceito geográfico lugar, que será registrado, e neste documento social, seu conteúdo trazido pelas memórias, do plano da matéria e da idéia, fará parte das lembranças que, entre outras variáveis sociais, manterá o imaginário/simbólico - trabalho/capital como caracterização daquela comunidade de pescadores artesanais e daquele modo de vida que sinaliza a necessidade de uma visita ao conceito lugar.

Quando colocamos que todos os seres, objetos e coisas compõem o espaço geográfico onde se desdobra a realização da memória, que é presente e futuro, é porque a falta de qualquer uma das peças do quebra-cabeça, que fornece a montagem do cenário, viabiliza a subtração de dados históricos, que não permitiram aos homens chegarem ao nível da continuidade do que é o conteúdo e forma do conceito lugar.

Assim, nós afirmamos que as parreiras de uva e os vinhos falavam e falam. O fim de peças que faziam parte do espaço cênico impede que aflorem a memória e que apareça o esquecimento da sabedoria e do conhecimento intelectual que permitia o cultivo, a colheita e a comercialização da uva. Perdemos um traço cultural da comunidade praieira que aprofundaria a precisão do front do teor do conceito lugar.

O término da memória leva consigo o fim de mitos, devaneios e medos, sem os quais não existe uma história materialista dos homens. Toda a matéria

e seres etéreos são símbolos, mas, nem todo sonho imediatamente se plasma no processo produtivo, já que, os sonhos sinalizam algo, alguém ou alguma coisa. Assim, da mesma forma, nem tudo que é oriundo de um processo de trabalho será elemento básico para o imaginário mitológico que é alicerce para a intersubjetividade da comunidade praieira artesanal.

O tempo do coração mecanicista não é igual ao tempo da cabeça pensante. No interior do tempo lento/cíclico existem as suas precisas memórias, não existe uma homogeneidade. Existe uma unidade da diversidade enquanto contradição de andamento histórico, a maneira distinta espacial e temporal de se ter um modo de vida, caracterizado pelo pescador artesanal, pelo medo do encosto, pela procissão da Santa Cruz, e por outras manifestações e expressões comunitárias da praieira, que lhe fornecem uma linguagem social ímpar, nos convida a pensar nos traços culturais que religam e criam o front deste lugar.

O fim das parreiras é um dos símbolos da praia e um dos primeiros fatores para a sua atual paisagem geográfica e identidade cultural, preservada na permanência de um jeito de viver implícito nas relações sociais de contraprestação que permitem se estudar os moradores de lá. Mas, mesmo sem o vinho tinto de "sangue" há a imortalidade de Oxum, Ogum, Iemanjá,...O lugar não é desprovido de movimento nem de transformações, por se tratar da soma de uma pluralidade variada de instâncias culturais presentes na relação social dos pescadores, o andamento da investigação do conceito lugar é uma releitura dele, via os embates.

O dinamismo é profundo e grave porque na contradição tempo lento/cíclico, só se precisa pensar (por exemplo: o mundo mitológico concreto e abstrato existe), já que toda a idealização, de maneira instantânea ou não, poderá fazer composição com o conjunto de instâncias sociais que são o teor do conceito lugar. O mundo das idéias é dialogado pela dimensão material, tudo porque o simbólico (tudo é símbolo) não possui, no cerne da naturalidade inorgânica/orgânica do ser, e do próprio universo visível (aos olhos e à mente), um front que seja verticalmente palpável pela divisão da mente em relação ao corpo. Assim, mesmo ocorrendo a subjetividade/objetividade, no lugar, e sendo o movimento deste conceito geográfico, pensamos que o simbólico é uma realidade cultural que não se encontra aprisionada pelo front

da praia. Como podemos falar no espaço lugar, na paisagem lugar ou no lugar?

Ele foi, é e será no tempo e no espaço que lhe configuram um perfil cultural, uma identidade social ímpar, inerente a uma documentação de modo de vida que é o inatingível limite dos fronts, das fronteiras ilimitadas do mitológico e do trabalho roubado, mas, contraditoriamente existentes na geografia social/natural do Arroio da Panasqueira e do Arroio dos Margaridos. O lugar, dotado de uma paisagem, de uma fotografia singular, numa abordagem geográfica, existe no nível do concreto palpável e do abstrato pensado, que compõem e preservam a permanência do jeito de viver que só existe enquanto lugar. Um é o outro, sem ser sendo, porque são resultados e condições primeiras para o desdobramento das relações sociais que se recriam no eterno devir, que já é passado e presente, no tempo lento/cíclico do padrão tecnológico; dos rituais de iniciação, dos desenhos arquitetônicos e estéticos das casas; da inexistência das ruas e da constante presença do mito que não pode ser capsulado "materialmente", mas estudado na relação primária matéria/idéia. O mito do "mundo das idéias"(?) e o trabalho roubado dissolvido no "mercado capitalista"(?) são particularidades do front do modo de vida destes pescadores artesanais do lugar.

O simbólico enquanto documento social é o que sinaliza algo, alguém ou alguma coisa, uma contradição, devido trazer consigo o não fechamento (entre os limites da praia), da sua própria existência e ser imbricado com o sinalizado por ele, e este ser, algo ou coisa, faz parte de todos os momentos presentes na vida dos pescadores artesanais. Então, ao mesmo tempo em que tudo e todos foram, são e serão símbolos, imaginário e criação (do trabalho humano ou não), estão registrando a identidade da diferença e nos colocando que esta realidade histórico-cultural há como a unidade dos diversos significados que ao se configurarem no lugar, enquanto materialização de um pensamento comunitário (independentemente de ser sabedoria ou conhecimento intelectual), já fogem devido não se poder capsular a riqueza da dimensão criadora da imaginação humana.

Mas, isto não significa que não se plasmem em tempo e espaço assumindo o conceito geográfico lugar, que vai possuir como uma de suas variáveis sociais o poder simbólico. Finalmente temos que admitir que os

tipos, e ditos, seres inertes, ou naturezas natas ou mortas, falam por serem símbolos. Justificamos quando afirmamos que a perda das parreiras de uva foi um fato histórico crucial para parte da perda da memória dos pescadores artesanais, tudo porque só ocorre a memória quando todas as peças que compõem o cenário do espaço cênico se encontram e, conjuntamente, realizam uma nova fotografia geográfica e antropológica do tempo vivido. Os peixes e as areias falam mesmo quando estão em silêncio absoluto e profundo.

Na Marambaia foi culturalmente praticado o processo de trabalho pesqueiro artesanal, quando cultivavam a uva não era a característica e a tradição da praia. Eles são conhecidos na cidade do Rio Grande, na Ilha dos Marinheiros e em outras localidades da Laguna dos Patos como pescadores artesanais, que povoaram e construíram as casas da comunidade do lugar. Tudo porque entre a área onde quebram as águas da Laguna e o cordão de dunas que penetra nos caminhos e nos campos, passando da porta da Igreja da Santa Cruz, só existe uma pequena faixa de terra onde predominam as taquaras, as árvores nativas, as poucas e pequenas plantações domésticas e, depois, entre as raras hortaliças e o cordão de dunas que invadem a localidade, é que eles plantavam as uvas. O Fundo da Ilha e o Porto do Rei se caracterizaram pelas parreiras videiras e a Marambaia pela pesca artesanal de caíco. Mas, a falta da uva não é a sua falta, significa que houve a falta de preservação do conhecimento sobre como, quando, porque e onde plantar, colher, fazer vinho e comercializar as uvas.

A falta das parreiras sinaliza a perda do saber e a conseqüente falta de uma peça no quebra-cabeça da montagem do cenário, ou da paisagem geográfica, na qual o ato realizou-se no espaço cênico. Assim, perdeu-se parte da capacidade de realização da construção da memória coletiva. A memória nunca é individual porque só a montagem da tela e da moldura é que permite sua presença, pois, o diálogo é que faz as recordações e as reminiscências aflorarem comunitariamente. A memória é encontro e jamais de desencontro ou individualidade. O homem solitário não dialoga é destituído de momentos compartilhados e vividos. O pensamento egoísta individual é do ser referindo-se a si próprio, e não permitindo as condições sociais (que só existem enquanto relações coletivas) que suas verdades e mentiras, alegrias

e tristezas, sejam submetidas ao olhar dos que estavam presentes no momento exato da cena. Marx fala que tudo tem haver com tudo. Os estudiosos do restauro afirmam que no jeito de viver se poderá encontrar a memória do lugar, entendido enquanto coletividade caracterizada pela cumplicidade de elaboração de registros da linguagem simbólica/imaginária apresentada na pesca artesanal, nos mitos, nos rituais de iniciação, isto é, no "labirinto".

A uva chegava a ser plantada já quase em cima das dunas que invadiam a Marambaia. Isto porque a área entre este cordão de dunas arenosas e o esconderijo dos caícos, é muito pequena para abraçar as casas, os caminhos, os estaleiros, as taquaras, as árvores nativas, os campos, as poucas e restritas plantações, os esconderijos dos botes, as dunas e as demais opções históricas feitas pelos que fazem parte da composição, e são, a própria. Os seres, via o modo de vida, realizam escolhas que envolvem perdas e ganhos, que estão nos valores culturais da comunidade litorânea. São as imposições históricas, que não deixam de serem livres arbítrios coletivos, que caracterizam determinado lugar.

Quando falamos que a inexistência da plantação de uva fez com que os pescadores artesanais tivessem perdido parte de sua memória, é devido, entre outros dados sociais, ao fato da videira ser plantada num solo pobre, exigindo conhecimento e sabedoria no tratar a terra e no plantio no labirinto de taquara. A palavra taquara é de origem indígena e os caminhos lembram um quilombo (estão todos escondidos). Tudo porque nem todas as uvas cultivadas, em outras localidades do Estado do Rio Grandes do Sul, são encontradas em Ilhas lagunares e em fronteira com cordões de dunas arenosas manuseadas por portugueses influenciados por índios e negros.

O lugar é fruto de todas as relações sociais expressas e manifestadas nos bens materiais/imateriais, que são preservados enquanto patrimônio cultural da comunidade praieira. Tudo porque a natureza nata não é fruto só do trabalho das pretéritas ou atuais sociedades históricas. As ondas quebram na praia antes da presença e representação social do pescador artesanal nômade. Mas, não podemos negar que tudo que há lá é hoje fruto do trabalho humano porque o mesmo é natureza nata, que antecede a vida uterina do homem da beira da praia. A comunidade não pode ser reduzida ao mundo

material palpável representado nos bens de consumo imediato, nos duráveis e à paisagem instantaneamente visível. Ela é a soma de todos os momentos concretos/abstratos que ha estruturam, desestruturam, simbolizam/imaginam padrões de beleza e de feiúra, de tristeza e de felicidade e lhe dotam de uma geografia espacialmente pensada. Esse patrimônio cultural é fundamental porque é o testemunho da preexistência deles e condição e resultado para a realização da memória coletiva que é verticalmente objetivada no modo de vida desdobrado no quebrar das ondas da laguna.

Assim, faz-se necessário estudar sobre o fato do fim de precisa particularidade cultural ter criado um "hiato" no processo histórico de afloramento da memória dos pescadores artesanais. O resgate não ocorre só em nível documental de um texto de um pesquisador. O emergir da memória, enquanto patrimônio cultural material/imaterial de uma comunidade praieira tradicional, é verídico quando não se observa lembrança como uma infantil e estéril recuperação de um saber, de uma informação ou de um conhecimento intelectual que foi perdido, disfarçado ou acondicionado. As reminiscências são pontos abalizadores para nos tornarmos imortais via a transmigração da hereditariedade memorial dos pretéritos que, assim refletidos através da realização da memória, são os desdobramentos da linguagem dos pescadores artesanais atuais. Mas, estes trabalhadores são preexistentes para o tempo lento/cíclico que se recria na praia; para tanto a recuperação das tradições ímpares torna mais rica a pesquisa sobre o teor da Marambaia, porque não estamos pensando na memória como uma fronteira entre o passado e o futuro. A memória é uma documentação cultural dos momentos comunitários relidos, e que faz parte de um processo conflituoso entre o velho pescador artesanal, espelho para os jovens e maduros homens do mar, e as vigentes opções sociais do mercado de compra e venda do pescado. O realizar-se da memória é da contradição em processo.

Tudo só pode ser analisado como um diálogo entre a natureza consigo própria, já que, só é possível o processo de memória quando todas as peças do "quebra-cabeça" são encontradas e encaixadas na contradição em processo. A perda de um dado social significa a retirada de uma fonte geográfica da nossa preexistência e de nossa apresentação social, que é memorial como consequência de sermos geografia. Os moradores

relembrem, recordam e revivem a terra, o chão, o mar, o cenário, a paisagem, o figurino, as redes de pesca, o entorno, os gestos, as mãos, os gritos e as falas. Neste exato instante a restauração dos bens materiais temporários, permanentes e da arte de saber fazer, e conhecer o que faz, é princípio primário para a manutenção, manifestação e expressão coletiva do imaginário e da memória existente na conversa e na interpretação dos pescadores artesanais que realizaram ou presenciaram a cena e se encontraram novamente no mesmo lugar. O imaginário reproduzido pela memória nos permite fazer indagações sobre a identidade cultural ímpar que nos sinaliza o conceito geográfico lugar.

Afirmamos que a expressão histórica, cultural e arquitetônica referente à idéia de entorno não pode ser simplificada, porque a arquitetura é um dos principais indícios denunciativos da existência da vida dos seres humanos. Na paisagem geográfica são as construções (na sua representação mais ampla) que, no primeiro plano de visão objetivada, nos demonstra que naquele lugar há um ser, que enquanto “arquiteto” projeta, idealiza e fantasia qualquer coisa, que poderá, ou não, adquirir uma configuração material. Nesta direção assimilamos a idéia de que o entorno é a montagem do espaço geográfico, do espaço cênico do palco, da paisagem no qual produziu-se o ato, que por sua vez, é composto por infinitas e variadas imagens (entre elas havia as parreiras de uva).

Os momentos históricos que determinaram o fim das muitas parreiras não possibilitaram nem a permanência das suas ruínas. Entendendo-se que os parreirais não eram construídos de videiras, haviam estruturas de taquaras que não sobreviveram aos mais variados tipos de violações, de impactos e de agressões que percorreram anos de suas existências, antes e depois do término do cultivo da uva. Enquanto estruturas não se transformaram em fragmentos de uma natureza produzida e criada pelo pescador artesanal.

As taquaras existiam como parreirais e indicam a ocorrência de uma lavoura. A reflexão inviabiliza se pensar na aplicação de um processo de restauro aos moldes dos debatidos para os elementos constitutivos dos espaços geográficos urbanos. Como se restaurar um parreiral visando promover o afloramento e desfolhamento das recordações dos que trabalharam, ou mantiveram contatos, nos cultivos das uvas e, assim termos a

memória e as condições e resultados ímpares para um maior entendimento e explicação sobre a identidade geográfica da praia da Marambaia? Perguntamos, caso tivessem ruínas das parreiras ainda seria possível se tentar, de alguma forma ou jeito, aplicar a proposta do restauro romântico pesquisado pelo Ruskin (1818-1900)²⁹⁹.

No nosso estudo o autor nos afirma que o próprio restauro é a mais grave maneira de destruição do bem material. Restaurar é realizar uma falsa descrição, explicação, interpretação e apresentação do que foi destruído e só restou a ruína, tudo porque é impossível se ressuscitar os mortos. A capacidade criadora e pensante do artesão jamais irá comandar e direcionar as mãos e as idéias de um outro ser. Ninguém e nada substitui o outro, ou algo, o que se foi não voltará jamais! O fato de não existir nem a ruína dos parreirais, significa que parte do simbólico, do imaginário e do trabalho, no jeito de viver dos homens praiheiros, foi perdida junto com a memória, porque, só via a mesma é que poderia se aprofundar as questões sociais dos pescadores artesanais que fornecem uma verticalidade geográfica, que nos remete ao conceito lugar. A falta de uva é a de uma natureza não criada, não pensada e nem produzida por si própria, enquanto ser pensante, mas, prolongamento do potencial criador do pescador artesanal e do seu corpo humano³⁰⁰.

Quando se plantava a uva tudo ia para o atual Mercado do Peixe. As frutas diversas, os legumes, as verduras e os pescados eram transportados e vendidos no mercado e na sua vizinhança. As mercadorias tomavam conta de toda área próxima das bancas de peixe. Os pescadores artesanais da praia, os atravessadores de pescado, os consumidores, os gatos e os cachorros somavam-se aos agricultores, aos lavradores - pescadores e aos pescadores oriundos de outras localidades do estuário. Tudo fervilhava, e era resultado e condição para a existência da manutenção geográfica do secular mercado,

²⁹⁹ ASKAR, Jorge A. *Reconstrução e imitação como alternativas da conservação. Caderno de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, n. 4, p. 7-20, maio/1996. (p. 12)*

³⁰⁰ DUARTE. Rodrigo A . de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital. (Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.(p.48).*

caracterizado por um corredor de colunas e de bancas cobertas por um telhado colonial simples. Hoje quase tudo que sai e vem de caíco é de lá. Ele permanece sendo o referencial onde fundeiam as pequenas embarcações quando estão na cidade.

Nele se confrontam o tempo lento/cíclico do lugar e a acelerada contração tempo/espço da opção social/natural do modo de vida urbano³⁰¹.

³⁰¹ BUARQUE, Chico. *As Vitrines. Intérprete: Gal Costa. Disco: Mina D'Água do Meu Canto (Chico e Caetano). São Paulo: BMG, 1995:*

*"Eu te vejo sumir por aí
Te avisei que a cidade era um vão
Dá tua mão
Olha pra mim
Não faz assim
Não vai lá não
Os letreiros a te colorir
Embaraçam a minha visão
Eu te vi suspirar de aflição
E sair da sessão, frouxa de rir
Já te vejo brincando, gostando de ser
Tua sombra a se multiplicar
Nos teus olhos também posso ver
As vitrines te vendo passar
Na galeria
Cada clarão
É como um dia depois de outro dia
Abrindo um salão
Passas em exposição
Passas sem ver teu vigia
Catando a poesia
Que entornas no chão"*

CAPÍTULO II

O LABIRINTO

Historiadores, outros pesquisadores de ciências,³⁰² afirmam que um

³⁰²*Historiador Doutor José Vicente de Freitas. Departamento de Biblioteconomia e História - DBH - Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande/RS: 2002:*

"Existem publicações que apontam a Ilha dos Marinheiros, como sendo a área do Quilombo do Negro Lucas. A mata fechada e a distância da cidade permitia o refúgio."

MACIEL, Márcia Wojtowicz. A educação ambiental como um instrumento na busca de soluções para os problemas sócio-ambientais na Ilha dos Marinheiros. [Dissertação em Educação Ambiental]. Rio Grande / RS : FURG, 1997:

"Ainda em 1833 a Ilha detinha expressivos matos, como se pode constatar no jornal O Observador, quando relata a destruição do Quilombo do Negro Lucas em 1833. Diz que o Negro Lucas viveu por 10 anos embrenhado nos matos da Ilha dos Marinheiros, que nesta época era coberta por significativa vegetação."

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). De escravo a liberto, um difícil caminho. Porto Alegre: SE/CTD, 1988. (p.11).

LINHARES, Maria Yedda. (Organizadora). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro:Campus,1996. (p.179):

"No decorrer do século XIX, o Rio Grande do Sul apareceria como um dos principais abastecedores de charque para o mercado nacional, em particular do Sudeste. Com o crescimento das charqueadas, verificar-se-ia igualmente a ampliação da população escrava no Rio Grande, já que essa era a mão -de -obra básica daquela indústria."

quilombo³⁰³ existia situado onde hoje é a Marambaia. O lugar, mesmo não tendo na comunidade descendentes de escravos fugidos, possui no seu cerne laços de parentesco, lealdade e reciprocidade. O mesmo era chamado de "Quilombo do Negro Lucas" e que foi habitado por negros revoltosos fugitivos de Rio Grande³⁰⁴. Nesse momento histórico, a Ilha dos Marinheiros fornecia madeira e água para os moradores da cidade. Hoje na praia não existe nenhum habitante descendente dos negros, todos são frutos da imigração portuguesa e continuam registrando na embarcação a localidade ou "zona" que a mesma pertence, como o nome do bote, assim denunciando a influência portuguesa.³⁰⁵

³⁰³ ANDRADE, Tânia. (Organizadora). *Quilombos em São Paulo: Tradições, Direitos e Lutas*. São Paulo: IMESP, 1997. (p.48):

"A utilização dessas áreas obedece a sazonalidade das atividades sejam agrícolas, extrativistas e outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação do espaço que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade."

³⁰⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coordenadora). *De escravo a liberto, um difícil caminho*. Porto Alegre: SE/CTD, 1988. (p.8 e 9).

³⁰⁵ GRAÇA. A . Santos. *O Poveiro (Usos - Costumes - Tradições - Lendas)*. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. (p.47).



Foto 20: A Influência Portuguesa



Foto 21: A Influência Portuguesa

Mas, o nome Marambaia é sinônimo de Malandro - moradores da Ilha dizem que a significa malandro. Nos dicionários da língua portuguesa consta que é um marítimo sem grande amor à profissão, que prefere viver em terra a estar embarcado ou, senão, é um marinheiro namorador. Concluimos que, em ambos os casos, se fala de um marinheiro malandro³⁰⁶.

A destruição do Quilombo do Negro Lucas ocorreu em 1833 ou 1835. Isto não significa que a população encontrada atualmente, por não ser negra e nem quilombola, não tenha nenhum vestígio da linguagem do momento histórico em que o escravo Lucas liderava o Quilombo. O fato do Fundo da Ilha ser localizado próximo das Bandeirinhas e o Porto do Rei ficar mais perto da cidade foram uns dos fatores táticos que levou os negros para morarem no lugar. Ele fica longe do fundo da Ilha, do Porto do Rei, é escondido pela ponta da Marambaia e é defronte ao canal estuarino que se passa para ir ao Município de São José do Norte, para Porto Alegre e para o Oceano Atlântico. Fugir era mergulhar e pegar a embarcação escondida ou fundeada. A embarcação, segundo os velhos pescadores artesanais e os carpinteiros do lugar, devia ser uma espécie de canoa parecida com as utilizadas pelos índios, pois canoas indígenas possuíam duas proas, isto é, duas frentes e podiam com bastante agilidade ir e voltar sem precisar se fazer uma curva.

O nascer do sol na Marambaia apresenta três direções que não levam para a cidade. Há não ser que se queira realmente navegar para a mesma. Assim terá que navegar à Ilha dos Cavalos que inviabiliza uma visão clara da comunidade. Lá, do mercado do peixe, o lugar tem entre si, e a cidade, a Ilha dos Cavalos que serve de muralha entre o centro urbano e a comunidade praiana.

No ano de 1903 chegaram os primeiros europeus na praia. A maioria portugueses e alguns espanhóis. Eles não utilizavam o trabalho escravo, mas seus descendentes se lembram da existência do casarão que havia entre a Marambaia e o Porto do Rei. No imóvel os familiares tinham escravos que moravam e trabalhavam na propriedade que era voltada para a lavoura e a atividade pesqueira. Os velhos pescadores artesanais, com cerca de 90 anos,

³⁰⁶FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (p.1088).

descendentes do casamento de portugueses com portugueses e com espanhóis (estes eram a minoria) desconhecem a existência do Quilombo do Negro Lucas.

No depoimento dos moradores, reza que seus legítimos parentes portugueses chegaram no período de 1850 até 1875. O avô de Antônio do Quim chegou em 1875 com cerca de 10 anos de idade, foi um dos primeiros moradores portugueses da praia, e começou a habita-la 17 anos depois da extinção do refúgio de negros e desconhece a existência do Quilombo do Negro Lucas. Os pescadores artesanais afirmam que seus antepassados, nascidos no século XIX e falecidos no início do século XX, contavam que na Marambaia, ou próximo da praia, moravam negros. Mas, hoje os pescadores lembram que entre a Marambaia e o Porto do Rei havia um casarão no qual a família tinha seus escravos e desconhecem a existência de negros fugitivos morando na praia. Com base na memória dos velhos moradores é que há uma certeza sobre a habitação de negros no lugar: "Os antigos contavam que aqui moravam negros".³⁰⁷ Memorizam que há cerca de 100 anos pretéritos moravam senhores e escravos na Ilha dos Marinheiros e que a maioria dos sobrados se localizava no Porto do Rei e pertenciam a barões.

No ano de 1936 não morava nenhum negro na praia e o casarão, ainda visto no início do século XX, possuía adega e porão. Acreditam que, em algum momento histórico entre 1835 e 1888³⁰⁸, havia no interior do sobrado negro submetido ao trabalho escravo. Mas, esta construção ficava fora da Marambaia, lá, depois do arroio da Panasqueira, indo em direção ao Porto do Rei. A memória comunitária não nega a existência do Quilombo do Negro Lucas e não é contraditória quando reza que havia o casaram com trabalho escravo, já que, entre o massacre dos negros do quilombo e a abolição houve um período histórico de 53 anos que ratificava os direitos e os deveres dos senhores cometerem a violência da escravidão. O depoimento do pescador artesanal nos leva a acreditar na possibilidade geográfica de que na história o

³⁰⁷ Pipi.

³⁰⁸ LINHARES, Maria Yedda. (Organizadora). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. (p.164):
 "Em 1888, o trabalho escravo seria abolido."

Quilombo do Negro Lucas foi criado no lugar. Os velhos pescadores artesanais da praia rezam que os seus pais, quando chegaram nos anos de 1915, encontraram morando sete famílias. O nome Marambaia encontra-se ligado à questão do malandro, todo escravo revoltado era tido como preguiçoso, mandrião e malandro. Por exemplo, lá em Natal/RN no bairro das Rocas, que é tradicional e caracterizado como sendo habitado por moradores operários e "malandros", de cor morena e negra, temos escola de samba batizada com o nome de Grêmio Recreativo Escola de Samba Malandros do Samba, isto é, a dança o samba é relacionada culturalmente ao negro, como sendo "malandro".³⁰⁹ Como todo "malandro" o negro do quilombo era esperto e vivia as escondidas até dele próprio; eis a legitimidade social da existência do labirinto.



Foto 22: O Labirinto

³⁰⁹Vera (Porta Bandeira). Grêmio Recreativo Escola de Samba Malandros do Samba. Rua Soldado Luiz Gonzaga, Rocas - Natal/RN.



Foto 23: O Labirinto



Foto 24: O Labirinto

Na praia não existem avenidas, estradas, ruas e nem becos; só há caminhos. Eles nem sempre estão interligados entre si, e se direcionam para as casas, a associação da Santa Cruz, a igreja, os estaleiros, as salgas, para o banco do velho Quinota, para as grandes árvores localizadas no campo defronte à igreja, para o esconderijo dos caícos e para a praia. Os caminhos não são retilíneos, mas, são uniformes e compõem uma dimensão material e ideal no cerne do modo de vida dos praieiros. O "labirinto" se embrenha, é embrenhado e é a própria embrenhagem dos que lá moram, da vegetação e dos pontos de encontro e desencontro.

Nos nós, nos entrelaçamentos, ou nas articulações dos caminhos, nem sempre ocorrem ligações ou relações de união entre dados sociais³¹⁰. Neles há o enredo, exaltação, machismo viril do homem do mar e intriga. O nó é ligação e não é sinônimo de união subjetiva, mesmo quando a objetividade visualizável diz o contrário.

³¹⁰ DIAS, Leila Christina. *Les réseaux de télécommunication et l'organisation territoriale et urbaine au Brésil*. Paris: Tese de Doutorado, Université Paris IV, 1991.

BENAKOUCHE, Tamara. *Du téléphone aux nouvelles technologies: implications sociales et spatiales des reseaux de telecommnication au Brésil*. Paris: Tese de Doutorado, Université Paris XII, 1989.

DUPUY, Gabriel. *Villes, systèmes et réseaux - Le rôle historique des techniques urbaines*. Ecole Nationale des Ponts et Chaussées/C.E.R.T.E.S. Paris/France: *Les annales de la recherche urbaine - Les réseaux techniques urbains*. Revue trimestrielle 23-24, 1984. (p.233):

"La théorie des systèmes, quelle qu'en soit la formulation, expose une dialectique Qui fait dépendre l'existence des éléments du système (sous-systèmes) des relations qu'ils entretiennent entre eux (et avec l'extérieur)...En simplifiant à extrême: pas de système sans réseau d'interactions entre sous-systèmes et avec l'environnement."

Tudo porque a “razão” é calculista e mergulhada, independente do nosso querer, na subjetividade³¹¹ do ciúme, da inveja, da decepção e do desencanto, mesmo quando se ama, se espera e se sonha comunitariamente se encantando com os outros e com a própria identidade histórica de vida comunitária. Assim, só nos resta afirmar que o encontro é, sem ser sendo, o próprio desencontro. Ele é o que nunca foi e sente saudades do que jamais poderá chegar a ser, sendo. O nó na Marambaia faz parte, e é composição e representação social, do singular jeito de viver, um nó, devido não se dever ter uma leitura positivista e sistêmica dos pescadores, quando o trabalho/capital e o imaginário/simbólico deles, nos afirmam que o diálogo é com a eterna busca da felicidade objetiva/subjetiva e da vida eterna de sua humanidade natural/social. Quando eles mesmos não conseguem explicitar verticalmente para si próprios, e nem para os outros, o que é a felicidade e a vida eterna, já que, contraditoriamente as perguntas continuam mais

³¹¹SOUZA, Marcelo L. de. *Algumas Notas sobre a Importância do Espaço para o Desenvolvimento Social*. In: *Território*, Ano: I I, n.3, 1997. (p.22 e 23):
"Como qualquer realidade social, o espaço não é uma entidade apenas objetiva; sua objetividade é lida (inter)subjetivamente, sua materialidade é dotada de significações específicas para cada indivíduo (subjetividade) mas que são, também, em certa medida, compartilhadas por vários indivíduos (intersubjetividade)."

SILVA, Armando Corrêa. *Geografia e Mudança Cultural*. São Paulo: USP, 1997 (mimeo.). (p.1):

"O lugar pode ser definido como um complexo de relações de localização determinadas e indeterminadas, subjetivamente e objetivamente. Isto quer dizer que o lugar não pode ser um não-lugar, a não ser num sentido simbólico, ou seja, ausente de determinações físicas."

SILVA, Armando Corrêa. *O Imaginário, a Memória e a Representação. O projeto na Elaboração e Reelaboração Cotidiana*. In: SILVA, AC. *A Geografia e a Nova Subjetividade - Objetividade. O Real como Representação de uma Espacialidade singular*. São Paulo, 1993, p. 25-27 (mimeog.). (P.1):

"Oreal se põe como subjetividade e objetividade nos limites da máxima consciência possível. É a partir daí que se desenvolve o imaginário e a memória."

importantes do que as respostas. Mas, dizem que procuram tudo que não seja tristeza, morte, intranquilidade e escuridão, sem saberem conceituar os dados sociais. Os conceitos são no nível do primário confronto ao pensamento racional/emotivo do povo do lugar, cujo nível de abstração intelectual se mostra "aparentemente" no processo de pesca artesanal, no tipo de construção das casas, nos rituais religiosos e sacros, no medo e na adoração dos orixás³¹² (sem saberem o significado deles na umbanda, na quimbanda e no candomblé) e na tramela nas portas e janelas. Estamos falando do tempo lento/ cíclico da humildade e da simplicidade dos moradores do lugar, cuja contração tempo/espço presente no labirinto dos caminhos é obediente e imposta pela velocidade das pernas dos homens e mulheres da praia.

Os caminhos são utilizados por qualquer um que chegue no lugar. Só que o fato de você poder andar por determinados caminhos não significa que tenha tido condições mentais e sensitivas de saber para onde está indo, ou deixando de ir. Eles podem ser usados pelos "estranhos" mas o conhecimento sobre a ligação e a desarticulação entre os mesmos, é de domínio dos habitantes da praia. O pescador artesanal tem que lhe pegar pela mão e levá-lo para o que queres ver. Caso contrário o estranho corre o risco de si perder, já que, os moradores sabem e conhecem todos os caminhos que são, e formam o labirinto, dos encontros e dos desencontros (o nó).

Existem caminhos que são, no interior da praia, de uso íntimo por parte de precisas famílias. Eles pertencem à comunidade e, entre os mesmos encontramos caminhos que são utilizados só por membros de determinada

³¹² REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000.

BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. *O Reino dos Encantados, Caminhos (Tradição e Religiosidade no Sertão Nordestino)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo: PUC, 1999.

FREITAS, João de. *Xangô Djacutá*. (2 ed.). Rio de Janeiro: Cultura Afro-Aborígine, sd.

BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos pretos-velhos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

família. A casa de Isolina e de Antônio do Quim possui trajetos que a interligam com os seus demais parentes. Tal realidade é encontrada na casa de Dodoca, Alice e Xaim, de Quinota e nas outras várias moradias. Evidenciamos nos caminhos as relações sociais de parentesco que estão entre os membros das famílias, e diluídas no interior de toda a comunidade pesqueira.

A interligação de caminhos entre as casas utilizada só por membros de uma mesma família, e assim repetidamente em outras moradias, faz com que se possa afirmar que os caminhos nos demonstram que lá ocorre relações de afetividade³¹³ entre todos e significando um "pertencimento" passar andando vagarosamente através dos caminhos³¹⁴. As relações se encontram espacialmente substantificadas no labirinto constituído pelos caminhos, mas, eles não estão sós no leva e trás, dos parentes entre si. Fique explicado que fora os caminhos de uso comunitário, este coletivo quando quer e pode, faz valor de uso social dos caminhos íntimos e familiares. Assim, as casas, os amigos e os parentes esclarecem a utilidade social comum de todos os caminhos que constituem o labirinto, os nós e o lugar, porque ele só é, o que é devido à importância do significado de pertencimento representado nos caminhos de tempo lento/cíclico.

Estamos falando no leva e traz de avisos, de troca de favores, de gentilezas e de caridade. O Lindo chegou da casa do Bila; o Bolaco vai consertar a rede do Antônio do Quim; a Alice trouxe a panela de volta; ela veio fazer o meu curativo... Temos a única razão de ser, e haver, dos

³¹³ HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. (p.21 e 22).

LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.86).*

³¹⁴ PESSANHA, E. G. F. *Os Companheiros-Trabalho da Pesca em Itaipu. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977. 81/117. (p.70):*
"Participar da pesca, como proprietário ou trabalhador, tende a ser, cada vez mais, o critério básico para compartilhar da posse comunal da praia de Itaipu."

caminhos da memória, do imaginário e do pensamento racional³¹⁵, porque eles levam, e trazem, a preocupação do dormir com a "bela" mulher amada e do pensar no pescar no alvorecer do dia seguinte, que se reflete no imaginário e no trabalho na laguna e nos desejos e sonhos na cama.

Mas, numa visão tendenciosa, poderíamos realizar a leitura de que os pontos de convergência dos caminhos são nós "harmônicos" da dinâmica da recriação do modo de vida dos pescadores artesanais, só que não podemos fazer uma leitura centrada no raciocínio retilíneo de que os lugares dos encontros pessoais, como a casa do Bolaco, o clube da Santa Cruz, o banco de Quintota, e outros exemplos de centros de intenção e intuição do direcionamento dos moradores da praia, são os nós leais de lá. Tudo porque onde há os contatos, do mesmo modo, é cenário e palco de desarticulação e desarmonia, nem que seja por um tempo passageiro.

³¹⁵GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego". La pensée*, N.104, Agosto, 1962.

SILVA, AC. *Geografia, Modernidade e Pós-Modernidade (Uma Primeira Abordagem)*. São Paulo, 1993. (p.89):

"A razão científica torna-se uma necessidade no advento insuspeitado da eclosão da subjetividade multiforme."

MOREIRA, Rui. *A diferença e a Geografia: o artil da identidade e a representação da diferença na Geografia*. Rio de Janeiro: UFF, 2000. [mimeo]. (P.3):

"Aqui, diferença é o que se contrapõe à razão como des-razão, crítica estruturalista, e essencialidade dela, por ver na razão o propósito de dissolver a diferença em proveito da constituição da verdade universal. A loucura (Foucault), a infância (Piaget), o pensamento selvagem (Levi-Strauss), a subjetividade do inconsciente (Lacan), são, todas, categorias reais que a razão sobrepõe e dissolve em seu discurso imperial."

Os pescadores artesanais, igualmente, se perdem nos caminhos, quando não encontramos "A" onde tínhamos tudo para tê-lo ali. Esse desencontro manifesta-se na briga, na desavença passageira do clube e a cumplicidade ainda permanece no amor, na cama, na pescaria, na morte do dragão³¹⁶ e na visão do lobisomem (os caminhos do labirinto da imaginação objetivada). Assim, no nível do emotivo, do sonho e do afetivo, evidenciamos que os caminhos não são os no patamar do visualizável palpável. Os nós estão no cerne, do refletir sobre suas existências, no interior do estudo do lugar como sendo o conceito geográfico de uma ebulição do investigado pescador artesanal desdobrado como uma grande contradição em si, em direção direta no contato diário de construção e, simultânea reconstrução do modo de vida que se manifesta e se expressa no espaço geográfico como lugar.

³¹⁶ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000. (93).

ORPHANAKE, J. Edson. *Conheça a Umbanda*. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994. (p.16, 45 e 47)

FARELLI, Maria Helena. *Os Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé*, 5 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1984. (p.114)

BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos pretos-velhos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. (p.37)

O modo de vida é a eterna e incomensurável divergência do morador perguntando, sem explicitamente questionar, sobre sua vida, a dos outros e, verticalmente, angustiado pensando na causa primeira de tudo e de todos³¹⁷.

³¹⁷SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos, 1957.
 MONDIN, Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980.
 CASSIRER, E. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d.
 ROSSI, P. *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. (P.260):
 "Pluralidade dos mundos nem sempre quer dizer afirmação da infinitude do Universo. Esta última nem sempre implicará a convicção de que existam formas de vida ou outros seres pensantes na infinitude do cosmos."

Essa pesada dúvida é que reproduz "a força que nunca seca"³¹⁸ e responde a opção geográfica por aquele modo de ser exemplo de vida e espelho para a idéia de modo de vida.

Os maxistas objetivistas e evolucionistas³¹⁹, num determinismo positivista e racionalista, não servem para a discussão no estudo social de uma tentativa de capitação do conceito lugar, já que o ato de abstrair a idéia lugar compreendida no âmbito do povo que compõe a massa, só é razoável se partirmos da base filosófica de que a natureza, encontrada nas diversas instâncias e variáveis sociais do ser humano, é composta pela unidade da diversidade multiforme, e centrada na conversa entre a razão e o sentimento. O surgimento do pensamento racional não aniquilou a ocorrência e a resistência do grave problema de se conceituar o que é o feio, o belo, o amor, o ódio, o medo, a morte e os mitos no interior do conceito modo de vida, que é, e plasma, todas essas e muitas outras incertezas e verdades mentirosas do homem presente no pescador, no trabalho.

O pescador artesanal promoveu a manutenção da taquara como meio de proteger e esconder as casas e as embarcações. A plantação da taquara teve a função de amenizar a ação devastadora das tempestades sobre as frágeis casas, galpões de madeira e caícos. Mas, camufla e esconde tudo e todos. O processo ocorre porque o desenho do labirinto é dissolvido desordenadamente e embrenhado em si mesmo, e na mata de taquaras e árvores nativas, que no nível sensível palpável e visualizável é riscada na praia sem obedecer a um padrão retilíneo e uniforme. O pensado ordenamento só existe para os conhecedores e sabedores dos mistérios do mar, da adoração de Ogum e de Iemanjá, da oração da curandeira e do medo de lobisomem. A vida de lá é para quem lá vive e é a própria vida e modo de viver de lá.

³¹⁸ CÉSAR, Chico e MATA, Vanessa da. *A Força que Nunca Seca*. Intérprete Maria Bethânia. Disco: *A Força que Nunca Seca*. São Paulo: BMG, 1999.

³¹⁹ VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p.142).

A existência das taquaras antecede o ano de 1933. Segundo o debate sobre o Quilombo do Negro Lucas se pensa que elas, enquanto labirinto geográfico apresentado, servia de camuflagem, proteção e armadilha para os não bem vindos. Os estranhos não tinham como ver as casas, os negros podiam se perder nos percursos. Assim, as taquaras viabilizavam a armação de armadilhas caso fosse necessário. A tocaia tinha a cumplicidade das taquaras e dos trajetos configurados em labirinto formado por árvores nativas e taquaras.

A palavra rede não é sinônimo da palavra labirinto. A noção de rede nos indica uma forma com objetivação retiforme e traçados entrecruzados. No lugar os caminhos não se caracterizam por uma retidão. O conteúdo do conceito de rede³²⁰, que sinaliza um conjunto cuja estrutura, primária ou secundária, possui a idéia de conexidade, instantaneidade, simultaneidade e produção de territorialidades não se encontra no tempo lento/cíclico do jeito de viver dos pescadores artesanais. Na praia às vezes existe a conexidade, mas ocorre uma contração tempo-espço imposta pelos passos dos pescadores artesanais e pelos caícos que nunca secam. O conteúdo do conceito de rede não aborda a questão primária do conteúdo do conceito de labirinto, que é um entrecruzamento de caminhos (não falamos beco, rua, estrada, avenida, rodovia ou linha ferroviária), dotado de armadilhas, “impasses” e segredos que faz com que o estranho se perca, retarde a sua possível chegada ou saída e porque há caminhos sem saída.

³²⁰ CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p. 148):

“A primeira propriedade das redes é a conexidade – qualidade de conexo -, que tem ou em que há conexão, ligação”.

Na praia não é verificável a ocorrência da procura por uma aceleração, contração, instantaneidade, simultaneidade e produção de territorialidades³²¹. O morador criou, e recria, o tempo lento/cíclico dos caminhos sem saída e dos que possuem um trajeto que nem sempre é o que promove uma maior aproximação. Os caminhos se caracterizam, enquanto expressão cultural dos pescadores artesanais, por serem embrenhados na vegetação, nas construções desordenadamente (não retilinearmente) espalhadas e nos esconderijos dos caícos. Os trajetos privados e desconhecidos para o estranho afastam-no do nó (do centro do labirinto). Os passos lentos nos caminhos sinuosos, irregulares, confusos, obscuros, ardilosos, astuciosos, entrelaçados, “sem saída”, tortuosos e intrincados fazem o desenho de um labirinto cujo centro só é sabido e conhecido pelos pescadores da praia. A conexidade nem sempre existe, mas, todas as outras características geográficas e simbólicas de rede não são encontradas no modo de vida do lugar (não escrevemos território). As relações de parentesco, ligadas na objetivação do trabalho braçal (que é subjetivado nas relações sociais), se somam a variável do tempo lento/cíclico (desenhada pelos orixás nos caminhos, pelos caícos na laguna e pelas tramelas nas portas) fazendo da

³²¹ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. (p. 34):

“O lugar na era das redes traz a idéia de que os novos processos de produção e de troca se dão hoje de outra forma no espaço no momento em que as vias de transportes e de comunicações mudam radicalmente sua configuração que não passa somente pelas rotas terrestres tradicionais – marítimas, rodoviárias, ferroviárias – mas cada vez mais aéreas, via satélites e através da ainda em instalação superhighway que cria a aparência de que se pede às bases territoriais. Na realidade a tendência à anulação do tempo/distância entre lugares no espaço do globo terrestre parece diminuir de tamanho articulando lugares agora através das redes de alta densidade de trocas de informações.”

Obs.: O lugar Marambaia é do bote movido à ação eólica que mantém contato com as velhas pedras das Docas do centro histórico da cidade do Rio Grande / RS.

praia uma referência para estudo sobre o conceito lugar, já que, a memória e o imaginário constitutivos do jeito de viver que desenha o labirinto, que é símbolo da vida, dotada de todas as suas dificuldades, provações, desvios, sonhos, ilusões, imaginações e mitos, entre eles, a credibilidade na existência de Pomba Gira, Exu e Ogum.



Foto 25: Os Exus

A conexidade, existente na noção de nó, nos permite pensar na possibilidade de que no labirinto há uma rede. Mas, que na hipotética rede não encontramos os caminhos lentos, os secretos, os familiares e os sem saída. Pensamos na possível ocorrência de uma rede abalizada pela noção de conexidade e negada pela inexistência de uma acelerada contração tempo e espaço representada pela instantaneidade, simultaneidade, territorialidade e pela variável cultural manifestada nos caminhos sem saída e na obscuridão para os estranhos. O trajeto do parentesco da Marambaia legitima nossas

observações acadêmicas em relação à conceituação simbólica de labirinto, em função do lugar geográfico possuir conexidades desconectadas.

O nosso propósito não é realizar um debate sobre o conceito geográfico de rede. Só estamos informando que na praia a idéia de rede não pode ser aplicada, no caso contrário correremos a séria irresponsabilidade de registrarmos nos anais da academia uma mentira, que poderá ser descoberta pela arqueologia quando a mesma encontrar o lugar e evidenciar a existência de um labirinto presente em caminhos sem saída, entradas e saídas sem "conexidade" com os passos vagarosos dos caminhos.

A conceituação de rede encontra-se relacionada à organização de territórios, aos "laços materiais (rede de transportes, rede de bancos, rede de estradas de ferro, rede de canais...)"³²². O mitológico, embutido nas relações de parentesco de um tempo lento/cíclico, não aparece nas indagações que teorizam o conteúdo da idéia de rede e sua aplicação implícita e explícita na afirmação da conexidade nas redes de transporte, rede de banco, rede de estrada de ferro, ..., dotadas de planos de transporte (rede de primeiro patamar e as de segundo) hierarquizados na existência do nó, que é gênese e legitimidade do conteúdo do conceito rede, que só existe, como fruto do nó (não ocorrerá a rede, a conexidade, sem ter o nó³²³). Nos caminhos demorados do lugar (não falamos território) faltam vários laços, o nó não é condição primária, mas o "impasse" no caminho é ponto indiscutível para a

³²² CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p. 145):

"É assim que, progressivamente, toma forma um sistema geral de comunicações, combinando as estradas de ferro e canais, hierarquizado em dois níveis de tráfego: redes de primeira ordem e redes secundárias."

³²³ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (P.199).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (P.636):

"As significações do nó são bem diversas, mas reter-se-á sobretudo a noção de fixação num estado determinado, de condensação ou, em terminologia budista, de agregado."

identidade e reprodução social do modo de vida dos pescadores artesanais que andam no labirinto da vida representada no centro, que são os referenciais da praia (o centro é a curandeira, o “trabalho”, o velho Quinota, o Ogum, a Iemanjá, a Santa Cruz, a Virgem Maria, o lobisomem, a tempestade,...). Eles possuem o medo da morte e convergem para a busca da imortalidade do corpo, da vida e das alegrias (o centro não é o da rede ferroviária, bancária, telefônica, rodoviária,...).

A rede implica na "superação de obstáculos físicos, de circulação de mercadorias (humanos coisificados e coisas humanizadas), na unificação do mundo material (a febre ferroviária e a febre bancária na França)"³²⁴.

A investigação feita sobre o conceito de rede não trata prioritariamente da dimensão potencialmente simbólica/imaginária³²⁵ do homem, até porque a ciência simbólica não faz tradicionalmente parte dos Centros de Filosofia, Ciências Humanas, Aplicadas, Letras e Artes das Universidades do Brasil.

O imaginário, a intersubjetividade/interobjetividade, presente no social nos remete ao conceito geográfico lugar, e não à identificação do conteúdo da

³²⁴ CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p. 145):

“Em suma, o projeto comum era um projeto de integração territorial, integração de mercados regionais, pela quebra de barreiras físicas, obstáculos à circulação de mercadorias, de matérias primas, mas também de capitais.”

³²⁵ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Logos, 1959.

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: SP : Martins Fontes, 1998.

idéia de território, tido como sendo "espaço balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos, representados por rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais, bancários, auto-estradas, rotas aéreas,..."³²⁶. A palavra rede, que não é sinônimo de labirinto, fornece a noção de "redes estratégicas, redes de energia, redes de ONGS, redes de universidades, redes de informações computadorizadas e outras, ligadas ao planejamento urbano fundiário, ao planejamento setorial de equipamentos coletivos, ao planejamento econômico nacional, enfim, as redes possuem territorialidades e a recíproca é verdadeira,"³²⁷ e o território nos direciona para a questão do poder, não nos encaminha para a problemática do labirinto que simboliza o medo e o impasse. A conexidade intrínseca ao conceito de rede, só é possível com a ultrapassagem dos entraves para se promover a integração de mercados, integração financeira e integração de informação (diversos estudiosos da questão das redes nunca falam da integração dos tempos lentos/cíclicos). "As redes viabilizam as estratégias de circular e comunicar fazendo e desfazendo as prisões do espaço tornado território, isto é, elas tanto liberam como aprisionam, e são fundamentalmente instrumentos por excelência do poder, que se dedicam mais ao deslocamento das idéias e das ordens do que do tráfego das pessoas. A rede é um instrumento valioso para a compreensão da dinâmica territorial, e os nós das redes são lugares de

³²⁶ CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.(P.147).

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade*. (A rede "gaúcha" no nordeste) Niterói (RJ): EDUFF, 1997. (p. 94):

"Apesar de distinguirmos analiticamente território e rede, como já ressaltamos no capítulo anterior, eles se encontram tão articulados quanto processo contraditório de territorialização – desterritorialização que os produz. Desse modo, as redes não podem ser vistas apenas como "destruidoras de territórios": uma combinação articulada de redes, uma "malha", por exemplo, pode ser a base de um processo de (re)territorialização, ou seja, de formação de novos territórios."

³²⁷ CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.(P.146).

conexões, lugares de poder e de referência, e por esta própria conexidade a rede tanto solidariza como exclui e marginaliza”³²⁸.

Mas, no lugar os caminhos não são conexos entre si, porque há junto dos laços, entre os caminhos, os passos que são levados para caminhos sem saídas, ou entradas sem caminhos, desenhando na praia um labirinto que possui a característica histórica (pense no Quilombo do Negro Lucas) de esconder as casas, os negros, os caícos, os próprios caminhos e protegê-los das tempestades denunciadoras na linguagem dos poderes de Iansã. Daí o nó ser e haver, na extensão mitológica da imortalidade presente nas entidades astrais, que são pontos de convergência e conexidade, no plano simbólico/imaginário dos moradores comunitários. Mas, o caminho que leva para Exu não é o mesmo, sem saídas, ou entradas sem caminhos, dos passos lentos do pescador artesanal.

Encontramos um caminho palpável e pisado no nível dos sentidos imediatos (caracterizado por pontos não conexados) e, um outro caminho, que é este, sem ser sendo, cuja conexidade ocorre no ritual mitológico de Nossa Senhora dos Navegantes, de São João Batista, de Nossa Senhora da Saúde, da Santa Cruz, da Curandeira e de Ogum. O conceito de rede não fala deste caminho e, nem sempre, de um caminho lento (destituído de instantaneidade e de simultaneidade) caracterizado por ter um traçado de um labirinto, o conteúdo da ciência simbólica referente a um labirinto, e cuja

³²⁸ CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p.147 e 148).

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. *Estudo sobre o conceito de região*. [Dissertação em Planejamento Urbano e Regional] Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 1986. (p. 23):

“Ao formular seu modelo de localização agrícola, Johann Heinrich von Thünen (1783-1850) tornou-se pioneiro das teorias da localização das atividades econômicas. Antes dele, os estudiosos da economia não tinham preocupação com a diminuição propriamente espacial da produção, relacionada ao custo de transporte, distância do mercado, etc. A teoria de localização agrícola de von Thünen se expressa através de um modelo que consiste num estado isolado do resto do mundo, ou seja, que se auto-abastece.”

conexidade pode ocorrer no debate investigatório da objetividade/subjetividade comunitária de uma pesca artesanal e milenar.

O tempo e o ritmo das redes de pesca artesanal não são os tempos e os ritmos das redes da telefonia celular, porque mesmo que tenha transferência de trabalho roubado é uma comunidade praieira cujos trajetos desenham na terra um labirinto, que o centro é o desvendar das relações de linhagem, características culturais do emaranhado de passos lentos registrados nos percursos entre as casas dos parentes, cujos caminhos podem nos levar para entradas sem saídas e saídas sem entradas. Os caminhos não possuem o conceito conexidade que é básico no pensamento referente à idéia de rede. O labirinto nos encaminha para a questão do infinito do homem, que mergulha em si próprio, procurando as origens primárias de sua misteriosa materialização enquanto ser humano, cuja existência é imortal, presente na dimensão cíclica da evolução espiritualmente evidenciada na credibilidade que o pescador artesanal possui em relação à imortalidade dos mitos e de sua aproximação deles, por meio dos rituais de iniciação religiosa, cura, juramentos e rezas. Os passos lentos nos vagarosos caminhos da praia “solidificam” o desenho da intersubjetividade simbólica/imaginária da comunidade cujos homens, através dos apelidos escondem os segredos do labirinto, uma das bases de sustentação dos moradores da praieira.

Os caminhos ora tomam rumo da praia e das casas (interligando-as e apresentando os laços de parentesco e comunidade). Eles se dirigem lentamente para a praia, para os estaleiros e para os nós de encontro e desencontro. Assim, os caminhos se “perdem”, e são propositadamente “perdidos”, no meio da mata caracterizada por árvores, taquaras, campos e espécies vegetais de médio porte. Abertos pelo repetido caminhar dos pescadores e pelo arrastar das embarcações (as mulheres ficam mais dentro de casa) simbolizam a navegação braçal e a inexistência de um tempo rápido, de uma acelerada contração tempo-espço e a comprovação do ímpar socialmente especializado na leitura do conteúdo do conceito geográfico de lugar. O modo de vida da comunidade praieira substantifica, no rezar geográfico, a identidade e o conceito lugar. Na praia, o tempo das estações do ano, do período das tempestades, da velocidade e do tipo de corrente lagunar, da chegada e da saída de específico pescado, do alvorecer e do

crepúsculo do sol, do locomover-se vagarosamente do caíco que nunca seca, do momento de rezar para a Santa Cruz e, finalmente, de ver o pescador, durante a pesca da corvina, colocar o ouvido no piso da pequena embarcação para escutar o pescado. Este dado cultural nos direciona academicamente para a idéia de tempo lento/cíclico e ao conceito geográfico lugar. O caminho de taquaras do quilombo é o mesmo labirinto do pescador artesanal, e este imbricamento faz uma releitura do ímpar tempo praieiro, no qual as casas estão inseridas, por serem encontradas dissolvidas no labirinto de taquaras, entre o centro da Ilha e a beira da Laguna dos Patos. Estes são os caminhos sem nome, mas servem de ligação entre casas de famílias, com nomes, como assim dizem: “Eis o caminho que me leva para a casa de Xaim”. A falta do nome leva o andarilho ao nome; inclusive de homens que não são tratados pelos nomes de batismo.

Na Marambaia é cultural o fato de todos os homens se conhecerem e, se chamarem por apelidos, sinalizando a ocorrência histórica da identidade entendida como parte do conteúdo do conceito lugar. A particularidade da linguagem registra-se através da existência de relações sociais de cumplicidade que compartilham ilusões, desilusões, coragens, medos, alegrias e tristezas que se substanciam em cada um dos momentos do jeito de viver dos pescadores artesanais.

Eles olham e escutam os nomes dos estranhos com desconfiança, medo e curiosidade precavida, os outros, e suas formas de tratamento pelo nome, os diferencia e os distancia socialmente dos pescadores do lugar. Eles se reúnem em grupos e isto faz com que os pontos de encontro, localizados no armazém do Jorge, no banco do velho Quinota, no Clube da Santa Cruz, nas árvores grandes do campo defronte à igreja e nas árvores próximas ao estaleiro do Luiz, sejam os encontros dos homens entre si. O lugar da mulher é dentro de casa e o do homem é fora³²⁹. As decisões referentes ao que, como, onde e porque realizar uma festa, levar ou trazer uma embarcação, ir

³²⁹ OHLWEILER, Otto Alcides. *Humanidade e Lutas Sociais*. 4 Volumes.

Volume 1. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.(p.82).

GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História*. São Paulo: Nobel, 1986.(p.183).

pescar, construir ou demolir algo ou alguém, são opções tomadas nos grupos viris e fora da sombra do telhado doméstico e da participação, ou presença das mulheres. O caminho é dos pescadores artesanais e o fechado, preservado, protegido, resguardado e sombreado pelo teto é das mulheres. A casa é delas e o caminho é deles. Os apelidos são mais ouvidos nos lentos caminhos (eles estão na memória).

É característico no traço cultural da comunidade que a existência dos apelidos, implícitos nas relações de cumplicidade entre os homens, sinaliza que no processo de trabalho pesqueiro artesanal espreado nos caminhos do lugar, há uma liberdade mais verticalizada entre os trabalhadores que, por serem componentes e oriundos do imaginário masculino, são dotados de uma precisa falta de resguardo da singularidade pessoal e moral registrada nos aspectos físicos-anatômicos, gestos, cacoetes, linguajar e posturas. No lugar não há “lugar” para apelidos em mulheres, mas isto não significa que não exista afeição para com elas, porque a “linguagem” simboliza afeto.³³⁰

³³⁰ CASSIRER, E. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. (p.51):

"Pois lado a lado com a linguagem conceitual há a linguagem emocional; lado a lado com a linguagem lógica ou científica há a linguagem da imaginação poética. Em primeiro lugar, a linguagem não expressa pensamentos nem idéias, mas sentimentos e afeições."

QUADRO 4: Apelidos

APELIDOS MASCULINOS	
Carocha	Lindo
Branquinho	Jabá
Dodô	Santo
Maquido	Bé
Vando	Bigode
Cabelo	Lia
Chico	Maneca
Dada	Queto
Biguá	Martelinho
Nova	Nandi
Gaúcho	Turuca
Papinha	Paparroz
Jú	Candinho
Xaim	Lalaco
Bolinha	Di
Cau	Ito
Paletó	Deco
Gordo	Jonas
Magro	Gaita
Edu	Cuca
Leco	Mulato
Quarenta	Guasca
Pipi	Bola
Margulhão	Piano
Mica	Sandro

Mas, quando a mulher por algum motivo de falta de condições boas de saúde não pode fazer o trabalho doméstico (a “lida” da casa), o pescador artesanal assume todo o serviço da casa. Ele cozinha, lava roupa, varre e lava a cozinha (que é a sala de visita e a copa), faz a cama, limpa a louça e o fogão, forra a mesa e arruma a casa e, finalmente, cuida da doente. Os filhos, os parentes e os amigos ajudam a tratar do doente e a custear a alimentação do casal, fazem doações e vendem fiado. Existe uma troca de ajuda mútua entre os pais, filhos, parentes e amigos. Os pescadores falam que na praia todos são uma grande família, primeiramente porque se conhecem, se tratam de forma compreensiva e generosa e colaboram reciprocamente.

O processo de deslocamento do caíco para a beira da praia ocorre idêntico ao existente no litoral oriental potiguar. Os paquetes são levados para o mar aberto e trazidos para a beira da praia sobre deslizamento da embarcação em cima dos troncos de coqueiros³³¹. Na Marambaia são os troncos de árvores nativas e de taquaras. Ocorre a predominância da força muscular, dos viris homens do mar, em todo o litoral lento e secular onde se transporta o vagaroso bote. Os gritos, o alvoroço, os palavrões, os “apelidos” e as vozes de comando anunciam que eles estão trazendo ou levando algum barco. Os mais experientes, um dos homens do estaleiro, um proprietário de embarcação ou um mais velho entre os demais diz como o bote deve ser manobrado e arrastado para não bater na vegetação, na barreira de areia e nos troncos de árvores. Eles fazem um mutirão e a ausência da mulher é absoluta, elas não aparecem nem para assistir de longe. Todo o processo de criação do mutirão, o convite e o chamamento de casa em casa, o arrastamento do caíco e o retorno para a morada é realizado só pelos homens.

³³¹ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.27 e 200).*

O ritual é de forma ampla e restrita só pertencente ao “imaginário” masculino oriundo da separação dos homens das mulheres no processo comunitário de trabalho, onde o homossexualismo ora é aceito e ora é rejeitado como “Mar e Lua” no labirinto que começa/termina na praia e na tempestade que vai rolando no leito, engolindo água, boiando com as algas, arrastando folhas, carregando flores, virando peixes, conchas, seixos e areia.³³²

São os Oguns do mar que arrastam os caícos e puxam as redes. Oguns que como soldados possui um nome de guerra, um apelido, que é conteúdo da memória enquanto diálogo comunitário que diz quem conhece o labirinto de caminhos de areia, pois o labirinto de apelidos esconde o morador para o estranho, como registra quem sabe onde o lobisomem pode encontrar-se escondido nas árvores e areias dos caminhos dos homens com nomes de guerra. O apelido é uma arma e um laço de cumplicidade incondicional no cerne da linguagem do lugar Marambaia.

O fato da mulher não ter a força muscular do homem, e o trabalho só ter a presença deles, faz que a mulher seja para os moradores da praia uma presença desnecessária e inconveniente em um trabalho brutal, onde eles só de calções, aos gritos, palavrões e empurrões, fazendo xingamentos mútuos, brincando e fazendo corpo mole procuram deslocar por meio do deslizamento a embarcação.

³³² BUARQUE, Chico. *Mar e Lua. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo. SP: Polygram, 1995.*

Neste ritual, qualquer homem que esteja presente deve ajudar no trabalho braçal, caso contrário passa a idéia de que é um afeminado, um almofadinha ou um esnobe³³³, isto é, a questão não é direcionada para a separação do homem dos meios de produção e a criação social da divisão entre trabalho braçal e trabalho intelectual. Desse modo há, por partes dos pescadores artesanais, uma interpretação cultural relacionada ao seu genuíno imaginário masculino machista que é objetivado no ritual.

Assim o estranho “afeminado” perde a confiança e o respeito por parte dos pescadores. Eles desprezam e não recebem nenhum esnobe dentro de casa e não apresentam aos demais pescadores artesanais do lugar. A não participação no trabalho faz com que o visitante crie um distanciamento pessoal entre ele e os moradores da praia, o estranho está ratificando para os pescadores artesanais que não faz parte daquele lugar e não quer se envolver com a problemática social deles. Através da opção adotada é que passa a mensagem social que é indiferente ao “lugar” e que, como “estranho”, não participa da reprodução comunitária da memória, que se realiza nas linguagens dos pescadores artesanais, é este o entendimento de todos os moradores do lugar.

O mais grave é que ao promover o distanciamento pessoal em relação aos moradores, está dizendo que o trabalho deles é humilhante por ser puramente muscular. Essa é uma leitura que os homens do lugar fazem dos “almofadinhas”. Os participantes do ritual são os reprodutores da memória e

³³³ OHLWEILER, Otto Alcides. *Humanidade e Lutas Sociais*. 4 Volumes. Volume 1. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.(p.82):

"Quando, nos fins do Paleolítico Superior, foi inventada a agulha,...No máximo podiam ficar excluídos uns poucos indivíduos admitidos como feiticeiros ou curandeiros."

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista - A Degradação do Trabalho no Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar,1980.(p. 86):

"Mas Taylor elevou o conceito de controle a um plano inteiramente novo quando asseverou como uma necessidade absoluta para a gerência adequada a imposição do trabalhador da maneira rigorosa pela qual o trabalho deve ser executado."

do imaginário dos homens que via força bruta acreditam ser capazes de dominar as criaturas do mal, como Ogum mata o dragão.

Simboliza o medo e a coragem do convívio com as tempestades que com os raios, trovões, relâmpagos e velozes ventos úmidos e frios testemunham os poderes astrais de Iansã. Só o pescador artesanal trava a luta desigual representada entre o homem e o dragão, que lança o fogo dos raios de Iansã³³⁴. Fogo móvel e imprevisível como o refletido por Heráclito.

³³⁴ SILVA, Armando C. *Geografia e cultura (aportes a uma Geografia cultural)*. São Paulo, 1993 (mimeog.).(p.3):

"O motor é o nada.

Ora, o universal como todo não apresenta uma forma, embora seja a manifestação destituída de pressupostos: o começo de um fim.

Mas, começo e fim são contingentes.

Tentamos dizer que o começo e o fim se esgotam em suas teleologias supostas."

Gil, Gilberto e VELOSO, Caetano. Inhansã. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia 25 ANOS. Rio de Janeiro: Fonobras/ PolyGram, 1990:

Inhansã comanda os ventos

E a força dos elementos

Na ponta do seu florim

É uma menina bonita

Quando o céu se precipita

Sempre o princípio e o fim (sublinhado nosso).

Observação: Será (?) que o tudo/nada é um mito, isto é, somos o nosso próprio mito como o pescador é Ogum!.



Foto 26: Santa Bárbara Guerreira

CAPÍTULO III

A CASA

As cores predominantes nas casas são o verde, o amarelo ouro, o azul turquesa, o azul celeste e o rosa. São as cores das paredes internas e externas das casas. O verde é indicado pela oftalmologia como sendo uma tonalidade adequada para o descanso e preservação da capacidade de visão, essa cor é muito útil em salas de leitura e bibliotecas. Na história da espécie humana, entendida como sendo a representação de uma infinita angústia entre os desejos da emoção sensível e os ditames da razão, sensibilizada³³⁵ encontramos a cor verde simbolizando a esperança. O nosso pescador artesanal tem medo da morte, ele espera ter a vida longa do velho Quinota e atingir a imortalidade cantada e rezada no terreiro de umbanda, Candomblé, Quimbanda e na Igreja Católica Apostólica Romana. O verde simboliza a longa vida e é a cor da imortalidade do ser humano, compreendido enquanto alma ou espírito num corpo frágil e temporário. Expressão da salvação material e espiritual é relacionada com a cor da sabedoria e dos profetas. O pescador artesanal do lugar profetiza a vinda das tempestades. Na história humana ele é ligado à anunciação do saber sobre a chegada e a manifestação dos raios e trovões. A intuição, a imaginação e o conhecimento³³⁶, adquirido via modo de vida, torna a subjetividade do pressentimento do aparecimento da tempestade na objetividade devastadora de sua apoteótica explosão de fogo, água, vento e luz. É Yánsàn (Iansã) manifestada poderosamente na tempestade. Rainha dos raios, filha do fogo e das águas, oriunda de um raio que corta o firmamento celestial fechado. Ventania que anuncia a iluminação na escuridão (o fogo que clareia o céu).

³³⁵ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 155, 178)

³³⁶ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 74).

LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 113).

PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 36).

Deusa do vento que destelha a casa, e varre o labirinto e balança os barcos. Senhora do meu espanto e do meu medo.³³⁷

Neste momento Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, a Santa Cruz e Ogum são convocados para acalmar as taquaras, segurar os telhados e socorrer os que estão na laguna. O mar veio buscar as terras que lhe

³³⁷ALEGRE, Manuel. *Senhora das Tempestades (poema).* ALEM, Jaime. *Senhora do Vento Norte (Música de Fundo).* Intérprete: Maria Bethânia. *Disco: Diamante Verdadeiro. São Paulo: BMG, 1999:*

*"Senhora das tempestades e dos mistérios originais
Quando tu chegas, a terra treme do lado esquerdo
Trazes a assombração
As conjunções fatais
E as vozes negras da noite
Senhora do meu espanto e do meu medo
Senhora das marés vivas e das praias batidas pelo vento
Senhora do vento norte com teu manto de sal e espuma
Há uma lua do avesso quando chegas
Há um poema escrito em página nenhuma
Quando caminhas sobre as águas
Senhora dos sete mares
Conjunção de fogo e luz
E no entanto eclipse
Trazes a linha magnética da minha vida
Senhora da minha morte
Quando tu chegas, começa a música
Senhora dos cabelos de alga
Onde se escondem as divindades
Trazes o mar, a chuva, as procelas
Batem as sílabas da noite
Batem os sons, os signos, os sinais
E és tu a voz que dita
Trazes a festa e a despedida
Senhora dos instantes com tua rosa dos ventos
E teu cruzeiro do sul
Senhora dos navegantes,..."*

roubaram e anunciar o início da guerra que vai sacudir tudo e levar o resto³³⁸. Ogum com sua espada e Jesus com sua cruz vão salvá-los da morte. Vindo a tranquilidade, depois das tempestades de Yánsàn (nas suas mais variadas representações mentais), surge o verde da esperança de que a tempestade nunca volte. Ele representa a renovação, a reconstrução e o retorno do homem ao paraíso, no qual estão as divindades astrais que moram nos cabelos de Yánsã.

O verde é o equilíbrio entre o homem e a natureza, encontro harmônico da natureza consigo mesma (natureza orgânica e inorgânica de tudo³³⁹). O tempo lento/cíclico aproxima o pescador artesanal da sua própria natureza exteriorizada. O ritmo do nascer do sol, das correntes lagunares, das estações do ano, das tempestades e do navegar e caminhar do pescador artesanal elabora uma relação de contemplação, medo, observação e de trabalho artesanal imposta pela porção nata da própria natureza criada e produzida

³³⁸ SILVA, G. O. *Água, vida e pensamento: um estudo da cosmovisão entre trabalhadores da pesca. Pesca artesanal: tradição e modernidade.* A. C. S. Diégues (Org.). São Paulo: IOUSP/F. Fors/VICN, 1989. (p.180):

"A aceitação da água do mar como algo vivo sugere que a natureza viva para os pescadores compreende não só os animais e vegetais que conhecem, mas também fenômenos e substâncias, como a chuva e a água do mar, que estão sendo aqui chamados de entidades."

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos (Ensaio sobre a Imaginação da Matéria)*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (P.174):

"Mais precisamente, o mar não é um corpo que se vê, nem mesmo um corpo que se abraça. É um meio dinâmico que responde à dinâmica das nossas ofensas."

³³⁹ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos.* São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121). (p. 174 e 200).

pelo ser histórico, intrínseco no único embate imaginário/simbólico³⁴⁰ - trabalho/capital na subjetividade/objetividade do lugar, ainda caracterizando pelo ritmo de contração tempo/espço dos outros elementos representantes do registro natural/social. O caminhar e o navegar do pescador artesanal acompanham os ritmos e os tempos dos caminhos de taquara e das correntes da laguna dos patos.

³⁴⁰BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (p.197):

"A imaginação está envolvida em qualquer ensaio flexível de respostas a um problema, sendo erroneamente concebida como oposta à razão."

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. (p.17):

"Não existia nenhuma rede e o rapaz se lembrava muito bem do dia em que a tinham vendido. Mas, esta era uma cena que repetiam todos os dias. Também não havia nenhuma panela de arroz com peixe e o rapaz também sabia disso."

O trabalho é braçal, e os braços são exteriorizações humanas da natureza histórica do pescador artesanal, enquanto universalidade/particularidade³⁴¹ presente na questão do infinito da sistência³⁴² e da intuição³⁴³ do pescador, que possui reminiscências³⁴⁴.

³⁴¹ MARX, Karl. . *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores; 121). (p. 170).

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 114-115).

PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 158).

³⁴² SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos,1957.(p.27).

³⁴³ BERGSON, Henri. *Cartas, Conferências e outros Escritos.*, (Coleção os Pensadores). SÃO Paulo: Abril Cultural, 1974.(P.32 e 34):

"Quer dizer que a análise opera sobre o imóvel, enquanto a intuição se coloca na mobilidade, ou, o que é a mesma coisa, na duração. Aí está a linha de demarcação bem nítida entre intuição e análise"

"Diria, por exemplo, que há, de um lado, uma multiplicidade de estados de consciência sucessivos, e, de outro, uma unidade que os liga. A duração será a síntese desta unidade e desta multiplicidade, operação misteriosa onde não vemos, repito, como poderia comportar nuances ou gradações."

OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983. (p.58):

"Mobilizando a uma só vez todo o manancial de inteligência e sensibilidade das pessoas, seu potencial de associações e imaginação e suas necessidades interiores, os processos intuitivos informam o próprio modo de conhecer, pois interligam a experiência afetiva do indivíduo às suas indagações intelectuais."

³⁴⁴ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p. 38).

CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990. (p.61).

ZIKAS, Dimitrios N. *de Platão Fédon a Imortalidade da Alma (Comentários)*. Curitiba: Cyros, 1990. (p.38).

Assim, a cor verde simboliza este provável equilíbrio na reprodução do tempo lento/cíclico no modo de vida dos praieiros, já que, de acordo com seu estado material/sensível o homem se identifica com determinada cor (o branco no batizado e o preto no enterro).

As cores expressão parte da cultura do lugar porque são assinaturas de uma específica opção de comunicação, isto é, de linguagem entendida enquanto cultura.³⁴⁵

As casas se fundem com a vegetação criando uma unidade contraditória, onde a cor verde apresenta o reino vegetal distribuído nas casas e na vegetação. A escolha por esta tonalidade sinaliza que há uma relação direta entre o tempo da natureza nata e o da natureza produzida e criada pelos pescadores artesanais que são naturezas individuais e coletivas frutos das relações sociais/naturais, inclusive dos negros do quilombo porque o verde camufla.

O verde é o despertar da vida, a chegada da primavera, reflexiva, centrípeta e maternal (o centro uterino da vida), do labirinto. O ambiente natural existente na praia é o retorno ao envolvente, harmonioso e tranqüilizante momento do qual sentimos saudade e desejamos, porque queremos voltar a nos sentir natureza nata (o sol antecede nossa existência terrena). Os próprios moradores do lugar praieiro possuem o mesmo sentimento humano (quando preferem a cor verde). A tonalidade da vida, do frescor, do despertar da nova temporada, a anunciação da primavera, o tempo das rosas, das flores dos altares e dos andores, o florescer do céu, nirvana calmo e tranqüilo, o tempo lento/cíclico, os caminhos que nos levam para a praia, praieira lagunar de águas azuis, água fonte de vida, nascimento anunciado pelo verde primaveril (reiniciamos o ciclo).

³⁴⁵OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983. (p.296):

"Quando frisei que a mão humana representou um elemento humanizador na evolução da espécie,...os operários olharam instintivamente para as mãos. Elas eram o grande instrumento formador do destino do homem...Nessas imagens o homem põe, literalmente, a mão sobre o mundo(ilustração número 127)."

Quando mergulhamos nas águas estamos retomando as origens primárias³⁴⁶ (a água uterina) e nos carrega novamente no largo, comprido, alto, profundo e infinito reservatório de energia vital, que refaz, regenera, vivifica e substantifica-se na natureza inorgânica/orgânica que é só pura vida, implícita em tudo e em todos. Que só existem enquanto contradição em processo, igual água em ebulição manifestada nas tempestades que varrem as taquaras, os campos e os telhados das casas verdes, azuis, rosas e amarelas do lugar, que contraditoriamente é calma, lenta e tranqüila na manifestação do jeito de viver registrado no verde da vegetação imbricado nas habitações.

³⁴⁶ BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos (Ensaio sobre a Imaginação da Matéria)*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p.121):

"Se agora levarmos mais longe nossa busca no inconsciente, examinando o problema no sentido psicanalítico, deveremos dizer que toda água é um leite. Mais exatamente, toda bebida feliz é um leite materno. Temos aí o exemplo de uma explicação em dois estágios da imaginação material, em dois graus sucessivos de profundidade inconsciente: primeiro líquido é uma água; em seguida toda água é um leite. O sonho tem uma raiz pivotante que desce no grande inconsciente simples da vida infantil primitiva."

VELOSO, Caetano. *Genipapo Absoluto. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo*. SP: Polygram, 1995.

É o verde do tranqüilo Ogum que com sabedoria e intelectualidade espera o momento para caçar o dragão, isto é, pescar a corvina, o camarão,...e abraçar o mar na lua cheia.³⁴⁷

³⁴⁷CALAZANS, Vévê e GERÔNIMO. *Agradecer e Abraçar. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Força que Nunca Seca. São Paulo: BMG, 1999:*

*"...Escolhi melhor os pensamentos, pensei
Abracei o mar
É festa no céu, e lua cheia, sonhei
Abracei o mar..."*

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. (p.68):*

"É melhor que ele julgue que valho mais, para ter mais possibilidades do meu lado. Gostaria de ser aquele peixe, e trocaria de bom grado a minha vontade e a minha inteligência para ter tudo o que ele tem."



Foto 27: A Festa no Céu

Mergulhando nas águas estamos nos vivificando na Marambaia fresca, lugar e regenerescência e do brotar da primavera, cujas rosas dos altares, andores e jardins nos convidam aos céus, cuja paz reflexiva nos remete à simplicidade paciente presente nas frágeis casas de madeiras, nos caminhos configurados em labirinto, que são, e estão, no espaço cênico, na paisagem geográfica e na linguagem antropológica/geográfica da cultura dos pescadores artesanais.

A cor azul das casas é a tonalidade que se encontra mediadora entre o verde e o vermelho. O verde simbolicamente é interpretado como sendo a representação de uma das dimensões femininas da natureza. A floresta e a mata sinalizam e demonstram a primavera e o florescer da vida. O vermelho, por sua vez, nos indica uma realidade masculina que compõe a universalidade plural da natureza. O vermelho do sangue fálico (Exu Quimbandeiro), da potência viril geradora do ser (a espada de Ogum), força masculina poderosa na qual se origina a vida, "lugar" que é fundamento e princípio da reprodução da espécie, "oriente" místico – fonte de energia brutal, varonil, quente e iluminada (a iluminação da beleza sábia de fazer nascer o artesanal). O sol quente que tudo ilumina e a todos faz viver na praia.

O macho é, e existe, no falo e a recíproca é verdadeira. O pênis sem o homem não tem razão de existir. Ele é o sétimo membro do macho e a fêmea é o oitavo, no qual o sêmen é desembocado como a laguna que corre para o mar³⁴⁸.

O calor, a luz do oriente determina o nascimento da vida (o nascer das rosas). A alvorada e o crepúsculo de sol, vermelho como o sangue que fornece dureza ao falo. Tal tonalidade rubra simboliza a variável masculina que é tida como gênese de tudo e de todos. A natureza existente é resultado e condição para um novo nascer do sol na praia, cuja força de trabalho artesanal pesqueira é masculina e predominantemente situada entre os 15 e os 45 anos de idade.

O falo no homem é dois em um. A unidade fálica dotada de potência fica firme e é base equilibradora entre o céu e a terra. Assim, a cor das casas sinaliza o tempo lento/cíclico que viabiliza um maior processo de sintonia entre os passos do pescador e o andar das correntes lagunares. Este pescador, imaginado enquanto homem justo por transferir-se no terreiro para

³⁴⁸ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (p.111).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números)*. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (p.418).

o mito Ogum,³⁴⁹ e vice-versa, é similar a um pilar, alicerce e ponto de equilíbrio, entre os ditames da natureza nata e da sua própria comunidade natural/social, configurada e apresentada na paisagem geográfica da praia, cujo céu é a pura efervescência da ordem universal pelo dinamismo e lógica do nascimento, vida e aparente morte dos corpos celestes, via a recriação infinita de seus movimentos circulares e regulares, presentes na alvorada e no crepúsculo do sol no céu azul do lugar de casas verdes, azuis, amarelas e rosas.

Enquanto cor mediadora entre o feminino e o masculino, ela representa a desmaterialização porque o azul das casas é imaterial em si, e para si. Simboliza o céu transcendental, o imaginário e o infinito, a natureza orgânica/inorgânica que é a eterna universalidade da diversidade incomensurável e multiforme. Tonalidade, que enquanto processo de suavidade promove a meditação, porque acalma e tranqüiliza. Lembrando a existência de uma dimensão celestial, ressalta que os seres astrais não possuem sexo porque são espíritos iluminados etéreos e não dotados do carnal desejo sexual. Assim, o azul das casas sinaliza, entre outras variáveis sociais comunitárias, a cultura de preservação da virgindade das moças até o processo público de contrato formal de casamento, as impuras casam na cidade porque a “água” deve permanecer pura.

O azul da praia é o azul mariano, presente na Virgem Maria do altar da Igreja da Santa Cruz, na Iemanjá e em Nossa Senhora dos Navegantes. O casamento da que não é virgem não ocorre no mesmo local, e da mesma forma que se realiza o da virginal. O azul mariano não é para todas as mulheres do lugar, só as virginais possuem o direito da sublime luz celestial registrada no firmamento astral, que de cima olha e escuta os cantos e as danças da festa do casamento das "puras", cuja santa não é a mesma do altar e do andor das "impuras".

O azul das casas é o da água, que purifica, regenera, marca o front no caminho do envelhecimento e da maturidade, presença basilar no ritual de

³⁴⁹ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000. (p.90).

iniciação, água que é límpida e transparente como as criaturas astrais, sobrenaturais e etéreas, morada do peixe oriundo da pesca varonil, do complexo e infinito azul do céu que não é subordinado ao modo de vida (ele existe independente do ritmo do trabalho dos pescadores artesanais e da mudança do dia para a noite, pois, lá se encontra), tonalidade que demarca o fim da laguna e o início do sacro paraíso dos santos e santas, barreiras entre a tranqüila Marambaia e a vacuidade presente na cor do conhecimento e da sabedoria transcendental (cor que denuncia a relação do tempo da praia com o paraíso do nirvana).

A tonalidade azul simboliza a função reprodutora e artesanal, cuja intuição, sensibilidade e imaginação, nos remete ao interminável potencial de sonhar e devanear no mundo mitológico (mergulhar nas orações marianas do pescador artesanal que tira cobreiro). O branco e o azul, cores celestiais e marianas, afirmam o desapego aos valores deste mundo. Na praia são simples, calmos, tranqüilos e não querem morar na cidade. As cores das casas rezam o estado de equilíbrio, ou "desequilíbrio", emocional e espiritual da comunidade, onde todos são tratados por apelidos que demonstram os laços e os contratos gestuais de amizade, lealdade, afetividade e cumplicidade desenhadas no labirinto geográficas dos caminhos sem nome, mas, conhecidos e sabidos pelos da casa, e destino perdido para os estranhos que não possuem a confiança cúmplice e afetuosa dos que estão incrustados

no mesmo jeito de viver, de todas as Instâncias sociais que configuram a praia como lugar ímpar na sua cultura ³⁵⁰

³⁵⁰ OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.(P.282):

"Partimos pois da premissa de que, para o ser consciente, há uma necessidade de ordenar, de dar forma às coisas, no exercício da própria consciência. É um processo dinâmico em que o homem, ao transformar a natureza, se transforma também. E o homem não somente percebe as transformações como, sobretudo, se percebe nelas."

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1990. (p.83):

"A cultura humana não sai da natureza, ao contrário, é uma das suas qualidades. O homem, por natureza, produz cultura."

DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.(p.64):

"Godelier (1984) rejeita o determinismo ecológico e, quando fala em limitações materiais, entende os efeitos combinados, hierarquizados e simultâneos de dados da cultura e dados da natureza. E, nessa síntese, o elemento fundamental vem mais da cultura e das capacidades produtivas de uma sociedade que das condições naturais."

intersubjetiva/interobjetiva³⁵¹, que é dialogada de forma constante e incomensurável com a dita natureza não criada e nem produzida pela relação capital/trabalho, isto é, a cultura produz a natureza e é produzida pela natureza, repito, há um diálogo; já apresentado pelo eterno fogo de Heráclito³⁵².

No lugar encontramos a cor azul, símbolo do impossível e do inatingível, enquanto infinito firmamento sobrenatural e celestial, aliado à cor rosa relacionada a espécie vegetal roseira, da qual nascem as rosas. A cor

³⁵¹ GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990. (p.32):

"Torna-se cada vez mais difícil, por exemplo, sustentar que as semióticas econômicas e aquelas que concorrem para a produção de bens materiais ocupam uma posição infra-estrutural com relação às semióticas jurídicas e ideológicas, como postulava o marxismo. O objeto do CMI é, hoje, num só bloco: produtivo-econômico-subjetivo."

BUBER, Martin. *Eu e TU*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977. (p.8):

"A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto, tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição. Entretanto pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um ISSO. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim. Não devo renunciar a nenhum dos modos de minha consideração. De nada devo abstrair-me para vê-la, não há nenhum conhecimento do qual devo me esquecer. Ao contrário, imagem e movimento, espécie e exemplar, lei e número estão indissoluvelmente unidos nessa relação."

OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983. (P.309):

"Esquecendo-se que a natureza em que vive o ser humano também abrange o ambiente cultural, fala-se dela como se fosse apenas uma paisagem externa, uma natureza composta e ocupada por objetos, e não contivesse as relações afetivas dos indivíduos dentro do mundo social e cultural em que vivem."

³⁵² LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p.93).

rosa nos remete à beleza divina, à perfeição lapidada, à existência da vida, da alma, do coração, do amor e dom do amor. Os caminhos dos parentes, das relações de amizade e afetividade, sinalizam para o fato cultural da cor rosa simbolizar que só há amor³⁵³ quando se ama algo ou alguém, e este ser é encontrado na base de sustentação familiar, desenhada no labirinto geográfico de taquaras.

A rosa pode ser considerada como sendo uma mandala (imagem do mundo e instrumento que serve à meditação)³⁵⁴ ou centro mítico (lugar da concentrada energia, o princípio, o real absoluto, o tudo e o nada, Deus). No lugar o modo de vida determina uma imagem do mundo que faz da praia espaço cênico/geográfico de criação, e recriação, continuada, do tempo lento/cíclico que favorece meditação, ao relaxamento e ao equilíbrio com o ritmo e a harmonia da natureza interior e exterior ao ser humano, que mergulhado em si mesmo procura as respostas primeiras, o princípio (o tudo/nada, isto é, o nó).

A tonalidade rosa sinaliza a presença materna, a rosa mística e imaculada, a Virgem Maria, que é promessa de ressurreição e imortalidade no azul celestial e sobrenatural (mitológico). A rosa é símbolo do regenerado e da regeneração é obrigatória nos rituais de enterrar os mortos (as rosas nos túmulos).

Mas, a rosa-dos-ventos, transmutação da rosa para a roda, personifica o eterno devir, o interminável ciclo, o que roda, as estações do ano nas quais encontramos a primavera, sinônimo de nascimento, vida nova, início de um

³⁵³ OSTROWER, Fayga. *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.(p.307):

"Não se deve esquecer que também fazem parte da natureza humana e de suas potencialidades: a confiança, a generosidade, a solidariedade, assim como a inteligência, a sensibilidade, a capacidade de amar."

³⁵⁴ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (p.177).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.(p.585).

novo ciclo. Assim, a cor rosa é a iniciação aos mistérios cujo maior aprofundamento é a resposta para o que é a vida e o que é a morte. No centro da rosa, que acompanha o verde, encontramos o nascer da vida, o amor paradisíaco só evidenciando iluminado pelo sol primaveril. Sendo lugar e tempo lento/cíclico substantificado no baixo padrão tecnológico e na vida humilde e simples do homem que acredita em lobisomem, a Marambaia com sua cor rosa é palco e cenário para o amor paradisíaco que leva rosa para as santas e santos visando a proteção contra os Exus e lobisomens que são, e existem, na vida.

A cor amarela orienta o nosso pensamento ao ouro. Ela é a eternidade do ouro, luz, sol, o poder das divindades do além, cor dos deuses, luz dourada que é meio de comunicação entre os homens e as divindades (os pescadores artesanais rezam para Ogum, Iemanjá, Jesus e para a Virgem Maria), tonalidade do centro do universo (a ilha é um centro e a praia é um lugar silencioso), simboliza o bom, o claro, a sabedoria, o bom conselho (do velho sábio pescador artesanal experiente e da mulher mágica benzedeira), é a cor mais quente, expansiva e ardente, masculina (o homem penetra e engravida, o sol penetra e origina a vida), ela é luz e vida (na paisagem, como nas pinturas, a luminosidade trás e sinaliza a vida), veículo da juventude, do vigor e da eternidade divina (Ogum que mata o dragão), denunciadora da transformação, do outono e do amadurecimento (a pesca artesanal é milenar e o velho sábio pescador artesanal é um salvador de homens, um artesão que com sua rede retira os jovens das profundezas do medo, do equívoco e do engano promove a transfiguração num Ogum), representa os mistérios da releitura. Entendendo-se que a recriação é atingida via o trabalho/capital que nos leva aos mitos/deuses, já que, o pescador artesanal trabalha e espera as providências de Iemanjá, Ogum,...O amarelo de Oxum, no qual os deuses brilham e são eternos como ouro, é essência divina, atributo do poder dos reis (o sol reina no firmamento), tonalidade da fé na vida eterna, nas divindades astrais, puras, brancas e iluminadas. O amarelo e o branco nos remetem ao celestial que é uma dimensão da linguagem social/natural do lugar. Lá na praia temos o amarelo-ouro, porque o pálido simboliza a disseminação, o

cinismo, a crueldade, a traição e a decepção. Se não for puro acaso, caso ele exista, o lugar é recoberto pelo amarelo-ouro do poder divino de Oxum³⁵⁵.

As cores das simples e humildes casas nos falam sobre parte do imaginário/simbólico implícito no modo de vida dos pescadores do lugar, que é azul turquesa, azul celeste, verde, amarelo ouro e rosa. O embate social imaginário/simbólico – trabalho/capital encontra-se documentado na linguagem das cores e dos nomes das embarcações.

O abundante verde vegetal do lugar, metido no meio dos caminhos, das casas, dos galpões e dos caícos, faz com que exista uma predominância da tonalidade verde, na qual as cores quentes como o amarelo-ouro, criam uma área de interesse na paisagem, no cenário, na tela e é fonte de convergência da visão e do intelecto, no sentido do questionamento sobre aquela fonte de luz e do porquê da sua inserção no cenário do palco onde se desdobram cenas, cujo conteúdo não possui o simbolismo ardente e quente do amarelo do fogo do imaginário/simbólico referente ao mundo dos Exus³⁵⁶.

³⁵⁵ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: A Panela do Segredo*. São Paulo: Mandarin, 2000. (p.144).

LEÃO, Alexandre e MATTOS, Olival. *Paiol do Ouro. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Memória da Pele*. RJ: Polygram, 1989.

³⁵⁶ BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia (História de Deuses e Heróis)*. 27 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p.316):

"Ali, segundo o poeta, encontrava-se a gruta que dava acesso às regiões infernais e ali Enéias ofereceu sacrifícios às divindades infernais, Prosérpina, Hécate e as Fúrias."

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Atena, s/d. (p.66):

"Assim o Minotauro. O mestre acode

Dizendo-me: Demanda presto a entrada

E desce, enquanto em vascas se sacode". -

A quebrada descíamos formada

De pedras soltas; cada qual, movida,

Cedia, em sendo por meus pés calcada."

REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarin, 2000. (p.79).

ORPHANAKE, J. Edson. *Conheça a Umbanda*. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994. (p.39).

As casas multicoloridas, cujas cores denunciam os antepassados substantificados nos ditos mitos, são de uma família e das outras que fazem parte das relações de parentesco. A morada é de uso privado e ao mesmo tempo coletivo. Todas são uma única grande família e constitui uma característica ímpar da verticalização do conteúdo do conceito geográfico lugar através da linguagem da comunidade da praia. No lugar a casa é de um e de todos os pescadores do lugar. “O Bila meu irmão, o Xaim meu padrinho, o Balco meu primo, o tio Zé é meu tio, o Luciano é amigo. Mas, é como se fosse um primo. Aqui é tudo assim. Tudo parente. É muito bonito aqui. Por isso aí”³⁵⁷, isto é, eles são a subjetividade/objetividade das opções de cores que se espraíam. A ausência de cerca nos convida a pensar na questão da propriedade privada e as casas de madeira com predominância da cor azul, rosa, amarelo e verde, nos remetem à ciência simbólica, que diluí o privado no comunitário da reciprocidade.

FARELLI, Maria Helena. Os Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé, 5 ed. Rio de Janeiro:Pallas,1984.

BITTENCOURT, José Maria. No reino dos pretos-velhos. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. (p.86).

BITTENCOURT, José Maria. No reino dos Exus. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

³⁵⁷ *Lindo*

Na Marambaia as casas possuem como uma de suas características, o desprovemento de cerca, bem como a localização entre caminhos, os quais a interligam, pois são os caminhos das relações de contraprestação³⁵⁸.

As casas ainda são de madeira e só uma pequena quantidade é de alvenaria. Em 1948 todas eram cobertas de macega e esse tipo de vegetal, parecido com um capim, era buscado na Ilha do Cavalo e na da Pólvora e trazido amarrado e seco. O processo de secagem consistia no corte do vegetal e sua colocação à disposição da ação do sol. Na praia abriam o fecho de macega e a prendiam com arames em cima das ripas e depois se colocava a taquara, sobre as macegas, para prende-las devido à ação do vento.

No período de 1945 as casas possuíam no máximo três peças. Atualmente, se a família aumentou fazem a construção de mais um quarto, já que, os pescadores artesanais aproveitam uma parede da casa e aumentam a área coberta. Nos anos de 1948 todas as paredes eram de madeira e todas as casas eram cobertas de macega, pois, somente depois do ano de 1950, em 1957, algumas passaram a possuir telha francesa.

³⁵⁸ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua (Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil)*. 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 1991. (p.60 e 61):

"Mas é preciso também observar que a oposição casa/rua tem aspectos complexos. Primeiro, porque é uma oposição que nada tem de estática, de substantiva ou de absoluta. Ao contrário, ela é dinâmica e relativa porque, na gramaticalidade dos aspectos brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, visto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se casa, ou seu ponto. Neste sentido, como já acentuei (Cf. DaMatta, 1979), a rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali vivem como se estivessem em casa, como dizemos em linguagem corrente."



Foto 28: O Telhado de Macega

No ano de 1958 encontravam-se as folhas de zinco que cobriam a madeira da casa, e em 1980 é que surgem as telhas Brasilit, atualmente a grande maioria das casas é coberta com esta telha, porque é mais fácil de cobrir e terem uma maior durabilidade.

Mas, as tempestades muitas vezes trazem as chuvas de pedras de gelo que quebram todas as telhas das casas, dos galpões e das salgas. Essa realidade fortalece o medo e a devoção aos santos, as santas e aos Orixás que, segundo os pescadores artesanais, habitam o céu³⁵⁹.

As moradias possuem como característica quatro quedas d'água e hoje temos muitas casas antigas que foram reformadas e possuem duas quedas d'água. Depois da cobertura de macega, que parece uma releitura das casas dos quilombos, surgem as grandes e pesadas telhas de barro (elas possuíam cerca de dois quilos). O telhado de telhas de barro foi substituído pelo de folhas de zinco que hoje já se encontra substituído pelo de telha Brasilit. No período das casas cobertas de macega a divisão interna era igual a que observamos atualmente (moradias com um ou dois quartos e a casinha fora da estrutura física da casa).

A madeira utilizada para a construção das casas vinha do Rio Grande. No ano de 1948 as embarcações transportavam todos os bens móveis das casas, inclusive a própria madeira para a sua construção, assim promovendo a travessia lagunar que separa a cidade da Ilha dos Marinheiros. O percurso ainda fica entre o centro comercial urbano e a ilha e neste trajeto é onde ainda ocorre o maior tráfego de caícos entre o lugar e a cidade do Rio Grande.

Hoje todos os bens de consumo doméstico, e para a prática da pesca artesanal, ainda continuam vindo da cidade, da parte antiga do centro comercial. No Mercado Público e na sua vizinhança compram o que precisam e transportam de caíco. No processo da compra é que o pescador artesanal mantém um contato mais direto, em quantidade e qualidade, com o tempo

³⁵⁹ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos* (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (p.227).

BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. (P.63):

"Antigamente concebido como hemisfério emborcado sobre o disco terrestre, tem papel relevante na imaginação mitológica e religiosa de quase todos os povos, como lugar a partir do qual agiam os deuses e seres divinos, e ao qual se eleva a alma depois da morte."

rápido dos automóveis, dos que andam correndo olhando para o relógio, do sinal de trânsito, dos navios de grande porte (que chegam e que saem do cais urbano), da polícia, dos bombeiros, das ambulâncias e, finalmente, dos pivetes do comércio. O morador da Marambaia se encontra olhando e escutando o tempo do computador e do celular. O pescador artesanal da praia sem becos, ruas, estradas e rodovias caminha, com seu calçado para dia de festa, no asfalto do carro forte para banco e comércio. Sair do Mercado Público, do Mercado do Peixe, de perto das carroças puxadas por cavalos, é se distanciar, muito mais ainda, do tempo dos pés descalços, que são impostos pelo ritmo via à velocidade do nascer do sol na praia, e que é acostumado a andar na areia do labirinto geográfico margeado e composto por taquaras e tramelas colocadas em portas e janelas, que se abrem para o som das ondas do mar que se quebram na praia. O desconhecido gera medo, curiosidade e saudade, do que pensa que nunca foi ou viu.

Na década de 1940 uma família ajudava a outra, e houve a troca de contraprestações. Na linhagem uma relação social de interobjetividade/intersubjetividade manteve a unidade cultural da coletividade praieira e a recriação geográfica das manifestações e expressões dos laços de parentesco, presentes nos rituais de iniciação dos caminhos e a intimidade da casa aberta, onde não batem na porta porque não há porta cerrada para bater, mas, através do interminável entra e sai a história comunitária do trabalho, do lobisomem e dos segredos do labirinto varre e lava todos os cantos da casa.³⁶⁰

³⁶⁰DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua (Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil)*. 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 1991. p.114):

"A casa e o sobrenatural são muito raramente englobados pelas nossas propostas transformadoras do mundo, local onde o tempo não passa e a história raramente bate à porta."



Foto 29: A Porta Aberta

Os caminhos são iguais aos existentes nos anos de 1930 e quase sempre, passam próximo de alguma casa, estaleiro ou beira de praia. Mas, entre eles, há os que servem de ponte para os aglomerados de casas. Por exemplo, temos as casas da família de Antônio do Quim, as de Quinota, as de Dodoca, as de Candinho, etc. Os trajetos de ligação, dos aglomerados de moradias, são mais de uso comunitário e, os que estão entre as habitações, possuem uma conotação mais familiar, afetiva e de trocas de reciprocidades. Muitas vezes os caminhos passam a serem parte da extensão da casa, ele é diluído na reprodução do trabalho doméstico e da vida no lar, contrariando todo o traçado urbano onde os muros e as cercas eletrificadas promovem a absoluta separação de tudo.

As tarefas, os afazeres da mulher no serviço doméstico e o trabalho do homem, para ir pescar, saem do raio de ação da cobertura e do telhado da casa e passam a ocupar toda a área circunvizinha ao teto. A casa não se resume à área coberta. Quando se fala na casa de Xaim se refere à vida social que se processa em baixo do telhado e no terreno que envolve toda a moradia. Assim, o caminho é inserido na “casa” e passa a fazer parte do cenário, do qual ele, os outros terrenos que margeiam a residência, e o próprio piso de tábua da moradia, são componentes do palco deste cenário e desse espaço cênico. A espacialidade geográfica da casa ultrapassa as paredes de madeira da mesma. Eles possuem o que na cidade chamam de área de serviço e de oficina de trabalho, fora das paredes da casa e dissolvidos nos terrenos e nos caminhos que molduram a tela: “Caminho igual à casa. A maioria não tem cerca. Os que fazem cerca é para que o caminho fique mais arredado da casa³⁶¹”.

Há muitas casas que não possuem cerca. As que possuem é para que o caminho de uso de toda a comunidade, e não o caminho utilizado mas só por aquela família da moradia, fique mais arredado da casa e, assim mesmo, o lar nem sempre é cercado. Este arredar a casa não inviabiliza que os parentes, amigos e raros transeuntes cheguem a interferir nos trabalhos processados nos terrenos comunitários que abraçam o lar. A cerca é coberta de roseiras e demais opções de plantio visando “embelezar” a casa. O aparente front é colocado, diversas vezes, só no lado onde se passa pelo caminho. Tais moradias cercadas são novas por terem, em média, oito ou dez anos de construídas. Os seus moradores são da própria praia e o fato de terem a cerca, não significa que o terreno e o caminho não sejam utilizados de maneira idêntica aos das casas que são desprovidas de cerca, já que conservam a interpenetração da casa com as roseiras, demais plantas e com os terrenos que margeiam a área coberta.

³⁶¹ *Turuca*



Foto 30: A Cerca



Foto 31: A Cerca

A relação da casa com o jardim nos remete a um traço cultural diferenciado da interpenetração ocorrida nas casas e jardins³⁶² de outras linguagens sociais devido existência do labirinto diferente das "trilhas tortuosas" dos jardins isométricos³⁶³. A fragilidade do material e o desprovemento de defesa fazem da cerca um front em nível simbólico. Ele denuncia a influência do conceito de propriedade privada da terra e da casa como a releitura do visto e pensado quando se mantém contato com a questão urbana³⁶⁴. Apesar de não proteger ninguém, e nada, a cerca das casas novas trazem a denúncia do barulho e do alvoroço, transmutado nos muros da questão urbana e das cercas (não falamos seca) da questão agrária³⁶⁵.

³⁶² TUAN, Yi-Fu. *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. [Trad. Livia de Oliveira] São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980. (p.160).

³⁶³ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. [Trad. Livia de Oliveira] São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980. (p.158).

³⁶⁴ GOTTRIENER, Mark. *A Produção Social do Espaço Urbano*. São Paulo: Editora da USP, 1993.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. 11. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

³⁶⁵ SILVA, José Graziano da, e STOLCKE V., Orgs. *A Questão Agrária*. São Paulo; Brasiliense, 1981.

VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A Questão Agrária e o Capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão*. São Paulo: Hucitec, 1992.

O muro e a cerca, que tudo separam e nada unem, legitimam a propriedade privada capitalista, a interminável acumulação uterina³⁶⁶ que recria o egoísmo e o aliciamento aniquilando³⁶⁷ com as relações de parentesco que identificam e singularizam o modo de vida espraiado na cumplicidade e na camaradagem das comunidades praieiras³⁶⁸.

³⁶⁶ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 2. O Processo de Acumulação Primitiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas). (p.277 e 294).

³⁶⁷ LAGO, M. C. S. *Memória de uma Comunidade que se Transforma*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGCSO/UFSC, 1983. (p.92):
 "Florianópolis, como ficou caracterizado, sempre teve no serviço administrativo a principal atividade econômica, o que determinou uma espécie de exacerbação do poder político, de tal forma que as oportunidades dependem muito do apadrinhamento, do pistolão."

³⁶⁸ PESSANHA, E. G. F. *Os Companheiros-Trabalho da Pesca em Itaipu*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977. 81/117. (p. 68 e 70).

LAGO, M. C. S. *Memória de uma Comunidade que se Transforma*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC/1983. 82/117. (p. 108 e 109).

PEIRANO, M. G. S. *A Reima do Peixe. Proibições Alimentares em uma Comunidade de Pescadores*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB/1975. (p. 50/70).

SILVA, G. O. *Tudo que tem na Terra tem no Mar. A Classificação dos Seres Vivos entre os Trabalhadores da Pesca em Piratininga - RJ. Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. A. C. S. Diégues e R. R. Sales (Orgs.). São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN. 1988. (p. 216/225).

BECK, Anamaria. *Lavradores e Pescadores. Um Estudo sobre Trabalho Familiar e Trabalho Acessório*. Trabalho apresentado ao Concurso de Professor Titular. Florianópolis: UFSC. 1979. (p. 45, 46, 50/65).

FURTADO, L. G. *Curralista e Redeiros de Marudá; Pescadores do Litoral do Pará*. Belém: CNPq/MCT, 245/294. (p. 277/286).

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. (p.21 e 22).

A cerca deixa simbolicamente o caminho mais arredado. Mas, nem sempre, a objetividade trazida com a sinalização do front se substantifica da forma que foi, e é, imaginada. A intersubjetividade/interobjetividade comunitária, não oriunda de uma elevada composição orgânica do capital e nem essencialmente fabricada como apresenta Guattari,³⁶⁹ impõe padrões morais, éticos e estéticos, que levam para o objetivo sua própria recriação. O muro da cidade jamais será a cerca do lugar, porque na beira da praia só há caminhos e a velocidade das próprias pernas. Assim, o racionalismo materialista vindo com a presença da divisão promove a sua negação, quando é colocado nos conflitos e contradições do jeito de viver do pescador artesanal e deste processo resulta a sua superação ao confrontar-se com o parentesco afetivo, indicador de uma subjetividade objetivada no existir da cerca.

O distanciamento, entre uma madeira e outra na cerca, a sua utilização para secar roupa e rede de pesca, como a falta de qualquer portão, mostra que ocorre uma influência da questão do direito à propriedade privada, como é vista na dinâmica urbana, pelo simples fato de se ter uma divisão. Só que a opção geográfica do modo de vida, colocou no cenário uma cerca que objetivamente se apresenta destituída de sua função e razão material/ideal, plasmada na tumultuada, acelerada e violenta jornada diária da vida urbana. Na praia tem, sem ter, o front expresso na visualização da cerca, embrenhado nos caminhos que são o labirinto, no qual evidenciamos uma relação contraditória entre a natureza não criada e nem produzida pelo ser humano, que é natural/social. A “natureza” da natureza/social é a sobreposição de afirmações que se negam, se elevam, se superam e promovem novas releituras sobre si mesmas: “Na casa do meu irmão a porta da cozinha não

³⁶⁹GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica (Cartografias do Desejo)*. 4 ed. Petrópolis, RJ: 1996. (p.25):

"Proponho, ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida.

As máquinas de produção da subjetividade variam...Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional."

fica para o caminho”³⁷⁰. A contradição há porque, entre outros registros da linguagem é o caminho do parentesco.

A cultura do lugar colocada pela casa nos remete aos caminhos, cores, intimidades e portas abertas, já que as tramelas nada trancam. Assim, a noção de liberdade é convidada à somar-se com a questão da edificação da ponte, que em construção já é uma ruína, e das cores que simbolizam o direito e o dever histórico ao infinito diálogo com os Orixás que abrem todos os caminhos e vencem todas as batalhas, inclusive da ruína da ponte e do inverno rigoroso que cobre tudo de geada (lembra das feitiçarias na beira do cais?).



Foto 32: A Tramela

³⁷⁰ *Bila*

As tramelas estão nas portas, janelas e em alguns portões. Elas nada fecham devido possuírem um cordão, ou arame, que permite abrir pelo lado de fora. Assim, quando “fecham” nas noites frias de maio, junho, julho e agosto, período de maior frequência dos ventos fortes oriundos das massas de ar frio, qualquer criança pode perfeitamente abrir e entrar na casa³⁷¹. A tramela é a única forma predominante para se deixar a casa aberta, no horário matutino, vespertino e noturno. Só a porta da sala é que possui fechadura. Mas, porta só é aberta no domingo, nos feriados e nos dias de festa. Só quando raramente toda a família abandona a casa é que tal porta é fechada com a tramela.

³⁷¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.(P.57):

"Na casa, tudo se diferencia, se multiplica. Do inverno, a casa recebe reservas de intimidade, delicadezas de intimidade. No mundo fora da casa, a neve apaga os passos, embaralha os caminhos, abafa os ruídos, mascara as cores. Sente-se em ação uma negação cósmica pela brancura universal. O sonhador da casa sabe tudo isso, sente tudo isso, e pela diminuição do ser do mundo exterior sente um aumento de intensidade de todos os valores de intimidade."

A questão da porta eternamente escancarada é um dos peculiares modos que o morador do lugar imprimiu suas marcas de linguagem³⁷² comunitária e de lugar, não se trata de uma referência qualquer à simples localização, mas ao conteúdo de um conceito social e geográfico.³⁷³

As casas são aglutinadas pelo parentesco, mesmo quando uma casa fica, por algum motivo, desocupada, os outros membros da linhagem permanecem no lugar. Só muito raramente é que se deixa a casa protegida, até porque, quando fecham a porta da sala, as janelas e a porta principal (que é a porta da cozinha) todas as aberturas permanecem abertas com suas frágeis e simples tramelas. As casas estão abertas. As suas cores, a simplicidade e pureza de espírito dos moradores transformam a praia num palco, cujo cenário e atores são conteúdo do conceito lugar, na dimensão de aconchego, simpatia e sentimento de alegria para os que são estranhos ou não fazem parte das relações de ajuda mútua. Os pescadores afirmam que a existência das tramelas é desde o tempo dos seus primeiros habitantes, pois, segundo o velho pescador artesanal Quinota, já havia nos anos de 1907: "Não sei! É a tradição do tempo dos antigos"³⁷⁴.

³⁷² MORIN, Edgar. *O Método 4. As idéias. Habitat, vida, costumes, organização*. [Trad. Juremir Machado da Silva] Porto Alegre: Sulina, 1998.(p. 23):

"A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade."

³⁷³ CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato. (Organizadores). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (P.15):

"A expressão espaço geográfico ou simplesmente espaço, por outro lado, aparece como vaga, ora estando associada a uma porção específica da superfície da Terra identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o Homem ali imprimiu as suas marcas, seja como referência à simples localização."

³⁷⁴ Alice

O registro deixa claro que não são as tempestades e nem os ventos que determinam o fato cultural das casas estarem literalmente escancaradas. A geografia determinista alemã³⁷⁵ não explica e nem justifica o dado cultural da comunidade do lugar, que só é lugar como resultado e condição da própria comunidade, que como tal só há enquanto lugar, já que, se fosse pelas tempestades e pelas chuvas de granizo, que são freqüentes no estuário, as casas seriam cerradas durante parte significativa do ano. As janelas e portas são trancadas no turno da noite, com tramelas e, através de um cordão, podemos abri-las. Assim o que está cerrado jamais esteve fechado.

A porta fechada da “frente” lateral é esporadicamente aberta nos domingos à tarde. Este é o horário de sentar-se no piso de madeira, ouvir uma música e dificilmente receber a visita de alguém que não faz parte das relações de parentesco.

O velho pescador Quinota é do período de 1940 em que os jovens pescadores artesanais usavam chapéu, e bengala. Na casa os homens preparavam o discurso poético-conquistador³⁷⁶, se banhavam de perfumes, colocavam talco e o sabonete para tomar banho na laguna era básico no ritual de preparação para conquistar o “coração” de alguma moça do lugar. Hoje os pescadores artesanais não usam chapéu e bengala, pois o ritual de se vestir

³⁷⁵ CAPEL, Horacio. *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. 2 ed. Barcelona/España: Barcanova, 1983.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia, Pequena História Crítica*. São Paulo: Hucitec, 1988.

³⁷⁶ BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix - Editora da USP, 1977. (p.116):

"As palavras concretas e as figuras têm por destino vincular estreitamente a fala poética a um preciso campo de experiências que o texto vai tematizando à proporção que avança. Como se, pela palavra, fosse possível ao poeta (e ao leitor) reconquistar, de repente, a intuição da vida em si mesma. As figuras são procedimentos que visam a significar o processo dialético da existência que sempre desemboca no concreto. Mas elas só assumem pleno sentido quando integradas em um todo semântico que dá a cada uma delas a sua verdade, isto é, a sua conotação."

para os olhos das moças continua sendo o mesmo. Dia de festa, missa, domingo e feriado o rapaz tira a barba para completar o processo secular de anunciar que naquele dia não é para se confrontar com as imprevisões do mar, mas sim, ir enfrentar as imprevistas reações das moças. Tudo já foi tramado pelas velhas bordadeiras que se transmutaram para as Isolinas, Alices, Dodocas,... Elas não fazem os bordados de ponto de cruz na tela e nem a pintura de agulha em sacos, mas, como as outras, continuam bordando as tramas dos namoros que irão terminar levantando mais uma porta aberta com tramela, em uma cozinha onde há de tudo para todos que são das relações de parentesco e das de cumplicidades.

A porta da sala de visita, quando abrem, é só na tarde (no vespertino) do domingo, enquanto que a porta da cozinha é aberta em todos os horários e dias da semana, mesmo quando se encontra fechada esta aberta, já que a tramela nada fecha. A da sala é para os estranhos³⁷⁷, para aqueles que não tem vínculo de cumplicidade e nem de afetividade com a linhagem. Os pescadores afirmam que caso fosse a chegada de um médico, padre,... entraria pela cozinha, mas um parente que não se vê há muitos anos ou um desconhecido é que entraria pela porta da sala. Os estranhos quando raramente aparecem, chegam no domingo no horário da tarde.

O pescador artesanal quando não vai pescar no turno vespertino do domingo fica sentado no degrau da porta da sala de visita ouvindo música. Ele tem um rádio, gravador ou toca disco de vinil (dificilmente um de CD). O fato social de “fechar” a porta da cozinha e abrir a da sala de visita é para anunciar, para si próprio e para a sua extensão, que é a comunidade pesqueira, que é domingo, isto é, dia de não ir pescar. No domingo são outras portas que abrem, mas, no lugar, tem portas abertas: “Fico na porta da sala ouvindo minha musiquinha³⁷⁸”.

No lugar há uma predominância de homens solteiros em relação às mulheres. Por exemplo: numa família de seis filhos temos dois homens solteiros, um casado com uma mulher da ilha e três filhas que casaram com

³⁷⁷ MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

³⁷⁸ Guasca

homens da cidade e deixaram a comunidade. Este registro social sinaliza que há um possível processo de diminuição do contingente populacional do lugar, e os homens afirmam que na praia há mais varões do que mulheres. Este dado justifica o fato de alguns jovens pescadores saírem para a cidade, no final da semana, saem para participar de festividades e freqüentar clubes de dança. Mas o pouco dinheiro e os laços familiares inviabilizam a viagem no final da semana, só conhecemos dois pescadores artesanais que realizam tais passeios noturnos. Este dado social ratifica a permanência da porta da sala de visita aberta no domingo vespertino. Eles estão denunciando o desejo da vinda de alguém, já que abriram a porta para alguém ou para alguma coisa.

Todo esse processo simboliza que o significado da cozinha é o da permanente renovação dos laços culturais de parentesco. As relações de linhagem são comunitárias/individualizadas, da mesma forma e jeito que a cozinha aberta é privativa, mas, a porta da sala denuncia o medo do desconhecido, a prudência e a precaução em relação ao que pode interferir no percurso traçado pelo labirinto do lugar. Neste sentido os santos e as santas dos altares e dos congares são armas poderosas contra o mal que passa adentrar pela porta da sala de visita (se lembra das espadas de Ogum e da proteção da Santa Cruz?). As paredes transcendentais sacralizadas se objetivam no ritual social de se abrir só para estranhos a porta da sala. Ela é a materialização da objetivação subjetiva do singular socializado na cultura comunal do lugar.

As moradias possuem uma cozinha, uma pequena sala e dois quartos, mas quase sempre possuía apenas um. Este aumento de cômodos deu-se em razão do crescimento da família e a casa hoje de madeira coberta com telhas de Brasilit, era anteriormente revestida de macega, simples e frágil como a chamada “casinha” (latrina com um assento de madeira seguido de um buraco para depósito dos dejetos fecais).

Conservam na sala duas ou três cadeiras de madeira ou com palhinha e uma mesa. Na cozinha vamos encontrar a presença da mesa (pois na sala que a porta nunca é aberta, contraria o que evidenciamos na cozinha) onde a panela de ferro (não de barro) foi substituída pela de alumínio e onde o fogareiro a querosene foi trocado pelo atual fogão. A casa do colchão de

sapé, hoje de espuma, primou pela limpeza doméstica, e a bagunça foi referência marcante no quarto do pescador artesanal solteiro.

Os pescadores artesanais possuem muito medo de adquirirem dívida e não poderem pagar, eles condenam o povo da cidade que adquirem dívidas monetárias sem terem condições de saldar. Acreditamos que a competição da realidade social da cidade determina tal postura que sinaliza porque no lugar existem as relações de parentesco e o ato de cuidar e zelar pelo próximo (das relações de linhagem), enquanto que na lógica da cidade permeia a evolução da competição entre as famílias, isto é, quem comprou o carro mais novo e foi passar o verão no litoral potiguar é o que melhor encontra-se instalado na sociabilidade competitiva da cidade: “Acho horrível o povo da cidade que se endividam. Que gastam mais do que podem, querem ter o que não podem ter. Cada um no seu nível”.³⁷⁹

No período entre 1945 e 1948 a maioria das casas possuía como característica arquitetônica o fato de ser divididas em três peças, quarto, sala e cozinha, e neste momento histórico não havia o banheiro que ainda não é presente em todas as casas do lugar. Há a casinha de madeira, construída longe da casa, que tem como vaso sanitário um buraco manualmente cavado na terra. As mulheres ainda tomam banho utilizando uma bacia grande de alumínio e se lavam no quarto ou na cozinha, e os pescadores tomam banho nas águas do mar. Assim, os pescadores artesanais traduzem que o homem tem o simbolismo de que a nudez não é vergonha e nem pecado e ter pênis é possuir poder, como o begue fálico da embarcação protegida pelo guerreiro Ogum. Mas, para a mulher há o simbolismo da vergonha, do pecado e da cultura do mundo da casa ser feminino, e os dos caminhos do labirinto e das águas ser masculino.

Quando chegaram os primeiros portugueses no lugar e no final do Século XIX não havia a casinha e os pescadores artesanais defecavam no meio das vegetações. A casinha já era vista no ano de 1948: “Não existia o banheiro. Tomava-se banho em uma bacia grande de latão. Defecavam nos matos”.³⁸⁰

³⁷⁹ *Isolina*

³⁸⁰ *Biguá*



Foto 33: A Casinha

O recato, a necessidade moral e estética de cobrir a genitália e o corpo inteiro, e a obediência em relação aos homens fez a mulher sinalizar a existência de uma educação familiar conservadora e repressora mais para as moças do que para os varões. O pescador artesanal é livre para andar sem camisa, tomar banho nu publicamente, navegar pelas águas do mar, ir para o armazém do Jorge e caminhar por todo o labirinto. A mulher é livre para

caminhar entre as casas, no interior das mesmas, ir até a Igreja e entrar só na padaria.

As casas portuguesas no início do século passado possuíam a alcova, cujo padrão arquitetônico singularizava-se pela ausência de janela, pois era o quarto virginal. Os pescadores artesanais do lugar são descendentes de portugueses. Mas, quando havia rapaz e moça na casa, o quarto era para o homem e a virgem dormia na sala. Será que este traço cultural simboliza a servidão e submissão do “mundo” feminino em relação ao “mundo” masculino? Lá os caminhos são dos homens e a casa das mulheres, mas vimos que o espaço defasado da casa era dormitório da virgem e o privado do homem. Os caminhos são dos varões não significa que só eles possuem o domínio da leitura do labirinto cartografado pelos seus antepassados e, atualmente, redesenhado por eles, já que, o espaço da casa possui teto mais a porta é das alcoviteiras cozinheiras, costureiras e beatas. É na porta escancarada da cozinha que encontraremos as mulheres que com seus peculiares “modos” femininos olham o labirinto, e possuem controle sobre tudo que aconteceu, acontece ou irá acontecer, mesmo quando se trata dos fatos tipicamente masculinos ocorridos no interior da mercearia de Jorge. Lá na cozinha a panela ferve!

Ela, com sua janela e porta abertas (que nunca são fechadas) durante o dia, é o palco e o cenário para a maioria dos pensamentos/verbalizações do que é, e há, na vida do interior da casa, que abraça o caminho e os terrenos que estão à sua volta. O cérebro, pulmão e coração da morada é a cozinha, nela tudo e todos passam, e ficam, no entra e sai. Registramos que este entra e sai implica na ocorrência de similitudes entre os moradores, e que tal dado geográfico não subtrai a reprodução da contradição em processo, caso contrário estaria negando a interobjetividade/intersubjetividade no trabalho/capital.

Não há uma anulação do que Foucault³⁸¹ denomina de espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas materiais/ideias dos laços de contraprestação e reciprocidade. É alicerçar que a contradição em processo é fruto do período batizado de fordismo, caracterizado pela predominância das atividades industriais, mas o embate genuíno levá-as consigo como condição de sua própria existência em mobilidade heraclítica, que recria o momento do consumismo, das mentes conectadas, da tecnologia pós-biológica, da pós-modernidade³⁸² que não inclui todos os 6 bilhões e 400 milhões de habitantes, porque temos os que não estão no consumo da tecnologia pós-biológica. O entra e sai da cozinha coloca na pauta deste ensaio que a contradição em processo assinada pelo Zenão, Heráclito e Marx é o "mito" que vara e varre todo o labirinto, entendendo-se que a falada pós-

³⁸¹ FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas (uma Arqueologia das Ciências Humanas)*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (p.41):

"Todo o volume do mundo, todas as vizinhanças da conveniência, todos os ecos da emulação, todos os encadeamentos da analogia são suportados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas e de mantê-las a distância. Através desse jogo, o mundo permanece idêntico; as semelhanças continuam a ser o que são e a se assemelharem. O mesmo persiste o mesmo, trancafiado sobre si."

³⁸² HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Editora Loyola, 1989.

MARX, Karl Heinrich. *As crises Econômicas do Capitalismo*. São Paulo: Acadêmica, 1988.

BENKO, G. *Economia, Espaço e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BERMAN, M. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CONNOR, S. *Cultura Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

JAMESON, F. *Espaço e Imagem. Teorias do Pós-Moderno e Outros Ensaio*s. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

modernidade é uma das contradições do nosso momento histórico que só é, e há, enquanto contradição em processo. A objetivação/subjetivação do máximo embate pergunta quem se encontra no comentado mundo pós-moderno (?), e este enigma social coloca que o lugar é uma das linguagens do fundamento primário que se manifesta e expressa enquanto o eterno fogo que só se faz por contrastes, evidenciados no entra e sai da cozinha cuja porta tudo abre e nada fecha.

Na praia as casas possuem, entre outras características culturais, o fato de que a porta da cozinha é a sua entrada. Os filhos, genros, sogros, amigos, vizinhos e outros com os quais preservam relações intersubjetivas/interobjetivas no modo de vida, entram e saem da morada pela porta da cozinha, na qual se faz a comida, se toma café, almoça, lancha, janta, recebe visita, escuta a notícia do rádio, faz fofoca, troca favor e gentileza, briga, brinca, canta, chora, e assim tudo acontece ali. Ela é a copa, sala de visita, cozinha e referência para encontros e desencontros. O nó da casa, e um dos da comunidade, é a cozinha de qualquer moradia, pois é o principal ponto diário e constante de convergência dos moradores, via as relações de parentesco e de reciprocidade entre eles. O nó do lar é o parentesco intrínseco ao confronto trabalho/capital - simbólico/imaginário comunitário.

Existe geograficamente imposta, uma releitura específica do conceito casa porque a porta da cozinha é o que é, na moradia do lugar a porta de saída, que de acordo com o jeito de viver nas localidades de habitação proletária urbana³⁸³ deveria ser a da cozinha, é de entrada para em segundo plano ser de saída. E, ainda é construída sem ficar com a porta da cozinha olhando para o caminho, a frente da casa nem sempre fica na frente. A cozinha, que é a "frente", pode encontrar-se nos fundos ou nos lados da residência, que dependendo da sua posição geográfica, em relação à cozinha, terá uma precisa fachada e, de acordo com o lado direcionado para o caminho, passará a possuir uma outra fachada.

³⁸³ KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



Foto 34: A Frente Azul



Foto 35: A Frente Rosa

A casa, em muitos aglomerados de moradias de parentes, localiza-se entre o caminho coletivo, que liga as casas de uma mesma linhagem, e o caminho da família da residência, que serve de ponte de ligação entre os lares dos membros da mesma árvore genealógica. Tais casas nem sempre têm a porta da cozinha voltada para o trajeto de todos os moradores da praia, e a entrada da cozinha pode ficar olhando para o percurso da família; para o galpão de acondicionamento dos materiais para a pesca; para a cerca, que pode não ter sido colocada visando arredar a casa do caminho. Marcar onde começa e termina a área de registro do trabalho familiar ou as roseiras, para sinalizar o trajeto que une a residência de um, com a moradia de outro, e nos levar para a beira da praia. Colocamos que no lugar o dito quintal fica na frente da cozinha e nas laterais da casa, só que a moradia a qual não tem frente, possui uma “frente” e a porta que quase sempre está fechada, está localizada em uma das laterais da casa dando acesso à uma pequena sala. Sendo tal porta cerrada tida como estando localizada na fachada do lar, cuja frente não tem nenhuma abertura aberta.

A casa tem seu raio de ação até o caminho e os terrenos que lhe envolvem, isto é, o quintal é uma extensão da casa, do caminho e das relações da linguagem singular. O nylon com as roupas coloridas sustentadas por uma taquara, a bomba d'água, a caixa de luz num tronco de árvore e o local que foi ocupado pelas pretéritas videiras, somam-se a uma área coberta com macega vinda de caíco da próxima Ilha dos Cavalos e espraia-se absorvendo todos os terrenos e caminhos próximos ao lar. Assim, as casas são desprovidas do que na cidade chamam de frente da casa, pois cozinha com a porta que quase nunca é trancada, apresenta sua janelinha ornamentada com cortinas feitas de tiras de saco plástico. É na frente da casa (entrada e saída), onde tudo acontece e deixa de acontecer, que se recria a cozinha, a esta cozinha não fica voltada para o caminho fica olhando para o que na cidade chamamos popularmente de quintal, e este não fica para o caminho.

À frente da moradia, construída na reprodução do modo de vida dos praiheiros, é dependente das condições sociais criadas e caracteriza-se como sendo a cozinha. O parentesco e a cumplicidade coletiva faz da "privada" cozinha o recinto da reprodução da sociabilidade comunitária e do

recebimento das raras visitas dos estranhos. As relações sociais peculiares determinaram que a fachada principal, contrariando o cotidiano da cidade, fosse a parede de madeira da porta da cozinha. A identificação desta diferença arquitetônica nos coloca que no lugar existem utilizações peculiares dos compartimentos internos da moradia, e que este dado comunitário verticaliza a cultura ímpar do moradores praieiros, que contraria a opção geográfica do acelerado agito do espaço urbanizado.

Nunca temos como dizer para qual lado fica a porta da cozinha, só quando chegamos na residência de madeira é que sabemos onde fica a sua frente, fachada ou entrada e saída. Tudo caminha vagarosamente para a parede da porta da cozinha, que é sala de visita, de copa, onde se pode consertar rede de pesca, jogar no bicho e se saber algo sobre o que aconteceu, acontece e poderá acontecer no lugar e na "distante" cidade de Rio Grande.

A cozinha, que pode sinalizar a manifestação das atividades e dos acontecimentos domésticos, no terreno de abrangência destes fatos sociais da família é útil para denunciar que a casa só pode ser pensada enquanto relação social da linhagem e da comunidade que objetivam, porque até mesmo quando na aparente subjetividade coletiva, o momento geográfico de que a união deles no interior da cozinha é, de forma conseqüente, a dissolução do individual, do familiar e da linhagem no cerne do coletivo da comunidade praieira, que só é, e há, enquanto indivíduo e parentesco, e as recíprocas são verdadeiras. Todos os homens só se tratam por apelidos e isto simboliza a camaradagem e os laços de cumplicidade no labirinto geográfico apresentado no espírito afetivo, gravemente demonstrado na cozinha, nos encontros pessoais/coletivos do espírito humano, nos quais a objetividade/subjetividade é configurada nos apelidos da existência dos caminhos sem nome, que direcionam o singular para a plural camaradagem da reciprocidade dos trajetos cujo nome é memória enquanto partilha cultural: "O caminho vai para meu irmão. Só passa nós da família"³⁸⁴.

Na cozinha há a mesa grande de madeira e o banco inteiriço, comprido e sem encosto, parecendo com os bancos de conventos. O fogão de

³⁸⁴ *O Branquinho*

alvenaria, para a lenha, e depois o de ferro para a lenha, presente nas casas de quem podia comprá-los na cidade do Rio Grande, são motivos de documentação/afloramento da memória quando se fala do preço do gás de cozinha e da fragilidade dos fogões atuais. Mas, na conversa fica explícito o medo da perda de suas identidades culturais, a interferência social no conteúdo do jeito de viver e a luta pela manutenção, preservação e acondicionamento das características singulares da comunidade praieira e da existência do conceito geográfico lugar, enquanto um dado histórico da evolução do modo de produção vigente. É do processo evolutivo à lei do diálogo apresentada por Zenão.

No ano de 1948 os produtos de limpeza, arroz, açúcar, farinha e outros bens de consumo doméstico que não eram feitos artesanalmente em casa (por exemplo, citamos o pão) eram comprados na cidade. Neste período havia fornos de alvenaria (para lenha) localizados nos fundos da casa, cada família de pescador artesanal tinha seu próprio forno. Mas, depois só restaram dois fornos de alvenaria, que com a casinha estiveram fora da área coberta da moradia, e se dissolviam no meio do labirinto de taquaras. Este conteúdo cultural ratifica o pensamento geográfico de que a casa não se limitava à área de construção de estrutura física provida de um teto. A casa é a extensão de todas as atividades sociais desenvolvidas pelo parentesco, mesmo quando as particularidades culturais se registram fora da porta que se encontra externamente aberta, contrariando a porta do quarto dos homens que sendo voltada para fora e fechada.

Os pescadores artesanais, no ano de 1948, já compravam o pão na cidade, e há cerca de 45 anos que não existem os fornos de alvenaria. No lugar os fornos de alvenaria que eram manuseados por mulheres de pescadores artesanais, e elas pertenciam a duas famílias que tinham melhores poderes aquisitivos, mas não eram atravessadores de pescado.

A divisão de tarefas entre o homem e a mulher permanece ainda pelo sexo e este traço cultural é básico para a ratificação da visita ao conteúdo do conceito geográfica lugar, isto é, no lugar o homem pesca, conserta as redes, faz reparos no barco e na casa. A mulher é dedicada aos afazeres domésticos (cozinhar, lavar, passar, limpar, arrumar, enfeitar e outros), e tem respeitabilidade e afetividade por ser a cozinheira, a doméstica e a desprovida

de uma precisa abstração mental para as diversas pescarias artesanais, o "seu corpo" não é uma arma como o de Gabriela.³⁸⁵ Isto significa que o sexo masculino não só tem a força muscular como saber fazer, e faz, com que a pesca artesanal seja objetiva/subjetiva única fonte de sustento monetário da comunidade. São os Oguns do mar!

No ano de 1907 a mãe e as filhas já se dedicavam a cozinha, o trabalho da cozinha era dividido com as moças, cada uma das filhas ficava responsável por uma semana do mês. O propósito era não sobrecarregar a mãe e passar para as gerações futuras as características ímpares da culinária do lugar. Elas já sabiam, via os vindos da cidade, que a praia tinha essa diferença geográfica: "Eu como era a mais nova nunca tive a minha semana. Eram sete. Sete moças mais a mãe. Oito mulheres. Mamãe fazia parte da lista das semanas, ela reparava as outras³⁸⁶". Não havia um sistema de cooperação só no recriar da pesca artesanal na caverna da embarcação, onde se encontra o patrão-pescador e o proeiro.

A mulher do pescador, mesmo quando não estava na cozinha, encontrava-se vistoriando os serviços domésticos, fazendo-os e olhando e provando o que continha. Essa tradição permanece e é uma das preocupações em se manter a unidade da estrutura familiar, a identificação cultural do lugar, a estrutura física da casa e dos demais bens e é uma prevenção e preparação da casa (com todo o amplo e profundo significado que este conceito possui no lugar) para se receber o visitante, que pode ser o parente, o amigo da vinda aos domingos e nos dias de festa e aquele que é cúmplice das opções geográficas, históricas e antropológicas feitas pelos moradores do lugar. O perfil social deles não só nos remete às bases teóricas, como nos direciona a uma leitura sensível do pensamento sobre a questão capital/trabalho e, verticalmente, a uma visita aos manuscritos econômicos e filosóficos de 1844, ao terceiro manuscrito, pois nas

³⁸⁵ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua (Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil)*. 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 1991. (p.119).

³⁸⁶ Isolina

cooperações estão intrínsecos os rituais de iniciação que constituem parte da natureza orgânica/inorgânica da comunidade praieira.

Nesta fotografia da casa colocamos que é na cozinha que se recebe, se abraça e se realizam as refeições com parentes, companheiros de trabalho (parentes) e amigos e que o cardápio é composto de feijão, arroz, frango na panela e peixe, somando-se ao churrasco dos dias de festa (aniversário, casamento, batizado, primeira comunhão, Natal, Páscoa...) ³⁸⁷.

Os antigos faziam o peixe ensopado e o frito no fogão de alvenaria para comerem e se empanurrarem com os cúmplices e atualmente o ritual é repetido diariamente, só que num fogão alimentado por gás butano. Eles faziam os pães nos apresentados fogões de alvenaria, e possuíam conhecimentos culinários específicos para a relação dos pães com os fogões. Os pescadores artesanais afirmam que os pães antigos eram saborosos e cheirosos, mas, pensam que os “macetes” e a banha de porco é que davam o singular sabor ao pão. Continuamos sendo recebidos com pão e café, já que, preservam os rituais de seus antepassados dos anos de 1907: “O pão era muito bom!” ³⁸⁸.

Mas, atuais pescadores artesanais acreditam que no momento vigente não há a respeitabilidade do acolhimento da visita, do amigo ou do parente, com o mesmo traço cultural que permeava o ritual no ano de 1936 ³⁸⁹.

³⁸⁷ FISCHLER, Claude. *Présentation. Communications*, É.H.E.S.S. Seuil, número 31, 1979.(p.1):

"O homem é um onívoro que se nutre de carne, vegetais e imaginário. A alimentação remete à biologia mas, em toda a evidência, ela não para aí; o simbólico, o onírico, os signos, os mitos, os fantasmas nutrem, eles também e eles concorrem para regular nossa nutrição. No ato alimentar, homem biológico e homem social são estreitamente, misteriosamente, mesclados e intrincados."

³⁸⁸ Candinho

³⁸⁹ Xaim

O fato dos jovens irem à cidade do Rio Grande e olharem socialmente linguagens diferenciadas, em relação ao trato para com o outro parente, visitante ou amigo, faz com que alguns específicos traços pretéritos não tenham a importância tão grave.³⁹⁰

As relações de parentesco e de lealdade no lugar via a disciplina na arte de construir o barco, realizar reparos e consertos, pescar e outros dados culturais faz com que certas relações sociais características do lugar sejam recriadas mesmo que de forma não idêntica às existentes em 1936. No lugar há um ritual de recebimento da visita que, entre variadas questões geográficas, ainda preserva o dado geográfico da porta aberta para os parentes e visitantes cúmplices da identidade social do lugar.

No lugar as portas e janelas estão abertas com tramelas que nada fecham, porque tudo abrem, denunciando como são os rituais de recebimento dos visitantes. O pescador artesanal simples, humilde e camarada traduz o simbolismo das tramelas de cor rosa, verde, azul, amarela,... O visitante é recebido pelas cores vivificadoras das casas e de suas tramelas para depois serem abrigados pelos pescadores artesanais. Os pescadores artesanais registram que no lugar não há ocorrência de inimizade entre eles e nem com os cúmplices visitantes, já que, lá todos são parentes: "Tudo parente. É muito bonito aqui. Por isso aí"³⁹¹.

A casa é aberta. O ritual de recebimento da visita, do parente ou do amigo consiste no oferecimento de um café. Eles forram a mesa de madeira com uma toalha, colocam a água no fogo, mandam comprar o pão na bodega de Jorge (Lembra de Ogum?), trazem o Nescafé para a mesa, logo depois o

³⁹⁰ LINTON, Ralph. *Cultura e Personalidade*. São Paulo: Mestre Jou, 1979. (p.67 e 68):

"Os membros de tal sociedade estão unidos por uma multidão de interesses comuns e por uma forte consciência de afinidade, baseada no conhecimento pessoal e nas relações recíprocas.

...É a transmissão desse núcleo de cultura, de que todos participam inteiramente, que fornece aos membros da sociedade o entendimento mútuo que torna possível à sociedade, como tal, sobreviver às sucessivas renovações de seu pessoal."

³⁹¹ Lindo

leite e a margarina. Chegou o pão e se começa a comer e a se conversar. Falam das pescarias, da saúde, das chuvas e dos ventos, dos parentes, dos amigos e sobre as notícias pretéritas e as vindas da cidade, porque há alguém com uma nova notícia sobre os acontecimentos do Rio Grande, isto é, para os pescadores artesanais os fatos da comunidade do lugar não possui qualquer tipo de relação direta com as notícias sociais do Rio Grande, já que, a cidade é indiferente para com eles. O lugar é de portas abertas, de família reunida nos feriados, nos dias de festa e nos dias úteis, da troca de panelas e de aperitivos pelos caminhos de areia, de todos que se conhecem e tomam conta de todos e de tudo, da lealdade incondicional nas areias do labirinto e nas tocaias armadas pelos ventos de lانسã. Lá é lá e ponto final, a singularidade da universalidade multiforme e reproduzida enquanto eterna contradição em processo.

Eles, contrariando a linguagem social urbana do Rio Grande, não possuem qualquer inibição em explicitar a simplicidade, humildade e assuntos até então privativos das famílias, só tem lugar na mesa quem é cúmplice do modo de vida opinado pelos pescadores artesanais. Chamamos a atenção para registrar que o modo de se receber uma visita é igual ao existente no ano de 1907, quando o lixo já era queimado visando uma maior higienização da comunidade que deveria receber da melhor forma possível os visitantes. Os pescadores afirmam que queimam para evitar a contaminação das águas, o surgimento de ratos e porque as poucas galinhas podem desenterrar os lixos. Eles possuem uma certa preocupação com a higienização do lugar e este processo é símbolo de auto-estima coletiva e de orgulho em dizer que é morador de lá e não de cá. O velho pescador artesanal Quinota disse que esteve na cidade em 1945 para ver uma festa e que pensava que se tratava do final de uma guerra, mas achou o povo nervoso, agitado e impaciente, resolveu que só viria deixar o pescado e pronto. "Eu vejo o fogo no céu. São as luzes deles. Povo doente; tudo agitado. Eu fico aqui!".³⁹²

Os pescadores artesanais possuem em casa uma quantidade significativa de folhas de plantas para chá que são comuns no lugar, eles fazem chá de folhas de laranjeira, marcelas e boldo. São para eles e para os

³⁹² *Bila*

visitantes que precisem da cura de alguma doença por meio dos chás, porque as folhas das laranjeiras servem para gripe, são calmantes, tiram mal estar no corpo e acabam com a dor de cabeça. Dependendo da gravidade do caso oferecem com um comprimido de “Melhoral”, mas tomam e oferece puro, sem açúcar e sem Melhoral. O chá de marcela para diarreia e o de boldo para dor no estômago são os menos utilizados. A farmácia de chás se encontra disponível para os visitantes que já são de casa, pois lá a porta se encontra aberta inclusive para se resolver problemas de saúde.

As famílias afirmam que era, e é, mais barato já comprar o pão feito e que as mulheres que não possuíam os fornos quando podiam compravam o pão na cidade, e registram que o ritual de comprarem o pão na cidade já havia em 1948. Hoje, quando vão deixar o peixe no Mercado das Docas, ou tratar de alguma outra questão na cidade, e possuem tempo disponível já trazem o pão e demais bens de uso doméstico ou para o trabalho artesanal. No momento atual temos mulheres que fazem o pão em casa, só que não é o que predomina, porque o armazém de Jorge, para os homens, e a padaria, para as mulheres, ainda são onde os varões, as moças e as velhas alcoviteiras compram a maioria dos pães que servem às visitas, aos amigos e aos parentes.

O pão na mesa é sinal de conversa farta e da porta, que entendida com as relações de parentesco registra que ao mesmo tempo em que se encontra aberta há um processo social comunitário de vigilância, isto é, os parentes sabem, conhecem e procuram preservar a integridade física e moral da linhagem, das crianças, adolescentes e velhos. Este ritual de socializar a família é estendida aos amigos visitantes, que sendo entendidos como leais a ímpar linguagem comunitária, passam a fazer parte do contrato social simbolizado no labirinto de manutenção e preservação dos valores sociais históricos da família do lugar. Os laços de cumplicidade realizados entre os visitantes e a família fecham a porta do espiral/trança. Este é o único sentido social de olharmos a porta fechada, tendo como pressuposto de que a imagem (do imaginário/simbólico e da conotação oftalmológica), ao provocar alterações físicas/psíquicas no organismo natural (enquanto natureza orgânica/inorgânica do homem) determina emoções, entre elas as afetivas, que vinculam a recriação cultural dos laços de parentesco e de cumplicidade.

Entendendo-se que as imagens são holografias das emoções, que criam novas imagens e reproduzem o ciclo, podemos afirmar que a tradição da tramela que nada fecha e tudo abre é o simbolismo de que na praia quando a porta encontra-se aberta é porque tudo é muito bem vigiado. Estamos falando do labirinto que só os negros do quilombo e os atuais pescadores artesanais conhecem, dominam, fecham e abrem. O labirinto é o próprio lugar que, como tal, é labirinto de tocaia sinalizada por uma tramela e uma porta. Como vou pedir licença em uma casa cuja porta se encontra aberta? Nós não temos nem como bater na porta. Mas, tal dado cultural não significa que seja a casa de “mãe Joana”, ou de “Irene”³⁹³, onde todos mandam, não obedecem e não são punidos.

Do ano de 1936, até os anos atuais, não faz parte da “educação familiar” o espancamento dos filhos por parte dos pais. O exemplo do trabalho na pesca artesanal, no estaleiro manual, na cozinha, no reparo das redes de pesca, no conserto das embarcações, etc., imbricado nas relações de lealdade faz com que o ato de bater no filho seja raro. Só em casos extremos de desrespeito à autoridade dos mais velhos e experientes moradores do lugar. O lugar caracteriza-se pela exemplificação das ações morais e éticas dos pescadores artesanais. Assim, no labirinto do negro fugitivo do açoite não há o esconder-se do fustigamento, porque predomina o processo cultural de fornecer asilo, guarda e abrigo contra a revolta das entidades astrais dos gongares e dos altares (Iansã, Ogum, Nossa Senhora dos Navegantes e outras divindades no “telhado do mundo”). Devido sermos, entre outras questões sociais, desobedientes das ordens divinas humanas/naturais, somos pecadores diante de nós próprios, dos deuses e das deusas.

³⁹³ *"Na casa de Irene*

De noite e de dia

Tem gente que entra

Tem gente que sai..."



Foto 36: O Gongar de Ogum

Como nem sempre diariamente o orixá revolta-se no firmamento imortal, o lugar é do labirinto das relações de parentesco sem espancamento nas crianças e adolescentes e da boa acolhida aos que realizaram um ato de cumplicidade para com a opção geográfica e histórica do lugar.

"Hoje aqui já existe fralda e camiseta"³⁹⁴. Mas nos anos de 1950 se enrolava a criança em um pano, era o cueiro, e depois colocavam um

³⁹⁴ Alice

casaquinho sem manga, que possuía duas fitas cuja função era ajustar o couro no corpo da criança. Só as velhas mulheres de pescadores é que no vai-e-vem da cozinha ainda falam nos couros dos filhos e se referem aos velhos e aos adultos pescadores artesanais como se ainda fossem as crianças que nos momentos de travessuras se escondiam no meio do labirinto. As mulheres que colocavam couros promovem a existência da memória via o diálogo coletivo ocorrido na cozinha. Assim, é no ato de cozinhar que temos a possibilidade de assistir, sem participar, de ímpares memórias do lugar.

No trabalho doméstico encontramos mulheres-gestantes usando um vestido com um modelo feito para o período de gestação. Mas, nos anos de 1960 não havia uma roupa para a gestante. Ela usava um vestido mais largo. Na cozinha é onde ouvimos conversas sobre quem morreu e quem vai nascer porque a novidade é “cozinheira”.

Quando plantavam uvas era na cozinha que se colocavam os bancos, ou cadeiras, em torno da mesa e se tomava vinho. Os pescadores artesanais e as moças tomavam vinho durante as refeições, em horários fora das refeições e nos dias de festas especiais (casamentos, batizados, aniversários, festa da Santa Cruz e outras manifestações culturais). O vinho servia para aquecer e para anunciar a ocorrência de um momento de confraternização e de muita alegria naquela família ou na comunidade. Hoje a presença do vinho ainda se faz presente, mas é um vinho de qualidade inferior e comprado no mercado público da cidade. A cozinha foi o local para se acondicionar e se tomar o vinho, isto é, ela é um dos anúncios da confirmação dos laços de parentesco, relidos cotidianamente no modo de vida representado na conversa “cozinheira e alcoviteira” vigiada pela porta e pela janela escancaradas, que iguais cozinheiras estão disponíveis para qualquer leva e trás. A cozinheira que teima em não fechar a boca, fala de tudo e de todos.

Elas, no ano de 1940, já compravam tecido na cidade e na cozinha pensavam no modelo da roupa. O vestido podia ter sua cor e o seu modelo repetido várias vezes ao mesmo tempo, assim faziam “economia” da peça de tecido comprada. Qualquer sobra já dava uma manga, gola, ou outra parte da roupa. Fora a questão de racionar o tecido fica a inexistência de uma competição feminina em relação ao dado social de uma roupa ser igual a

outra. Acreditamos que não significa que ocorra uma determinação da instância econômica, porque os pescadores artesanais poderiam trazer, ou subtrair, recursos monetários de uma certa despesa comunitária e investirem na compra diferenciada dos tecidos, já que, não era diariamente que se comprava tal bem material de uso doméstico e imediato. Sabe-se que eram poucos e raros os vestidos para festas e os mesmos podiam ser iguais no modelo e na cor. A cozinha reza que lá no lugar a lógica competitiva reinante nas cozinhas, salas e garagens das residências urbanas, entre elas as dos que possuem baixo poder de consumo, não se encontra tão presente. Tudo porque as relações de parentesco, que promovem a recriação geográfica do lugar, inviabilizam a descaracterização desta expressão e manifestação cultural, isto é, da linguagem cozinhada pelas famílias na cozinha, que se apresenta como sendo sala de visita, de copa, de refeições, de conversa fiada, de choro, de sorrisos e de tudo mais que encontra-se relacionado ao labirinto Marambaia.

As relações de parentesco, desenhadas nos caminhos do labirinto, permitiam que as mulheres não promovessem uma competição de beleza feminina (no sentido coloquial da noção de beleza). Elas, nos anos de 1940, usavam roupas iguais e uma cortava o cabelo da outra, e este processo de verticalização nos laços de linhagem ainda são presentes entre as mulheres. Elas procuram conquistar o “coração” dos homens mostrando que são trabalhadoras, isto é, que sabem e podem ajudar nas pescarias, fazem o trabalho doméstico e que vão cuidar da saúde física e mental do pescador. Neste desenrolar geográfico o ato da mulher saber fazer bordados (ponto de cruz, na tela e pintura de agulha em sacos), faz parte do modo cultural de tentativa de adquirir a preferência do pescador artesanal. As moças não só se preocupam com a aparência física e com a imagem sensual e feminina da mulher. Elas querem registrar as suas potencialidades de adquirir informações e conhecimentos para o aprimoramento do aprofundamento das relações de parentesco que justificam, e são, condições para a existência do lugar, que é a permanência histórica deles próprios.

Os bordados eram feitos em pano de saco, o rancho vinha da cidade em sacos de algodão que eram manualmente bordados. O surgimento do saco plástico inviabilizou esse processo, porque entre outros fatores sociais, a

família terá que comprar sacos de algodão – o que torna mais oneroso os gastos com o que é adquirido no mercado da cidade. Hoje são poucas e raras as mulheres que confeccionam bordados artesanais, e a cozinha aberta é ponto de conversa entre as bordadeiras que “cozinham” os namoros, fechando ou abrindo as tramas ou “tramelas”.

As mulheres da cozinha eram nos anos de 1940, e hoje continuam sendo, as próprias costureiras, pois “costuram” roupas, namoros, nascimentos, casamentos e enterros. As relações de parentesco que permeiam o lugar têm as costureiras/cozinheiras como registro básico do jeito de viver: “São quatro costureiras. Minha irmã, minha cunhada, a outra e outra³⁹⁵”.

O vestido era o tipo de roupa obrigatória para as moças dos anos de 1940, porque não usavam calça comprida e apesar de haverem vestidos iguais procuravam manter-se bonitas para os olhos dos pescadores artesanais, que se preocupavam em comprar ternos em Rio Grande. Às vezes um turco, que morava na Ilha e tinha uma lojinha, passava na porta da cozinha oferecendo tecido. Mas, a compra das moças e dos rapazes era feita no comércio da cidade, e o turco de 1940 já não passa, porém as costureiras continuam “costurando” todos e tudo, porque querem tomar ciência sobre o curandeiro, a festa de Iemanjá, o “baiano, cearense, carioca e paraibano” (nunca o potiguar) de pasta que chegou, a embarcação que ficou no velho cais, e assim por diante. Elas são as portas abertas do lugar porque antecipadamente até dizem que sabem do sexo de quem poderá algum dia chegar a nascer. O pescador artesanal vai para o mar e elas imediatamente estão percorrendo o labirinto e comandando os ventos.

³⁹⁵ Alice

“
...

Rodando a minha saia
Eu comando os ventos
Quem vem a minha praia vai ver
A força que se espalha de alguns movimentos
Que eu sei desfazer e refazer

... „396

No ano de 1940, quando chegavam do mar, poucos pescadores artesanais usavam cuecas “samba-canção” e as moças calcinhas pela cintura e com perninhas, e estas eram as roupas de dormir, só que as mulheres ainda vestiam uma camisola e os homens uma camiseta. As roupas íntimas eram feitas em casa com fazendas compradas na cidade, e a mãe, as irmãs e as outras da família eram as costureiras dos cortes que não precisavam muito conhecimento da arte de costurar. Mas, na cozinha se dissolviam com as costureiras abalizadas e “bordavam” a vida de toda a comunidade, e neste momento as roupas íntimas que estavam sendo feitas, passavam de mão em mão. Assim, a roupa íntima do pescador artesanal que não podia ficar sem camisa no interior da casa, e a peça íntima da moça que tinha que usar um vestido que cobria até o pescoço e com manga, passavam pelos olhos de todos que entravam e saíam pela porta do vaivém da cozinha. A intimidade só era íntima de acordo com a “racionalidade” imposta pelo traço cultural cartografado nos caminhos de areia da reciprocidade do parentesco secular. Hoje a cueca não é samba-canção, já que, muitos só usam o calção reproduzindo parte do jeito de viver de 1907, quando o calção era feito só de saco de farinha de trigo vindo das velhas pedras do cais. Mas, as cozinheiras

³⁹⁶ VELOSO, Caetano. *Nossos Momentos. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Nossos Momentos. Rio de Janeiro: Polygram (Produção e Distribuição), 1982.*

continuam a cozinhar e a bordar na cozinha o pão que nem sempre é de todo dia.



Foto 37: A Reciprocidade

As costureiras e suas cúmplices transformavam as peças íntimas guardadas no fundo das malas e das gavetas, sacralizadas pela vergonha de mostrar o corpo despido e pela cultura conservadora que não falava em sexo, em roupas para tudo e todos olharem. O ritual da conversa na cozinha promovia a violação de um possível direito à privacidade presente na intimidade do corpo, e denunciando a contradição com a cultura repressora que não admitia nada relacionado às genitálias masculinas e femininas. O diálogo persiste quando o pescador artesanal toma banho nas águas da praia do lugar, e que várias casas e embarcações estão voltadas para a beira da praia.

Na casa a intimidade se resume ao fato do estranho não ter acesso aos quartos, mas só é estranho àquele que não compartilha das festividades juninas, dos batizados, dos velórios, das procissões com seus andores... e

que não tem medo de olho gordo nem das feitiçarias. No lugar ser cúmplice, leal e afetivo é ser amigo, assim passará a ter acesso até aos bicus da dona de casa, que são bijuterias de latão, com ornamentos de plástico guardadas em potes vazios de margarina. Mas, que para elas são verdadeiras jóias. Os bicus são jóias de Izolina, Alice, Dodoca... guardadas nos móveis privados e íntimos, na gaveta do secular criado-mudo.³⁹⁷

No processo de desdobramento das atividades da casa fica registrado que o trabalho de arrumação da mobília e da decoração é de responsabilidade cultural das mulheres, inclusive o de arrumação das malas dos homens. As malas masculinas e femininas são reservadas para as roupas comuns e só no guarda-roupa de casal é que se guarda roupa de passeio e de festa, por exemplo, para se ir resolver alguma questão específica junto à determinada instituição da cidade, passear pelo Mercado Público e participar de festas familiares e comunitárias na própria praia. Nos últimos anos as malas estão sumindo dos quartos dos rapazes, e dos das poucas moças que possuem aposentos, pois estão substituindo por um roupeiro de solteiro, mas continuam acondicionando as roupas de passeio no quarto de casal.

O fato das moças dormirem no meio da casa (na sala ou na cozinha) e o rapaz ter um quarto individual significa que ao dado geográfico de que os caminhos do labirinto são para os pescadores artesanais e estes possuem a intimidade do quarto, há uma contradição na linguagem devido ao fato de caminharem pelo labirinto e ao de tomarem banho na praia, isto é, eles são os homens dos caminhos da comunidade e dos quartos da intimidade, de uma casa que a porta é aberta. Elas são da cozinha (trabalham e dormem neste recinto) que é o encontro de todos que entram e saem da casa e ao mesmo tempo não são dos caminhos dos passos lentos dos pescadores artesanais. Esta cultura relaciona-se distintamente com a história social urbana onde

³⁹⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p. 91)

“O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses objetos e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade.”

encontramos alcova em casas de origem portuguesa. Os moradores comunitários são descendentes de portugueses, mas a alcova para as donzelas não houve, e nem há, no padrão arquitetônico e cultural da comunidade.

Na casa a mulher virgem, a moça ou a donzela, é chamada de rapariga – contrariando a cultura de outras comunidades pesqueiras onde a palavra “rapariga” significa lingüística/culturalmente prostituta. A conotação em registro nos remete à descendência portuguesa dos pescadores artesanais do lugar.

No ano de 1948, como ainda nos dias atuais, compram os móveis na cidade, e nos anos de 1990 o colchão ainda era de rama de coqueiro e de um tipo de macega daninha chamada de crina, e dividia o quarto de casal com um guarda-roupa de duas portas, espelho em uma das portas e um gavetão na parte inferior logo acima do piso localizado sobre os pés, e compondo o conjunto havia a penteadeira com seu espelho e gaveta. Quase tudo permanece igual pois só raramente há a presença do rádio amador, da televisão e do colchão de espuma que promovem acréscimos aos componentes do cenário de 1948. Eles afirmam que o colchão de crina era melhor do que o de espuma devido durar muito tempo e ser melhor para a coluna, e que somente no ano de 1980 é que surge o colchão de molas, cinco anos depois do fogão a gás, e agora mais recentemente é que surge o colchão de espuma.

O quarto dos rapazes se caracteriza pela existência de camas de solteiro e uma mesinha que, no passado, foi usada para se colocar o lampião, e cada rapaz tem uma mala ou guarda-roupa para a roupa diária porque as melhores acondicionam no guarda-roupa do quarto de casal. Só quando a casa possui mais de um quarto é que tem a moça seu quarto, porque a prioridade é para o varão. As donzelas dormem na sala ou na cozinha porque o único quarto de solteiro é para os homens da família. Mas, caso as moças tivessem um quarto, o mesmo tinha o mobiliário igual ao dos pescadores artesanais.

Assim, o quarto dos homens nos remete a específicos povos primitivos que tinham uma habitação reservada só aos indivíduos do sexo masculino, chamada no plural de casas-dos-homens. O quarto fechado do varão parece

a tacana dos indígenas Tapirapés destinada às danças e outras reuniões dos rapazes. É no quarto que o pescador artesanal medita, canta, devaneia, sonha (os dançarinos imitam a vida), recebe seus parentes e cúmplices do sexo masculino. Esta planície costeira gaúcha foi habitada pelos índios Charruas e perguntamos se eles possuíam as tacanas dos Tapirapés, já que o pescador artesanal do lugar tem o quarto só para os homens. Será que o Negro Lucas tinha sua tacana? a alcova era para as moças e no lugar, sendo descendentes de portugueses, o quarto com porta fechada é do rapaz, porque só entram para arrumarem se o mesmo autorizar, fato este que é bastante raro. Na cidade o rapaz não tem livre acesso à intimidade das gavetas do quarto da moça, mas, no lugar a moça e a mãe têm liberdade de manusear os pertences do quarto do rapaz solteiro e nos guardados do homem casado, enquanto eles não possuem e não querem acesso a nada que pertença as mulheres. Os pescadores artesanais dizem que tudo que elas guardam como relíquias pessoais e comunitárias são lixos que não servem para nada de útil.

Os homens documentam claramente que para o simbólico/imaginário dos varões do mar só é útil o que serve de forma direta, ou indireta, para a objetivação/subjetivação da pesca, da construção da embarcação, do conserto na casa e no bote, isto é, para as atividades desenvolvidas pelos rapazes que se substantificam como sendo construções, obras, peças,... largas, altas e compridas e não desprovidas do pequeno detalhe do lapidado acabamento na pintura, na madeira, no desenho,...No lugar os homens são do trabalho muscular/pesado direcionado para o macro material/ideal simbolizado no estaleiro,no barco,na casa ,na madeira das árvores,...e o trabalho da mulher reduzido simbolicamente ao ambiente fechado e coberto pelo telhado da casa, assim, nada que seja fruto do trabalho dela é material/ideal macro porque, oftalmologicamente falando, sempre cabe dentro da casa e o estaleiro, as madeiras e os barcos não se acondicionam no interior do lar. A mulher da cozinha é a que cozinha as condições objetivas/subjetivas para o macro masculino que a panela da cozinha “visivelmente” não comporta, mas que o delicado pijama feminino domina, pois eles vão para o mar e elas continuam a costurar e a cozinhar.

As moças dormem de pijamas ou de camisões, assim divergindo da vestimenta das donzelas da cidade que se vestem de camisolas. A roupa

sinaliza um certo recato em relação às camisolas atraentes das mulheres da cidade, ao mesmo tempo em que as virgens não possuem quartos e as da cidade dormem em seus quartos e preteritamente em alcovas. Na cidade as camisolas sensuais e eróticas são visadas entre quatro paredes, a moça tem o direito de demonstrar a sua necessidade de sentir-se atraente sexualmente no interior do quarto. A moça do lugar tem que se vestir de jeito não tão atraente e dormir na sala ou na cozinha, mas, mesmo que tivesse um quarto individual dormiria com a vestimenta. Assim, há uma contradição porque a vestida recatadamente não tem a liberdade de caminhar pelo labirinto e a da cidade pode livremente passear pelas ruas, avenidas e becos, ainda tendo um quarto privativo.

Nos anos de 1940 os homens não ficavam sem camisa no interior da casa ou nos recintos de uso comunitário, mas atualmente o pescador artesanal já fica sem camisa dentro da casa e nos convívios coletivos. Ele não podia ficar sem camisa, mas lhe permitiam, e continuam culturalmente autorizando, a tomar banho nas águas da praia, o morador do lugar teve a nudez masculina como símbolo de virilidade e de poder e a feminina como falta de vergonha e de respeito para com os demais parentes e amigos do lugar, eles reproduzem o mito, católico apostólico romano, da mulher fruto das costelas de Adão e promotora do atentado sexual a virilidade masculina.

O fato histórico das moças receberem influências das que moram na cidade, faz com que qualquer roupa (por exemplo, citamos um simples vestido recatado) já seja motivo de que na cozinha haja comentários por parte das beatas, das velhas e das senhoras com seus 60 anos: “Hoje a gente vê mocinhas bem dizer nuas”.³⁹⁸

Os presentes dos parentes e dos amigos, depois de passarem pelas mãos e olhos das cozinheiras, bordadeiras e alcoviteiras, são guardados com carinho devido entenderem que tais bens materiais, enquanto meios comunitários de substantificação do afloramento da memória como noção de projeção do espírito para fora de si, e entendido como ser histórico, são

³⁹⁸ *Isolina.*

registros históricos-culturais³⁹⁹ das relações de linhagem que viabiliza a reprodução social da comunidade e justifica a resistência e a permanência do modo de vida, que só é, e há, enquanto lugar. O ato de dar e receber presente, e outro bem com diverso simbólico/imaginário, é a ratificação das relações de parentesco. Todas as contraprestações comuns são da objetivação da prática da pesca artesanal, do embate trabalho/capital, e da subjetividade/objetividade da reciprocidade emotiva e afetiva imbricada nos laços de parentesco e de trabalho artesanal no mar e na cozinha.

Os pescadores artesanais passam para os filhos, netos e bisnetos a importância do ato de acondicionar de forma preventiva os bens que lhes são caros, porque são resultados e condições para a reprodução da linguagem peculiar do lugar e das relações de parentesco. Os bens estão exemplificados nos “bicuinis”, perfumes, talcos, desodorantes,... do camiseiro (cômoda). Eles cuidam dos seus guardados do “jeito de viver” porque lhes são caros monetariamente e traduzem uma relação de afeto e de reciprocidade. O talco é a materialização sensível de uma relação social que não é mediada pela contradição capital/trabalho, mas, por este diálogo que se espraia e é imbricado na subjetividade comunitária (intersubjetiva) que só pode ser entendida enquanto modo peculiar de sua linguagem e de sua objetivação⁴⁰⁰: “Um presente que a gente ganha guarda com carinho.

³⁹⁹ REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 155, 178).

⁴⁰⁰ MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p.172 e 174).

MONDIN, Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980. (p.140).

HERSKOVITS, J. Melville. *Antropologia Cultural II*. SÃO Paulo: Mestre Jou, 1964. (p.476).

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 114-115).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética, a idéia e o ideal. Estética, o belo artístico ou ideal*. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 297).

Perfume, talco, desodorante não deixam rolando. Os netos tiram e colocam onde encontram.”⁴⁰¹

Os guardados, fonte de preservação e condição para a recriação da memória, é parte da dimensão cultural impar dos pescadores artesanais que através do diálogo memória recriam seus antepassados, seus orixás, suas práticas pesqueiras e a própria comunidade do lugar. Isto quer dizer que há na intimidade do indivíduo uma dimensão social/natural e um guardado no interior do modo de vida comum e pessoal. Há uma tramela que fecha/abre e uma gaveta fechada/aberta porque o guardado é algo a ser entendido e apresentado particularmente ao plural como um bem íntimo do indivíduo pescador artesanal, para que seja conteúdo da realidade única da comunidade praieira. O guardado é pessoal e é infra-estrutura e superestrutura para a ocorrência de um guardado coletivo que é oriundo da personalidade diferenciada documentada nas opções únicas da expressão individual do pescador artesanal: “roupa de passeio não gosto que ninguém pegue. A minha roupa de banho não gosto que ninguém lave. Faz de conta que aqui é uma porta. Faz de conta que é uma gaveta. Aqui tem outra gaveta. Pra mim é assim. Faz de conta. Não gosto que ninguém coloque a mão nos bicusins.”⁴⁰²

REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1994. (p. 178).

⁴⁰¹ Paula.

⁴⁰² Dondoca.



Foto 38: Os Bicuins

Os bicuins são as estatuetas, santinhos, enfeites, etc., que colocados em cima do camiseiro (cômoda) ou guardados nas gavetas e são, muitas vezes, presentes e recordações de parentes, amigos e de momentos pessoalmente caros para a família e para a comunidade. Os bicuins sacralizados sacralizam os parentes, amigos, momentos e criam o fortalecimento dos laços de linhagem, cumplicidade e promovem uma interpretação vertical do caráter do conteúdo do conceito intimidade para a comunidade do lugar, isto é, os bicuins fazem parte da dimensão íntima do jeito de viver comunitário dos pescadores. (Aqui encontramos a contradição).

No lugar o íntimo é comum, quando substantificado nos biquins do camiseiro que se encontra no quarto de casal sem porta.

O que os moradores do lugar, enquanto natureza orgânica/inorgânica deles próprios e dos outros seres materiais e imateriais,⁴⁰³ entendem como sendo caros de forma afetiva, sacralizam no nível emotivo e imbricam de momentos únicos da memória do lugar, são num processo individual, no conjunto plural da singular comunidade, acondicionados intimamente em caixinhas, gavetas de roupeiros e em recipientes pequenos e fechados. São como conchas que abraçam e protegem os seres e criaturas do mar, do bem e do mal: “O que eu quero bem guardo em caixinhas. É uma vasilha de goiabada Olé. Nela eu guardo minhas bijuterias.”⁴⁰⁴

São nas miniaturas, nos detalhes e nos pequenos recipientes que acondicionamos o bem e o mal querer, e tais particularidades guardam a grande dimensão íntima, privada e individual do ser, que sendo indivíduo trás consigo a grande dimensão íntima do coletivo, comunitário e compartilhado laços de parentesco. A miniatura da vasilha de goiabada Olé, justamente por ser o que é, documenta a maiúscula angústia humana que é o medo/coragem da perda/encontro de sua humanidade porque não sabe das respostas para as causas primeiras e tem receio da perda/encontro do bem e do mal querer posto que um é o outro, pois é o próprio ser humano que quer e rejeita o próximo quando quer e rejeita a si mesmo. O outro é ele refletido na face do “parente” de seu modo de vida, que se encontra simbolicamente acondicionado na miniatura da vasilha de goiabada Olé como uma mãe que guarda no eterno ventre todas as felicidades/infelicidades da humanidade cuja natureza social/natural antecede a vida uterina.

Esses bens materiais são dotados de valor não pela séria relação capital e trabalho roubado. O valor das bijuterias não chega à quantia

⁴⁰³ CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia (Dos Pré-Socráticos a Aristóteles). Volume I*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p.68):

“Não julguemos, porém, que a multiplicidade móvel e a oposição dos contrários sejam uma dispersão sem fundo. O vulgo, o senso comum são incapazes de compreender que sob a multiplicidade em conflito está a unidade. Tudo é Um, eis a verdade profunda do mundo.”

⁴⁰⁴ Isolina

monetária de R\$ 10,00 (dez reais). A valoração social há porque as bijuterias fazem parte da construção geográfica de uma peculiar cultura, oriunda e intrínseca, na troca de contraprestação, favores, ligamentos de segredos do parentesco, afetos e cumplicidades compartilhadas nas intrigas, nas fofocas e nas beatas alcoviteiras dos quartos e de todo o modo de vida do lugar.

Os quartos, o do rapaz e o do casal, são íntimos no sentido que nos remetem ao dado cultural de que mesmo estando desarrumados, ou arrumados, são de acesso privativo aos das relações de parentesco e de cumplicidade. Não há uma preocupação em se arrumar a casa para se receber um parente ou amigo, eles podem entrar porque a porta principal (localizada na cozinha) é aberta. Eles não podem ser reduzidos há uma relação social de um homem fragmentado pela conotação economicista da contradição capital/trabalho. Os pescadores artesanais devem ser estudados com o propósito de se refletir o conteúdo do modo de vida, como sendo homens inteiros, substantificados na mobilidade de Heráclito e na natureza documentada no terceiro manuscrito de Marx. Esta é a opção investigativa para se observar que o pescador artesanal apresenta o quarto como algo “neutro”, pois afirma que o recinto é só para os que fazem parte da linhagem e das amizades.



Foto 39: O Quarto

Neutro significa que se encontra fora, afastado, separado e inacessível aos que não são cúmplices ou não fazem parte do lugar, cujo modo de vida tem como característica as relações de afetividade nas relações de produção artesanal das pescarias e nos traços geográficos do labirinto e da casa que recriam singularidades comunitárias presentes no infinito diálogo entre a intersubjetividade/interobjetividade do homem que quando não é mito é exemplificação da contradição em processo.

Ele é um mito justamente quando não o é, e a recíproca é verdadeira. Para muitos é idealismo atribuir mobilidade profunda e superficial para tudo, isto é, para o nada e para coisa nenhuma, o "neutro" : "Os quartos são neutros, os da família podem entrar, os da casa. O quarto é uma coisa neutra, só familiar. A gente não esconde nada de ninguém. Os amigos e os parentes podem ir para o quarto."⁴⁰⁵

O rapaz fica fechado no quarto. O pescador artesanal diz que não se encontra presente para ninguém. O pensamento sobre sexo, dinheiro, família, santos, santas, orixás, e outras questões sociais faz deste recinto um símbolo de intimidade (de mergulhar nas questões primeiras que se referem à vida da espécie animal humana na terra). O quarto é para dormir, fazer sexo ou amor e basicamente para a meditação. São nos quartos que guardam o dinheiro, a roupa nova, o sapato e o álbum de família, e as roupas de passeio e o álbum de família ficam no guarda-roupa do quarto de casal. As fotos com os parentes e amigos viabilizam no relacionamento social uma amostra de preocupação comunitária de preservação (via a conservação e acondicionamento das fotos) dos componentes que constituem o palco, o cenário e as personagens que se recriaram no espaço cênico e são relidas através dos atuais moradores do lugar que reproduzem secularmente o específico traço de linguagem. Sempre demonstram que a preservação do labirinto documentado na transubjetividade⁴⁰⁶ do fato de ser um desenho da objetividade como sociabilidade no modo de vida, deve ser conservado e acondicionado, enquanto imagem igual às fotos. Pois há um vertical diálogo entre as imagens fotografadas e o riscado do labirinto, pois ambos se alimentam mutuamente como memória que substancia a permanência da cultura, que escrita como uma poesia de autoria coletiva, se espalha e se faz

⁴⁰⁵ Quinota.

⁴⁰⁶ GUARESCHI, Pedrinho A . JOVCHELOVITCH, Sandra. (Organizadores). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994. (p.82):

"O mundo do tudo é possível é um mundo que descarta a intersubjetividade como critério fundamental da vida humana e propõe a solidão disfarçada do cada um diz e faz o que quer como alternativa aos ecos do autoritarismo, que por sinal também desconhece fronteiras."

pensar como fotografias em álbuns antigos, que trazem a retomada da peculiaridade comunitária, através do registro de sua importância social como sendo constituinte das peças do palco, do cenário e do espaço cênico, que só há enquanto conceito lugar.

Os álbuns antigos são portas abertas ao afloramento do eterno diálogo que é base acadêmica para o conceito memória⁴⁰⁷. No cerne do debate as tramelas das casas abertas se fundem nas típicas portas escancaradas do modo de vida dos pescadores artesanais do lugar, documentados nos velhos álbuns de família acondicionados nos quartos humildes, simples e varridos pelos ventos de Iansã e protegido pelas espadas de Ogum.

Lembrando-se que ambos Orixás são nas conversas pertinentes aos documentos geográficos fotografados e guardados nas "gavetas" da memória imaginária/material⁴⁰⁸ da casa, cujos cerimoniais domésticos tradicionalmente encontram a casa aberta para os caminhos, isto é, as gavetas não precisam serem abertas.⁴⁰⁹

Nas fotos antigas se faz presente o registro das relações de parentesco, contraprestação, cumplicidade e de afetividade e, entre várias questões de caráter cultural, entendem que a fotografia do namoro, que esteja

⁴⁰⁷ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 2:3-13, 1989. (p. 10).*

GOFF. Jacques Le. *História e Memória. (4ed.) Campinas/SP:UNICAMP, 1996. (P. 424 e 476).*

⁴⁰⁸ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: SP : Martins Fontes, 1998. (p.151):*
"Pra quem vive realmente as evoluções da imaginação material, não existe sentido figurado; todos os sentidos figurados guardam um certo peso de sensibilidade, uma certa matéria sensível. O ponto é determinar essa matéria sensível persistente."

⁴⁰⁹ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua (Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil). 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 1991. (p.68):*

"..., enquanto todos os cerimoniais domésticos tradicionais - nascimentos, batismos, aniversários, casamentos e funerais - fazem o movimento inverso: abrem a casa para a rua,..."

presente no velho álbum de família ou viva e ativa no interior da reprodução social do modo de vida, é de muita importância para a preservação das relações familiares que são oriundas do ritual de iniciação do período do namoro. O ato de namorar é base de conversa, preocupações e esperanças no cerne das relações de parentesco e das fofocas das velhas beatas alcoviteiras, das costureiras e das cozinheiras. O namoro significa o início da construção de mais uma casa com as portas abertas, já que, as moradias novas quando possuem cercas, se encontram com as suas portas escancaradas. No lugar, como todos se conhecem, por apelidos e as mulheres se reúnem na padaria, na igreja e nas cozinhas para colocarem em “trabalho de atualização” o que há de mais recente na comunidade, elas se juntam para fofocarem sobre todos e tudo. Assim, no lugar não tem como haver um namoro escondido. As relações de linhagem através da conversa nas cozinhas colocam a relação de iniciação afetiva e sexual na mais urgente novidade do dia. A iniciação do afeto sexual começa e termina na porta da cozinha aberta, no álbum de família guardado e nas gavetas sacralizadas.

A questão da sacralização é apresentada de forma positivista como uma valoração cultural de precisa época, objeto, coisa, algo e imagem em relação a outra época, objeto, coisa, algo e imagem, há um sentimento de pertencimento em relação a determinada expressão cultural em comparação às mesmas variáveis na simultaneidade, ou no distanciamento temporal/espacial, desdobrado no modo de vida do lugar. O conceito temporal entendido enquanto ordem cronológica crescente numericamente dos fatos que se produziram socialmente no cerne do perfil cultural ímpar da comunidade praieira. O pescador artesanal tem uma interpretação e um conhecimento retilíneo, uniforme e cartesiano em valoração sacralizadora de bens: “A minha mala era sagrada. As pessoas pensavam da mesma forma. A mala era um lugar sagrado.”⁴¹⁰

O pescador artesanal não só possui uma compreensão popular e coloquial do conceito lugar (por exemplo: a cadeira é um lugar), como reza que há épocas, coisas, algo, objetos e imagens que para a recriação da etnologia da comunidade são e precisa ser pensada e manuseada com mais

⁴¹⁰ Mica

carinho, respeito, honra e medo, já que os orixás são sacralizados, temidos e adorados. As malas, enquanto bens materiais, são sacralizadas, elas são pensadas e manuseadas com carinho e respeito e os orixás são com honrarias e medos. No lugar existem sacralizações manifestadas e expressas de forma e maneira diferenciadas.⁴¹¹

O compartimento da casa que menos se teve acesso foi o quarto de casal. Este dado social está muito relacionado à questão de se evitar falar que na casa se faz relação sexual e há uma imbricação direta com a questão da referência aos mais velhos. O velho Quinota é a própria respeitabilidade para com a experiência do saber fazer, e fazer muito bem feito (ele é positivamente o testemunho do passado, o resultado do presente e condição para o futuro do tempo lento/cíclico que é passado, presente e o dito futuro).

⁴¹¹ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano (A Essência das Religiões)*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (p.17):

"A partir da mais elementar hierofania - por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore - e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramos-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de ordem diferente - de uma realidade que não pertence ao nosso mundo - em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural - profano."

O velho pescador Quinota, conhecedor dos mistérios das águas marítimas e dos ventos minuanos que varrem o labirinto é confiança, segurança e porto seguro para os habitantes do lugar, pois se trata de um sábio⁴¹² e não de um intelectual⁴¹³.

Nas poucas casas maiores além do quarto de casal havia o dos rapazes e o das moças. Ambos separados, porém, os pescadores não podiam entrar no quarto das moças, mas elas entravam no dos rapazes e faziam a arrumação. O pescador não podia ver o dormitório das moças, ela podia vê-lo tomar banho na praia e fazer a cueca dos homens. A cultura sinaliza que o homem não tem controle sobre seus instintos sexuais e as mulheres devem se proteger dele e cuidar da saúde, casa, comida e roupa para o mesmo. Assim, quando o pescador artesanal tudo pode, inclusive ficar nu na praia, ele imediatamente nada pode, já que não deve nem olhar para o quarto das moças. É a virgem que é secreta, sacralizada, escondida e coberta enquanto fonte de alimentação do desejo sexual do homem e é o caminho para o “pecado”, ninguém falava em ato sexual. O tabu da Virgem Maria que teve o filho na santa cruz (Igreja da Santa Cruz) é infinitamente repetido na cultura da recriação da divisão interna da casa, que só pode ser apresentada

⁴¹² TERRAY, Emmanuel. *O Marxismo Diante das Sociedades Primitivas*. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1979. (p.123):

"Entre os diferentes elementos cuja reunião constitui o conjunto das condições da produção, há um só cujo controle pertence imediatamente, e em certo sentido, naturalmente, aos mais velhos: trata-se dosaber, da soma de conhecimentos técnicos necessários para a produção."

⁴¹³ GOFF. Jacques Le. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro/RJ: Edições 70.(p.205):

"Há depois as mentalidades, que mudam lentamente. As mentalidades representam aquela alma coletiva de que fala M. Dupront; as mentalidades alimentam o mundo das ideias, mas por sua vez aprofundam as suas raízes num mundo de profundidade que não tem a agilidade, os instrumentos mentais dos ambientes intelectuais especializados que estão informados, abertos às mudanças."

através de uma historicidade das relações sociais que se desdobraram, e se desdobram, no interior da moradia, pois a casa só é casa quando o conteúdo do seu entendimento comunitário de casa é explicitado. Todo e qualquer conceito é construído e tem o seu traço etnológico como um dado social espacializado geograficamente e que lhe fornece um significado histórico (Inicia-se o ciclo). A casa das velhas bordadeiras é de casal de namorado que não podia ficar só na cozinha. Sempre havia uma costureira, irmão ou irmã para ficar fazendo vigília. Na casa da tramela que tudo escancara tinha, e tem, o olhar vigilante e falam das velhas que nada enxergam e tudo observam e vivem a divulgar pela cozinhas escondidas no labirinto.

Nos caminhos do labirinto da vida os pescadores artesanais iniciavam suas relações sexuais com as prostitutas da cidade ou só depois do casamento, e hoje procuram as mulheres das casas noturnas que ficam perto do mercado das docas. Eles conversam entre si sobre as experiências sexuais e as moças só realizam o ato sexual quando casadas, no contrário se casar vai ser no término da missa. O vazamento de qualquer informação ou novidade já é o suficiente para as velha e as costureiras, somadas às beatas, promoverem o vaivém entre uma cozinha e outra.

Elas são a continuação da memória da cozinha e do próprio conceito de casa na cultura do lugar: “Ninguém falava de sexo. Nem pai, nem mãe, nem irmãs, nem irmãos. As amigas é que falavam de sexo. Eu menstruei e não disse nada para minha mãe. Eu tinha medo e vergonha. Eu conversei com as minhas amigas. As espertinhas abriam os olhos das outras.”⁴¹⁴

A falta de diálogo não significava a falta de conhecimento, que não é sinônimo de sabedoria.

As cozinheiras, lavadeiras, costureiras e velhas beatas das casas, de tramas e tramelas na cozinha, sabiam “bordar” casamentos e conheciam a arte das parteiras.⁴¹⁵

Elas eram leigas e uma possuía uma horta e a outra trabalhava como costureira, sabe-se que eram analfabetas (se sabiam ler era muitíssimo pouco). Estas parteiras leigas somavam-se às costureiras, lavadeiras, cozinheiras e velhas beatas na manutenção do haver e do ser da cozinha. Nos anos de 1965 é que as parturientes procuraram os hospitais da cidade. Rezam nas cozinhas que nunca morreu uma parturiente ou uma criança nas mãos das duas parteiras analfabetas que constituíam na comunidade o conversar e o significado e a importância da cozinha enquanto valor cultural para a leitura correta do singular conceito de casa no lugar, cujas parteiras acompanham seus “filhos” até o dia em que a cozinha literalmente lhe feche a porta, caso contrário, os adolescentes, os rapazes adultos e os maduros senhores de família continuam sendo “apanhados” pelas mãos e pelas línguas das velhas parteiras.

Os pescadores artesanais não fazem muito comentário sobre a iniciação afetiva e sexual dos rapazes, eles levam para a sintonia da

⁴¹⁵ RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Memória do Concreto: Vozes na Construção de Itaipu*. São Paulo: PUCSP, 1999. Mestrado em História Natural [Dissertação]. (p.121):

"Nas casas, podia-se notar toda uma rede de sociabilidade. Cada casa tinha em torno de 20 a 26 mulheres, que ali trabalhavam e moravam. Neste espaço privado, as mulheres estabeleciam códigos de convivência entre elas, como mecanismos de ajuda mútua. Sobre como tratar do corpo: ficavam grávidas e procuravam o auxílio da parteira e este saber informal de como tratar do corpo as mulheres idosas conhecem tão bem, pois são preservados através da oralidade."

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999. (p.114):

"A comunidade familiar desempenha um papel central em todas as sociedades tradicionais. ...O sistema de auxílio mútuo como prova de hospitalidade mútua, de doações e de contra-doações mostra-se então bastante eficaz."

brincadeira. Logo voltam a conversar sobre as pescarias, o conserto em embarcações, problemas de saúde entre os companheiros e jogam conversa fora. O ponto interessante é que a questão do namoro encontra-se relacionada ao desdobrar-se do modo de vida, na cozinha da casa. A cozinha é o recinto onde os parentes e os amigos conversam, entram e saem a qualquer hora do dia ou da noite. A porta aberta demonstra claramente o aprofundamento das relações de linhagem, e o namoro sinaliza a hereditariedade do parentesco, isto é, a existência e a resistência do lugar, sempre substantificado o peculiar modo de vida.

Os pescadores artesanais entendem que no modo de vida a data de todas as suas variáveis culturais, entre elas o namoro, é fruto da “natureza”⁴¹⁶. Nesse momento, eles colocam que a natureza seria a história do mundo e do próprio homem, isto é, a história da evolução do planeta terra e da espécie animal humana terrestre como acontecimentos simultâneos e responsáveis pelo traço cultural do lugar: "Acho importante o período do namoro. Não sei. Acho que é coisa da natureza. Se conhecer melhor, adquirir confiança. Coisa do princípio do mundo. Da idade. Adolescência."⁴¹⁷

A explicação nos direciona para o conteúdo etnológico do conceito cultura, já que nos remete à linguagem utilizada pela comunidade praieira deste à sua gênese, enquanto uma particularidade social da contraditória e conflituosa evolução da sociedade representada pela categoria máxima do pensamento de Marx. O lugar é um momento histórico ímpar da reprodução comunitária do ser humano enquanto natureza, cuja natureza exteriorizada é a interiorização profunda do ser em si próprio. Somos natureza sendo a categoria modo de produção. É socialmente natural, ratifico, “coisa do princípio do mundo”. Este diálogo é que vai promover a fechadura da tramela que tudo fecha e nada abre, isto é, as tramelas promovem a sacralização das coisas, seres e objetos. As portas abertas nos remetem ao seu extremo oposto, o íntimo, privado e sacralizado através das relações de parentesco

⁴¹⁶ RICOEUR, P. et al. *As Culturas e o Tempo. Estudos reunidos pela UNESCO. Petrópolis/RJ: Vozes, 1975.*(267, 268, 281 e 282).

⁴¹⁷ Isolina

que se expressam no ato de “melhor conhecer, conhecer melhor e adquirir confiança”, isto é, cumplicidade no modo de vida desenhado no labirinto.

Quando o velho pescador artesanal fala que a comunidade não esconde nada, afirma o contrário porque toda negação trás consigo o seu extremo oposto (“Tudo tem haver com tudo”). O fato dos lugares íntimos estarem expostos, pelas portas e janelas abertas simboliza que há um modo de vida que mesmo abertas estão fechadas para os estranhos e para os que não estão inseridos em relações sociais de cumplicidade, isto é, o pescador artesanal tem que confiar e acreditar verticalmente nos seus pensamentos, palavras e ações desdobradas no interior do modo de vida, no conteúdo do conceito, caso contrário, não tem como entrar e nem como sair do lento/cíclico labirinto dos carros-de-mão, que é resultado e condição para o teor do conceito lugar.



Foto 40: O Tempo Lento/Cíclico

CAPÍTULO IV

O ESTALEIRO



Foto 41: O Estaleiro



Foto 42: O Estaleiro

Na Marambaia houve instalação de estaleiro para reparos e construções com muita arte, habilidade, solidez e acabamento perfeito. Isto significa se o homem falar que é carpinteiro da Marambaia é sinal de que se trata de um representante de uma tradição secular de trabalho impecável. Este traço da cultura dos artesões é um dos motivos sociais de todas as praias ratificarem a tradicional arte dos carpinteiros zelosos do lugar. O baixo padrão tecnológico é recriado enquanto diálogo, que faz constituição e serve de base, para a grande contradição em processo alicerçar para a criação, extração, apropriação e circulação do trabalho roubado no modo capitalista de produção, que há através do parentesco e da técnica de construção do tempo lento/cíclico substantificado no embate imaginário/simbólico - trabalho/capital.

Os carpinteiros, conhecidos por apelidos (Ex.: Bolinha e Miltinho), são pescadores e, só um deles se dedica exclusivamente ao trabalho desenvolvido artesanalmente no estaleiro. No ano de 1945 não era este o perfil econômico dos carpinteiros, pois teve quem se dedicasse exclusivamente a carpintaria. Mas, que no caso atual o trabalho no estaleiro é prioritário em relação ao desenvolvido nas pescarias, afirmamos que o tempo destinado à arte de pescar artesanalmente é muito pequeno em relação ao período de consertos e construções de embarcações no estaleiro.

O carpinteiro chega a passar meses sem ir pescar quando se encontra construindo uma embarcação. Este dado social nos leva a pensar na existência de um complemento de seus rendimentos negativos e não na acumulação de um capital reprodutor do processo de trabalho da existência do próprio carpinteiro e do estaleiro enquanto fonte de rendimentos oriundos de algum processo particular de extração e apropriação de trabalho alheio, já que, os carpinteiros se reproduzem culturalmente no mesmo nível das suas condições subjetivas/objetivas no ímpar modo de vida.

Nas antigas embarcações que possuíam traquete, foquinho e mesena a primeira opção de navegação era o traquete, depois o traquete e foquinho e, finalmente, o traquete, foquinho e mesena. Eles só utilizavam os três panos para viagens longas, exemplo: para o Arroio São Gonçalo (Pelotas). Segundo os velhos pescadores, deixaram de usar a mesena porque a mesma “estrovava”, engalhava-se nos demais panos. O processo de desaparecimento da mesena como meio do aumento da velocidade da

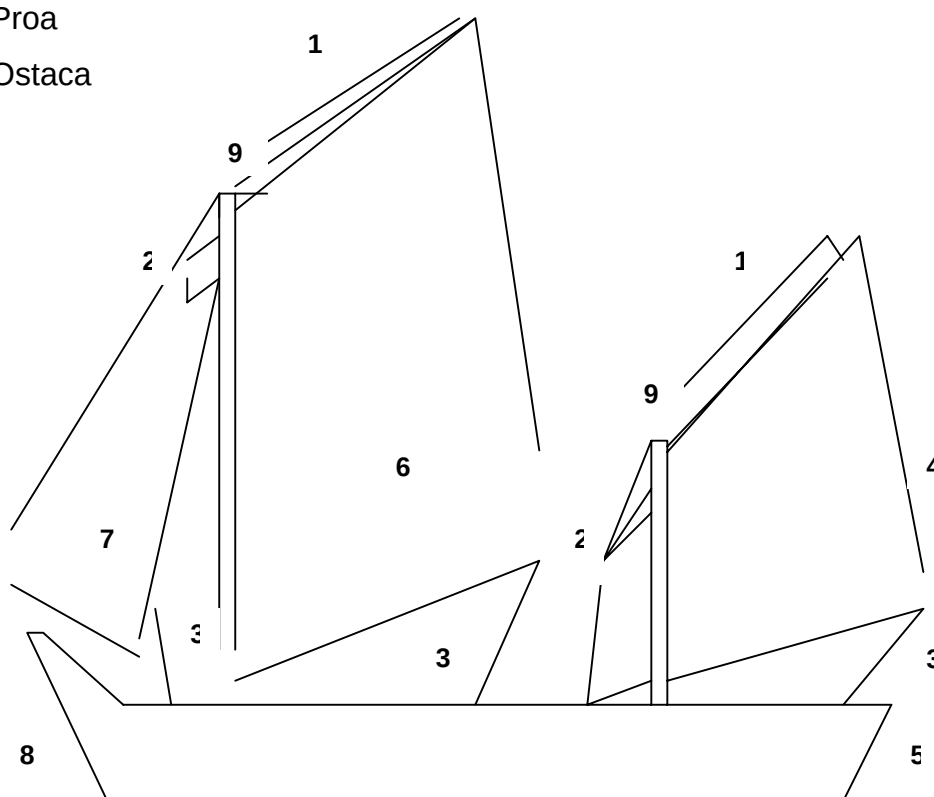
embarcação deslizando sobre a lâmina d'água foi viabilizado com o surgimento do motor nos botes.

A embarcação que foi extinta no ano de 1960 possuía três panos chamados de mesena, traquete e forquim, e nela a corda ostaca só era vista na mesena e no traquete, porque estes panos tinham mastros. O pano forquim não era provido de mastro e nem de verga, e era içado por uma corda que se localizava na extremidade do mastro do traquete. Ela tinha o mesmo sentido da ostaca. O banco do pano traquete situava-se na proa e a corda escota servia para o prender na lateral do barco, e o traquete era desprovido de uma retranca, de um pau na horizontal (mastro deitado cruzando o outro semelhante que se encontra de pé).

A singularidade tecnológica da embarcação com três panos resultou no barco atual, que possui o traquete idêntico ao que dividia as cavernas com a mesena e o forquim. Os marceneiros e os pescadores tiraram a mesena e o forquim, porque com a ação eólica era fácil a embarcação sofrer um empanamento (um pano joga-se sobre o outro) e passar pelo sério risco de naufragar. A substituição dos dois panos pelo motor é para evitar o processo de empanamento, já que, a inexistência dos panos que compartilhavam a caverna com o traquete coincide com a inserção do motor na popa do bote.

Desenho de Candinho 1: A Embarcação de 1960

- 1-Verga
- 2-Mastro
- 3-Escota
- 4-Mesena
- 5-Popa
- 6-Traquete
- 7-Forquim
- 8-Proa
- 9-Ostaca



Desenho de Candinho 2: A Embarcação de 2003

1-Traquete

2-Verga

3-Ostaca

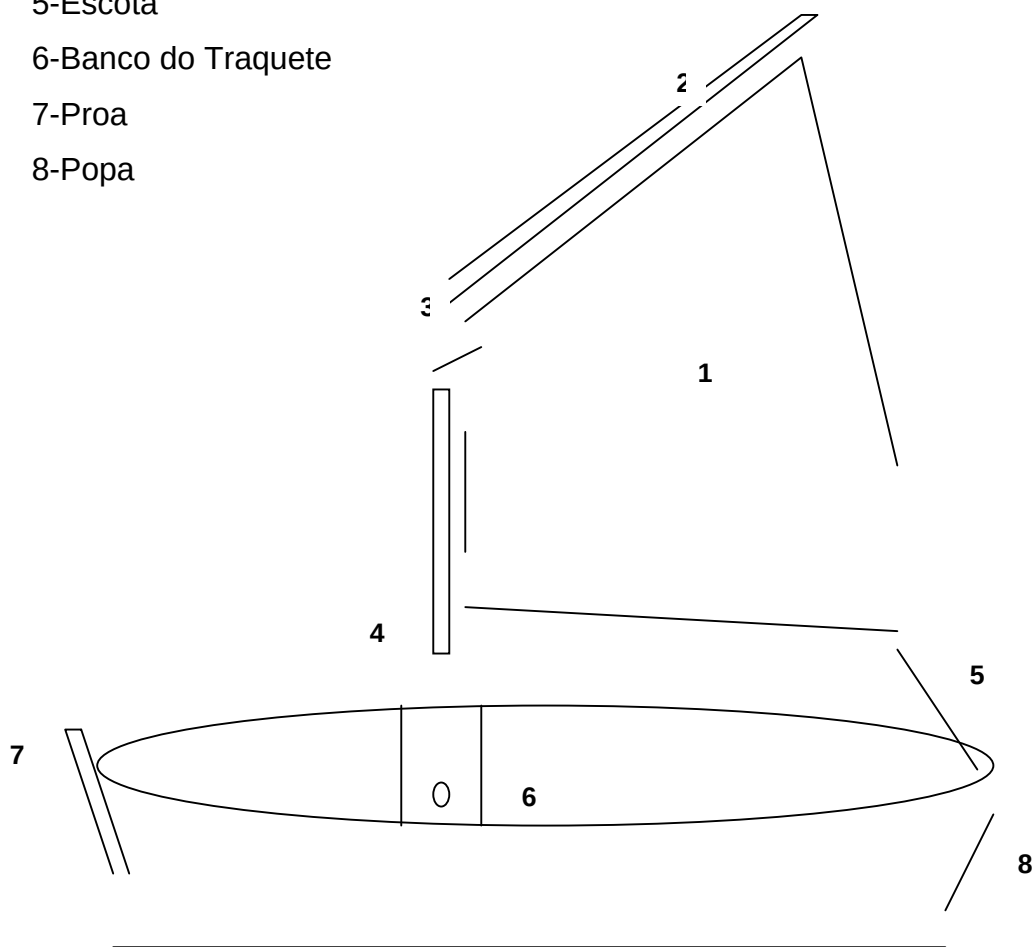
4-Mastro

5-Escota

6-Banco do Traquete

7-Proa

8-Popa



No lugar trabalham três carpinteiros que possuem o domínio da construção naval, alicerçada no trabalho manual e de forma direta comungando com as pescarias artesanais. Mas, no processo de lançamento do bote no mar, não há na comunidade o batizado da embarcação apesar da tradição marítima atrelada ao mitológico, já que, encontramos no estaleiro imagens de gesso com caráter sacro/religioso e católico e viabilizadoras da ocorrência do tempo cíclico. Tais imagens têm por objetivo guardar, preservar e proteger do “olho gordo”, isto é, da inveja, dos acidentes e do naufrágio; tanto ele próprio como à embarcação em construção e sua futura tripulação.



Foto 43: A Imagem de Moises no Estaleiro

O estaleiro é para oração, súplica e trabalho; e nesta oficina raramente entra uma mulher, caracteriza-se assim como sendo parte da identidade e do imaginário/simbólico masculino. Desenhar, pensar e construir artesanalmente as embarcações é trabalho viril, conhecimento, sabedoria e imaginário/simbólico do carpinteiro pois, de acordo com o comprimento, largura e altura do barco, este possuía uma identificação e uma posterior classificação, na qual encontramos botes movidos só pela ação eólica e motorizados, mas ambos nunca secam, já que, vivem constantemente querendo secar o mar com uma garrafa de plástico cortada pelo meio, posto que a embarcação jamais ficou, fica ou ficará enxuta, mesmo com o redesenhar constante do labirinto e com a recriação do modo de vida enquanto lugar, realizada através do confronto capital/trabalho-imaginário/simbolismo. A maioria das embarcações não possui motor, isto significa que a maior parte dos caícos é movida pela ação eólica ou por ela mais um motor pequeno como potência de locomoção auxiliar, já que o tamanho da embarcação condiz com a potência do motor, por exemplo, bote médio tem motor médio. Mas, todos os lobisomens apesar de serem pequenas embarcações como os caícos não são motorizados possuem. Os botes e as chalupas possuem motor médio e a predominância é dos caícos e dos lobisomens, fica claro que muitos caícos não são motorizados e todos os botes médios realmente são providos de um motor auxiliar.

A batera pertence aos catarinas e é locomovida somente pela ação eólica, ou é puxada pelo bote médio ou grande, sendo mais rebocada por este último, se as bateras fossem do lugar a predominância continuaria sendo da pequena embarcação desprovida de motor. Ratificamos que a ocorrência secular do baixo padrão tecnológico implica na permanência de uma grande quantidade de sobretrabalho e da recriação da acumulação uterina iniciada com a descaracterização do feudalismo europeu e com o surgimento das primeiras forças de trabalho. Trabalhadores desprovidos e disponíveis para o assalariamento e para a transferência de sobretrabalho, isto implicando na contraditória inexistência da mais-valia absoluta via a ocorrência do sobretrabalho dialogada com o assalariamento gerador da mais-valia absoluta, sendo ambas formas de extorsão do trabalho vivo condição e

resultado basilar para a reprodução infinitamente ampliada do modo capitalista de produção e do “fogo”.

A comunidade é tradicionalmente conhecida pelo domínio da técnica de construção das cavernas dos caícos, botes e chalupas, que são providas de uma estrutura de madeira tão sólida que nos fazem pensar nas cavernas das embarcações antigas. Determinadas embarcações possuem um barraco entre a proa e a popa, que se somando ao traquete e a fateixa, denunciam "tecnicamente" a existência de um tempo lento que sabemos ser do tempo cíclico da linguagem do lugar. O traço de baixo padrão tecnológico documenta que o bote é obediente à força do trabalho muscular, inclusive quando é provido de motor, já que, a grande maioria é motor de baixa potência. Estamos falando da arte do artesão, do pensar racional e imaginativo e o construir, e abordamos o diálogo idéia/matéria.

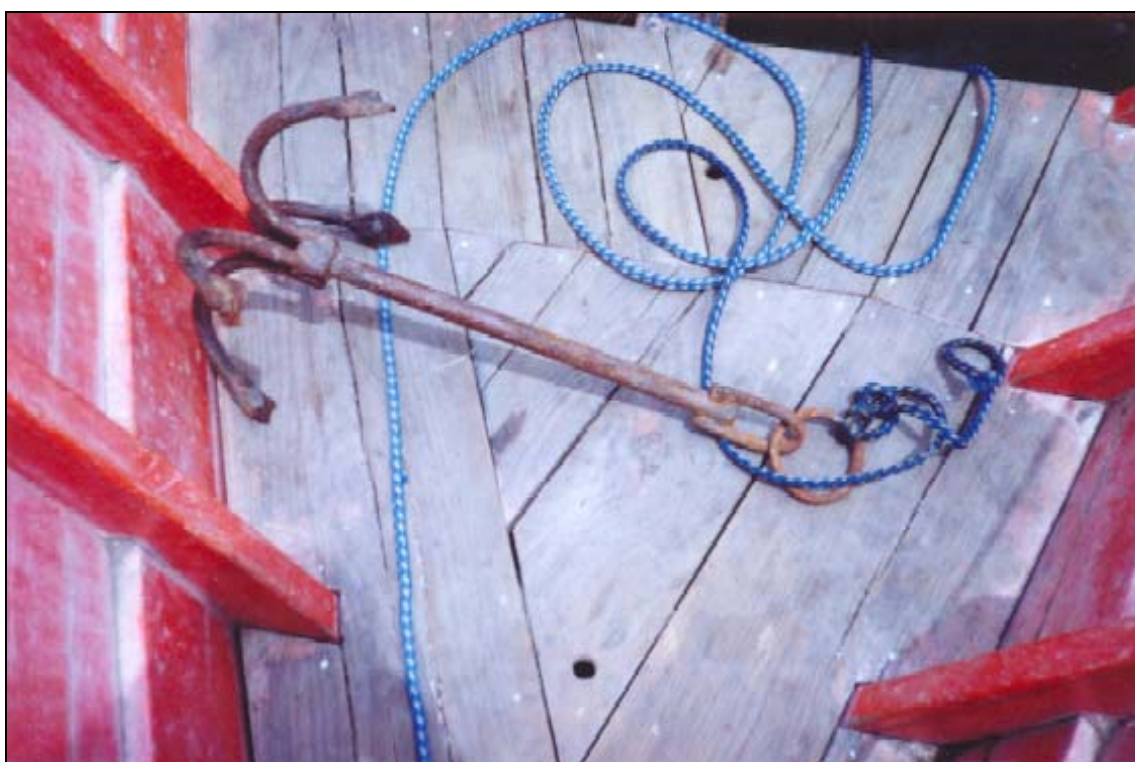


Foto 44: A Fateixa



Foto 45: A Fateixa

O processo de conserto do motor da embarcação é realizado na cidade do Rio Grande, já que no lugar não há nenhum morador que tenha conhecimento sobre mecânica de motores, e este fato sinaliza a reprodução secular do tempo lento/cíclico no interior da construção dos botes. Na cidade não há uma empresa especializada/autorizada que faça os reparos nos motores dos barcos. Trata-se de três mecânicos que possuem oficinas na proximidade do Mercado das Docas, entre eles o principal mecânico é Eduardo – cuja oficina localiza-se na Rua Riachuelo, perto do Porto Velho.



Foto 46: O Motor

Todo e qualquer tipo de barco do lugar caracteriza-se por ter constantemente com um vazamento d'água que faz com que o pescador artesanal fique de forma ininterrupta e interminável retirando água do mesmo. Tal processo de esvaziamento é necessário para que a embarcação não seja fundeada, pois há entrada d'água até quando o bote encontra-se ancorado ou repousando nas valas da praia. Assim, em todas as pescarias praticadas pelos homens do lugar, há a tarefa de se retirar água da caverna do barco com a realização das técnicas voltadas para o aprisionamento do pescado.

A eterna entrada d'água ocorre devido à alternativa artesanal, manual e simples encontrada para o encaixe do motor na estrutura de madeira do barco. A técnica de fixação do motor no bote consiste na abertura de um túnel na popa e pelo qual inserem um cano de "taquara", que servirá de revestimento para as paredes internas do túnel. Os pescadores chamam de bucha o cano de taquara que penetra no túnel e cuja utilidade é servir para a passagem do eixo do motor que faz a hélice movimentar-se e colocar a embarcação em movimento. A água só deixa de entrar se for feito um processo de vedação entre a bucha (a taquara) e o eixo do motor que gira

constantemente para que o bote deslize sobre a lâmina d'água. Mas, é justamente o fato do eixo girar que faz com que coma as paredes internas do cano de taquara, pelo atrito do ferro sobre a madeira. Assim, só não haverá vazamento se o eixo não girar e o barco, por sua vez, não entrar em movimento impulsionado pelo motor. A alternativa seria num curto espaço de tempo trocar a bucha comida pelo eixo ou só usar botes movidos pela ação eólica. Concluindo: nas motorizadas o vazamento ocorre na saída de uma peça do motor para o exterior da caverna, e como há o giro da peça para que a embarcação entre em mobilidade evidencia-se que o ferro que constitui a peça, por ser dotado de mais peso e massa e encontrar-se em processo giratório, provoca uma lixa gradual na madeira que envolve o ferro e criando uma abertura que permite a eterna água no interior da caverna.



Foto 47: O Lixamento



Foto 48: A Eterna Água



Foto 49: A Eterna Água

O caíco, o lobisomem, a chalupa e o bote depois de descarregados, fundeados, nas águas e, mesmo quando se encontram escondidos, constantemente são lavados d'água, assim podemos diagnosticar que, há uma incapacidade de caráter tecnológico para se evitar a permanente entrada d'água. Os carpinteiros e demais moradores da praia afirmam que faz parte do próprio desenho, criação, estrutura e utilização das embarcações essa entrada d'água. Tratando-se das movidas pela ação eólica a água penetra pela junção das madeiras que é feita de forma rudimentar, já que, esperam que molhadas passem por um processo físico de "dilatação" que inviabilize a penetração da eterna água na caverna. Os pescadores artesanais e os

carpinteiros dizem que é inerente a existência destas embarcações a interminável entrada d'água, isto é, elas só são da Marambaia porque entra água e alguém eternamente tem que tirá-la do interior da caverna.



Foto 50:O Caíco Cheio D'água

O lugar é de embarcação cheia d'água e de "dilatação"⁴¹⁸!



Foto 51: O Caico Cheio D'água

⁴¹⁸ AMADO, Janaína e FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *No tempo das Caravelas*. São Paulo: Contexto, 1992. (p. 65):

"Todas eram feitas de madeira, material que se dilata ao contato com a água e mantém as partes submersas apertadas umas às outras, tornando a embarcação mais segura."

No lugar chamam os trabalhadores dos três estaleiros de carpinteiros e não de marceneiros, e salientamos que no estaleiro não há figura do calafete que se encontra presente em outras pescas artesanais⁴¹⁹. Todo o serviço de calafetagem é realizado pelo trabalho dos carpinteiros. O trabalho dos homens dos estaleiros consiste em trocar tábuas apodrecidas, fazer a centração do motor, o nivelamento do motor, colocar o empaneiramento (o assoalho) e construir embarcações médias pequenas. Os carpinteiros afirmam que desde 1985 utilizam simples ferramentas elétricas nos estaleiros e que todo o trabalho permanece realmente artesanal.

Os carpinteiros adquiriram a arte de promover reparos e construções através do conhecimento matemático, físico e naval transmitido pelos seus parentes ou via o contato direto com homens de uma outra família da comunidade. Os estaleiros são caracterizados pela predominância do trabalho "solitário" e manual com a madeira, ferramentas e instrumentos, negando o processo de trabalho taylorista e o fordista das primeiras décadas do século XX⁴²⁰ e as Corporações de Ofício, Grêmio e Guilda das associações medievais de artesãos ou de comerciantes.⁴²¹ Eles não possuem auxiliares

⁴¹⁹ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.99):*

"Eles trabalham no estaleiro do Canto do Mangue, executando qualquer tipo de calafetagem nas embarcações. Trata-se de um trabalho realizado apenas com ferramentas manuais como espátulas. Temos três calafetores que também são carpinteiros.

No estaleiro existem quatro calafates, sendo três deles também carpinteiros. Os calafates trabalham por diária e por empreitamento. Eles só usam ferramentas manuais como espátulas, porque o trabalho é essencialmente artesanal."

⁴²⁰ VIERA, Pedro Antônio. *...E o Homem fez a Máquina (A Automatização do Torno e a Transformação do Trabalho desde a Revolução Industrial até a Revolução Microeletrônica). Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1989. (p.59).*

⁴²¹ GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História. São Paulo: Nobel, 1986.(p.83).*

ou ajudantes no trabalho desenvolvido dentro ou fora do estaleiro. Há uma relação de pai com o filho e com o neto que se apresenta como sendo o início de um interesse do jovem pelo trabalho do carpinteiro: “Ele fica o tempo inteiro aqui. Olha, observa. Ele já conhece o nome de partes do barco. Anda pela volta. Vai, mas volta. É sempre assim”.⁴²²

O rapaz encontra-se como se estivesse sendo convidado, absorvido ou “namorando” com o que será o seu ofício no interior da comunidade pesqueira. Os três carpinteiros afirmam que começa com o “namoro”. Filho, neto ou um outro varão da comunidade que gosta e se deixa encantar pela arte dos homens que fizeram e faz embarcações, reparos, conserto e ficam vendo sua obra prima deslizar e correr nas águas, para depois retornar cheia de pescado. O ritual do convite, desejo, brincadeira e de ficar correndo à volta, querendo sem saber bem o que quer fez parte da vida dos carpinteiros que estão trabalhando e já trabalharam na praia, e reproduzindo os laços culturais de reciprocidade do teor do conceito lugar.

No lugar há uma particularidade na linguagem, entendida como as formas de manifestação do modo de vida ímpar que se constitui na própria linguagem. A especificidade deste conteúdo do conceito cultura, com raiz na etnologia, é que o morador não tem a família como sendo o núcleo social básico de sua existência enquanto ser comunitário, porque as relações de parentesco são o labirinto social no qual a estrutura básica familiar é secundária em relação à caracterização historicamente imposta de comunidade.

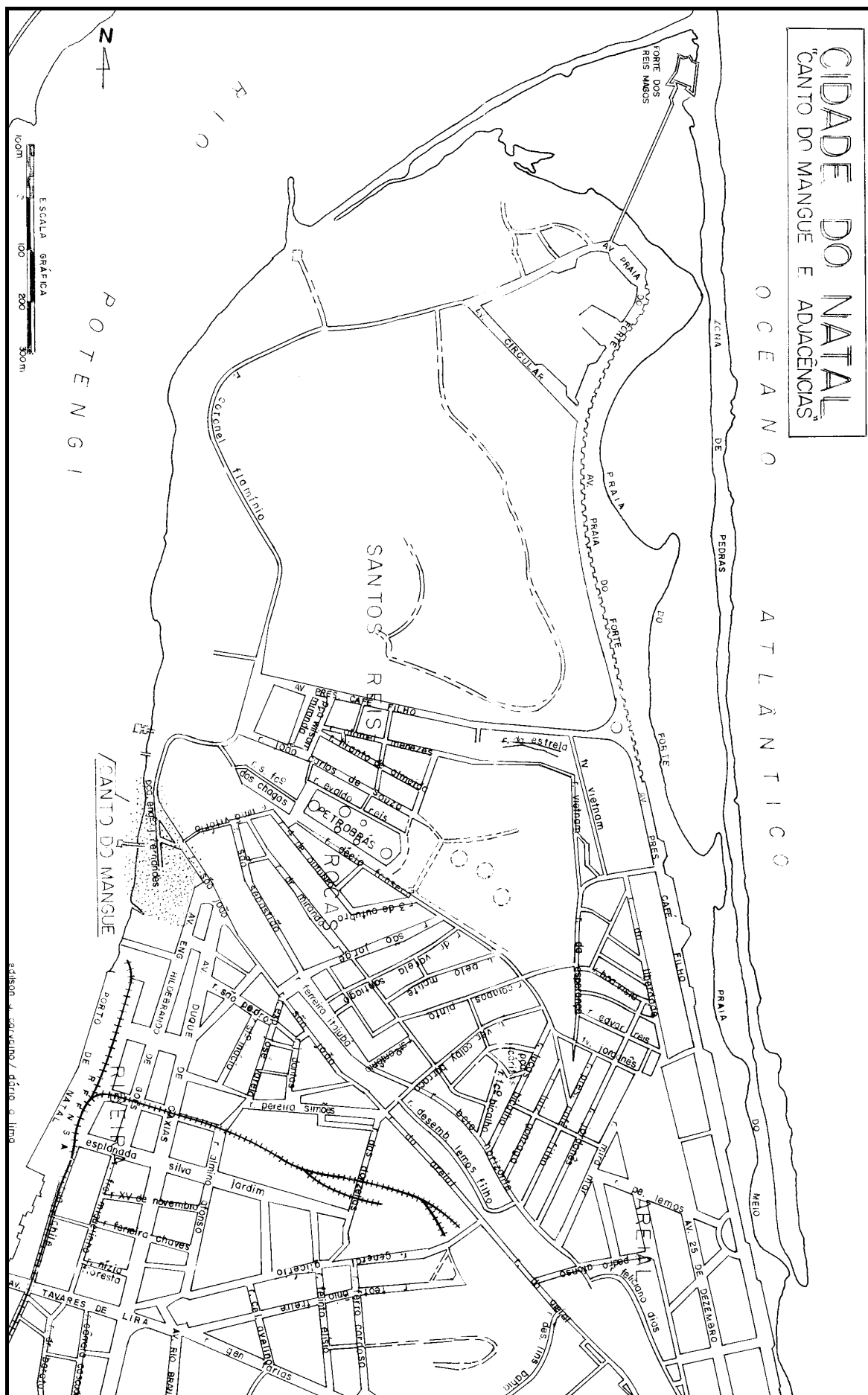
A criança, o jovem, a cozinheira, o velho pescador Quinota, a costureira que “costura” namoros e casamentos e todos moradores do lugar possuem abrigo, comida e repouso na reprodução social das relações de linhagem que são o cerne e a objetivação do labirinto cartografado na praia. O namoro do jovem com o carpinteiro ou com o proeiro significa a sua inserção na evolução de um padrão cultural, cuja existência e resistência deste à extinção do quilombo do Negro Lucas, é devido ao fato do modo de vida compartilhar as responsabilidades do núcleo familiar rezado pela genealogia

⁴²² *Miltinho.*

sangüínea e pela do parentesco. Na família encontramos os contratos comunitários de lealdade/afetividade, e não via os laços de sangue.

No lugar ser parente é ser cúmplice, isto é, há uma amplitude do conceito parente no peculiar modo de vida. O menino que namora o barco “namora” com o carpinteiro que sem ser obrigatoriamente o pai do núcleo familiar termina por adquirir um vínculo de respeitabilidade, segurança, proteção em relação ao menino é o pai que conversa incondicionalmente com o seu filho do modo de vida. As mães ficam despreocupadas com a constante presença do filho no estaleiro pois sabem que os carpinteiros não deixam que a integridade física e moral do rapaz seja agredida, mesmo com as comuns brigas entre os homens que não passam de infértil “fogo de palha”, divergindo do que aconteceu na pesca artesanal do Canto do Mangue⁴²³ onde não houve a formação histórica de uma comunidade pesqueira e onde o pescador artesanal desprovido e disponível brigou durante anos com os Xarias.

⁴²³Cartas Canto do Mangue e Comunidade do Maruim e do Canto do Mangue e Adjacências nas próximas 2 páginas.



"Choviam pedradas no luxento. Um vento de palavras perdidas varria o canal.

- Vá tapar o nariz na casa da mãe, xarias!

Em nossa cartilha de palavrões, xarias era o supremo xingamento. Designava o morador da Cidade Alta, urbano e próspero, comedor de Xaréu, peixe proibido à fome humilde do povo das Rocas, que o arrancava do mar à ponta do anzol e ia comê-lo no Mercado da Cidade Alta.

Para nós do Paul ficava o peixe do quebra-mar, miúdo, recamado de espinhas, comedor de mangue e dos detritos orgânicos que boiavam livremente no trapiche do rio. Aí abundava o Cangulo, prato de resistência das Rocas da Frente.***

O Cangulo era o maná bíblico daquele povo que não conhecia milagres, salvo o da pesca. Dava-nos a carne branca para assar no braseiro e o couro, duro feito lixa para misturar no pirão de farinha. As espinhas serviam para furar bicho-de-pé, outra praga das Rocas. Até a carcaça do cangulo era aproveitada pelas crianças do bairro. Funcionavam como bois e vacas em nossas brincadeiras de moleques de beira de praia que nunca víramos uma rês.

Na boca dos xarias éramos assim canguleiros, comedores de cangulo. O revide completava a terminologia, definia os campos como uma cerca alta e intransponível entre os dois grupos".⁴²⁴

* PAUL: Rocas.

** Rocas da Frente: Rua Pereira Simões na frente do grande terreno da Rede Ferroviária (Carta "Canto do Mangue e adjacências", ver trilhos da RFFNSA).

⁴²⁴ HOMEM, Homero. *Cabra das Rocas*. 10. Ed. São Paulo: Ática, 1988. (p. 9 e 11).

“Arruaças não é bem o termo: era antes um reencontro entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, uma das muitas guerras que ali lavravam silenciosas, entre pobres e ricos. Mas, xarias ou canguleiros, que importavam as diferenças da sorte àqueles que morriam em meio a uma poça de sangue, ao longo das calçadas?

Importava, sim, que na vida como na morte o estigma de classe os desunia e diferenciava.

Pois os da Cidade Baixa tinham um discreto furinho de bala no corpo. E os da Cidade Alta um feio rasgão de peixeira, que arma de pobre é assim menos elegante.”⁴²⁵

O processo de inserção do jovem da comunidade na atividade produtiva artesanal, evidenciado na pesca e na construção de embarcações, é o mesmo dado geográfico de observação do imaginário/simbólico no traço cultural, sendo legítimo o sentido contrário, isto é, este rapaz já acredita na existência de Ogum, Iemanjá e do lobisomem: “São tão feios que chamam de lobisomens. Lobisomem ninguém sabe o que é que é. Lendas? Será lenda? Não sei. Ninguém sabe!”⁴²⁶

No imaginário/simbólico criativo e mitológico, escrito por todos os caminhos do labirinto, os lobisomens se fundem e se escondem nos recantos mais inóspitos das taquaras, onde encontram abrigo necessário para a substantificação documentada nos botes pequenos e feios, que todos da comunidade praieira chamam de lobisomem, tidos como construídos por curiosos e, justamente por isso, são desprovidos de acabamento contrariando a obra lapidada do carpinteiro do estaleiro. É na produção artesanal dos caícos, botes e chalupas que o carpinteiro transfere seus sentimentos de parentesco/afetividade para o bem material/ideal posto que é sua natureza interior/exterior submetida ao entrelaçamento com as formas, estruturas e contornos das embarcações que faz vibrar, ferver e aflorar as reações emocionais objetivas/subjetivas do carpinteiro enquanto resultado e

⁴²⁵ *HOMEM, Homero. Cabra das Rocas .10. Ed. São Paulo: Ática, 1988 (p. 63).*

⁴²⁶ *Paletó*

condição de sua sistência⁴²⁷, entendida enquanto Idéia (Cogito, ergo sum, Penso, logo existo⁴²⁸). O trabalhador como o ser em si mesmo, se nega, fazendo história, exteriorizando em suas manifestações particulares, entre elas as experiências estéticas, que nada mais são do que a própria construção do Espírito Absoluto, que é a síntese final da consciência pura do mundo, no caso em questão singularizado no lugar, que como embriagado pela mobilidade se faz substantificado - imaginado/simbolizado como movimento histórico que é o próprio movimento da construção do Espírito dominado/dominante pela experiência estética, que se recria enquanto o ímpar modo de vida que se recria, no infinito embate matéria/idéia⁴²⁹ presente no contraste capital/trabalho-imaginário/simbólico. Este conflito é do carpinteiro que necessita obter dinheiro para a sua reprodução social/natural no interior da pesca artesanal relida diariamente nos diversos tipos de pescarias e embarcações feitas (idealizadas/materializadas), pagas monetariamente pelo equivalente geral e entregues aos patrões do lugar. Ressaltando-se que o valor de uso estético da embarcação, apresentado como seu aspecto estético que consiste na manifestação sensível e sentido de seu valor de uso, se torna em instrumento para o carpinteiro adquirir dinheiro⁴³⁰. E este processo capitalista coloca no palco da boca de cena a chalupa, o caíco, o lobisomem e o bote, isto é, todas as embarcações do lugar

⁴²⁷ SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos)*. 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos, 1957. (p.27).

⁴²⁸ Descartes

⁴²⁹ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (p.76 e77):

"Nesse sentido, a produção utilitária foi a condição necessária e o fundamento da produção estética em geral e da artística em particular, na medida em que ambas reguem o mesmo comportamento humano: aquele que se expõe no trabalho ao fazer mudar a matéria que é uma dádiva (o homem) da natureza, ao mesmo tempo que realiza nela o seu objetivo (Marx, O Capital). Trata-se, pois, de duas relações com o mundo, das quais uma delas - a estética- surge e se desenvolve no seio da outra: a produção material."

⁴³⁰ HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: Editora UNESP, 1997. (p.26 e 27).

oriundas de peculiares experiências estéticas de sensações que são a própria consciência de um estímulo (gosto, cheiro, som, temperatura, pressão e outros), dissolvido no tempo lento/cíclico da comunidade praieira cuja linguagem das relações de parentesco reproduzem secularmente os estímulos dialogados com as experiências estéticas. Através das experiências estéticas originárias das relações culturais com as embarcações o carpinteiro transmutar-se para a sua criação porque ela é a assinatura que a vida dele assumiu, enquanto registro social/natural dele próprio diante de si e dos outros como modo de vida comunitário⁴³¹. Começa o espiral/trança fundido e diluído no labirinto do lobisomem/minotauro intrínseco ao conteúdo do conceito geográfico lugar⁴³² caracterizado por ser detentor de uma imagem "cartográfica" ímpar documentada através do labirinto de taquaras que é alicerce geográfico para a identificação da força de reunião comunitária do pescador,⁴³³ como fonte de trabalho roubado do modo capitalista de produção. Este modo produtivo tem como fundamento o princípio da tática social/natural multiforme e incomensurável de extorsão de mais-valia absoluta, mais-valia relativa e de sobretrabalho, porque a tendência do capital é a de tomar conta progressivamente de todos os ramos e setores capitalistas da produção, nas águas de Oxum, nas águas de Iemanjá, nas matas de

⁴³¹ MUMFORD, Lewis. *Arte e Técnica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (p.123).

⁴³² CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano (1, Artes de Fazer)*. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. (p.309):

"A diferença que define todo lugar não é da ordem de uma justaposição, mas tem a forma de estratos imbricados"

⁴³³ MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. (p.129):

"As maneiras de ser não dependendo apenas de causas exteriores e dominantes, mas de sua dinâmica interna, de uma espécie de força imanente que, qualquer que seja o nome que se lhe dê, traduz o vitalismo e o perdurar dos conjuntos sociais. Parece-me que essa força encontra sua origem na reunião do mundo das imagens."

Oxossi, nos mercados da cidade de Exu e nas nuvens, relâmpagos e trovões de Iansã⁴³⁴.

No lugar o lobisomem existe, lá ele mora, se esconde e o vi, peguei e cheirei, pois se trata de uma embarcação mal arrematada, sem acabamento, desengonçada e feia, chamada na comunidade de Lobisomem. Pescadores adultos, viris, experientes e decifradores dos mistérios das tempestades, das taquaras do labirinto e do mar, registram através do simbolismo imbricado no chamamento do bote que há denúncia na crença de tal assombração ou entidade do "mundo dos espíritos", que por tratar-se de um lobisomem fica nos esconderijos dos barcos e do labirinto da comunidade praieira.

Na noite escura, no vento forte e fino que ultrapassa as frágeis "paredes" de madeira, nas árvores que se balançam e nas sombras que dançam⁴³⁵, resultantes da fogueira para esquentar os pés, é que se ouve, tem quem veja, pois o outro já olhou, e aquele viu o quê? É o lobisomem. Será? Não sei! Mas ele viu! Viu o quê? Não sei! Era o lobisomem? Vocês estão falando do quê? Eu quero ouvir este barulho. Só eu que estou ouvindo? Assim, lá na beira da praia o pequeno e feio lobisomem, transmutando em uma embarcação, fundeado junto aos demais barcos que por serem maiores e altos, em comunhão com as valas, ajudam o lobisomem a ficar mais escondido. É no golpe de vista que se vê! Será?

O lobisomem não entra na classificação dos botes do estaleiro, pois nenhum carpinteiro assume a arte "manual" de construção das pequenas e feias assombrações, escondidas até quando estão expostas porque o feio faz com que não chame a atenção do sentido de bom gosto dos moradores que priorizam o lapidado acabamento da madeira do barco, inclusive a sua

⁴³⁴ MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a Política no Brasil (As Lutas Sociais no Campo e seu Lugar no Processo Político)*. 4 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990 (p.152).

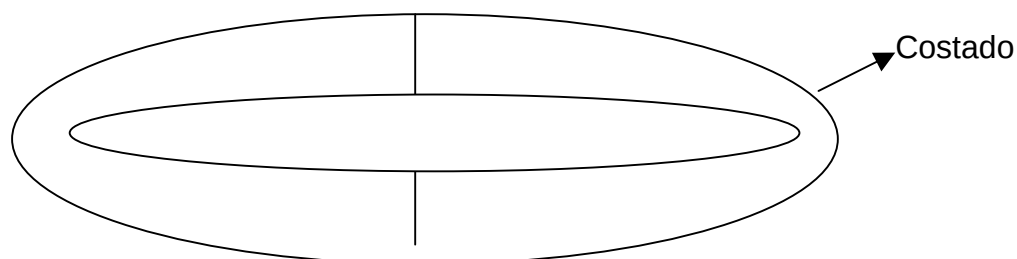
MOTORISTA, Tião. *Dia 4 de Dezembro. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Arte de Maria Bethânia*. Rio de Janeiro: Polygram, 1988.

⁴³⁵ PLATÃO. *Diálogos. (Os Pensadores)* São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 26, 147).

pintura deve ser primorosa mesmo que o bote nunca seque. Contraditoriamente o lobisomem faz parte da classificação das embarcações e do imaginário/simbólico dos moradores do lugar, onde o lobisomem feito um leproso anda camuflando-se nas taquaras para tudo que é visível e invisível.

O lobisomem, além de feio é caracterizado por ter a tábua corrida do costado com a sua largura dividida ao meio o seu costado é baixo e faz com que a embarcação não possua os 5 metros de comprimento que tem um caíco, porque 50% da tábua fica de um lado e os 50% restantes para o outro lado. Neste caso, para o carpinteiro do lugar o conceito de largura é idêntico ao de comprimento, por isso é que quando se divide a madeira a embarcação diminui.

Desenho de Xaim 3: A Divisão Vertical da Madeira do Costado



Quadro 5: A Classificação das Embarcações

CLASSIFICAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES		
NOME	COMPRIMENTO	CLASSIFICAÇÃO
Lobisomem	Até 4 metros	Embarcação Pequena
Caíco	Até 5 metros	Embarcação pequena
Bote e Chalupa	6 até 8 metros	Embarcação Média

O caíco possui como característica o dado técnico-naval de ter um fundo chato, todos os caícos são pequenos e chamados de “caícos de camarão”, pois eles são mais destinados para este tipo de pescaria. O bote diferencia-se pelo fundo possuir o formato do desenho da letra V e, a estrutura com o desenho da letra U é neste caso boleado, se trata de uma Chalupa, que seria a embarcação feminina e o bote e o caíco a masculina: “A chalupa é barriguda. É mulher! O bote é macho.”⁴³⁶ O principal dado técnico para a embarcação ser classificada como pequena não é o feitio do fundo, já que, o mesmo pode ser chato ou boleado e médio porque não há nenhum caíco afeminado, isto é, o comprimento é o que a comunidade utiliza para diferenciar as embarcações em relação ao tamanho e o desenho da estrutura para demonstrar se é um bote macho ou uma chalupa feminina. A chalupa surgiu no ano de 1990 e provavelmente é criação da colônia alemã de São Lourenço do Sul (município que é banhado pela Laguna dos patos), e antes dela só havia botes, caícos e lobisomens que ainda hoje fundeiam na praia.

A diferença entre o bote e o caíco não é só no comprimento. Todo caíco tem o fundo chato e todo bote tem o fundo redondo, arredondado, boleado. O fundo chato é justamente para viabilizar a pesca no raso, assim o feitio da embarcação já denuncia para que e para quem ela serve. Os botes médios pescam no fundo, pois o boleado é propício à dinâmica e mobilidade necessária para a vivência e pescaria nas águas profundas do estuário dos Patos.

Os caícos pequenos, os lobisomens e os botes médios são diferentes da canoa portuguesa, e todas as atuais embarcações não eram como se encontram hoje lapidadas. Elas foram submetidas a um processo de aperfeiçoamento tecnológico no cerne da própria construção manual e artesanal. Quando navegava a canoa portuguesa chamada de triunfo, os caícos e os botes médios já deslizavam pelas águas, só que eram diferentes dos que lá encontramos, possuíam dois begues, eram movidos pela ação eólica e muscular, parecendo barcos de índio. O último visto com dois begues foi em 1965, era movido à vela, a remo e parecia barco de índio que podia ir

⁴³⁶ Biguá

para frente e para trás, assim a popa era a proa e vive-versa, dependendo da direção tomada pela embarcação. A última canoa portuguesa, chamada de triunfo e de tamanho médio, parou de navegar no ano de 1960, e a sua estrutura naval era diferente da presente nas embarcações que estão no lugar caracterizado pelo dado cultural de todos os moradores nunca utilizarem os conceitos embarcação ou barco porque entendem que tais noções de linguagem se referem a estruturas navais grandes e que na comunidade praieira só há construções navais de porte médio e predominantemente pequeno.

As canoas pequenas, somadas aos pequenos caícos, dividiam as valas da praia no ano de 1936, e o que diferenciava a canoa da outra embarcação era seu fundo redondo que contrariava a estrutura naval do caíco. Estas duas pequenas embarcações eram o que havia escondido nas valas da praia do mar. As canoas pequenas, depois de 1936, começaram a ser substituídas pelos caícos e pelos botes e pelas chalupas. A substituição gradual vai terminar em 1943 quando não existia mais nenhuma canoa pequena, que foram destinadas para a pesca no fundo da Laguna, já que, tinham o assoalho boleado.

Quadro 6: A Profundidade da Laguna

PROFUNDIDADE DA LAGUNA			
	ABRANGÊNCIA	PROFUNDIDADE	EMBARCAÇÃO
Baixo	200 metros da praia	1 metro	Caíco
Lameirão ou fundo	100 metros de lameirão	5 metros	Bote e chalupa
Canal	300 metros de canal via de passagem dos navios	15 metros	Bote e chalupa

No ano de 1936 o pano de algodão era comprado em Rio Grande e havia uma costureira no lugar que se dedicava a fazer as costuras dos panos, fazer a criação do pano do caíco. A peça tinha que ser cortada e arrematada com a costura e assumir o registro subjetivo/objetivo de que era comandada

pelos ventos⁴³⁷, pelos santos, santas e orixás do "mundo dos espíritos". Os caícos pequenos ainda se caracterizam por não possuírem motor e a força motriz ser o pano e os remos, isto é, como os lobisomens são movidos pela ação eólica e pela força muscular do pescador artesanal, vários botes médios e as chalupas é que possuem o pano como potência de mobilidade auxiliar ao motor.

No lugar encontramos panos de algodão e de náilon, e o de algodão branco e tingido de várias cores já era vendido na cidade no ano de 1945. O tingido tem uma maior durabilidade e o melhor é o de náilon, só que custa mais caro, a sua resistência à ação física e química das condições impostas pelo mar e pela atmosfera é muito grande em comparação ao pano tingido. Todos os materiais para a construção das casas, das embarcações e para as pescarias vêm da cidade desde 1919.

As tempestades são respeitadas e temidas por todos os moradores, caracterizados pela fabricação de embarcações "comandadas" pelos ventos agindo nos panos, nas madeiras e nas águas. O mesmo vento que não batia à porta porque a mesma estava aberta, mas, de algum modo direcionava o aprimoramento da costura dos panos. No lugar o pescador artesanal não chama de "vela" do caíco, ou da embarcação, contrariando denominação empregada por outros homens que pescam ou constroem barcos, iates e navios.

A criação artesanal de 1907 tinha um acabamento inferior ao existente na atualidade, porque os carpinteiros pioneiros não tinham uma memória coletiva acumulada no nível da que hoje se dilui no interior da reprodução social da comunidade. Exaltando-se que a memória coletiva resiste e teima na

⁴³⁷ VELOSO, Caetano. *Nossos Momentos. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Nossos Momentos. Rio de Janeiro: Polygram (Produção e Distribuição), 1982.*
 GIL, Gilberto ; VELOSO, Caetano. *Iansã. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia 25 Anos. Rio de Janeiro: Polygram (Produção e Distribuição), 1990.*

tradição oral do diálogo⁴³⁸ dos atores do grupo coeso, que apesar dos impasses históricos que atingem de alguma forma a solidez comunitária, o afloramento da memória trás episódios fragmentários que pela gravidade de seus teores nos permitem percorrer parte da história comunitária singular e inalienável.⁴³⁹

O processo contraditório de soma e subtração de informações e conhecimentos viabilizou a identificação de uma embarcação com cálculos estruturais, técnica de navegação e um acabamento mais aprimorado, mesmo o trabalho ainda sendo artesanal. Hoje o maquinário "importante" se resume a uma furadeira elétrica, que tem que ser controlada pela massa e peso do pulso do carpinteiro: "O carpinteiro fazia o caíco. Eles eram mal feitos. O carpinteiro não tinha prática e tudo era a pulso, martelo, prego e serrote. Hoje não mudou nada"⁴⁴⁰ No lugar "eles faziam" é "eles fazem" - passado/presente (?).

No período de 1919 o carpinteiro não usava massa para fechar "as rachas" entre as madeiras do barco. Depois veio o aparecimento e aplicação da massa e, atualmente, com o uso da furadeira elétrica é mais fácil realizarem o processo naval de aproximação e fixação das madeiras que compõem a substantificação do pensamento elaborado da embarcação. Estamos nos referindo a aparente distância que há entre o pensamento criativo e o concreto da criação do pensamento, cuja criatividade anteriormente fornecia a noção de ser ainda só imaginário/simbólico, expressado na consciência de um estímulo que enquanto experiência primária não é conhecimento. Partindo-se deste referencial social/natural temos que quando os estímulos da linguagem comunitária forem imbricados em relação com um bem material/ideal nos modos a priori de percepção⁴⁴¹ (o espaço e o

⁴³⁸ *Recordamos que a utilização do vocabulário "diálogo" é sempre empregada no sentido de relação de contrários, ou seja, é o eterno curso da academia de Platão e da mobilidade de Heráclito e Zenão.*

⁴³⁹ NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (p.99).

⁴⁴⁰ *Candinho*

⁴⁴¹ PASCAL, Georges. *O pensamento de Kant*. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. (p. 51, 55).

tempo lento/cíclico) do lugar ocorrerá o afloramento de uma percepção/intuição individual/coletiva, uma consciência referente ao saber fazer e fazer um determinado objeto/sujeito. Só assim é que a intuição/percepção do carpinteiro se transforma em conhecimento que compartilhado no estaleiro e no banco de Quinota transforma-se via o diálogo em memória e em lobisomem, caico, bote e chalupa denunciados no embate imaginário/simbólico-trabalho/capital pertinentes a linguagem singular dos parentescos que são relações culturais oriundas e reprodutoras da memória e do individual/coletivo que recriam os estímulos (cheiro,gosto,temperatura,som,...)⁴⁴² da linguagem do carpinteiro e, sendo assim, reinicia-se o ciclo da releitura do conhecer e substantificar na contradição em processo a sua identidade histórica no modo capitalista de produção uterino ao lugar, onde a furadeira elétrica do estaleiro trouxe o fim da utilização da massa de rejunte, mas ainda é o mesmo bote que nunca seca devido a conflituosa reiniciação do ciclo denunciado na mobilidade dos contrastes heraclíticos.

No ano de 1945 havia dois estaleiros cujos processos de trabalho eram manuais, idênticos aos existentes nos dias atuais, e as embarcações foram medidas por palmos, tornando-se uma particularidade da linguagem comunitária a medição das embarcações por palmo no lugar e verticalmente uma característica singular do trabalho técnico-manual dos carpinteiros dos estaleiros. No período histórico só havia caícos pequenos (25 palmos de comprimento) e surge o primeiro barco de 30 palmos e somente em 1953 é que se constrói a primeira embarcação com 42 palmos. Mas, o primeiro barco com motor só é lançado nas águas do mar no ano de 1981 e o motor tem a função de auxiliar a ação eólica que coloca a embarcação em mobilidade, porque não é o pano que auxilia o motor, mas o motor que é potencialidade que vai somar-se a já existente na ação eólica sobre o pano do barco, cuja fragilidade é demonstrada na sua estrutura de madeira de pinho vinda do

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. – (Os Pensadores). (p. 97).

⁴⁴² SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4). (p. 37).

mercado da cidade desde 1919, e o carpinteiro desse ano era agricultor e foi via seus filhos que a construção no estaleiro passou a ser espraiada por meio das relações de parentesco. Assim é que a arte e a técnica do artesão carpinteiro foi dissolvida no labirinto e hoje encontrada com o mesmo perfil dos cálculos estruturais do bote que nunca seca do trabalho manual de 1919.

Os caícos e as canoas praticamente eram as únicas embarcações no período anterior ao ano de 1943, e elas se dedicavam há fazerem viagens curtas caracterizadas por saírem e voltarem no mesmo dia. O primeiro carpinteiro brasileiro, descendente de portugueses, chamava-se Júnior Caminhas e tornou-se um referencial técnico-científico no trabalho artesanal de desenho, medidas, cálculos estruturais e, finalmente, de lapidação das embarcações na praia do lugar, que se diferencia de outras comunidades pesqueiras por afirmar que as embarcações possuem panos e não velas, passando-nos a noção de que não são veleiros e sim chalupas, botes e caicos. Há uma similitude com a opção cultural dos pescadores do Canto do Mangue⁴⁴³ e de outras atividades pesqueiras artesanais cujas embarcações possuem denominações peculiares da linguagem dos pescadores.

Os carpinteiros de 1945 só se dedicavam ao trabalho artesanal desdobrado no interior dos estaleiros. O pinho das embarcações era pintado com zarcão e sobre o mesmo passavam tinta a óleo, e a união da madeira, visando não haver infiltração d'água, era feita com prego de cobre e massa com secante, feita de uma mistura de gesso com óleo de linhaça. Este processo chamava de "tapar a racha". A produção nos estaleiros progride e no ano de 1954 tínhamos 25 caícos e 27 botes, que mesmo sendo fruto do trabalho do carpinteiro, só podem serem vistas como ponto de afloramento e reprodução de uma memória coletiva especificada na criação artesanal realizada no estaleiro, na pescaria artesanal e no "costurar, cozinhar e bordar"

⁴⁴³ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.143).*

na porta aberta da cozinha, cujos segredos da comunidade guarda no meio das taquaras do labirinto do minotauro/lobisomem.



Foto 52: As Taquaras do labirinto

Este dado cultural significa que a construção e o reparo no caíco, ou em outro barco, não era resultante do trabalho de membros de uma família sanguínea, mas de profissionais artesanais que se dedicaram a este ofício como resultado e condição das relações de parentesco, reciprocidade, cumplicidade e afetividade que são do modo de vida do conteúdo do conceito geográfico lugar. Mas, isto não significa dizer que a Marambaia seja o único e último lugar da história da humanidade, mas que só é lugar quando possui “similitudes” com a realidade etnológica cartografada no desenho do labirinto Marambaia.

O carpinteiro mais novo do labirinto do "cartógrafo" faz calafeto, e os outros que são mais antigos no ofício (Miltinho e Bolinha) não fazem calafetagem, mas há os grampos que todos utilizam para promover a aproximação entre as tábuas de pinho. Miltinho e Bolinha não usam cola na junção entre as madeiras, porque preferem esperar que ocorra a vedação com a umidade, que faz com que a madeira passe por um processo de dilatação. O calafeto consiste em preencher as trincas com fio de algodão e massa de gesso; o ato de calafetar é mais recente que o de fechamento das aberturas pela dilatação da madeira via umidade. Nos estaleiros do lugar predomina o processo primário de linguagem oriundo dos carpinteiros pioneiros dos anos de 1907.

O novo carpinteiro tem 15 anos de construção naval, Bolinha tem 20 anos e o estaleiro de Miltinho possui cerca de 96 anos de existência, e acredita-se que não seja o primeiro do lugar. Todo o conhecimento, sabedoria e informações adquiridas pelo Miltinho são frutos das relações de parentesco que promoveram o diálogo que aflora a memória. Miltinho herdou do pai, que aprendeu com seu avô, o qual por sua vez foi aprendiz do seu pai, e assim hereditariamente a comunidade praieira do lugar traduz a arte de construir embarcações e pescar nas águas marinhas. Hoje são 55 caícos, 38 botes médios, 10 chalupas e 9 lobisomens que foram construídos, são consertados e mantidos pelos estaleiros e permitem a realização da pesca no mar. Ninguém assume a paternidade do lobisomem, nos remetem há um pacto de silêncio quando fazem, há ou houve algo de mal feito ou errado, e neste silêncio masculino as mulheres não penetram. Aqui os homens fecham a porta da cozinha e todas as outras aberturas, assim, todos são punidos por

um ou não tem punição nenhuma. "Aqui morremos tudo abraçado. Mandamos para o hospital o da Quinta. A rapaziada fez uma munhequeira de ferro. Foi quem de nós tudo! Tu tava lá no Jorge."⁴⁴⁴

O traço cultural de cumplicidade incondicional foi básico para a permanência da embarcação com pano que é característica ímpar da pesca dos pescadores do lugar, já que, a maioria dos barcos são caícos na sua predominância e quando possuem motor é um de baixa potência que faz necessário o uso do pano. Entendendo-se que a existência do pano simboliza haver a prática do saber fazer e fazer de forma objetiva/subjetiva aprendendo a comunicar-se só através de um breve lance no olhar, porque os caícos do sul não são os do litoral potiguar⁴⁴⁵. O perigo é um eterno visitante aparentemente ausente dos caícos porque bote médio e chalupa não utilizam pano devido a potência do motor tornar desnecessário esta outra potencialidade de mobilidade e deslizamento da embarcação, durante as tempestades dominadas muito bem pelo velho cartógrafo do labirinto.

⁴⁴⁴ Jú

⁴⁴⁵ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.167):*

"Quando o barco não pesca nada, não recebe nada. Todavia, não querem receber peixes muito desclassificados (Ex.: caícos). Quando a pescaria é boa (pesca com rede e com linha) recebem peixes de segunda, mas quando é ruim, recebem os "gangos".



Foto 53: O Velho Cartógrafo

No lugar as bateras (não baiteiras)⁴⁴⁶, os lobisomens e as embarcações pequenas são chamados genericamente de caícos e as médias de botes. Os estaleiros têm poucos instrumentos de trabalho movidos a eletricidade e controlados pelo pulso do carpinteiro, citamos por exemplo, uma serra, plaina, furadeira e uma lixadeira. É este mesmo pulso que direciona o serrote, esquadro, enxó, martelo, plaina, chave de boca e formão. O carpinteiro utiliza esta plaina porque tem um tato mais apurado com a que não é elétrica, ele afirma que os aparelhos, instrumentos e ferramentas manuais são bem controlados pelas suas mãos, que com muito mais precisão substantifica o desejado pelos homens que constroem, consertam e vão pescar no mar.

⁴⁴⁶LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / Rn. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.145).*

As poucas bateras encontradas no lugar não são dos pescadores da praia, e que essas embarcações pertencem a cerca de 16 Catarinas que chegam em novembro e voltam em maio, e são aproximadamente oito parselhas vindas do Estado de Santa Catarina para a pesca da tainha. Cinco bateras utilizam na pesca de lance da tainha, isto é uma pescaria realizada “no baixio”, no raso. Mas as bateras são úteis para a pesca do camarão. Na pesca de lance da tainha são dois catarinas em cada batera, já que são duas que fazem o cerco do pescado e a remuneração da pesca da tainha é igual à efetuada na do camarão.

A batera é conhecida no lugar como “coisa de Catarina”. Ela não tem begue contrariando o simbólico/imaginário, a expressão cultural de beleza, o conhecimento e a técnica pesqueira e o mitológico dos pescadores do lugar. Na Marambaia pensam que as bateras dos Catarinas não possuem o begue porque pescam no raso (“não precisam da proteção das entidades mitológicas astrais”) e devido ao fato da ausência do begue permitir que a rede passe desobstruída por cima da embarcação durante a pesca. A inexistência do begue protetor de Exu facilita o manuseio da rede e não interfere no conteúdo do conceito de beleza do modo de vida do pescador “Catarina” que visita o lugar, mas contraria a peculiar experiência estética ou de gosto, ao juízo estético⁴⁴⁷ do morador do lugar. O sentimento de prazer ou desprazer independente de qualquer conceito fundamental existente como intenção posta, porque o juízo na experiência estética é um juízo reflexionante puro, dos pescadores submetidos aos laços de parentesco enraizados na linguagem comunitária, que é cria e criadora das experiências estéticas de sensações que são a própria consciência de um estímulo (gosto, cheiro, som, temperatura, pressão e outros), dissolvido no tempo lento/cíclico que faz a interminável releitura dos sentimentos de prazer e desprazer de quem é morador e teor do conceito lugar, imposto pela contradição em processo na qual encontramos o modo capitalista de produção de bens materiais/ideais e de experiências estéticas.

⁴⁴⁷ KANT. Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. (p. 41).

As bateras ficam escondidas nas valas ou no meio das árvores da praia, Elas podem ser vistas fundeadas, mas é raro porque só são usadas na pesca da tainha e do camarão. Os Catarinas quando chegam ficam acampados em simples, pequenas e humildes barracas colocadas sob a proteção das árvores que cercam toda a praia. Estes pescadores possuem só duas casas de madeira no lugar, e quando estão pescando elas servem de base para os mesmos fazerem comida, dormirem, consertarem redes, guardarem o material destinado às pescarias e conversarem. Quando os Catarinas estão ausentes as casas são depósitos de materiais para pesca do camarão e da tainha.

Os Catarinas quando estão na praia são tratados como estranhos e não há laços de cumplicidade e só usam os caminhos do labirinto que não são os do parentesco e os de domínio de quem é morador do lugar. O pescador não se refere aos Catarinas com simpatia e nem com apreço. A questão é que o governo do Estado do Rio Grande do Sul, e nem o da República Federativa do Brasil, proíbem que o Catarina pesque nas águas da Laguna dos Patos. Na praia há terrenos que são da comunidade, mas a mesma não possui a propriedade jurídica da terra. O terreno culturalmente é da comunidade praieira, a beira da praia não pertence na legalidade burguesa ao pescador artesanal. Eles não podem cercar todo o terreno onde se espraia o labirinto do lugar e o lugar do labirinto, porque não desejam o cercamento, o labirinto não possui uma dimensão social materializada, isto é, não podem prender Iemanjá e nem Ogum e devido as águas do mar não possuírem cerca e eles não quererem cercar o tudo que é o nada. Voltamos ao infinito do fogo heráclítico e ao espiral/trança da gira do terreiro de Ogum, Oxum, Iemanjá, Exu, Iansã,...e do mito lobisomem.

A estrutura do caíco e das demais embarcações possuem os mesmos ditames navais desde 1907, e todos os cálculos matemáticos e físicos dos carpinteiros reproduzem no estaleiro uma arte naval artesanal, que tem similitude ímpar com o boleado das canoas dos índios de parte da América Latina anterior a invasão e ao genocídio iniciado em 1500, e que permanece em andamento obediente a "racionalidade" historicamente imposta.

A base de sustentação em formato de uma espinha dorsal invertida de um pescado é uma releitura das canoas feitas em tronco de árvores,

construídas com folhagens e de embarcações dos anos de 1455⁴⁴⁸. Independente do peso, da massa, do comprimento, da altura e da largura do desenho boleado ou achatado do fundo do barco, da embarcação ou do bote, é sabido que a transmutação da ordenação das vértebras da espinha central do peixe é apresentada invertida no desenho e na colocação das madeiras e demais estruturas envergadas, boleadas ou achatadas substantificadas nas cavernas, nos troncos de árvores e nas folhagens que constituíam o ponto de suporte central e da própria existência do barco, do bote e da embarcação nas comunidades primitivas, escravistas, feudais e capitalistas.

⁴⁴⁸AMADO, Janaína e FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *No tempo das Caravelas*. São Paulo: Contexto, 1992. (p. 65).



Foto 54: A Espinha Dorsal



Foto 55: A Espinha Dorsal



Foto 56: A Espinha Dorsal

A caverna apresenta-se como sendo a maior e a principal estrutura do barco, inicia-se no costado e vai até o fundo que pode ser achatado ou boleado. O banco do traqueje, o do meio, o bolante e o da mesena são as estruturas horizontais que se somam com o paneiro, caracterizado como um piso sobreposto ao fundo do caíco. As madeiras cedro, crapea e pinho, todas oriundas do estado do Paraná e compradas na cidade do Rio Grande, são as utilizadas na construção e consertos dos caícos, botes e chalupas.

O peixe com sua espinha dorsal foi a grande inspiração sábia e intelectual dos carpinteiros nos modos de produção que permearam a história da humanidade, isto não significa que a leitura seja marxista objetivista e evolucionista centrada numa visão cartesiana, retilínea e uniforme. Mas, a visão invertida da posição da estrutura central do peixe passou por toda a história da construção naval artesanal, no desenvolvimento da arte manual de desenhar e construir as embarcações movidas pelas remadas, pela ação eólica ou com um motor auxiliar.

O surgimento dos primeiros navios movidos a vapor foi uma seta/desvio na visão “retilínea” da história dos barcos movidos a remadas e pela ação eólica, já que estes bens navais permanecem convivendo contraditoriamente com a acelerada contração tempo/espço da fibra ótica e dos mais diversificados tipos e espécies de satélites artificiais. A visão invertida da espinha dorsal do peixe é o insubstituível exemplo de como se deslizar nas águas doces (da mamãe Oxum) e nas praias salgadas (da mãe Iemanjá). Poseidon⁴⁴⁹, que é a expressão dos elementos primários criadores (a eterna fecundidade de uma natureza que é só mobilidade, ebulição e oscilação de uma vida indiferenciada e indeterminada) nos remete para Iansã, que faz oscilar os caícos nas tempestades. Assim, a releitura da caverna, do costado e do casco naval europeu é objetivada no imaginário mitológico que faz o casamento de Poseidon com Iansã (o oriente oscila, entra em mobilidade e desliza para o ocidente).

As embarcações médias usam a voga e as pequenas o remo. A voga é feita artesanalmente para puxar água profunda, e o remo é destinado para as suas milenares remadas em água rasa e em embarcações primariamente movidas pela ação eólica. Mas, nem todo bote médio é motorizado, entre os 38 botes médios só 20 possuem motor e os pequenos, representados pelos 55 caícos e pelos 9 lobisomens não são motorizados. Nos médios o pano é opcional, enquanto força auxiliar para a embarcação deslizar; já nos

⁴⁴⁹BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

pequenos o pano é o único meio, somado às remadas, para se colocar o bote em movimento. Fica explícito que a pesca artesanal enquanto geradora de sobretrabalho não se encontra em decadência, já que, em 1954 eram 52 embarcações e atualmente são 102 em plena atividade social participando da reprodução cultural do labirinto intersubjetivo/interobjetivo chamado de lugar.

A acumulação primitiva é da nossa imediata atualidade, ratificando a razão de ser e haver do tempo lento/cíclico do lugar e da permanência da reprodução ampliada do modo capitalista de produção, que apesar de ser impotente para a existência do ser humano entendido como sujeito e objeto coletivamente livre, continua de forma material/ideal recriando a eterna contradição em processo que possui como elemento básico o modo capitalista de confrontar o trabalho/capital - simbólico/imaginário presente de maneira peculiar no modo de vida dos moradores do lugar, cujo principal meio de transporte são os seculares caicos que originaram os botes.

No caso do lugar, fica registrado na precisa história da relação do homem com a natureza através da técnica de trabalho, que a utilização de remos e panos não é uma característica única de grandes embarcações do império Grego e do Romano, porque o conhecimento de técnica naval e de linguagem humana foi documentado, em menor escala, principalmente nos pequenos caicos, e divergindo de outras pescas artesanais do litoral brasileiro cujo emprego do pano não é simultâneo com os dos remos, como ocorre nas baiteiras do litoral potiguar⁴⁵⁰. Nas águas interiores de Mamãe Oxum os índios só usavam o remo nas canoas, não havia canoas com panos. Inicialmente o pano era de algodão, mas recentemente uma minoria de barcos médios tem pano de náilon. Hoje, numa máquina movida por pedaladas, a mulher do dono da embarcação é quem costura o pano do barco que já foi cortado pelo pescador.

⁴⁵⁰ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH/UFSC, 1995. (p.144).*



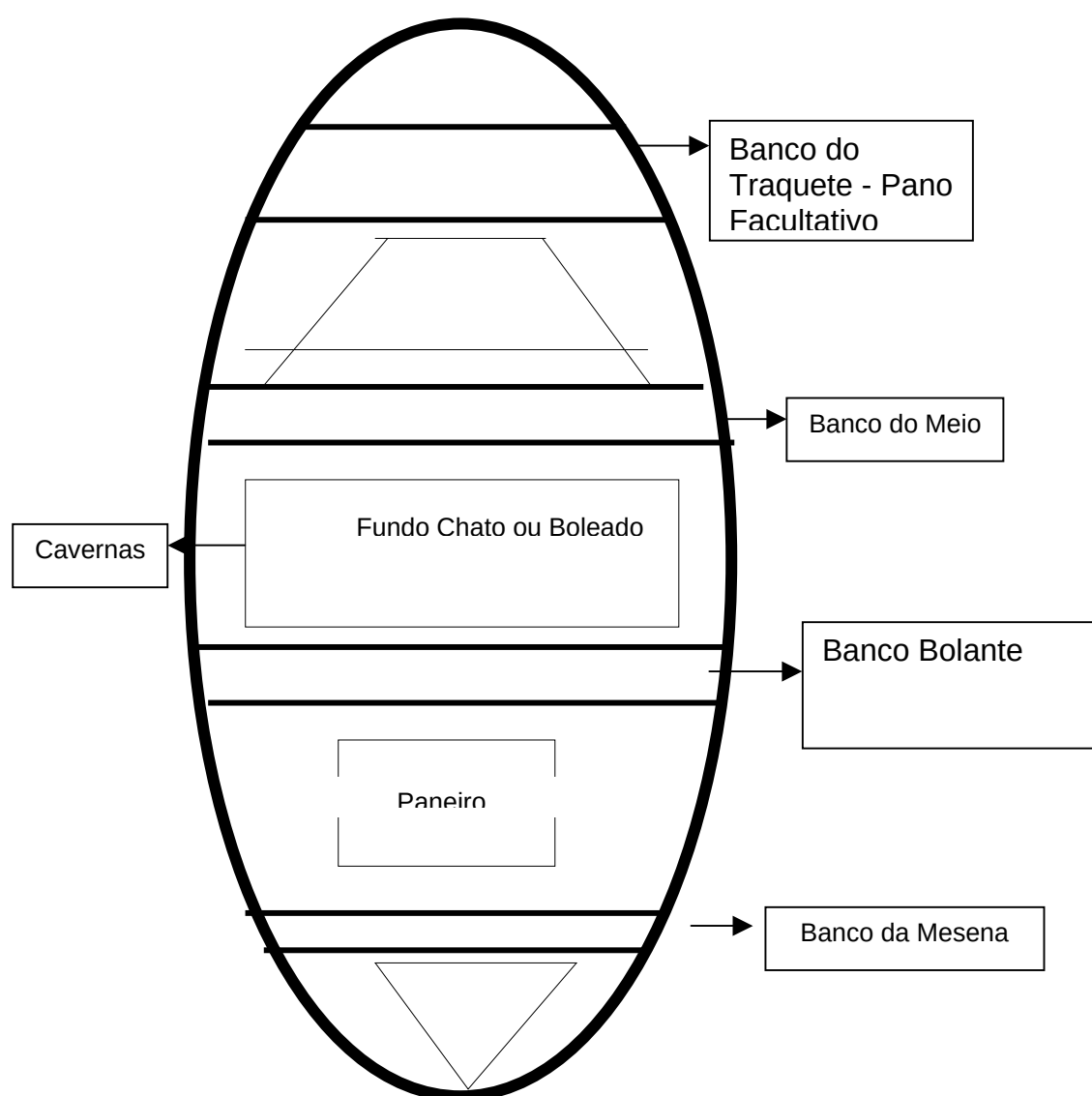
Foto 57: O Pescador Artesanal e o Remo

No lugar há uma recriação da divisão do trabalho pelo sexo e do traço etnológico dos primeiros moradores que pescaram nas águas do periódico confronto natural/social entre Oxum, Iansã, Iemanjá, o pescador e o atravessador de pescado. Tudo é passado pela espada de Ogum e pelo diálogo trabalho/capital encontrado no interior de qualquer barraco e na gênese de qualquer parilha de pesca do lugar.

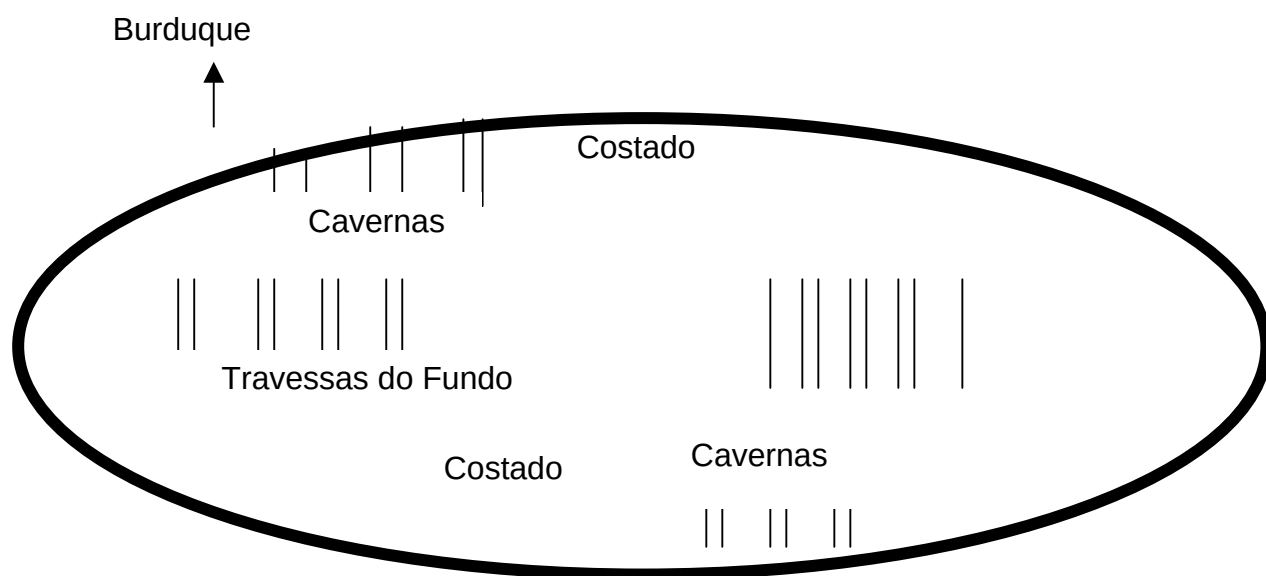
Esclarecemos que os botes com barraco constituem parilhas médias compostas por cerca de 3 pescadores, e os barcos de “boca aberta” (desprovidos de barraco) são formadores de parilhas pequenas com 2 pescadores, cujo trabalho consiste em colocar “manualmente” a rede no mar, pescar e depois e puxá-la. Manual porque não possuem qualquer aparelho, instrumento, ferramenta ou máquina no manuseio material/ideal da rede de pesca e da caixa de madeira para o acondicionamento do pescado. Dotada de duas tampas e que é removida quando vão pintar ou consertar o

bote, e que na pescaria, e depois da mesma, usam as duas tampas para manusear o pescado. A caixa é mais encontrada nos barcos médios, no caíco se joga o pescado no fundo da embarcação, até se chegar na salga.

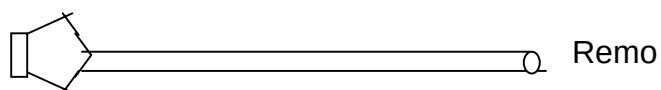
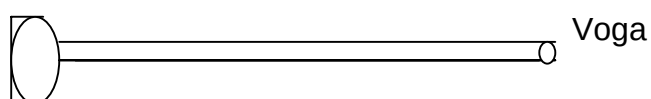
Desenho de Bolinha 4: Estrutura Artesanal de Madeira do Caíco, da Chalupa e do Bote



Desenho de Bolinha 5: Caíco, Bote ou Chalupa de Boca Aberta



Desenho de Bolinha 6: Voga e Remo



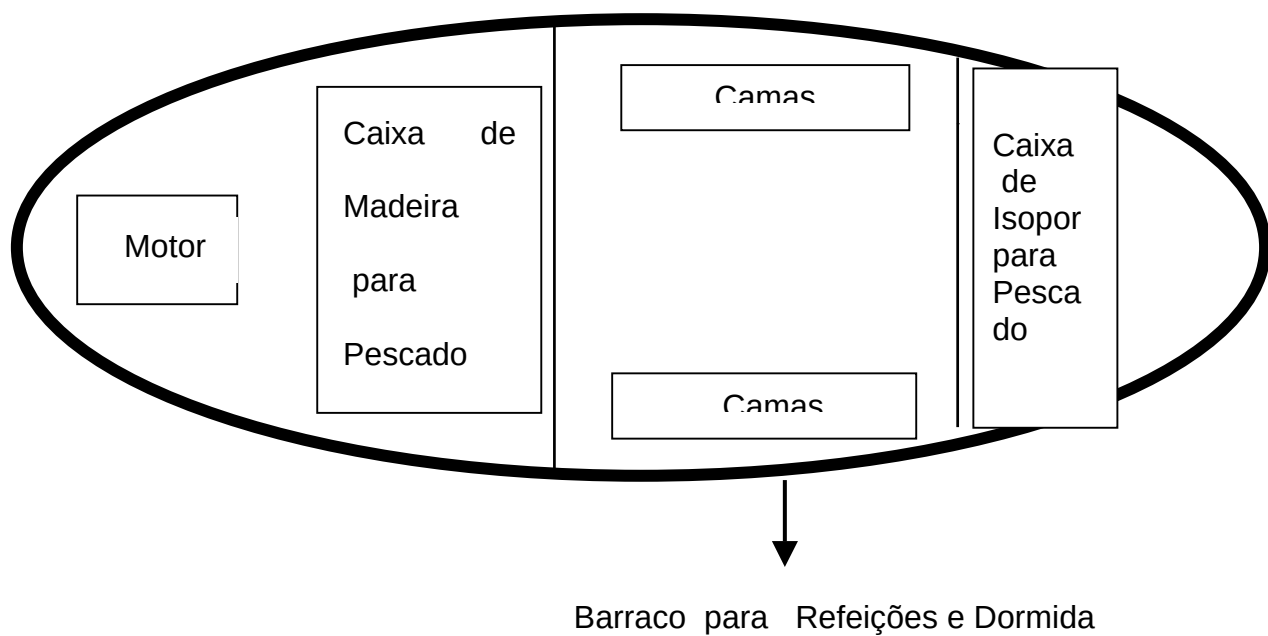
Desenho de Lindo 7: Bote ou Chalupa com Barraco**Foto 58: O Barraco**



Foto 59: O Barraco

Os caícos são de cor azul, verde, branco, vermelho, laranja e amarelo, pois as cores precisam ser vistas de acordo com a sua predominância na estrutura da embarcação e, singularmente, nos detalhes ímpares (por exemplo: begue), qual a cor predominante. Pensam na identidade da diferença pintada no bote e acreditamos que a antropologia e a simbólica enriquecerão a leitura geográfica de expressão da relação homem/natureza nas cores do caíco. Registramos que há uma evidente relação das cores empregadas com os processos sociais/naturais intrínsecos aos elementos da natureza, não criada e nem produzida pelo trabalho vivo nas imediatas contradições capital/trabalho articuladas ao imaginário/simbólico, pois as cores azul, verde e branco estão relacionadas ao mar e aos orixás, isto é, o azul de Iemanjá das águas, o verde de Oxossi das matas e o branco de Oxalá que é o maior dos Orixás representado pela imagem do Filósofo Jesus vestido de branco.

O vermelho, laranja e amarelo encontram-se no diálogo com as cores do nascer e do por do sol que é um grande ponto de direcionamento e rumo do pescador artesanal em direção ao lugar e ao próprio sol, através do deslizar da embarcação nas águas do mar, ou que seja, do grande mar da vida que só há em função da estrela Sol, caso contrário nada/tudo existiria.

Negando a vida e chamando a morte o vermelho, o laranja e o amarelo trazem para a boca de cena os Exus da beira do cais, que são moradores dos infernos onde o vermelho, o laranja e o amarelo do fogo heraclítico arde, ferve e queima e move tudo em constante e contrastante ebulição. Como no terreiro o Sol do céu encontra-se bem juntinho do Exu do inferno.

O material para a pescaria é produzido pelos pescadores e a confecção das redes é fruto do trabalho artesanal das mulheres da comunidade e todos estes bens são guardados no galpão; inclusive as “pedras” usadas como chumbo. Mas, temos a casa (o teto), o terreno que contorna e abraça toda a morada e o galpão para o acondicionamento do material destinado às pescarias, porque as atividades da vida doméstica familiar e da pesca permeada pelo parentesco são culturalmente espreiadas por dentro e por fora da casa, do que tem “teto”, e nos apresenta bens materiais/ideais que fornecem a quietude, a disposição tácita, a linguagem expressiva, o sentimento estético, o valor utilitário e nos dão um “assentimento”⁴⁵¹ à nossa posição no mundo, isto é, promovem a nossa assinatura cultural e a nossa identidade social/natural historicamente particularizada no coletivo do parentesco do lugar.

⁴⁵¹ NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (p.111).



Foto 60: As Redes em Casa



Foto 61: O Galpão



Foto 62: O Interior do Galpão

O rancho vai somar-se aos materiais utilizados na pesca, por exemplo, redes, anzóis, iscas, liquinhos, cordas e “pedras”, todo material destinado à pesca, com exceção das iscas e parte do rancho, são guardados no galpão que se localiza entre as moradias. Eles estão aleatoriamente distribuídos nos caminhos que ligam um parente ao outro, assim, fazem parte de todas as relações de afetividade que se desenvolvem na casa e nos caminhos das relações de parentesco. A iluminação do galpão consiste em um “bico de luz” que puxam da rede elétrica da moradia, já que aberto é utilizado durante os consertos noturnos de redes: “Eu saio e deixo as coisas abertas e ninguém mexe”.⁴⁵²

A presença de entidades mitológicas celestiais de caráter sacro/religioso católico é encontrada no interior do galpão, nele Nossa Senhora dos Navegantes é apresentada em tela pintada manualmente, e a

⁴⁵² *Lindo*

comunidade registra através de sua ímpar linguagem social/natural que pede proteção ao mundo dos espíritos (assim diria Platão) contra os seres maus que podem enfeitiçar os bens materiais destinados à pesca artesanal e para que tenham uma pescaria frutuosa.



Foto 63: Nossa Senhora dos Navegantes no Galpão

Entre as construções das residências encontramos os caminhos de taquaras que escondem tudo e todos e de forma instantânea, “avisam” qual a direção do vento, se vai chover fraco ou se virá uma tempestade. Os pescadores utilizam instrumentos rudimentares para uma melhor sinalização do direcionamento do vento, e antes de saírem para pescar procuram prever as condições meteorológicas para assim providenciarem o rancho, os materiais para as pescarias e a preparação da embarcação, já que os dados meteorológicos somam-se com os tipos de correntes de águas, a estação do ano, a fase da lua e a espécie de pescado que é comum naquele período do ano, para que o pescador artesanal decida o que, como, quando, para que e para quem pescar.



Foto 64: O Cata-Vento

Tratando-se da previsão das condições atmosféricas para ir pescar é entendido pelos pescadores que a poluição nas grandes cidades e as guerras dos homens que possuem muito dinheiro tem prejudicado a leitura da previsão nos astros, pois devido à influência da ação dos homens não é possível ver as condições meteorológicas nas estrelas do céu: “Os astros estão envenenados. A guerra lá fora manda tudo para o ar!”⁴⁵³

O pescador, de acordo com as estações do ano, a posição das taquaras, a direção dos ventos, a correnteza da lâmina d'água, os presságios da curandeira, os pratos de feitiçaria já vistos nas pedras do cais das Docas, e outros fatores culturais do peculiar modo de vida, decide se irá pescar. Somam a todas estas variáveis o seu vínculo de dependência econômica e afetiva para com os atravessadores de pescado (o aliciamento existe, é o “Poder do Atraso”)⁴⁵⁴.

Os pescadores do lugar não criaram uma terminologia nova para identificar e classificar as estações do ano, eles utilizam os mesmos nomes pronunciados na cidade do Rio Grande, mas, o período de cada estação não coincide com o documentado pela meteorologia e climatologia, ambas oficializadas por instituições governamentais de ensino, pesquisa e extensão.

⁴⁵³ Candinho

⁴⁵⁴ MARTINS, José de Souza. *O Poder do Atraso. Ensaios de Sociologia da História Lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994. (p. 35):

“Os mecanismos tradicionais do favor político sempre foram considerados legítimos na sociedade brasileira. Não só o favor dos ricos aos pobres, o que em princípio já era compreendido pela ética católica. Mas o favor como obrigação moral e de pessoas que mantêm entre si vínculos contratuais ou, se os mantêm, são eles subsumidos pelos deveres envolvidos em relacionamentos que se baseiam antes de tudo na reciprocidade”.

Quadro 7: As Estações do Lugar

AS ESTAÇÕES DO ANO PARA O PESCADOR DO LUGAR			
ESTAÇÃO	CARACTERÍSTICA	PESCARIA	PERÍODO
Verão	Temperatura: quente Umidade do ar: úmida Águas: tranqüilas Chuvas: esparsas e ocasionais Tempestades: ocasionais tempestades (raios, relâmpagos, trovões, chuva pesada e com possibilidade de chuva de pedra – granizo)	Camarão Corvina Tainha Linguado Bagre	dez. – jan. – fev. – mar.
Outono	Temperatura: amena Umidade do ar: úmida Águas: tranqüilas Chuvas: ocasionais	Tainha Camarão Linguado Bagre	abr. – maio
Inverno	Temperatura: muito fria Umidade do ar: úmida Águas: muito revoltas Chuvas: fortes e rotineiras	Corvina Linguado Bagre	jun. – jul.
Primavera	Temperatura: amena Umidade do ar: úmida Águas: agitadas Chuvas: fortes em agosto, esparsas nos outros meses	Corvina Linguado Bagre	ago. – set. – out. – nov.

Os pescadores entendem que o dia de sol sem vento é adequado para a pesca da corvina, camarão de prancha, tainha de lance (cerco), linguado e peixe-rei de lance. Estes homens acrescentam que dia de sol com muito vento não é adequado para nenhuma das pescarias, já que o vento é útil quando não é veloz. A chuva, do mesmo jeito do vento, só é para a pesca quando é pouca, pois a tempestade é prejudicial para qualquer pescaria, tratando-se da lua rezam que todas as fases dela são ótimas para as pescas.

O vento praticamente não tem muita influência na pesca do camarão realizada nos meses de janeiro, fevereiro e março, mas a pesca do camarão feita no mês de abril é mais farta se não tiver vento. O vento nordeste é bom na pesca de camarão com “saco”, porque ele ajuda a empurrar a água de vazante, a que corre para o oceano, pois a que desliza para Pelotas é água de enchente.

A chuva abundante é ruim porque a água da lagoa fica preta e doce, e os pescados encontrados no estuário são de água salgada vinda do Oceano Atlântico. O cascote é o único pescado de água doce que aparece no estuário da laguna, só é visto quando tem água doce do inverno, e o mesmo é pescado de “trocha”.

O pescador artesanal, para determinado tipo de pescaria, espera o “rebocho” (rebojo) para abrir a rede no canal do estuário lagunar. Chamam de rebocho quando a laguna joga água no oceano; este deslizamento das águas ocorre quando chove muito, e tem enchente no Guaíba fazendo com que o nível da lâmina d’água suba e corra para o Atlântico.

O vento Minuano, que é chamado de “vento rebocho”, faz a laguna sair para o oceano e nem sempre que ocorre o Minuano é obrigatório o estuário lagunar ter subido o seu nível d’água. O vento “rebocho” possui como uma de suas características ajudar a ver se há tainha no estuário, já que ela vem de corrida para desovar no oceano, fazendo o percurso de Porto Alegre até as águas do Atlântico.

O vento que é oriundo da Argentina soma-se com a lua minguante de maio para “buscarem” a tainha e o camarão que, conjuntamente nos meses de abril e maio, correm para oceano e sobem ao litoral catarinense num processo de desova. A entrada da tainha vai de setembro até abril, e a do camarão é de outubro até fevereiro – quando a água da laguna encontra-se quente, em relação ao período de inverno, e devido ter comida para as lavas do camarão e para as tainhas que vão ficar ovadas. O processo de saída da tainha e do camarão é anunciado por uma tempestade ou por uma pancada de chuva pela vinda da lua minguante de maio. Documentamos que a corvina, acompanha este processo de desdobramento da natureza da “Rosa dos Ventos” vem de Santa Catarina pela “beirada” (margeando o continente) e entra na laguna para desovar e sai em fevereiro com a água ainda quente, a mesma água que foi o motivo de sua vinda.

“O camarão entra no verão. Ele sai junto com a tainha. O vento vem buscar tudo. Lua minguante de maio. A tainha que está no mar vem buscar a que está na lagoa. A lavarzinha vem do oceano e cria na lagoa. Ele se cria na lagoa.”⁴⁵⁵

“Ele está dizendo que o camarão nasceu na Lagoa.”⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ Quinota

⁴⁵⁶ Dadá

O vento é fundamental no processo de deslizamento da embarcação sobre as águas. Ela corre contra o vento quando se encontra indo para o canal da laguna, mesmo quando é provida de motor: "A embarcação aproa ao vento,"⁴⁵⁷ quando o barco vem de volta é obediente à direção do vento, mas, a embarcação estiver se preparando para voltar, e o vento a favor dela for para outra direção, os tripulantes do barco voltam com o mesmo "bordejando", o bote movido à ação eólica, ou dotado de um motor de baixa potência, navega fazendo zigue-zagues quando se encontra contra a ação do vento. Nas águas marinhas, no confronto com as tempestades e em comunhão com as súplicas aos seres astrais, eles desenharam na lâmina d'água o labirinto já registrado nas areias do lugar. Os pescadores transferem a terra para o mar, temos a junção do sólido com o líquido no momento em que há realmente um labirinto que quando lá está, aqui há. O zigue-zaque do bote nos remete imediatamente para a tentativa do pescador artesanal em ultrapassar os obstáculos impostos pela mobilidade dos eternos contrastes, do espiral/trança que sacode, varre e esconde no labirinto o mito homem que tudo "vence e supera" e o lobisomem que adquire humanidade por ser "frágil e mortal" como qualquer homem e embarcação movida pela ação eólica, que ao ser fruto do trabalho é natureza orgânica/inorgânica subjetivizada/objetivizada. O lobisomem denunciador das estruturas das seculares embarcações a pano, contraditoriamente imortalizou-se enquanto meio de trabalho para os modos de produções historicamente determinados que periodizaram a humanidade no seu diálogo com a natureza nata, enquanto exteriorização de sua natureza interior que só é, e há, como natureza exterior a si própria. Nesta relatividade social/natural o lobisomem é mortal/imortal porque além de sua dimensão imaginária/simbólica é trabalho/capital que existe desdobrando-se como força vivificadora do sol⁴⁵⁸, e o homem é mito porque não tem a potencialidade que o pensamento racional lhe transfere via a noção de hombridade "pensante" (Dizem que a espécie animal humana terrestre tem

⁴⁵⁷ *Miltinho*

⁴⁵⁸ *MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200).*

razão⁴⁵⁹). O poeta afirma que qualquer forma de amor vale a pena⁴⁶⁰, e podemos acrescentar que toda forma de "irracionalidade/irrealidade"⁴⁶¹ (entendida enquanto energia criativa dos seres humanos) vale a pena.

A irracional/irreal⁴⁶² linguagem imaginária/simbólica - trabalho/capital permite historicamente a subordinação aos orixás, aos santos, as santas, aos lobisomens e a si próprio, enquanto força vivificadora do astro mais distante impossível, que a hombridade racional/irracional do homem é encontrada no conteúdo do conceito lugar das tempestades de Iansã, do labirinto do

⁴⁵⁹ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego". La pensée*, N.104, Agosto, 1962.

⁴⁶⁰ VELOSO, Caetano e NASCIMENTO, Milton. *Paula e Bebeto. Intérprete:Gal Costa. Disco:Gal Costa Acústico. São Paulo:BMG Brasil, 1997:*

*"...qualquer maneira de amor vale aquela
qualquer maneira de amor vale amar
qualquer maneira de amor vale a pena
qualquer maneira de amor valerá..."*

⁴⁶¹ ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura. São Paulo: Martin Claret, 2002. (p. 37):*

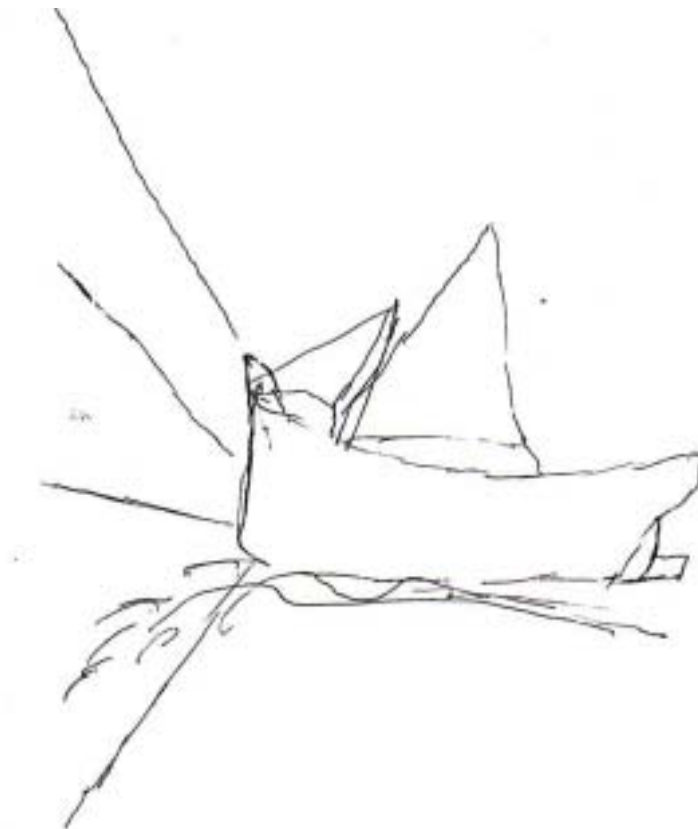
"Tudo que fazem os homens está cheio de loucura. São loucos tratando com loucos. Por conseguinte, se houver uma única cabeça que pretenda opor obstáculo à torrente da multidão, só lhe posso dar um conselho: que, a exemplo de Timão, se retire para um deserto, a fim de aí gozar à vontade dos frutos de sua sabedoria.*

**Esse filósofo decidiu-se a viver no deserto, longe da civilização, pela repugnância aos costumes de seus concidadãos."*

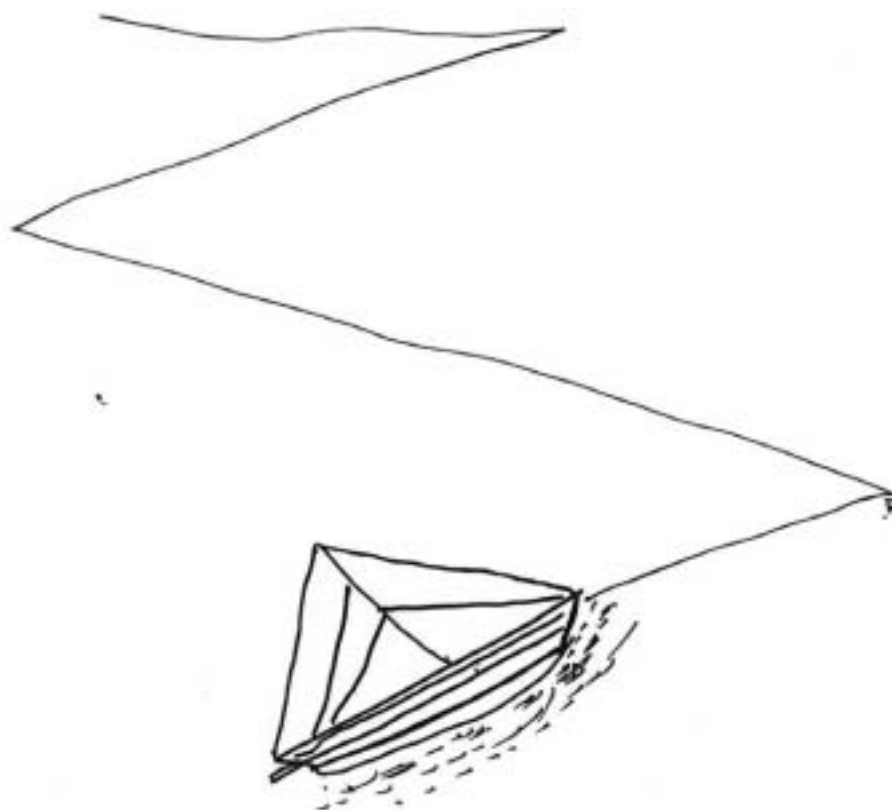
⁴⁶² NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro:Funarte, 1990.(p.363):*

"A Princípio parece simples: real é tudo o que se diferencia da produção alucinatória.Porém, as coisas se complicam muito quando se constata que, por um lado, aquilo que o psiquismo alucina se baseia na memória de alguma experiência com algum objeto da realidade. Por outro lado, não temos nenhuma garantia a respeito da nossa plena objetividade, ou seja: de que nossa percepção e representação não só dos objetos da realidade, mas principalmente das leis que regem as múltiplas relações entre esses objetos, entre nós e eles, sejam percepções e representações reais."

minotauro/lobisomem, das águas de Mamãe Oxum, do fogo e da espada de Ogum Guerreiro, do caíco e do velho pescador artesanal testemunha da secular reprodução do ímpar tempo lento/cíclico do lugar.



Desenho de Antônio do Quim 8: O Zigue-Zague



Desenho de Xaim 9: O Zigue-Zague

O pescador artesanal prefere o período do verão porque é mais próprio para a pesca, as chuvas, os ventos, as tempestades e o frio constante do inverno diminuem a quantidade e a qualidade de pescados na laguna e tornam mais precárias as condições de moradia e de trabalho na comunidade praieira: “Gosto mais do verão. Porque é mais quente. Melhor para o fulano trabalhar.”⁴⁶³

No lugar não se precisa do vento para se abrir porta de casa, pois ela está escancarada, o vento é útil para se saber quando vem o camarão, e o nordeste é o sinal de que há camarão na Laguna. A chuva não sinaliza a pesca de nenhum pescador, ela, a tempestade e o sol não servem de aviso. As tempestades inviabilizam qualquer tipo de pescaria, até porque é sabido que a pesca é verticalmente artesanal. Mas, os experientes pescadores

⁴⁶³ Paula

sabem quando vai ter pescado tendo como base os processos da “mecânica celeste”.⁴⁶⁴

Os pescadores olham as correntes do mar, sentem o vento, observam os tipos de nuvens e através do som que escutam, quando se deitam no assoalho do caíco, sabem quando pescar corvina. Reproduzem cenas, palcos, cenários e a permanência e resistência do modo de vida da praia e do conceito lugar. “Tudo tem a ver com tudo”. A viagem para a Laguna, o período no mundo das águas, a espera, o cerco e a prisão da corvina, do linguado, da tainha e do camarão fazem a relação do homem com a natureza singularizar-se na Marambaia via o ímpar traço cultural, materializado/idealizado no estaleiro que na construção das embarcações não possui, e não cria, qualquer tipo de instrumento náutico que permita ao patrão e ao proeiro adquirir qualquer previsão do tempo. São os rudimentares cataventos localizados nas proximidades das casas que permitem aos pescadores alguma noção instrumental sobre as condições da “rosa dos ventos”. Pois, o saber e o conhecimento a respeito das condições atmosféricas são adquiridos através das visões, dos cheiros, das escutas e das memórias afloradas dos patrões e proeiros que percorrem todos os cantos e recantos inóspitos do labirinto de taquaras.

As taquaras somam-se com a inexistência das muitas parreiras de uva, no convite do estudo para o aprimoramento da questão do desdobramento do conhecer e do saber fazer a releitura das cenas recriadas no modo de vida. O conteúdo do modo de vida é o imaginário/simbólico e o trabalho/capital, por isso, as taquaras são peças do cenário e falam, porque segundo Bachelard “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade.”⁴⁶⁵ Ratificamos que a demonstrada potencialidade humana só desdobra-se de

⁴⁶⁴ ALEGRE, Manuel. *Senhora das Tempestades (poema)*. ALEM, Jaime. *Senhora do Vento Norte (Música de Fundo)*. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: *Diamante Verdadeiro*. São Paulo: BMG, 1999.

⁴⁶⁵ NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (p.153).

forma obstinada e enraizada com a linguagem simbólica subjetivizada/objetivizada no trabalho/capital.

O processo de transporte do caíco para a Laguna e para os esconderijos demonstra a predominância do trabalho braçal masculino. A mulher fica no interior do lar, pois o trabalho de limpeza doméstica, de cozinha, lavar e passar roupas são de sua responsabilidade, e somente em casos excepcionais (doença) é que o pescador assume tais atividades e neste caso, os filhos é que irão pescar artesanalmente.

Na praia a mulher é para a casa e o homem é para o caminho, assim sendo, as mulheres não chegam a assistir o processo de entrada e saída das embarcações, que são transportadas do estaleiro ou dos esconderijos.

Quanto ao ritual de deslizamento do bote e da chalupa, em direção as águas de Iemanjá e ao Sol de Oxalá, todo e qualquer homem presente independente de ser pescador da comunidade deve participar da ação comunitária masculina de empurrar a embarcação, caso contrário, passará a idéia de que a arte de ser pescador significa que o trabalhador é socialmente inferior ao outro ser humano trabalhador. Assim, eles fazem o convite para que se pense que na comunidade do lugar a relação do trabalho braçal com o trabalho intelectual ocorre no mesmo nível cultural/social porque ignoram o fato do indivíduo ser "doutor" médico, advogado, etc. É valioso culturalmente que o indivíduo seja cúmplice da ímpar linguagem imposta pelo histórico tempo lento/cíclico que é socialmente produzido pelo coletivo dos moradores. A diferença ocorre pela aceitação através da lealdade ou a irreversível rejeição via a falta de respeito para com a opção social/natural imposta no palco da boca de cena, cujo afloramento da memória do velho pescador trás atos ímpares e imortais nos esconderijo do labirinto, do espiral/trança.

O transporte do bote para as águas da praia do lugar, ou da praia para os estaleiros, é feito no turno da manhã devido o percurso entre o mar e os estaleiros não serem iluminados. Mas, mesmo quando há muitas condições favoráveis para realizarem o transporte no vespertino ou no noturno, a prioridade é o matutino, já que o mutirão tem maiores possibilidades de ser concretizado pela manhã quando vários pescadores artesanais estão em terra. Eles afirmam que não existe superstição para a embarcação ser transportada durante outro horário fora o matutino. Contraditoriamente

confirmam que quando o bote ou o caíco é novo jamais iriam “arreiar” (levar a embarcação para a lagoa que fica num nível mais baixo, lá na praia, já que o estaleiro fica no alto, lá na terra firme) no vespertino ou no noturno: “Sempre colocam o caíco novo na parte da manhã. Nunca de noite. É tradição de colocar pela manhã.”⁴⁶⁶

Quando é uma embarcação pequena, o proprietário e os outros pescadores transportam para o estaleiro ou arreiam. Todo o deslocamento do caíco é feito com a força muscular dos homens do mar que trabalham na embarcação. Mas, quando é um bote médio fazem o mutirão. Gritos, empurrões, palavrões, alguns corpos moles, preocupação com a integridade física de todos, com a conservação da estrutura e da beleza, ou da feiúra (lembra-se do lobisomem?), da embarcação que desliza, compõe todo um ritual de locomoção do caíco, da chalupa e do bote que é coordenado pelo pescador mais experiente e conhecedor das manhas e macetes, os quais facilitam a locomoção e evitam desastres. O ritual possui a interferência de mando por parte do carpinteiro, já que, o mesmo domina o saber sobre a altura, largura e comprimento dos diversos tipos de estruturas navais do lugar.

Acordamos com os gritos dos pescadores varrendo e sacudindo os caminhos do labirinto. Eles fazem aquela gritaria e aquele alvoroço que “ferve” os quartos dos homens, as cozinhas e sai absorvendo as sombras quietas das árvores que margeiam os caminhos de areia. As mulheres com indiferença se limitam a ouvir sem fazer sequer um gesto que esteja relacionado com a gritaria estabelecida pelos pescadores. Eles todos saem em fila indiana ao encontro da embarcação que será transportada desprovida de motor, já que quando possui motor, o mesmo é retirado para se evitar qualquer tipo de dano durante a locomoção do bote em terra firme. Salientamos que as crianças e os idosos, todos do sexo masculino, acompanham os jovens e adultos na formação do mutirão, durante o transporte do barco e depois no fim da fila indiana pelas portas abertas das cozinhas das casas do lugar.

⁴⁶⁶ *Dodó*

As crianças vão para assistir e aprender com os viris homens da praia e se identificar com o simbólico/imaginário masculino que é cultural na comunidade. Os velhos vão para dar sugestões, brigar, reclamar, ensinar, vendo-se nos jovens, e rir da falta de conhecimento e sabedoria dos rapazes. Assim, o velho pescador artesanal vai transmitindo todo o conhecimento e saber herdados e adquiridos durante a sua recriação vertical do modo de vida do lugar, apesar dos risos e dos xingamentos para com os musculosos pescadores da praia, é muito respeitado e venerado como um mito vivo por todos: “O Quinota sabe de tudo. O Candinho e o Quinota sabem até do tempo do casarão dos escravos. Era ali como quem vai para o Porto do Rei. Perto da casa da velha Panasqueira. Mais pra lá!”⁴⁶⁷

No final da tarde, já perto das 17:30, as crianças (principalmente os meninos), os jovens e os adultos fazem uma roda em volta do banco do Velho Quinota. Tudo é para ouvi-lo falar das suas pescarias fabulosas do passado, os peixes enormes que pescou ou viu, a chegada de um estranho que passava a espreitar as casas, como vivia os primeiros pescadores na praia, um barco que foi a pique, aquela tempestade que jogou o bote nas pedras dos molhes da barra da laguna. E outras experiências assistidas e vividas pelo velho pescador artesanal que conheceu as famílias de todos eles e que hoje via as relações de afetividade é um referencial, na conservação e manutenção do traço cultural ímpar da Marambaia.

Os velhos pescadores, os experientes homens dos estaleiros e os maduros proprietários de embarcações passaram e continuam transmitindo os mais variados macetes e diversas artimanhas para os jovens proeiros que estão fazendo o deslocamento do bote. Os homens colocam troncos de árvores, taquaras e canos de ferro sobre a areia; desse modo, a embarcação em mutirão é deslizada sobre esta base improvisada e repetida secularmente no transporte de barco, pois diz Candinho que reproduzem a mesma idéia deste os anos de 1907.

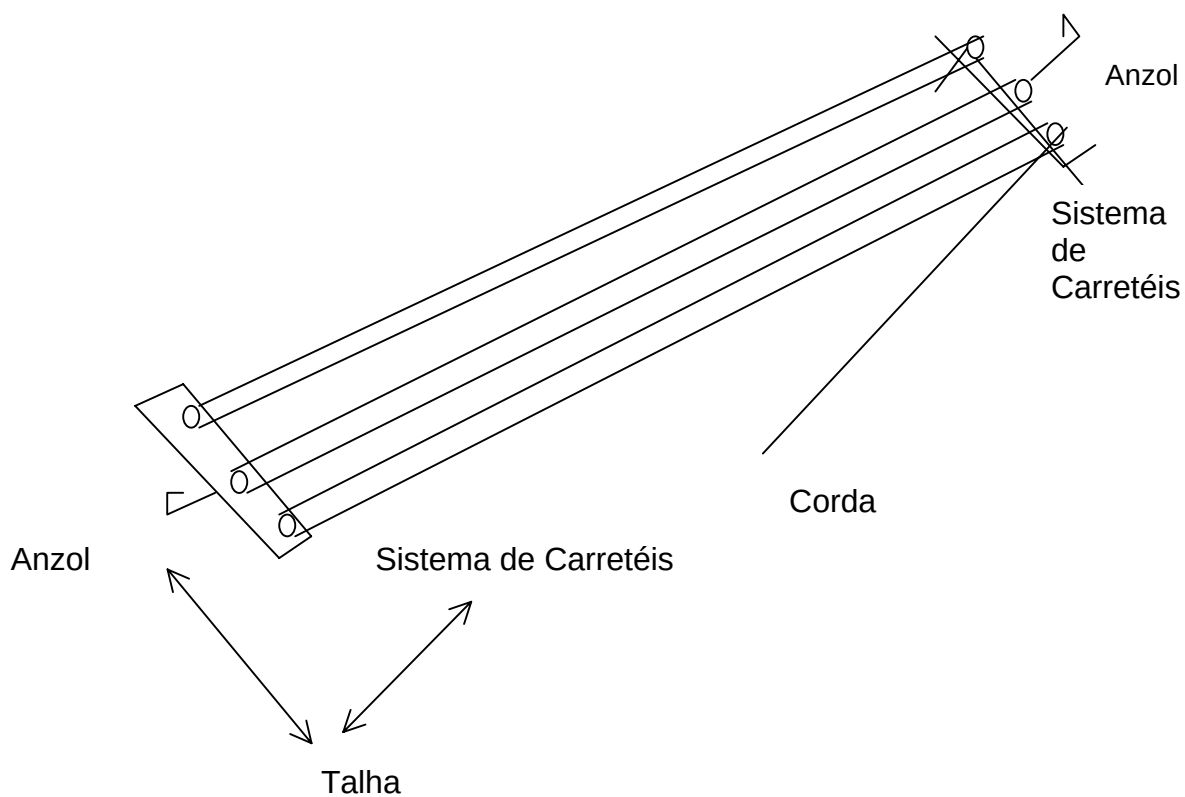
Os pescadores e os capinteiros fazem a limpeza da vala por onde vai passar o barco e, logo depois, colocam na horizontal e na vertical uma quantidade significativa de troncos de árvores, taquaras, bambus e canos de

⁴⁶⁷ Alice

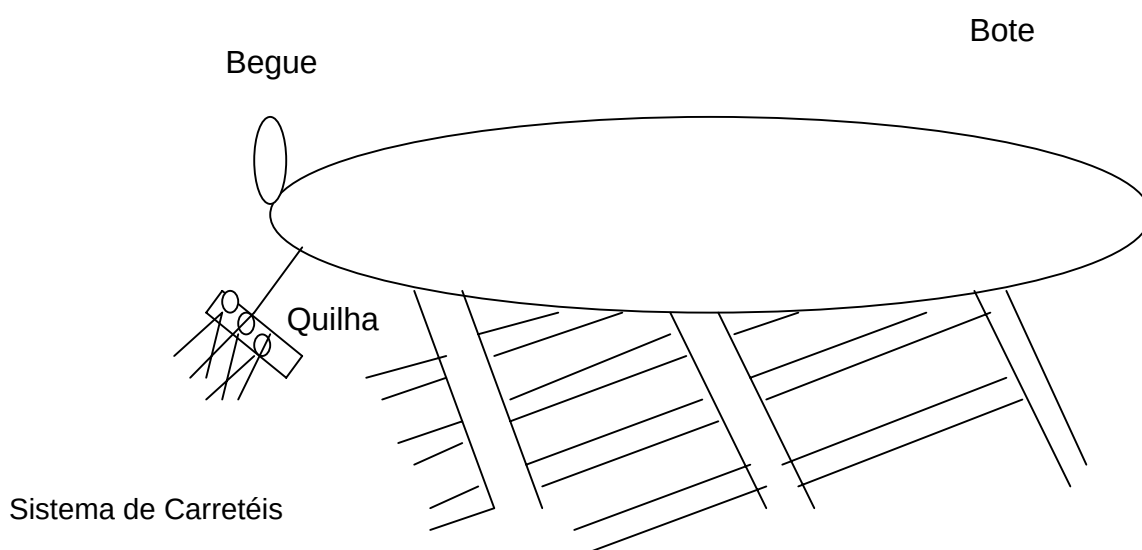
ferro, será sobre este piso feito por troncos e bambus que o bote deverá deslizar. Os homens puxam e empurram o barco pelas laterais do casco, já que atrás não tem apoio para as mãos. Todo o trabalho feito nas laterais é com as mãos nuas, não existe nenhuma corda nas laterais da embarcação, assim, a maior concentração da força muscular dos homens é em quantidade e qualidade, na bacia da caverna do bote, é na lateral esquerda e direita por onde puxam o bote a muque.

Na proa do barco é colocado um sistema de carretéis quando o mesmo já se encontra com sua popa fora d'água, mas ainda não venceu toda a vala e não se encontra seguro o suficiente para ser consertado pelo marceneiro do estaleiro. O sistema de carretéis é composto por dois carretéis que são interligados por uma corda que passa pelas três cavidades que perfuram cada um deles que tem três cavidades cilíndricas pelas quais passa a corda que se multiplica em seis fios. Cada vez que a corda é puxada faz com que um carretel se aproxime do outro e que ocorra o deslizamento da embarcação sobre os troncos, galhos e canos de ferro. A corda é puxada pela sua extremidade que a cada tração é amarrada em uma árvore mais longe do barco, assim faz com que os carretéis se aproximem e o bote deslize sobre os troncos e galhos de árvores.

Desenho de Bila 10: A Talha



Desenho de Bila 11: A Mobilidade em Terra



O deslizamento da embarcação sobre os canos de ferro na horizontal, colocados em cima de troncos e galhos de árvores na vertical, ocorre mediante a força bruta dos pescadores artesanais nas laterais do bote e devido à inserção do sistema de carretéis. Cada vez que os homens puxam a extremidade da corda e amarram a sua ponta em uma árvore, e que puxam trocam por um tronco mais distante da laguna, fazem com que os carretéis se aproximem entre si e que a tração dos carretéis promova o puxar seguido do deslizamento da embarcação.

Assim, cada tronco conquistado (abraçado pela extremidade da corda) significa que o bote locomoveu-se, cada puxada é uma locomoção e cada locomoção uma nova árvore que será abraçada. Quando a popa do barco avança homens dão um puxão na ponta da corda, e quando o barco desliza outros deixam o mesmo e saem correndo, para ajudar os primeiros a puxarem a extremidade da corda e conquistar um novo tronco, que abraçado faz a popa do barco avançar. Começa tudo de novo até o bote ficar seguro para o marceneiro trabalhar.

O sistema de carretéis é colocado por uma corda que é amarrada no begue e desce para ser atado em outra que sai de um buraco da quilha. Esta corda da cavidade da quilha é enlaçada no anzol de ferro atrelado a um sistema de carretéis. O anzol mais o sistema de carretéis são chamados de talha, para os pescadores dois sistemas de carretéis e dois anzóis são duas talhas.

Quando se trata da retirada de um caíco de dentro d'água para ser levado ao estaleiro, ou a arreada do mesmo para a laguna, os pescadores fazem todo o transporte carregando a pequena embarcação nos ombros ou no muque dos braços. Só utilizam as talhas em transportes de botes e chalupas, mas, independente do tipo de barco, toda a locomoção só é feita no matutino, que sendo o nascimento do dia nega a morte substantificada nas feitiçarias de Exu encontradas beira do cais. É no matutino que se passou pela noturna tempestade, é no matutino que os homens estão mais dispostos, é no matutino que o sol não é tão castigante, é no matutino que a embarcação já encontra-se disponibilizada pelo carpinteiro que varou a noite de trabalho solitário e exaustivo e é no matutino que se pode sacudir o labirinto e encontrar o velho Quinota acordado e chamando a todos de não sabedores

dos mistérios do mar, dos macetes e trunques para se enganar a "embarcação" teimosa que não quer se mover e a dizer o que fazerem, e não fazerem, para trabalharem de forma a conservar os padrões técnicos de manuseio brutal dos canos de ferro, paus e cordas para o transporte do bote ou da chalupa ambas embarcações de porte médio.



Foto 65: O Transporte da Embarcação



Foto 66: A Quilha



Foto 67: O Sistema de Carretéis



Foto 68: O Esteio



Foto 69: O Menino e o Carpinteiro

O transporte da embarcação e o lobisomem denunciam a relação mitológica, fantasiosa, medrosa e de baixo padrão tecnológico, que permeia a luta deste pescador contra os poderes dos seres e criaturas do mar, dos raios da senhora das nuvens de chumbo e do encontro com os compradores de pescado. São homens que deixam transparecer a fragilidade do processo de elaboração de um nível de abstração tida como "racional",⁴⁶⁸ de uma comunidade praieira, diante dos muitos problemas sociais que a cidade, através da compra do pescado participa do agravamento das condições intersubjetivas/interobjetivas viabilizadoras dos anseios e medos. Registramos que o encontro do tempo rápido com o tempo lento/cíclico soma-se as demais preocupações que constituem o modo de vida..

Os pescadores afirmam que os proprietários de embarcações médias, produzidas nos estaleiros, são patrões que conseguem pagar parceladamente ao carpinteiro e que apesar de terem um poder de consumo um pouco melhor não querem ir para a cidade, mesmo possuindo condição financeira e as embarcações, por serem classificadas como sendo de médio porte, poderem realizar uma pescaria mais farta e viabilizam encontrar pescadores desprovidos e disponíveis no mercado da cidade do Rio Grande.

"Se tivessem dinheiro não moravam na cidade".⁴⁶⁹ O lugar foi caracterizado como resultado e condição da negação da contração tempo/espço da cidade de Rio Grande, que teve uma outra linguagem social/natural mesmo quando no lugar haviam cavalos, e nenhum carro ou bicicleta, e na cidade ainda não existiam muitos automóveis. No lugar as mulheres nunca andaram de cavalo, pois foram os homens que montaram os eqüinos, legitimando a linguagem cultural de que a mulher é o sexo frágil e para ficar sob o teto da casa e não nos caminhos do labirinto, que contraditoriamente elas costumam nas cozinhas.

Os pescadores afirmam que no ano de 1948 já havia cavalos, mas foi uma minoria da população da praia que teve poder aquisitivo para comprar

⁴⁶⁸ GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego". La pensée*, N.104, Agosto, 1962.

⁴⁶⁹ Lourdes

um eqüino, e que esta minoria tinha conseguido algum ganho financeiro com a venda do pescado, mas não foi quem adquiriu os primeiros botes motorizados.

A maioria dos moradores do local não quer morar na cidade, já que a falta de emprego, a agitação da acelerada vida cotidiana urbana, as casas gradeadas e a inexistência das relações de cumplicidade fazem da sociedade rio-grandina uma ameaça ao traço cultural dos habitantes do lugar. Os pescadores afirmam que só irão morar na cidade se houver algo de muito grave socialmente, e que obrigue uma mudança de habitação. A comunidade praieira tem medo do desconhecido, do confronto com outra opção histórica de reprodução social de vida. Por exemplo, documentamos que o pescador artesanal utiliza as manifestações dos registros da dinâmica da dita natureza nata como sinalizações para o início e término de suas atividades de trabalho. No lugar, divergindo de Rio Grande, é a alvorada, o crepúsculo, os ventos, as fases da lua, as águas do mar, os astros do firmamento celestial, a fala do curandeiro Candinho, a sentença do velho cartógrafo, a "costura de Isolina com Alice,... que anunciam o horário de acordar, de dormir, de pescar,... pois são só os bem mais jovens que utilizam despertador para registrar o começo e o fim do "diurno" e do "noturno". Os moradores adultos e velhos dormem às 21 horas e acordam às 4 horas, já que, os jovens é que gostam de assistir televisão e os outros preferem dormir e conversar sobre os acontecimentos do dia, as perspectivas para o futuro e os ensinamentos, experiências e relatos dos antepassados e do passado deles próprios. Fica evidente que os jovens de até 30 anos gostam mais de televisão do que os homens com idade superior; só que este gostar da televisão do tempo virtual não significa querer se inserir na problemática social da cidade. Tal dado cultural nos mostra que as de médio porte produzidas no estaleiro não são incentivo para a mudança de moradia, o aumento da produção de embarcações não promove uma acumulação de capital e nem trás o desejo de se transferirem para a cidade. O lugar é, e há, entre outras particularidades históricas intersubjetivas/interobjetivas como transferidor de sobretrabalho para a releitura do "seu" modo capitalista de produção ampliada intrínseco na grande mobilidade.

A comunidade, entendida como sendo permeada pelo tempo lento/cíclico, devido encontrar-se fora de evoluções atreladas a elevada contração tempo/espço, é lugar de Rádio Amador Cobra 19 DX Móble CB Rádio desqualificado que existe em várias casas, de dois orelhões que “nunca” funcionaram e de ser lugar que não recebe visita de carteiros, já que as correspondências são pegadas na agência do correio central de Rio Grande. Os rádios amadores são comprados por R\$100,00 (cem reais) no comércio informal da cidade e utilizados para conversar com embarcações e específicos moradores de ilhas e praias vizinhas.

O pescador artesanal quando vai de caíco, bote ou chalupa fazer compras, pagamentos e tratar de outros assuntos diversos no comércio da cidade se defronta, de forma direta e imediata, com o tempo rápido que é condição básica e precisa para a reprodução social da opção histórica presente na questão urbana de Rio Grande. O pescador artesanal do lugar, neste processo de encontro com o tempo rápido da cidade, faz o fundamento da embarcação nas águas das velhas pedras do cais do mercado do peixe. A fateixa simbolizando as garras de uma entidade mitológica, de um ser astral ou de uma criatura das águas sinaliza a segurança e a reza do direito à propriedade privada/comunitária por parte dos pescadores do lugar.

Nas pescarias e na praia da comunidade os homens fundeiam as embarcações, documentando que no lugar há o direito de propriedade privada dialogado com as relações de parentesco que são fundidas com o traço cultural comunitário, e não individualizado, no qual encontramos a propriedade privada da embarcação sendo orgulho dos cúmplices do proprietário da mesma e da comunidade praieira do lugar, onde todos ajudam no transporte secular de toda e qualquer dos estaleiros, como vigiaram e preservaram as redes e os galpões de todos que são frutos e leais a peculiar linguagem do lugar, apresentado nas velhas pedras do cais da cidade como referencial para quem quer ver ou adquirir primorosos caicos, botes e chalupas que produzidas artesanalmente testemunham um diferente modo de vida do modo capitalista de destruir e construir bens materiais/ideais.



Foto 70: A Saída do Lugar



Foto 71: A Cidade no Horizonte

CAPÍTULO V

A PESCA



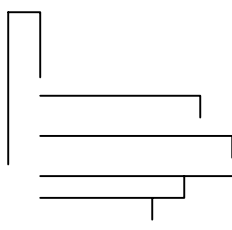
Foto 72: O Pescador Artesanal

As redes de pesca que guardadas nos galpões, que estão margeando os caminhos ou ficam no ínterim dos barcos são confeccionadas no turno da noite. Mas, quando não tem pescaria pela manhã, os pescadores artesanais dedicam-se a fazer e consertar redes. Os homens ficam no manuseio dos fios da rede quando as condições meteorológicas e dos cardumes de pescado não viabilizam a saída para a pesca. O pescador artesanal só trabalha durante o dia nas redes de pesca quando estará pescando no noturno. Desde 1940 no lugar não existe um homem que trabalhe somente na confecção e no conserto de redes, na comunidade não há a figura do redeiro, pois são os próprios pescadores que trabalham com as redes de pesca. Salientamos o fato de encontrarmos, neste mesmo período histórico, a presença do pescador artesanal que vivia só da pesca, não era um pescador-lavrador

porque não tinha a atividade agrícola como complemento de seus rendimentos negativos.

Mas, no ano de 1940 havia aquele pescador que aceitava encomenda para a confecção de redes de pesca durante o período em que a pescaria ocorria no noturno, assim, dedicava-se à produção artesanal de redes no diurno. As mulheres ajudaram os homens na confecção e no conserto da rede de pesca, como há mulheres que aceitam a encomenda para a produção manual das redes. Neste caso o pescador compra todo o material necessário (por exemplo: fios, bóias, chumbos e cordas) e só paga a mão-de-obra.

Tais mulheres alternam o processo de trabalho manual com as atividades domésticas peculiares à identidade cultural feminina no desdobramento secular da comunidade praieira. Desde 1919 todos os bens materiais destinados à construção de embarcações, confecções de redes, pescarias, conserto de casas, e a outras atividades artesanais do lugar, são comprados no mercado da cidade. Nesse ano, a confecção da rede era feita com fio de algodão que foi substituído pelo fio de nylon e depois pelo de plástico. Mas, a medida “chave de mão” para ver o tamanho da abertura da malha fez parte do trabalho de criação das redes de pesca artesanal. Esta medida consiste em colocar os quatro dedos das mãos, alinhados e sobrepostos, no interior da abertura da malha para se averiguar a medida (altura e largura) existente entre os nós da rede.

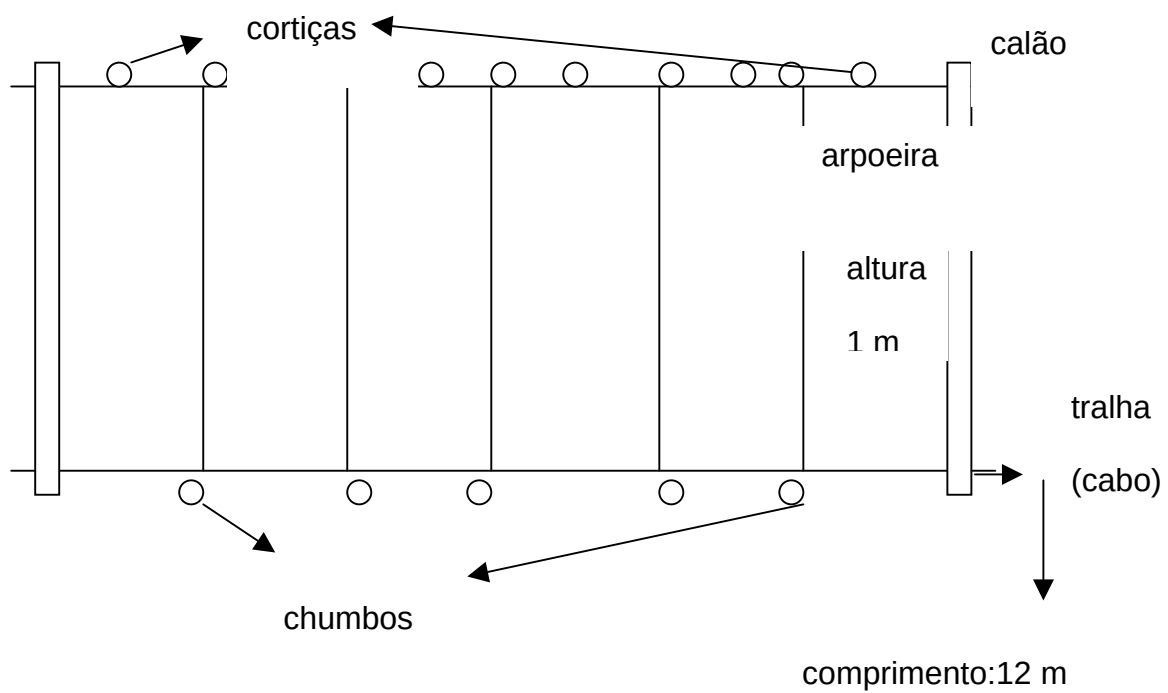


Desenho de Biguá 12: A Chave de Mão

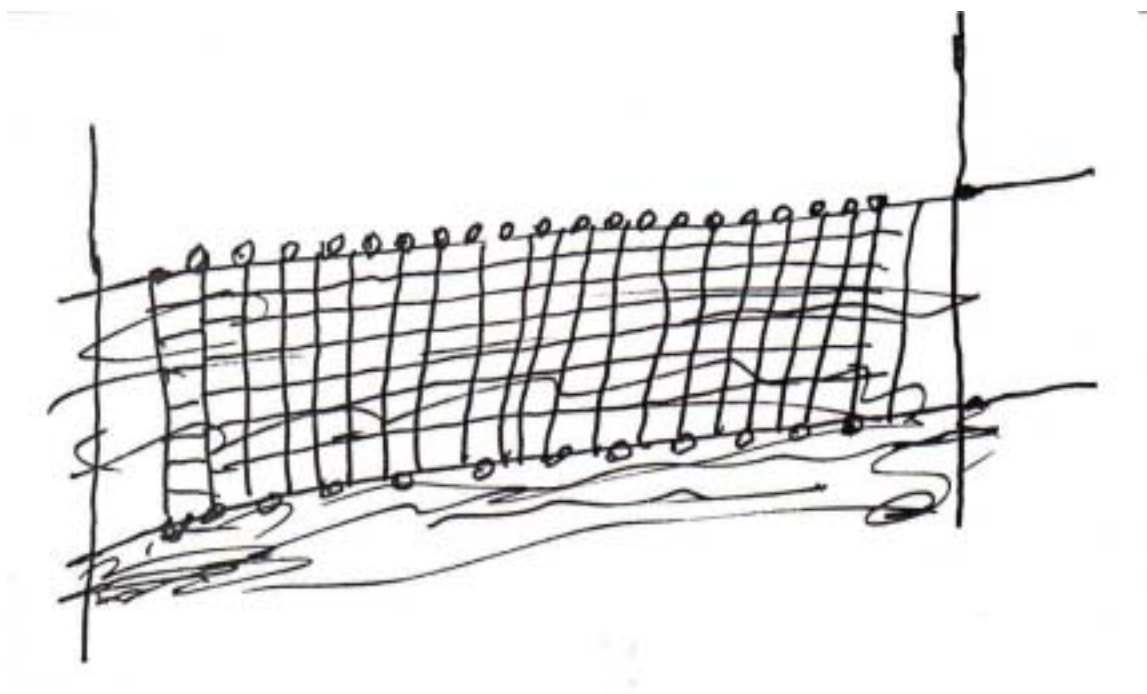
No período histórico de 1945, só a rede destinada para a pesca da corvina era diferente das outras, por não possuir o ferro que fundeia a malha no canal, essa rede caseava nas águas, ou melhor, caminhava na laguna. Mas, atualmente é o peixe que tem que “casear” para confrontar-se com a malha colocada em um canal estratégico. Somente no ano de 1995 os pescadores artesanais colocaram o ferro, por causa dos “pegadores” (troncos de árvores) localizados no fundo do canal lagunar.

Nos dias atuais a rede de pesca para a corvina é semelhante à utilizada para a tainha, só difere o fato da malha da corvina ser de 60 mm. A rede caracteriza-se por possuir um acréscimo de “pedras” na “tralha” de baixo para fazer com que a rede vá até o assoalho da laguna. Ela em uma ponta recebe “ferro” e uma “bóia” e na outra ponta restante só uma bóia, assim, este processo faz com que fique aberta cortando a lâmina d’água e servindo de parede para o pescado. Mas, como há aproximadamente 60 redes feiticeiras, os pescadores usam-nas para pescar corvina e linguado. A rede feiticeira foi inventada para o aprisionamento do bagre e diferencia-se das demais por ter três panos de rede, onde dois são de malha larga (quatro chaves de mão ou 30 centímetros) e entre ambos há um pano de largura de rede de duas chaves de mão ou 15 centímetros de largura.

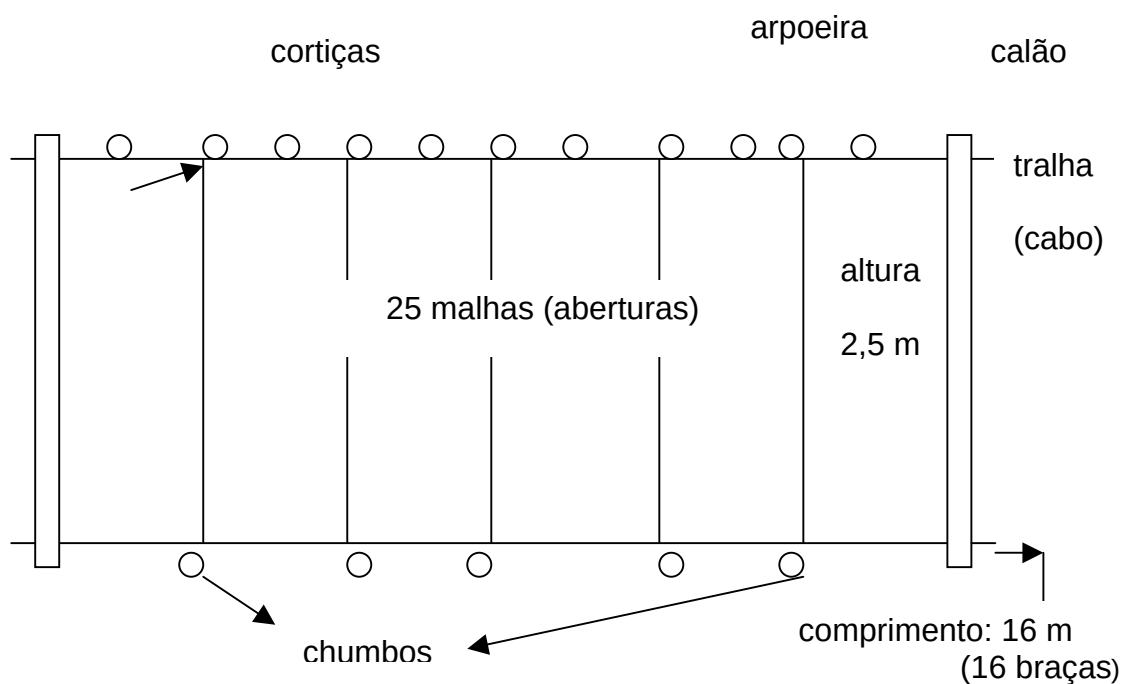
Na década de 1940 a rede do peixe-rei e a do camarão possuíam a mesma malha, já a rede da tainha, do bagre e da corvina tinham malhas iguais. O fato técnico da rede do peixe-rei ter muita cortiça, para ficar flutuando na primeira lamina d’água, vai diferenciá-la das outras redes de pesca.



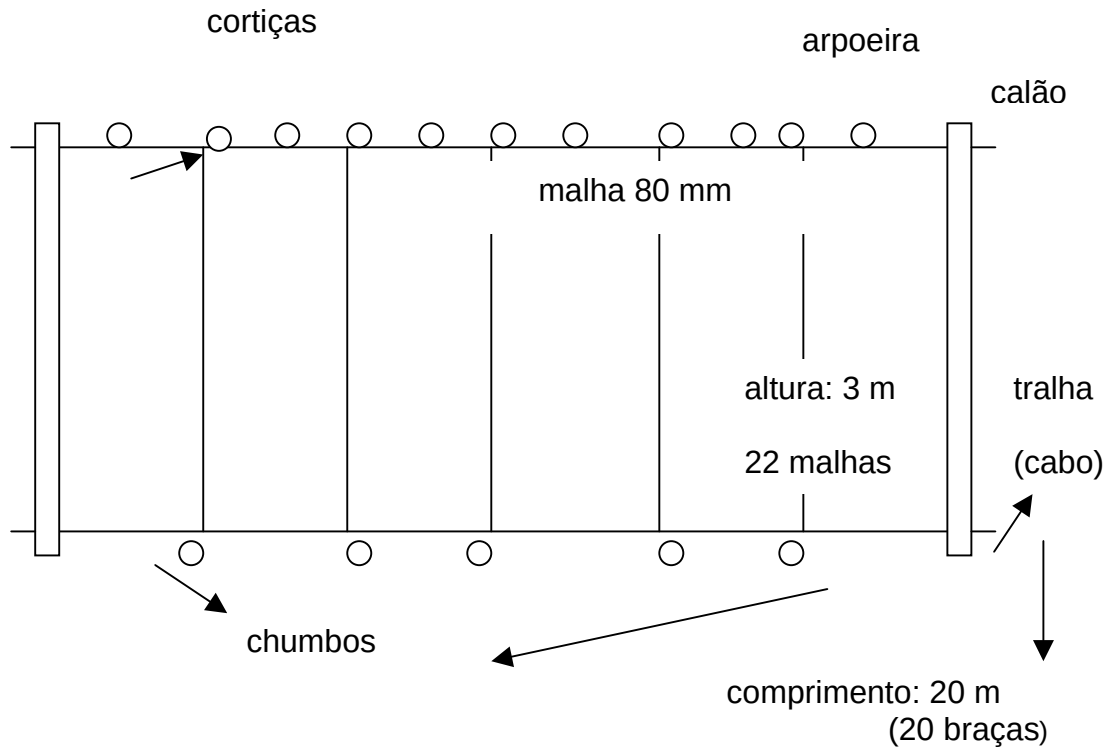
Desenho de Biguá 13: A Rede do Peixe-Rei



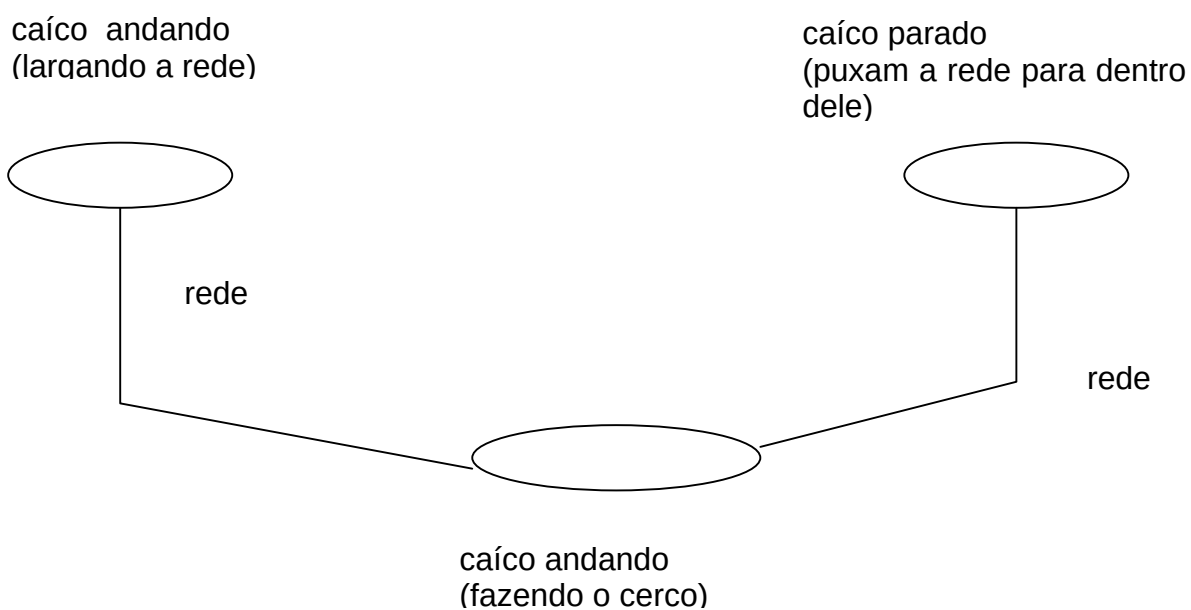
Desenho de Candinho 14: A Rede do Peixe-Rei



Desenho de Biguá 15: A Rede da Tainha



Desenho de Biguá 16: A Rede do Linguado



Desenho de Biguá 17: A Pesca de Trolha do Cascote

QUADRO 8: Braças de Rede

BRAÇAS DE REDE			
PARELHA MÉDIA (3 pescadores artesanais)		PARELHA PEQUENA (2 pescadores artesanais)	
Pescaria	Braças	Pescaria	Braças
Corvina	350	Corvina	150
Tainha	350	Tainha	150
Camarão	40 redes (280 m)	Camarão	20 redes (140 m)
		Linguado	20 redes
		Bagre	20 redes

QUADRO 9: Classificação das Parelhas

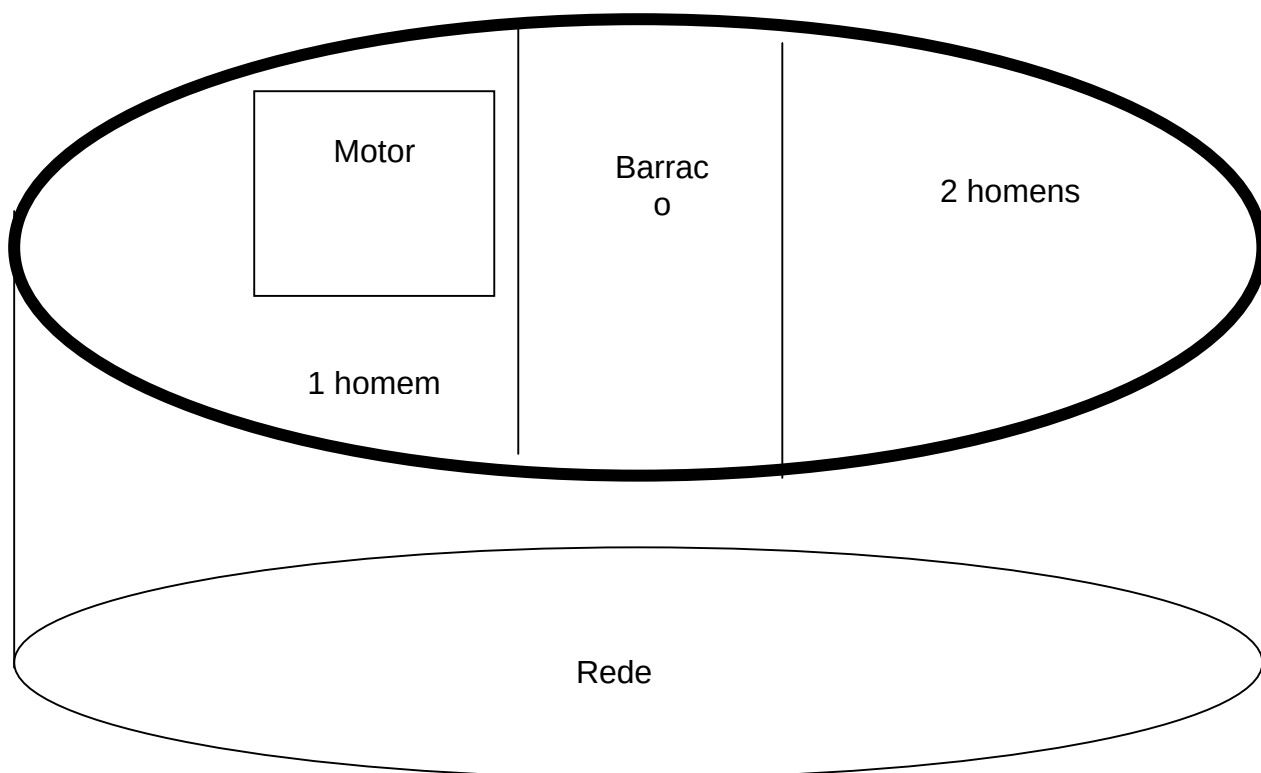
CLASSIFICAÇÃO DAS PARELHAS	
PARELHA	EMBARCAÇÃO
Média	Botes Chalupas
Pequena	Caícos

QUADRO 10: Tripulação das Parelhas Pequenas

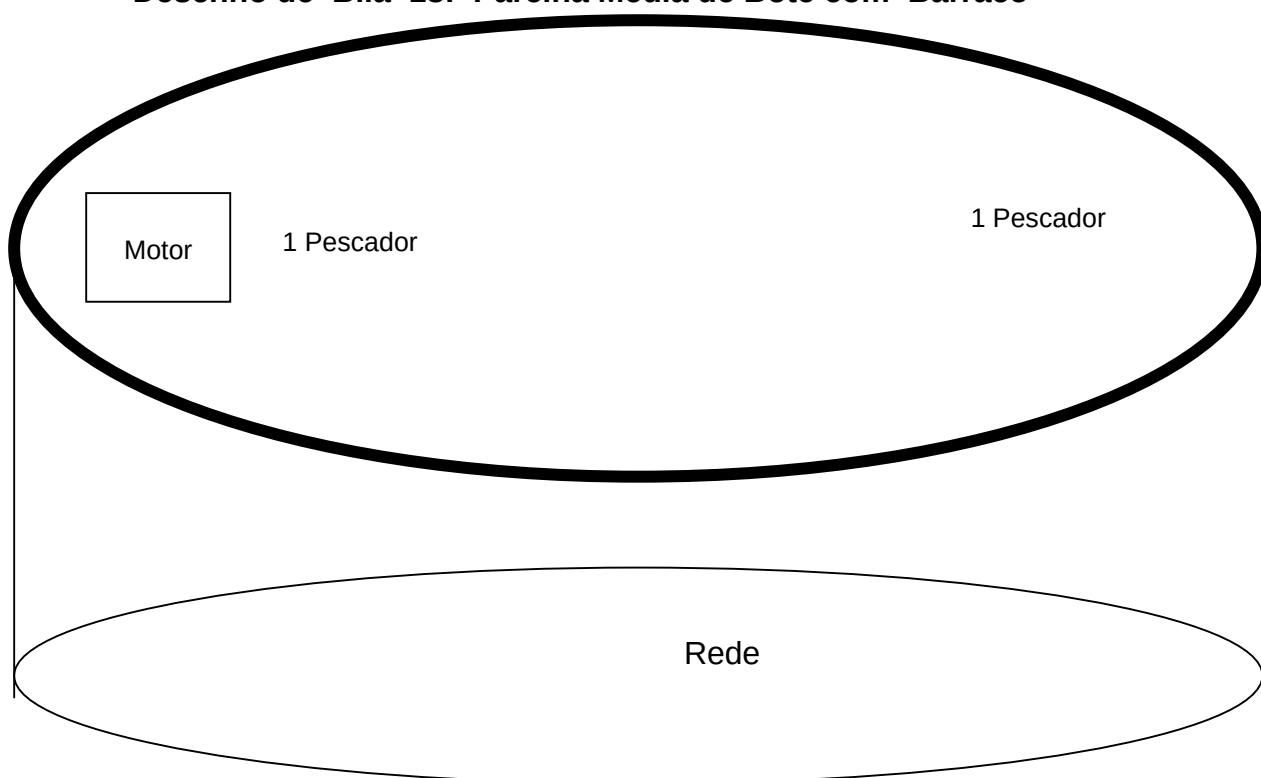
TRIPULAÇÃO DAS PARELHAS PEQUENAS			
PESCARIAS	PATRÃO	PROEIRO	PATRÃO PROEIRO
Tainha	1	1	
Camarão	1	1	
Corvina	1	1	1
Linguado			1

QUADRO 11: Tripulação as Parelhas Médias

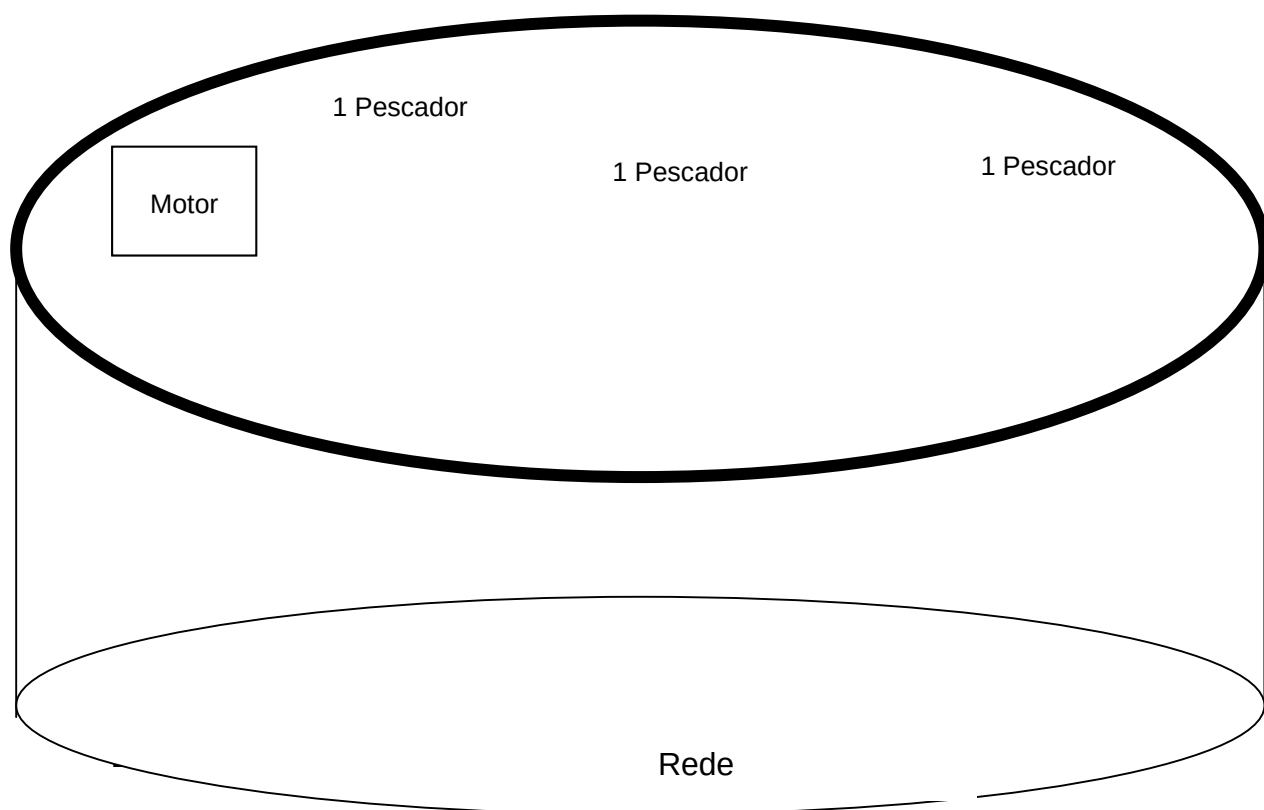
TRIPULAÇÃO DAS PARELHAS MÉDIAS			
PESCARIAS	PATRÃO	PROEIRO	PATRÃO PROEIRO
Tainha	1	2	
Camarão	1	2	
Corvina	1	2	



Desenho de Bila 18: Parelha Média de Bote com Barraco



Desenho de Bila 19: Parelha Pequena de Caíco



Desenho de Bila 20 - Parelha Média de Bote com Boca Aberta

A espécie de pescado predominante na laguna é o que determina o tipo de pescaria que será realizada e haverá na comunidade o lançamento das embarcações na laguna tendo como base o tipo de pescaria que será realizada pelos proeiros e patrões. Assim, os pescadores que forem em barcos com barraca podem dormir no mar e os demais voltam para a praia e retornam no dia seguinte. Mas, na pesca do camarão todos os caícos, botes e chalupas dormem no mar e na comunidade ficam as mulheres, crianças e os velhos sábios lobos do mar.

Quando havia a utilização dos três panos, as embarcações se dedicavam à pesca dos peixes e o camarão era mais capturado com a técnica de utilização do calão, e tais embarcações dotadas dos três panos pescavam o camarão com rede de saco, e o processo de captura ocorria com barco parado perto dos calões feitos de madeira de Eucaliptos. A rede de saco

ficava localizada no meio dos dois calões, e quando a mesma encontrava-se farta de pescado, a sua boca era fechada e colocada no barco para que o camarão fosse despejado no interior da embarcação.

A boca de funil da rede tinha uma corda que era puxada pelos dois pescadores e fechada. Nestes botes havia dois homens: um era patrão e outro proeiro, onde ambos colocavam a rede nos calões e ficava toda noite observando o processo de aprisionamento dos camarões nas malhas.

A pescaria iniciava-se às 18 h, e só terminava ao nascer do sol quando retiravam a rede depois de passarem 12 h literalmente agarrados nos calões, pois só assim eles conseguiam adquirir uma maior estabilidade da embarcação. Quando chegavam no lugar, colocavam a rede no varal que ainda cheirava a pescado. Lembram que a tainha tinha sua safra de corrida no mês de maio, a corvina, o peixe-rei e o bagre eram abundantes nos meses de setembro e outubro, e o camarão tinha seu farto cardume presente nos meses de fevereiro e março.

Tudo antecede a década de 1960, provavelmente seja nos anos de 1936 quando os atravessadores vinham para a beira da praia comprar o peixe e o camarão. Estes mercadores possuíam suas embarcações e podiam se encontrar esperando a aproximação do bote do pescador artesanal, e os mercadores nada financiavam e nem emprestavam, mas, compravam para determinada empresa de beneficiamento do pescado, que já mantinha um vínculo com o processo de atravessamento de tudo que era fruto do trabalho dos pescadores artesanais, que eram submetidos aos mesmos tipos de remunerações que se perpetuam até os dias atuais; onde encontramos as embarcações só com um pano.

*"Dividia por três, o patrão, o proeiro, a parelha. Bote e a rede. Na do camarão e na do peixe dividia da mesma forma que hoje. Pesca com saco tipo funil. Tinha a do camarão com calão na beira da praia, em 1936 era tudo assim."*⁴⁷⁰

⁴⁷⁰ Quinota

No ano de 1907 a comunidade caracterizava-se principalmente pela pesca artesanal, já que a agricultura era só para o consumo diário de seis ou sete famílias que habitavam o lugar. Eles pescavam camarão, corvina, bagre, miragaia, borriquete (nome dado à miragaia pequena), peixe-rei e linguado. Neste período histórico só existiam poucos pequenos caícos, movidos pelas remadas e pela ação eólica.

Tais famílias eram fruto da união de portugueses com brasileiros, casais de brasileiros ou de portugueses não predominavam na beira da praia. A técnica, o conhecimento e a sabedoria para construir botes, e para a pesca, permanece idêntica à existente no ano de 1907. O pescador artesanal na atualidade reproduz e traduz um específico padrão cultural, ou uma forma de linguagem que nos remete ao Quinota no seu tempo de "guri" na beira da praia. Ele, e os outros moradores do lugar, não chamavam o caíco de bote, de barco e nem de embarcação. O caíco era o caíco e o bote era um barco grande. Hoje, o caíco continua sendo o caíco e só chamam de bote embarcações "masculinas" médias e as "femininas" médias denominam de Chalupa. Eles fazem a expressão cultural coletiva da força bruta, sábia, viril, técnica e muscular masculina que domina as águas e as tempestades e da "tática" feminina que tudo "borda, cozinha e costura" induzindo, tramando, convencendo, vencendo e de forma despercebida atingindo o alvo através da porta da cozinha. A porta passa a noção de que na casa não se tem segredo, enquanto acontece o oposto, nada é mais cerrado do que a explícita e escancarada porta comunitária, que salvaguarda geograficamente valores de linguagem que ratificam o emprego do conceito lugar, e entre estes valores apresentamos o dado, inalterado deste 1907, relativo a quantidade de pescadores artesanais nas parselhas compostas de caícos, botes e chalupas.

O proeiro caracteriza-se como sendo o pescador que não possui legalmente a propriedade privada do barco, da rede, e nem dos demais bens materiais destinados para pesca e trabalha na proa. O pescador que fica na popa, manuseando o motor e dirigindo o barco, é o patrão que pode ser o próprio proprietário do barco ou um homem de sua confiança. Este pescador artesanal de confiança do dono da embarcação não tem que ser da família do mesmo, mas, tem que pertencer à comunidade deve encontrar-se inserido nas relações de lealdade que percorrem todo o labirinto que é lugar. Entre os

rapazes da comunidade, o nível de conhecimento sobre como, quando, onde, por que e para quem pescar é igual, independente do pescador ser proeiro ou patrão.

Os pescadores artesanais acrescentam que quando o patrão é o próprio dono do barco, e dos outros bens materiais para a pesca, eles não possuem liberdade para dar sugestões sobre o como, quando e onde pescar. Mas, quando o patrão é um varão de confiança do proprietário da embarcação, os homens passam a ter liberdade para opinar em relação à pescaria em pauta.

As parelhas de pesca são compostas por homens, redes, rancho e embarcações (botes, caícos e chalupas), e atualmente existem cerca de 110 parelhas de pesca na comunidade e o tamanho delas é de acordo com a identificação do barco. Os pescadores artesanais quando saem para uma pescaria mais demorada fazem o rancho, que se trata da compra de bens alimentícios para as refeições durante o período em que estão pescando na laguna. Quando a pescaria é só durante parte do matutino e do vespertino, quando vão e voltam ainda no mesmo dia, não é necessário comprar o rancho.

QUADRO 12: Rancho

RANCHO			
PARELHA	EMBARCAÇÃO	TRIPULAÇÃO	RANCHO
Pequena	Caíco	1 ou 2	Café, açúcar e pão
Média	Bote e Chalupa	2 ou 3	Água, arroz, feijão, carne ou peixe pescado, café, açúcar, pão.

QUADRO 13: Parelhas de Caícos, Botes e Chalupas

PARELHAS DE CAICOS, BOTES E CHALUPAS		
PESCADOS	PARELHAS PEQUENAS E MÉDIAS	ANO
Tainha	2 ou 3	1907
Tainha	2 ou 3	2003
Corvina	2 ou 3	1907
Corvina	2 ou 3	2003
Camarão	2 ou 3	1907
Camarão	2 ou 3	2003
Linguado	1	1907
Linguado	1	2003
Bagre	1 ou 2	1907
Bagre	1 ou 2	2003

QUADRO 14: Transporte e Pesca

TRANSPORTE E PESCA				
Quantidade de Embarcações	Identificação	Transporte	Pesca	Braças da Rede
09	Lobisomem	Transporte de moradores e de mesca mercadorias nas águas do lugar		
55	Caíco		Pesca Artesanal	150 braças
38	Bote		Pesca Artesanal	300 braças
10	Chalupa		Pesca Artesanal	300 braças

Segundo os pescadores do lugar já havia patrão no ano de 1919, só que ele era da própria comunidade, e na cidade do Rio Grande existiam empresas de compra e beneficiamento do pescado, que fritavam e enlatavam o produto, pois não tinham outra alternativa fora a salga da mercadoria. O pescado era salgado, frito e enlatado para ser comercializado. O pescador artesanal deixava a rede de pesca no lugar e imediatamente ia para as docas do mercado do peixe porque não existia gelo e o pescado era salgado pelas empresas de pescado. Mas, no ano de 1954 havia o gelo e o mesmo conjuntamente com o sal era utilizado para a conservação do pescado. Nem todos os atravessadores das velhas pedras do cais e nem todos os patrões do lugar tinham gelo e o trabalho do patrão e do proeiro era transportar o pescado para a comunidade ou para o mercado de peixe das docas. O pescado, chamado pelos pescadores de mareada, é acondicionado em estado bruto em caixas de gelo com capacidade para 700 kg a 1000 kg. A mareada fica guardada até ser transportada para a salga ou para o mercado da cidade de Rio Grande.

O surgimento do gelo para o acondicionamento do pescado vai permitir que o patrão e o proeiro possam trabalhar⁴⁷¹ mais horas no mar e gerarem mais trabalho e haver uma maior apropriação de sobretrabalho⁴⁷² (não falamos em mais-valia absoluta e nem mais-valia relativa porque não ocorre o assalariamento) pelo pagamento do gelo⁴⁷³ e ratificando que o

⁴⁷¹ MARX, Karl. *Textos Econômicos*. São Paulo: Mandacaru, 1990. (p. 40).

CAFIERO, Carlo. "O CAPITAL" (uma leitura popular). 5 ed. São Paulo: Polis, 1987. (p.19).

SOARES, Alcides Ribeiro. *Princípios de Economia Política. Uma introdução a leitura de O CAPITAL*. São Paulo: Global, 1985. (p.29):

"A força de trabalho ou capacidade de trabalho é o conjunto das faculdades físicas e mentais de um ser humano, postas por ele em atividade todas as vezes que são produzidos valores de uso de qualquer espécie. Em outras palavras, a força de trabalho é a capacidade produtiva do homem. Já o trabalho é a utilização da força de trabalho. É a aplicação da força de trabalho. Ao trabalhar, o homem despende, gasta sua força de trabalho."

FERREIRA, Maria Lúcia. *A Teoria Marxiana do Valor-Trabalho*. São Paulo: Ensaio, 1992. (p.36): "A existência da forma capital e do modo de produção que lhe corresponde, o capitalismo, estão condicionados à transformação da força de trabalho em mercadoria. Por outro lado, a forma capital do valor corresponde a um modo de produção que não apenas gera produtos do trabalho, mas produtos do trabalho sob a forma de mercadorias, e não somente mercadorias como incorporação de trabalho passado (mercadorias são formas do produto do trabalho), mas também a própria força de trabalho - trabalho vivo, presente - como mercadoria."

ALBORNOZ, Suzana. *O que é Trabalho*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (p.14): "De todos os modos, os estudiosos supõem que a história da palavra trabalho se refere à passagem pré-histórica da cultura da caça e da pesca para a cultura agrária baseada na criação de animais e no plantio."

⁴⁷² MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O capital. Resultados do Processo de Produção Imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. (p.94).

VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p. 154).

⁴⁷³ MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986. (p.36).

pescador artesanal do lugar se reproduz material/idealmente como recriador da insaciável acumulação de capital/trabalho que é primitiva, sem ser sendo e sem haver havendo. Este é o único motivo historicamente determinado para se tentar entender a permanência do lugar que, entre outras variáveis culturais, caracteriza-se pelo tempo lento/cíclico da utilização da mercadoria força de trabalho como sendo o próprio trabalho, comercializado como a única mercadoria que possui a potencialidade social/natural de gerar outra mercadoria capitalista com valor de uso e valor de troca sobre os ditames do embate imaginário/simbólico⁴⁷⁴ - trabalho/capital porque o que há, sem haver, é a ebulição matéria/idéia que quando assume uma "materialização" (?) no nível do "mundo das idéias" já se faz matéria para a natureza interior/exterior ao ser humano, que por sua vez quando substantifica a idéia promove a sua idealização para a sua natureza interior/exterior, a eterna mobilidade diz que quando somos já nos diluímos e nos dissolvemos para voltarmos a ser o que nunca fomos e jamais seremos devido o líquido quando se faz componente do sólido, este último é líquido. Só nos resta a sentença de que o tudo é o nada. A natureza (orgânica/inorgânica) dos seres, objetos, entidades, criaturas e coisas são elas próprias em relação a si mesmas no eterno desdobramento da contradição em processo de infinita e incomensurável efervescência social/natural.

KRAEMER, Marília de Carvalho. *Malhas da pobreza. Exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Paulo: PUCSP, 1978. (p. 47).*

DIÉGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo: Ática, 1983.(p. 20):*

"Um segundo fator foi o uso do gelo como meio de conservação do pescado, introduzido por armadores de Hull, em 1860."

⁴⁷⁴ DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.) *Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário. São Paulo: HUCITEC, 1998. (p.22):*

"Quando o arquétipo toma dimensão espacial e temporal e pode, de alguma maneira, ser percebido pelo consciente, transforma-se em símbolo. Essa passagem do arquétipo em si para o símbolo é realizada pela alma que cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente."

O "trabalho do homem não é um processo do trabalho entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza."⁴⁷⁵ O trabalho é uma das expressões e manifestações de tudo/nada porque enquanto capacidade física e mental do homem é energia vivificadora do "ser" mais distante no incomensurável universo e a recíproca é verdadeira por ser mentira quando torna-se verdade, pois não existe o estático, o imóvel e o absoluto.

Pois, sendo o "trabalho a própria atividade vital do operário, a manifestação mesma da sua vida"⁴⁷⁶ ratificamos que a vida ao registrar-se como resultado e condição para a recriação singular e plural da natureza orgânica/inorgânica⁴⁷⁷ intrínseca a tudo/nada não há o absoluto, mas a relatividade intersubjetiva/interobjetiva entre os seres, as criaturas, os objetos, as coisas e as entidades no diálogo matéria/idéia, que por assinar como relacionamento de distintos, opostos e diferentes só é sempre movimento constante.

A pergunta que se faz resposta e na qual o trabalho apresenta-se como documento da relação da natureza consigo mesma, que ao ser e haver como sendo natureza é sociedade historicamente determinada. Imposta pela interobjetividade/intersubjetividade do diálogo entre matéria/idéia que se faz de forma imediata e ínfima presente na relação social/natural

⁴⁷⁵ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 1. O Processo de Produção do Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas). (p.149).

⁴⁷⁶ MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital - 2*. São Paulo: Acadêmica, 1987. (p.25).

MARX, Karl. *Salário, Preço e Lucro*. São Paulo: Global, 1987. (P.54):

"O que o operário vende não é diretamente o seu trabalho, mas a sua força de trabalho, cedendo tempo-ariamente ao capitalista o direito de dispor dela."

⁴⁷⁷ DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital*. (Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986. (p.48).

SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia). (p.36, 37 e 50):

"O espaço geográfico, para nós, é produzido pelas relações contraditórias entre a natureza orgânica e inorgânica interior e exterior ao homem."

imaginário/simbólico-trabalho/capital que compõem a ebulição efervescente de fogo de Heráclito que alimenta a natureza, porque é energia vivificadora⁴⁷⁸ do sol e do infinito/finito.

São energias vivificadoras, devido o trabalho enquanto faculdade física/ mental constituir-se em natureza universalizada no eterno devir dos contrários dos seres, criaturas, entidades, objetos e coisas que encontram-se no desencontro da mobilidade infinita do natural/social - matéria/idéia.

Partindo-se deste fim/início do espiral histórico poderemos tentar apresentar mais alguns dados abstratos/concretos do desenhar do labirinto de "Quinota" que depois de banhar-se na pesca do camarão já não é mais o mesmo homem e o mar não é o que antes pensava ser, pois só resta a ebulição do pescado que é natureza interior/exterior do próprio pescador e a negativa é verdadeira a cada pescaria de camarão, tainha, linguado, corvina e outros, onde o trabalho morto é trabalho vivo⁴⁷⁹. Vivo/Morto como fruto do dado historicamente determinado de que na categoria trabalho a natureza exteriorizada é a interiorização dela mesma, que sendo o sensivelmente distinto lhe é pura e simples semelhança, posto que o nada/tudo existe sem existir, porque quando o micro se faz micro é macro em processo social/natural de relacionamento e instantânea forma de desintegração como o raio de fogo de Heráclito que corta o firmamento ou o nascer do sol, que até certos mercados tornou mercadoria com valor de uso sem possuir valor de troca, trabalho⁴⁸⁰.

⁴⁷⁸ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200).

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 279).

⁴⁷⁹ NAPOLEONI, Claudio. *Lições sobre o Capítulo Sexto (Inédito) de Marx*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981. (p.47):

"No sentidode que se trata sempre de partes, de cotas, do trabalho abstrato geral, genérico, indiferenciado, socialmente necessário, dessa substância comum que está em todas as mercadorias. Aliás, melhor dizendo: dessa substância comum, a que todas as mercadorias são redutíveis. É nesse sentido que são idênticos."

⁴⁸⁰ PELIANO, José Carlos. *Acumulação de Trabalho e Mobilidade do Capital*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. (p.44):

É independente do tipo de pescaria em que o trabalho encontra-se em processo de documentação cultural, de um ímpar modo de vida, que o pescador artesanal faz a releitura do estático que é vertical movimento, desde a primeira safra de camarão e as primeiras famílias do lugar que trabalharam com técnica instrumental artesanal e numa carga horária exaustiva de trabalho nas pescarias.

Na safra do camarão, desde 1945, o pescador em média começa a pescaria às 17:00 horas e termina às 9:00 horas, são 16 horas ininterruptas de trabalho no mar (apesar de ser, e saberem que é uma laguna, chamam de mar). No caso da safra da tainha, dependendo do rebocho ("vento frio vindo do sul") e se não tiver tempestade, passam dois dias pescando no mar.

Os homens da praia trabalharam cerca de 16 horas por dia, começam às 5:00 horas e vão até às 21:00 horas, parando uma hora para o almoço e mais uma para a janta. Esta jornada é quando a pesca ocorre num período de 4 horas ininterruptas no matutino, no vespertino e no noturno, mais o tempo dedicado ao conserto de rede, limpeza e arrumação da embarcação, confecção de rede, venda de peixe e outras tarefas relacionadas à pesca artesanal.

O viril pescador artesanal, numa carga horária de 16 horas de trabalho diário no verão, vai ter uma renda mensal de R\$ 150,00; e no inverno (junho, julho e agosto), com a venda do linguado pode chegar a receber R\$ 80,00 por mês. Assim, na primavera e no outono a remuneração mensal pode ser de R\$

"Como a força de trabalho cria valor ao se corporificar em um determinado objeto, ela, por isso mesmo, não é valor em si. Ela só é valor enquanto trabalho humano abstrato, que, no decorrer do processo de trabalho, é transferido aos objetos de trabalho sob a forma de produtos."

SINGER, Paul. *Aprender Economia*. 17 ed. São Paulo: Contexto, 1998. (p.25):

"A teoria do valor-trabalho assim se chama porque sustenta que o valor, em última análise, não é mais do que uma manifestação do único custo real de produção, que é o trabalho humano."

RUBIN, Isaac Illick. *A Teoria Marxista do Valor*. São Paulo: Polis, 1987.(p.123):

"Podemos dizer que Marx passou das diferenças que se manifestam na esfera do valor de troca para o fator comum que está na base de todos os valores de troca, ou seja, o valor (e em última análise o trabalho)."

100,00, salientando-se que a jornada diária é em média de 16 horas e que neste verão e outono de 2003 a renda mensal dos pescadores na ativa foi de R\$ 45,00, que foi somada a aposentadoria dos velhos moradores do lugar, significa que não houve peixe para as redes e vários pescadores não tinham R\$ 1,00 no bolso.

"Como você vai. Estamos sentindo sua falta. A Isolina perguntou pela Marisa. Não pescamos nada. Nadinha mesmo. Não tem pescaria."⁴⁸¹

⁴⁸¹ *Lindo.*

QUADRO 15: Jornada de Trabalho

JORNADA DE TRABALHO			
PESCADO	CARGA HORÁRIA	SAÍDA	CHEGADA
Corvina	16 h	5 h	21 h
Tainha	16 h	5 h	21 h
Bagre	16 h	5 h	21 h
Linguado	16 h	5 h	21 h
Camarão	16 h	17 h	9 h
Saquinho		5 h	21 h
Aviãozinho			
Coca			
Plancha	16 h	5 h	21 h

Os pescadores passam 12 horas durante a noite e 04 horas no decorrer do dia pescando camarão de arrasto e tainha. Este período de 16 horas corridas trabalhando na pesca é quando fazem viagem de dois ou três dias no mar, onde acondicionam o pescado em caixa de madeira forrada com isopor e com gelo. Nestas pescarias de dois ou três dias não ficam um dia na terra firme, quando voltam do mar fazem a comercialização do pescado e já voltam imediatamente para a pescaria feita em barcos médios.

Os pescadores artesanais durante o período em que estão pescando, conversam sobre a pesca, com os familiares e amigos do lugar e ficam de brincadeiras e piadas entre si, eles não ficam pensando combater o aviltamento de sua natureza como reza alguns geógrafos⁴⁸². No processo de

⁴⁸² SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia). (p. 46):

"O que significa dizer que ao mesmo tempo o trabalhador está trabalhando para o capital e lutando contra ele."

trabalho artesanal desenvolvido no interior da embarcação, não há um questionamento explícito sobre a contradição capital-trabalho deste momento histórico da pesca artesanal.

QUADRO 16: Safras

SAFRA DOS PESCADOS	
Pescados	Meses
Corvina	Nov., dez., jan.
Tainha	Mar., abr., maio
Camarão	Dez., jan., fev., mar., abr., maio
Linguado	Maio., jun., jul.
Bagre	Nov., dez., jan.

QUADRO 17: Turno das Pescarias

TURNO DAS PESCARIAS						
PESCADO	TURNOS		LOCALIDADE		MOBILIDADE	
	Diurno	Noturno	Raso	Canal	Parada	Móvel
Camarão	Plancha	Saquinho Aviãozinho Coca	Saquinho Aviãozinho Coca	Saco Plancha	Saco Boiado Saquinho Aviãozinho	Coca Plancha
Corvina	Mejoada ou Andanas Lance ou Caceio Rede a Ferro	Mejoada ou Andanas	Mejoada ou Andanas	Lance ou Caceio Rede a Ferro	Mejoada ou Andanas Rede a Ferro	Lance ou Caceio
Tainha	Mejoada ou Andanas Lance ou Caceio De Corrida/Arriada Cercos	Mejoada ou Andanas Lance ou Caceio de Corrida/Arriada Cercos	Mejoada ou Andanas Cercos	Lance ou Caceio de Corrida/Arriada	Mejoada ou Andanas	Lance ou Caceio de Corrida/Arriada Cercos
Linguado		Mejoada ou Andanas de Taquara ou de Eucalipto	Mejoada ou Andanas de Taquara	Mejoada ou Andanas de Eucalipto com Rede Boiada	Andanas ou Mejoada de Eucalipto com Rede Boiada	

QUADRO 18: Quantidade de Tripulantes

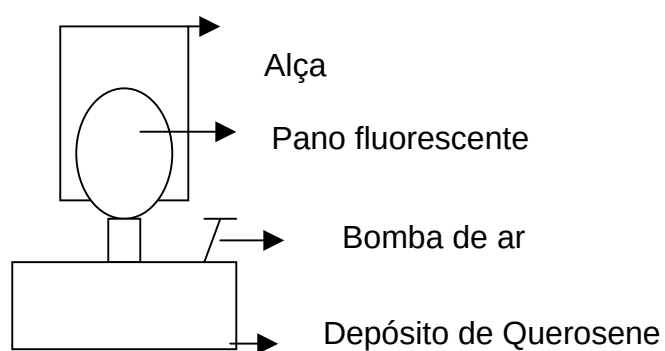
QUANTIDADE DE TRIPULANTES				
TIPO DE EMBARCAÇÃO				
PESCARIAS		Chalupa	Bote	Caíco
Tainha	Arriada Mejorada	2 ou 3	2 ou 3	2 ou 1
Corvina	Mejorada Lance Rede a ferro	2 ou 3	2 ou 3	2 ou 1
Camarão	Saquinho aviãozinho Plancha	2 ou 3	2 ou 3	2 ou 1
Linguado	Andanas			1

No ano de 1954 a rede para a pesca do camarão era chamada de rede de calão, possuía cinco metros de comprimento, dois metros e meio de altura e era feita de linha Ursa (carretel de 200 gr de fio branco). Neste período havia a rede de fio Gerbo, caracterizada por ser feita na fábrica, vinda já pronta de São Paulo, era usada nas parelhas grandes cujos proprietários possuíam elevado poder aquisitivo.

O camarão é levado para a rede atraído pela claridade da luz, o farol ou o gasômetro de 1954 era o ponto luminoso para viabilizar a pesca do camarão e foi substituído pelo Colemãn no ano de 1965 e este, por sua vez, foi trocado pelo liquinho no ano de 1977. O Colemãn tinha características técnicas que o faz parecer com o atual lampião campeiro.



Foto 73: O Liquinho



Desenho 21: O Coleman

As pescarias da tainha, da corvina, do camarão e do linguado são idênticas às de 1954, o padrão tecnológico permeado pelo trabalho braçal foi salvaguardado pelas comunidades. Só a pesca do camarão é que vai ter a sua rede horizontal e sem ser afunilada, substituída por uma outra forma de aprisionamento do pescado. No ano de 1954 a pesca do camarão era

realizada utilizando-se dois calões (que só eram de bambu), e uma rede que não tinha o formato de um saco, hoje chamam os calões de taquara e já existe taquara de ferro, porque é mais durável.

No ano de 1954 havia cerca de 40 famílias no lugar. Na ilha não tinha nenhum atravessador de pescado e o fruto das pescarias era pesado e vendido em Rio Grande. Neste período histórico existiam várias empresas de compra e beneficiamento do pescado, e o gelo já era comum no processo de conservação dos frutos do Oceano e da Laguna. Na cidade o pescado era pesado, tratado (retirados os órgãos, aparelhos e escamas), enlatado e vendido, no lugar não havia nem balança para se conferir o peso do fruto da Laguna, que era mais abundante porque a quantidade de caícos era maior do que atualmente, possuíam um padrão tecnológico inferior, mas, superava-se na quantidade. Nas praias da Laguna não se encontravam botes e todos os caícos eram movidos só pela ação eólica (não tinham motores auxiliares⁴⁸³).

Neste ano o pescador usava durante o inverno uma capa de “lona”, que consistia em ser um simples saco de algodão para se colocar açúcar pintado de óleo de linhaça. Esta capa de “lona” era usada em cima de uma humilde camisa de flanela, que ia até o tornozelo, e por cima uma calça comprida. Na cabeça era o “suéter”, que protegia o pescador de um frio noturno e diurno de três graus negativos, fora a sensação térmica agravada pela grande umidade na Laguna e nas praias que lhe contornam. O “suéter” era um “chapéu de couro”, um saco de algodão cortado e colocado no feitiço de um chapéu, e depois pintado com óleo de linhaça.

No ano de 1954 não havia atravessador no lugar e os pescadores artesanais vendiam nas empresas de compra e beneficiamento do pescado, principalmente o camarão que não pescavam de rede de saquinho, pois usavam a rede de calão, puxando o barquinho e andando quase que de

⁴⁸³ DIÉGUES, A. C. S. (org.) *Tradição e Mudança nas Comunidades de Pescadores do Brasil: por uma Sócio-Antropologia do Mar*. In: DIEGUES, A. C. S. *Pesca artesanal : Tradição e Modernidade*. São Paulo: IOUSP/F.FORD/VICN, 1989. (p. 11):

"...que exploram sobretudo o mar-aberto com a ajuda dos recém-introduzidos motores-de-centro (década de 1960)."

cócoras, mas de costas. Mas, à pesca de rede de calão havia a com rede de saco parada no Canal do Norte (canal onde passam os navios que vão para Porto Alegre/RS), que era para pescar o camarão.

Tratando-se da safra do pescado registramos que a "miragaia" extinguiu-se em 1984, devido à pesca predatória⁴⁸⁴ na barra do mar. Mas é fundamental acrescentar que a água doce envenenada oriunda das valas das atividades agrícolas que margeiam toda a laguna, soma-se com a água poluída vinda das estradas dos municípios banhados pela mesma, e mais todos os dejetos líquidos, gasosos e sólidos provenientes da grande Porto Alegre, de Pelotas e de Rio Grande que são lançados imediatamente nas águas, provocam um elevado índice de poluição e a diminuição dos pescados, já concorridos pela pesca em grandes barcos e realizada de forma predatória.

A pesca do bagre e da corvina possui a mesma rede desde 1940, já a da tainha e do linguado mudaram, continuando com a mesma quantidade de pescadores artesanais. A pesca artesanal do camarão e da tainha é realizada por cerca de dois ou três homens e é feita no turno noturno, das 17:00 horas até às 9:00 horas, reproduzindo as atuais parselhas pequenas e médias onde dois pescadores dentro d'água arrastavam a rede e outro, no interior da embarcação, coloca a rede na água. Os botes médios e as chalupas têm duas caixas de isopor, com gelo, usadas para se guardar e conservar o pescado, que distribuído nas duas caixas vai pesar 100 kg; mas antes do surgimento do gelo em 1954 os barcos de tamanho médio eram poucos e usavam o sal.

A pesca do camarão com rede de arrasto, saquinho, aviãzinho e coca precisou da iluminação artificial do gasômetro ou do liquinho. Mas a pesca do

⁴⁸⁴ DIÉGUES, A. C. S. (org.) *Tradição e mudança nas comunidades de pescadores do Brasil: por uma sócio-antropologia do mar*. In: DIÉGUES, A. C. S. *Pesca artesanal : tradição e modernidade*. São Paulo: IOUSP/F.FORD/VICN, 1989. (p. 10):

"A redução dos estoques pesqueiros, por outro lado, não se dá somente pela poluição, mas também pela pesca predatória realizada pelos barcos de indústrias pesqueiras que freqüentemente operam em áreas costeiras onde trabalham os pescadores artesanais. "

linguado e da tainha tanto pode ser realizada durante o dia como de noite, porém, o pescador artesanal trabalha no noturno independente da safra ser boa ou ruim (ter ou não ter pescado). Eles só pescam o camarão, a tainha, o bagre e o linguado no diurno quando as condições meteorológicas, as águas do mar e os astros “sinalizam” que tem pescado no mar. Salientamos que quando a pescaria é realizada durante o dia a jornada de trabalho tem média de 04 horas que é somada com a de 16 horas noturnas totalizando 20 horas de trabalho no interior do mar, fora o tempo destinado para o conserto de redes e embarcações, limpeza de todos os bens materiais usados nas pescarias, arrumação do galpão e viagem para comprar materiais para pescarias. Sabemos que o pescador artesanal chega a ficar 22 horas em função só do trabalho na pesca⁴⁸⁵; e dependendo das peculiaridades técnicas de cada pescaria ainda é o que predomina em termo de jornada de trabalho na reprodução material/ideal do empate trabalho/capital, que deixa ficar explícito que há uma grande quantidade de sobretrabalho extraído e apropriado dos pescadores artesanais levando-se em consideração a correlação qualitativa/quantitativa entre a exaustiva jornada de trabalho diária e as precaríssimas condições materiais/ideias do modo de vida, no qual a comunidade praieira se caracteriza e assume uma linguagem de ser e haver no modo capitalista de produção do qual inquestionavelmente faz parte, como fonte que recria a interminável acumulação primária que alimenta a "massa" de trabalho roubado que se realiza no desdobramento da lógica/dinâmica da capitalista sociedade.

No ano de 1907 todos os padrões já pescavam porque as condições de aquisição de bens de consumo de subsistência familiar foram precárias, mesmo no período de 1945 as parselhas já eram compostas no máximo por

⁴⁸⁵DUARTE, Luiz Fernando Dias. *As Redes do Suor (A Reprodução Social dos Trabalhadores da Pesca em Jurujuba)*. Niterói/RJ:EdUFF, 1999. (p.201):

"A unidade mínima do processo de trabalho é a saída de pesca. Ela corresponde, grosso modo, ao período de viagem da embarcação aos pontos de pesca, à pescaria propriamente dita, e ao retorno ao porto de origem. As atividades preparatórias para a viagem em si e as tarefas ligadas à entrega do produto à comercialização complementam-na, no entanto, como um conjunto da prática produtiva."

três trabalhadores artesanais que pescavam camarão, tainha, linguado, corvina, peixe-rei e bagre. Estas parselhas eram pilotadas pelos proprietários das embarcações que vendiam às empresas de compra e beneficiamento do pescado, já que neste momento histórico não havia o atravessador. Assim, a empresa de pesca pagava ao patrão que era o próprio dono do bote e este, por sua vez, dividia o valor que foi pago por quatro, para que ele ficasse com dois e cada um dos proeiros recebesse um.

No caso da pesca realizada em outras praias do litoral gaúcho, em parselhas grandes, compostas por cerca de oito homens, a divisão caracterizou-se pelo fato do patrão ficar com 40% do valor pago pelo atravessador e os setes proeiros dividem entre si os 60% restantes, acrescentando-se que toda a despesa com o rancho será subtraída dos 60% destinado aos proeiros.

Documentamos que a manutenção e conservação da rede, do motor, da embarcação e mais o óleo diesel consumido nas viagens de pesca artesanal, de qualquer praia do litoral, são dotados de custos financeiros subtraídos dos rendimentos do dono do bote, e tais despesas chegam a 50% do montante recebido pelo proprietário do barco, 50% dos seus rendimentos são para a reprodução da pesca artesanal.

No ano de 1945, pelas ruas da cidade do Rio Grande, depois das 11:00 horas do turno matutino, ainda se encontravam muitos homens que, levando um calão nos ombros onde havia um balaio pendurado, transportavam pescados para serem vendidos nas portas das casas. Estes trabalhadores pela manhã compravam o pescado de pescadores artesanais que tinham pouco peixe, e a quem as empresas de compra e beneficiamento do pescado pagavam um preço inferior ao oferecido por eles. Tais estabelecimentos empresariais pagavam um preço baixo em comparação aos vendedores ambulantes, por ser uma pequena quantidade de pescado e o seu interesse ser comprar mercadorias de qualidade e em quantidade.

No ano de 1985 é que surgem os primeiros atravessadores de pescado no lugar, e aparecem devido haver uma pouca quantidade de pescado e este dado social ser, entre outros fatores históricos, proveniente da pesca predatória e da poluição das lâminas d'água, que tornou mais dispendioso monetariamente levar o pescado de embarcação para o Mercado das Docas.

Antes de 1985 havia uma maior quantidade e qualidade de pescados que viabilizava, em termo da relação custo e benefício, serem transportados pela tripulação para o Mercado das Docas e lá as empresas de pesca comprarem do patrão do bote. Neste processo de venda direta à empresa de compra e beneficiamento do pescado, os homens do barco nunca pesavam em balanças próprias e nem classificavam o pescado, pois tudo era feito pela empresa de pesca.

Existe inversão comercial porque nas comercializações quem classifica e pesa é quem vende, e lá é quem compra apropriando-se do trabalho.⁴⁸⁶

Os vendedores de pescado que vendiam peixes pelas ruas do Rio Grande, possuíam muito pouco recurso monetário para adquirir o pescado dos mercadores que tinham bastante peixe em oferta, e soma-se a isto o fato

⁴⁸⁶ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p. 164 E 165):* "No Canto do Mangue não são os tripulantes que pescaram e que entregaram tudo ao proprietário que pesam o que trouxeram. Tudo o que for pescado será pesado pelo atravessador (ele pode ter ou não aprontado o barco) na balança que o mesmo determinar. A balança de grande porte pode ser a do 2atravessador ou a situada na calçada do Canto do Mangue. Lá, quem pesa não é quem vende (o proprietário do barco): quem pesa é quem compra. O pescador não vende, nem pesa e nem compra o que pescou. Os proprietários e os pescadores afirmam que existe roubo quando o atravessador pesa. Ele, quando vai pesar um peixe grande, coloca-o em uma bandeja também grande para que não fique com a cauda ou com a cabeça batendo no chão. Afirmam que, se alguma parte bater no chão, haverá diferença no peso. Quando vai pesar peixes médios e pequenos, também coloca a bandeja para que os mesmos não escorreguem nem caiam no chão. O peso da bandeja será descontado no que a balança marcar. O peso que atribui a ela é superior ao real e quando vai descontar, também desconta um superior ao falso que atribuiu à mesma, ou raramente o peso que atribui à bandeja é o real e quando vai descontar tira um superior ao verdadeiro. O agente administrativo do IBAMA, que trabalha no Canto do Mangue, afirma que na maioria das vezes que o atravessador pesa (só ele é quem pesa) rouba ao proprietário e, conseqüentemente, aos pescadores. Qualquer tipo de questionamento a respeito do peso afirmado taxativamente pelo atravessador poderá causar desentendimento."

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar. São Paulo: Ática, 1986. (p.52):* "Nas instâncias em que a relação é tensa e conflituosa, os pescadores percebem com bastante clareza a exploração a que esse tipo de relação os submete, fazendo-os dependentes dos intermediários na medida em que estes lhes proporcionam empréstimos e financiamento de materiais."

dos vendedores ambulantes serem desprovidos de um estabelecimento para acondicionar o pescado, e não possuíam balanças próprias e como os pescadores, usavam uma balança pública pertencente à prefeitura da cidade; assim, até o serviço da balança em 1910, estes trabalhadores eram os únicos compradores que não pesavam o pescado, já que era o pescador artesanal que pesava a mercadoria.

Mas, o fato do pescador artesanal ter pescado produto que se encontra em processo de troca não significava que o vendedor ambulante classificasse o pescado, pois ele só comprava do pescador de forma "sortida", isto é, no "olho"⁴⁸⁷.

⁴⁸⁷ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p. 167):*"O total de peixes que se pescou antes do comerciante pagar não será pesado. Todos os peixes são colocados em um só ruma. O atravessador do barco (caso o proprietário tenha procurado um para o aprontamento e vales) ou os comerciantes (caso não tenha procurado nenhum deles) olharão para a ruma e darão seus lances (os peixes, todos em uma só ruma, são vendidos no olho) . Os peixes só serão pesados se a tripulação e o dono acharem que a maioria deles são grandes, de primeira e segunda qualidade, e em boa quantidade. Mas geralmente os peixes só serão vendidos no olho."

Tais vendedores de ruas deixaram de existir em 1990, com o aparecimento de várias peixarias nas proximidades do Mercado das Docas, que eram abastecidas com gelo desde 1945⁴⁸⁸, quando ainda não existia o gelo em outras praias, mas já havia em Pelotas e era comprada pelos comerciantes do Mercado Público Municipal e das bancas do Mercado das Docas. A compra do gelo de Pelotas era contrária à opção dos pescadores artesanais do lugar que, ainda hoje, não compram gelo de Pelotas, e sim das fábricas de gelo da cidade do Rio Grande.

Os atravessadores de pescado caracterizam-se pelo fato de num período anterior a 1985 fazerem o financiamento de construção, consertos e manutenção de embarcações e da compra de materiais para as pescarias. Mas, depois destes anos não há qualquer tipo de financiamento ou empréstimo. A realidade se particulariza pelo procedimento contrário, os atravessadores só pagam pela pescaria advinda depois de já terem passados cinco ou sete dias que compraram a mercadoria do patrão da embarcação.

As empresas de compra e beneficiamento do pescado, em comparação dos atravessadores, possuem um histórico de relação comercial diferenciado para com os pescadores artesanais, pois nunca anteciparam recurso monetário para construção, conserto e manutenção de botes ou para a aquisição de materiais para pesca, como pagamento à vista da compra dos pescados dos homens do mar.

No período de 1997 já havia atravessadores que faziam empréstimos de recursos monetários para que o proprietário da embarcação comprasse materiais para a pesca, realizasse concertos no barco ou mandasse construir um bote. Os atravessadores esperam que o devedor faça o pagamento com os rendimentos oriundos das pescarias, e o preço pago pelo mercador seja

⁴⁸⁸ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p. 28):*"A utilização do gelo em maior quantidade, nos anos 60, provocou mudanças na atividade pesqueira. O tempo de viagem aumentou e é igual ao de hoje, surgiram os atravessadores das caixas de madeira; os atravessadores de gelo; os barriqueiros e gangueiros comercializando e trabalhando."

igual tanto para quem tem dívida, como para o patrão que não possui qualquer débito.

O primeiro atravessador é do ano de 1962, e o mesmo só trabalhava com a comercialização do camarão: “O Bolinha ele parou em 1970, é vivo. É o primeiro atravessador lá de 1962, só trabalhava com o camarão.”⁴⁸⁹ O mercador inicial não fazia empréstimo ou financiamento, já que na época não havia nenhum concorrente na comunidade, e a pesca era a de calão – tida como a pioneira na reprodução da pesca artesanal.

No lugar as mulheres começaram a pescar no ano de 1935 e só pescavam acompanhando marido, filho, irmão ou outra mulher, isto é, elas não pescavam com um homem de outra família mesmo havendo no lugar as relações de parentesco. Fica sinalizado que havia uma preocupação que houvesse relação sexual heterossexual fora das normas sociais que permeiam o modo de vida comunitário. Mas, os homens pescavam com qualquer outro varão e as mulheres, no máximo, só podiam pescar com uma vizinha: “Ela ia com o marido. Como ele não foi, eu fui. O Pedro brigou comigo. Não era costume as mulheres irem. Eu comecei a ir pescar para vender. Era para a casa e para vender.”⁴⁹⁰

Os homens não gostavam que as mulheres fossem pescar porque a pesca artesanal era, e é, um trabalho braçal e eminentemente masculino e por não quererem sua mulher ou suas filhas trabalhando nas águas da praia que são freqüentadas por rapazes que pescam, tomam banho ou brincam entre si. Na cultura do lugar as mulheres devem estar protegidas e seguras pelas paredes e pelo teto da casa, e os rapazes corajosos, ágeis e fortes a caminhar pelo labirinto e a margem das águas do mar.

As mulheres que começaram a pescar em 1935 só pescavam camarão de arrasto e peixe-rei, e o resultado da pescaria era para ser consumido pela família e a sobra para vender ao atravessador. Elas deixaram de pescar porque houve uma grande diminuição do pescado na beira da praia e só passou a ser possível a pescaria com a utilização de embarcação na qual a tripulação é composta por homens: “A falecida Albertina foi a primeira mulher

⁴⁸⁹ *Carocha*

⁴⁹⁰ *Isolina*

a pescar. Dona Albertina Marcos da Silveira. É o nome de solteira. Só com os homens da família.⁴⁹¹”

Na cultura do lugar foi parte da identificação da feminilidade da mulher a execução de trabalhos domésticos e, de caráter artesanal e manual. Vai ser com esta conotação social que até o ano de 1958 elas ainda bordavam na mão o “ponto de cruz”.

No ano de 1967 já não havia bordado manual, pois ele foi substituído pelo feito na máquina movida por pedaladas. O bordado “ponto cheio” passa a ser a grande vedete do trabalho realizado na máquina, que não promoveu o surgimento de nenhuma nova forma de renda para a comunidade do lugar, já que, o “ponto de cruz” e o “ponto cheio” foram para a decoração das casas de madeira das famílias praieiras e nunca para serem comercializados no mercado da cidade do Rio Grande. Atualmente a pintura em tecido, que surgiu há cerca de 12 anos, é feita em morim e cretone, sendo destinada para a decoração do interior das simples casas de pescadores.

O resultado do trabalho da pesca artesanal, realizado por duas mulheres (por exemplo: duas vizinhas, irmãs ou mãe e filha), era dividido igualmente entre ambas e entregue ao homem da casa de cada uma delas. Ele se responsabilizava pelo destino do pescado, se seria para o consumo doméstico ou se levaria para o atravessador. Nos dias atuais ainda encontramos mulheres que fazem o conserto e a completa confecção de rede de pesca para os pescadores artesanais de sua casa e de outras famílias da comunidade. Assim, tanto na pesca artesanal como no trabalho com as redes, estas atividades produtivas realizadas pelas mulheres são entendidas como complemento dos rendimentos negativos da estrutura familiar auto-espoliativa.

Os recursos financeiros que a mulher adquiria com a venda do pescado e das flores que plantava na volta da casa eram usados para colaborar com o homem na compra de bens materiais para o sustento da família. Mas, a mulher não precisava realmente prestar conta ao homem do que foi vendido e do dinheiro adquirido com a venda.

⁴⁹¹ *Isolina*

No lugar, contrariando a singularidade cultural de várias comunidades pesqueiras, não há qualquer tipo de superstição ou proibição⁴⁹² em relação ao fato da mulher entrar no interior da embarcação, irem no estaleiro e no galpão que lá fazem parte do imaginário/simbólico masculino. Segundo os pescadores artesanais elas promoveram a sua gestação e são absolutamente gratos e preservam a qualquer custo ou preço a integridade física e moral delas.

⁴⁹²BECK, Anamaria. *Pertence à Mulher: Mulher e Trabalho em Comunidades Pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. Revista de Ciências Humanas: A Mulher na Sociedade Contemporânea. Vol.7, Número 10. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999.(P.14):*

"Esta proibição ostensiva de participação da mulher na pescaria, ao contrário do que acontece na roça, pode ser explicada pelo caráter público da primeira. Enquanto a roça reúne os membros da família nuclear - pai, mãe e filhos - a pescaria ajunta, nas companhas, camaradas e ajudantes que vêm de várias famílias e são, por vezes, oriundos de várias comunidades, como acontece na safra da tainha(Várzea, 1985: 157-173)."

Há um processo de tornar as mulheres sagradas e de divinização dos seus dons maternos e de sensibilização, porque fora todo o trabalho doméstico e o tratamento do siri, praticam o ritual de cura e de benzedura na raiz da cultura do lugar.⁴⁹³ É conteúdo do modo de vida da comunidade pesqueira e a recíproca é verdadeira. A mulher do lugar não vai pescar porque não recebeu da comunidade o domínio do trabalho desenvolvido no cerne da pescaria artesanal e porque não possui força muscular bruta para realizar tal trabalho rústico.

Quando os pescadores artesanais querem vender o camarão pescado e a carne do siri, que se encontra preso na rede de outro tipo de pescaria, são as mulheres dos proeiros que descascam o camarão e tiram a carne do siri. Tratando-se do siri ele é tradicionalmente entregue para as mulheres dos proeiros e que esta entrega depende da decisão do proprietário da embarcação, do patrão. O atravessador do barco é que pesa separadamente a carne preta e a branca do siri e passa a carne branca para os donos de restaurantes da cidade do Rio Grande.

...Siri A rede de pesca A patrão A proeiro A mulher (beneficiamento do siri) A proeiro A atravessador da Ilha A proprietário de restaurante (beneficiamento da carne do siri) A cliente de restaurante A proprietário de restaurante A proeiro A mulher A siri... O ciclo de comercialização e beneficiamento de siri consiste no fato da mulher do proeiro receber como

⁴⁹³ MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares. Espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 1993.(P.34):

"Desta forma, a noção de cultura marítima aponta para a existência de noções e princípios que estão além do momento da produção e que também a antecedem, perpassando a ordem social, a lógica e os valores das sociedades de pescadores marítimos.

A noção de lugar não só é importante na constituição da experiência no que se poderia chamar a sua dimensãoêmica, como do ponto de vista analítico, porque falar de espaço é falar de algo amplo, imenso, indiviso como o mar ou como o céu quando se chama de infinito. O lugar, a existência local dos fenômenos tanto no espaço físico como no espaço social é que lhes confere essência, significado e transcendência. É localmente que nos situamos e é localmente que as coisas acontecem."

pagamento da venda da carne de siri 5% do preço que esta mercadoria é vendida ao consumidor do restaurante da cidade, denunciando que as mulheres do lugar são inseridas no processo capitalista de apropriação de sobretrabalho e de releitura social da acumulação "uterina"⁴⁹⁴ do traço cultural dos moradores do lugar.

A dança, a música, a estampa da roupa e a culinária de origem portuguesa não estão presentes na reprodução do seu modo de vida, apesar de sabermos que vários portugueses foram os primeiros habitantes brancos da praia. Não utilizando estas expressões e manifestações da linguagem comunitária a capitalista sociedade soube como manter e justificar a sua permanência enquanto lugar no seio do social espaço geográfico cuja natureza é contraditória por ser condição primária para a constante releitura da acumulação primitiva que tudo arrasta e leva sem pedir.

⁴⁹⁴ SANDRONI, Paulo. *O que é Mais-Valia*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (p. 59):

"Com a escassez de peixes, os pescadores teriam que dedicar cada vez mais tempo para pescar a mesma quantidade que antes. A rapina poderia chegar a tal ponto que os pescadores das margens, mesmo trabalhando de sol a sol e de lua a lua, nada pescariam exceto torcicolos nas noites de ventania."

CARMO, Paulo Sérgio do. *A Ideologia do Trabalho*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1992. (p.13):

"Segundo a ONU, existem mais crianças trabalhando como escravos em plantações de cana hoje do que há um século. No tempo da escravatura as crianças eram mantidas pelos senhores. Hoje, para comer, elas têm de trabalhar."

MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O capital. Resultados do Processo de Produção Imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. (p.133 e 134):

"Qual é pois o resultado, no que lhe toca? Pura e simples a reprodução da sua capacidade de trabalho. Que cedeu em troca disso? A atividade conservadora de valor, criadora e acrescentadora de valor: o seu trabalho. Em conseqüência, e ponto de parte o dispêndio da sua força de trabalho, sai do processo tal como entrou, como mera força de trabalho subjetiva que, para se conservar, terá que percorrer de novo o mesmo processo."

Na pesca de arrasto do camarão, realizada por três homens, quando dois pescadores emergem a rede, um pescador que se encontra empurrando o barquinho encosta o mesmo próximo da rede para poder receber o camarão. Assim, depois de colocarem o pescado na embarcação, são os dois pescadores que continuam arrastando a rede e o outro vai empurrando o barquinho e limpando o camarão.

A pescaria era realizada por três homens da mesma família, ou parentes ajudavam na pesca, e os vizinhos próximos ainda são os parentes das relações contraprestação. Mas, o vizinho que não era parente direto (de primeiro grau) colaborava, caso no momento do arrasto o pescador não tivesse a presença de seu companheiro de pescaria. Eles dizem que no lugar todos são submetidos a reciprocidade e a irmandade⁴⁹⁵.

Na agricultura nunca o vizinho colaborou porque a prática agrícola foi secundária, pequena e não tinha a precisa necessidade de ser realizada por mais de um homem ou mulher.

No ano de 1940 a pesca era de rede e havia a pescaria de arrasto do camarão que se caracterizava pelo fato dos pescadores andarem na água com o "barquinho" amarrado na cintura de um dos dois homens. Os pescadores andavam de costas, com o corpo curvado (quase acorçado) arrastando o camarão e levando o barquinho, este tipo de pesca de arrasto do camarão é pesca de calão.

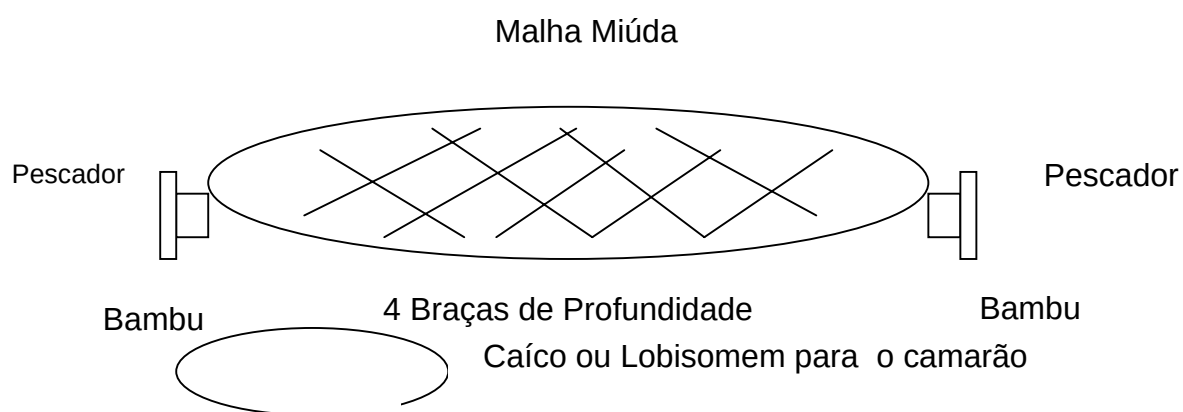
⁴⁹⁵DIEGUES, Antônio Carlos S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983. (p.196 e 197).

"O referencial da sociedade é sempre a família ou o conjunto de famílias que compõem a praia e a vizinhança.

No Portinho, a noção de irmandade diz respeito à solidariedade existente nas praias de onde esses pescadores vieram."

QUADRO 19: Período de Surgimento das Redes de Pesca

PERÍODO DE SURGIMENTO DAS REDES DE PESCA		
PESCARIAS	INÍCIO	TÉRMINO
BERIMBAU	1995	1998
SAQUINHO	1985	
AVIÃOZINHO	1985	
PRANCHA	1965	
COCA	1965	
CALÃO	Anterior a 1945	
TAINHA	Anterior a 1945	
CORVINA	Anterior a 1945	
FEITICEIRA (Bagre)	Anterior a 1936	Fim de 1980
PEIXE-REI	Anterior a 1936	Fim de 1980

**Desenho 22: A Pesca de calão**

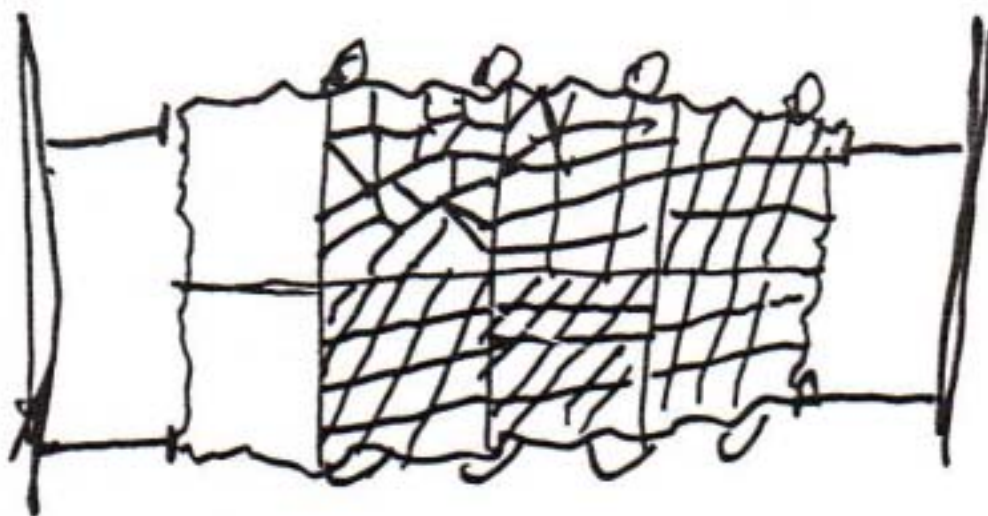
A pescaria de calão do camarão deixou de existir quando criaram outros tipos de redes. No ano de 1960 surge a coca oriunda do Estado de Santa Catarina, os “Catarinas”⁴⁹⁶ que vinham pescar na Laguna dos Patos ensinaram aos pescadores como fazer a coca, que vai definitivamente substituir a rede da pesca de calão.

A coca é logo seguida da rede de aviãozinho ou saquinho que surge no ano de 1970. Ela é invenção dos pescadores do litoral catarinense. O que vai diferenciar a rede de saquinho da rede do canal (1954), ou saco do canal, é o fato da primeira ser um funil com argolas e a outra ser desprovida de argolas. A rede saco do canal pega o camarão de arriada para o Oceano Atlântico, já que a própria correnteza da Laguna dos Patos se encarrega de fazer locomover-se no canal.

No período de 1945 havia a pesca do bagre que corria na correnteza do fundo do canal da barra da laguna em Rio Grande. A rede chamava-se de feiticeira e caracterizava-se por ser formada três “panos” (malhas) na vertical (ela não tinha o formato de um saco), com 2 metros de altura e 15 metros de comprimento, e as duas malhas de fora possuíam “pontos abertos” e a do meio tinha “pontos fechados”. A pesca do bagre era secundariamente realizada no “baixio” (raso) e que sua safra ocorria no mês de agosto, enquanto que a safra do peixe-rei era nos meses de maio, junho, julho, agosto e setembro, pesca feita com “andanas” de paus e com rede parada.

⁴⁹⁶ BECK, Anamaria. *Pertence à Mulher: Mulher e Trabalho em Comunidades Pesqueiras do Litoral de Santa Catarina*. Revista de Ciências Humanas: A Mulher na Sociedade Contemporânea. Vol.7, Número 10. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999.(P.12):

"Esta prática masculina de se afastar para pescar é antiga. Ela caracterizou os chamados andorinhas, pescadores que durante a safra da tainha rumavam para o Rio Grande, onde se dedicavam a pescar, integrando os ternos de costas (Lago,1961:121-215). "



Desenho de Antônio do Quim 23: A Rede de Bagre

Em 1945 a pesca do camarão era nos meses de fevereiro, março, abril e maio – mas, atualmente ela termina no mês de abril. Os pescadores artesanais falam que a grande quantidade de embarcações grandes e médias e a poluição têm promovido uma diminuição quantitativa e qualitativa de todos os tipos de pescados no estuário e na barra da Laguna dos Patos⁴⁹⁷.

A rede de coca (de arrasto, com taquara e macha pequena), a rede de aviãozinho (rede parada, parecida com um saco e malha pequena) e a rede de saquinho (diferencia-se da de aviãozinho por ser mais comprida) são criações dos Catarinas e surgiram no ano de 1980. Só a rede de calão (de arrasto) é que é invenção dos pescadores do lugar. Mas, este tipo de rede e de pescaria foi substituído pela pescaria de rede de coca, já que não é necessário que se ande de costas, se leve o barquinho e nem que se fique quase que de cócoras.

No ano de 1945 os fios das redes de pesca eram de nylon ou de algodão. O algodão era pioneiro na confecção das redes e mais barato que o de nylon. Ambos foram substituídos pelos fios de plástico que são mais duráveis e baratos em comparação aos de nylon.

⁴⁹⁷ VELOSO, Caetano. *Purificar o Subaé. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Alteza. RJ: Polygram, 1981.*

No ano de 1954 era comum se ver barracas de pescadores artesanais espalhadas pelas ilhas dos Marinheiros e da Torotama. Eles vinham em botes grandes oriundos da “Boca da Lagoa”, da Barra de Pelotas e de São Lourenço do Sul, e eram cerca de 20 (vinte) embarcações de grande porte pertencentes a homens que pescavam e possuíam maior poder aquisitivo, em comparação aos pescadores artesanais da Marambaia. Mas, esses pescadores da “Boca da Lagoa” não navegam para as ilhas dos Marinheiros e da Torotama, e atualmente os poucos que aparecem são vistos na corrida da tainha, no rebojo (eles chamam de rebojo o Minuano, porque é frio). Rezamos que as raras barracas para dormida parecem quererem reproduzir a fotografia deles no ano de 1954, quando os pescadores e os botes grandes eram em maior quantidade.

As parselhas de Pelotas e de São Lourenço do Sul praticamente deixaram de vir para a Ilha dos Marinheiros e para a Ilha da Torotama no final dos anos de 1970. Atualmente só na “tainha de corrida” (quando saem para desovar no Oceano) e na safra da corvina é que aparecem cerca de 50 botes grandes vindos de São Lourenço do Sul e de Pelotas, e tais embarcações ficam na Barra da Laguna dos Patos disputando com os botes médios da comunidade do lugar.

Os pescadores artesanais registram que durante a safra do camarão é grandes embarcações saírem da Marambaia para irem pescar na boca da barra de São Lourenço do Sul e de Pelotas. Eles falam que o “diálogo” com os pescadores dois municípios é sem discussão verbal ou atrito físico, já que, secularmente nas águas do mar e no seu estuário, todos os pescadores artesanais das praias compartilharam os cardumes. Mas, só não gostam muito dos pescadores catarinas por não existir qualquer vínculo de cumplicidade e afetividade entre o gaúcho e “barriga verde”.

As parselhas grandes vindas do litoral do estado de Santa Catarina são recebidas e vistas com maus olhos por parte dos pescadores do lugar, porque pescam a tainha e o camarão numa competição injusta devido serem botes grandes, e os pescadores artesanais do lugar não irem pescar no litoral catarinense. Os poucos botes grandes do lugar não viajam para muito longe do estuário da Laguna dos Patos, já que entre outros fatores sociais, é sabido que nas praias do Chui (ao sul) e de Tavares e Mostardas (ao norte), é

comum se ver diariamente grandes embarcações que pescam tão próximo da praia que chegam a ficar presas nos bancos de areia do assoalho marinho. Assim, o único estoque encontrado pelos pescadores artesanais fica no estuário, onde encontram os pescadores catarinenses (os Catarinas) durante a corrida da tainha e da safra do camarão. Em ambas pescarias são utilizadas técnicas artesanais iguais as técnicas dos pescadores do lugar, os Catarinas, como possuem embarcações grandes e por terem feito uma viagem longa, se dão ao direito de ficarem no mar usando mais redes e homens por botes.

Os barcos da Boca de São Lourenço do Sul e de Pelotas só descem para a Barra da Laguna durante a corrida da tainha, porque pescam o camarão lá nas suas águas. Na pesca da tainha os pescadores artesanais do lugar são confrontados com os de Santa Catarina, São Lourenço do Sul e de Pelotas. Tal registro social faz com que todos os moradores do lugar reservem boa parte de suas potencialidades de trabalho, criatividade e imaginação (com muita fé nos santos e orixás), para a concorrência pela tainha, já que os muitos caícos não são páreo para os grandes botes oriundos de outras águas. Estes barcos de Santa Catarina chegam a levar “duas mil e quinhentas braças” de tainha. Eles não pescam a corvina porque o preço dela é baixo e não adianta fazer uma viagem longa para ter um ganho inferior às despesas. Só conseguem ganhos na pesca do camarão e da tainha.

A pesca da tainha é realizada nos meses de abril e maio, e é chamada de pesca da tainha corrida, quando elas estão saindo para o mar, e a pescaria é feita com rede de bombo.

No caso peculiar da pesca da tainha, fica claro para o pescador artesanal que as parelhas dos Catarinas acabaram com as tainhas, porque no período de 1987/1990 usavam parelhas grandes auxiliadas por bateras que se dedicavam a fazer o arco e a grande embarcação, provida de caixas de gelo, recebia todo o pescado. Este momento da pesca na Laguna é denunciativo do porque da significativa diminuição quantitativa das tainhas.

A pesca da tainha, do linguado, da corvina e do camarão permanece inalterada desde 1950, todo o processo técnico de como pescar é o mesmo. O conhecimento e o saber do traço cultural determinam onde e quando pescar, e permanecem inalterados com o processo técnico que é resultante

do conhecimento e do saber acumulado, através da reprodução da identidade cultural.

O bagre era visto nos meses de agosto, setembro e outubro e era pescado com a rede feiticeira. Mas, a poluição e a diversificada e numerosa quantidade de embarcações fez com que fosse extinto no ano de 1980.

Na pesca da tainha as redes são lançadas da barra da laguna até o município de Tapes, já perto da grande Porto Alegre. O lançamento da rede é caracterizado por ser feita com o barco em movimento e a favor da correnteza, pois tainha nada contra a mesma. A particularidade desta pesca o fato da rede ficar presa no barco parado e com o motor desligado, pois o deslocamento da embarcação é feito pela própria correnteza d'água. O lançamento da rede ainda é com o bote em movimento de deslizamento na lâmina d'água. A pesca é artesanalmente igual a da corvina, reproduz a mesma técnica só que nas águas rasas e é processada por pequenas embarcações. Há uma mudança na malha porque a da corvina é de 60 a 70 mm e a da tainha é de 45 a 55 mm, e tem uma diferença na altura da rede, que é de 6 a 12 m de altura.

Os caícos pescam no raso e são a maioria dos barcos que se dedicam à pesca da tainha; enquanto os botes e as chalupas fazem "caseio" no canal e possuem uma tripulação de três homens, dois proeiros e um patrão.

Documentamos que os barcos médios são a minoria e que um dos pescadores é o patrão e os outros dois ficam na mesma posição da utilizada na pesca da corvina, este dado técnico artesanal justifica uma similitude entre as duas pescarias e ratifica a predominância de uma baixa composição orgânica de capital onde o conceito cultural caíco nos remete a desclassificada noção que este mesmo conceito possui em outras pescas artesanais brasileiras⁴⁹⁸.

Os pescadores artesanais colocam que quando a tainha chega, e há manifestação do rebocho o cardume é visto na superfície das águas subindo para as correntezas situadas próximas do município de São Lourenço do Sul. A pesca da tainha com rede em movimento é chamada de "arriada" porque é como se o mar arriasse a sua abundância na laguna, ele encontra-se no nível superior ao do estuário, a pesca da tainha apresenta dois registros ímpares presentes na subida da tainha e na "Rosa dos Ventos" quando há o encontro das águas.

O fato da pesca da tainha ser das 5 h até as 21 h, não significa que toda esta carga horária seja na captura imediata do pescado, mas soma-se todo o processo de deslocamento da embarcação até encontrar os cardumes, pois este pescado é capturado entre a Barra da Laguna dos Patos e o Arroio de São Gonçalo, no município de Pelotas. A pesca artesanal da corvina já é contrária, por ser realizada defronte ao lugar.

A pesca do linguado caracteriza-se por ser feita com rede parada em água rasa, predominantemente no turno noturno e por embarcações

⁴⁹⁸ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p. 172):*

"O caíco é um peixe muito pequeno e, também, de muito pouco peso, que é desclassificado por possuir muitas espinhas e não ser saboroso. Ele faz parte do gango.

O gango são os caícos e os peixes pequenos (peixes pouco maiores do que os caícos) que não são nem de primeira, segunda e terceira qualidade. A junção de tais peixes em um único volume é chamado de gango."

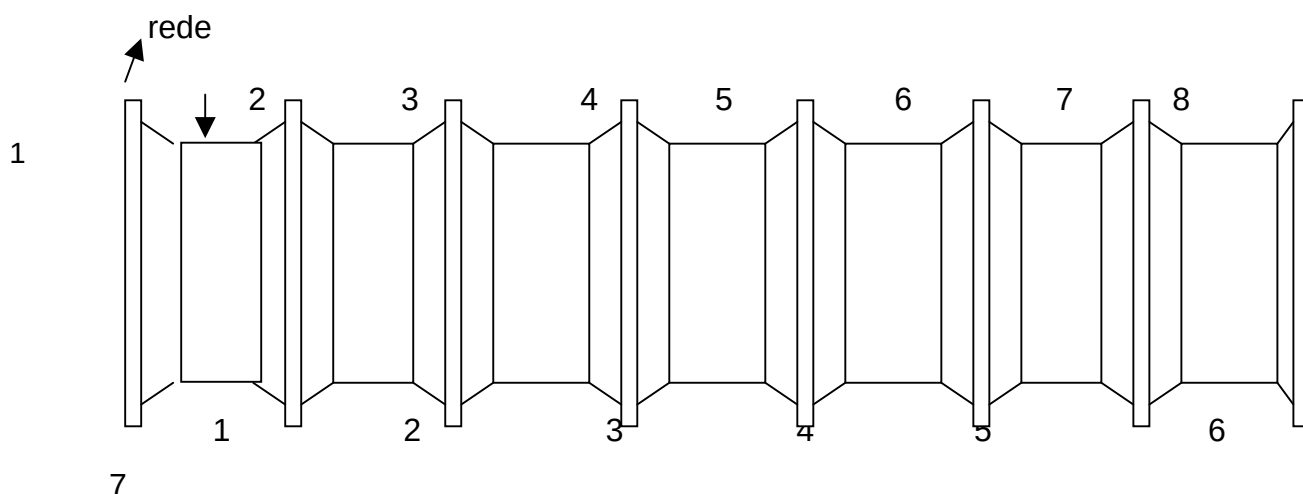
pequenas e é realizada só por um pescador artesanal e, independente do tamanho do bote, a laça (a malha) é de cerca de 80 a 90 mm de diâmetro. No período de dezembro até maio os pescadores não se dedicam muito a essa pesca porque neste período estão na do camarão e devido ao fato deste pescado malhar (fica preso na rede) mais no horário noturno, é que os pescadores vão ver as “andanas” depois do nascer do sol, quando voltam já exaustos da pescaria noturna do camarão. A pesca do linguado é tecnicamente igual a da corvina e a única diferença é encontrada no diâmetro da laça, já que a rede de corvina tem uma laça de 60 a 70 mm.

A pescaria do linguado é mais farta no início de maio e vai até julho quando inicia o processo de sua pouca abundância nas águas, há este tipo de pescado durante todo o ano, só que em específico período torna-se mais farta a sua pescaria; e esta mesma particularidade em relação ao período da safra é repetida com o bagre que pode ser pescado no decorrer de todo o ano. A pesca artesanal do linguado é colocada em segundo plano em relação a do camarão que é gera mais renda devido a sua procura ser maior mesmo quando a sua safra supera a previsão, só que nos últimos quadros anos a safra do camarão tem sido muito ruim em termos de quantidade e qualidade; e os proeiros e padrões alegam que um dos principais fatores é a pesca predatória realizada por embarcações de grande porte que não são do lugar devido lá nunca ter havido uma grande embarcação. Estes trabalhadores artesanais do mar dizem que são barcos de outros litorais que realizam o “arrastão” no oceano e na entrada da laguna e que a pouca fartura do linguado coincide com o término da pesca do camarão, isto é, a pesca do camarão é a grande esperança para a melhoria das condições materiais/ideais do modo de vida do lugar, entendendo -se que a melhoria social/natural não significa para os moradores do lugar a chegada da lógica, evolução e dinâmica de outros modos de vida da sociedade.

No início da pescaria do linguado, da corvina e do bagre um pescador vai colocar as andanas que ficam nas águas até a desistência. Assim, o homem do lugar vai diariamente no matutino vai ver se tem pescado nas andanas, a cada 24 horas os pescadores artesanais fazem a coleta nas redes paradas (mejuadas); sendo que o horário de visita nas andanas depende do tipo de pescaria que pode encontrar-se realizando no mar. O IBAMA

determina que cada andana tenha no máximo sete redes, mas, os homens do lugar chegam a colocar 10 redes numa andana, que vistoriam em um caíco pequeno, já que a pesca é realizada em águas rasas.

Calão



Desenho de Gaita 24: A Andana

A pesca artesanal do linguado tem sua safra de maio até julho e neste período todos os pescadores se dedicam mais a esta pescaria, denunciando que como a do camarão é compartilhada com outras pescarias, reproduzindo similitudes com a pesca da corvina que inicia-se em novembro e vai até janeiro, mas neste período se pesca o bagre e o camarão em dezembro. A pescaria do camarão foi a grande tábua de salvação e o maior anseio econômico/cultural do morador.

Salientamos que a pesca do linguado pode ser realizada durante todo o ano, mas é no inverno que o linguado surge em maior quantidade e qualidade. Este pescado diferencia-se da tainha que só é pescada durante o processo da “tainha de corrida” (arriada), que consiste na sua fuga para o Oceano, objetivando a desova.

A pesca do linguado caracteriza-se pelo fato técnico de cada pescador artesanal ter a sua própria rede parada nas águas, trata-se de uma pescaria individualizada apesar de todos cuidarem da rede de todos, porque os homens conhecem, identificam e prestam atenção como vai a pescaria do

outro e mesmo sendo particularizada, há uma preocupação comunitária em relação ao processo da pesca do linguado. É uma pesca realizada com pequenas redes que ficam paradas na vertical e contra a correnteza, sendo diariamente vistas pelo pescador que vai fazer a coleta do pescado preso nas redes, é um tipo de pesca artesanal onde se utiliza a embarcação, mas não há qualquer tipo de rancho.

A pesca artesanal da corvina é idêntica a desenvolvida nos anos de 1919 e tecnicamente é igual a da tainha, o que vai diferenciar a pesca da corvina da do linguado é o fato desta última ter a “andana” a favor da correnteza e na da corvina ser contra a corrente.

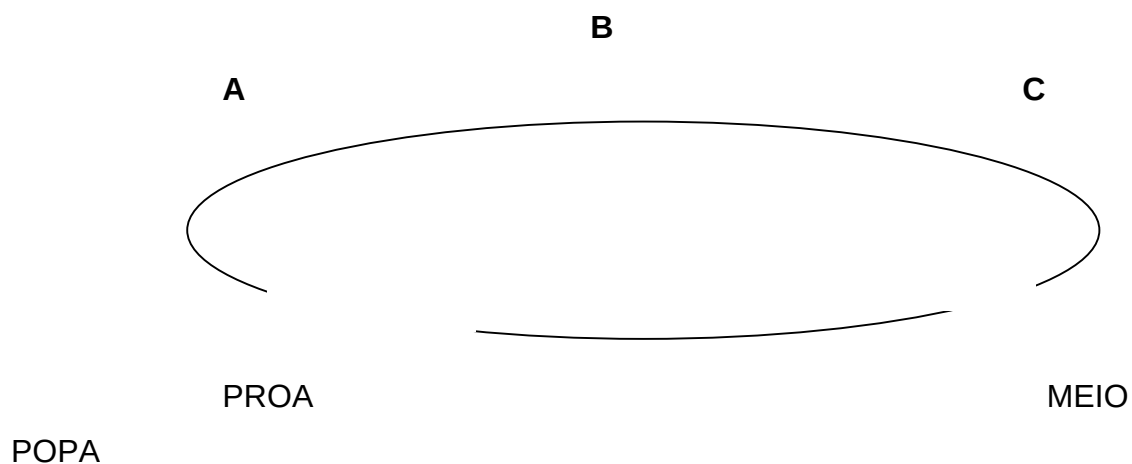
As parselhas médias e pequenas se dedicam à pesca da corvina e sabemos que não é só através das andanas que os homens praticam a pesca deste peixe. Os pescadores artesanais entendem que a única diferença entre a pesca em uma parselha e outra é o fato da parselha média ir para águas mais distantes do lugar, já que, na barra os botes e as chalupas de tamanho médio entram no confronto das águas do oceano com as da laguna, porque no tempo das safras há uma maior competição entre a quantidade e a qualidade de embarcações nas águas de mamãe oxum e de iemanjá: “Ele vai até a boca da barra. Mas, não entra na barra para fora. O caíco é pequeno. Só os médios.”⁴⁹⁹

Os caícos pequenos pescam no raso, e são 02 ou é 01 pescador artesanal localizado na caverna para realizar a pescaria. Mas os médios possuem 03 ou 02 homens distribuídos entre a proa, a popa e o meio da caverna. As embarcações pequenas providas de 15 redes de tralha fina, que ocupa menos espaço no bote, pescam a corvina fora do canal. Os barcos de porte médio com 15 redes preferencialmente pescam no canal lagunar e as redes não possuem o formato de um saco, pois são verticais como uma parede de 60 metros de comprimento com três a quatro metros de altura.

A pescaria da corvina tem uma singularidade que diferencia de todos os outros tipos de pescarias, a distinção consiste no fato do pescador artesanal, em qualquer tipo de embarcação (média ou pequena), colocar o ouvido no fundo do assoalho do bote para ouvir o “ronco” da corvina, pois,

⁴⁹⁹ *Lindo*

parece que elas conversam entre si. O pescador, através do barulho do ronco das mesmas, sabe onde se encontra o cardume para jogar a rede: “Qualquer um escuta. Todo mundo. Gosto de escutar. A corvina ronca!”⁵⁰⁰. O processo de escuta da corvina “ocorre” quando ela entra para desovar na laguna, nos meses de novembro, dezembro e janeiro.



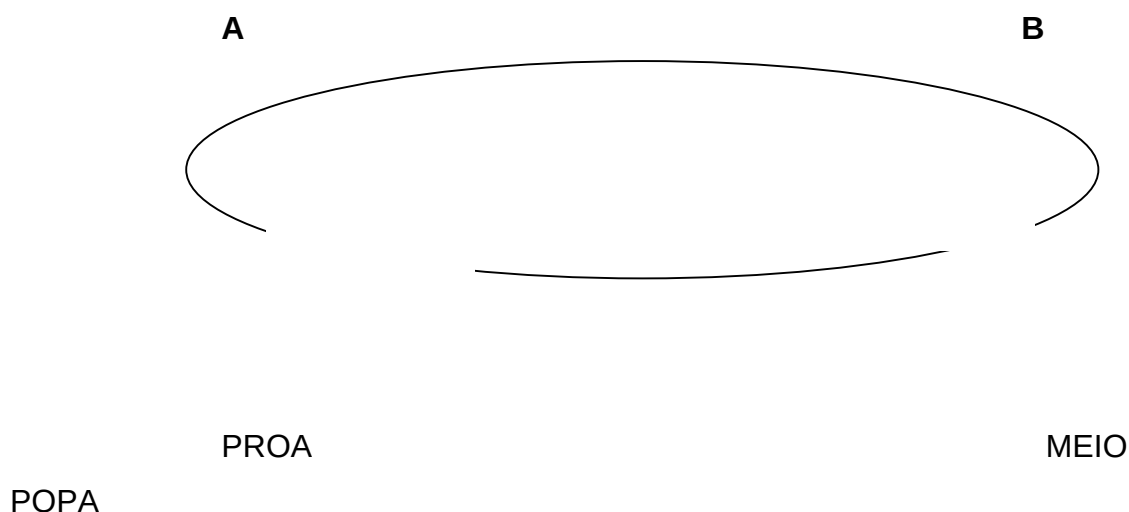
A - Proeiro que lança e recolhe as redes.

B - Proeiro que ajuda a lançar e a recolher as redes.

C - Patrão que determina onde, como e quando lançar e recolher as redes.

Desenho de Gaita 25: Pesca da corvina em bote ou chalupa

⁵⁰⁰ *Lindo*



A - Proeiro que lança e recolhe as redes.

B - Patrão que determina onde, como e quando lançar e recolher as redes.

Desenho de Gaita 26: Pesca da corvina em caíco

A pesca do camarão, da corvina, da tainha e do linguado é realizada no interior da laguna por pares médias e pequenas, já a pesca da corvina é desenvolvida por pares grandes de outros litorais. Tais pares trabalham nas águas lagunares e na costa do balneário do Cassino, do município de Mostardas e do de Tavares, porque elas possuem uma estrutura naval artesanal e um motor que a potência permite pescarem até 20 m de mar adentro, elas por serem artesanais não vão aos parciais (assoalhos marinhos profundos), ficam no raso que tem cerca de 12 m de profundidade. Os proeiros destas embarcações são varões do lugar que por terem uma idade inferior aos 30 anos conseguem executar exaustivo trabalho, que exige muita força muscular bruta e quase que uma absoluta ausência de descanso, pois o ponto de repouso é um galpão "mobiado" por beliches velhos e acabados e de colchões imundos que servem para mais de um homem.

Eles vestem a roupa de trabalho numa impregnada sujeira que absorve tudo, dormem praticamente nus, "vestidos" com calções dos quais só restaram panos rasgados e furados, fazem a própria comida reduzida a arroz, peixe e pão, vão urinar na areia defronte ao galpão e durante a noite

caminham nus para tomarem banho ou usarem o vaso sanitário da "casinha" levantada sobre uma das dunas da barra. Tudo lá lembra um galpão de miseráveis durante a gênese da sociedade. Todo o trabalho executado nas parelhas grandes da barra é para repor parte dos rendimentos negativos com a pesca realizada com as parelhas médias e pequenas do lugar e estes Oguns do mar somente procuram trabalhar nas grandes chalupas da barra quando a fome na comunidade já chegou a um ponto insuportável, insustentável e o mar teima em não colocar qualquer tipo de peixe na rede.

"Dário! Trabalhei 03 dias e não pesquei nada. Tá brabo! Não sei o que fazer. Não pescamos nada!"⁵⁰¹

"Lindo não vá para lá. Escuta! rapaz é muito ruim trabalhar na barra. Não vai!"⁵⁰²

"Não quero tirar foto. (pausa) Tenho vergonha. Só se for na Marambaia. Eu posso ir no Jipe?"⁵⁰³

A pesca artesanal da corvina a ferro quando é realizada por caícos só no diurno tem uma jornada de trabalho diário de seis horas corridas e vai das 12:00 horas até às 18:00 horas, nesta pescaria o pescador artesanal nunca dorme no mar. A pescaria da corvina a ferro realizada por um pescador artesanal, que é proeiro e patrão, é com um caíco e 3 ternos de redes, 12 redes pois cada terno tem 4 redes, e um terno possui um ferro denunciando que há um ferro para 4 redes de 15 braças, são 60 braças para um terno. Quando é realizada por um bote ou por uma chalupa são 2 proeiros e um patrão e 9 ternos de redes com ferro. Nesta pesca artesanal da corvina um proeiro joga a parte da rede com cortiça (tralha da cortiça), outro joga a que tem pedra (tralha da pedra) e o patrão coloca a embarcação em movimento, permitindo que o ferro que fica na extremidade do terno de 4 redes desça para o assoalho marinho e na superfície se veja a bóia do terno de rede de

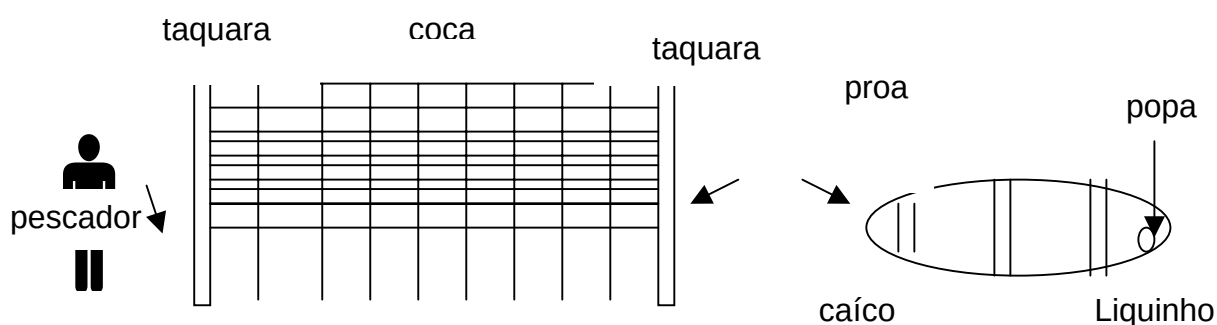
⁵⁰¹ *Lindo*

⁵⁰² *Dário*

⁵⁰³ *Lindo*

corvina. O primeiro momento anterior ao lançamento da rede consiste na escuta da corvina se colocando o ouvido no assoalho da embarcação, porque é ouvindo o ronco da corvina que os proeiros e o patrão localizam o cardume.

A pesca de rede coca do camarão é realizada por 03 pescadores, onde um locomove uma taquara de 1,20 m que serve de sustentação para a rede que é localizada entre as duas taquaras, e dois promovem o deslizamento do caíco sobre a lâmina d'água e recolhem o pescado. O caíco que transporta o liquinho, que será usado para atrair o camarão e levá-lo para a armadilha da coca, tem três braças de largura, 4,50 m de largura, 1,20 m de altura e 5 m de comprimento.

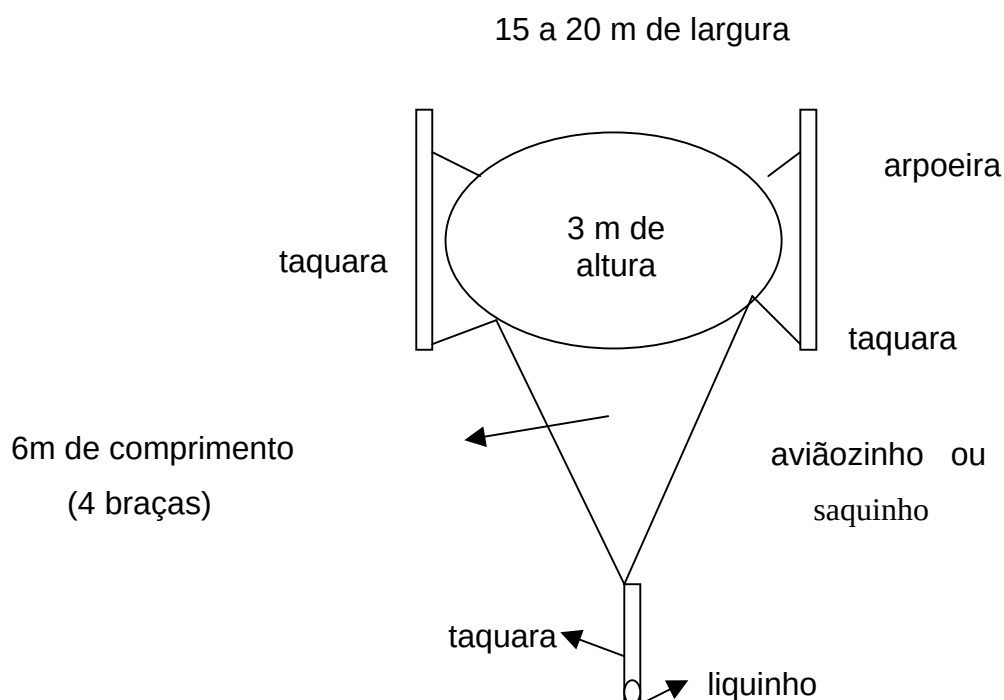


Desenho de Carocha 27: A Pesca de Coca

A pesca artesanal com rede aviãozinho é realizada no raso caracteriza-se pela presença do caíco que transporta a rede para o raso, são dois ou três pescadores que a praticam, porque para cada um deles são cerca de 10 redes, e o caíco transporta entre 15 e 20 redes aviãozinho e o bote carrega aproximadamente 30 redes. Como é realizada só no raso não tem a menor possibilidade a participação de embarcação grande e a quantidade de redes e pescadores é menor por pescaria.

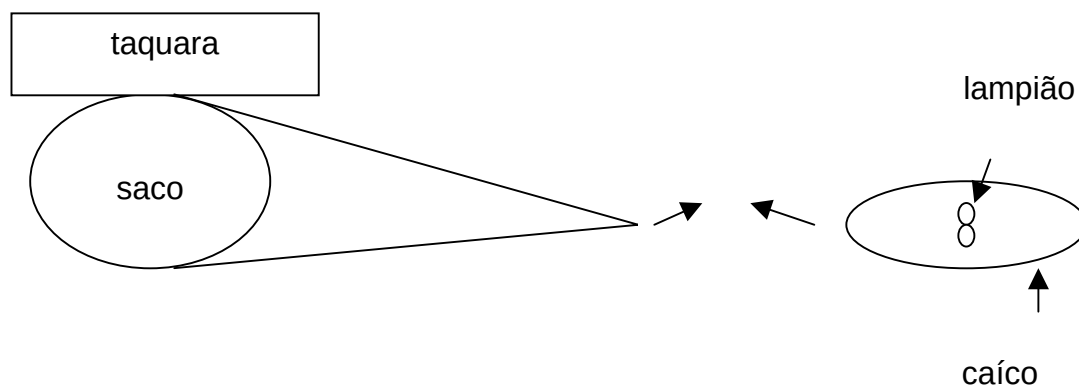
Nesta pescaria o liquinho é situado em cima de uma taquara localizada no fim do caíco do aviãozinho, não se encontra em um caíco como é no caso da pesca com coca. Esta pesca se diferencia da pesca de coca por utilizar três taquaras no processo técnico de armação da rede. Tecnicamente a pescaria de aviãozinho é igual a de saquinho e que a única distinção

encontra-se no comprimento da rede, pois a rede aviãozinho possui uma cauda que a outra não tem. Mas, o fato do liquinho encontrar-se sobre a taquara fixada no fim da cauda, constitui uma grande diferenciação da pescaria de coca.



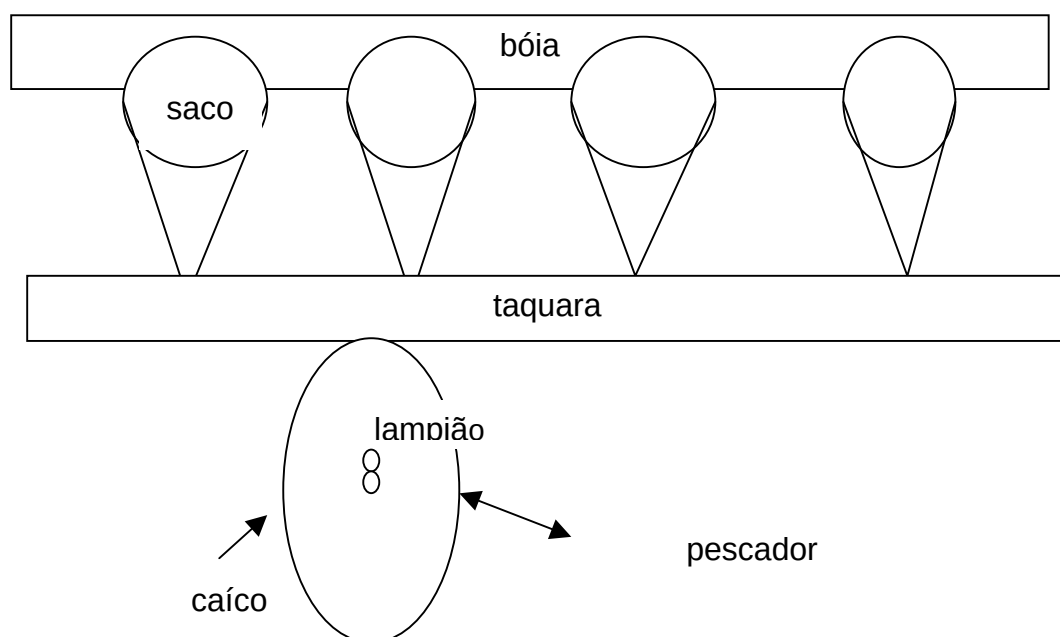
Desenho de Carocha 28: A Rede de Aviãnzinho ou Saquinho

A pesca artesanal de berimbau foi praticada até o ano de 1998 e era no raso é identificada pela colocação da taquara na horizontal, na boca do saco e não nas laterais da rede. A taquara serve de bóia para a rede e um pescador artesanal vai puxando o saco pela cauda e o caíco. A embarcação, por sua vez, transporta o lampião – que situado no meio das cavernas (entre a proa e a popa), serve para atrair o camarão.



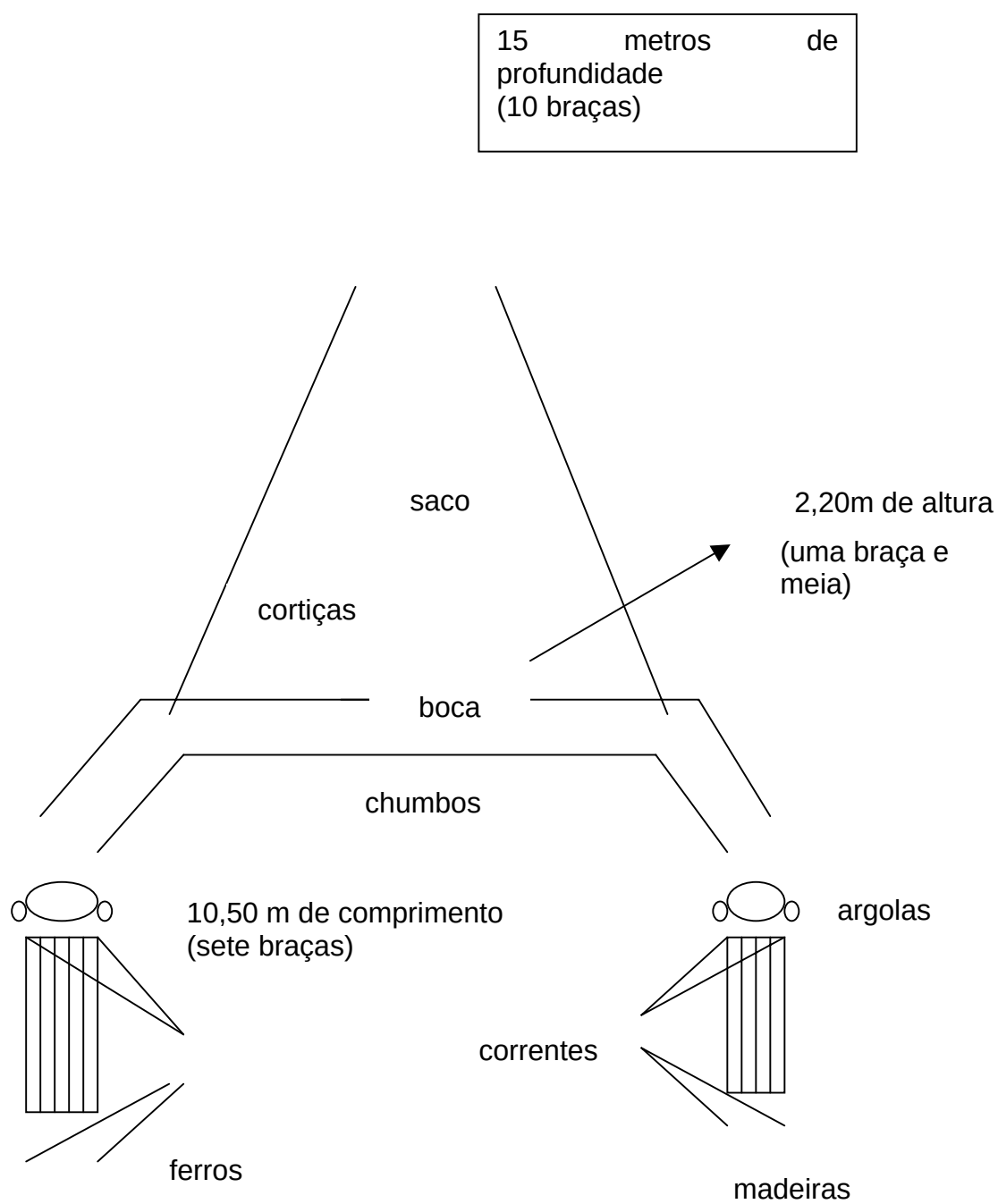
Desenho de Carocha 29: A Pesca de Berimbau

A pesca de berimbau possui uma outra ordenação técnica do saco, da taquara e do caíco. Há pescador artesanal que fixa a taquara na embarcação e, nesse caso, trata-se de uma taquara grande na qual prendem cerca de quatro sacos, que possuem na boca uma outra taquara que serve de bóia. O pescador sai andando de costas e puxando o caíco pelo meio, que vai navegando de confronto ao camarão que, por seu lado, vem de encontro à luminosidade oriunda do lâmpião transportado pela embarcação.

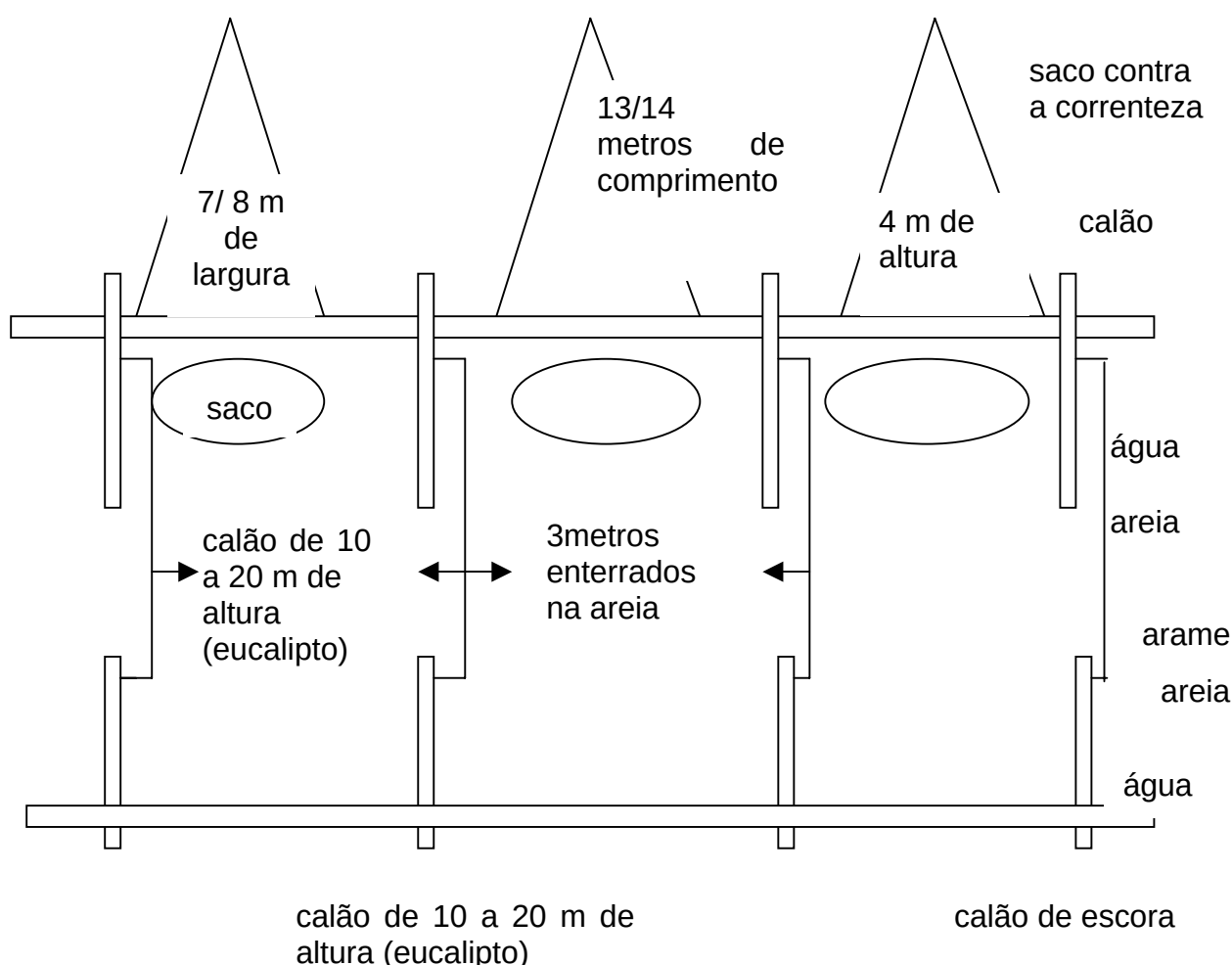


Desenho de Carocha 30: A Pesca de Berimbau

A pesca de plancha, processada com botes médios e chalupas, é realizada no canal utilizado pelos navios que vão do oceano Atlântico para o sistema Guaíba, na cidade de Porto Alegre (RS). A pescaria é caracterizada pela existência de duas sapatas de madeira e ferro que ficam descansando no fundo do canal que possuem a função de abrirem o saco, provido de cortiças e chumbos. Assim, mesmo a boca tendo pouca altura, a pesca só é feita nas águas profundas do canal da Laguna dos Patos. Mas, a pesca de plancha é entendida como sendo ilegal pelo IBAMA, ela promove a varredura do assoalho lagunar, pescando todo tipo, qualidade e quantidade de pescado, vegetação e de outros bens aquáticos que estejam no seu percurso.



Desenho de Bila 31: A Pesca de Plancha



Desenho de Gaita 32: A Pesca de Saco do Camarão

A pesca de saco do camarão é realizada com a rede parada e contra a correnteza no canal, que serve de percurso para as grandes embarcações que viajam para a cidade de Porto Alegre. Tal pescaria depende da correnteza do barco e é desenvolvida por botes médios e chalupas que transportam cerca de 10 a 20 redes de pesca. A pescaria não é processada em águas rasas devido à sua técnica exigir determinado nível de profundidade, o baixo nível d'água não possui uma correnteza que faça a abertura dos sacos, pois o camarão vai a favor da mesma que se confronta com as redes que estão em sentido contrário. É só por meio de sábia previsão

referente a presença de camarão é que os pescadores artesanais do lugar procuram pescar na barra de Pelotas, na boca da lagoa.

Os pescadores do lugar através da pesca do camarão utilizando-se da rede de "coca" e da de "avianzinho" conseguem trazer as estrelas do céu para as águas, isto é, a luz denuncia a relação deles com eles próprios enquanto natureza/sociedade presente no clarão do firmamento celestial. O liquinho "salpica de estrelas nosso chão", e nos faz pensar na máxima platônica que imortaliza a seguinte sentença: "Os astros inteligíveis somos nós"⁵⁰⁴. A pesca de coca caracteriza-se pelo fato do pescador acompanhado da pescadora (mulher, irmã ou filha), andarem curvados e de costas, percorrendo a beira da praia na captura do camarão. Atualmente predomina a pesca de aviãozinho e saquinho e a pesca de coca é do período histórico do bote com três panos, hoje o caíco só apresenta um pano. Nas laterais das redes da pesca do camarão, sempre estão as taquaras, em cima a cortiça e em baixo o chumbo e as pedras, e é na crueza desta técnica tradicional que ocorre a confrontação do tempo lento/cíclico com o tempo rápido no processo de compra e venda do pescado, cujas, temporalidades distintas coexistem nas inquietações sociais que se relacionam com o modo de vida da comunidade praieira.

⁵⁰⁴ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos*. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200).

PLATÃO. *Diálogos*. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (p. 147).

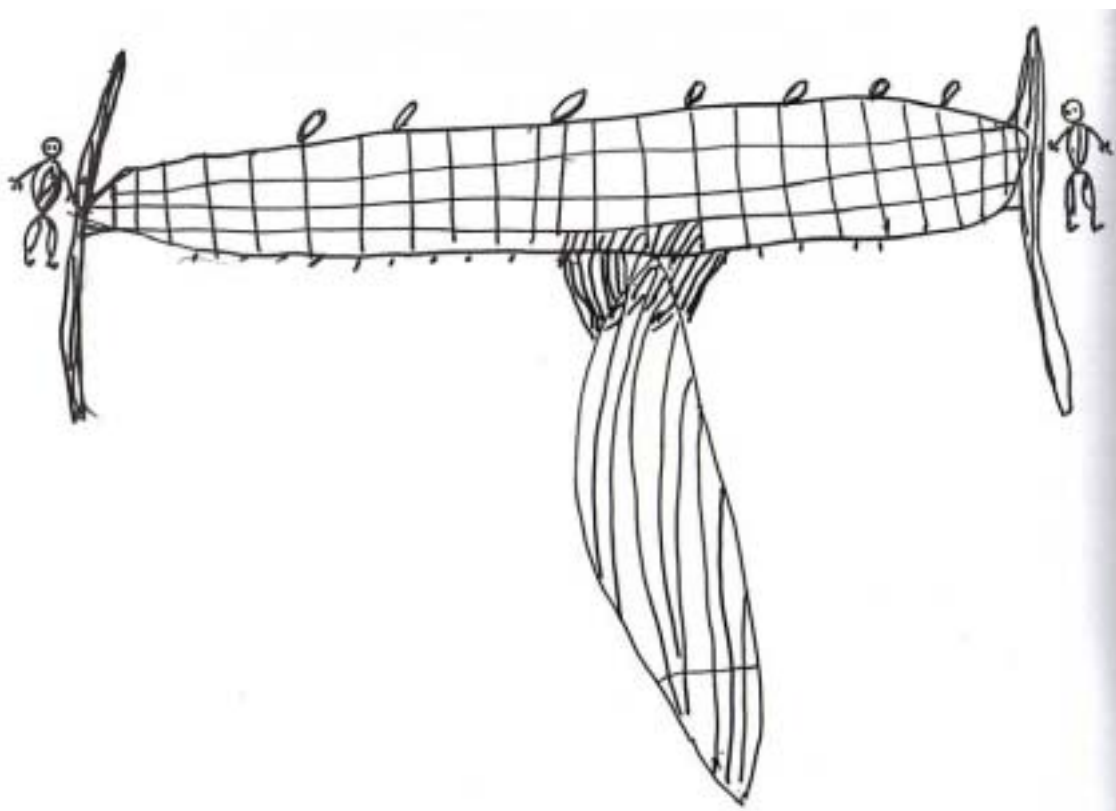
PLATÃO. *A República*. São Paulo: Atena, s/d. (p. 279).

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Introdução à filosofia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 96).

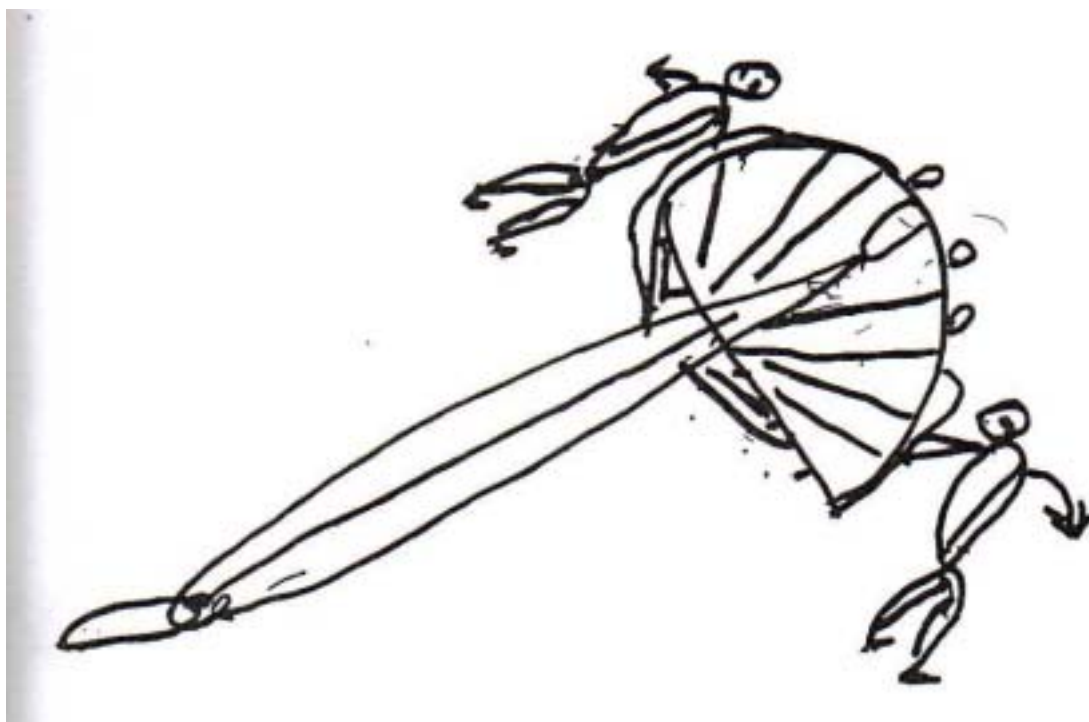
SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. *Elementos de estética*. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4) (p. 23).



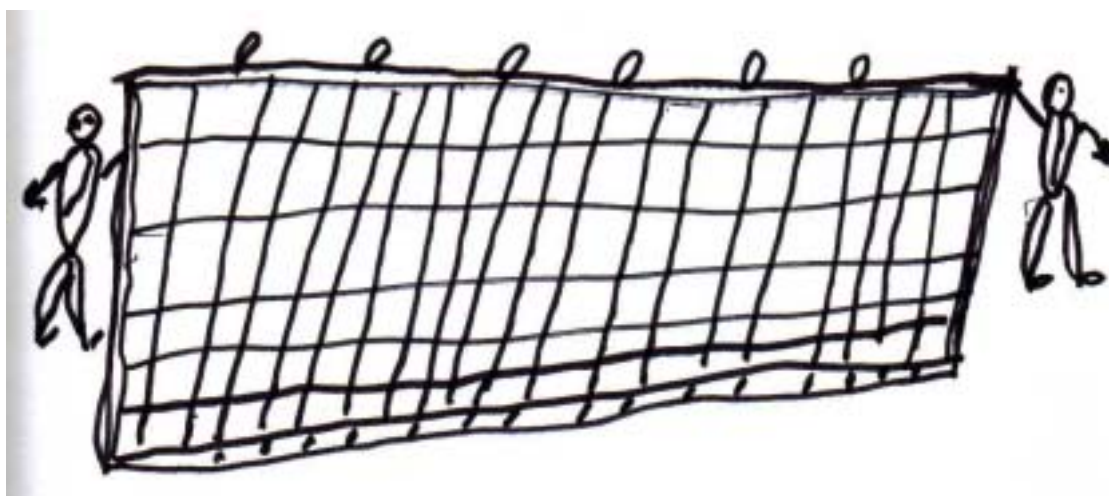
Foto 74: As Pedras



Desenho de Xaim 33: A Pesca de Camarão



Desenho de Xaim 34: A Pesca de Camarão



Desenho de Xaim 35: A Pesca de Camarão

Os pescadores artesanais falam que a pesca do camarão tem condições de ser realizada de dezembro até maio, e que o IBAMA só permite que seja efetuada durante o período de fevereiro/maio. Os trabalhadores da pesca artesanal dizem que de dezembro até janeiro o camarão é pequeno, pois tem menos de nove centímetros com cabeça, e que só é autorizada a pesca quando o mesmo tem acima de nove centímetros, e salientam que a média do comprimento do camarão é de 10 a 11 centímetros, e que são do tipo camarão rosa.

A exigência do IBAMA em relação a pesca do camarão pelos pescadores do lugar reproduz um problema social comum em diversas atividades pesqueiras brasileiras que praticam outras pescas (por exemplo citamos a pesca "marginal" da lagosta).⁵⁰⁵

⁵⁰⁵ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.140 e 141):*

"Esse tipo de pesca é feito por pequenos ou médios barcos motorizados, com cinco tripulantes: 1 mestre, 2 mangueiros e 2 mergulhadores. O mestre determina o local aonde o barco deve pescar, chamado de restinga ou de cabeça, que tanto pode ser bom ou ruim para a pesca ilegal. Os mergulhadores mergulham equipados para pegar as lagostas grandes e as miúdas, e os mangueiros ficam em cima do barco segurando as mangueiras que levam oxigênio para os mergulhadores, enquanto o mestre manobra o barco de acordo com o rumo dos mergulhadores. Trata-se de uma pescaria coletiva, já que o trabalho executado pelos mergulhadores depende diretamente do realizado pelos mangueiros e vice-versa. O serviço do mestre depende, também, do realizado pelos outros quatro tripulantes.

Os mergulhadores passam cerca de duas horas submersos. Por isso é comum nesse tipo de pescaria os mergulhadores ficarem com partes do corpo paralisadas ou até morrerem por causa de defeitos nos compressores."

A falta de equivalente geral para a prática de consumo de bens domésticos básicos obriga o pescador artesanal, que é submetido de forma capitalista a transferência de uma grande quantidade de sobretrabalho⁵⁰⁶, a praticar a pesca institucionalmente tida como ilegal.

⁵⁰⁶ MELLO, Alex Fiuza. *A Pesca sob o Capital (a Tecnologia a Serviço da Dominação)*. Belém/PA: GEU - UFPA, 1985. (p.103):

"O pescador é um trabalhador superexplorado. Chega a vender sua força -de - trabalho abaixo do valor de sua reprodução enquanto tal. Este fenômeno curioso e degradante é característico da atividade pesqueira vigiense. Não há nada que proteja o pescador dos resultados de uma má pescaria, de uma viagem sem sorte, como dizem. Não é o tempo de trabalho que irá determinar o preço (valor) de seu salário (ganho), mas o quantum de pescado que produz. Ganha por produção e não por esforço."

Este dado histórico coloca o pescador como um infrator da legalidade imposta e apresenta-o ao restante da sociedade como um cidadão fora, a margem da legalidade e como um "marginal", que se encontra inserido na dinâmica, lógica e evolução do modo capitalista de produção provocando sérias investigações sobre o seu tipo de subordinação ao capital⁵⁰⁷ onde a questão primária é o fato histórico do "sistema capitalista ser único, mas multiforme e não homogêneo e que transcende disformidades incomensuráveis para não ter um tipo particular de extorsão de sobretrabalho."⁵⁰⁸

⁵⁰⁷ DIÉGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983. (p. 7 e 264):

"Em primeiro lugar é oportuno afirmar que uma das características fundamentais das formas pré-capitalistas de produção é sua articulação com outras formas que lhe são dominantes. É importante reter que a pequena produção mercantil é uma forma subordinada, articulada a outras formas de produção. Essa articulação não é uma simples justaposição de formas diferentes de produção. Cada uma delas tem leis próprias de reprodução de seus fatores e de suas relações de produção.

Em subordinação formal do trabalho ao capital, o trabalhador aceita trabalhar para o capitalista porque somente este é possuidor dos meios de produção. O trabalhador faz face às condições objetivas (barco, equipamento de pesca) e às condições subjetivas do trabalho (meios de subsistência) como capital, monopolizadas pelo comprador da força de trabalho. Na medida, no entanto, em que ainda não se introduziu o maquinismo que dispensaria uma habilidade física e intelectual (savoir-faire), essa oposição entre o produtor direto e as condições de trabalho não se completou definitivamente como na produção empresarial capitalista em larga escala."

⁵⁰⁸ VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p. 154).

QUADRO 20: Tipos de Pescarias de Camarão

TIPOS DE PESCARIAS DE CAMARÃO			
REDE	MOBILIDADE	LOCALIDADE	HORÁRIO
Aviãozinho	Parada	Raso	Noturno
Saquinho	Parada	Raso	Noturno
Coca	Arrasto	Raso	Noturno
Berimbau	Arrasto	Raso	Noturno
Plancha	Arrasto	Canal	Diurno
Saco	Parada	Canal	Noturno

**Foto 75: As Redes do Labirinto**



Foto 76: O Desenhista do Labirinto

A pesca de camarão no canal com a utilização de saco é uma pesca de rede parada e conhecida como sendo de “saco boiado”, a rede é fixada nos paus (não falamos taquara) para permanecer boiando na superfície da lâmina d’água.

No lugar é o camarão que compõe a principal safra para a reprodução social da pesca, já que é o pescado que aparece em maior quantidade e qualidade em relação às necessidades de sustento da estrutura familiar auto espoliativa caracterizada por ter varões praticando a pesca de plancha no oceano, saindo das águas e indo artesanalmente margeando todo o litoral do Rio Grande, para tentar realizar a recomposição de parte de seus rendimentos negativos junto ao direito adquirido sobre a praia e a laguna da comunidade pesqueira do lugar⁵⁰⁹.

⁵⁰⁹PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Os Companheiros (Trabalho na Pesca de Itaipu)*. RJ: Museu Nacional/UFRJ, 1977. (p.68 e 69):

“O fato dos pescadores de Itaipu acreditarem ter em comum direitos adquiridos sobre a praia e a lagoa, parece caracterizar uma situação de posse comunal, já que a atividade regular de captura seria necessariamente mediada pela

Os pescadores artesanais do Estado de Santa Catarina, do município de São Lourenço do Sul e de Pelotas, dotados de grandes botes, dedicam-se à pesca do camarão e da tainha durante os meses de fevereiro, março, abril e maio; já os do lugar com botes médios, chalupas e caícos priorizam a pesca do camarão no período de fevereiro e março e nos meses de abril e maio é que pescam a tainha. Eles só praticam a pescaria da tainha porque nestes meses já se encontra terminando a safra do camarão, pois a prioridade do mercado é a compra do camarão que passa a ser objeto da principal prática pesqueira do lugar. O fato de se caracterizarem pelo uso de médios e pequenos barcos é que faz com que pesquem mais o camarão. Os botes e chalupas direcionam-se para a pesca do camarão por causa da cultura comunitária do lugar e da prioridade do mercado situado na cidade do Rio Grande.

inclusão na comunidade. Realmente, o pertencer à comunidade seria premissa básica da apropriação de recursos no local, o que permitiria o paralelo entre essa situação e a de algumas sociedades pré-capitalistas, em que o indivíduo particular é ao mesmo tempo membro da comunidade e co-proprietário ou co-possuidor do território ocupado por ela (c.f. Karl Marx, "Formes Qui précèdent la production capitaliste", in Maurice Godelier, Sur les sociétés pré-capitalistes, Ed.Sociales, Paris,1973, P. 194)."

SILVA, Yeda Maria de Figueiredo Andrada e. Trindade (Sobrevivência e Expropriação). São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciência Sociais. São Paulo/SP: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Católica de São Paulo, 1979. (p.92):

"Esta empresa que alega ser dona, na região de Trindade, de uma área onde pretende construir hotéis e um grande balneário não poupou esforços para expulsar os moradores que nunca conheceram nenhum proprietário desde seus avós e mesmo bisavós.

Fogo foi ateado às casas, tratores destruíram suas roças, pomares e ranchos de pesca e atos de vandalismo foram praticados contra uma população que não recebe apoio dos meios institucionais, para fazer valer os seus direitos, assistia atônita a esta violenta pressão exercida sobre sua vida."

QUADRO 21: Opções de Pesca

OPÇÕES DE PESCA	
ORDEM DECRESCENTE	PESCADO
1 ^a	Camarão
2 ^a	Tainha
3 ^a	Corvina
4 ^a	Linguado
5 ^a	Bagre

Os velhos pescadores artesanais colocam que o camarão não entra nas águas da laguna, já os homens jovens que sofrem a influência do IBAMA, da EMATER e da FURG entendem que no período de outubro até janeiro os camarões estão entrando na laguna, e que todo esse processo é devido ao “calor” de suas águas: “Os amigos dizem que não. Não entra na lagoa!”⁵¹⁰

Só os velhos pescadores artesanais chamam de rebojo Minuano, e os jovens pescadores se referem chamando de rebojo, os velhos sinalizam onde ocorre e a gênese desta explosão física e química proveniente do encontro de massas de ar quentes com as frias. Já os jovens pescadores artesanais colocam a questão como sendo acabada e desnecessário sinalizar onde é a origem do confronto. Mas, ao chamarem de rebojo, passam a idéia de que o dado social é horizontal e não provido de uma singularidade. Estes jovens, ao manterem contato com homens de outras praias, absorveram a noção de que este confronto não é ocorrido só no lugar em pauta, há similitudes com outras praias de diversos pescadores e marinheiros que transitam pelo Porto Velho da cidade do Rio Grande.

Os pescadores artesanais afirmam que o rebocho não é bom para o camarão, pois o vento frio que vem do sul (a frente fria que vem do sul da Argentina e do Chile) salga as águas da laguna e faz com que as águas vindas do próprio oceano cheguem a chocar no interior da laguna. Mas, apesar de tudo é o rebocho que trás a larva do camarão e a tainha para a laguna; assim sendo, a pesca do camarão quando não é realizada no canal é

⁵¹⁰ Xaim

processada no raso, nos sacos que margeiam todo o mar; por sua vez, a tainha é pescada nas “costas” (nos lugares mais rasos) e o assoalho profundo recebe o nome de parcel⁵¹¹ e nele encontramos uma maior quantidade e qualidade de pescados. Este dado reproduz uma das releituras particularizadas das linguagens sociais/naturais de outras atividades pesqueiras artesanais e citamos por exemplo a do Canto do Mangue onde os assoalhos profundos recebem o nome de parede.⁵¹²

⁵¹¹ DIEGUES, Antônio Carlos S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983. (p.199):

"Um dos aspectos mais interessantes do segredo da profissão é a localização dos bancos de peixe e parcéis existentes no mar de fora."

⁵¹² LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995. (p.39):

"O mestre vai procurar uma parede (local para pesca do peixe com linha e com rede) em função do seu vínculo de dependência do atravessador, que pode ser um representante da empresa de pesca, ela mesma, um peixeiro do mercado do peixe ou um peixeiro das caixas de madeira."

QUADRO 22: A Distância das Pescarias

DISTÂNCIA DAS PESCARIAS			
PESCADO	LOCAL	PERTO	LONGE
TAINHA	Canal e Sacos	X	X
CORVINA	Canal	X	
CAMARÃO	Canal e Sacos	X	X
LINGUADO	Sacos	X	

QUADRO 23: A Localização das Pescarias

LOCALIZAÇÃO DAS PESCARIAS				
PESCADO	PESCARIA	EMBARCAÇÃO	LOCALIDADE	REDE
CAMARÃO	Avianzinho	Caíco, Bote e Chalupa	Raso/ Baixo	Superfície/Alta
	Saquinho	Caíco, Bote e Chalupa	Raso/ Baixo	Superfície/Alta
	Coca	Caíco, Bote e Chalupa	Raso /Baixo	Superfície/Alta
	Berimbau	Caíco, Bote e Chalupa	Raso/ Baixo	Superfície/Alta
	Plancha	Chalupa da Barra	Canal/ Fundo	Assoalho/Baixa
	Saco Boiado	Caíco, Bote e Chalupa	Canal/ Fundo	Assoalho/Baixa
CORVINA		Caíco, Bote e Chalupa	Canal/ Fundo	Superfície/Alta
TAINHA		Caíco, Bote e Chalupa	Canal/ Fundo	Superfície/Alta
		Caíco, Bote e Chalupa	Raso/ Baixo	Assoalho/Baixa
LINGUADO		Caíco, Bote e Chalupa	Raso/ Baixo	Assoalho/Baixa

QUADRO 24: A Mobilidade de Rede de Pesca

MOBILIDADE DE REDE DE PESCA			
PESCADO	PESCARIA	MOBILIDADE	
		Imóvel	Móvel
Corvina	Rede	Andanas	Lance
Camarão	Rede Aviãozinho	Parada	Arrasto Arrasto Arrasto
	Rede Saquinho	Parada	
	Rede Saco Boiado	Parada	
	Rede Coca		
	Rede Plancha		
	Rede Berimbau		
Tainha	Rede	Andanas	Arriada ou lance
Linguado	Rede	Andanas	
Bagre	Rede	Andanas	



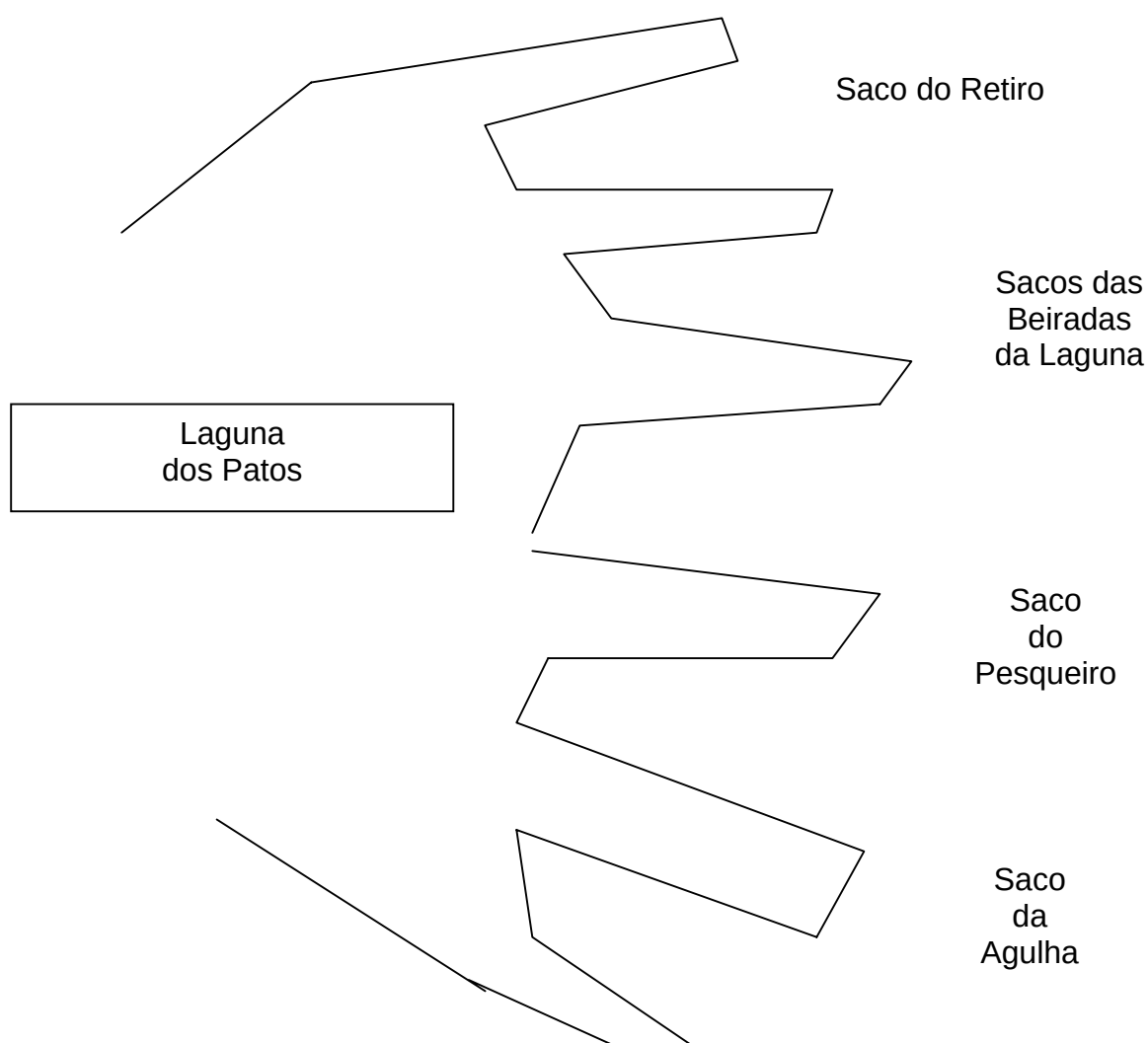
Foto 77: A Confeção das Redes

Os pescadores artesanais contam como se fosse “lenda” a história de um acidente que ocorreu com uma embarcação da Marambaia que se encontrava pescando nas águas profundas da barra da Laguna dos Patos. O acidente ocorreu nos anos de 1960 e ainda é comentado pelos moradores da comunidade, o fato faz parte da memória coletiva do lugar.

O acidente ocorreu quando os pescadores artesanais “lancearam” a rede para pescar tainha e a malha ficou enrolada nas hélices da embarcação e fez com que a mesma batesse gravemente nos molhes da barra. A batida não feriu nenhum dos três pescadores, mas fez com que a embarcação ficasse toda quebrada e que perdessem todo o pescado. Os moradores ainda perplexos com o acidente contam que o bote danificado foi trazido por pescadores lá da barra da laguna e que os pescadores artesanais não

morreram devido a interferência imediata da Virgem Maria, de Iemanjá e de Jesus (não do filósofo Jesus).

“Virou lenda, até hoje contam a história, já faz 50 anos, nem nunca esquece, fica para o resto da vida”. Deus estava do lado deles”.⁵¹³



Desenho 36: Os Rasos

⁵¹³ *Isolina*

Os pescadores artesanais dizem que com o surgimento da pesca de saquinho, no período de 1985, surge o desaparecimento do peixe-rei, e que esta rede de malha muito miúda viabilizou a pesca do peixe-rei num período em que ainda era prematuro. Os pescadores artesanais deixaram de pescar o peixe-rei porque este pescado tornou-se escasso, devido os motivos para que tenha havido a diminuição da quantidade e qualidade dos demais pescados. Quando indagados por não obedecerem as determinações do IBAMA⁵¹⁴ em relação ao período adequado para a pesca do camarão, se o descumprimento da legislação não vai viabilizar cada vez mais a diminuição desta espécie, eles alegam que a pouca quantidade do camarão é fruto da pesca predatória de grandes embarcações de outras praias e que a técnica artesanal é secular e se eles fossem os responsáveis deste os anos de 1950 não haveria camarão na Laguna dos Patos, estão morando no lugar e pescando camarão deste 1907.

Os pescadores artesanais falam que o peixe-rei não possui mais sua respectiva safra devido à pesca predatória, realizada por barcos de São Paulo e Santa Catarina, que limpam as águas e o assoalho marinho. Acrescentam que a poluição da laguna, proveniente da grande Porto Alegre, de Pelotas, da agricultura e da cidade do Rio Grande se soma com a pesca predatória no processo de extinção do peixe-rei. Mas, o linguado e o bagre precariamente ainda resistem por muita teimosia social/natural nas águas do mar, a safra do linguado e a do bagre é praticamente inexistente em relação ao período anterior ao ano de 1980 devido a drástica diminuição da quantidade e da qualidade dos mesmos, já a safra do peixe-rei foi extinta porque a sua pouquíssima quantidade/qualidade não é considerada como uma coleta.

Os pescadores artesanais dizem que até o ano de 1980 o bagre, a corvina e o peixe-rei entravam em grande quantidade e em ótima qualidade nas águas da laguna. Mas devido à pesca de arrasto praticada pelos grandes barcos de Santos (SP) e do litoral catarinense, os peixes sumiram da barra da

⁵¹⁴ A legislação do IBAMA reza no máximo 100 m e os pescadores utilizam 140 m.

Laguna dos Patos. Tais embarcações de grande porte realizam a pesca de arrasto na beira do mar fazendo o percurso do litoral do Estado de Santa Catarina até o sul do litoral gaúcho.

QUADRO 25: Grandes Safras Extintas

GRANDES SAFRAS EXTINTAS	
Bagre	Ago. – set. – out.
Peixe-rei	jul. – ago. – set.



Foto 78: O Pescador Milenar

CAPÍTULO VI

AS DOCAS



Foto 79: Os Contempladores do Cais

Moradores, visitantes e outros transeuntes da cidade vão a qualquer hora do dia, e em qualquer dia da semana, para as pedras do cais do mercado do peixe assistir a chegada e a partida das embarcações dos moradores do lugar. Os contempladores das pedras do cais sentem saudades do que foram, são e serão, sentem o desejo de transmutar-se para o lugar trazendo o passado e projetando um futuro numa visão platônica alicerçada na transmigração do ser e aprofundada na infinita ebulição. Não é só a contemplação do mar, é o desejo ao retorno (?).

Ele sou eu e vice-versa.⁵¹⁵ Platão, entre outros filósofos, escreve que somos o conteúdo e a subordinação da lei social/natural da imortalidade da alma. Neste estudo filosófico, fruto de Orfeu e de Dionísio,⁵¹⁶ compreendemos que os contempladores das pedras do cais do Porto Velho sentem o desejo de serem representantes do traço cultural ímpar dos patrões e proeiros dos botes da Marambaia, porque na questão do desejo há a saudade do que não são e foram, por terem uma realização da memória através do diálogo profundo e contemplativo travado com os olhos fixados nos estranhos vindos do lugar. Os contempladores das seculares pedras do cais são providos de uma consciência irracional/irreal⁵¹⁷, de que foram o que pensam que jamais teriam

⁵¹⁵CARVALHO, Sílvia Maria S. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990. (p.61).

ZIKAS, Dimitrios N. de *Platão Fédon a Imortalidade da Alma (Comentários)*. Curitiba: Cyros, 1990. (p.38).

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Marx e a Natureza em o Capital*. (Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.(p.48).

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971. (p.178).

SARDI, Sérgio Augusto. *Diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (p. 33).

⁵¹⁶ALEM, Jaime. *Dionísia Número 1. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maricotinha ao Vivo*. São Paulo: Gravadora: Biscoito Fino. Produção: Sarapuí, 2002.

⁵¹⁷ ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martin Claret, 2002. (p. 37).

NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro:Funarte, 1990.(p.363).

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.(p.03 e 04).

GOBLOT, Jean-Jacques. *O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego"*. La pensée, N.104, Agosto, 1962.

VELOSO, Caetano e NASCIMENTO, Milton. *Paula e Beбето*. Intérprete:Gal Costa. Disco:Gal Costa Acústico. São Paulo:BMG Brasil, 1997.

sido na objetivação geográfica.⁵¹⁸ Os contempladores das pedras do cais sentem desejo, saudade e fogem da acelerada contração tempo/espaço que é difundida na cidade do Rio Grande, já que, toda contemplação nos indica o sentimento de paz, de “centro calmo”⁵¹⁹, meditação e de mergulho dentro de si próprio, através do contato com a natureza não produzida e nem criada pelo trabalho humano. Caminhar na areia da Marambaia é manter contato com o tempo lento, do carpinteiro que trabalha manualmente e da vizinha que troca gentilezas e favores, na base de uma natureza plasmada do diálogo entre o que é fruto do trabalho humano e do que não o é, que só existe em função do homem⁵²⁰.

O padrão arquitetônico do Mercado das Docas, somando-se à chegada e saída dos pescadores artesanais do lugar, convida o morador urbano ir no fim do horário de trabalho, ou sábado e domingo à tarde e no domingo pela manhã, vê-lo e pensar no que somos. No matutino do domingo é momento de alvoroço, porque lá se compra, descamam pescados, vendem e gritam.

Tuan afirma que lugar é um “centro calmo”. No lugar a lentidão e o atolamento do carro de mão, utilizado para o transporte dos mais variados tipos de bens materiais (não falei desprovidos de imaginação e de memória), é fato constante e é para o trabalho comunitário.

No Mercado das Docas, da mesma forma que encontramos a balança tradicional, encontramos o carro-de-mão. Parece que o pescador, do bote movido à ação eólica, deixa um pedaço de si para onde vai. Tudo diz que

⁵¹⁸ MARK, Karl. *Manuscritos, econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos. (Os Pensadores) – n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p.172 e 174).*

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. *Introdução á filosofia. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. (p. 114-115).*

⁵¹⁹ TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. (p. 61).*

⁵²⁰ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos – e outros textos escolhidos. (Coleção os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200).*

PLATÃO. *A república. São Paulo: Atena, s/d. (p. 279).*

parece que estes pescadores querem deixar saudades e alguém quer lembrar-se do que foi e é, pois só encontramos (no centro histórico) carro de mão na vizinhança do Mercado das Docas. Eles somam-se às carroças puxadas por cavalos que são pagas para realizarem transporte de mercadorias de ambos mercados. Dizei-me com quem andas que te direi quem és, e assim os carroceiros, que representam o tempo lento, nos remetem aos proeiros do tempo determinado pelo nascer e pôr do sol.



Foto 80: O Carro-de-Mão do Cais



Foto 81: A Balança das Docas

O consumidor é o próprio pescador sem ser, sendo, pois escreve “O Obscuro” no fragmento 8: “Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia”. Assim, o caminhão, o carro de mão e a carroça compõem o cenário do palco onde se desdobra o processo de compra e venda do pescado. Nas Docas o carro de mão e as carroças cruzam-se com os caminhões de transporte de pescado, perguntamos se este é o processo da dissolução do pescador metamorfoseado em força de trabalho, já que os caminhões, entre outras variáveis sociais, transportam trabalho roubado. A dimensão histórica/natural do pescador artesanal vai ser substantificada no fim da rota percorrida pelo meio de transporte e quando o pescado é consumido.



Foto 82: Os Caminhões

O mercado do peixe caracteriza-se como tendo sido no passado palco do comércio de frutas, legumes, verduras, pescados, escravos e flores. O Negro Lucas pode ter sido vendido e haver fugido sob a sombra do telhado do mercado, que nos anos de 1960 era o local onde os compradores e vendedores de flores, pescados, verduras, legumes e frutas transitavam.

O Mercado Público Municipal localizado próximo ao do peixe faz parte da história do processo de comercialização do pescado, da relação entre atravessadores e pescadores artesanais e da chegada da saída de embarcações para o lugar. No mercado ainda encontramos as seculares mulheres negras que se dedicam à limpeza do pescado e sinalizam o processo de apropriação do trabalho do negro como ainda sendo uma das únicas justificativas para a sua permanência no interior no processo de beneficiamento e comercialização do pescado, já que há o preconceito em relação à sua manifestação religiosa, mesmo contrariando o fato cultural dos

atravessadores e proprietários de embarcações acreditarem nas “feitiçarias” das pedras do cais. Na cidade os terreiros de umbanda, quimbanda e candomblé foram fundados e são freqüentados por homens e mulheres de cor negra.



Foto 83: A Negra do Negro Lucas

Os estabelecimentos comerciais do mercado público que são voltados para a venda de materiais para a pesca são referenciais para o entendimento do processo de apropriação do trabalho do pescador pelos patrões, atravessadores e empresas de compra e beneficiamento do pescado, já que, a despesa com a pesca (remuneração, rancho, redes, combustível e conserto da embarcação) é retirada do resultado da pescaria. Como parte do aprotamento do "barco" se compra nestes estabelecimentos comerciais do Mercado Público Municipal informamos que eles se reproduzem através da apropriação do trabalho do pescador artesanal substantificado nos recursos monetários dos compradores dos materiais destinados para as pescarias do lugar.

O Mercado Público Municipal é da gente humilde, que vinda das margens da Laguna dos Patos do seu estuário, procura comprar aquele calçado, aquela roupa e acessórios simples, humildes e baratos. Tais bens de consumo são representativos, via os seus designs e acabamentos de comunidades compostas por pequenos lavradores, lavradores-pescadores, pescadores-lavradores e pescadores artesanais. O mercado tem cheiro de galinha, mocotó de carnes de porco e feijão branco, peixe frito, café com pastel, cachaça, rações rurais, animais domésticos, frutas, legumes, sementes e de outras mercadorias, voltadas para os moradores das praias, com o povo da violenta cidade do Rio Grande. Lá o agricultor e o pescador humilde, simples e rude, são seres humanos diferentes culturalmente dos senhores "acelerados" vestidos de paletó e transportando pasta pelas circunvizinhanças.

Hoje estabelecimentos destinados à compra do pescado e à sua comercialização direta junto ao consumidor, são fatos sociais básicos no processo de apropriação do trabalho do pescador do lugar. É somado a este dado geográfico a existência de empresas de venda de materiais destinados à pesca artesanal e aos meios de trabalho que artesanalmente os pescadores entendem, que monetariamente não é frutuoso produzirem.

As lojas também remetem o leitor ao mundo dos espíritos, o das entidades celestiais, em oposto aos Exus das feitiçarias das antigas pedras do cais. O inferno e o céu estão bem próximos no interior das lojas de produtos sacro-religiosos do Mercado Público Municipal.

O Mercado das Docas ou Mercado do Peixe, que é o da compra e venda dos pescados, possui as “pedras” pé-de-moleque que trazem ao espaço cênico o “fantasma” do “Negro Lucas” que simboliza a existência do trabalho escravo nos casarões das ruas do centro histórico. Historiadores acreditam na possibilidade de que nas ruas que abraçam o Mercado Público Municipal, absorvendo o Mercado das Docas, eram comercializados negros submetidos ao trabalho escravo; assim, os mercados são peças primordiais para a reprodução da memória das ruas compridas e estreitas do centro histórico da cidade e da origem do Quilombo do Negro Lucas que antecedeu a chegada dos "brancos" no lugar.



Foto 84: O Mercado Público Municipal



Foto 85: O Mercado das Docas

Nas Docas do Peixe existe o desembarque do pescado, oriundo do lugar, e as mercadorias são vendidas aos atravessadores e aos atravessadores-peixeiros do Mercado das Docas, do Mercado Público Municipal, e a demais mercadores de pescado que representam "informalmente" empresas de compra e beneficiamento do pescado.

No lugar existem compradores de pescado que os trazem para as docas e nelas, o pescado é transferido para outros atravessadores que, por sua vez, repassam para as empresas de compra e beneficiamento do pescado. Os mercadores criam vínculos de dependência social, já que, via empréstimos e financiamentos pagam cada vez mais, um preço inferior ao do mercado. Na praia do lugar há intermediários diluídos no cerne das relações de parentesco, entendendo-se que as relações, que só existem enquanto conteúdo da cultura/linguagem, são a identidade da singular geografia do lugar. Mas, os pescadores afirmam que os 3 atravessadores de lá são "diferentes" dos encontrados nas velhas pedras das docas. Documentamos que a ligação do parentesco às relações de caráter monetário, compõe a peculiaridade do lugar. Não estamos afirmando que há

uma predominância do parentesco em relação à “dominação” econômica⁵²¹, acreditamos numa relação entre intersubjetividade/interobjetividade.

Os pescadores artesanais do lugar nunca fizeram a classificação do pescado e nem o pesaram, a mercadoria foi pescada e classificada pelo atravessador, sendo que esta seleção só ocorre quando o pescado é passado para as mãos de terceiros, do pescador para o patrão e deste para o mercador do lugar que “atreve” para os das docas, que pesa roubando na balança porque promove uma subtração posto que a balança é de sua propriedade privada e não admite que seja qualquer outra balança, e rouba na classificação já que o pescado segundo o mercador nunca se encontra no “estado” em que deveria encontrar-se no interior de sua classificação. Mesmo quando é classificado como sendo de primeira qualidade nunca recebe o devido pagamento de um pescado de primeira, porque o seu “estado” não é o “esperado, desejado,...” pelo atravessador, cujo conteúdo explicativo do tal “estado” jamais ficou claro para qualquer pescador do lugar. Os pescadores afirmam que para cada momento, oportunidade, circunstância ou situação há um “embate” subjetiva/objetiva para a subtração monetária através da desqualificação do produto oriundo da pesca artesanal. Atendendo ao convite da mobilidade afirmamos que lá no interior do lugar os 3 atravessadores não roubam na classificação e nem no peso enquanto que nas docas ocorre o roubo nos dois processos de atravessamento do pescado.

⁵²¹ GODELIER, Maurice. *Godelier. Coleção Grandes Cientistas Sociais. N. 21. São Paulo: Ática, 1981. (p.181).*

QUADRO 26: A Classificação do Pescado

CLASSIFICAÇÃO DO PESCADO	
CLASSIFICAÇÃO	CRITÉRIOS
Primeira	Ser de grande porte, levando-se em consideração a espécie do pescado, e não possuir muitas espinhas.
Segunda	Ser de grande porte, levando-se em consideração a espécie do pescado, e possuir muitas espinhas.

As empresas de pesca jamais anteciparam recursos monetários ou materiais para pescarias aos pescadores artesanais, pagaram à vista aos atravessadores de pescado, nunca mantiveram qualquer contrato trabalhista ou comercial com os mesmos e nem com os pescadores do lugar. Legalmente não há qualquer relação contratual formal ou informal entre os representantes do capital e os trabalhadores da praia, os moradores não podem solicitar ou requerer qualquer direito trabalhista, ou de alguma especificidade social, aos representantes da apropriação do sobretrabalho, atravessadores das docas e empresários do ramo do beneficiamento do pescado. O dado registrado nos coloca claramente que ocorre uma política de salvaguardar os processos de apropriação de trabalho roubado de qualquer tipo de investida da legalidade do direito constituído do trabalho em relação a alguma reivindicação dos trabalhadores do mar.

O processo de comercialização do pescado possui como uma de suas particularidades sociais, o fato do resultado da pesca artesanal ser transportado para as principais cidades das regiões nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil através das empresas de compra e beneficiamento do pescado. A primeira locomoção feita por caminhões frigoríficos e por navios é destinada para abastecer parte do mercado interno brasileiro e ir para a Argentina, Estados Unidos da América do Norte e Europa. A safra abundante pode fazer cair o preço do pescado e aumentar o poder de competitividade das empresas nacionais de compra e beneficiamento desta mercadoria,

devemos entender que a safra é abundante em relação a lei da oferta e da procura existente fora da beira da praia do lugar.

No macro mercado internacional onde qualquer trabalho roubado plasmado em algum pescado soma-se a grande massa de mais-valia pertinente ao atravessamento desta mercadoria capitalista, que quando é oriunda de um tempo lento/cíclico é relacionada no modo capitalista de produção que não vive regido por uma homogeneidade temporal retilínea objetiva e evolucionista. As empresas de compra e beneficiamento do pescado administram a venda de 99% do que é proveniente do trabalho dos pescadores artesanais do labirinto do lugar e 1% restantes do pescado é para o consumo comunitário. São os 2 atravessadores-peixeiros das bancas das docas que repassam para as empresas de pesca, que possuem um propósito capitalista de exportar para o mercado consumidor interno e externo.

O processo social de realização deste sobretrabalho ocorrerá em algum mercado da sociedade histórica e este dado anuncia que na diluição da grande massa planetária de trabalho roubado o pescador artesanal terá sua natureza orgânica/inorgânica diluída nos seres, objetos, coisas e criaturas que permeiam a sociedade/natureza⁵²², e de forma horizontal e vertical são pela lei dos contrastes trazidas de volta ao labirinto do lobisomem do lugar, porque o tudo é o nada, posto que sendo energia toda e qualquer forma de vida é morte devido a história ser o eterno nascimento e morte de símbolos⁵²³ que são intrínsecos a objetividade/subjetividade do embate capital/trabalho que transcende retornando e saindo do espiral/trança do lugar, cujos os caminhos são percorridos pela espada de Ogum e pelo relâmpago de Iansã que sacode os caícos, os botes, as chalupas do pescador artesanal que só é ser e haver enquanto materialização/idealização do confronto capital/trabalho

⁵²² SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991. (*Caminhos da Geografia*). (p. 25).

⁵²³ BECKER, Uno. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Logos, 1959.

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

- imaginário/simbólico. A chegada é saída porque o afluente nunca é o mesmo na carta da bacia do rio heraclítico.

Os três atravessadores do lugar (Carocha, Joaquim e Bila), apesar de se apropriarem de parte do trabalho não pago dos pescadores artesanais, estão socialmente reproduzindo-se no mesmo nível de qualidade econômica e social de vida, eles não são submetidos no processo histórico de reprodução ampliada. A quantidade de sobretrabalho que os 3 atravessadores do lugar realizam é transferida para as empresas de compra de materiais para a pescaria artesanal e para o conserto, manutenção e acondicionamento da estrutura de madeira, dos panos e do motor da embarcação. Este é um dos fatores sociais/naturais que faz com que o pescador, o patrão-pescador e o atravessador da beira da praia estejam no nível de uma condição social de consumo que coloca em dúvida se haverá o que se comer no mesmo dia.

Os 21 atravessadores de camarão e peixe, que diariamente comercializam no Mercado das Docas do Porto Velho, só compram dos atravessadores das praias que margeiam a Laguna dos Patos. Eles possuem um laço de cumplicidade econômica e política com as empresas de compra e beneficiamento do pescado, tais empreendimentos somente realizam relações comerciais com os mercadores do velho cais. Os atravessadores da praia jamais vendem em qualquer uma das empresas de pesca de Rio Grande e os pescadores não podem fazer permuta com os 21 mercadores das pedras do cais.

No período da safra do camarão, chegam cerca de 20 atravessadores catarinenses para comercializarem com os mercadores das Docas, e estes mercadores “catarinhas” transportam o camarão para as suas empresas e de onde o pescado é exportado para as principais cidades das regiões nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil e para o exterior. O fato dos 21 mercadores venderem para os catarinenses, não significa que deixem de atender à demanda das empresas de compra e abastecimento de pescado localizadas no Porto Velho do Rio Grande. A tática empresarial consiste em pegar parte do camarão adquirido dos pescadores do cais e transferir para os mercadores catarinenses, já que não podem parar de abastecer as empresas da cidade do Rio Grande, caso contrário não cumpririam com as relações de

cumplicidade econômica e política e seriam boicotados pelos estabelecimentos de aquisição de pescado.

Esse relato nos mostra que existe um processo social para que o pescador artesanal seja obrigado a vender o pescado aos atravessadores do lugar caso contrário não haverá outro mercador para comprar, e se o pescador artesanal for vender ao consumidor, os atravessadores-peixeiros promovem uma queda no preço de mercado do pescado nas bancas das seculares docas do peixe. Com isso visando fazer com que o pescador artesanal não tenha nenhum poder de competitividade, e nem o próprio atravessador do lugar que caso queira vender ao consumidor imediato ou as empresas de compra e beneficiamento do pescado, eles estão imbricados na evolução capitalista conflituosa/contraditória como transferidores de trabalho. Este é o caráter social/natural de existência milenar da pesca artesanal na história da humanidade cartografada por diversos modos de produção⁵²⁴.

Os pescadores do lugar dizem que só um atravessador de pescado da Marambaia é que financia conserto de redes e aquisição de rancho e vales para a tripulação, e que este processo de financiamento aumenta o vínculo de dependência econômica, política e psicológica do pescador artesanal em relação ao atravessador. Os próprios pescadores acrescentam que este atravessador possui as mesmas condições de consumo deles porque há uma dependência dele em relação aos mercadores das docas, inclusive ressaltam que se não fosse sua esposa que é professora primária a casa tinha vindo para o chão.

*"Baiano é a casa cor de rosa. O Carocha tem um teto que é uma peneira. Vai tudo para o chão. Olha lá! A casa já tem a frente arriada a mais de 8 anos. Agora ele anda com o povo do PT. O vereador vai sempre lá."*⁵²⁵

⁵²⁴ OHLWEILER, Otto Alcides. *Humanidade e Lutas Sociais. 4 Volumes. Volume 1.* Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.

⁵²⁵ Lindo

QUADRO 27: Os Atravessadores de Pescado do Lugar

ATRAVESSADORES DE PESCADO			
ATRAVESSADOR	PESCADO	FINANCIAMENTO	COMPRADOR
Carocha Bila Joaquim	Camarão Corvina Tainha Linguado Bagre	Só um atravessador faz financiamento para conserto e aquisição de redes, Rancho e vales. Exceto para a Aquisição e conserto de Embarcações e motores.	2 atravessadores-peixeiros do Mercado das Docas de Rio Grande.

QUADRO 28: As Empresas de Compra e Beneficiamento do Pescado em Ordem de Competitividade Econômica Decrescente

EMPRESAS DE COMPRA E BENEFICIAMENTO DO PESCADO EM ORDEM DE COMPETITIVIDADE ECONÔMICA DECRESCENTE		
NOME	MERCADO	MATRIZES E FILIAIS
Netuno	Interno, E.U.A e Europa	Matrizes em Recife e em Rio Grande e Filiais no RJ e em SP
Torquato	Interno E E.U.A e Europa	Rio Grande
Leal Santos	Interno E.U.A e Europa	Rio Grande
Albano	Interno	Rio Grande
Junção	Interno e E.U.A	Rio Grande
Nilmar	Interno, Argentina, E.U.A e Europa	Rio Grande
Pablo	Interno e E.U.A	Rio Grande
Furtado	Interno e E.U.A	Rio Grande
Saluti	Interno	Rio Grande

QUADRO 29: As Empresas de Beneficiamento do Pescado

EMPRESAS DE BENEFICIAMENTO DO PESCADO		
NOME	MATRIZ	MERCADO
Mar Silva	Rio Grande	Netuno e depois as demais
Santa Rita	Rio Grande	Netuno e depois as demais

QUADRO 30: As Empresas de Beneficiamento do Pescado

EMPRESAS DE COMPRA E BENEFICIAMENTO DE PESCADO			
EMPRESA	PESCADO	FINANCIAMENTO	COMPRADOR
Netuno Torquato Leal Santos Albano Junção Nilmar Pablo Furtado Saluti	Peixes e Camarões de Primeira e de segunda qualidade	As empresas financiam os recursos Monetários para a compra do pescado por parte dos 21 atravessadores e atravessadores-peixeiros que atuam no mercado rio-grandino. Tais empreendimentos não fornecem recursos financeiros para os 21 mercadores transferirem capital para os atravessadores do lugar financiarem aquisições dos pescadores da Marambaia.	Mercado Consumidor Interno e Argentina, Estados Unidos da América do Norte e Europa

Os pescadores afirmam que os atravessadores já possuem as empresas determinadas, e determinantes, para a compra do pescado. Este processo significa que não há um vínculo contratual formalizado legalmente entre o atravessador e a empresa, mas há um contrato de cumplicidade social para a apropriação do trabalho roubado do pescador artesanal. A falta de um contrato comercial entre a empresa de compra e beneficiamento do pescado com o atravessador afasta-a, cada vez mais, de qualquer contato direto com o pescador artesanal. Assim, os empresários não possuem qualquer compromisso ou culpabilidade em relação ao que acontecer de dano social/econômico com o pescador artesanal, embarcação, materiais para a pesca e com o próprio pescado.

Na cidade falam em peixe de primeira e de segunda qualidade, e no camarão tipo exportação. Mas no lugar todos os pescados são chamados de miúdos ou graúdos documentando uma história diferenciada que é relida diariamente no meio das taquaras; na Marambaia há um ímpar modo de olhar a natureza orgânica/inorgânica do ser humano. A classificação oriunda do ímpar traço cultural dos moradores é nominalmente diferente da classificação das docas, onde no velho porto tudo é pesado e classificado só na balança pertencente ao atravessador atrelado a empresa de compra e beneficiamento do pescado.

QUADRO 31: A Classificação do Pescado

CLASSIFICAÇÃO DO PESCADO		
CLASSIFICAÇÃO	PESCADO	CRITÉRIOS
Primeira Segunda	Camarão Linguado Tainha Corvina Bagre	O processo de classificação do pescado consiste na prioridade do cumprimento e largura da espécie, digo, o tamanho da mercadoria ao invés da qualidade. Então, o principal critério de classificação do pescado é simplesmente o tamanho, porque a particularidade da qualidade só é levada em consideração se o produto em pauta encontrar-se claramente num profundo estado de desqualificação de suas propriedades físicas e químicas que lhe atribuem um valor de uso social.

QUADRO 32: A Exemplo de Classificação de Pescado

EXEMPLO DE CLASSIFICAÇÃO DE PESCADO		
PESCADO	CARACTERÍSTICAS	CLASSIFICAÇÃO
Linguado	Grande com espinha	Primeira
Linguado	Pequeno sem espinha	Segunda
Corvina	Grande com espinha	Primeira
Corvina	Pequena sem espinha	Segunda

No processo de venda do pescado ao atravessador o pescador não pesa a mercadoria, mas na safra do camarão se pode ver o patrão varejando o camarão que não foi passado para as mãos do mercador, neste caso o trabalhador leva uma pequena balança para comercializar no varejo. Na comercialização do camarão, quando o mesmo não é para exportação, é varejado nas gastas pedras do velho porto. São os pescadores e patrões artesanais que pesam, classificam e varejam o pescado; devido o

atravessador da empresa e o da praia só comprarem o produto quando se enquadra no perfil do mercado de exportação. Neste varejo do camarão, tudo é determinado pelo patrão, o pescador só acompanha o proprietário da embarcação. Neste caso o patrão vende mais nas pedras das docas devido o seu produto ser de qualidade inferior e não ter qualquer poder de competitividade com os atravessadores-peixeiros do Mercado do Peixe. Os proeiros e os patrões afirmam que o lucro é muito pequeno porque além de venderem por um preço baixo, devido o pescado não ser do tipo exportação, são obrigados a retirarem do pouco lucro todas as despesas com o reparo e conservação de redes, com a compra do combustível, o rancho, o aluguel da balança, ... Este patrão-proeiro tem que pescar um produto de primeira qualidade e passar para o atravessador do lugar, pois é esta a sentença que o modo capitalista de produção tem imposto a comunidade.

Os patrões afirmam que se vendessem os camarões para exportação e os miúdos nas pedras do cais, ganhariam monetariamente pouco mais. Só que são obrigados a vender aos atravessadores da praia porque a troca da mercadoria camarão pelo equivalente geral, é muito demorada no processo de compra e venda das docas. Acondicionar o camarão depois de uma longa jornada de trabalho, é extremamente cansativo e estes artesões não possuem a infra-estrutura adequada para o acondicionamento do produto. Os patrões frisam que vendem no mercado do Porto Velho quando o IBAMA proíbe a comercialização do camarão miúdo, e este processo resulta no fato dos mercadores não quererem o pescado. Os pescadores e os patrões artesanais dizem que por pura necessidade de subsistência, se expõem a comercializar o camarão miúdo, e o IBAMA faz olhos de mercador.

“A fiscalização raramente vai nas bancas. Quando vai, eles não olham. Raramente fazem visita. Fazem olhos de mercador. Tudo por saber que são necessidade⁵²⁶”.

⁵²⁶ Jabá

Neste processo de transporte do pescado para as empresas de Rio Grande é importante salientar que só o linguado, que possui pouco valor comercial e é pescado em pouca quantidade, contraditoriamente acondicionam pelos atravessadores em caixas de madeira, forradas com isopor e com gelo; os outros pescados são trazidos pelos 03 atravessadores do lugar que compram para seus 2 específicos mercadores-peixeiros das empresas de compra e beneficiamento do pescado, que estão no mercado de Rio Grande. O fato de acondicionarem o linguado é que precisam acumular uma certa quantidade da espécie para valer monetariamente mais para pagar seu transporte para as docas.

A atividade pesqueira desenvolvida no lugar caracteriza-se pela inexistência do desvio dos pescados⁵²⁷ por parte da tripulação da embarcação. O desvio consiste no processo social em que os pescadores artesanais deslocam o pescado para as mãos dos atravessadores de outros mercados de peixes, com o propósito de não levarem ao patrão o dado

⁵²⁷ LIMA, Dário de Araújo. *As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995.(p.173 e 174):*

"No Canto do Mangue é comum os tripulantes dos mais variados barcos e diversos tipos de pescarias desviarem o que pescaram. Na volta, eles vendem a um atravessador em outro lugar boa parte do que pescaram.

No caso da venda da mercadoria a um atravessador de outro lugar, temos que, este geralmente não manteve contatos anteriores com a tripulação a respeito de quando, onde e como será a remuneração. A remuneração será de maior valor para os tripulantes que transferiram e venderam porque o comprador não irá descontar vales e, principalmente, porque não dividirão nada com o proprietário do barco (a quantia em dinheiro que competiria ao dono da embarcação, caso tivessem trazido tudo para o Canto do Mangue). Na hora de dividirem entre eles, sempre tem algum que quer receber uma maior fatia do bolo. Os tripulantes acabam com a briga para evitar que haja feridos ou mortos, porque será trabalhoso explicar que um pescador sozinho feriu-se ou que morreu afogado. Os tripulantes afirmam taxativamente ao proprietário que a pescaria foi ruim e ficaram devendo vales (ao proprietário, se aprontou com seus recursos, ou ao atravessador do mesmo)."

correto sobre a quantidade do que foi pescado e, assim, ao antecipadamente terem vendido, por exemplo, em outra cidade reaverem parte do sobretrabalho via a comercialização do pescado: “Tudo é muito sério. Aqui não roubam.”⁵²⁸



Foto 86: A Balança da Salga

No lugar os proeiros entregam o pescado ao patrão sem pesar, sem classificar e a mercadoria só é pesada quando o proeiro, sob ordem do patrão, transfere o pescado da caixa de isopor, ou de madeira, do barco para a caixa de plástico do atravessador da salga para que a mercadoria seja pesada. Em média cada caixa de plástico do mercador comporta cerca de 20 kg. de pescado, como a maioria das embarcações são caícos só encontramos umas 5 caixas nas cavernas que voltam com 50% das mesmas vazias denunciando que a pesca predatória tem feito com que o proeiro e o patrão trabalhem mais horas para pescarem menor quantidade e qualidade e trazerem poucos pescados para a venda nas 3 salgas do lugar. Este dado não tem justificado a expulsão de parte do contingente populacional da comunidade, muito pelo contrário, hoje existem 3 estaleiros e botes e chalupas. O desemprego, e outras questões sociais, apresentadas pelo Simpósio de Urbana não tem convencido o culturalmente enraizado homem do mar que a opção histórica da cidade é material e idealmente melhor do que a do modo de vida, até porque muitos moradores do lugar preferem a "fome" as cercas elétricas e os muros da cidade do Rio Grande.

O mercador das docas de posse da mercadoria faz a transferência para as empresas de compra e beneficiamento do pescado, já que os atravessadores não possuem qualquer vínculo empregatício ou contrato comercial formalmente legalizado junto às empresas de pesca. Neste processo de repassar o pescado são os estabelecimentos empresariais que fazem a classificação do produto e o pesam; na relação comercial entre a empresa e o atravessador é que o pescado vai ser pesado e classificado, mas não por quem vende, e sim por quem compra, o que é uma inversão; em outras relações comerciais são os vendedores que pesam e que classificam a mercadoria. Concluimos que os proeiros e patrões fazem uma leitura madura quando afirmam que eles não podem pesar e nem classificar para haver o roubo por parte dos atravessadores e das empresas de compra e beneficiamento do pescado, onde o pescado é a substantificação do trabalho pago e do sobretrabalho dos homens do mar, que pagam a si próprios através das mãos dos mercadores das 3 salgas, da mesma forma que estes pagam a si mesmos via os atravessadores das docas.



Foto 87: A Salga da Santa

Na Marambaia há dois atravessadores que se dedicam à pesca artesanal e um que só comercializa, pois nem todos são proprietários e patrões de barcos. O que só comercializa vive com um poder de consumo inferior aos outros, e este é um dos motivos de não possuir nenhuma embarcação, é uma denúncia da transferência do sobretrabalho apropriado para os atravessadores das docas. Os três mercadores guardam o pescado num prazo máximo de 12 horas e passam para os 2 atravessadores-peixeiros de Rio Grande que vendem às empresas de compra e beneficiamento do pescado, e os 2 mercadores-peixeiros diariamente só repassam a corvina, o camarão e a tainha para as empresas de pesca e abastecem os atravessadores do lugar com gelo, sendo que abatem do valor do preço pago pelo produto toda a despesa com a compra do mesmo; há uma reposição

integral do valor do trabalho morto investido no processo de atravessamento do fruto do trabalho dos proeiros e patrões.

No caso específico de empresas de pesca que se encontram em outro mercado e que manda seus caminhões recolher o pescado de seus grandes barcos de pesca, e de outros donos de embarcações que pescam para ela, que fundeiam nas docas de Rio Grande, exemplo é a Empresa Pioneira do Estado de Santa Catarina/SC. Temos as empresas que enviam o pescado para o mercado catarinense. A Empresa Pioneira possuir seus próprios caminhões é sinal que a despesa com a manutenção deste transporte e com o pagamento do salário do caminhoneiro é inferior ao que se paga aos mercadores de Rio Grande que "atravessam" o pescado para outros mercados de atravessadores e de empresas de compra e beneficiamento do pescado.

Os pescadores artesanais afirmam que deste 1991 não havia na Marambaia nenhum atravessador que financiasse concertos, compras, construções e conservações de bens materiais para a pesca artesanal no lugar. Eles afirmam que o financiamento e o pagamento dos vales surgiram devido à concorrência entre os mercadores de pescado na praia, nas Docas do Mercado do peixe e como meio social/natural de se criar um vínculo de dependência econômica, afetiva e política partidária entre os atravessadores das docas e os proeiros, os patrões e os mercadores do lugar.

Na Marambaia há um atravessador que empresta recursos monetários aos pescadores artesanais, mas faz 35 anos que os mercadores do mercado do peixe financiam a aquisição e o preparo de materiais destinados para a pesca artesanal e se apropriam de sobretrabalho. A extração, posse e transferência de sobretrabalho ratifica que deste a invasão no século XVI que os trabalhadores do mar são homens do modo capitalista de produção e de recriação de singulares linguagens do tempo lento/cíclico.

O pescador artesanal viver no tempo lento/cíclico de realização do mito é condição básica para a releitura da milenar pesca artesanal como sendo capitalista e não como uma anomalia histórica resultante de uma outra categoria máxima de periodização da história da relação natureza/natureza no planeta terra. Nos rituais de iniciação ficam evidentes os laços de parentesco no interior do desdobramento material/ideal da pesca do lugar.

Os pescadores artesanais afirmam que foram roubados pelo valor monetário oferecido pelos atravessadores, pois eles ofereceram um preço muito abaixo dos gastos necessários para a reprodução social dos trabalhadores e da própria pesca artesanal, isto, fora o fato das classificações "equivocadas" e as balanças destinadas para a mercadoria roubarem no peso do pescado ("As balanças roubaram um bocado!"⁵²⁹). O dado histórico de que as empresas de compra e beneficiamento do pescado não pesarem e nem classificarem a mercadoria quando a recebem de "seus" atravessadores é fundamental para se entender que existe um laço de cumplicidade entre ambos e que este processo de relacionamento é condição primária para uma seleção do pescado e para a permanente dependência social dos proeiros, patrões e atravessadores do lugar em relação imediatamente direta com os 2 mercadores-peixeiros, que competem com os 12 peixeiros que dividem com eles o teto do secular mercado do peixe das pedras do cais do porto velho.

QUADRO 33: Os Pescados Pesados e Classificados

PESCADOS PESADOS E CLASSIFICADOS			
PESCADO PESADO E CLASSIFICADO PELOS ATRAVESSADORES DO LUGAR	PESCADOS MIÚDOS E GRAÚDOS	PESCADO PESADO E CLASSIFICADO PELOS MERCADORES DAS DOCAS	PESCADO NÃO PESADO E NEM CLASSIFICADO PELAS EMPRESAS DE PESCA
Peixes e camarões de primeira e de segunda qualidade. Os camarões de primeira são chamados de graúdos ou para exportação, e os de Segunda são denominados de miúdos. Os peixes de primeira são os graúdos, e os de segunda são os miúdos.	A massa registrada pela balança do mercador é que irá determinar se o pescado é miúdo ou graúdo. Ex.: Linguado miúdo até 400 gr e graúdo acima de 400 gr	2 mercadores-peixeiros que fazem parte do contingente de 21 atravessadores do velho cais. Os camarões e peixes dos mercadores do lugar são classificados e pesados pelos 2 atravessadores do velho cais.	Os camarões e peixes dos mercadores da cidade não são classificados e nem pesados pelas empresas de pesca.

⁵²⁹ *Quinota*

Os trabalhadores do mar não possuem balanças próprias pois são caras para o poder aquisitivo de quem mora no lugar e, caso tivessem suas próprias balanças, o pescado seria pesado na do atravessador, e raramente quando o pescador artesanal consegue uma balança emprestada a mercadoria é pesada novamente pelos mercadores do lugar; e no caso destes mercadores o pescado é repesado e classificado pelos atravessadores das docas. ("Mesmo ele pesando o camarão é pesado novamente!"⁵³⁰).

A vinda do pescador significa a possibilidade da venda do pescado, do peixe na panela da cozinha, da visita da vizinha, do pedido do tempero, da troca de gentilezas e afetos, do fortalecimento das relações de cumplicidade intrínsecas nos laços de parentesco que trazem os rituais de iniciação e de "finalização" que compõem, entre outras variáveis sociais, o traço cultural do morador desta beira de praia. A chegada do bote é o início, o meio, o fim, sendo que é o "início" do ciclo plasmado e espraiado nas demais relações sociais que são a própria existência do modo de vida do lugar, que só monetariamente tem uma conotação social por ser transferidor de sobretrabalho via as diversas armadilhas impostas e que estão diluídas na possibilidade da venda do pescado, do peixe na panela da cozinha, da visita da vizinha, do pedido do tempero, da troca de gentilezas e afetos, o do fortalecimento das relações de cumplicidades intrínsecas nos laços de parentesco que trazem os rituais de iniciação e de "finalização" intrínsecos a geração, apropriação e circulação do sobretrabalho.

O bote depois de descarregado é fundeado, a praia da Marambaia simboliza o ancoradouro e o esconderijo daquele que foge das entidades "umbralinas" das feitiçarias das pedras dos cais e denunciadas nos begues dos caícos, botes e chalupas. Tais "carrancas" que são espadas dos pescadores artesanais metamorfoseados e vistos no espelho invertido como os próprios guerreiros Oguns e Iansãs, lutando contra os dragões do mar, eles lutando contra eles mesmos que estão e são os outros, que por isso são

⁵³⁰ *Lourdinha*

os mesmos pescadores, porque os demais seres, criaturas, objetos, entidades e coisas são suas naturezas exteriorizadas da mesma forma, jeito e maneira que são energia vivificadora do sol. Nas benzeduras das velhas e do velho curandeiro do lugar encontramos o retorno da imagem do espelho que é invertido posto que somos o nosso mal e o nosso bem, sem ser, sendo; devido o mundo da intersubjetividade mitológica só existir como fruto e base para o mundo da interobjetividade do trabalho, há, sem haver, a grande ebulição dos móveis/imóveis das afirmações de Zenão, Heráclito e Marx, que com suas ricas divergências filosóficas apresentam o "diálogo" como um dos caminhos/descaminhos do "meio ambiente" documentado por cientistas sociais de nossa atualidade universitária.

Neste embate os pescadores artesanais fogem das tempestades porque, entre outros fatores de caráter mitológico e de técnica de construção naval, sabem da fragilidade estrutural da madeira, da pouca velocidade, bem como, da baixa profundidade do bote, da chalupa e do caíco que são embarcações que nunca secam mesmo quando fundeadas para a venda do pescado ou no intervalo entre uma viagem e outra.

Os caícos fundeados e amarrados nos remetem à questão da preservação de suas existências, enquanto possibilidade de um debate sobre a propriedade privada dos elementos componentes do processo de produção na coletividade do parentesco da família. Nunca dizem "o caíco é da família do Bila" , registram: "O caíco do Bila"⁵³¹. Apesar da reciprocidade e cumplicidade na troca de conhecimentos, informações, segredos do modo de vida, ferramentas, aparelhos, materiais de pesca e mutirões para os mais variados fins, de uma porta de cozinha aberta para "os da casa" e os dos laços de parentesco, há na linguagem do lugar o simbolismo da posse individual no cerne do caráter antropológico comunitário de um modo ímpar de saber fazer, e fazer o que sabe, no plano do embate matéria/idéia (trabalho/capital - imaginário/simbólico).

⁵³¹ *Isolina*



Foto 88: Nossa Senhora dos Navegantes na Salga

Os pescadores artesanais quando chegam do mar, levam o pescado para os atravessadores da praia, que possuem salgas localizadas nos trapiches existentes na beira do mar. No interior de salgas encontramos a presença de imagens sacras de caráter religioso católico, mas Nossa Senhora dos Navegantes nos desloca o olhar para vermos a imagem de Iemanjá, existente no interior das casas e dividindo o imaginário com Ogum Guerreiro, Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus, e demais santas, santos e orixás do mundo racional/irracional.

É este dado geográfico cultural que assinala que na linguagem comunitária o Ogum Guerreiro é o próprio pescador artesanal vendo-se através do mito que sendo o que é, não o é, porque o mito se faz humanidade via o pescador que é guerreiro nos combates com os raios de Iansã, que enquanto tempestade nem sempre trás seus prenúncios no secular saber comunitário dos proeiros, patrões, carpinteiros, cozinheiras, bordadeiras, curandeiras e curandeiro das casas imbricadas nos caminhos. Labirinto que existe enquanto natureza orgânica/inorgânica dos trabalhadores do mar na

intersubjetividade/interobjetividade do trabalho/capital - simbólico/imaginário onde o tudo/nada ratifica a mobilidade heraclítica.



Foto 89: Ogum na Casa

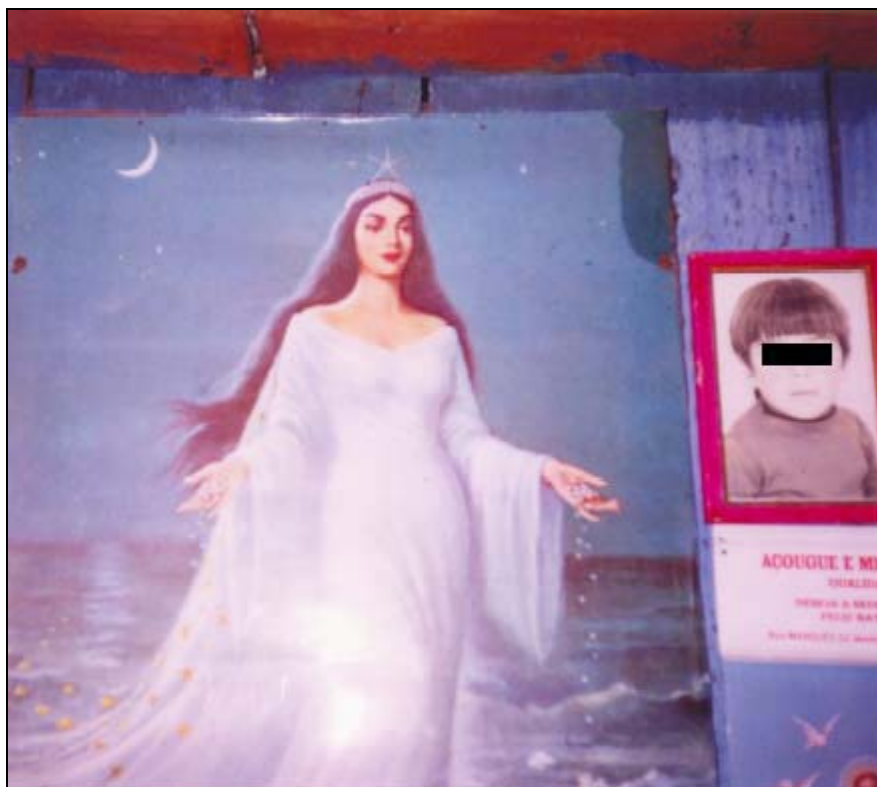


Foto 90: Iemanjá na Casa



Foto 91: O Teto junto ao Céu

Na salga ocorre a chegada dos pescadores, a classificação e separação dos pescados pelo atravessador, sendo este processo seguido do ato de pesá-los, acondicioná-los em caixas plásticas para serem transportados para as seculares docas do mercado do peixe, onde o pescado é classificado, separado, pesado e acondicionado pelo mercador para ser "atravessado" para outro mercador, que pode ser peixeiro, como representante de alguma empresa de pesca da cidade ou de outro Estado. Significando que a transferência do pescado constitui um processo de geração, apropriação e transferência de trabalho roubado que irá substantificar-se em algum processo social, permeado pela lógica, evolução e dinâmica capitalista de produção. Este estudo nos legitima que há um estranhamento do ser humano, entendido enquanto trabalho vivo, em relação ao pescado que é resultado e condição para a capitalista reprodução da pesca artesanal, porque ocorre um embate humano/mitológico (Ogum/Pescador Artesanal – Pescador Artesanal/Ogum), enquanto natureza orgânica/inorgânica, em diálogo com o fruto material/ideal da pescaria que compartilha os ditames com os orixás.

São os relacionamentos entre as diversas variáveis sociais que varrem a praia, o labirinto, a casa, o estaleiro, a pesca, as docas e os "andores" que determinam a idéia/matéria de que o homem é Ogum (que vence demandas) e que a recíproca é verdadeira, materializada/desmaterializada no trabalho que sendo energia não é espacializado.

O processo de espraiamento do trabalho roubado, nos mais distantes momentos da capitalista sociedade seria a "dissolução" da relação pescador/natureza existente no lugar, o trabalho terá a sua realização enquanto valor de uso social num mercado de compra/consumo possivelmente sem nenhuma similitude com o tempo lento/cíclico do conteúdo do conceito geográfico lugar. Paralelamente ao processo de junção do tempo/espço contraído, da compra, beneficiamento, venda e consumo do pescado, ocorre a presença do tempo lento, materializado nas balanças cujo mecanismo de precisão do peso ocorre independente da existência de energia elétrica. São as balanças das salgas dotadas de um tempo lento/cíclico e as das pedras do cais do mercado do peixe que denunciam que lá na cidade ainda resiste sinais de um pretérito tempo lento.

As balanças das velhas docas constituem o que os estudiosos das artes plásticas, da pintura, classificam como sendo uma "resposta da linguagem", a balança antiga das docas responde e é respondida pela antiga balança do lugar. Ambas fazem a documentação de que em algum momento histórico houve uma similitude entre várias obras culturais da Marambaia com o padrão tecnológico predominante na cidade do tempo das carroças puxadas por cavalos. Encontramos uma resposta da cultura do lugar praieiro no secular mercado de compra e venda do pescado em cuja vizinhança comercializaram os negros, entre ele, o "Negro Lucas" do labirinto da praia; e colocamos que não são só as balanças que nos remetem ao modo de vida do lugar, devido o caíco na ida e na vinda das "Docas do Peixe" ser releitor de uma relação contraditória entre os pés descalços dos caminhos de areia e os pneus acelerados dos caminhões das empresas de pesca.

No lugar existem três salgas destinadas ao acondicionamento dos pescados, que são vendidos pelos patrões das embarcações aos atravessadores que desde 1975, à 28 anos fazem parte da identidade cultural da comunidade. No processo de recebimento do pescado que esta sendo vendido, o mercador da salga classifica e pesa o produto trazido pela tripulação do bote e depois o conserva guardado até o momento de passar para os atravessadores do Mercado das Docas. O pescado é conservado em simples geladeiras e em caixas de madeira recheadas com isopor e gelo. Foi o surgimento do gelo que promoveu uma maior viabilização da existência do atravessamento no percurso entre o pescador artesanal e o consumidor doméstico urbano, mesmo este sendo em número inferior as empresas de compra e beneficiamento do pescado. O gelo permite um acondicionamento e uma preservação mais eficiente e rápida do que o trabalho artesanal de salgar o pescado.

No lugar os atravessadores de pescado passam para os mercadores-peixeiros das docas que comprem do patrão classificando e pesando o pescado, só que a classificação na salga não tem o mesmo rigor da realizada nas docas porque no lugar as relações de cumplicidade "atravessam" o mercado do pescado, mesmo em detrimento de uma diminuição da quantidade de sobretrabalho que é apropriada pelo outro faminto morador do

lugar, temos o pobre tentando roubar outro igualmente pobre para conjuntamente serem roubados pelos atravessadores das docas e pelos estabelecimentos comerciais de venda de materiais de pesca existentes no interior do mercado municipal do velho porto. Mas, quando vão vender aos atravessadores do Mercado das Docas, todo e qualquer pescado é pesado e classificado pelos compradores da cidade, e estes, por sua vez, comercializam o pescado com mercadores de outros centros comerciais e com empresas do Rio Grande que passam para atravessadores que revendem para outros mercados de pescados ou "atravessam" para os compradores oficiais das iniciativas privadas nacionais e internacionais que mandam seus empregados.

Os atravessadores do lugar têm um ganho de 26% sobre o que foi pago aos patrões da praia; e estes três mercadores da Marambaia passam o pescado para 2 dos 21 atravessadores de camarão e peixe que atuam na velha doca, e os 2 mercadores-peixeiros da cidade financiam 1 mercador do lugar no processo de transferência de recursos monetários para os patrões, isto é, através do atravessador da praia os 2 atravessadores-peixeiros das docas financiam o reparo de redes, embarcações, motores e o pagamento de vales aos trabalhadores do lugar. Os mercadores da cidade nunca mantiveram e nem mantêm qualquer relação social direta com os proeiros e patrões do lugar, mas promovem uma dependência econômica dos atravessadores, atravessadores-patrões, proeiros e patrões-proeiros da comunidade praieira, posto que quanto maior o empréstimo menor o preço pago pelo pescado e este ditame capitalista não tem permitido os trabalhadores do mar saírem da reprodução capitalista simples das suas condições materiais/ideais de vida porque tanto o atravessador como o atravessador-patrão habitam casas com a mesma estrutura física, os mesmos bens de consumo doméstico, as pequenas e frágeis embarcações e compartilham das idênticas preocupações referentes a incerteza do "pão" durante o período do inverno e da inexistência da safra do camarão.

*"Hoje o Bila ajuda o Lindo e amanhã o Lindo ajuda o Bila. É assim! Vamos remando como Deus quer."*⁵³²¹

QUADRO 34 - Rendimentos da Tripulação e do Atravessador em Parelha Pequena e Média nas Salgas

RENDIMENTOS DA TRIPULAÇÃO E DO ATRAVESSADOR EM PARELHA PEQUENA E MÉDIA NAS SALGAS						
PESCARIA	ATRAVESSADOR DAS SALGAS %	PATRÃO %	EMBARCAÇÃO CHALUPA BOTE CAÍCO %	RANCHO %	REDES %	PROEIRO %
Tainha	26%	21%	16%	2%	24%	11%
Corvina	26%	21%	16%	2%	24%	11%
Linguado	26%	21%	16%	2%	24%	11%
Camarão	26%	21%	16%	2%	24%	11%
Bagre	26%	21%	16%	2%	24%	11%

QUADRO 35 - Rendimentos da Tripulação e do Atravessador em Parelha Pequena e Média nas Docas

RENDIMENTOS DA TRIPULAÇÃO E DO ATRAVESSADOR EM PARELHA PEQUENA E MÉDIA NAS DOCAS							
PESCARIA	ATRAVESSADOR DAS DOCAS %	ATRAVESSADOR DA SALGA %	PATRÃO %	EMBARCAÇÃO CHALUPA BOTE CAÍCO %	RANCHO %	REDES %	PROEIRO %
Tainha	36%	16%	10%	13%	2%	14%	9%
Corvina	36%	16%	10%	13%	2%	14%	9%
Linguado	36%	16%	10%	13%	2%	14%	9%
Camarão	36%	16%	10%	13%	2%	14%	9%
Bagre	36%	16%	10%	13%	2%	14%	9%

⁵³² Isolina

¹ Bila é atravessador-patrão e Lindo é proeiro.

Na atividade pesqueira artesanal desenvolvida no lugar todos os proprietários de embarcações foram e continuam sendo pescadores artesanais, a remuneração referente ao trabalho do patrão soma-se ao rendimento do dono do barco. Só não acontece quando raramente o proprietário da embarcação envia um homem de sua confiança para exercer a função de patrão na pescaria. As despesas com o combustível, rancho e com o conserto das redes e do barco são pagas pelo patrão, resultando no fato deste trabalhador do mar continuar reproduzindo-se de forma simples, porque a este fator social soma-se ao processo de apropriação de sobretrabalho por parte das lojas de pesca, dos atravessadores e das empresas de compra e beneficiamento do pescado.

No processo de remuneração dos trabalhadores da pesca em pauta é dado histórico o fato de todo e qualquer patrão das variadas embarcações, serem os detentores da “propriedade jurídica” do bote, da rede e dos demais bens necessários para a realização da pesca artesanal. Mas, a posse do direito de valor de uso da mercadoria força-de-trabalho do proeiro, do patrão-proeiro e do mercador-patrão pertence em última instância aos 2 mercadores das docas e das empresas de compra e beneficiamento do pescado que se reproduzem de forma ampliada.

Tratando-se da remuneração do pescador artesanal, na pesca do linguado não há o proeiro e todo o pescado que o patrão-proeiro pescar com sua rede será vendido por ele ao seu atravessador e o ganho monetário com a venda será só seu, que paga a si próprio através das mãos do mercador de pescados, que é um dos motivos históricos da pesca do linguado ser praticada objetivando uma reposição diária de parte dos rendimentos negativos dos moradores do lugar, onde o salário desemprego que os moradores só começaram a receber em junho, julho, agosto e setembro de 1999, ameniza por alguns dias a fome e é na realidade uma tentativa para se manter a capitalista reprodução simples da pesca artesanal do lugar.

No lugar é parte intrínseca do modo de vida comunitário uma família ajudar com produtos e com trabalho outra família, pois este processo de parentesco permitiu, e continua viabilizando, a reprodução capitalista social/natural da Marambaia. Segundo os velhos pescadores artesanais desde 1907 existem relações de contraprestação na comunidade e somente

muito mais recentemente é que surge a aposentadoria, que de acordo com a "legalidade governamental" beneficia raros pescadores, e este benefício monetário é somado ao salário desemprego. Durante o período de junho, julho, agosto, setembro é o salário desemprego, a aposentadoria dos velhos pescadores e a pesca do linguado que economicamente sustenta a comunidade, na qual praticamente cada casa tem um aposentado. Mas, independentemente de qualquer fator de ordem econômica, jurídica ou política partidária que tenha sido criada a aposentadoria, são as relações de parentesco que reproduzem material/idealmente as famílias e permeiam anualmente toda a comunidade. Não significa que haja um predomínio do parentesco, mas sim, uma intersubjetividade/interobjetividade do trabalho/capital - simbólico/imaginário.

QUADRO 36: Os Aposentados

APOSENTADOS	
SEXO	QUANTIDADE
HOMENS	10
MULHERES	7

Os atravessadores de pescado não fazem o pagamento da mercadoria no dia que é trazida pelo patrão, os mercadores compram, mas só efetuam o pagamento da aquisição depois de vários dias. Eles pagam no final de semana e as empresas só pagam na sexta-feira. Um vale é fornecido pelo patrão ao proeiro devido ao fato do trabalhador ter crédito junto ao dono do barco e por não poder esperar o momento que o atravessador fará o pagamento. O vale entregue pelo patrão foi feito pelo mercador e seu valor será subtraído do pagamento que o atravessador fará pelo pescado, exemplificando que há uma antecipação do valor de uso e de troca da mercadoria força de trabalho do pescador artesanal patrão e proeiro, posto que o pagamento monetário da mercadoria plasmada no pescado só é realizado depois que o fruto da pescaria artesanal é "atravessado" no mercado das docas do porto velho.



Foto 92: É dando que não se recebe!

A remuneração do proeiro, o rendimento do proprietário do bote (que pesca), o rendimento do carpinteiro e o traço cultural do lugar depende, entre outras sérias questões sociais, do tipo de extorsão de trabalho historicamente imposta ao pescador artesanal em relação aos atravessadores e às empresas de compra e beneficiamento do pescado. No mesmo momento em que o peixe simboliza na Igreja da Santa Cruz a “Santa Ceia”, nos convida a olhar para o processo de apropriação e transferência do trabalho, a questão capital/trabalho é uterina à questão imaginário/simbólico da comunidade pesqueira artesanal que se eleva, se supera e se nega, se faz racional/irracionalmente “mito”, ao continuar existindo de forma cultural, ao “humanizar” a coisificação imposta pelo capital/trabalho.

Este confronto do culto do orixá Iansã, e demais santos de terreiros com congar, varre, balança, sacode e joga a areia dos caminhos do labirinto do minotauro/lobisomem, que no silêncio das portas abertas e das entradas sem saídas de todos os cantos e recantos das taquaras que se perdem, e se apresentam perdidas, grita pelo nome do negro exausto que corre para não “ter o hábito de gemer entre as pregas, não tirar leite de pedra e não ver o tempo correr” nas “Rosas dos Ventos” da Laguna dos Patos com o Oceano Atlântico, no meio da qual encontramos o “Lugar Geográfico” a olhar de frente o canal do embate entre Oxum e Iemanjá.

Deusas anunciadas pelos “búzios” de 2 de Fevereiro, pela tempestade de Iansã e pela Procissão de Ogum, que com sua espada vem lutar contra o dragão da fome e levar com os poetas⁵³³ as jangadas, os veleiros, os botes, as catraias, os paquetes, as canoas, as chalubas, os saveiros e as tainheiras para trazerem o peixe e o ouro de Iemanjá para o espiral/trança, que mostra a resistência secular das embarcações rudimentares no “atravessamento” horizontal/vertical dos modos de produções materiais/ideais que percorreram

⁵³³ CAYMMI, Dorival. *O Mar. (Canção Praieira)*. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: *Diamante Verdadeiro*. São Paulo: BMG, 1999.

CAYMMI, Dorival. *Morena do Mar*. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: *Diamante Verdadeiro*. São Paulo: BMG, 1999.

a história da relação homem/natureza no planeta terra, pois, não podemos esquecer que Marx foi influenciado pela escola dos jardins de Platão.

A existência dos seres mitológicos viabilizar a ocorrência do trabalho roubado é uma questão de geografia do lugar, fomos, somos e seremos história que acreditamos ter como razão de ser, e haver, a noção de contradição em processo, posto que, tudo é puro e simples contraste, o sim é o não e a afirmação é profundamente negativa; e inerente a coisificação/humanização imposta a evidência geográfica de que o lugar que se perde, e é perdido, no labirinto do espiral/trança da vida se faz documentar como sendo ímpar modo de vida que tudo fala no silêncio dos caminhos de areia solta, livre e leve como a rede de Quinota que dorme cansado de tentar fazer o tempo deixar de correr.

QUADRO 37: A Partilha nas Parelhas

PARTILHA NAS PARELHAS			
TIPO DE EMBARCAÇÃO			
PESCADOS	PESCARIAS	CHALUPA E BOTE	CAÍCO
Tainha	Arriada Mejoada	O pagamento é dividido por cinco (tripulantes, embarcação e redes)	O pagamento é dividido por três (tripulantes e bote)
Corvina	Mejoada Lance	O pagamento é dividido por cinco (tripulantes, embarcação e redes)	O pagamento é dividido por três (tripulantes e bote)
Camarão	Saquinho Aviãozinho Plancha	O pagamento é dividido por cinco (tripulantes, embarcação e redes)	O pagamento é dividido por três (tripulantes e bote)
Linguado	Andanas	O pagamento é dividido por cinco (tripulantes, embarcação e redes)	O pagamento é dividido por três (tripulantes e bote)
Bagre	Andanas	O pagamento é dividido por cinco (tripulantes, embarcação e redes)	O pagamento é dividido por três (tripulantes e bote)

QUADRO 38: Rendimentos da Tripulação em Parelha Pequena e Média

RENDIMENTOS DA TRIPULAÇÃO EM PARELHA PEQUENA E MÉDIA					
PESCARIA	PATRÃO %	EMBARCAÇÃO CHALUPA BOTE CAÍCO %	RANCHO %	REDES %	PROEIRO %
Tainha	21%	16%	2%	24%	11%
Corvina	21%	16%	2%	24%	11%
Linguado	21%	16%	2%	24%	11%
Camarão	21%	16%	2%	24%	11%
Bagre	21%	16%	2%	24%	11%

QUADRO 39: A Partilha dos Patrões

PARTILHA DOS PATRÕES			
PESCADOS	PESCARIAS	CHALUPA E BOTE	CAÍCO
Tainha	Arriada Mejoada	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação e das redes.	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação. Nesta embarcação não há recursos para as redes por entenderem que elas são em menor Quantidade.
Corvina	Mejoada Lance	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação e das redes.	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação. Nesta embarcação não há recursos para as redes por entenderem que elas são em menor Quantidade.
Camarão	Saquinho aviãozinho Plancha	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação e das redes.	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação. Nesta embarcação não há recursos para as redes por entenderem que elas são em menor Quantidade.
Linguado	Andanas	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação e das redes.	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação. Nesta embarcação não há recursos para as redes por entenderem que elas são em menor Quantidade.
Bagre	Andanas	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação e das redes.	O proprietário recebe sua remuneração enquanto “tripulante” mais o destinado para a manutenção, aquisição e conservação da embarcação. Nesta embarcação não há recursos para as redes por entenderem que elas são em menor Quantidade.

QUADRO 40: A Transferência de Sobretrabalho

TRANSFERÊNCIA DE SOBRETRABALHO				
EMPRESA	PESCADO	CLASSIFICAÇÃO DO PESCADO	MERCADO	ATRAVESSADORES INTERESTADUAIS E INTERNACIONAIS
Netuno Torquato Leal Santos Albano Junção Nilmar Pablo Furtado Saluti	Camarão Linguado Corvina Bagre Tainha	Pescados de primeira e de segunda qualidade	Mercado Consumidor Interno e a Argentina, Estados Unidos da América do Norte e Europa	Os pescadores artesanais do lugar afirmam que não há atravessadores entre as empresas da cidade e as de outros Estados do Brasil e as internacionais. Eles documentam que no comércio com as nacionais e com as internacionais ambas mandam seus oficiais representantes realizarem a compra e providenciarem o transporte do pescado de caminhão ou de navio.

QUADRO 41: Os Rendimentos das Empresas do Mercado das Docas

RENDIMENTOS DAS EMPRESAS DO MERCADO DAS DOCAS			
TIPO DE EMBARCAÇÃO			
PESCADOS CLASSIFICADOS POR OFERTA NAS DOCAS E NO LUGAR	CHALUPA	BOTE	CAÍCO
Camarão – 1	110%	110%	105%
Corvina – 2	95%	88%	86%
Tainha – 3	92%	88%	84%
Linguado – 4	98%	88%	86%
Bagre – 5	93%	88%	86%

Na pesca artesanal do camarão, da corvina, do bagre, da tainha e do linguado em barco pequeno e médio o patrão é remunerado com o dobro do que compete a cada um dos proeiros, se são 2 homens, se divide o montante do pagamento feito pelo atravessador por 3, de tal forma que cada proeiro fica com um e o patrão com dois. Uma das partes dos rendimentos do patrão é para a restauração, manutenção e conservação dos materiais de pescarias e da própria embarcação, sendo que, como estes 50% não cobre tais despesas o patrão faz subtração nos 50% destinados a sua reprodução como mercadoria força de trabalho de uma comunidade pesqueira artesanal da evolução capitalista de produção, que anda nos caminhos do labirinto, disputando o domínio dos ventos com as forças de linsã, que quando chega faz a terra tremer do lado esquerdo e sacode as taquaras das casas do parentesco dissolvido na questão capital/trabalho - simbolismo/imaginário.

Este embate é relacionado a um tempo lento/cíclico onde tudo/nada é constante e "ápeiron"⁵³⁴, assinados culturalmente nos rituais de iniciação, no esoterismo como característica sacro-religiosa, intrínseco ao nível de espoliação material/ideal a qual o pescador encontra-se submetido, mas, como a comunidade é base para a continuidade da acumulação atual, entendemos que o lugar é uma recriação do embate primário que sinalizou a acumulação primitiva que é relida na acumulação vigente.

No lugar foram alguns dos pescadores artesanais, que gradualmente tiveram umas boas safras, que pausadamente adquiriram condições de mandar fazer uma embarcação, que vai deixá-lo pobre e faminto devido sua manutenção e conservação lhe subtrai parte significativa dos rendimentos originários da pesca. Em 96 anos (1907/2003) no lugar só surgiram 3 mercadores (1 mercador e 2 mercadores-patrões cujo poder de consumo dos 3 é muito baixo). É com boas pescarias que os patrões mandam consertar a embarcação ou providencia a construção de uma junto aos carpinteiros que trabalham sem possuir ajudantes. Os clientes dos carpinteiros pagam 50% do preço estipulado antes do reparo ou da construção do barco; procedimento este para se providenciar os materiais necessários para o trabalho no estaleiro, já que, os carpinteiros dedicam-se exclusivamente ao trabalho naval

⁵³⁴ *Anaximandro diz que ápeiron é o ilimitado que se faz princípio de tudo/nada.*

artesanal e são os compradores de tudo que se utiliza no estaleiro. A aquisição dos bens materiais é realizada com os 50% da entrada e com os outros 50%, passa os recursos monetários de um trabalho pago de uma embarcação para o de uma outra que se encontra no interior do estaleiro, porque as empresas que vendem as madeiras, os acessórios das ferramentas, os produtos químicos e os demais bens para o trabalho artesanal desenvolvido no estaleiro, retiram parte significativa do pagamento feito ao carpinteiro fazendo com que esteja cobrindo os rendimentos negativos do trabalho passado. Assim sendo, só muito raramente é que o carpinteiro consegue adquirir alguma margem de apropriação do trabalho executado no interior da embarcação durante a pesca artesanal no mar. Este é um dos motivos materiais/ideais que faz com que o carpinteiro seja um dos sustentáculos sociais para a recriação secular das pescarias artesanais no cerne do modo capitalista de produção que é desde 1907 intrínseco ao modo de vida ímpar do tempo lento/cíclico do lugar.

QUADRO 42: O Preços das Embarcações

PREÇOS DAS EMBARCAÇÕES				
EMBARCAÇÃO	COMPRIMENTO	CLASSIFICAÇÃO DA EMBARCAÇÃO	PREÇO	PRODUÇÃO ANUAL DOS ESTALEIROS
Caíco	5 metros	Pequena	R\$ 2.500,00	4
Bote e Chalupa	6 a 8 metros	Média	R\$ 5.000,00	1

Devemos estudar o pescado com a perspectiva de que na sua conotação utilitária de caráter objetivista há, uma dimensão simbólica que relaciona o peixe com o milagre de Jesus na multiplicação dos pães e dos peixes, ao próprio Jesus, a sua presença enquanto santo (e não como filósofo), ao seu poder sobre-humano, a fartura e ao santo pescador São Pedro (e não o pensador).

Salientamos que este símbolo peixe sinaliza (denuncia, anuncia ou antecipa) dinheiro, alimento, peixe na laguna, tempo para pesca, sorte, fartura, alegria na comunidade e pescaria nas águas. Ele no modo de vida assume mais a sua valoração enquanto valor de uso e de troca para o consumo doméstico ou para a venda aos 3 mercadores, porque somente nos rituais esotéricos litúrgicos da instituição Igreja Católica Apostólica Romana é que o seu simbolismo assume um caráter cultural de expressão sacralizada anunciadora de uma transcendência da natureza orgânica/inorgânica dos homens e do próprio pescado, que por meio do trabalho (não só pelo curandeirismo de Candinho), é reproduzida através do modo de vida comunitário dotado de ímpar linguagem.

*“O peixe é bonito. Acho que sim! Por que não? O peixe é bonito mesmo. Bonito para tudo. Bonito para comer. Pelo que saiba o peixe não tem outra beleza. Senão presta para comer é feio. Só é bonito o que é útil.”*⁵³⁵

⁵³⁵ *Quinota*

CAPÍTULO VII

O MÍSTICO

No lugar temos o funcionamento da Escola Municipal Apolinário Porto Alegre, que possui turmas de alunos do Ensino Fundamental, e os concluintes vão para a escola do Porto do Rei – lá é o Curso Ginásial, pois as aulas do Segundo Grau só se encontram nas instituições de educação e ensino da cidade do Rio Grande. Os pescadores afirmam que no início do século XX quase ninguém sabia ler, mas sabiam contar – até que vieram umas “escolas fracas” que foram sucessivamente sendo substituídas e chegaram na escola atual. Nos dias vigentes são cerca de 50% dos idosos que só sabem escrever o nome, mas os seus filhos e netos dominam parte da arte da matemática e da leitura. Os homens que possuem mais de 20 anos deixaram de estudar e se dedicam à pesca artesanal. Muitos pescadores sabem ler e escrever e entendem que tudo que se encontra registrado nos livros é verdade absoluta e que não pode, em nenhuma hipótese social, ser colocada em dúvida: “Eu acho! Não é escrito em nenhum livro”.⁵³⁶

O morador do lugar passa a noção cultural de que ter conhecimento intelectual é sinônimo de elevação de nível moral e ético, em detrimento deles próprios que são muitas vezes sábios (sem terem o saber institucionalizado) e são de uma sinceridade que nos leva ao nível da “infantilidade”, que acredita em lobisomem e nos poderes astrais de Ogum, que sendo eles é “criança” posto que enquanto ebulição nós somos o que fomos e o que jamais seremos, porque o ser é o não ser, que quando é já jaz e inicia-se enquanto princípio e fim.

O conhecimento institucional é imposto porque não é fruto de uma discussão coletiva com os moradores do lugar, e faz com que o conteúdo programático da escola primária não seja condizente com o modo de vida reproduzido na praia, falam de coisas, acontecimentos, localidades, etc., que não convidam o aluno a conhecer a si próprio e o coletivo.

⁵³⁶ Xaim

O processo da relação homem/natureza desenvolvido nas mais variadas relações sociais da comunidade não é investigado, e muitas vezes o pescador tradicional é apresentado como sendo um trabalhador que possui um modo de vida “diferente” e criado em uma localidade muito distante do lugar. Na própria escola da comunidade, a relação ensino/aprendizagem demonstra que o pescador é um homem exótico, em sua própria comunidade. Há falta de debate sobre o que deve, e o que não deve ser transmitido como informação, dado e conhecimento. Afirma que o pescador artesanal não tem nada para falar e lhe é nega o direito de apresentar-se em condição de registrar a sua dimensão social simbólica/mitológica. Neste sentido a escola inicia o aluno em um processo de negação de sua própria identidade cultural, documentada no seu modo de vida. Eis uma das contradições da iniciação social existente na institucionalização e tutela do estabelecimento de ensino pela Prefeitura Municipal do Rio Grande que ignora a gênese cultural da comunidade.



Foto 93: A Iniciação ao Saber Imposto

Os primeiros moradores eram de origem européia e a pesca artesanal surge com suas influências culturais, atualmente encontramos poucos netos dos portugueses que chegaram depois da existência do Quilombo do Negro Lucas. A grande maioria dos pescadores é de origem brasileira e as relações comunitárias com os descendentes de portugueses ocorreram através do casamento. Os portugueses mantiveram a reprodução social da estrutura familiar com brasileiros, fez com que houvesse uma predominância do contingente populacional sem qualquer relação cultural, atrelada aos primeiros portugueses que moravam no lugar. Os velhos pescadores artesanais que nasceram no lugar no início do século XX são filhos de portugueses, mas suas esposas são brasileiras e os seus filhos não possuem, e nem preservam, características culturais que de forma vertical denuncie a genealogia portuguesa na família: “Talvez os pais e os avós do Seu Quinota fossem portugueses. Isso foi antes d’eu nascer”.⁵³⁷

Na comunidade há uma distinta separação entre o trabalho masculino e o feminino. Os meninos são instruídos para aprender a fazer e executar trabalhos que exigem “simultaneamente” força muscular, agilidade e coragem. Eles são instruídos via o peculiar modo de vida a serem desinibidos, liberdade e falta de pudor para trabalhar só de cuecas, e até nus, nos caminhos do labirinto, na praia e nos barcos, a nudez do corpo masculino é desprovida de pecado, virgindade e recato. Mas, as meninas devem ficar desenvolvendo tarefas domésticas no interior da casa de madeira, e tais trabalhos são identificados por não ter a força muscular bruta como principal fonte primária para serem executados. Sempre se entendendo que esta força motriz deve encontrar-se “simultaneamente” atrelada à agilidade, coragem e liberdade para expor sem pudor o corpo, pois os homens e visitantes devem olhar com naturalidade a “liberdade” masculina, já que a postura e o gesto fazem parte do modo de vida do lugar.

⁵³⁷ *Isolina*

Os homens do lugar possuem o direito e o dever de não ter uma preocupação básica com detalhes, já que os mesmos são vistos como secundários em relação à estrutura da casa, do barco e de algum móvel da moradia. A discussão referente aos detalhes (por exemplo: cor, ornamento e nome) fica para depois da realização do trabalho braçal pesado que exige força bruta e agilidade muscular. Assim, os detalhes podem até ser negociados com as mulheres do lugar, que se dedicam aos serviços domésticos enquanto os homens estão trabalhando nas redes, nos barcos, na pesca, em outras atividades ligadas à reprodução da pesca artesanal ou fazendo consertos na estrutura da casa ou do galpão.

No lugar é muito claro para os moradores que os homens possuem pensamentos praticamente iguais entre si, e que as suas reflexões são diferentes das apresentadas pelas mulheres, que da mesma forma pensam com muitas similitudes entre si, e suas as opiniões e opções são distintas das dos homens. Há no interior das relações de parentesco laços de cumplicidades pertinentes só ao imaginário masculino e, da mesma forma, encontramos os laços imbricados ao imaginário feminino. Mas, estas singularidades culturais entre os homens e as mulheres são dissolvidas no labirinto das relações de parentesco que se substantificam no labirinto dos caminhos de areia e da vida, simbolizado nos rituais de iniciação que nos remetem as estações do ano e a relação contraditória entre a natureza produzida e criada pelo homem e a natureza nata, já que, enquanto relação social estão no labirinto do modo de vida que só é, e há, como conceito lugar.

Os homens dedicavam-se ao plantio da uva, a pesca, ao trabalho de construção e conserto de casa e embarcação e as mulheres realizavam todos os trabalhos domésticos, o homem é, e pára, o caminho – e a mulher é da, e para, a casa. Ele livre pelos caminhos e pelas águas e ela presa no interior das casas (lembra-se da alcova da moça?)

Os varões dominaram todo e qualquer tipo de trabalho referente à reprodução social da atividade pesqueira artesanal. Estes proeiros e patrões por unanimidade não detêm o conhecimento pertinente a construção das casas de madeira. Quando necessário os homens da casa solicitam a presença de um carpinteiro para auxilia-los na construção, reparação e

conservação da moradia, estes homens só deixam de pescar e de trabalhar na estrutura na casa quando chegam na raia dos 75 anos de idade.

O homem é criado, educado e instruído a ter postura social igual a dos outros, e caso tenha um comportamento contrário, será visto como sendo um afeminado. Na praia, ou no barco, o pescador artesanal tem liberdade de ficar de cueca ou nu, e caso seja visto por uma mulher é olhado com indiferença, já que mesmo tendo um banheiro (são várias as casas que possuem a casinha fora) os rapazes tomam banho no mar: “Mesmo a casa tendo um banheiro, eles tomam banho no mar”.⁵³⁸ Este trabalhador masculino não possui liberdade de falar na padaria construída culturalmente para as mulheres.



Foto 94: A Passagem das Meninas

⁵³⁸ *Isolina*

As mulheres freqüentam a padaria, já que, nesse estabelecimento comercial realizam a compra do pão e conversam sobre tudo e colocam as novidades e as fofocas na ordem do dia, pois lá só temos senhoras atendendo as clientes. A padaria, vizinha à Igreja limpa só por mulheres, é estabelecimento que nos remete ao imaginário do mundo feminino. Vai ser nas conversas do balcão da padaria que as meninas são iniciadas nas características ímpares do mundo das mulheres dialogado com o modo de vida. É neste diálogo que encontraremos o masculino e o feminino se cruzando através das relações de parentesco.

Tratando-se da homossexualidade feminina, na comunidade há uma lésbica, que segundo os moradores teve uma criação errada, onde a mesma fazia trabalho de homem, resultando numa moça que só se vê e só é vista como um rapaz. O trabalho da mulher é doméstico, caracterizado pela tarefa de cozinhar, lavar roupa, limpar e arrumar a casa e cuidar da saúde do marido e dos filhos. A lésbica foi criada pescando e executando outras atividades criativas masculinas no cerne do modo de vida, já que a presença da figura feminina na pesca e na confecção de rede para pescaria não foi, e não é, a regra, pois tais trabalhos executados pelas mulheres surgem como complementos dos rendimentos negativos do homem pescador e como identificação da família como sendo uma estrutura auto-espoliativa na qual a mulher, além do trabalho doméstico, exerce outras atividades produtivas: “As mulheres faziam redes para os pescadores. Umas eram mulheres de pescadores e outras de fora, de outra família”.⁵³⁹

A padaria caracteriza-se como sendo o estabelecimento comercial no qual as mulheres se encontram para conversarem sobre os filhos, as tarefas domésticas, o marido, as despesas financeiras para manter a casa e a família, e outras questões comunitárias mais ligadas às identificações femininas no interior do lugar. A padaria é inserida no processo de iniciação das meninas no traço cultural das moças da comunidade praieira tradicional, pois as donas de casa chegam acompanhadas de filhas ou netas que, silenciosamente, participam das conversas e das preocupações das senhoras. Nesta conotação social, fica evidenciado que a presença das meninas na padaria

⁵³⁹ Lourdes

significa a constante recriação comunitária de um processo de iniciação do sexo feminino no cerne do ímpar modo de vida, já que são nas conversas que mais ocorrem no interior da padaria que a garota é introduzida no registro cultural das mulheres.

Elas de vestidos simples, sandálias havaianas, cabelos presos e cheirando aos temperos da cozinha humilde, ficam escoradas no balcão de madeira da padaria e trocam segredos, fofocas, novidades de última hora e desabafam seus medos e explicitam suas alegrias. A padaria caracteriza-se como referência da existência do diálogo cúmplice entre as mulheres que, ao contrário dos homens, não dizem palavrões, não brincam como eles, nem brigam com agressões físicas e nem estão dotadas de tanta liberdade de postura e de gestos para com os outros da comunidade e de fora dela. Neste processo de iniciação da menina ao imaginário, ao simbólico e ao trabalho, da reprodução social das mulheres, não há gritos, palavrões e empurrões como é condição básica para a abertura e fechamento diário da mercearia do Jorge, de Ogum. Reina na padaria uma conversa tranqüila, pausada, baixa e repleta de olhares especuladores e conservadores das senhoras que sabem da vida de todos, de tudo, e são alcoviteiras das moças e dos rapazes.

A relação de parentesco nos caminhos do labirinto permite que a mulher não promova uma competição de beleza feminina (no sentido coloquial da noção de beleza). Elas, nos anos de 1940, usavam roupas iguais e uma cortava o cabelo da outra, este processo de aprofundamento dos laços de linhagem ainda são presentes entre as mulheres. Elas procuram conquistar o “coração” dos homens mostrando que são trabalhadoras, que sabem e podem ajudar nas pescarias, fazem o trabalho doméstico e que vão cuidar da saúde física e mental do pescador. Neste desenrolar geográfico o ato da mulher saber fazer bordados (ponto de cruz, na tela e pintura de agulha em sacos), faz parte do modo cultural de tentativa de adquirir a preferência do pescador artesanal, as moças não só se preocupam com a aparência física e com a imagem sensual e feminina da mulher. Elas querem registrar as suas potencialidades de adquirir informações e conhecimentos para o aprimoramento das relações de parentesco que justificam, e são, condições para a existência do lugar, que é a permanência histórica deles próprios.

Os bordados eram feitos manualmente em pano de saco e o surgimento do saco plástico inviabilizou esse processo, porque entre outros fatores sociais, a família terá que comprar sacos de algodão – o que torna mais oneroso os gastos com o que é adquirido só no mercado da cidade. Hoje são poucas e raras as mulheres que confeccionam bordados artesanais. A cozinha aberta era ponto de conversa entre as bordadeiras que “cozinham” os namoros, fechando ou abrindo as tramas/ “tramelas”, inclusive da sociedade do lugar que é presidida pelos homens.

O domingo é dia de visita ao Jorge, lá os homens reúnem-se, para numa subjetividade que só se registra enquanto objetivação cultural, louvarem São Jorge Guerreiro refletido e espelhado neles próprios – via o balconista Jorge e a imagem em ascensão de Ogum. O domingo é dia de bingo na Sociedade e Clube Santa Cruz onde 85% dos moradores mulheres, crianças e adolescentes vão participar do bingo de simples e humildes bens de uso doméstico (por exemplo: jogos de copos d’água). Caso não haja o bingo as mulheres irão furiosamente reclamar na direção da Sociedade; quer queiram ou não, nem que chova pedra, tem que haver o bingo cantado pelas mulheres. No domingo temos a troca de cumplicidades, confidências, contraprestações e a reprodução das alcoviteiras da missa das virgens, da mercearia e bocha de Ogum.



Foto 95: A Bocha



Foto 96: A Sinuca do Labirinto

Na Mercearia de Jorge (do orixá Ogum?) há o processo de iniciação do menino no mundo masculino adulto. Nela desenvolvem-se atividades recreativas e vendas de bens de consumo doméstico e, atrelado a este processo temos o olhar de tesão masculino, piadas de caráter sexual/pornográfico, o consumo de bebidas alcoólicas e o jogo de bocha. A sinuca é de uso obrigatório, já que, ser macho no lugar é saber jogar sinuca. A bocha pode até não ser utilizada, mas a sinuca nunca pára, vigiada pela imagem de Ogum. Será que é para ele tirar o gato preto debaixo da mesa de sinuca? : “Tem gato preto debaixo da mesa!”

O gato numa visão positivista não existe, mas, tendo como pressuposto social/natural que o ser humano é por si próprio e pela sua dimensão exteriorizada, que é ele intrínseco nele mesmo e fora de si enquanto natureza interiorizada, o gato é, e há, embaixo da mesa porque toda e qualquer afirmação trás consigo sua negação devido o embate capital/trabalho-imaginário/simbólico. Dependendo da situação do jogador, falador do gato, ele vai possuir um significado no imaginário que permeia o jogo, de acordo com a condição do homem que se referiu ao felino é interessante que Ogum o conserve embaixo da mesa. Tem momentos que o gato “preto” (“umbralino”) é pertinente que fique, em outro instante é de sorte que saia, o gato entra e sai só que não é visto pelos olhos da oftalmologia alopata convencional.

Só é, e há, gato preto no imaginário do pescador artesanal que traduz cenas da memória coletiva da comunidade, entendendo-se que tanto o imaginário como a memória convida o passado da linguagem ímpar do velho Quinota, mas trazem o devir⁵⁴⁰ para a reprodução do tempo lento/cíclico.

*Sai gato preto!
Deu azar. Ele agora veio
pra cá. Xô gato! Xô!”.*⁵⁴¹

Eles dizem que onde tem peixe tem gato, mas, lá há gato até quando não existe encarnado. Voltamos aos desencarnados de Pitágoras, ou seja, para a imortalidade da alma.

Na comunidade há três homossexuais masculinos e que os homens heterossexuais tratam-nos com uma certa distância, e quando é oportuno, são ativos para com os passivos. Os heterossexuais não os convidam para irem à mercearia, trabalhar deslocando embarcações e nem para fazer parte das conversas masculinas (por exemplo: tratar de futebol, mulheres, pesca, jogos e de negócios financeiros). Os homossexuais procuram não estar tão presentes nos diálogos que os homens travam entre si: “São três gays. O povo diz que é sem-vergonhice”.⁵⁴²

⁵⁴⁰ DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arquetipologia Geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (p. 403):

“Longe de estar do lado do tempo, a memória, como o imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino.”

NOVAES, Adauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (p.97):

“O exercício da memória, seu exercício mais intenso e mais contundente, é indissociável da presença dos velhos entre nós.”

⁵⁴¹ Bolaco e Calú

⁵⁴² Lindo

Quando não estão de cuecas (que é a exceção), encontram-se vestidos de bermudas ou de calções largo e abertos (que é o predominante). Estes calções são de modelo quase idêntico aos calções de saco de açúcar que usavam nos anos de 1940. Os calções e bermudas, a exemplo dos feitos com saco de açúcar, fornecem liberdade de movimento ao rapaz. Na reunião dos homens há profunda descontração e liberdade de vocabulário, gesto e postura e este diálogo embriaga todo o ambiente com o simbolismo e imaginário masculino, por isso não é convidativo para os homossexuais masculinos e nem para as mulheres, pois é uma reunião de homens criada pelo traço cultural do lugar.

A mercearia dos homens vende produtos de limpeza, grãos, refrigerantes e bebidas alcoólicas. Os homens que se reúnem para jogar bilhar, bocha, contar piadas, falar de mulher, jogos e de política, brigar e brincar. A mercearia protegida pela imagem do Orixá Ogum é freqüentada por varões guerreiros que se dedicam a enfrentar as águas do mar, suas criaturas, seres e entidades astrais.

São os proeiros e patrões que animam o estabelecimento comercial localizado na clareira situada defronte à Igreja da Santa Cruz. A clareira vista na margem do labirinto é, enquanto sinal social, apresentada como sendo a entrada do labirinto devido encontrar-se na borda da estrada de areia se contorna a Ilha. A clareira pode denunciar a provável existência de uma comunidade próxima, mas, como não se enxergam as casas que estão embrenhadas no meio da vegetação, é possível até pensar que se trata de uma continuidade isolada do Porto do Rei. Apesar da clareira deixar a escola estadual e a associação da Santa Cruz aparecerem, a mercearia, mesmo estando quase defronte à Igreja, não é possível ser vista, pois se camufla com a vegetação e não é vista por quem esporadicamente caminha pela estrada de areia que contorna a Ilha dos Marinheiros.

Jorge, o proprietário da mercearia atende aos homens e assiste às calorosas discussões referente ao roubo no jogo, à falta de disposição num corpo mole para pescar, aquele que pensa que tudo sabe, mas, nada entende, e etc. Jorge é quem recebe os estranhos visitantes masculinos que se aventuram a percorrerem os caminhos de areia e terminam por encontrar a mercearia relacionada na vegetação e caracterizada pela presença dos

homens sem camisas, descalços, vestidos de bermudas ou calções, suados, queimados pelo sol, sorridentes, brincalhões e brigões por tudo e por nada. O balcão com copos de refrigerantes e de cervejas, os rapazes debruçados, as prateleiras com poucas opções, o banco encostado na parede, a mesa de bilhar, o cachorro na porta e o vento varrendo a pista de bocha são algumas das identificações sociais da fotografia da mercearia que se posiciona culturalmente como encontro de proeiros, patrões, que lá tudo podem, pois a liberdade de postura, gestos e falas dos homens cada vez mais, colocam a mercearia como sendo exclusiva dos varões e desaconselham a ser freqüentada por meninas, moças e senhoras. O caráter masculino deste estabelecimento comercial é determinado pelo modo de vida, que através das bebidas, das conversas sobre mulheres, política e jogos e das brincadeiras e brigas, faz uma releitura das tabernas e dos cabarés, lá não há mulheres, mas os homens recriam os espetáculos e as performances de redutos masculinos.

Se alguma casa precisa de certo produto de limpeza, pão, refrigerante ou grão, será na mercearia que “ele” irá comprar. Lá é parte do processo de iniciação do menino no imaginário dos que veneram o caçador Ogum.

“Ogum ê, Ogum lara
Ogum ê, Ogum lara
Salve os campos de batalha
Salve as sereias do mar...”⁵⁴³

O menino, no interior do reduto dos homens, escuta, é convidado para ficar, pressionado a participar e é objeto das piadas, brincadeiras e pornografias dos rapazes. Inicialmente o garoto entra e sai correndo assustado, com medo e vergonha daqueles pescadores barbudos, agressivos, brincalhões e gritões. Logo depois, há unha agarrado, pelo braço segurado, levantado pela cintura, jogado para cima, sacudido para baixo e transformado num brinquedo, numa piada, e fonte de disputa no meio da mercearia que é espelho para a virilidade dos meninos que estão dissolvidos numa comunidade em que os homens são na maioria heterossexuais.

⁵⁴³ *Ponto de Ogum cantado nos terreiros de Rio Grande / RS.*

No auxílio da preparação da embarcação para a pesca, no trabalho de conserto, construção e transporte do barco, e na sua saída para a mercadoria é que o menino vai absorvendo e sendo geograficamente inserido culturalmente nas posturas, nos gestos, nas manias, nos vocabulários, nos dons e tons dos maduros. O garoto é colocado no cerne do debate da valoração inerente ao imaginário, ao simbólico e ao trabalho reproduzido na comunidade.

Estes varões do mar são os heróis (Oguns)⁵⁴⁴, os caçadores de dragão, os sábios depravadores dos mistérios das profundezas das águas que o garoto enxerga e começa a imitar na procura de ser um Ogum guerreiro, que irá trazer o peixe, a fartura e o dinheiro que salvará a sua mulher e seus filhos das garras do dragão da fome, que pretende consumir o brilho dos olhos daqueles que acreditam estarem criando possibilidades de concretização de uma comunidade mais unida e feliz material e espiritualmente.

Nos domingos, feriados e dias santos os homens, depois de tomarem banho nas águas da laguna, vestem uma melhor roupa, assim, há a roupa do domingo, da festa da padroeira e do dia de Natal. É no domingo na mercearia que vamos encontrá-los banhados, com uma roupa limpa e esperando uma visita que poderá nunca chegar.

Os homens, nos dias santos, feriados e domingos, não pescam: jogam bilhar e bocha, tomam refrigerantes, cervejas e vinhos baratos, falam sobre as mulheres, futebol, política, contam piadas, brigam e brincam. A mercearia, nestes dias, fica lotada de rapazes que podem estar acompanhados de irmãos, sobrinhos, filhos ou garotos de algum vizinho. Os apelidos são pronunciados aos gritos, empurrões e abraços, pois lá é antes de tudo uma

⁵⁴⁴CLAVALL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999. (p.153):

“O além que dá sua significação ao mundo nem sempre advém da religião; pode ser o panteão aberto aos heróis; a louca temeridade comprovada por alguns no combate é um signo do destino esperado após a morte.”

renovação dos laços culturais de parentesco, cumplicidade, afetividade e contraprestação.

Os meninos teimosos, arteiros e saltitantes da comunidade são inseridos no convívio masculino, passando pela mercearia que, localizada entre a clareira e a beira da praia é parada para todos os proeiros e patrões, que saíram da Igreja, da associação da Santa Cruz e vão tomando o rumo dos caminhos que estão margeando o mar e atravessando os estaleiros.

A cultura reproduzida no lugar privilegia tanto a exposição e a adoração do falo e a virilidade dos homens da mercearia e o poder de criação e fertilidade dos deuses (Okò) que, mesmo tendo chuveiro na casa, os rapazes tomam banho na praia e o contrário seria motivo de decepção, desmunhecamento e descumprimento de uma tradição do modo de vida. Mas, a mulher jamais pensa na possibilidade de um dia ter a liberdade de tomar banho nua nas águas do mar.

O pescador acredita na existência de um mundo onde reinam os santos, as santas, Deus e os bons espíritos, da mesma forma há neste mundo do além o reinado dos espíritos do mal e o domínio do diabo. São os bons espíritos, as santas e os santos que levam para Deus os pedidos e as súplicas de todos os moradores e é através deles que tudo chega nas mãos de Deus⁵⁴⁵ que se encontra misteriosamente no debate da Santíssima Trindade. É por meio das orações que o pescador artesanal conversa com os espíritos de luz e sinaliza a sua crença na vida do espírito depois da morte, já que os bons irão para o céu e os ruins para o inferno.

Os moradores não acreditam em reencarnação, apesar de pensarem na reprodução de um mundo paralelo, no qual há um céu e um inferno.⁵⁴⁶

⁵⁴⁵ CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. (p.31):

“O homem não pode confiar em si mesmo nem ouvir de si para si. Tem que guardar silêncio próprio a fim de ouvir uma voz superior e mais verdadeira.”

⁵⁴⁶ ATTENBOROUGH, Richard. *As Palavras de Gandhi*. 7 ed. Rio de Janeiro/RJ:RECORD, 1982. (p.25):

“O nascimento e a morte não são dois estados diferentes, mas sim aspectos diferentes do mesmo estado.”

O pescador acredita na existência de um Deus pessoal que se encontra inerente ao mistério da Santíssima Trindade do Cristianismo Católico, Apostólico e Romano, isto é, Jesus que é olhado e visto como um homem sagrado, santificado e dotado de poderes divinos, astrais, sobrenaturais e milagrosos. Ele não é, de forma “racional”, olhado e visto como sendo um filósofo que pregava a partilha incondicional (lembra-se da simbologia da “Santa Ceia”) dos bens materiais/idéias para com tudo e todos, enquanto trajetória de elevação moral, política e ética do homem entre os seres e como percurso para se obter a ressurreição do corpo e da alma enquanto milagre de um “Deus”, e nunca como peculiaridade do mundo das idéias como coloca em pauta Platão. Jesus por não ser observado comunitariamente como filósofo, é dotado de poderes divinos e admirado como sendo filho de um “Deus” no mistério da “Santíssima Trindade” de um dos discursos da instituição Igreja Católica Apostólica Romana.

Negar Jesus enquanto filósofo pode viabilizar a ignorância sobre a relação filosófica que há entre a sua máxima metáfora “amai-vos uns aos outros” e a de Marx “trabalhadores do mundo, uni-vos” (Gandhi tentou uma “revolução” pacifista). Partindo do pressuposto que só podemos nos unir com quem nós temos relações de lealdades e de vivência compartilhada, e que as identidades sociais são intrínsecas às relações de afetividade, pois a raiva, o medo, a tristeza, o afeto e a alegria são sentimentos genuínos da espécie social humana enquanto natureza orgânica e inorgânica, que só se reproduz socialmente, individualismo e egoísmo não comungam com união, cumplicidade e lealdade. A liberdade coletiva encontrada na base do raciocínio de Marx tem seu registro na proposta social onde o conteúdo do conceito propriedade tem sintonia com união e afetividade comunitária, relacionada na máxima metáfora “Amai-vos uns aos outros” e na sentença “Trabalhadores do mundo uni-vos”. Os moradores do lugar são místicos porque entendem que há um Deus pessoal que se faz presente via seu filho, que no caso em questão é o filósofo Jesus santificado pela instituição Igreja.

Os pescadores artesanais aceitam a leitura transmitida pela Igreja Católica que transformou a reflexão filosófica de Jesus em um debate religioso e institucionalizado, onde predomina a manutenção da ordem baseada no direito à propriedade privada e contraditória com várias máximas filosóficas de Jesus.

A aceitação do discurso da instituição Igreja Católica Apostólica Romana viabilizou que os moradores do lugar pensassem que não há “vida” depois da morte, a ressurreição é apresentada como sendo um milagre de Deus e nunca como um processo evolutivo dialogado com a “natureza” do ser humano, refletido enquanto sujeito/objeto da historicidade das contradições matéria/idéia, natureza-nata/natureza-produzida e criada pelo ser pensante, capital/trabalho e corpo/alma, contrariando Platão que já tinha investigado a transmigração da alma como primária potencialidade social humana onde tudo tem haver com tudo⁵⁴⁷.

Salientamos que ao mesmo instante em que o morador do lugar não (?) acredita na imortalidade e na transmigração da alma tem crença na existência de lobisomens, assombrações, almas penadas e fantasmas. A crença é fruto do grande medo que se tem do desconhecido, porque lá ninguém sabe o que ocorre durante e depois da morte. São fantasmas e assombrações do além, que se debatem com o estudo do Orfeu, se não há imortalidade platônica como existirá o além, além do que, de quem, para quem e para que. As aparições seriam espíritos ou almas de pessoas que morreram, mas que ficam vagando e penando pela terra, porque Deus não lhes deu descanso, trata-se de pessoas muito pecadoras e que não foram merecedoras de paz espiritual no além, e agora são atormentadas pelo diabo

⁵⁴⁷ATTENBOROUGH, Richard. *As Palavras de Gandhi*. 7 ed. Rio de Janeiro/RJ:RECORD, 1982. (p.75):

“Afirmo que a mente humana ou a sociedade humana não estão divididas em compartimentos estanques chamados social, político e religioso. Tudo age e reage entre si.”

e obediente às suas ordens, tais almas passam a ser associadas ao próprio inferno e ao diabo que faz o impossível possível.⁵⁴⁸

Os moradores do lugar afirmam que desde o fim do período do trabalho escravo, havia assombrações e fantasmas no sobrado que fica situado entre o Porto do Rei e a Marambaia, segundo eles as aparições do além são provenientes dos pecados cometidos durante a existência de negros escravos no lugar.

Eu com dez anos acreditava.

Os mais velhos contavam.

Não sei se era verdade ou mentira.

*Na época eu acreditava.*⁵⁴⁹

Os pescadores artesanais crêem na ocorrência do “mau olhado” e do “olho gordo” para promover azar na vida da pessoa. Eles, em contradição social com o discurso da veracidade da existência de fantasmas, bruxas e lobisomens, possuem rituais de fé que nos permitem afirmar que no lugar há crença na vida das criaturas do além. Acreditam que haja o céu e o inferno quando encontram as “feitiçarias” nas velhas pedras do cais, cujas, tigelas são oriundas do “inferno”, que enquanto hemisfério da escuridão é sagrado por ser temido. Nós estudiosos tornamos o cosmo profano para podermos fazer ciência, só trabalhamos com a natureza orgânica/inorgânica universalizada se for profana, destituída do inferno/céu.⁵⁵⁰

⁵⁴⁸ CASTANEDA, Carlos. *A Erva do Diabo. As experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record. (p.126):

“Se você se amarrar a uma pedra – disse ele – acho que terá de voar segurando a pedra com sua corrente pesada.”

⁵⁴⁹ Alice

⁵⁵⁰ NASR, Seyyed Hossein. *O Homem e a Natureza*. Rio de Janeiro. Hucitec, 1968. (p.23):

“A fim de que as ciências modernas da natureza passassem a existir, a substância do cosmo teve, primeiro, de ser esvaziada de seu caráter sagrado e tornar-se profana.”



Foto 97: O Feitiço

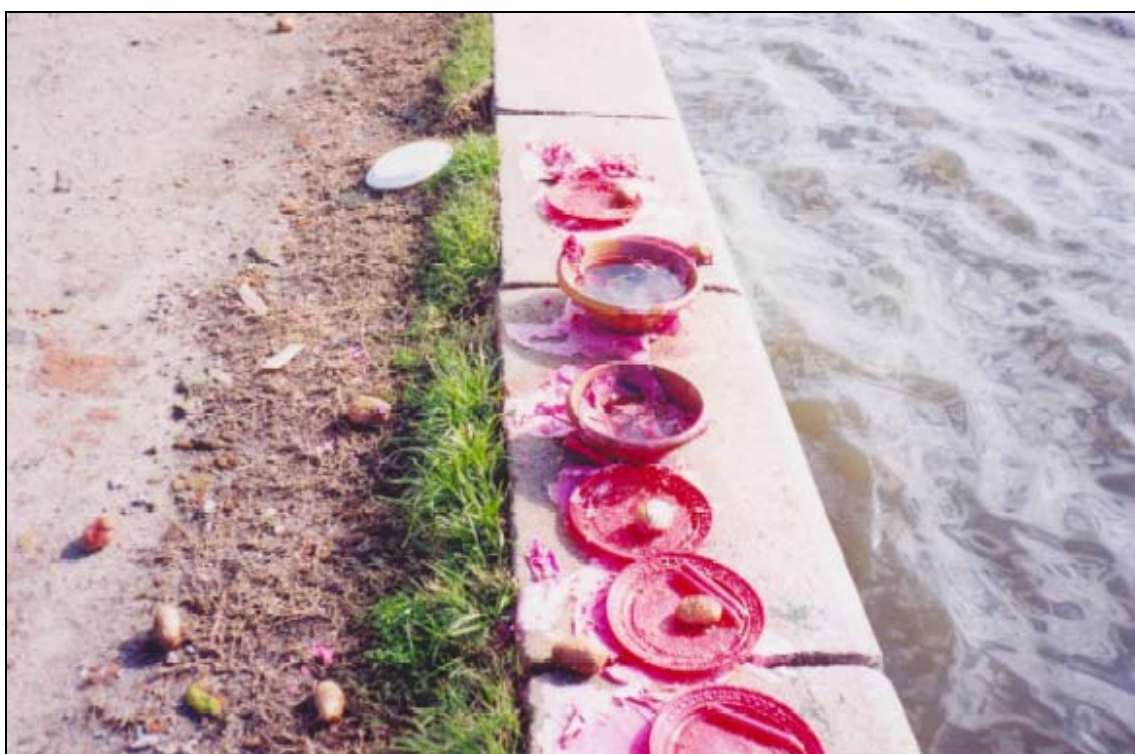


Foto 98: O Feitiço



Foto 99: A Tigela do Inferno

“Não acredito em lenda.

Quando era pequena acreditava em fantasmas, bruxas e lobisomens.

Eu não sinto a idade que tenho.

Será que existia?

Será que existem bruxas?” ⁵⁵¹

“Eu não sei.

Quando uma pessoa coloca olho gordo, inveja, maldade, etc.

Nós não temos maldade.

Mas, as outras têm.

Pensamos que os outros não têm.

Mas, eles têm.” ⁵⁵²

⁵⁵¹ Lourdes

⁵⁵² Candinho

*“ Não acredito que exista o inferno.
Acredito que exista o céu.
Dizem que a gente vai para o céu.
Mas, não vai não.
Eu não sei porque nós não vamos.”* ⁵⁵³



Foto 100: A Tigela no Inferno

⁵⁵³ *Quinota*

Os moradores, independente de sexo, idade, opção sexual, tipo de trabalho (doméstico ou pesqueiro) e da religiosidade católica, acreditam na existência de intenções maléficas, de todas as ordens e tipos, implícitas nas “feitiçarias” encontradas nas pedras das Docas, onde descem quando chegam na cidade. Afirmam que, se é feitiçaria, é maléfica para toda e qualquer realidade da dimensão humana, porque são símbolos do mal (prejuízos financeiros, doenças, mortes, naufrágios, desencantos amorosos e o próprio inferno). As “feitiçarias” nem sempre são com fins maléficos, só que o morador não têm conhecimento sobre os rituais de pedidos e oferendas de Quimbanda, de Candomblé e de Umbanda, reduz todos os “trabalhos religiosos” a documentação histórica/cultural de Quimbanda e nivelam os Exus as entidades do umbral existente no mundo dos espíritos, das idéias e do imaginário/simbólico do lugar.

O desconhecimento da religiosidade afro-brasileira impõe ao pescador o medo de toda manifestação e expressão religiosa evidenciada nas pedras da velha Doca. Eles negam o que em casa veneram (já vistes Ogum). A narrada contradição nos obriga a pensar no mal que existe no dito mal colocado pelos pescadores, na religiosidade afro-brasileira, o que pensam como sendo o maléfico, o infernal, o umbralino nem sempre é o mal, o inferno tão temido é visível, fora, dentro e no meio das pedras do cais, que nos remete ao “Negro Lucas” que ainda vive e resiste livre nos terreiros onde o inferno encontra-se juntinho do céu.

*O sino da igreja fez belém-blem-blom,
É meia-noite, o galo já cantou,
Seu Tranca-Ruas que é o dono da gira,
Que corre gira que Ogum mandou!*⁵⁵⁴

⁵⁵⁴ BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos exus*. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989. (p. 112)



Foto 101: As Guias convidando os Infernais



Foto 102: O Sino badalando no Inferno



Foto 103: A Pomba Gira



Foto 104: O Inferno pertinho do Céu



Foto 105: A Festa Infernal



Foto 106: O Exu



Foto 107: O Altar de Exu



Foto 108: Oferendas para Exu

O sino de Quimbanda é relido na Igreja Católica. O sino que convida os seres celestiais santos e santas é o mesmo que convida os seres infernais Agalieraps, Tarchimache, Fleruty, Sagathana, Nesbiros, Klepoth, Syrach, Bechard, Frimost, Khil, Merifild, Clistheret, Silcharde, Ségal, Hicpacth, Humots, Frucissière, Guland, Surgat, Morail, Frutimière, Claunech, Musifine e Huctogaras. O convite para a chegada de Ogum é feito através do badalar do “mesmo” sino e sinal.

As guias de Quimbanda são visitadas nos terços e rosários do catolicismo, as primeiras evocam o umbral, e as segundas os seres astrais iluminados do firmamento. Orfeu com o Orfismo, Platão com o Mundo Inteligível e Dante⁵⁵⁵ com o Mundo Subterrâneo, estão presentes na questão capital/trabalho, o pescador artesanal tem seu “mundo dos espíritos”, documentado na guias, oferendas, bandeiras, velas, espadas de Ogum e nas benzeduras para tirar o “olho gordo” da amada do labirinto.

Os pescadores, quando estão pescando no mar, têm medo da noite e das tempestades, eles afirmam que o medo é originário da consciência de que a embarcação é muito frágil para se confrontar com as energias da natureza nata. O medo da tempestade é a dimensão real da tempestade, que

⁵⁵⁵ BOORSTIN, Daniel J. *Os Descobridores*. 2 ed. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1989. (p. 96).

NOVAES, Aauto. (Organizador). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (P.322):

“Além do princípio arquitetônico – a forma cônica e a espiral descende – há uma forma íntima do inferno. Essa forma é a do conflito em equilíbrio, a do confronto, a da presença destes homens e mulheres diante da eternidade.”

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Atena, s/d. (P.16):

*“Donde foi pela Inveja conduzida.
Agora, por teu prol, eu tenho o intento
De levar-te comigo; ir-te-ei guiando
Pela estância do eterno sofrimento,
Onde, estridentes gritos escutando,
Verás almas antigas em tortura
Segunda morte a brados suplicando.”*

sendo objetiva é subjetiva no confronto dos Orixás objetivados na gira dos terreiros e no confronto das águas doces e salgadas da Rosa dos Ventos.

Como resultado desse medo é que desejam boa sorte quando os homens vão pescar, há vontade que sejam felizes não se refere ao fato de realizarem uma pesca farta. É tradição no lugar pedir aos seres celestiais que os pescadores tenham sucesso na viagem para o mar e é traço cultural pedirem proteção para Santa Bárbara quando se encontram ameaçados por alguma tempestade.

“Eu não tenho medo

Só tenho medo no mar quando cai temporal

Eu acredito que nós temos que morrer

Por que não? Morreu!

A gente só se lembra de Santa Bárbara quando troveja.”⁵⁵⁶

Os pescadores artesanais afirmam que quando a embarcação encontra-se submetida ou ameaçada por uma tempestade, a primeira decisão do patrão e dos proeiros é procurar a preservação deles e do barco, e num segundo momento tentarem navegar para o lugar. Para deslizarem contra a correnteza com uma chalupa, bote ou caíco, fazem todo o percurso bordejando e esta técnica sinaliza que a comunidade não se utiliza só do movimento retilíneo para reproduzir-se historicamente, eles desenham nas águas do mar uma releitura do labirinto registrado nos caminhos do lugar, que só é, e há, enquanto modo de vida: “Se ele for todo a pano sai bordejando para vencer a correnteza”.⁵⁵⁷

O proeiro quando se encontra na pesca, tem medo da potência física das águas e dos ventos. Adicionam a este medo outros temores, o pescador sabe da fragilidade estrutural naval de sua embarcação no encontro diário com os petroleiros e, outros grandes navios que chegam e saem do porto do Rio Grande, já que, pescam no canal, que é percorrido pelas grandes embarcações que se destinam ao porto central da cidade de Porto Alegre.

⁵⁵⁶ Bila

⁵⁵⁷ Xaim



Foto 109: A Mão que domina os Ventos



Foto 110: O Navio e o Caíco



Foto 111: Tanto para tão Pouco



Foto 112: Tanto para tão Pouco

O canal é o encontro das águas do Atlântico com a correnteza vinda do sistema Guaíba e é confronto da correnteza oceânica com as águas da Laguna dos Patos. O pescador de trabalho puramente muscular, manual, é inserido no embate do mundo da Oxum com o da Iemanjá (a água doce fundida na água salgada). Não podemos esquecer que os ventos minuanos são as barras das saias de Iansã que muitas vezes cruza-se com os ouros de Oxum e os perfumes de Iemanjá.

Eis a questão da crença na existência dos seres, entidades e criaturas monstruosas que surgem das profundezas das águas, relatos já notórios desde a chegada dos invasores na América e registram que os pescadores artesanais do lugar fazem a releitura da crença da existência dos santos, santas, Deus e orixás.

A revolta das águas é a “Rosa dos Ventos”, que simboliza as contradições espalhadas nos caminhos do labirinto que é, e há, enquanto lugar das relações de parentesco do tempo lento/cíclico, em contato imediato com o tempo rapidíssimo da tempestade e com o tempo acelerado dos caminhões das docas do velho porto.

O social/natural do labirinto e da tempestade imbricam-se na relação matéria/ideia inerente a intersubjetividade/interobjetividade do medo que o pescador tem de morrer ao mergulhar nas águas revoltosas que estão convidado o “mundo” dos mortos/vivos. Os orixás adquirem vida na gira⁵⁵⁸ do espiral/trança dos terreiros onde Oxum, Iemanjá e Iansã trazem as forças

⁵⁵⁸ ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. *O Reino dos Encantados, Caminhos (Tradição e Religiosidade no Sertão Nordestino). Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo: PUC, 1999. (p.217 e 232):*

“A gira é aberta com uma louvação para Exu e um canto de defumação e incenso, fazendo-se o despacho de Exu e a defumação da casa e das pessoas presentes...A gira é encerrada com a parada dos atabaques, cantos, danças e a saída das pessoas do salão, mas pode acontecer de um mestre ficar durante muitas horas seguidas realizando consultas com a presença de pessoas determinada pelo pai-de-santo, levando, às vezes, a uma consulta privada, em quarto fechado, restrita a poucas pessoas.”

cósmicas que locomovem a terra e as águas da laguna doce dos ouros de Oxum e do oceano salgado das rosas de Iemanjá. Águas que atravessadas por Iansã desenham no firmamento a proa que aponta a mandala cartografada no labirinto, no mapa zodiacal dos poderes astrais cujas estrelas dizem o segredo do retorno para o lugar seguro das frágeis casas de madeira, dos homens mitos⁵⁵⁹, dos proeiros que enfrentam os raios e o sacudir das

⁵⁵⁹ MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995. (p.101):

“Na tradição grega, a separação entre ratio e mito é muito menos fácil do que parece. Assim, mesmo em Platão e Aristóteles, que podem ser considerados os pais fundadores do racionalismo ocidental, encontra-se uma estreita interpenetração entre estes dois elementos: mito e racionalidade, que deram lugar, em seguida, a tradições intelectuais separadas, até mesmo opostas. Por exemplo: em Platão, o mito da alma, ou, em Aristóteles, o amor que todas as coisas dedicam ao motor imóvel do universo, dão origem a uma filosofia das mais coerentes. O que é certo é que há interação entre esses dois pólos...Kant: O pensamento mítico, sem logos formativo, é cego, enquanto que, sem o mito que vivifica, toda teoria lógica é oca.”

LANDSBERG, Paul-Louis. *O Sentido da Ação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. (p. 47):

“Nossos desejos têm a faculdade de produzir por si mesmos imagens, imagens em movimento, e séries dramáticas de imagens. Assim, o talento poético, que precede o outro mais raro, da forma, é essencialmente um talento do subconsciente que vem da infância. Nos sonhos vemos estas faculdades em ação. Já se disse, com razão, que os mitos dos povos primitivos se assemelham a sonhos coletivos. O esplendor das imagens que nascem no fundo de nossos desejos é um fato acessível à experiência interior de qualquer um...O fenômeno, em princípio, é sempre o mesmo. Encontramos na origem dos mitos. O homem do mito tem como centro de sua vida produtiva este acontecimento, que é a transformação dos desejos em imagens. Sua força está no caráter de certeza inconsciente imanente a este processo.”

águas em ebulição e que acreditam em lobisomem, como uma “criança” que submetida ao encantamento do brilho dos olhos tem medo de bicho-papão.

Na “Rosa dos Ventos” o homem é o mito porque se veste das forças de Ogum que se faz homem nos terreiros e nas pedras do mercado das seculares embarcações movidas pela ação eólica. O homem é homem no mito da existência da hombridade de um homem sem mito, porque só existe enquanto mito que se espelha no mito e adquire hombridade, para elevar-se, superar-se e negar-se posto que depara-se defronte ao seu eterno e profundo espelho de água, onde procura e encontra a si próprio no mito que sabe ler as estrelas do céu, a mandala cartografada por um “Deus”. Mandala reproduzida nos mistérios do caminho que tem que ser decifrado nas saídas sem entradas e nas entradas sem saídas, que só sendo Orixás sabem montar e desmontar o quebra-cabeça do labirinto/modo de vida, e ser etéreo e atemporal no domínio das tempestades e dos séculos que chamam a morte para a mesa de panelas vazias e para uma cozinha de uma porta aberta, num lugar onde as chuvas de granizo tudo quebram no cerne do tempo lento/cíclico, onde a crença no mito/homem se faz homem/mito e permite a existência do medo/coragem.

A tentativa de ter domínio e controle sobre as incertezas que permeiam toda a pescaria é regida pela experiência adquirida via a memória e a prática de reprodução do modo de vida. O pescador trabalha manualmente através de remadas, e no processo de recolhimento do caíco para o seu esconderijo e canto de descanso entre as taquaras que recriam, junto com outras identificações culturais, o zigue-zague registrado nas águas. A coragem da pesca soma-se ao medo que é fruto do confronto desta linguagem comunitária com o mercado competitivo de comercialização de pescado (segundo os Mahatmas não estamos no nirvana).



Foto 113: Os Orixás no Nirvana



Foto 114: Os Orixás no Nirvana

O lugar é esotérico, porque é traço da linguagem a existência dos processos de iniciação que são básicos para a reprodução do modo de vida, no qual as relações de parentesco que são materiais/ideais⁵⁶⁰ só são impostas pelos rituais de passagens que permeiam e são resultados e condições para os códigos de ética, moral e legalidade que se desdobram através das cumplicidades que são possíveis graças relações de parentesco em diálogo com o capital/trabalho-imaginário/simbólico.

Os rituais de iniciação presentes nas pinturas, sacrifícios, jogos e brincadeiras são ímpares no modo de vida do lugar; e como generalização é irresponsável não podemos afirmar que todo o processo cultural esotérico é fruto da ideologia imposta pelo embate capital, trabalho e terra, e ignorar as

⁵⁶⁰ RANGLES, W.G.L., WACHTEL, Nathan e outros. *Para Uma História Antropológica (A Noção de Reciprocidade)*. São Paulo/SP: Martins Fontes, sd. (p.124):

“Já vimos que, para se poder compreender a natureza dos conceitos descritivos, empíricos e abstractos de Polanyi – reciprocidade, redistribuição, troca -, era necessário partir do facto de que este reconheceu que, segundo as sociedades, o parentesco ou a religião funcionavam simultaneamente enquanto relações económicas e enquanto instituições não-económicas.”

GODELIER, Maurice. *Godelier. Coleção Grandes Cientistas Sociais. N. 21*. São Paulo: Ática, 1981. (p.185):

“Quando analisamos o aspecto mais material das realidades sociais, as forças produtivas de que uma sociedade dispõe para agir sobre a natureza que a cerca, constatamos que contêm dois componentes intimamente interligados, uma parte material (os utensílios, o próprio homem...) e uma parte ideal (representações da natureza, regras de fabricação e de uso dos utensílios, etc.).”

RAHNER, Karl. *A Antropologia: Problema Teológico*. São Paulo: Herder, 1968. (p.51):

“Se isto é certo, deve, então, existir uma afinidade intrínseca entre o sujeito conhecedor e o objeto conhecido, pouco importando se o objeto conhecido é ou não algo material. E isto tanto mais quanto sabemos ser o primeiro objeto da inteligência humana algo material.”

relações imaginárias/simbólicas que antecedem a sociedade capitalista, inclusive pela energia vivificadora do sol (Marx,1844), que é natureza orgânica/inorgânica de todos os seres, objetos, criaturas e coisas que permearam a história.

O caminhar penitente da procissão religiosa pertence aos que atingiram a idade madura de serem “sábios” para olharem e verem que os santos, as santas e os orixás nos seus andores possuem poderes que transcendem o mundo material e que através de um pedido fervoroso e de uma penitência rigorosa realizam obras que nós humildes seres materiais não temos condições de produzir.



Foto 115: O Andor da Virgem Maria



Foto 116: O Andor de Ogum



Foto 117: O Andor da Santa Cruz

É nesta contradição cultural do lugar, que ao ter no interior do modo de vida a presença escondida do lobisomem, agora nos apresenta que há seres, criaturas e entidades celestiais que se encontram fora da caverna e absorvida pelo fogo heraclítico que tudo ilumina e pouco revela, já que, só a disciplina rigorosa do penitente, que atrás do andor caminha nas areias do labirinto, é que se pode ter o merecimento da revelação dos poderes do sublime mundo das idéias, habitado pelos seres da iluminação anunciada pela música Dionísia Número 1⁵⁶¹ e por Orfeu e Platão.

No lugar são os velhos pescadores artesanais e as velhas beatas que sabem das orações dotadas de poderosas “palavras”⁵⁶² e, conseguem em diálogo fervoroso com os que passaram para o mundo platônico das verdades absolutas (que são privilégios dos Mahatmas) fazer com que o mito adquira humanidade ao operar obras que transcendem o limitado mundo da matéria na materialidade do modo de vida, que se encontra em diálogo fervoroso com os que passaram para o hemisfério platônico das verdades absolutas. Os

⁵⁶¹ GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.(p. 160):

“No plano do enredo geral, a diferença entre o deus e o homem nunca desaparece: ela se afirma altivamente no início e no fim da peça. Mas, algo de diferente ocorre ao longo da ação trágica, onde todas as diferenças são confundidas e perdidas, inclusive aquela entre a humanidade e a divindade.”

⁵⁶² CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo:Convívio,1975. (p. 99 e 101):

“O que importa, para o presente estudo, é que, para o pensamento mítico, a Palavra é instituidora e constitutiva. A partir da palavra, constitui-se a consciência, enquanto subjetividade, constitui-se o mundo, enquanto objetividade...Os mitos constituem a linguagem primordial das culturas...As culturas divergem porque a Palavra pode falar e ser falada de diversas maneiras, em linguagem e línguas diversas. Não apenas os sons, os símbolos, as flexões e as estruturas mudam. Mudam os sentidos radicais, muda a mundividência e com ela o sentido outorgado do mundo e do homem.”

moradores registram que na verdade transcendente, pura e perfeita do mundo real das idéias platônicas habitam seres, criaturas e entidades iluminadas que estão fora das cavernas dos caícos, botes e chalupas, que como as portas abertas tudo observam e pouco falam para os estranhos no labirinto do lobisomem. É na caminhada penosa atrás do andor que o velho pescador artesanal transfere sua potencialidade sábia (iluminada?), de ler as estrelas e dominar os encontros das águas, para os santos, santas e orixás, ele caminha atrás de si próprio que se espraia no coletivo comunitário dos andores da Santa Cruz, de Nossa Senhora da Saúde, de São João Batista, de Ogum, de Iemanjá e de Nossa Senhora dos Navegantes.

Como “eles ora separam, em suas consciências, as séries cronológicas nas quais se organiza a vida prática dos moradores do tempo mítico presente no mundo platônico das idéias”, e os “parentes” antepassados e seus descendentes vivos passam há existirem na temporalidade do modo de vida do lugar comunitário, lá há um tempo lento/cíclico, porque as festas e os rituais formam através das relações de lealdade/afetividade o elo que liga essas duas percepções do tempo, esses dois níveis de apreensão da realidade. O “tempo linear não predomina na consciência dos moradores; ele está dialogado com uma percepção cíclica dos fenômenos da vida, a uma imagem mítica do mundo”, onde cada festa de santo, ritual de batizado e de primeira comunhão promove a unidade da comunidade⁵⁶³, e trás o diálogo entre o tempo mítico para as séries cronológicas nas quais se organiza a vida prática dos moradores do tempo lento, que se faz tempo lento/cíclico, que se desdobra por meio do Éros (amor) que é a força motriz que impõe, sustenta e procura a auto-superação do ser que é subjetiva e intersubjetiva, é uma aproximação do ser ao plano da divindade.

⁵⁶³ GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990. (p. 347):

“Enquanto os ritos permanecem vivos, sua unidade será mais forte que suas diferenças. No caso dos ritos de passagem, por exemplo, mesmo que a prova iniciática seja reservada a certos indivíduos, toda a comunidade encontra-se implicada; não há rito que não envolva a unanimidade fundadora.”



Foto 118: A Primeira Comunhão

A bacia que comunidades existentes antes do genocídio da América Indígena usavam para o sacrifício de crianças aos Deuses/Deusas hoje são usadas como bacia batismal para Deus, para viabilizar a iniciação do morador nos mistérios da fé no tempo mítico dos mitos do mundo das idéias que tem razão de ser e haver no da matéria, assim sendo, matéria é idéia mesmo quando caminham atrás da idéia personificada no ser etéreo substantificado no santo, na santa e no orixá dos andores que na lógica positivista estão em cima e nós em baixo, isto é, o mundo da idéias e o da matéria encontrados separados num nível hierárquico. São nestes rituais de passagens que simbolizam a “estação” da criança, do jovem, do adulto e do velho, da mesma forma e maneira que as festas dos santos, santas e orixás estão relacionadas a determinadas estações climatológicas do ano e a safra de pescados, onde a elevação de Iemanjá (por simbolizar a energia e a fertilidade da água salgada e ser apresentada como sendo a Rainha do Mar) ocorre na safra do camarão. Os Astecas tinham suas estações climatológicas e de fertilidade do solo, relacionadas aos seus respectivos deuses entendidos

como capazes de viabilizar uma maior ou menor produtividade de bens materiais/idéias; e para tanto faziam sacrifícios aos deuses como os nossos velhos pescadores artesanais e as velhas beatas fazem os seus modos “singulares” de vida penitência aos santos, santas e orixás.

A peculiaridade dos rituais sagrados e religiosos da Igreja Católica Apostólica Romana não viabiliza um encontro objetivo das suas “santidades celestiais” com o mundo dos “pecadores” vivos, e providos de um corpo carnal e não só de espírito etéreo. Nas terreiras é que se pode conversar com os santos do além e estudar o dado cultural de que há um “mundo” dos espíritos só para eles, que são os antepassados que existem enquanto eterno futuro que se realiza no presente, como um relâmpago que corta o firmamento, quando chegou nunca veio, mas vindo na gira da “Roda Viva” da imortalidade da natureza orgânica/inorgânica do homem/natureza.

A comunidade do lugar é esotérica por praticar rituais de iniciação aos “mistérios” do além, da sabedoria, do conhecimento intelectual e técnico e para se proteger dos “espíritos malignos”, manifestados das mais variadas formas, pratica benzeduras de afastamento das “energias negativas”⁵⁶⁴ e de cura de vários tipos de doenças.

Dona Negra, Dona Dodoca e Sr. Candinho os benzedores e curadores do lugar, todos eles curam zipel, cobreiro, sapeiro, olho gordo, encalho, dor de dente, sol, três sol... este processo de cura ou de benzedura inicia-se por uma oração, invocando o socorro dos Deuses moradores do céu.

⁵⁶⁴ ALFREDO, Cibele Campelo. *Etnografia de um Ritual de Cura: Um Estudo de Caso em Tabatinga – RN*. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 1999. (p.39):

“Existem níveis de poder do bem e do mau e que para cada um se vai ter um tratamento diferente e até se for o caso, buscar outra pessoa mais preparada para aquele determinado problema em específico.”



Foto 119: As Curandeiras



Foto 120: O Casal de Curandeiros

Na cura contra o “sol”, colocam um guardanapo na cabeça do enfermo e em cima do pano coloca um copo d'água, coberto com outro pano que é fixado por um cordão. Inicia-se o ritual de cura com o sinal da cruz e depois se faz a seguinte oração:

*“Nossa senhora chorou, chorou
Bastante sol apanhou
Seu filho encontrou e disse
Com que ia curar
Com guardanapinho de ouro
Um copo de água fria
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém.”* ⁵⁶⁵

A curandeira sabe que o paciente foi curado do “sol” quando a água ferve dentro do copo. Na cura do “três sol” procuram um nó na madeira da parede e a curandeira fica de um lado da parede e o paciente do outro. Ela vê o olho doente pelo buraco da parede e fazendo o sinal da cruz no buraco, diz:

*“Nunca vi um três sol verde
No buraco da parede
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém.”* ⁵⁶⁶

A benzedeira, na cura de “zipel” assume a postura da Virgem Maria, e trava o seguinte diálogo com o paciente:

*“O que tu visses lá?
Vi muito zipele e zipelão,
Assim eu te benzo com*

⁵⁶⁵ Dona Dodoca

⁵⁶⁶ Dona Dodoca

*Uma pena de galinha viva
E azeite doce,
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém.”*⁵⁶⁷

Na cura da dor de dente, o processo inicia-se com um galho de arruda e um sinal da cruz.

*“Nossa Senhora vinha de muito longe
O que é que tu encontraste lá,
Encontrei meu filho com a mão no rosto
Que sentes meu filho?
É dor de dente, é nevralgia, é sangue coalhado
Então assim eu te benzo
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém.”*⁵⁶⁸

Na cura do “cobreiro” utilizam uma faca cega e fazem a seguinte benzedura:

*“Cobra, cobraão, aranha,
Aranhão, sapo, sapão,
E bicho de toda a nação,
Corto o rabo, o meio e
A cabeça e o coração
Esmirado sejas tu como um carvão”*⁵⁶⁹.

⁵⁶⁷ Dona Dodoca

⁵⁶⁸ Dona Dodoca

⁵⁶⁹ Dona Dodoca

O curandeiro nove vezes faz o sinal da cruz e repete o pensamento, mas, não faz nenhuma oração aos seres astrais e passa o registro de que é detentor dos louvados poderes divinos dos santos, santas e orixás, que neste ritual de cura a faca é uma releitura mitológica da espada do guerreiro Ogum. É o soldado que mata um animal o qual tem similitudes com uma serpente ou cobra. O curandeiro espelha-se no mito para matar o cobreiro e ao espelhar-se assume o papel da entidade dos terreiros.

Na cura contra o “mal olhado”, são utilizadas folhas de arruda, denunciando as potencialidades “milagrosas” das plantas representativas do jardim habitado por seres sobrenaturais, entre eles o lobisomem metamorfoseado na embarcação. Neste processo milagroso, de interferência imediata de energias transcendentais de ordem celestial, a curandeira utilizando três folhas de arruda e rezando várias Ave-Marias inicia o ritual de cura:

*“... Em nome de Deus e da Virgem Maria
Eu te benzo,
Eu te tiro o quebrante, o mal olhado
Todo mal que tiver em teu corpo,
Que seja retirado em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém”*⁵⁷⁰.

Na melhora da “torcida no pescoço” ou do mau jeito no corpo, utiliza-se uma agulha, um paninho (que jamais pode ser preto. Lembra-se do preto do inferno?) e uma linha e uma agulha (que não pode ser preta).

*“Te benzo de carne quebrada
Osso rendido, nervo torcido
Assim mesmo é que tô te benzendo
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Amém”*⁵⁷¹.

⁵⁷⁰ Dona Dodoca

⁵⁷¹ Dona Dodoca



Foto 121: A Cura do Pescoço

No lugar benze-se redes de pesca, botes, animais (vaca, cachorro...). Uma “preta” da Ilha de Torotama ensinou a curar de dor de dente no período anterior a 1953, este dado é significativo, porque de alguma forma nos remete à influência da cultura negra na cultura branca portuguesa.

Na Marambaia Dona Negra é a senhora Albertina de Pinho Marques que tem 86 anos, analfabeta e nascida no lugar. O processo de medo da influência das energias maléficas nos parece que pode ter sua gênese na cultura afro-brasileira, por que não dizer africana, que originou no Brasil a religiosidade da Quimbanda, do Candomblé e da Umbanda⁵⁷². Tais religiões mesmo trabalhando com o “mundo dos espíritos”, são de características culturais diferentes da doutrina kardecista, que tem como uma de suas possíveis gêneses a França⁵⁷³.

As carrancas utilizadas nos mais diversos tipos de cultura e embarcações, para expulsar os maus espíritos, afastar as entidades malignas e provocar medo e espanto nos seres (criaturas e monstros) infernais oriundos das profundezas dos oceanos, mares e das terras submersas, ainda existem relidos no lugar. O begue é fundamental para a existência e identificação das embarcações. Os carpinteiros, patrões e proeiros dizem e de forma intransigente que é impossível se conceber um bote sem possuir um begue. Ele é elemento básico para a concepção e posterior materialização da noção cultural de barco no lugar, porque segundo os patrões, proeiros e carpinteiros, o bote destituído do begue seria uma obra aleijada, deformada, inacabada... e que não serviria para identificar o que seria um bote.

⁵⁷² ORPHANAKE, J. Edson. *Conheça a Umbanda*. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994.

FARELLI, Maria Helena. *Os rituais secretos da magia negra e do Candomblé*. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1984. – (Coleção Além da Imaginação, 5).

BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos pretos-velhos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

CARVALHO, José Jorge de. *Cantos sagrados do Xangô do Recife*. Brasília: Fundação Cultural Palmares. 1993.

⁵⁷³ DENIS, Leon. *Socialismo e Espiritismo*. 2.ed. Matão / SP: O Clarim, 1987.



Foto 122: O Begue



Foto 123: O Begue

Os pescadores artesanais afirmam que o begue serve para amarrar o bote para mostrar o rumo a ser tomado, sua falta begue deixa o caíco descaracterizado e pode provocar graves danos na estrutura da embarcação. A segurança no fundeamento e na decisão da direção a ser tomada é muito em função da existência do begue, porque ele evita o desastre, o naufrágio e afasta o mal. Na Marambaia temos a releitura das carrancas apresentadoras do “Deus Netuno”. Não sabemos dizer qual o Deus, ou Deusa, que o begue simboliza na visita à sua existência.

Na cozinha, no quarto, na sala, no galpão e entre outros, encontramos a presença de Deuses e Deusas com a função de protegê-los e defendê-los do mal, Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, Jesus, Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus, Moisés, Ogum, São Jorge e demais “santos” são visualizáveis nos diversos recintos “fechados” da comunidade.

Eles suplicam, adoram e elevam os simbolizados do “hemisfério das idéias” (o nível da perfeição registrado por Platão), mas, como fruto da memória comunitária temos que os espíritos de grande beatitude são, através do imaginário objetivado no traço cultural, dissolvidos na singularidade do lugar, cujo conteúdo é o processo de contradição entre matéria/idéia, e que entre outros fatores sociais surge como resultado e condição do embate capital/trabalho registrado no tempo lento/cíclico do traço cultural que só há, e é, como conceito geográfico lugar.

Os santos, as santas e os orixás são representantes da Igreja Católica e da religiosidade afro-brasileira presente nos degraus e nas pedras do cais das docas e no interior das simples e humildes casas onde os moradores veneram Iemanjá e Ogum, mas têm medo dos “feitiços” da beira do cais, temem nas pedras das docas o que sacralizam na comunidade suplicante por dias com peixes nas “malhas da pobreza”⁵⁷⁴.

⁵⁷⁴ KRAEMER, Marília de Carvalho. *Malhas da pobreza. Exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Paulo: PUCSP, 1978.*

A questão apresenta-se como quem sente a necessidade de ter respostas para as várias questões que são do próprio modo de vida que é reproduzido como identidade das diferenças históricas. O pescador procura solução, atenção, alento e certeza (não incerteza) nas criaturas, seres e entidades “astrais”, independentemente da sua genealogia sacro-religiosa. A presença de Ogum e Iemanjá, acrescidas do labirinto de taquaras e do esconderijo dos botes, sinaliza que na comunidade há uma memória oriunda dos “negros” do quilombo e que encontramos muito presente nos proeiros e padrões descendentes de portugueses, o guerreiro “Negro Lucas”, imortalizou-se na presença do guerreiro Ogum (São Jorge Guerreiro), assinado nestes pescadores artesanais que existem e resistem aos ventos de linsã e aos ataques e saques dos atravessadores das velhas pedras do cais.

Iemanjá é a mãe negra que se banhava e lavava roupa nas águas da praia, a preta velha transmutou-se na Iemanjá, presente nas salas, nos quartos e na velha curandeira que persistentemente faz rápidos milagres com alecrim, espada de São Jorge, arruda e panos bordados ao estilo do Brasil Colônia, Escravocrata, Capitalista e que continua a recriar a acumulação “primitiva”, do lugar e suas similitudes habitadas por curandeiras, curandeiros e barcos a pano e orixás (Eri Yéyé ó !!!).

Todos os moradores do lugar possuem como verdadeira a interpretação que existe espírito maligno e praticam benzeduras contra olho-gordo, feitiçarias e outras maldades. Eles não gostam e não querem contato com as “feitiçarias” encontradas nas pedras do cais, pois, acreditam que são feitas por macumbeiras e objetivam o mal das pessoas, é por este motivo que todos os moradores do lugar as evitam.

Os pescadores partem do pressuposto que são macumbas, trabalhos e feitiçarias relacionadas com os espíritos malignos e com o próprio diabo do inferno, as tigelas nos levam aos seres, criaturas e entidades infernais como Exu e Pomba-Gira, mas, por desconhecerem as “oferendas” para os santos, Orixás de Umbanda, de Candomblé e de Quimbanda, não percebem que os santos, que adoram no interior de suas casas e na Igreja, estão presentes nas oferendas e nos terreiros onde fazem as “macumbas” do cais do mercado do peixe.

Citamos Ogum e Iemanjá que são levados em procissão objetivando a louvação, o pedido e a negociação entre os homens daqui da terra com os santos e santas do além, inclusive o próprio Deus. Salientamos que, da mesma forma realizam procissões para Nossa Senhora dos Navegantes e para a Santa Cruz, já que este ritual não só simboliza que “andamos” com eles, mas que seguimos seus passos ou, pelo menos, tentamos acompanhá-los numa vida de oração e vigília. Só que, no caso dos Orixás dos terreiros, os moradores do lugar não só fazem suas procissões de adoração, louvação, súplica, renovação e gratidão, como conversam com eles na gira (no “espiral/trança”) da Umbanda, da Quimbanda e do Candomblé. Há um contato ao vivo e em cores com as entidades sobrenaturais, astrais e do além que se manifestam e expressam-se sob o telhado das terreiras onde incorporam os seus antepassados enquanto orixás detentores de “saberes” que dominam e controlam o mundo dos vivos/mortos, da matéria/idéia e da sociedade/natureza. São eles, que sendo os outros, que dominam e controlam, sem dominarem ou controlarem algo, alguém ou alguma outra criatura, ser, objeto, sujeito, entidade ou coisa humanizada/homem coisificado.

Os pescadores artesanais para se protegerem dos espíritos malignos, do olho gordo e das demais maldades, que permeiam o modo de vida de toda a comunidade, se valem das benzeduras contra os feiticeiros da praia e utilizam o begue nos barcos, realizando uma releitura das carrancas das antigas embarcações, possuem a função de expulsarem os espíritos ruins, as energias negativas e assustarem os monstros que habitam as profundezas das águas. O begue ter um caráter estético e funcional para o bote, teve esta característica simbólica da crença na existência das forças e potencialidades sobrenaturais do “mundo” das entidades infernais.

A comunidade depois de conversar com os orixás nas terreiras, nas praias, de suplicar aos santos nas procissões sagradas é obrigada a praticar benzeduras e utilizar o begue contra os males, pois é sabido por todos os moradores que há o inferno e suas criaturas assombradas.



Foto 124: A Conversa com o Santo

Os altares, os andores e as procissões, como quem caminha no labirinto a procura de saídas (respostas), se fazem presentes no dia de confraternização e elevação celestial de “São Jorge”, que caça o dragão, ele é um pescador de almas que procura segurança nos begues que trazem consigo a noção do mal que tanto querem evitar.

Os begues servem para proteger os frágeis caícos dos seres sobrenaturais do estuário, ele afasta o mal, o dragão do mar que via a procissão de ogum fazem os guerreiros caçadores de dragões se confraternizarem, isto é, os pescadores se encontram com o mito. Os mitos se encontram porque um é o espelho do outro, no interior do contraditório e móvel fogo heraclítico que não é infernal (Será?). O medo do desconhecido tem como origem o próprio desconhecido. O ser humano tem medo do que não conhece, inclusive de si próprio, dado que o medo e a coragem antecedem a origem da propriedade, do Estado e da família.

No lugar evidenciamos a recriação de uma técnica tradicional presente na construção manual dos botes e de seus begues. Esta realidade é multiplicada quando unida às frágeis casas de madeira, à proteção realizada pelas taquaras e por outras incertezas materializadas no específico traço cultural, constatamos que o pescador artesanal redesenha de forma cartográfica o labirinto da praia e o zigue-zague na laguna dos “monstros infernais”.

O que entre outras linguagens comunitárias, nos representa as incertezas e a necessidade metodológica da categoria contradição em processo, é a relação dos “opostos” na existência das tempestades enquanto natureza interior/exterior ao pescador e a criação dos begues (Okò) atrelada ao medo das feitiçarias nas velhas pedras do cais. Assim, o que tanto amo é o que mais odeio; muito limpei que quebrei; constantemente guardei que mofou; cuidadosamente acondicionei que por fim rasguei,...

A Igreja da Santa Cruz é aberta para a realização de missa, batizado, primeira comunhão, crisma, casamento e missa de sétimo dia de falecimento. Na Marambaia não mora nenhum padre, o mesmo reside no Continente e mensalmente comparece no lugar. O templo religioso foi construído pelos pescadores artesanais e no ano de 1935 foi realizada a primeira missa católica apostólica romana, caracterizando-a como sendo um templo para missas, rituais de iniciação e confirmação de compromissos religiosos e sociais. Mesmo sendo católica, e na comunidade não haver nenhum terreiro de candomblé, de quimbanda ou de umbanda, não significa que os moradores não tenham seus orixás, representados e adorados no altar da Igreja, que é construído para a expressão e manifestação religiosa da comunidade

pesqueira, que entende que é um recinto sagrado por um único Deus e por todos moradores do lugar. Se Deus sagra e nós ratificamos dividimos as responsabilidades pelas perguntas primeiras de ordem gnoseológicas, ontológicas, axiológicas, éticas, culturais, estéticas e metafísicas (o importante é a pergunta/resposta), ao tempo que ele é, e há, lá no mundo celestial das idéias perfeitas nós aqui embaixo, no mundo das sombras, temos o poder de tornar sagrado o que o hemisfério da beatitude sagrada, assim sendo, o céu e o inferno aqui estão, sem nunca terem estados ou havidos. Eu sou Deus quando esqueço de mim e quando de mim lembro sou Deus, sou Ogum e Ogum sou eu. No terreiro o mundo da luz encontra-se junto do da escuridão e que nas casas os Santos e Santas estão próximos ao teto, que por sua vez, é bem ao nível do humilde chão (falaram que “o chão arranha o céu”).

Na comunidade composta por famílias só temos três casas em que os moradores são protestantes, isto significa que no lugar há um cumprimento das tradições culturais religiosas deixadas pelos seus primeiros moradores portugueses. No interior deste compromisso religioso temos respeito aos dias de louvação e adoração aos santos e os rituais sagrados da Igreja Católica: “No dia 24 de dezembro só comemos peixe. Tem aquele ditado: o galo cantou à meia noite. Só comida que não tenha carne”.⁵⁷⁵

A comunidade fez missa e festa de comemoração para os mais conhecidos santos da Igreja Católica, sendo destacadas as festas juninas nas quais ascendem fogueiras, realizam baile, fazem comidas juninas e se vestem de caipira. Mas, é a festa da padroeira “Santa Cruz” é a principal das confraternizações religiosas católicas da Igreja, em cujo calendário consta uma missa no último sábado de cada mês, já que no lugar não há padre e o mesmo vem da Vila da Quinta, que pertence à arquidiocese e ao município do Rio Grande.

Nas missas dos últimos sábados as mulheres que já fizeram ritual de iniciação da primeira comunhão com o Mundo Iluminado Platônico (religação, diálogo da sombra com a luz), continuam indo para a igreja com um véu sobre a cabeça (mantilha) e mantendo uma tradição do cristianismo que antecede a chegada dos invasores europeus no litoral americano. O véu é confeccionado

⁵⁷⁵ *Isolina*

com filó e margeado com renda nas bordas e a cobertura do rosto e da cabeça é uma releitura das senhoras do Oriente Médio onde nasceu e viveu o filósofo Jesus.

“Elas usavam um véu quando iam para a missa. Só as mulheres que fizeram a primeira comunhão. Hoje elas continuam com o véu. Independente da idade, calça comprida, blusa e véu. Véu é feito de filó, colocam uma renda em casa.”

576

Na comunidade há o batizado na Igreja Católica que consiste num ritual religioso de iniciação dos homens nos mistérios sagrados do cristianismo católico, como o grande mistério da Santíssima Trindade. O batizado, além de ser um registro cultural de um processo de iniciação à prática e à doutrina católica sinaliza que os moradores acreditam numa intermediação entre os homens e a Santíssima Trindade que reina no céu.

Eles possuem a crença nos Orixás afro-brasileiros que estão no mundo das idéias, no qual encontramos os santos, as santas e a Trindade do cristianismo apostólico romano. Assim, é no mundo dos espíritos que existe o ideal substantificado nos mitos que permeiam tanto o catolicismo como a Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda. O batizado, de acordo com os ditames da religião católica, deve ser renovado através do ritual simbólico da Crisma, e viabilizam que o homem esteja constantemente religado com a vigilância, piedade e bondade dos poderes astrais das santidades do além.

O processo religioso de religamento consiste na possibilidade de que exista uma ligação astral anterior ao nascimento e posterior à morte do ser humano e, daí, poderemos investigar a relação da ressurreição no catolicismo com a imortalidade da alma no mundo dos espíritos, no qual encontramos os orixás, que nos lembram que os Astecas possuíam seus deuses da fartura como a Índia tem seus deuses para diversas peculiaridades dos momentos significativos dos modos de vida das castas, assim, como a Igreja Católica Apostólica Romana tem a Nossa Senhora da Saúde, o mito se

faz, e é, história porque a hombridade da razão é um mito devido o surgimento do pensamento racional trazer no seu cerne a necessidade de seu extremo oposto para se justificar enquanto razão. Eu preciso do preto para ter o branco!

O batizado, a primeira comunhão e a crisma são rituais de iniciação ao processo de purificação, regeneração e aproximação do ser humano imperfeito a perfeição do mundo das idéias, dos santos, das santas e de um Deus.

A caminhada da purificação da alma inicia-se com o batizado onde a água lava as mazelas do mundo carnal, banhar-se é limpar-se no sentido mais vertical do conceito na ciência simbólica. Somando-se à realização do ritual de lavagem da alma através do corpo, temos a primeira comunhão, caracterizada pelo fato do morador simbolicamente receber o corpo e o sangue da entidade mitológica localizada no mais elevado nível espiritual. Este posicionamento católico romano confronta-se com o pensamento ocidental, de Orfeu, Pitágoras e Platão e muito mais recentemente da doutrina abalizada no pensamento da doutrina Kardecista de origem francesa, desprovida dos orixás do Negro Lucas intrínseco em todos os negros e influenciados pela linguagem africana. A única similitude entre Kardecismo, Umbanda, Quinbanda, Candomblé e Orfismo é a reza que existe um espiral da vida que não tem início e nem fim, que nos remete a objetividade/subjetividade do labirinto do lugar. Destacamos que a lei cármica, prega que sendo apresentado só enquanto ser iluminado, cujo conteúdo é só puro e simples amor, em relação a tudo e a todos, ainda não chegou no final do espiral da vida, que como um labirinto tem entradas cujas saídas são conhecidas pelos detentores de laços de cumplicidade.

Platão⁵⁷⁷ diz que nós somos o astro mais distante da terra. Assim, o universo da natureza orgânica/inorgânica pensada por Marx⁵⁷⁸ é incomensurável, já que, somos natureza vivificadora do sol e como tais somos seres de um sistema solar que é natureza vivificadora de outros registros sociais do interminável firmamento. O “mundo da objetivação” é imbricado com o “mundo da subjetivação” porque a matéria é intrínseca à idéia. Memória, imaginário e trabalho são umas das muitas questões, para se tentar um breve ensaio sobre a profunda complexidade, que é ser um animal humano, terrestre e pensante. Se o nada tem haver com nada (o tudo é o

⁵⁷⁷ GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. (p. 95):

“As Formas, em relação ao universo visível, são radicalmente transcendentais. O Fedro as situa no lugar supraceleste, o que vale dizer que renuncia à localizá-las. Em troca, as almas, desde seu nascimento, são situadas, cada uma, num astro; este constitui seu lugar natural e permanece para cada uma delas a pátria longínqua a que retornarão, com a condição de passarem sua vida na justiça e na filosofia.”

⁵⁷⁸ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos – filosófico e outros textos escolhidos*. (Coleção Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 169):

“A essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas assim existe para ele como vínculo com o homem, como modo de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência humano. Só então se converte para ele seu modo de existência natural em seu modo de existência humano, e a natureza para ele o homem.”

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos – filosófico e outros textos escolhidos*. (Coleção Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1991. (p. 200-201):

“O sol é objeto da planta, um objeto indispensável e assegurado de sua vida, assim como a planta é objeto do sol, enquanto exteriorização da força vivificadora do sol, de sua força essencial e objetiva.

Um ser que não tem a sua natureza fora de si não é um ser natural, não faz parte da essência da natureza.”

nada), somente o princípio embrionário da noção de contradição em eterno processo é que, poderá trazer as inquietações geográficas para o debate. A ciência Geografia não queira ser apresentada como sendo a convidada de última hora e venha fazer parte do debate colocado pelas várias investigações filosóficas, da mesma forma como as ciências sociais num passado recente levaram à vanguarda filosófica.

Na Sociedade e Clube Santa Cruz são realizados os bailes das festividades religiosas e os carnavalescos que registram “simbolicamente” a alegria de viver (o maior medo é o da morte), mas nos bailes os moradores não usam roupas típicas da colonização portuguesa e nem se fantasiam durante o período de Momo. O baile é acompanhado de uma discoteca da própria comunidade e pode ser contratado um conjunto musical da cidade que se desloca de balsa para a Ilha com o propósito de tocar na festa da Marambaia. E com os recursos monetários, advindos dos bailes e dos bingos, que a Sociedade e Clube Santa Cruz realiza a manutenção e conservação das instalações físicas do seu prédio e a sua abertura, para as festividades que viabilizam a aquisição de recursos financeiros para a tesouraria da sociedade comunitária. No interior do prédio da sociedade são realizados rituais de caráter sacro-religioso e, entre eles, a primeira comunhão, de crianças e adolescentes que assume papel de destaque no calendário do Clube.

O casamento, enquanto ritual de passagem para a fonte de novas posturas morais, éticas e de cumplicidades de ordens subjetivas/objetivas do núcleo familiar dos vínculos de parentesco, é realizado no interior da Igreja da Santa Cruz quando a mulher não é virgem. As “impuras”, isto é, desvirginadas, viúvas, ajuntadas ou amancebadas são submetidas a um “duvidoso” casamento realizado depois da missa sem assistência da comunidade praieira.

As virgens casam-se na cidade porque enquanto semelhança da “virgem Maria” são destituídas do pecado original dos homens que vivem nas sombras e merecedoras de altares apoteóticos como os das santas que habitam os níveis elevados do firmamento celestial segundo os filósofos da transcendência do mundo material, mesmo quando encontramos entre eles grandes apresentadores do método dialético. Kierkegaard, contrariando a

interpretação católica de que o homem não é virginal e de que a moça é pura, mas sedutora e viabilizadora da manifestação do pecado masculino, acrescenta que se a mulher é quem seduz não significa que seja mais pecadora do que o homem, porque a grandeza da angústia prenuncia o grau de perfeição de ambos, ligado ao dado histórico de que o nível “carnal” da sensualidade encontra-se relacionado ao nível “angustiante” da perfeição/imperfeição que nos abrirá, ou nos fechará, o raio de ação necessário para nos sentirmos mais libertos da angustia.⁵⁷⁹

A Igreja de Santa Cruz é pequena, simples e humilde, boa o suficiente para as mulheres que estão muito longe de serem merecedoras dos elevados e iluminados altares das igrejas da cidade que são arquitetonicamente ricos exemplares da história da arquitetura, da engenharia e da arte, em comparação à “igrejinha” do lugar. Entre essas igrejas da cidade encontramos a presença do estilo arquitetônico barroco e neogótico.

As donzelas são trazidas de caícos para o Continente, onde são vestidas e arrumadas na casa de alguém conhecido. O privilégio de ajoelhar-se diante dos imponentes e celestiais altares centrais das igrejas da cidade, é privativo das puras. As impuras ficam com o altar baixo, estreito e sem profundidade, construído na pequena Igreja da Santa Cruz, que nas missas do lugar prega a existência de uma “natureza” virginal e celestial ainda não violentada pelo homem pecador que trabalha para purificar-se e sacrificar-se para ter direito a boa vontade dos santos, das santas e de um Deus.

Os pescadores artesanais entendem que o modo de vida datado de todas as suas variáveis culturais, entre elas o namoro, é fruto da “natureza”. Os pescadores artesanais colocam que a natureza seria a história do mundo e do homem, isto é, a evolução do planeta terra e da espécie animal humana como acontecimentos responsáveis pelo traço cultural do lugar:

⁵⁷⁹ KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. [Trad. João Lopes Alves] 2.ed. Divulgação e Ensaio, s/d. (p. 98).

*"Acho importante o período do namoro. Não sei. Acho que é coisa da natureza. Se conhecer melhor, adquirir confiança. Coisa do princípio do mundo. Da idade. Adolescência."*⁵⁸⁰

Os pescadores, quando estão reunidos na mercearia, jogando bocha ou bilhar, não fazem muito comentário sobre a iniciação afetiva e sexual dos rapazes. Eles levam para a sintonia da brincadeira. Logo voltam a conversar sobre as pescarias, o conserto em embarcações, problemas de saúde entre os companheiros e jogam conversa fora. O ponto interessante é que a questão do namoro encontra-se relacionada ao desdobrar-se do modo de vida na cozinha da casa. A cozinha é o recinto onde os parentes e os amigos conversam, entram e saem a qualquer hora do dia ou da noite. A porta demonstra o aprofundamento das relações de linhagem, e o namoro sinaliza a hereditariedade da linhagem, a existência e a resistência do lugar substantificando o peculiar modo de vida.

A explicação nos direciona para o conteúdo etnológico do conceito cultura, já que nos remete à linguagem utilizada pela comunidade praieira desde à sua gênese, enquanto uma particularidade social da contraditória evolução da sociedade representada pela categoria máxima do pensamento de Marx. O lugar é um momento histórico ímpar da reprodução comunitária do ser humano enquanto natureza, cuja natureza exteriorizada é a interiorização profunda do ser em si próprio. Somos natureza e assim sendo a categoria máxima "modo de produção", é socialmente natural, ratifico, "coisa do princípio do mundo". Este diálogo vai promover a fechadura da tramela que tudo fecha e nada abre, isto é, as tramelas promovem a sacralização das coisas, seres e objetos. As portas abertas nos remetem ao seu extremo oposto, o íntimo, privado e sagrado através das relações de parentesco que se expressam no ato de "melhor conhecer, conhecer melhor e adquirir confiança", isto é, cumplicidade no modo de vida no labirinto.

O velho pescador Quinota é do período de 1940 em que os jovens pescadores artesanais usavam chapéu, e alguns bengala. Na casa os

⁵⁸⁰ Isolina

homens se banhavam de perfumes, colocavam talco e o sabonete para tomar banho na laguna era básico no ritual de preparação para conquistar o “coração” de alguma moça do lugar. Hoje os pescadores só não usam chapéu e bengala, mas o ritual de aprontamento para os olhos das moças continua sendo o mesmo, dia de festa, missa, domingo e feriado o rapaz tira a barba para completar o processo secular de anunciar que naquele dia não é para se confrontar com as imprevisões do mar, mas sim, ir enfrentar as imprevistas reações das moças. Tudo já foi tramado pelas velhas bordadeiras que se transmutaram para as donas Isolinas, Alices, Dodocas,... Elas não fazem os bordados de ponto de cruz na tela e nem a pintura de agulha em sacos, mas, como as outras, continuam bordando as tramas dos namoros que irão terminar levantando mais uma ponta aberta com tramela, em uma cozinha onde há de tudo para todos que são das relações de parentesco.

O fato de a comunidade ter mais homens solteiros do que moça é porque nasceu mais meninos e as solteiras preferirem casar com rapazes da cidade e acrescentando-se o dado social das moças de Rio Grande, não querem constituir família com os solteiros do lugar, com rara exceção. A idade dos varões solteiros é entre os 25 e 30 anos e das moças é entre os 15 e 20 anos, mas elas estão namorando homem da cidade, enquanto eles continuam sem namoradas.

O casamento “simbolicamente” é um ritual de iniciação da comunhão da energia masculina (ex.: o fogo) com a feminina (ex.: a água) na reprodução da espécie humana, da comunidade do lugar e da própria terra, já que tudo há, e é, através da relação dos contrários.

Os homens solteiros do lugar se queixam do fato de haver muitos deles na comunidade, enquanto há poucas mulheres solteiras disponíveis para casamento. São cerca de vinte rapazes solteiros que acreditam não existir muita possibilidade de se casarem, já que não mantêm contatos com as moças da cidade e por ter varões que não saem da Marambaia, que continuam procurando namorar as mulheres da comunidade. O casamento de moças com rapazes da cidade e sua mudança para lá, resultando na constituição de família fora da praia, e o nascimento de mais meninos fez com que falem moças para os pescadores artesanais solteiros.

Na continuação da investigação sobre a relação dos contrários, no modo de vida do lugar, encontramos o velório como sendo um ritual de utilização do corpo⁵⁸¹ visando a preparação do “ser” histórico (ex.: Vamos para o velório do seu Quinota! Foram velar o Quinota⁵⁸²) para um “mundo” onde vivem as almas ou os espíritos das pessoas falecidas. Os pescadores entendem que de acordo com o merecimento do indivíduo ele irá para o purgatório, para o céu ou para o inferno (ex.: Eu quero que ele vá para o inferno!)⁵⁸³.

O velório é realizado nas capelas do cemitério da cidade é um ritual sacro-religioso e filosófico de reconhecimento, intenção, intuição, agradecimento e louvação do morto e de entrega do mesmo às entidades, seres, criaturas, espíritos e santos do “mundo” depois da morte. Lá, o falecido deverá chegar limpo, bem vestido, coberto de flores e purificado pelas orações e intenções dos seus parentes e amigos aqui da comunidade; que contrariando outras linguagens sociais não questiona o fato do corpo do morador ser sepultado fora do seu lugar de origem.⁵⁸⁴

⁵⁸¹CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (p.82):

“A experiência que as pessoas têm do mundo repousa sobre seus corpos e sobre a maneira como elas o concebem e utilizam.”

⁵⁸² Lindo

⁵⁸³MARTINS, José de Souza. *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1983.

SILVA, Jarileide Cipriano. *Morte e Sociedade: como as Culturas Simbolizam o Morrer*. Natal/RN:Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 1999. (p.30):

“A Obsessão do homem por sua sobrevivência em detrimento de sua vida, revela no homem/ nele mesmo a preocupação lancinante de salvar sua individualidade além morte.”

⁵⁸⁴ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da EditoraUNESP, 1999 – (Prismas). (p.216).

O enterro do caixão com o defunto simboliza o retorno do homem à sua origem, isto é, veio do barro e retorna ao mesmo, que sendo barro é passível de fertilização. Mas, o fato do corpo ser colocado em uma gaveta não retira, por inteiro, o simbolismo – pois a gaveta é sustentada sobre a terra e o cadáver não é cremado. O enterro é a entrega do homem a “mãe terra” e a volta para a fertilidade do mundo das idéias representada pela fertilidade da natureza da terra, na qual dizem que tudo que é matéria/idéia que plantamos nasce de acordo com os ditames do histórico modo de vida que é um modo de morte, posto que toda negação é afirmação, o lugar tem uma particularidade no trato social com o “mundo dos mortos/vivos.” ⁵⁸⁵

Os moradores do lugar entendem que o cemitério católico da cidade, onde “enterram” seus mortos, é um lugar sagrado por conter mistérios do além que não conhecem e tem medo, porque acreditam na existência de assombrações, fantasmas, almas, espíritos e lobisomens. Nesse contexto o sagrado é oriundo do medo que gera o respeito para com os seres sobrenaturais e devido haver uma crença em um Deus, em santos e santas que protegem e socorrem os vivos e os mortos. Os santos, as santas, Deus, as almas e demais entidades sobrenaturais visitam e reinam na atmosfera misteriosa do cemitério margeado por trabalhos de Quimbanda, de Candomblé e de Umbanda. ⁵⁸⁶

⁵⁸⁵MELO, Maria do Socorro Nascimento. *Ritos e Rituais Fúnebres: Memória e Tradição na Cidade do Natal*. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 2000. (p.27):

“Nesse momemto, o desdobramento das cerimônias fúnebres, dependerá unicamente da cultura, na qual estão inseridos, o falecido e seus familiares. Cada cultura tem sua forma própria de velar seus mortos.”

⁵⁸⁶FERREIRA, José Edson da Silva. *Súplicas no Silêncio. O Ritual do Sacrifício de Animais nos Terreiros de Umbanda de Areia Branca – RN*. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 2001.

“ O animal é levado para a mãe de santo sacrificá-lo. Ela bate três vezes com o obé na borda do alguidar como se estivesse alertando o Exu para vir receber a oferenda.”

A sagralização do cemitério ocorre devido que ele é fonte de afloramento da memória comunitária recriando os laços de afetividade e de emoção dos moradores e possui em si mesmo uma noção de obrigação⁵⁸⁷, devoção e temor porque o medo, entre outros fatores culturais, gera o respeito (Maquiavel: é melhor ser temido do que ser amado!).

A morte que existe para o pensamento católico-ocidental, é apresentada como o aniquilamento da potencialidade corporal física e pensante do ser humano, os adeptos ou influenciados por peculiares filosofias da cultura religiosa indiana acreditam na imortalidade da alma, e este dado histórico permite refletir na possibilidade da “Torre de Babel”, representada pela nação indiana situada entre o Japão e a Europa, sirva de ligação entre o pensamento dos filósofos do oriente com os do ocidente.

A questão da gênese do pensamento do orfismo talvez tenha como um dos caminhos acadêmicos um diálogo com a filosofia do oriente médio e do extremo oriente. O debate irá influenciar as bases filosóficas da geografia brasileira, que tem grande legitimidade na América Anglo-saxônica e na Europa.

*“As ciências sociais, ao encamparem toda uma série de questões que eram, até então, privilégio de uma reflexão de ordem filosófica, levam à vanguarda filosófica, sob a bandeira do estruturalismo, a deflagrar com êxito a contra-ofensiva. A disciplina filosófica, aberta, renovada, respaldada por seu público crescente, sai revigorada do duelo e beneficia-se de um forte aumento do seu pessoal docente.”*⁵⁸⁸

⁵⁸⁷ ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião (Uma Abordagem Geográfica)*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. (P. 63).

⁵⁸⁸ DOSSE, François. *História do estruturalismo. 1. O campo do signo, 1945-1966*. São Paulo: Ensaio; Campinas, 1993. (p. 423).

Nos parece que existe um propósito pré-conceituoso ou inviabilizado, por questões sociais das mais variadas espécies, que não permite uma visita aos filósofos localizados depois dos Montes Urais e aos que procuram a vida nos frios túmulos capsulados dos cemitérios, já que, se toda afirmação trás consigo uma negação a morte é vida.

Na praia não existe cemitério, devido o afloramento das águas subterrâneas e na Marambaia, o cemitério contaminaria os poços d'água o que impediria a permanência dos pescadores, por isso são obrigados a realizarem os enterros no cemitério católico e judeu da cidade.

Quando ocorre um falecimento, o corpo desprovido de um caixão fúnebre é trazido de caíco, bote ou chalupa para as velhas pedras das Docas, são as pedras das feitiçarias que os remetem ao “hemisfério sobrenatural” ou ao mundo das idéias e das reminiscências estudado por Platão. O medo visto durante a “vida” é revisto na sua “despedida”, e eles durante todas as vindas às Docas, evitam lançarem a fateixa perto das pedras providas de feitiços para não absorverem as energias do mundo umbralino regido pelo mal, que é culturalmente personificado no diabo, nas assombrações e nos lobisomens, que estão na dimensão espiritual de seus antepassados expressos e manifestados nos terreiros de Umbanda, Quimbanda e Candomblé. Estes antepassados são os próprios orixás⁵⁸⁹ vindos do mundo da luz que trazem o mundo da escuridão dos Exus, o inferno ou o umbral⁵⁹⁰ que no terreiro encontra-se junto do quadro do céu. Tal simbolismo é um grande debate uterino as angústias de Platão, que levou Marx a refletir sobre a natureza orgânica/inorgânica do homem e do social/natural. É a contradição móvel rezada por Heráclito, apresentadora do método dialético no capítulo da mercadoria de Marx, que nos direciona para o dado acadêmico de que o Materialismo Histórico e Dialético é fruto da dialética platônica

⁵⁸⁹ LODY, Raul e PEREIRA, Wani F. *Introdução ao Xangô Umbanda e Mestria da Jurema*. Natal/RN: Museu “Câmara Cascudo” – UFRN, 1994. (p.27). (Coleção Afro-Brasileira do Museu “Câmara Cascudo”. UFRN).

⁵⁹⁰ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: ATENA, sd. (p. 181):

“Isto deves fazer por mim; e, por último, finca sobre o túmulo o remo com o qual, em vida, eu remava com meus companheiros.

- Ó infeliz – respondi sem demora -, farei tudo o que pedes.”

idealista, registrada na transmigração da alma que enquanto espiral/trança é natureza orgânica/inorgânica do embate de Marx, que sendo materialista permite com o método Heráclítico a leitura do Terceiro Manuscrito Filosófico de 1844, que ao investigar a relação natureza/sociedade abre inquietações com a fenomenologia, com o existencialismo e com a intersubjetividade/interobjetividade dos seres sociais/naturais.

A igreja e o cemitério são vistos socialmente como sendo sagrados, observamos uma contradição no momento em que a Igreja serve para o casamento das impuras, e em relação ao cemitério colocamos que no mesmo instante em que ele é sagrado é temido, pois é referencial de assombrações e fantasmas (lembra-se do lobisomem?) E por ser sagrada enquanto símbolo de moradia das entidades celestiais é na igreja que os moradores do lugar através de cantos (não falei pontos!) e de sinos (falei sinos!) convocam a presença dos seres iluminados para em missa e procissões saírem a louvar e a pedir proteção aos que habitam o mundo ideal, o mundo da luz e não o da sombra da caverna; e levá-los para a luminosidade celestial e não para o escuro infernal porque o maior medo é o do desconhecido processo social/natural da morte.

Na praia temos a Igreja da Santa Cruz onde anualmente realizam a festa em louvação e agradecimento ao mundo celestial que protege, guarda e “atende” aos pedidos, de todas as ordens, colocados pela comunidade. Eles iniciam a festa antes do nascer do sol com o fogo para o churrasco da confraternização profana, o qual é posterior à procissão “santificada”. O profano é santo na mobilidade (Heráclito: Tudo se inicia com fogo. Ele é o elemento primordial).

A imagem de São João Batista vem do Porto do Rei, e a de Nossa Senhora da Saúde procede do Fundo da Ilha. As três simbolizações do hemisfério da luz (Platão), se visitam que um dos símbolos tem seu dia de exaltação e elevação no andor. Lá vem a procissão caminhando pelas dunas sedentárias em direção ao cruzeiro localizado próximo do Arroio da Panasqueira, que é limite do lugar. Chegando no cruzeiro fazem uma volta ao seu redor e retornam caminhando em agradecimentos, súplicas e orações para o altar da pequena igreja da Santa Cruz que divide a sua área de interesse com a imagem do Orixá Ogum, no altar principal temos a presença

de um entidade de terreiro de gira e um ícone sagrada da igreja católica, denunciando que o ser humano é uma ebulição e ratificando que a mobilidade do fogo heráclítico encontra-se em tudo/nada, não se trata de um sincretismo religioso, mas de uma pergunta primária sem resposta acabada (Quem sou eu?).

A flâmula, o andor da Nossa Senhora da Saúde e o de São João Batista abrem os caminhos (tentando desvendar o mistério do labirinto da Marambaia, a vida) para a Santa Cruz. O seu caminhar sinaliza a confraternização dos ganhos diversos e a possibilidade da não ocorrência de perdas variadas, pois, a Santa Cruz dá segurança e proteção contra o mal, entre eles o Oba Babà Èsù. Vamos seguir a procissão!



Foto 125: O Cruzeiro



Foto 126: O Orixá Ogum e o Santo Jesus



Foto 127: A Procissão da Santa Cruz

Os pescadores artesanais ao medo das feitiçarias das pedras do cais das Docas, não sabem que entre as representações religiosas há expressões “africanas” adoradoras de Ogum. O guerreiro presente na mercearia do “Sr. Jorge”, nas gravuras das casas e junto à Santa Cruz do altar mor da Igreja, é o Ogum muitas vezes cantado e convidado a manifestar-se na beira do mar. Os que louvam Ogum, que possuem medo dos “trabalhos” de Quimbanda, Umbanda e Candomblé, são os mesmos que seguem em procissão os passos de Ogum pelas noturnas ruas da cidade. A visão mitológica secularmente demonstrada pela Igreja Católica Apostólica Romana cruza com o mundo da mitologia africana de Congo, Guiné, Mina, Angola, Monjoco, Cubango, Rebolo, Cabinda, Quilos, Benguéla e outros. Na praia Ogum é mais venerado e temido do que grandes “santos” da Igreja Católica (o pescador de almas São Pedro, o protetor da natureza São Francisco, e o carpinteiro São José não são nem lembrados). Lugar Marambaia de santos católicos, orixás afro-brasileiros e de curandeiros cujos rituais podem possuir sua gênese na existência da cultura do negro e do índio “girada nos terreiros” com os andores dos santos da cultura do branco.

No início das nossas inquietações geográficas, referentes à leitura do conceito lugar, colocamos que no lugar há um labirinto e que os pescadores têm conhecimento sobre os caminhos, sem entradas e sem saídas, que são espalhados por toda a comunidade praieira. Depois colocamos que as procissões com seus andores simbolizam a procura das saídas, respostas colocadas pelo modo de vida, cujo conteúdo histórico/natural, são as perguntas ainda sem respostas. O labirinto é a tradução de uma contradição em processo, quem conhece não conhece o conhecido. Neste espiral, que é traço cultural, encontramos o pescador artesanal da praia confrontando-se com as ruas da cidade histórica do Rio Grande, onde o contingente populacional faz sua procissão de Ogum.

*“Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos
...”*⁵⁹¹

⁵⁹¹ TEIXEIRA, Renato. *Romaria*. Intérprete: Elis Regina. Disco: Elis Regina. São Paulo: Polygram Produtora / 1998. – (Coleção Millenium)



Foto 128: A Espada de Ogum



Foto 129: A Procissão de Ogum

O pescador artesanal entende que natureza é os elementos da natureza nata, que não é produzida e nem criada pelo trabalho humano. A compreensão que este homem do mar tem sobre os componentes da dimensão natural do lugar se resume ao nível do entendimento coloquial e popular que se caracteriza por um baixo nível de abstração intelectual: “A natureza é as árvores, a água, a terra...”⁵⁹² Os moradores veneram os orixás que representam as energias dos vários elementos da natureza nata, rezando nas terreiras que estes “santos” são a manifestação espiritual dos seus mortos enquanto seres históricos, e não como indivíduos personalizados numa leitura particularizada de vida privada e momentânea de algum antepassado, que por ter passado se faz futuro na “corrente” dos pontos, das guias e dos sinos que muito badalam e bastante falam na gira.

⁵⁹² *Quinota*

Este pescador, que quando induzido a pensar sobre a possibilidade do homem ser, ou não, natureza acredita que os seres humanos podem fazer parte do que reconhecem como sendo o mundo natural, isto é, qualquer tentativa de escrever que somos natureza social é possível mediante um laço de afetividade, que permita uma certa conversa que se encontra fora das preocupações básicas de reprodução das condições materiais/idéias de existência do ímpar modo de vida, onde entendem que a natureza da velocidade do vento é distinta, diferente, oposta e distante da natureza da dos caminhões frigoríficos que transportam pescado.

Na ebulição tudo/nada é nos terreiros que na mobilidade desta ebulição que encontramos a expressão, as barras do vestido da pomba gira assinando no riscado do chão, a manifestação do espiral/trança que imbrica matéria/idéia posto que trazem a idealista imortalidade platônica para a materialista condições de reprodução do meio de trabalho, do objeto de trabalho e da força de trabalho que sendo trabalho são naturezas orgânicas/inorgânicas delas próprias e de tudo/nada dos mortos/vivos orixás que giram na roda de gira do terreiro onde a matéria se faz idéia e a recíproca é verdadeira e mentirosa.

“- Eu acho que sou natureza!

- Então, no mar era uma natureza caçando outra natureza?

- Foi a primeira vez que eu disse que era natureza. Já tinha dito algumas vezes que o peixe era natureza. Eu nunca pensei que era uma natureza que pescava outra natureza.

- Por que o senhor nunca pensou nisso?

Por que nunca fizeram essa pergunta se eu sou natureza?⁵⁹³

⁵⁹³ Quinota.

O pescador que pensa ter a “natureza fora de si”, contrariando a *psychê*⁵⁹⁴, procura a natureza das respostas para as perguntas primeiras de ordem gnoseológica, ontológica, axiológica, ética, cultural, estética e metafísica voltando a levantar os andores e a caminhar no labirinto da *psychê*, que enquanto modo de vida, perpetua no dia 2 de fevereiro a festa de *Iemanjá* e de Nossa Senhora dos Navegantes. No litoral potiguar *Iemanjá* é Nossa Senhora da Imaculada Conceição e Oxum é Nossa Senhora do Carmo e no litoral de Rio Grande Oxum é Nossa Senhora da Imaculada Conceição e *Iemanjá* é Nossa Senhora dos Navegantes. As “nossas senhoras” são as “nossas senhoras das águas”, falo oxum e *Iemanjá*, e que se fundem no estuário I, encontro de água doce (oxum) com água salgada (*Iemanjá*) e ambas submetidas ao “assobio” dos ventos (*Iansã*). Tais entidades mitológicas sacralizadas estão inerentes às angústias que são a intersubjetividade/interobjetividade contida na natureza orgânica/inorgânica, substantificada na razão de ser, e haver, do modo de vida ímpar do pescador artesanal que só é história/natureza das divindades que atravessam os séculos e os oceanos de Netuno⁵⁹⁵. Desse modo, temos mais uma busca, outra procissão no dia 2 de fevereiro.

⁵⁹⁴ PENHA, João da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1989. (p. 12).

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. (p. 35).

GOFF. Jacques Le. *História e Memória*. (4ed.) Campinas/SP:UNICAMP, 1996. (P. 303):

“Ora, a verdade é que, ainda que Aristóteles use com frequência a palavra *physis* nos seus vários sentidos, esta noção corresponde a uma idéia de norma, de organização lógica e ética, muito distante daquilo a que o primitivismo chama o estado de natureza. Por exemplo,...para Aristóteles..., pelo menos algumas formas de guerras são justas por natureza.”

⁵⁹⁵ BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia (História de Deuses e Heróis)*. 27 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p.211).

*“Dia 2 de fevereiro
Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
A saudar iemanjá...
Chegou, chegou, chegou
Afinal que o dia dela chegou.”*⁵⁹⁶



Foto 130: O Sino convidando os Celestiais

⁵⁹⁶ CAYMMI, Dorival. *Dois de fevereiro*. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: *Maria Bethânia ao Vivo*. Manaus / AM : Produtora Sonoperss, 1999.



Foto 131: Pedidos e Obrigações para os Orixás



Foto 132: A Caminho da Iluminação dos Orixás



Foto 133: O Orixá Iemanjá vindo ao Mundo das Sombras



Foto 134: Navegando atrás da Iluminada Virgem

Mas, como toda afirmação é, e há, como negação que se eleva, se supera, se afirma e se nega reiniciando o espiral/trança, que é seu conteúdo enquanto contraste, a comunidade quando encontra a resposta possui a pergunta, que só é, e existe, como pergunta/resposta. Neste iluminado fogo heráclítico os pescadores recriam o labirinto traduzido nas perguntas escritas nos nomes dos botes, das chalupas e dos caícos devido o mito ser ele vendo no outro a criatura que lhe é a sua própria natureza exteriorizada, que por ser sua natureza é a interiorização/exteriorização dele nele mesmo, porque quando mim encontro de mim fujo e encontro-me fugindo do que sou e do que jamais serei, sendo um eterno fugitivo, já que, sou incomensurável, multiforme e eterno como o mundo das idéias/matérias que documento no “super vendaval” e na “eterna luz” que é escura porque enquanto resposta

só apresenta perguntas das causas primeiras, quem sou eu? Talvez o labirinto do lobisomem que sendo homem é mito.⁵⁹⁷



Foto 135: O Super Vendaval

⁵⁹⁷ CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem.* [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d. (p.50):
“A realidade física parece retroceder proporcionalmente, à medida que avança a atividade simbólica do homem. Em lugar de lidar com as próprias coisas, o homem, em certo sentido, está constantemente conversando consigo mesmo.”



Foto 136: Iansã ⁵⁹⁸

“Na ordem ontológica, porém, o infinito, o Absoluto, enfim, a Idéia, como única e exclusiva realidade das coisas não existe para a lei do infinito, do criado, mas supera-o anulando-o em si própria. É o processo dialético da Idéia, ou, se quisermos, do Deus de Hegel – longínqua lembrança do “panta rei” de Heráclito: o Ser está sempre evoluindo. “ ⁵⁹⁹

⁵⁹⁸ Prado, Roberto Rivelino. *Tempestade Sobre a Cidade do Rio Grande, a Ilha dos Marinheiros e a Laguna dos Patos/Rs (Imagem datada de 08 de dezembro de 1995). Rio Grande/RS: Fototeca do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen (Xx)53.2316399*, 2003.

⁵⁹⁹ BUSSOLA, Carlo. *Filosofia para o curso básico universitário*. 2.ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992. (p. 29).

QUADRO 43: Os Nomes das Embarcações

NOMES DE EMBARCAÇÕES	
Vargas	Sobrenome
Roque	Sobrenome
Porto do Sol	Segurança
Não Reclame	Resignação
Teixeira	Sobrenome
Madona	Mito
Galiléia	Sagrado
Safira	Divino
Clube	Sociabilidade
Magalhães	Sobrenome
Brilhante	Divino
Vladimir	Nome
Boa Sorte	Crença
Estrela da Boa Sorte	Crença
Paraíba	Localidade
Sorriso do Mar	Crença
Saravando	Crença
Saravando	Crença
Carvalho	Sobrenome
Fernandinho	Nome
Duarte	Sobrenome



Foto 137: A Eterna Luz

O nome das embarcações é como uma linguagem que sinaliza a proteção do barco e do pescador artesanal, em relação às potencialidades das águas marinhas e dos ventos atmosféricos sobre os quais os pescadores não possuem nenhum poder para fazer os mesmos pararem ou avançarem. Temos embarcações que possuem o nome da Virgem Maria, ou de Nossa Senhora, apresentada pela Igreja Católica como sendo a Mãe do Messias Jesus (não falamos no filósofo Jesus) , e pelas religiões afro-brasileiras como a Rainha das Águas Doces (Oxum) ou das Águas Salgadas (Iemanjá). O lugar encontra-se no estuário da Laguna dos Patos, na sua barra onde a água doce confronta-se com a salgada do Oceano Atlântico.

“Quando ele simpatiza com o nome é o que ele coloca⁶⁰⁰.”

⁶⁰⁰ Lindomar

Os barcos que não têm nomes próprios ou de santos, intencionam ao pescador artesanal uma pescaria farta e tranqüila; e os que possuem o nome de pessoas é o nome do proprietário ou de um dos filhos ou filhas. Os botes possuem nomes que simbolizam a capacidade de enfrentar o espiral da vida, presente no labirinto e as correntes no estuário se somam às do Atlântico; e os nomes registram a crença na existência de Deuses, Mitos Celestiais/Sociais (Exemplo: Ogum Guerreiro é o Herói “Negro Lucas” ou o “Sábio Quinota” ? ⁶⁰¹) dotados de poderes astrais. Deuses e Deusas que mandam, desmandam, governam e reinam no céu, na terra e no mar, dominam as taquaras e mantêm a permanência do labirinto e dos telhados. Os seres iluminados estão nas águas, na areia dos caminhos do epata⁶⁰² (“família nuclear”, “família extensa” e “linhagem”), no modo de vida da comunidade e na ação eólica.

A Virgem Maria, Iemanjá, a Santa Cruz, a Espada de Ogum, os andores carregados nos ombros e as feitiçarias nos degraus das Docas do Mercado do Peixe, legitimam o porquê dos nomes das embarcações frágeis diante dos ventos de Iansã, da beleza de Oxum, dos encantamentos das Sereias de Iemanjá e da inerência ao embate capital/trabalho embriagado pelo cheiro de mar que abraça⁶⁰³ a tudo/nada, como os pescadores artesanais que abraçando o mar abraçam a si próprios na secular reprodução do sobretrabalho (energia vivificadora) espreado no abraçamento comunitário do ímpar modo de vida que é teor do conceito geográfico lugar.

⁶⁰¹ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano (A Essência das Religiões)*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (p. 84):

“Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por estão razão suas gesta constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados.”

⁶⁰² LIMA, Mesquitela. *Os Kiaka de Angola (História, Parentesco, Organização Política e Territorial)*. 2 Volume. Lisboa/Portugal: Távola Redonda, 1989. (P.17).

⁶⁰³ CALAZANS, Vévê e GERÔNIMO. *Agradecer e Abraçar. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Força que Nunca Seca. São Paulo: BMG, 1999.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ebulição do fogo de Heráclito nos documenta é importante na filosofia as respostas/perguntas. As similitudes da linguagem é que pode permitir a aplicação científica do conceito lugar. São lugares si tiverem relações culturais similares com o teor geográfico do Lugar Marambaia. Toda afirmação trás consigo sua negação, mas existem leis gerais de caráter científico.

1 - O lugar tem peculiaridade geográfica de juízo estético porque a inexistência de algum bem material/ideal interfere na experiência estética da comunidade. O juízo reflexionante puro é criador das experiências estéticas de sensações que são a própria consciência de um estímulo (gosto, cheiro, som, temperatura, pressão e outros), dissolvido no tempo lento/cíclico dos sentimentos de prazer/desprazer de quem é teor do conceito lugar, imposto pelo modo capitalista de produção de bens materiais/ideais e de experiências estéticas (?).

2 - O trabalho é o “feitiço” da mercadoria e do mito entendendo-se que enquanto fogo é transcendência⁶⁰⁴ de si, e como tal o ser é o resultado/condição da transcendência histórica imposta pelo modo de vida que se espraia geograficamente enquanto lugar de peculiar linguagem. Cultura registrada no trabalho/capital – imaginário/simbólico transcendental do idealismo/materialismo como pilar de sustentação da identidade da diferenciação geográfica do conteúdo do conceito lugar; no qual a relação do trabalhado com a mercadoria produzida constitui num estranhamento do ser humano em relação ao produto, porque ocorre uma coisificação do humano/mitológico e uma humanização da coisa, enquanto natureza orgânica/inorgânica em diálogo com a produção artesanal dos homens/mitos (?).

⁶⁰⁴ MONDIN. Battista. *O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica)*. (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980. (p.258).

3 - No lugar o espraçamento do sobretrabalho (não escrevemos mais-valia!) é a “dissolução” da relação sociedade/natureza existente no conteúdo do conceito lugar, porque o trabalho terá a sua realização enquanto valor de uso social num mercado de compra/consumo possivelmente sem nenhuma similitude com o tempo lento/cíclico do lugar geográfico.

4 - No lugar ocorre uma relação do ser humano, dotado de várias dimensões históricas (psíquicas, psicológicas, anatomicamente corpóreas, naturais/sociais), no seu diálogo com a sua “aparente” natureza exterior, como composição da semente Hegeliana que comunitariamente se impõe para a própria humanidade enquanto lugar. É a troca contraditória/conflituosa entre o sujeito/objetos com seus semelhantes/desiguais registrados na pluralidade/singularidade da natureza que existe como orgânica/inorgânica em relação a si própria e no relacionamento social entre a unidade da multiplicidade dos multiformes que são, e compõem, o tudo/nada cuja carta geográfica tem como escala o raio de histórica reprodução de ímpar modo de vida, que lhe impõe uma identidade diferenciada no espaço social geográfico, que se desdobra com o modo capitalista de produção que lhe é resultado/condição básica (?).

5 - No lugar o “mundo” histórico-cultural do trabalhador possui relações de parentesco que são recriadas com quatro questões sociais (mito, símbolo, capital e trabalho), que são indagações dotadas de condições comunitárias “inéditas”, enquanto singular modo de vida, que originam valorações sociais subjetivas/objetivas de “mitos” que adquirem humanidade nos laços de parentesco, devido “entidades” mitológicas serem a transmutação do homem para o mito. A humanização do mito é primordial para se realizar uma leitura do trabalhador, porque o resultado do seu trabalho é natureza do homem/mito substantificado no tempo lento/cíclico, que se encontra em constante ebulição heraclítica/geográfica no processo de trabalho cuja força motriz é manual/artesanal (?).

6 - No lugar são os relacionamentos entre as variáveis sociais que varrem o trabalho artesanal, o labirinto geográfico (não escrevemos rede geográfica!), a casa do parentesco, o meio de trabalho artesanal, o mercado interior/exterior da comunidade, o ritual de iniciação, o misticismo e o esoterismo que determinam a idéia/matéria de que o homem é um mito,

materializado/desmaterializado no trabalho que sendo energia não é espacializado (?).

7 - No lugar os moradores comunitários separam, em suas consciências, as séries cronológicas nas quais se organiza a vida prática deles do tempo mítico do mundo platônico das idéias, e os “parentes” antepassados e seus descendentes vivos existem na temporalidade lenta do modo de vida. No lugar há um tempo lento/cíclico porque as festas e os rituais formam o elo que liga essas duas percepções do tempo. O tempo linear não predomina na consciência; ele está dialogado com uma percepção cíclica dos fenômenos da vida, a uma imagem mítica onde cada festa e ritual promove a unidade e trás o diálogo entre o tempo mítico para as séries cronológicas nas quais se organiza a vida inerente ao tempo lento, que se faz tempo lento/cíclico por meio do Éros (amor) que é a força motriz que impõe a auto-superação do ser que é intersubjetiva, é uma aproximação do ser ao plano da divindade (?).

8 - No lugar o seu teor não é o conteúdo da noção popular como sendo qualquer coisa, objeto, ser, criatura ou entidade. Só é, e há, lugar geográfico se for determinado historicamente pelo traço cultural identificado por possuir a existência do belo perfeito, registrado no mito enquanto entidade do perfeito mundo das idéias platônicas, isto é, do contraditório relacionamento do homem com o belo transmutado no mito, que por ser mito é o belo homem imperfeito, que no seu modo de vida tem o mito como o belo, apesar de sendo ele mesmo é sua natureza exterior enquanto denúncia das forças da natureza nata, que sendo energia é anterior a vida uterina que agora se relaciona consigo mesma através do mito; no entendimento de que o mito como natureza jaz no trabalho posterior a vida uterina (?).

9 - No lugar o trabalho é antecedente do eterno ventre, na peculiaridade comunitária que assina o belo como sinônimo do perfeito mito do celestial mundo da luminosidade, e não das imperfeitas sombras dos mitos infernais, como se o homem não fosse participante do próprio inferno, que por existir recria-se em relação ao próprio morador, posto que o escuro há na linguagem social/natural que se reproduz em função de sua própria existência escura intersubjetiva/interobjetiva. É no reconhecimento da não realização do homem, a dimensão do infinito na questão da natureza orgânica/inorgânica

dos sujeitos/objetos, que o lugar tem a contradição como seu ser e haver; dado que este homem quando tem medo ou revolta tais sentimentos é dele para com ele mesmo, isto é, ele é o seu próprio bem/mal (?).

10 - No lugar o mito não pode ser reduzido ao plano do idealismo transcendental porque quando não simboliza o sentido histórico do “ter” é o suprimimento de uma pergunta sem uma resposta objetivada imediatamente no processo de pesca e venda das mercadorias. O mito passa a ser o simbolismo do possuir porque sem fornecer responde no confronto matéria/idéia que objetiva/subjetivamente pergunta respondendo: “É Bará. É Exu Bará? Sim! A escala começa aqui! Vai até Oxalá.”⁶⁰⁵

⁶⁰⁵ *Pai Nilo.*

OBRAS CITADAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. São Paulo: Hucitec, 1992.
- ACHESON. James M. Anthropology of Fishing. Annual Review of Anthropology. 10: 275-317. Siegel, Bernard J.(Organization). California: Palo Alto, 1981.
- ALBORNOZ, Suzana. O que é Trabalho. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ALEGRE. Manuel. Senhora das Tempestades (Poema). ALEM, Jaime. Senhora do Vento Norte (Música de Fundo). Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Diamante Verdadeiro. São Paulo: BMG, 1999.
- ALEM, Jaime. Dionísia Número 1. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maricotinha ao Vivo. São Paulo: Gravadora: Biscoito Fino. Produção: Sarapuí, 2002.
- ALFREDO, Cibele Campelo. Etnografia de um Ritual de Cura: Um Estudo de Caso em Tabatinga – RN. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 1999.
- ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. São Paulo: Atena, s/d.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMADO, Janaína e FIGUEIREDO, Luiz Carlos. No tempo das Caravelas. São Paulo: Contexto, 1992.
- ANDRADE, Tânia. (Organizadora). Quilombos em São Paulo: Tadições, Direitos e Lutas. São Paulo: IMESP, 1997.
- ANTUNES, Arnaldo et al. Comida. Maracatu titânico – Hino contemporâneo. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994.
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.
- ASKAR, Jorge A. Reconstrução e imitação como alternativas da conservação. Caderno de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, n. 4, p. 7-20, maio/1996.

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. O Reino dos Encantados, Caminhos (Tradição e Religiosidade no Sertão Nordeste). Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo: PUC, 1999.

ATTENBOROUGH, Richard. As Palavras de Gandhi. 7 ed. Rio de Janeiro/RJ: RECORD, 1982.

AUERBACH. E, Mimesis. A Representação da Realidade na Literatura Ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.

AUGRAS, Monique. A Dimensão Simbólica. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação da Matéria. São Paulo: SP : Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BADIOU, Alain e ALTHUSSER, Louis. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. 2 ed. São Paulo: Global , 1986.

BEAL, Marisa Gonçalves. Patrimônio de Tradição Germânica na Cidade do Rio Grande (Levantamento - Histórico - Registro). Monografia do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural (Conservação de Artefatos). Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Letras e Artes -ILA, 1997.

BECK , Anamaria. Lavradores e Pescadores. Um Estudo sobre Trabalho Familiar e Trabalho Acessório. Trabalho apresentado ao Concurso de Professor Titular. Florianópolis: UFSC. 1979.

BECK, Anamaria. Pertence à Mulher: Mulher e Trabalho em Comunidades Pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. Revista de Ciências Humanas: A Mulher na Sociedade Contemporânea. Vol.7, Número 10. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999.

BECKER, Uno. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Paulus, 1999.

BENAKOUCHE, Tamara. Du téléphone aux nouvelles technologies: implications sociales et spatiales des reseaux de télécommunication au Brésil. Paris: Tese de Doutorado, Université Paris XII, 1989.

- BENKO, G. Economia, Espaço e Globalização. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERGSON, Henri. Cartas, Conferências e outros Escritos., (Coleção os Pensadores). SÃO Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BERMAN, M. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BITTENCOURT, José Maria. No reino dos Exus. 6.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.
- BITTENCOURT, José Maria. No reino dos Pretos - Velhos. 5.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOORSTIN, Daniel J. Os Descobridores. 2 ed. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1989.
- BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo da Poesia. São Paulo: Cultrix - Editora da USP, 1977.
- BOSI, E. Memória e Sociedade. Lembranças de velhos. 6.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico (coleção memória e sociedade). Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista - A Degradação do Trabalho no Século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Estudo sobre o Conceito de Região. [Dissertação em Planejamento Urbano e Regional] Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 1986.
- BUARQUE, Chico. As Vitrines. Intérprete: Gal Costa. Disco: Mina D'Água do Meu Canto (Chico e Caetano). São Paulo: BMG, 1995.
- BUBER, Martin. Eu e TU. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.
- BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia (História de Deuses e Heróis). 27 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BUSSOLA, Carlo. Filosofia para o Curso Básico Universitário. 2.ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992.

CAFIERO, Carlo. "O CAPITAL" (uma Leitura Popular). 5 ed. São Paulo: Polis, 1987.

CALAZANS, Vêvé e GERÔNIMO. Agradecer e Abraçar. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Força que Nunca Seca. São Paulo: BMG, 1999.

CANDEIA. Preciso me Encontrar. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994.

CAPEL, Horacio. Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea. 2 ed. Barcelona/España: Barcanova, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do Mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARMO, Paulo Sérgio do. A Ideologia do Trabalho. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1992.

CARVALHO, Edílson Alves de. Carta: Marambaia e Ilha dos Marinheiros. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA - Departamento de Geografia, 2003.

CARVALHO, Edílson Alves de. Cartas do Canto do Manguê e Comunidade do Maruim e do Canto do Manguê e Adjacências. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA – Departamento de Geografia, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. Cantos sagrados do Xangô do Recife. Brasília: Fundação Cultural Palmares. 1993.

CARVALHO, Márcia Siqueira. Geografia e Utopias Medievais. Seminário: Ciências Sociais e Humanas. Londrina, v. 15, número 3, p. 223-238, setembro, 1994.

CARVALHO, Sílvia Maria S de. Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos. São Paulo: UNESP, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade de Natal. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CASSIRER, E. Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem. [Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz] São Paulo: Mestre Jou, s/d.

CASTANEDA, Carlos. A Erva do Diabo. As Experiências Indígenas com Plantas Alucinógenas Reveladas por Dom Juan. 7 ed. Rio de Janeiro: Record.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato. (Organizadores). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CAYMMI, Dorival. Dois de fevereiro. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo. Manaus / AM : Produtora Sonoperss, 1999.

CAYMMI, Dorival. Morena do Mar. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Diamante Verdadeiro. São Paulo: BMG, 1999.

CAYMMI, Dorival. O Mar. (Canção Praieira). Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Diamante Verdadeiro. São Paulo: BMG, 1999.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano (1, Artes de Fazer). 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano. [Tradução: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth] 2. Morar, Cozinhar. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

CÉSAR, Chico e MATA, Vanessa da. A Força que Nunca Seca. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Força que Nunca Seca. São Paulo: BMG, 1999.

CHÂTELET, François. Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à História da Filosofia (Dos Pré-Socráticos a Aristóteles). Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 6.ed. São Paulo: Ática, 1995.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. 22.ed. São Paulo: 1986.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos (Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números). 12ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

- CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999.
- CONNOR, S. *Cultura Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDALH, Zeny. (Organizadores). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. *Educação ambiental em Comunidade*. Anais do 2º Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente, 1989.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua (Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil)*. 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 1991.
- DANTAS, Zé e GONZAGA, Luiz. *O Xote das Meninas*. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994.
- DENIS, Leon. *Socialismo e Espiritismo*. 2.ed. Matão / SP: O Clarim, 1987.
- DIAS, Leila Christina. *Les réseaux de télécommunication et l'organisation territoriale et urbaine au Brésil*. Paris: Tese de Doutorado, Université Paris IV, 1991.
- DIÉGUES, A. C. S. (org.) *Tradição e Mudança nas Comunidades de Pescadores do Brasil: por uma Sócio-Antropologia do Mar*. In: DIEGUES, A. C. S. *Pesca artesanal : Tradição e Modernidade*. São Paulo: IOUSP/F.FORD/VICN, 1989.
- DIÉGUES, A. C. S. *Ciências Sociais e o Meio no Brasil*. A. C. S. DIÉGUES e R. R. Sales (Orgs). São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN, 1988.
- DIÉGUES, A. C. S. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, Antônio Carlos. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.) Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário. São Paulo: HUCITEC, 1998.

DOSSE, François. História do Estruturalismo. 1. O Campo do Signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas, 1993.

DUARTE, João Carlos e QUEDA, Oriowaldo. Agricultura e Acumulação: Algumas Questões. Debate e Crítica, São Paulo, (2): 90-97, Jan./Jun. 1974.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. As Redes do Suor (A Reprodução Social dos Trabalhadores da Pesca em Jurujuba). Niterói/RJ:EdUFF, 1999.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. Marx e a Natureza em o Capital.(Coleção:Filosofia 4). São Paulo: Loyola, 1986.

DUPUY, Gabriel. Villes, systèmes et réseaux - Le rôle historique des techniques urbaines. Ecole Nationale des Ponts et Chaussées/C.E.R.T.E.S. Paris/France: Les annales de la recherche urbaine - Les réseaux techniques urbains. Revue trimestrielle 23-24, 1984.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano (A Essência das Religiões). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARELLI, Maria Helena. Os Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé, 5 ed. Rio de Janeiro:Pallas,1984.

FARIA, Gislaine Garcia de. A Migração Rural Urbana na Análise Humanística. Londrina/PR: Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geografia, Laboratório de Pesquisas Urbanas, 1998.

FELÍCIO, Vera Lúcia G. A Imaginação Simbólica nos Quatro Elementos Bachelardianos. São Paulo: EDUSP, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- FERREIRA, José Edson da Silva. Súplicas no Silêncio. O Ritual do Sacrifício de Animais nos Terreiros de Umbanda de Areia Branca – RN. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 2001.
- FERREIRA, Maria Lúcia. A Teoria Marxiana do Valor-Trabalho. São Paulo: Ensaio, 1992.
- FIRTH, R. Malay fisherman - Their peasant economy .pp.1-27 - pp.282-297.Londres: Routledge and Legan Paul, 1971.
- FISCHLER, Claude. Présentation. Communications, É.H.E.S.S. Seuil, número 31, 1979.
- FORMAN, S. The raft fisherman - Tradition and change in the brazilian peasant economy. pp.35-45 -pp. 105-117. Bloomington: Indiana University Press, 1971.
- FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas (uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo:Martins Fontes,1990.
- FREITAS, João de. Xangô Djacutá.(2 ed.).Rio de Janeiro: Cultura Afro- Aborígene, sd.
- FURTADO, L. G. Curralista e Redeiros de Marudá; Pescadores do Litoral do Pará. Belém: CNPq/MCT, 245/294.
- GAARDER, Jostein. O Mundo de Sofia (Romance da História da Filosofia). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. (27 ed.).Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988.
- GAMA, Ruy. A Tecnologia e o Trabalho na História. São Paulo: Nobel, 1986.
- GEBRAN, Philomena. (Coordenação e Tradução). Conceito de Modo de Produção. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GEOGRAFIA, Território e Tecnologia. Terra Livre – AGB, São Paulo, n. 9, julho-dezembro, 1991.
- GERÔNIMO. Guerra no Mar. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Memória da Péle. RJ: Polygram, 1989.

- GERSON. A Enchente. Rio Grande/RS: Fototeca do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2003.
- GIDDENS, A. As Conseqüências da Modernidade. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- Gil, Gilberto e VELOSO, Caetano. Inhamã. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia 25 ANOS. Rio de Janeiro: Fonobras/ PolyGram, 1990.
- GIL, Gilberto. Filhos de Gandhi. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Arte de Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Polygram, 1988.
- GIRARD, René. A Violência e o Sagrado. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.
- GOBLOT, Jean-Jacques. O Surgimento do Pensamento Racional e o "milagre Grego". La pensée, N.104, Agosto, 1962.
- GODELIER, Maurice. Godelier. Coleção Grandes Cientistas Sociais. N. 21. São Paulo: Ática, 1981.
- GOFF, Jacques Le. História e Memória. 4 ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.
- GOFF. Jacques Le. O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval. Rio de Janeiro/RJ: Edições 70.
- GOLDSCHMIDT, Victor. A Religião de Platão. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- GOMES, Marcos. Gandhi. São Paulo: Moderna, 1987.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- GOTTRIENER, Mark. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo: Editora da USP, 1993.
- GRAÇA. A . Santos. O Poveiro (Usos - Costumes - Tradições - Lendas). 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- GRAMSCI, Antônio. Concepção Dialética da História. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GUARESCHI, Pedrinho A . JOVCHELOVITCH, Sandra. (Organizadores). Textos em Representações Sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica (Cartografias do Desejo). 4 ed. Petrópolis, RJ: 1996.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (Seleção, Introdução e Revisão Técnica). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

HAESBAERT, R. A Noção de Rede Regional: Reflexões a partir da Migração Gaúcha no Brasil. Revista Território, n. 4, jan-jul. Rio de Janeiro: Gramond, LAGET, 1998.

HAESBAERT, R. Região e Rede Regional Gaúcha: entre Redes e Territórios. Boletim Gaúcho de Geografia, n. 21. Porto Alegre, ago., 1996.

HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e Identidade. (A Rede "Gaúcha" no Nordeste) Niterói (RJ): EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

HARVEY, D. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HAUG, Wolfgang Fritz. Crítica da Estética da Mercadoria. São Paulo: UNESP, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Estética a idéia e o ideal. Estética o Belo Artístico ou o Ideal. São Paulo: Nova Culutral, 1999.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o Problema do Ser (O Caminho do Campo). São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HEMINGWAY, Ernest. O Velho e o Mar. 34. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HERSKOVITS, J. Melville. Antropologia Cultural I. São Paulo: Mestre Jou, 1964.

HIRANO, Sedi. Pré-Capitalismo e Capitalismo. São Paulo: Hucitec, 1988.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Rosa dos ventos. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Imitação da Vida. Guarulhos / SP : EMI MUSIC Ltda. (Distribuidora), 1997.

- HOLZER, Werther. A Geografia Humanística – sua trajetória de 1950 a 1990. [Dissertação] Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- HOMEM, Homero. Cabra das Rocas .10. Ed. São Paulo: Ática, 1988. HOMERO. Odisséia. São Paulo: ATENA, sd.
- HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. São Paulo / SP: Martins Fontes, s/d.
- IANNI, Octavio. A Era Do Globalismo.2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- IANNI, Octavio. A Sociedade Global. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- JAJÁ, PRETO RICO e MANOEL. Lendas do Abaeté. Samba Enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Intérprete: Jamelão. Disco: Os Melhores Carnavais de sua Vida (Sambas de Enredo 1973/1984). São Paulo: PolyGram, 1995.
- JAMESON, F. Espaço e Imagem. Teorias do Pós-Moderno e Outros Ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- JASPERS, karl. Introdução ao Pensamento Filosófico. São Paulo: Cultrix, 1999.
- JUNIOR, Gonzaga. Festa. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maricotinha ao Vivo. São Paulo: Gravadora: Biscoito Fino. Produção: Sarapuí, 2002.
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Nova Cultural, 1999. – (Os Pensadores).
- KANT. Immanuel. Crítica da Faculdade do Juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- KIERKEGAARD, S. O Conceito de Angústia. [Trad. João Lopes Alves] 2.ed. Divulgação e Ensaio, s/d.
- KIERKEGAARD, Sören. Temor e Tremor. [Trad. Torrieri Guimarães] São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d.
- KONDER. Leandro. O que é Dialética. São Paulo: Abril Cultural, 1985. KOWARICK, Lúcio. (Organizador). As Lutas Sociais e a

Cidade (São Paulo: Passado e Presente). 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

KOWARICK, Lúcio. A Espoliação Urbana. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KRAEMER, Marília de Carvalho. Malhas da pobreza. Exploração do Trabalho de Pescadores Artesanais na Baía de Paranaguá. Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Paulo: PUCSP, 1978.

LAGO, M. C. S. Memória de uma Comunidade que se Transforma. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGCSO/UFSC, 1983.

LANDSBERG, Paul-Louis. O Sentido da Ação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. [Trad. Marie-Agnès Chauvel] 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LEÃO, Alexandre e MATTOS, Olival. Paiol do Ouro. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Memória da Pele. RJ: Polygram, 1989.

LIMA, Dário de Araújo. As Relações Sociais de Produção dos Pescadores do Canto do Mangue - Natal / RN. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Geografia, CFCH / UFSC, 1995.

LIMA, Mesquitela. Os Kiaka de Angola (História, Parentesco, Organização Política e Territorial). 2 Volume. Lisboa/Portugal: Távola Redonda, 1989.

LINHARES, Maria Yedda. (Organizadora). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

LINTON, Ralph. Cultura e Personalidade. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

LIPIETZ, Alain. O Capital e o seu Espaço. São Paulo: Nobel, 1988.

LIANOS, Alfredo. Introdução a Dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LOBOS, Heitor Villa e BARROS, C. Paula. "Canto do Pajé". Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia 25 ANOS. Rio de Janeiro: Fonobras/ PolyGram, 1990.

LODY, Raul e PEREIRA, Wani F. Introdução ao Xangô Umbanda e Mestria da Jurema. Natal/RN: Museu "Câmara Cascudo" – UFRN, 1994. (Coleção Afro-Brasileira do Museu "Câmara Cascudo". UFRN).

LUCKESI, Cipriano Carlos ; PASSOS, Elizete Silva. Introdução á filosofia. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

MACIEL, Márcia Wojtowicz. A Educação Ambiental como um Instrumento na Busca de Soluções para os Problemas Sócio-Ambientais na Ilha dos Marinheiros. [Dissertação em Educação Ambiental]. Rio Grande / RS : FURG, 1997.

MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MALDONADO, Simone Carneiro. Eu sou o Dono desta Canoa: Reflexões sobre a Antropolgia da Pesca. Cadernos Paraibanos de Antropologia. João Pessoa, 1985.

MALDONADO, Simone Carneiro. Mestres e Mares, Espaço e Indivisão na Pesca Marítima. São Paulo: Annablume, 1993.

MALDONADO, Simone Carneiro. No Mar: Conhecimento e Produção. Ciências Sociais e o Mar no Brasil. São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN, 1988.

MALDONADO, Simone Carneiro. Pescadores do Mar. São Paulo: Ática, 1986.

MALINOWSKI, Bronislau. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1976.

MARCONDES FILHO, Ciro. Quem Manipula Quem? 4.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.

MARTINS, José de Souza. A Chegada do Estranho. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, José de Souza. A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1983.

MARTINS, José de Souza. A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e História na Modernidade Anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza. Fronteira (A Degradação do Outro nos Confins do Humano). São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. Modernização Agrária e Industrialização no Brasil. América Latina, Rio de Janeiro, 12 (2): 3-16, Jun. 1969.

MARTINS, José de Souza. Modernização e Problema Agrário no Estado de São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, (6): 121-145, 1969.

MARTINS, José de Souza. O Poder do Atraso. Ensaios de Sociologia da História Lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, José de Souza. Os Camponeses e a Política no Brasil (As Lutas Sociais no Campo e seu Lugar no Processo Político). 4 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.

MARX, Karl Heinrich. As Crises Econômicas do Capitalismo. São Paulo: Acadêmica, 1988.

MARX, Karl. Capítulo VI Inédito de O Capital. Resultados do Processo de Produção Imediata. São Paulo: Moraes, 1985.

MARX, Karl. Contribuições à Crítica da Economia Política. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. Formações Econômicas Pré-Capitalistas. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos – e outros Textos Escolhidos. (Coleção Os Pensadores) n. 12. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 2. O Processo de Acumulação Primitiva. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas).

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 1. Cooperação. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas).

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, Tomo 1. O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas).

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I, Volume I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. Salário, Preço e Lucro. São Paulo: Global, 1987.

MARX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital - 2. São Paulo: Acadêmica, 1987.

MARX, Karl. Textos Econômicos. São Paulo: Mandacaru, 1990.

MARX, Karl. Textos Filosóficos. São Paulo: Mandacaru, 1990.

MATTOS, Vicente, Dinoel e VELLOSA, Arlindo. Lenda das Sereias, Rainha do Mar. Intérprete: Marisa Monte. Disco: Marisa Monte. Guarulhos (SP): MEMI-ODEON (Distribuidora), 1994.

MELLO, Alex Fiuza. A Pesca sob o Capital (a Tecnologia a Serviço da Dominação). Belém/PA: GEU - UFPA, 1985.

MELO, Maria do Socorro Nascimento. Ritos e Rituais Fúnebres: Memória e Tradição na Cidade do Natal. Natal/RN: Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 2000.

MENEZES, Otoniel e MEDEIROS, Eduardo. Canção dos Pescadores (Praieira). Natal/RN: Sd.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. Seleção de Textos de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOISÉS, José Álvaro, e outros. Contradições Urbanas e Movimentos Sociais. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MONDIN, Battista. O Homem, Quem é Ele? (Elementos de Antropologia Filosófica). (10 ed.) São Paulo: Paulus, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia, Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1988.

MORAIS, Regis de. O que é Violência Urbana. São Paulo: Abril Cultural - Brasiliense, 1985.

MOREIRA, Rui. A Diferença e a Geografia: o Ardil da Identidade e a Representação da Diferença na Geografia. Rio de Janeiro: UFF, 2000. [mimeo].

MOREIRA, Ruy. (Organizador). Geografia: Teoria e Crítica (o Saber Posto em Questão). Petrópolis / RJ: Vozes, 1982.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MORIN, Edgar. O Método 4. As idéias. Habitat, Vida, Costumes, Organização. [Trad. Juremir Machado da Silva] Porto Alegre: Sulina, 1998.

MOTORISTA, Tião. Dia 4 de Dezembro. Intérprete Maria Bethânia. Disco: A Arte de Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Polygram, 1988.

MUMFORD. Lewis. Arte e Técnica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NAPOLEONI, Claudio. Lições sobre o Capítulo Sexto (Inédito) de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NASR, Seyyed Hossein. O Homem e a Natureza. Rio de Janeiro. Hucitec, 1968.

NIELSEN NETO, Henrique. Filosofia básica. São Paulo: Atual, 1995. NOVAES, Adauto. (Organizador). O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NOVAES, Adauto. (Organizador). O Desejo. São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

NUNES, César Aparecido. Aprendendo Filosofia. 2.ed. Campinas (SP): Papirus, 1987.

OHLWEILER, Otto Alcides. A Crise da Economia Mundial. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

OHLWEILER, Otto Alcides. Evolução Sócio-Econômica do Brasil (Do Descobrimento à Nova República). (2ed.). São Paulo: Ortiz, 1990.

OHLWEILER, Otto Alcides. Humanidade e Lutas Sociais. 4 Volumes. Volume 1. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.

OHLWEILER, Otto Alcides. Materialismo Histórico e Crise Contemporânea. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

OHLWEILER, Otto Alcides. Origem e Evolução da Ideologia (do Pensamento Mágico ao Pensamento Científico). Porto Alegre: UFRGS, 1988.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia das Lutas no Campo. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.

ORPHANAKE, J. Edson. Conheça a Umbanda. 7.ed. São Paulo: Pindorama, 1994.

OSTROWER, Fayga. Universo da Arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PACINI, Dante. Sínteses e Hipóteses do Ser-Humano. (Sentidos, Experiência e Conhecimento). Rio de Janeiro: 1967.

PANTALEÓN, Carlos. Adaptação de Estruturas Arquitetônicas Obsoletas. Instituto de Diseño-Facultad de Arquitectura - Universidad de la Republica - Montevideo/Uruguay - Tradução: Ana Lúcia Costa de Oliveira - FAURB/UFPEL - Pelotas/RS, sd.

PASCAL, Georges. O Pensamento de Kant. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990.

PEIRANO, M. G. S. A Reima do Peixe. Proibições Alimentares em uma Comunidade de Pescadores. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB/1975.

PEIXOTO, Fernando. O que é Teatro. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

PELIANO, José Carlos. Acumulação de Trabalho e Mobilidade do Capital. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

PENHA, João da. Períodos Filosóficos. (Série Princípios) São Paulo: Ática, 1987.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Da Geografia que se Ensina à Gênese da Geografia Moderna. Florianópolis/SC: UFSC, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). De Escravo a Liberto, um Difícil Caminho. Porto Alegre: SE/CTD, 1988.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. Os Companheiros (Trabalho na Pesca de Itaipu). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro/RJ: Museu Nacional/UFRJ, 1977.

PESSOA, Fernando. Extraído do livro do “Desassossego”. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Imitação da Vida. Guarulhos (SP): EMI Music (Distribuidora), 1997.

PETRELLA, R. Los limites a la competitividade. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1996.

PINTO, Lauro. Natal que eu vi. Natal: Editora da UFRN, 1971.

PINTO, Lenine. Natal/RN. Brasília: Editora do Senado Federal, 1975.

PLATÃO. A República. São Paulo: Atena, s/d.

PLATÃO. A República. São Paulo: Exposição do Livro. s. d.

PLATÃO. Diálogos. (Os Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1999.

POLANTZAS, Nicos. Poulantzas. (Coleção Grandes Cientistas Sociais) n. 47. São Paulo: Ática, 1984.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989, Volume 2, Número 3.

POUILLON, François. A antropologia Econômica. (Correntes e Problemas) Lisboa: Edições 70, 1976.

PRADO, Roberto Rivelino. Tempestade Sobre a Cidade do Rio Grande, a Ilha dos Marinheiros e a Laguna dos Patos/Rs (Imagem datada de 08 de dezembro de 1995). Rio Grande/RS: Fototeca do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2003.

QUAINI, M. Marxismo e Geografia. [Trad. Liliana Lagana Fernandes] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Novas Orientações da Sociologia Rural no Brasil. Ciência e Cultura. São Paulo, 26 (7): 637-641, Jul.1974.

RAHNER, Karl. A Antropologia: Problema Teológico. São Paulo: Herder, 1968.

RANDLES, W.G.L., WACHTEL, Nathan e outros. Para Uma História Antropológica (A Noção de Reciprocidade). São Paulo/SP: Martins Fontes, sd.

REALE, M. Introdução à Filosofia. São Paulo: Saraiva, 1994.

REIS, Alcides Manoel dos. Candomblé: A Panela do Segredo. São Paulo: Mandarim, 2000.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. Memória do Concreto: Vozes na Construção de Itaipu. Mestrado em História Natural [Dissertação]. São Paulo: PUCSP, 1999.

RICOEUR, P. et al. As Culturas e o Tempo. Estudos Reunidos pela UNESCO. Petrópolis/RJ: Vozes, 1975.

RIOS, G. S. L. A Pesca Artesanal como parte do Setor de Subsistência - uma Abordagem Sociológica. Ciência e Cultura. São Paulo, 28 (4): 397-406, Abr. 1976.

RIOS, Gilvando Sá Leitão e MELLO, Averaldo Sérgio de. Relatório de Pesquisa Social sobre a Participação na Cooperativa Mista de Pesca de Cabedelo Ltda. Cooperativismo e Nordeste, Recife, 5 (2): 11-22, Jul./ Dez. 1970.

ROHDEN, Huberto. Mahatma Gandhi. 11 ed. São Paulo: Alvorada, 1991.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião (Uma Abordagem Geográfica). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSSI, P. A Ciência e a Filosofia dos Modernos. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

ROTTERDAM, Erasmo. Elogio da Loucura. São Paulo: Martin Claret, 2002.

RUBIN, Isaac Illick. A Teoria Marxista do Valor. São Paulo: Polis, 1987.

SANDRONI, Paulo. O que é Mais-Valia. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Colonos do Vinho - Estudo sobre a Subordinação do Trabalho Camponês ao Capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Mário Ferreira dos. Tratado de Simbólica. São Paulo: Logos, 1959.

SANTOS, Mario Ferreira dos. Ontologia e Cosmologia (A Ciência do Ser e A Ciência do Cosmos). 2.ed. Volume V. São Paulo: Logos, 1957.

SANTOS, Mario Ferreira dos. Teoria do Conhecimento (Gnoseologia e Critèriologia). 3.ed. Volume IV. São Paulo: Logos,1958.

SANTOS, Milton. Técnica Espaço Tempo (Globalização e Meio Técnico - Científico Informacional). (3 ed.) São Paulo: Hucitec,1997

SARDI, Sérgio Augusto. Diálogo e Dialética em Platão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

SARTRE, Jean-Paul et al. Marxismo e Existencialismo (Controvérsia sobre a dialética). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. [Trad. Hildegard Feist] São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SILVA, AC. Geografia, Modernidade e Pós-Modernidade (Uma Primeira Abordagem). São Paulo, 1993.

SILVA, Armando C. Geografia e Cultura (aportes a uma Geografia Cultural). São Paulo, 1993 (mimeog.).

SILVA, Armando Corrêa da. De Quem é o Pedacoço? Espaço e Cultura.São Paulo: Hucitec,1986.

SILVA, Armando Corrêa da. O Imaginário, a Memória e a Representação. O Projeto na Elaboração e Reelaboração Cotidiana. In: SILVA, AC. A Geografia e a Nova Subjetividade-Objetividade. O Real como Representação de uma Espacialidade singular. São Paulo, 1993, p. 25-27 (mimeog.)

SILVA, Armando Corrêa. Geografia e Mudança Cultural. São Paulo: USP, 1997 (mimeo.).

SILVA, Eunice Isaias. O Espaço: Une/Separa/Une. GEOGRAFIA, Território e Tecnologia. Terra Livre – AGB, São Paulo, n. 9, julho-dezembro, 1991.

SILVA, G. O. Água, Vida e Pensamento: um Estudo da Cosmovisão entre Trabalhadores da Pesca. Pesca Artesanal: Tradição e Modernidade. A. C. S. Diégues (Org.). São Paulo: IOUSP/F. Fors/VICN, 1989.

SILVA, G. O. Tudo que tem na Terra tem no Mar. A Classificação dos Seres Vivos entre os Trabalhadores da Pesca em Piratininga -

- RJ. Ciências Sociais e o Mar no Brasil. A. C. S. Diégues e R. R. Sales (Orgs.). São Paulo: IOUSP/F. Ford/VICN. 1988.
- SILVA, Ignacio Assis.(Organizador). Corpo e Sentido (A Escuta do Sensível). São Paulo: Unesp,1996.
- SILVA, Jarileide Cipriano. Morte e Sociedade: como as Culturas Simbolizam o Morrer. Natal/RN:Departamento de Ciências Sociais – UFRN/CCHLA, 1999.
- SILVA, José Graziano da, e STOLCKE V., Orgs. A Questão Agrária. São Paulo; Brasiliense, 1981.
- SILVA, Lenyra Rique da. A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia).
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Errantes do Fim do Século. São Paulo: Fundação Editora da EditoraUNESP, 1999 – (Prismas).
- SILVA, Úrsula Rosa da ; LORETO, Mari Lúcie da Silva. . Elementos de Estética. Pelotas (RS): EDUCAT, 1995. – (Temática Universitária 4). SILVA, Yeda Maria de Figueiredo Andrada e. Trindade (Sobrevivência e Expropriação). São Paulo.Dissertação de Mestrado em Ciência Sociais. São Paulo/SP: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Católica de São Paulo, 1979.
- SINGER, Paul Israel. Dinâmica Populacional e Desenvolvimento: o Papel do Crescimento Populacional no Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Edições CEBRAP, 1970. 251.
- SINGER, Paul. Aprender Economia. 17 ed. São Paulo: Contexto, 1998. SINGER, Paul. Economia Política da Urbanização. 11. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SOARES, Alcides Ribeiro. Princípios de Economia Política. Uma introdução a leitura de O CAPITAL. São Paulo:Global,1985.
- SOUZA, ÁJ. ; SOUZA, EBC. ; MAGNOMI JÚNIOR, L. (Org.) Paisagem Território Região. Em Busca da Identidade. Cascavel (PR): EDUNIOESTE, 2000.

SOUZA, Lorival Rodrigues de ; CYRINO, Hélio (coord.) ; PENHA, Carlos ; PANTANO FILHO, Rubens. Ideologia hoje. 2.ed. Campinas (SP): Papirus, 1987.

SOUZA, Marcelo L. de. Algumas Notas sobre a Importância do Espaço para o Desenvolvimento Social.In:Território, Ano:I I, n.3,1997.

SUBIRATS, Eduardo. Da Vanguarda ao Pós-Moderno. São paulo: Nobel,1991.

TEIXEIRA, Renato. Romaria. Intérprete: Elis Regina. Disco: Elis Regina. São Paulo: Polygram Produtora / 1998. – (Coleção Millenium).

TERRAY, Emmanuel. O Marxismo Diante das Sociedades Primitivas. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1979.

THOMPSON, P. A Voz do Passado. História Oral. [Trad. Lólio Lourenço de Oliveira] 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TUAN, YI-FU. Espaço e lugar. A Perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. [Trad. Livia de Oliveira] São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VANZOLINI, Paulo. Ronda. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Álibi. RJ: Poligram, 1978.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Convite à Estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1999.

VELOSO, Caetano e NASCIMENTO, Milton. Paula e Beбето. Intérprete: Gal Costa. Disco:Gal Costa Acústico. São Paulo:BMG Brasil, 1997.

VELOSO, Caetano. Eu e Água. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo. SP: Polygram, 1995.

VELOSO, Caetano. Nossos Momentos. Intérprete: Maria Bethânia. Disco: Nossos Momentos. Rio de Janeiro: Polygram (Produção e Distribuição), 1982.

VELOSO, Caetano. Purificar o Subaé. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Alteza. RJ: Polygram, 1981.

VELOSO, Caetano. Genipapo Absoluto. Intérprete Maria Bethânia. Disco: Maria Bethânia ao Vivo. SP: Polygram, 1995.

VERGOPÓLOS, Samir Amin Kostas. A Questão Agrária e o Capitalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VIERA, Pedro Antônio. ...E o Homem fez a Máquina (A Automatização do Torno e a Transformação do Trabalho desde a Revolução Industrial até a Revolução Microeletrônica). Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1989.

ZIKAS, Dimitrios N. de Platão Fedon a Imortalidade da Alma (Comentários). Curitiba: Cyros, 1990.

